

DO AUTOR DO *BEST SELLER* INTERNACIONAL
O ESPIÃO E O TRAIADOR

«O SEU MELHOR
LIVRO»
THE TIMES

«TÍPICO
MACINTYRE»
SPECTATOR

BEN MACINTYRE



AGENTE SONYA

A História Real da Espia Mais Extraordinária
da II Guerra Mundial



Ben Macintyre

Agente Sonya

Amante, Mãe, Soldado, Espia

Tradução:
Isabel Veríssimo

Ficha Técnica

Título: Agente Sonya
Título original: Agent Sonya
Autor: Ben Macintyre
Edição: Duarte Bárbara
Tradução: Isabel Veríssimo
Revisão: Rui Augusto
Capa: Penguin Random House UK
Adaptação de capa: Rui Rosa
Fotos de capa e contracapa: Imagem principal: © Sueddeutsche Zeitung Photo/Alamy Stock
Photo/Fotobanco.pt; Mulher: Ildiko Neer/ Trevillon Images; Homem: © Daily Herald
Archive/ Getty Images; contracapa: © Rekha Arcangel/ Arcangel Images
ISBN: 9789722076807

Publicações Dom Quixote
Uma editora do grupo Leya
Rua Cidade de Córdoba, n.º 2
2610-038 Alfragide – Portugal
Tel. (+351) 21 427 22 00
Fax. (+351) 21 427 22 01

© 2020, Ben Macintyre
© 2022, Publicações Dom Quixote
Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor
www.leya.com

Este livro segue o Novo Acordo Ortográfico de 1990.

Índice

[Capa](#)

[Ficha Técnica](#)

[Mapas](#)

[Introdução](#)

[1. Um Furacão](#)

[2. A Puta do Oriente](#)

[3. O Agente Ramsay](#)

[4. Quando Sonya Dança](#)

[5. Os Espiões Que a Amaram](#)

[6. Pardal](#)

[7. A bordo do Conte Verde](#)

[8. A Nossa Agente na Manchúria](#)

[9. Uma Vida de Vagabunda](#)

[10. De Pequim para a Polónia](#)

[11. Temos de Acabar o Que Começamos](#)

[12. A Toca da Toupeira](#)

[13. Um Casamento de Conveniência](#)

[14. A Ladra de Bebés](#)

[15. Tempos Felizes](#)

[16. Barbarossa](#)

[17. A Estrada para o Inferno](#)

[18. Espiões Atómicos](#)

[19. Milicent do MI5](#)

[20. Operação Martelo](#)

[21. Sussurro de Primavera](#)

[22. Great Rollright](#)

[23. Um Osso Duro de Roer](#)

[24. Ruth Werner](#)

[Posfácio As Vidas dos Outros](#)

[Nota Sobre as Fontes](#)

[Bibliografia Seleccionada](#)

[Créditos das Ilustrações](#)

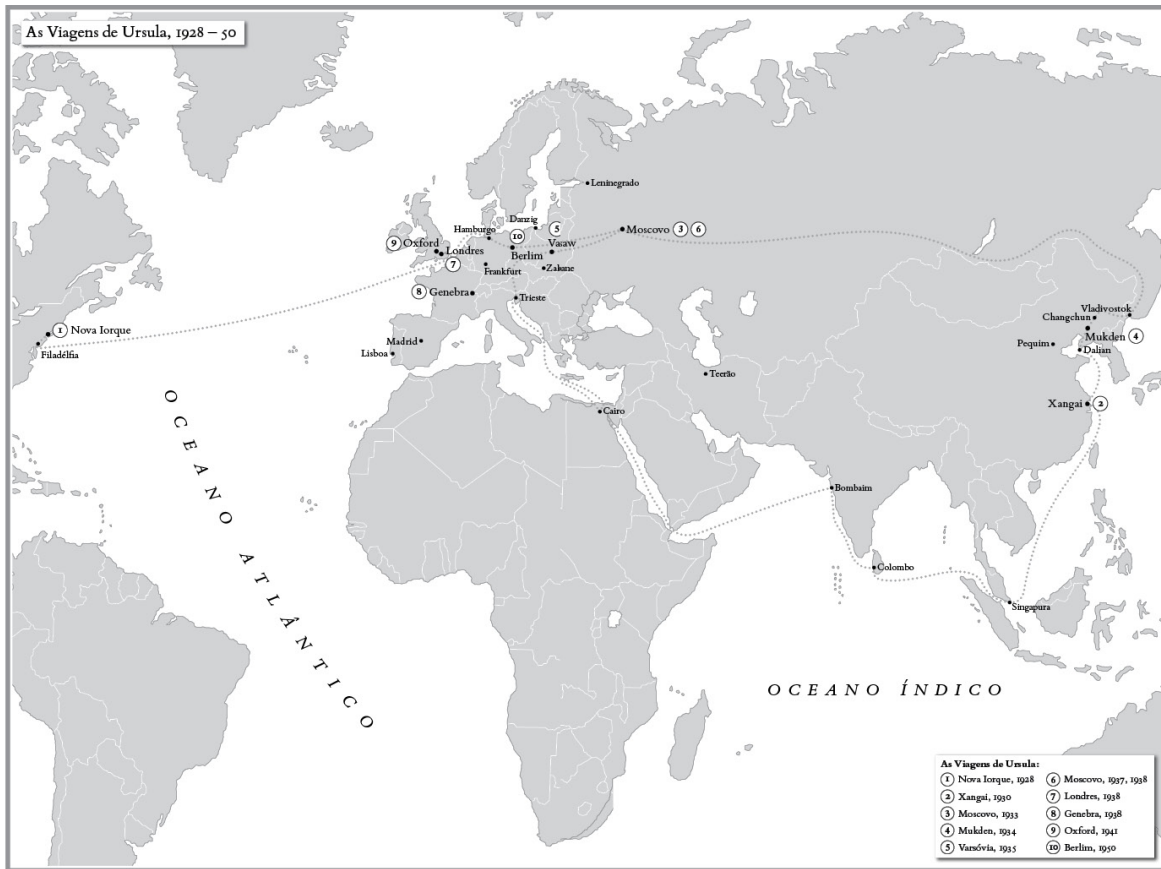
[Agradecimentos](#)

[EXTRATEXTOS](#)

«Com quem, com quem será que me vou casar...
rei, ladrão, polícia, capitão?»

(Jogo tradicional de enumeração e adivinhação
jogado por meninas para prever o futuro.)

Mapas







Introdução

Se tivesse visitado a pitoresca aldeia inglesa de Great Rollright em 1945, é bem possível que avistasse uma mulher magra, morena e invulgarmente elegante a sair de uma casa de pedra chamada The Firs e subir para a sua bicicleta. Mãe de três filhos, era casada com Len, que trabalhava numa fábrica de alumínio nas redondezas. Uma mulher simpática mas reservada, que falava inglês com um leve sotaque estrangeiro. Fazia bolos deliciosos. Os seus vizinhos nas Cotswolds sabiam muito pouco a seu respeito.

Não sabiam que a mulher a quem chamavam Mrs. Burton era, na realidade, Ursula Kuczynski, coronel do Exército Vermelho, dedicada comunista, condecorada agente dos serviços secretos militares soviéticos e espia extremamente bem treinada, que organizara operações de espionagem na China, na Polónia e na Suíça, antes de se instalar na Grã-Bretanha cumprindo ordens de Moscovo. Não sabiam que cada um dos seus três filhos tinha um pai diferente, nem que Len Burton também era um agente secreto. Não sabiam que ela era uma judia alemã, uma fanática opositora do nazismo, que espiara os fascistas durante a Segunda Guerra Mundial e estava agora a espiar a Grã-Bretanha e a América na nova Guerra Fria. Não sabiam que, na latrina exterior nas traseiras da casa, Mrs. Burton (que, na realidade, se escrevia Beurton) construía um potente transmissor de rádio sintonizado na frequência do quartel-general dos serviços secretos soviéticos em Moscovo. Os habitantes de Great Rollright não sabiam que, na sua última missão em tempo de guerra, Mrs. Burton infiltrara espiões comunistas numa

operação americana ultrassecreta com o intuito de lançar agentes antinazis de paraquedas no moribundo Terceiro Reich. A missão destes «Bons Alemães» era espiar para a América; na realidade, trabalhavam para a coronel Kuczynski de Great Rollright.

Porém, o trabalho clandestino mais importante de Mrs. Burton foi uma missão que determinaria o futuro do mundo: ajudar a União Soviética a construir a bomba atômica.

Durante anos, Ursula dirigiu uma rede de espiões comunistas infiltrados no seio do programa britânico de investigação de armas atômicas, transmitindo a Moscovo informações que acabariam por permitir que os cientistas soviéticos montassem o seu engenho nuclear. Ursula estava plenamente envolvida na vida da aldeia; os seus *scones* faziam inveja a todos os habitantes de Great Rollright. Contudo, na sua vida paralela e secreta era parcialmente responsável pela manutenção do equilíbrio de poder entre o Leste e o Ocidente e (acreditava ela) pela prevenção da guerra nuclear ao roubar os dados científicos do armamento atômico de um lado para o dar ao outro. Quando subia para a sua bicicleta com o bloco de senhas de racionamento e os sacos de compras, Mrs. Burton ia comprar segredos letais.

Ursula Kuczynski Burton foi mãe, dona de casa, romancista, técnica especialista de rádio, coordenadora de espiões, correio, especialista em sabotagem e no fabrico de bombas, combatente da Guerra Fria e agente secreta, tudo ao mesmo tempo.

O seu nome de código era «Sonya». Esta é a sua história.

Um Furacão

No dia 1 de maio de 1924, um polícia de Berlim descarregou o seu bastão nas costas de uma adolescente de 16 anos e ajudou a criar uma revolucionária.

Há já várias horas que milhares de berlinenses percorriam as ruas da cidade no cortejo do Primeiro de Maio, a celebração anual do dia do trabalhador. Entre eles contavam-se muitos comunistas e uma grande delegação de jovens que usavam cravos vermelhos, transportavam cartazes com *slogans* como «Tirem as Mãos da Rússia Soviética» e entoavam cânticos comunistas: «Somos os Ferreiros do Futuro Vermelho/ O Nosso Espírito É Forte/ Forjamos as Chaves da Felicidade». O Governo proibira as manifestações políticas e as ruas estavam repletas de polícias, que vigiavam com expressões carrancudas. Num canto, meia dúzia de camisas-castanhas fascistas tinham-se reunido para apupar a multidão. Houve escaramuças. Uma garrafa voou pelo ar. Os comunistas começaram a cantar mais alto.

À frente do grupo da Juventude Comunista marchava uma adolescente magra com um boné de operária. Faria 17 anos dali a duas semanas. Era a primeira manifestação de rua em que Ursula Kuczynski participava e os seus olhos brilhavam de entusiasmo enquanto agitava um cartaz e gritava a plenos pulmões o hino: «*Auf, auf, zum Kampf*» («Preparai-vos, preparai-vos para a luta»). Os seus camaradas chamavam-lhe «Furacão» e, enquanto caminhava e cantava, Ursula fazia uma pequena dança de

pura alegria.

O cortejo entrava na Mittelstrasse quando a polícia carregou. Ursula lembrava-se de um «chiar de travões de carros que afogaram os cânticos, de berros, de apitos da polícia e de gritos de protesto. Os jovens foram atirados ao chão e arrastados para o interior de camiões». No meio do tumulto, Ursula ficou caída no chão e, quando olhou para cima, viu um corpulento polícia parado sobre si. O homem, que tinha manchas de suor nas mangas do uniforme verde, sorriu, ergueu o bastão e bateu-lhe com toda a força na zona lombar.

A sua primeira sensação foi de fúria, seguida pela dor mais forte que alguma vez sentira. «Tinha tantas dores que quase não conseguia respirar.» Gabo Lewin, um dos seus jovens amigos comunistas, arrastou-a para a entrada de um prédio. «Está tudo bem, *Furacão*», disse-lhe, enquanto lhe massajava a parte atingida pelo bastão. «Vai passar.» O seu grupo dispersara. Alguns tinham sido detidos. No entanto, milhares de outros manifestantes aproximavam-se pela larga avenida. Gabo ajudou Ursula a levantar-se e entregou-lhe um dos cartazes caídos. «Continuei na manifestação», escreveria ela mais tarde, «ainda sem saber que era uma decisão para a vida inteira.»

A sua mãe ficou furiosa quando ela entrou em casa nessa noite a cambalear, com as roupas rasgadas e um feio hematoma que se estendia pelas costas.

Berta Kuczynski exigiu saber o que passara pela cabeça da filha para andar «a vaguear pelas ruas de braço dado com um bando de adolescentes embriagados, a berrar a plenos pulmões».

«Nós não estávamos embriagados e não estávamos a berrar», retorquiu Ursula.

«Quem são esses adolescentes?», quis Bertha saber. «O que pretendes ao andar com esse tipo de gente?»

«“Esse tipo de gente” é a secção local da Juventude Comunista. Filiei-me.»

Bertha mandou-a imediatamente para o escritório do pai.

«Respeito o direito de todas as pessoas à sua opinião», disse Robert Kuczynski à filha. «Mas uma jovem de dezassete anos não tem maturidade suficiente para se comprometer politicamente. Por conseguinte, insisto que entregues o cartão de militante e adies a tua decisão por alguns anos.»

Ursula tinha a resposta pronta. «Se os jovens de dezassete anos têm idade suficiente para trabalhar e ser explorados, também têm idade suficiente para lutar contra a exploração... e foi precisamente por isso que me tornei comunista.»

Robert Kuczynski era um simpatizante comunista e admirava bastante a coragem da filha, mas era evidente que Ursula ia dar-lhe água pela barba. Os Kuczynski podiam apoiar a luta das classes operárias, mas isso não significava que queriam a filha misturada com elas.

Robert disse a Ursula que aquele radicalismo político era apenas um capricho. «Daqui a cinco anos vais rir-te de tudo isto.

«Daqui a cinco anos quero ser uma comunista duplamente empenhada», retorquiu ela.

*

A família Kuczynski era rica, influente, gostava da vida que tinha e, como todas as famílias judias de Berlim, estava longe de imaginar que dali a alguns anos o seu mundo seria destruído pela guerra, pela revolução e por um genocídio sistemático. Em 1924 viviam em Berlim 160 mil judeus, cerca de um terço da população judia alemã.

Robert René Kuczynski (um nome difícil de soletrar, mas fácil de pronunciar: *ko-chin-ski*) era o estaticista demográfico mais notável da Alemanha, um pioneiro na

utilização de dados numéricos para contextualizar as políticas sociais. O seu método para calcular estatísticas populacionais — «o modelo Kuczynski» — ainda é usado nos nossos dias. O pai de Robert, um próspero banqueiro e presidente da Bolsa de Valores de Berlim, legou ao filho uma paixão por livros e dinheiro para a financiar. Um simpático e niquento erudito e orgulhoso descendente de «seis gerações de intelectuais», Kuczynski possuía a maior biblioteca particular da Alemanha.

Em 1903, Robert casou-se com Berta Gradenwitz, que também pertencia à elite comercial judaico-germânica. Filha de um empreiteiro da construção civil, Berta tinha uma veia artística, era inteligente e indolente. As primeiras recordações que Ursula tinha da mãe eram compostas por cores e texturas: «Tudo brilhava em tons de castanho e dourado. A pele aveludada, o cabelo, os olhos.» Berta não era uma pintora talentosa, mas ninguém lhe fazia um tal reparo, por isso pintalgava alegremente. Era dedicada ao marido, mas delegava nas criadas a cansativa tarefa diária de cuidar dos filhos. Cosmopolitas e laicos, os Kuczynski consideravam-se alemães em primeiro lugar e judeus num distante segundo lugar. Em casa, falava-se frequentemente inglês ou francês.

Em Berlim, os Kuczynski conheciam todas as pessoas importantes dos círculos intelectuais de esquerda: o líder marxista Karl Liebknecht, os artistas Käthe Kollwitz e Max Liebermann, o industrial alemão e futuro ministro dos Negócios Estrangeiros Walther Rathenau. Albert Einstein era um dos melhores amigos de Robert. Os Kuczynski tinham sempre a mesa posta para uma multidão de artistas, escritores, cientistas, políticos e intelectuais, judeus e gentios, que se reuniam à sua volta. A posição de Robert no desconcertante caleidoscópio político da Alemanha era discutível e variável. As suas opiniões iam desde o centro-esquerda até à extrema-esquerda, mas considerava que o seu prestígio era demasiado grande

para estar preso a meros rótulos partidários. Como Rathenau observou com petulância: «Kuczynski forma sempre um partido de um só membro e coloca-se na sua ala esquerda.» Durante dezasseis anos, Robert ocupou o cargo de diretor do Gabinete de Estatística no distrito de Berlim-Shöneberg, um cargo pouco exigente que lhe deixava muito tempo para produzir documentos académicos, para escrever artigos para jornais de esquerda e para participar em campanhas socialmente progressistas, nomeadamente a melhoria das condições de vida nos bairros de lata de Berlim (que pode ou não ter visitado).

Ursula Maria era a segunda dos seis filhos de Robert e de Berta. O mais velho, Jürgen, nascido três anos antes em 1904, era o único rapaz da prole. Quatro irmãs viriam depois de Ursula: Brigitte (1910), Barbara (1913), Sabine (1919) e Renate (1923). Brigitte era a irmã preferida de Ursula, a mais próxima em idade e em ideias políticas. Nunca houve qualquer dúvida de que o rapaz assumia um papel de maior importância entre os irmãos: Jürgen era precoce, inteligente, extremamente teimoso, estragado com mimos e muitíssimo condescendente com as irmãs mais novas. Era o confidente e o rival não declarado de Ursula. Esta descrevia o irmão como «a melhor pessoa e a mais inteligente que conheço». Adorava-o e sentia ciúmes dele em igual medida.

Em 1913, em vésperas da Primeira Guerra Mundial, os Kuczynski mudaram-se para uma grande moradia no lago Schlachtensee, o exclusivo subúrbio berlinense de Zehlendorf na orla da floresta de Grunewald. A propriedade, que ainda existe, foi construída num terreno oferecido pelo pai de Berta. O grande lote estendia-se até à água e tinha um pomar, um bosque e um galinheiro. Robert mandou construir um anexo para acomodar a sua biblioteca. Os Kuczynski empregavam uma cozinheira, um jardineiro, duas criadas e, mais importante, uma ama.

Olga Muth, a quem chamavam Ollo, era mais do que apenas um membro da família. Era a sua base, proporcionando-lhes todos os dias estabilidade, regras rígidas e afeto ilimitado. Filha de um marinheiro da frota do Kaiser, Ollo ficara órfã aos seis anos e crescera num orfanato militar prussiano, um lugar de indescritível brutalidade que teve o condão de lhe proporcionar uma alma ferida, um grande coração e um forte sentido de disciplina. Sempre em movimento, cheia de energia e com uma língua afiada, Ollo tinha 30 anos em 1911 quando começou a trabalhar como ama em casa dos Kuczynski.

Ollo compreendia as crianças muito melhor que Berta e aperfeiçoou técnicas para lhe recordar isso mesmo: a ama travava uma guerra surda contra Frau Kuczynski, pontuada por furiosas discussões durante as quais costumava ir-se embora intempestivamente, se bem que voltasse sempre. Ursula era a sua preferida. A menina tinha medo do escuro e, enquanto decorriam grandes jantares no piso térreo, as suaves canções de embalar de Muth acalmavam-na até ela adormecer. Anos mais tarde, Ursula acabaria por perceber que o amor de Ollo se devia em parte ao facto de ser «um trunfo na guerra silenciosa e invejosa que ela travava contra a minha mãe».

Ursula era uma criança desajeitada, curiosa e irrequieta de uma forma que a mãe considerava profundamente cansativa. Tinha cabelo escuro e crespo. «Rebelde como a crina de um cavalo», murmurava Ollo quando o penteava com força. A sua infância foi idílica: nadava no lago, recolhia ovos e brincava às escondidas entre os arbustos de sorveiras. Passavam uma temporada no verão em Ahrenshoop, na costa do mar Báltico, na casa de férias da tia Alice, a irmã de Robert.

Ursula tinha sete anos quando deflagrou a Primeira Guerra Mundial. «Hoje acabaram-se as diferenças entre nós, hoje somos todos alemães que defendem a pátria», anunciou a sua professora primária. Robert alistou-se nos

Guardas Prussianos, mas aos 37 anos era demasiado velho para o serviço ativo e passou a guerra a calcular as necessidades alimentares da Alemanha. A exemplo de muitos judeus, o marido de Alice, Georg Dorpalen, lutou corajosamente na frente ocidental, voltando com um patriótico ferimento e uma Cruz de Ferro. A riqueza protegeu os Kuczynski do pior das privações em tempo de guerra, mas os alimentos eram escassos e Ursula foi mandada para um acampamento no Báltico para crianças desnutridas. Ollo fez-lhe uma mala com trufas de chocolate confeccionadas com batatas, cacau e sacarina, e uma pilha de livros. Quando Ursula voltou, uma leitora ávida e vários quilos mais gorda graças a uma alimentação de pastéis e ameixas secas, a guerra tinha chegado ao fim. «Tira os cotovelos de cima da mesa», ralhou a mãe. «Não sorvas a sopa.» Ursula saiu a correr da sala de jantar e bateu com a porta.

A derrota e consequente humilhação da Alemanha marcaram o início do fim da tranquila existência dos Kuczynski. Grandes contracorrentes de violência política varreram o país. Uma vaga de desobediência civil levou à abdicação do Kaiser e uma insurreição de esquerda foi brutalmente reprimida pelo que restava do Exército Imperial e pelas milícias de direita, ou Freikorps. No dia 1 de janeiro de 1919, Rosa Luxemburgo e Karl Liebknecht fundaram o Partido Comunista Alemão (Kommunistische Partei Deutschlands, ou KPD), mas seriam capturados e assassinados alguns dias mais tarde. Surgiu assim a República de Weimar, uma era de desenvolvimento cultural, hedonismo, desemprego em massa, instabilidade económica e grande agitação política quando as forças polarizadas de extrema-direita e de extrema-esquerda se confrontaram com uma fúria crescente. As ideias políticas de Robert Kuczynski passaram mais para a esquerda. «A União Soviética é o futuro», declararia depois de 1922.

Embora nunca tenha aderido ao KPD, Robert afirmaria que o Partido Comunista era a «menos intolerável» das opções disponíveis. Nos seus artigos jornalísticos, defendia uma redistribuição radical da riqueza alemã. Nacionalistas de direita e antissemitas tomaram nota das suas opiniões políticas. «Ele não só é contra nós», comentou sombriamente um industrial alemão, «como é extremamente insolente.»

O tumultuoso período de catorze anos entre a queda do Kaiser e a ascensão de Hitler ao poder é visto como um tempo de ameaça crescente e o pano de fundo do horror que se seguiria. Porém, aqueles anos em que o mundo enlouqueceu foram inebriantes, tensos e empolgantes para os jovens idealistas. As dívidas e as indenizações de guerra, agravadas por um desgoverno financeiro, provocaram hiperinflação. O dinheiro quase não valia o papel em que era impresso. Algumas pessoas passavam fome, enquanto outras faziam compras absurdas, pois não adiantava guardar dinheiro que dali a muito pouco tempo não valeria nada. Havia episódios surreais: os preços aumentavam tão depressa que os empregados dos restaurantes subiam para cima das mesas para anunciar os novos preços das ementas de meia em meia hora; um pão, que custava 160 marcos em 1922, passou a custar 200 milhões de marcos em 1923. Ursula escreveu: «As mulheres estão às portas das fábricas à espera de receber os pacotes com o salário dos maridos. Todas as semanas, são-lhes entregues grandes maços de notas no valor de mil milhões de marcos. Com o dinheiro nas mãos, correm para as lojas, porque duas horas mais tarde a margarina pode custar o dobro.» Uma tarde, no parque, viu um homem deitado debaixo de um banco, um veterano de guerra com um coto e uma deplorável trouxa com os seus pertences apertada contra o peito. Estava morto. «Porque é que acontecem coisas tão horríveis neste mundo?», pensou.

Embora a vida em Schlachtensee continuasse mais ou menos como antes, com as suas eruditas conversas e bons móveis, milhões de pessoas foram politicamente radicalizadas. Em 1922, o ministro dos Negócios Estrangeiros, Walther Rathenau, foi assassinado por ultranacionalistas depois de assinar um tratado com a União Soviética. Ursula assistia todos os dias à grotesca disparidade entre os pobres urbanos e a burguesia rica, da qual fazia parte. Devorou as obras de Lenine e Rosa Luxemburgo, os romances radicais de Jack London e de Máximo Gorki. Queria ir para a universidade, como o irmão.

Jürgen já era uma estrela em ascensão na esquerda académica. Depois de estudar Filosofia, Economia Política e Estatística nas universidades de Berlim, Erlangen e Heidelberg, fez um doutoramento em Economia antes de ir para os Estados Unidos em 1926 para frequentar uma pós-graduação na Brookings Institution, em Washington D. C. Ali conheceu Marguerite Steinfeld, uma colega investigadora na área da Economia, com quem se casaria dois anos mais tarde.

Berta bateu o pé: a sua desobediente filha não precisava de mais estudos; necessitava de alguns dotes domésticos e, depois, de um marido. Em 1923, aos 16 anos, Ursula foi matriculada numa escola comercial para estudar datilografia e estenografia.

À noite, escrevia: poemas, contos, histórias de aventuras e romances. Sendo-lhe negada uma educação académica, concentrou as suas energias num mundo imaginado. A sua escrita infantil refletia um grande desejo de aventura, uma noção de teatro e um amor pelo absurdo. Ursula era sempre a personagem principal das suas histórias e escrevia sobre si na terceira pessoa, uma jovem mulher que alcançava grandes proezas graças à sua determinação e vontade de correr riscos. Sobre uma personagem, escreveu: «Ela tinha ultrapassado a fraqueza

física da infância, endurecera e era forte.» As irmãs mais novas chamavam-lhe «Furacão dos Contos de Fadas». O seu diário refletia as habituais amuadas preocupações de adolescente, mas também um otimismo irresistível. «Estou mal-humorada», escreveu. «Sou rabugenta e embirrenta, exaltada, um cruzamento de cabelo preto, nariz judeu e membros desajeitados, a lamuriar-me e a matutar... mas depois basta ver um céu azul, um sol que aquece, gotas de orvalho nos abetos e uma brisa no ar, e quero sair, saltar, correr e amar todos os seres humanos.»

No ano em que a sua educação formal chegou ao fim, Hitler lançou o Putsch da Cervejaria, um golpe de estado falhado que tornou o futuro Führer conhecido e resultou na sua detenção. Enquanto cumpria a pena de prisão a que foi condenado, Hitler escreveu *Mein Kampf* (*A Minha Luta*), a bíblia do fanatismo nazi.

Absorvendo as tendências políticas do pai, chocada com a miséria humana que testemunhava, chocada com o fascismo e encantada com as empolgantes novas ideias de igualdade social, guerra de classes e revolução, Ursula foi inexoravelmente atraída para o comunismo. «A revolução socialista alemã está ao virar da esquina», declarou. «O comunismo tornará as pessoas mais felizes e melhores.» A revolução bolchevique provara que a velha ordem estava podre e condenada. O fascismo tinha de ser derrotado. Em 1924, aderiu ao Kommunistischer Jugendverband Deutschlands, a Liga da Juventude Comunista Alemã, abraçando um código ideológico ao qual se manteria fiel até ao fim da vida. Tinha 16 anos. Como outros comunistas oriundos de famílias ricas, Ursula desvalorizava as suas raízes privilegiadas. «Vivíamos muito mais modestamente do que poderia supor-se», insistia. «Um dos meus bisavôs vendia atacadores, empunhando um carrinho de mão, na Galiza.»

Os jovens comunistas contemporâneos de Ursula

vinham de todos os cantos, classes e comunidades de Berlim, unidos na determinação de derrubar a opressão capitalista e inaugurar uma nova sociedade. Nessa capitosa atmosfera, as amizades floresciam depressa. Gabriel «Gabo» Lewin era um rapaz de classe média dos subúrbios. Heinz Altmann era um atraente aprendiz, cuja insistência dera a Ursula o «ímpeto final» para aderir ao partido. Aqueles eram os jovens infantes do comunismo alemão, e Ursula estava encantada por pertencer a esse grupo. A manifestação do Primeiro de Maio de 1924 fê-la adquirir o gosto pelo risco, que não diminuiria até ao fim da vida. As marcas deixadas pelo bastão do polícia acabariam por desaparecer; a indignação nunca esmoreceria.

Aos fins de semana, os membros da Liga da Juventude Comunista aventuravam-se a ir para o campo com o objetivo de explicar o marxismo-leninismo aos camponeses alemães, que respondiam com frequência soltando os cães sobre os jovens evangelizadores. Uma noite, em Löwenberg, a norte de Berlim, um simpático agricultor deixou o grupo dormir no palheiro. «Nessa noite estávamos particularmente alegres», escreveu Ursula. «Quando nos deitámos, alguém começou a imaginar aquele lugar dali a vinte anos — Löwenberg, em 1944: há muito que se tornara comunista. Discutimos durante muito tempo se o dinheiro já teria sido abolido. Infelizmente, nessa altura já seríamos muito velhos — teríamos mais de trinta anos!» Adormeceram a sonhar com a revolução.

Ursula era uma missionária nata. Nunca pregava sermões, mas adorava converter as pessoas e tinha tendência para desgastar os descrentes até eles verem o mundo tal como ela o via. Começou por tentar convencer a ama da família. «Procurei explicar-lhe as coisas. Ela achou que faziam sentido», declarou Ursula. A verdade é que Olga Muth não estava minimamente interessada, mas

deixou a adolescente acreditar que a escutava.

Os Kuczynski não aprovavam que a filha fosse espancada pela polícia e passasse as noites em palheiros com um bando de jovens comunistas. Ao constatar que «a leitura era a sua única área de interesse», Robert arranhou-lhe um estágio na livraria R. L. Prager na Mittelstrasse, uma livraria especializada em livros de direito e de ciências políticas. Berta comprou-lhe um par de sapatos de saltos altos, um vestido azul-escuro com gola branca, luvas e uma carteira de pele de crocodilo castanha. Mãe e ama inspecionaram-na quando ela saiu para o primeiro dia de trabalho.

«Nada à frente e nada atrás», declarou Ollo. «Ainda pareces um rapaz.»

«As pernas são bonitas», observou Berta, «mas só se nota se deres passos pequenos.»

Ollo concordou: «A Ursel nunca será uma senhora.»

Como tudo o que Olga Muth dizia, aquelas palavras foram duras, mas verdadeiras. Com um nariz comprido, farta cabeleira e modos decididos, não havia nada de feminino em Ursula. «Nunca me transformarei no famoso lindo cisne branco», escreveria ela no seu diário. «Como poderiam o meu nariz, as minhas orelhas e a minha boca ficar mais pequenos de repente?» No entanto, mesmo durante a adolescência, Ursula transmitia uma poderosa sensualidade, que muitos consideravam irresistível. Ela ria-se ao ouvir o operário que estava a reparar o telhado do banco Dresdner assobiar-lhe quando passava de bicicleta a caminho do trabalho: «Ele sopra-me um beijo e abre muito os braços.» Com olhos brilhantes, um corpo magro e uma gargalhada contagiante, nunca lhe faltavam pares para dançar nas festas de adolescentes em Zehlendorf. Numa delas, vestida com «calções curtos vermelho-vivo e blusa justa com gola engomada», dançou até às seis e meia da manhã. «Há quem diga que beijeí vinte rapazes», contou ao irmão, «mas não podem ter sido

mais de dezanove.»

O trabalho na Prager era maçador e cansativo. O gerente, um tirano que fumava compulsivamente e tinha uma grande cabeça calva ligeiramente cônica, dedicava-se a inventar novas indignidades e tarefas inúteis para os seus subordinados. Ursula pôs-lhe a alcunha de «o Cebola» e declarou-o um explorador capitalista. O seu tempo era passado «a sacudir o pano do pó, de pé em nichos sem janelas». Não era permitido ler durante as horas de expediente. «Seguramente, há outras profissões», refletia. «Lenhadora, por exemplo. Será que posso ser lenhadora?» O pequeno ordenado era quase inútil naquela inflação galopante. Ursula recordaria os seus anos de adolescência durante a República de Weimar através de uma série de imagens pintadas de cores políticas: «A riqueza de uma minoria, os círculos de privilegiados e a pobreza da maioria, os desempregados a pedirem esmola nas esquinas das ruas.» Ela decidiu mudar o mundo porque era ambiciosa e confiante: transformaria a sociedade de uma forma mais radical que o pai e estava determinada a ser uma melhor mãe do que a sua fora para ela. Estas duas ambições nem sempre seriam fáceis de conciliar.

Robert e Barbara Kuczynski desistiram de tentar refrear as ideias políticas da filha. Em 1926, Robert ocupou um cargo temporário na Brookings Institution, ao lado de Jürgen, para investigar as finanças e as estatísticas populacionais americanas. Ele e Berta visitariam periodicamente a América durante os anos seguintes, deixando a organização da casa a cargo de Ursula e Olga, o que reforçou o laço entre ambas. «A nossa Ollo, que nunca teve ninguém para amar. Ollo, a histérica e cinzenta criaturinha, sempre insatisfeita, que está enfeitiçada por cada um de nós, que caminharia sobre fogo por nós, que faz tudo por nós, que vive apenas para nós, que não conhece nada do mundo além de nós os

seis.» As cartas de Ursula para os seus pais a tempo parcial refletiam o seu amargo ressentimento: «Querida mamã, confio que o seu instinto maternal a manterá muito interessada nos nossos assuntos insignificantes.» Noutra carta, insistia: «Somos unânimes na esperança de que a mamã deixe de ter ideias brilhantes sobre assuntos da organização da casa, recomendações sobre como cozer as couves, como limpar a casa e outros conselhos.»

Enquanto Ursula passava os dias a limpar o pó aos livros, o irmão escrevia-os. Em 1926, Jürgen Kuczynski, na altura com 22 anos, publicou *Zurück zu Marx* (*Regresso a Marx*), que deu início a uma avalanche de escritos que publicaria nas décadas seguintes. Jürgen adorava o som da sua voz, mas adorava ainda mais o correr da sua caneta. A sua produção ao longo da vida foi prodigiosa: pelo menos quatro mil trabalhos publicados, incluindo toneladas de artigos jornalísticos, panfletos, discursos e ensaios sobre política, economia, estatística e até culinária. Jürgen teria sido um escritor melhor se tivesse reduzido a quantidade. O seu estilo tornou-se menos floreado com a idade, mas não conseguia dizer em poucas palavras o que podia ser dito em muitas. O seu estudo sobre as condições de trabalho chegou aos 40 volumes. *Regresso a Marx* foi uma obra comparativamente pequena de 500 páginas. Com toda a pompa que lhe era característica, disse à irmã que «esperava que os operários o lessem com prazer». Ursula ofereceu-lhe algumas sugestões editoriais: «Escreve frases mais fáceis e mais curtas. Devias esforçar-te ao máximo para alcançar simplicidade na exposição, para que todos possam compreender. Por vezes, o texto só é complicado quando, para maior persuasão, é repetido em dois ou três sítios, mudando apenas a forma e a estrutura da frase.» Foi um conselho excelente, que Jürgen ignorou.

Em casa e no trabalho, Ursula era pau para toda a

colher; fora isso, era uma revolucionária.

Algumas semanas antes de fazer 19 anos, filiou-se no KPD, o maior partido comunista da Europa. Contando com o novo líder, Ernst Thälmann, o partido assumiu uma visão cada vez mais leninista (mais tarde estalinista), enaltecendo a democracia, mas recebendo ordens e financiamento diretamente de Moscovo. O KPD tinha uma secção paramilitar envolvida num conflito crescente com os camisas-castanhas nazis. Os comunistas prepararam-se para o combate. Em noites de luar, num recôndito canto da floresta de Grunewald, os seus primeiros amigos da Liga da Juventude Comunista, Gabo Lewin e Heinz Altmann, ensinaram-na a disparar. No princípio, ela falhava consistentemente o alvo, até Gabo referir que estava a fechar o olho errado. Ursula daria uma excelente atiradora. Gabo ofereceu-lhe uma pistola semiautomática *Luger* e ensinou-a a desmontá-la e a limpá-la. Ursula escondeu a arma atrás de uma trave no sótão em Schlachtensee, guardada no interior de uma almofada rasgada. Quando a revolução chegasse, estaria preparada.

Ursula juntou-se às manifestações antifascistas. «Extremamente ocupada», escreveu. «A preparar-me para o aniversário da revolução russa.» Durante as pausas para o almoço, sentava-se num banco na Unter den Linden, a avenida ladeada de tílias que atravessava o centro de Berlim, a ler o *Die Rote Fahne* (*A Bandeira Vermelha*), o jornal comunista. Muitas vezes, envolvia-se em ardentes discussões políticas com motoristas de táxi e vendedores de fruta da classe operária. No seu diário, escreveu: «Tantas pessoas a passar fome, tantos mendigos nas ruas...»

Uma tarde, juntou-se a um grupo de jovens de esquerda, membros do Partido Social Democrata e também do KPD, para nadar e apanhar sol na margem de um lago perto de Berlim. Mais tarde, recordaria assim o

momento: «Volto-me e vejo um homem de vinte e tal anos, bem vestido, com os ombros ligeiramente caídos e um rosto inteligente e quase belo. Ele olha para mim. Os seus olhos são grandes, castanho-escuros, e ele é judeu.» O jovem perguntou-lhe se podia sentar-se ao seu lado e conversar. «Não tenho tempo», respondeu ela. «Tenho de ir a uma aula para operários marxistas.» Ele insistiu, perguntando-lhe se poderiam encontrar-se de novo. «Posso pensar nisso!», respondeu Ursula, e afastou-se. Passados alguns dias, o jovem dos olhos castanhos esperava-a à porta do prédio onde decorria a sua aula marxista.

Rudolf Hamburger estudava Arquitetura na Universidade Técnica de Berlim. Quatro anos mais velho que Ursula, Rudi era um parente distante — a sua mãe e Berta Kuczynski eram primas em segundo grau — e pertencia a um meio semelhante. Hamburger tinha nascido em Landeshut, na Baixa Silésia, onde o pai, Max, era proprietário de fábricas têxteis que confeccionavam uniformes para o exército. O segundo de três filhos, Rudi foi criado numa atmosfera de política liberal onde a cultura intelectual judaica tinha um lugar pouco relevante. Max Hamburger construiu um bairro-modelo para os seus 850 operários. A família era politicamente progressista, mas longe de ser revolucionária. Rudi já era um ardente defensor do modernismo arquitetónico e do movimento Bauhaus. Entre os seus colegas, escreveu, contavam-se «um aristocrata austríaco, um japonês que fazia *design* de interiores usando tons pastel meticulosamente coordenados, uma anarquista e uma rapariga húngara com uma convicção totalmente infundada no seu génio». Outro contemporâneo foi Albert Speer, «o arquiteto de Hitler», futuro ministro nazi do Armamento e da Produção de Guerra.

Ursula sentiu uma enorme atração por Hamburger e,

num impulso, convidou-o para uma reunião comunista. Deram-se bem e ela convidou-o para outra. «Por fim, vou estar de novo com o Rudi», escreveu no seu diário. «Ele ajuda-me a fazer o chá. Não percebe que eu ponho o gás no mínimo para que a água demore a ferver (...). O Rudi diz que o meu casaco de inverno é demasiado fino. Quer tentar tornar-me um pouco vaidosa.» Ursula comprou um casaco novo e depois recriminou-se pela extravagância quando havia pessoas a morrer de fome. «Sinto a falta do Rudi», escreveu. «Depois, fico furiosa por uma pessoa como ele ter o poder de me deixar louca. E por precisar tanto dele. E a seguir adormeço a soluçar.» Uma noite, quando voltavam a pé para casa depois de um concerto, Rudi parou sob um candeeiro de iluminação pública. «Ele parou em contraluz. O seu cabelo grosso continuava despenteado da mesma forma surpreendente e os olhos escuros nunca perdiam a melancolia e a expressão velada, mesmo quando se ria ou estava mergulhado nos seus pensamentos.» Foi nesse momento que se apaixonou por ele. «Pode um segundo, uma frase, uma expressão nos olhos de uma pessoa mudar de repente tudo o que se sentia anteriormente e transformar-se num sentimento novo?», perguntou a si mesma. Rudi acompanhou-a a casa. «Naquela noite, ele beijou-me», escreveu. «Eu fiquei triste, porque os meus lábios estavam muito secos. Um pormenor insignificante, mas eu tinha passado a tarde inteira a pensar no beijo, com discreto júbilo.»

Rudi Hamburger era quase o namorado perfeito: gentil, engraçado, simpático e judeu. Os pais de ambos aprovaram o namoro. Se Ursula se tornava demasiado séria, Rudi troçava suavemente dela. E quando falava sobre a ambição de se tornar um ilustre arquiteto, os seus grandes olhos castanhos enchiam-se de luz. Ele era generoso. «O Rudi ofereceu-me uma tablete de chocolate», contou Ursula ao irmão. Os doces eram raros e ela fez questão de realçar que não era uma

autocomplacência burguesa. «Mas não gastou dinheiro. Nós não fazemos esses disparates. No entanto, se alguém lhe oferece alguma coisa, ele partilha-a sempre comigo.»

Rudi falou em casamento. Ursula hesitou.

Porque havia apenas um problema com Rudolf Hamburger: não era comunista. Podiam partilhar uma herança judaica, interesses culturais e chocolates, mas o namorado de Ursula não era um dos camaradas e não evidenciava sinais de querer converter-se.

As ideias políticas de Hamburger eram liberais e progressistas, mas o comunismo estava para lá dos seus limites. As discussões do casal seguiam um padrão.

«Questionas o socialismo em geral e as nossas convicções em particular», censurava-o Ursula. «As tuas opiniões sobre o comunismo são determinadas pelas emoções e não têm qualquer base científica.»

Rudi listava as suas objeções ao comunismo: «Os exageros na imprensa, o tom básico de alguns artigos, os entediantes discursos repletos de gíria, a arrogante rejeição de ideias contrárias, o agressivo comportamento com os intelectuais, que isolam em vez de conquistar, insultando os adversários em vez de os desarmarem com lógica e recrutá-los.»

Ursula rejeitava aquelas palavras como uma «típica atitude burguesa mesquinha». Porém, no seu íntimo, «sabia que havia uma ponta de verdade no que ele dizia». Aquilo deixava-a ainda mais zangada.

A discussão costumava terminar quando Rudi dizia uma piada.

«Não vamos discutir. Uma revolução mundial não é motivo para gritarmos um com o outro.»

Rudi juntou-se ao Socorro Vermelho Internacional, uma organização de caridade associada aos comunistas. Leu um pouco de Lenine e Engels e declarou-se «simpatizante». Porém, recusou-se terminantemente a filiar-se no KPD ou a participar no ativismo de Ursula. Por

trás da sua natureza plácida, Hamburger era extremamente teimoso e não houve adulação capaz de o persuadir a filiar-se. «Há coisas no partido que me perturbam», dizia. «Talvez chegue lá devagar, se me deres tempo.»

Após uma discussão particularmente violenta, Ursula escreveu: «Quando o Rudi questiona a viabilidade do socialismo em si mesmo, fico irritada e respondo-lhe torto. Para ele, é como se estivéssemos a ter uma divergência de opinião sobre um livro ou uma obra de arte, enquanto para mim é sobre as questões mais vitais, sobre toda a nossa atitude perante a vida. Nesses momentos, é como se ele fosse um desconhecido.» Porém, Ursula não estava disposta a desistir. Copiou uma lista de citações comunistas e ofereceu-as a Rudi, uma improvável prenda de amor. «Acredito que, se ficarmos juntos, será apenas uma questão de tempo até ele se filiar no partido», disse a Jürgen. «Mas é capaz de demorar pelo menos dois anos.»

Em abril de 1927, Ursula demitiu-se da Prager, livrou-se do odiado *Cebola* e arranjou um emprego como auxiliar de arquivo na editora Ullstein, que pertencia a judeus e era uma das maiores editoras de periódicos e livros da Alemanha. Uma das primeiras coisas que fez no novo emprego foi escrever um artigo para o *Die Rote Fahne* sobre as inadequadas condições de trabalho no seu novo local de trabalho. «Mil e duzentos exemplares gratuitos foram distribuídos à entrada da empresa e o seu artigo causou um grande impacto.» E também causou um grande impacto na administração.

Nem um ano depois da sua entrada na Ullstein, Ursula foi despedida. Era uma desordeira e, numa época de convulsão política e de intensificação do antissemitismo, os editores não queriam problemas.

«Tem de se demitir», disse-lhe Hermann Ullstein.

«Porquê?», perguntou Ursula, embora soubesse a

resposta.

«Uma comunista não tem futuro numa empresa democrática.»

Com pouca experiência profissional, a incapacidade de se manter num trabalho e o desemprego a aumentar, Ursula não conseguiu arranjar colocação. Recusou-se a aceitar ajuda financeira dos pais. Queria um desafio, um lugar desconhecido e algum espaço para pensar e escrever. Precisava de uma aventura, num palco diferente. Escolheu a América.

O grande Lenine escrevera: «Primeiro, ocuparemos a Europa de Leste e depois as massas da Ásia. Cercaremos o último bastião do capitalismo, os Estados Unidos da América. Não teremos de lutar. Eles cairão nas nossas mãos como fruta madura.» A América estava pronta para a revolução. Além disso, Jürgen continuava a viver lá e a irmã queria vê-lo. A sua decisão estava tomada: iria para os Estados Unidos e voltaria quando Rudi terminasse o curso de Arquitetura. Ou talvez não. Foi uma decisão quixotesca e, para uma mulher solteira de 21 anos que nunca saíra do país, uma decisão extremamente arrojada. Ignorando as súplicas da mãe e rejeitando as ofertas de apoio financeiro do pai, Ursula embarcou em setembro de 1928 num transatlântico rumo a Filadélfia. Rudi foi despedir-se dela sem saber se voltaria a vê-la.

Em vésperas da Grande Depressão, a América era um lugar de profunda vitalidade e extrema pobreza, oportunidade e declínio, grande esperança e calamidade económica iminente. Ursula via-se independente pela primeira vez na vida. Encontrou trabalho em casa de uma família *quaker*, onde ensinava alemão aos filhos, e depois como criada no Hotel Pennsylvania. O seu inglês, que já era bom, melhorou rapidamente. Passado um mês, apanhou o comboio para Nova Iorque e dirigiu-se para o Lower East Side de Manhattan.

O Henry Street Settlement, fundado por Lillian Wald, uma enfermeira reformista e progressista, providenciava cuidados médicos, educação e cultura aos imigrantes pobres da cidade. Os imigrantes podiam viver ali sem pagar renda, em troca de algumas horas de trabalho social todas as semanas. Wald, uma grande impulsionadora da instituição, também era uma ativista em prol dos direitos das mulheres e das minorias, do sufrágio e da integração racial, uma feminista à frente do seu tempo e uma revelação e uma inspiração para a mais recente hóspede do Henry Street Settlement. Ursula saiu da primeira e única reunião com Wald profundamente impressionada com a personalidade e a filosofia da americana: «A tarefa de organizar a felicidade humana necessita da colaboração ativa de homens e mulheres; não pode ser relegada para uma metade do mundo», declarou Wald. Ursula mudou-se para lá e arranhou emprego na livraria Prosnit, em Manhattan.

Ursula permaneceria nos Estados Unidos durante quase um ano. A experiência influenciou-a profundamente, dando início a uma relação de amor-ódio com o Ocidente capitalista, que se manteria até ao fim da vida. Os extremos políticos e económicos da América no fim dos loucos anos 20 eram comparáveis aos da Alemanha de Weimar. Com mais de dez milhões de habitantes, Nova Iorque ultrapassara Londres como a cidade mais populosa do mundo. A cidade explodia de energia, criatividade e riqueza, uma obsessão pelas novas tecnologias — carros, telefones, rádio — e pelo *jazz*. Porém, abaixo da superfície brilhante preparava-se o desastre, quando investidores, grandes e pequenos, aplicavam o seu dinheiro num mercado bolsista escaldante, convencidos de que o crescimento nunca pararia.

Ao contrário do *Cebola*, Prosnit gostou de ter uma amante de livros ao seu serviço. A literatura marxista-

leninista não tinha segredos para Ursula, que era capaz de citar trechos de cor e fazia-o com muita frequência. Muitos dos clientes da Prosnit eram comunistas americanos e as estantes ofereciam novos horizontes de esquerda sob a forma do movimento de literatura do proletariado: livros escritos por escritores da classe operária para um universo de leitores com consciência de classe. Ursula ficou encantada com o vigor intelectual da esquerda americana. Um novo livro em especial falou-lhe diretamente ao coração. Abril de 1929 viu a publicação de *Daughter of Earth*, da escritora radical americana Agnes Smedley. Autobiografia mal disfarçada, o romance conta a história de Marie Rodgers, uma jovem mulher de um meio pobre que é infeliz no amor e dedica-se às causas do socialismo internacional e da independência do povo indiano. «Não tenho pátria», declara a protagonista de Smedley. «Os meus conterrâneos são os homens e as mulheres que lutam contra a opressão (...) pertenço àqueles que morrem por outras causas — esgotados pela pobreza, vítimas da riqueza e do poder, lutadores numa grande causa.» *Daughter of Earth* foi um sucesso de vendas instantâneo, sendo Smedley aclamada como «a mãe do radicalismo literário feminino». Para Ursula, o livro foi um apelo às armas: uma mulher a defender corajosamente os oprimidos, a exigir uma mudança radical e preparada para morrer por uma causa que parecia romântica, glamorosa e arriscada.

Algumas semanas depois de chegar a Nova Iorque, Ursula filiou-se no Partido Comunista Americano. Nessa primavera participou numa colónia de férias socialista no rio Hudson, onde encontrou Michael Gold, um conhecido dos pais e, na época, a voz radical mais famosa da América. Gold era o pseudónimo do escritor Itzok Isaac Granich. Filho de imigrantes romenos judeus, crescera na pobreza no Lower East Side e era um empenhado

comunista, fundador e editor do jornal marxista *The New Masses* e um feroz polemista. Gold gostava de arranjar lutas. Quando descreveu Ernest Hemingway como um «renegado», este enviou-lhe um curto recado: «Transmitam ao Mike Gold que o Ernest Hemingway lhe diz que se vá foder.» Ursula declarou que o romance de Gold, *Judeus sem Dinheiro*, era «um dos meus livros preferidos».

Atraída e repelida por Nova Iorque, sentia saudades de casa, dos camaradas e da família. Acima de tudo, sentia saudades de Rudi.

No outono de 1929, regressou à Alemanha. Algumas semanas mais tarde, a Bolsa americana sofreria um colapso, precipitando milhões de pessoas para a pobreza e dando início à Grande Depressão.

Só quando viu Rudi à sua espera no cais é que Ursula percebeu o quanto o amava. As suas dúvidas em relação às ideias políticas do namorado tinham acalmado durante a estada na América. Ele acabaria por ver a luz. Ursula Kuczynski e Rudolf Hamburger casaram-se em outubro, numa cerimónia simples na qual participaram a família e amigos próximos.

O casal recém-casado estava feliz, sem emprego, sem dinheiro e, no caso de Ursula, extremamente ocupada a fomentar a revolta. Por uma questão de princípios, recusaram-se a aceitar dinheiro dos pais e mudaram-se para um minúsculo apartamento de um quarto, sem aquecimento ou água quente. Ela andava por Berlim, a escrever artigos para o *Die Rote Fahne*, a encenar produções teatrais *agitprop* e a organizar exposições de livros radicais. A direção do partido deu-lhe instruções para montar uma biblioteca de livros doados para distribuir pelos operários marxistas, e os membros poderiam requisitar instrutiva literatura de esquerda. Com a ajuda de Erich Henschke, um judeu ortodoxo de

Danzig que trabalhava como coveiro, ela empurrava um carrinho de mão pelas ruas de Berlim, a recolher livros oferecidos por editores radicais e solidários camaradas. Quando um jornal publicou uma fotografia de Ursula com o seu carrinho de livros, os pais ficaram estarelecidos. «Eu até podia empurrar o carrinho de mão pela cidade, só não podia ser fotografada.» Henschke era um brutamontes comunista que preferia espancar camisas-castanhas a recolher livros que não tinha o menor desejo de ler. Por fim, acumularam um *stock* de dois mil volumes e colocaram-nos em estantes improvisadas na cave de um antigo pombal no bairro operário judeu. Rudi pintou uma placa com grandes letras vermelhas: «Biblioteca de Empréstimo dos Trabalhadores Marxistas — 10 *Pfennigs* cada livro.» O primeiro cliente foi um operário fabril idoso: «Têm alguma coisa muito direta sobre socialismo para a minha mulher, sem palavras estrangeiras?» O negócio era lento, em nada ajudado pelo leve, mas persistente, cheiro de excrementos de pombos.

Ursula estava numa banca na Feira do Livro Revolucionário de Berlim quando um elegante estrangeiro de pele escura começou a observar os títulos. Ela recomendou-lhe *Daughter of Earth*. Um pouco pesaroso, o homem explicou-lhe que já o lera porque Agnes Smedley fora sua mulher, de quem estava separado. Ursula ficou estupefacta: aquele homem era o revolucionário indiano Virendranath Chattopadhyaya.

Promover literatura marxista era agradável e ideologicamente louvável, mas absolutamente ruinoso. Rudi terminara entretanto o curso de Arquitetura e estava frustrado com a escassez de trabalho na sua área. Um amigo de Ursula contratou-o para decorar (completamente em vermelho) o interior da Livraria Vermelha, uma livraria comunista perto da estação de comboios de Görlitz. Projetou uma extensão da biblioteca

do sogro e trabalhou no projeto de um novo hotel. Porém, à medida que os efeitos da Grande Depressão se agravavam no mundo inteiro, os trabalhos deixaram de aparecer.

A ajuda veio de longe. Helmuth Woidt, um amigo de infância, estava a trabalhar em Xangai para a Siemens, o fabricante alemão. No princípio de 1930, Woidt enviou um telegrama a alertá-lo para um anúncio de emprego no jornal de Xangai: o Conselho Municipal de Xangai, dirigido pelos britânicos, procurava um arquiteto para construir edifícios governamentais naquela cidade chinesa. Rudi candidatou-se ao lugar e recebeu uma resposta imediata: se pagasse a passagem para a China, o trabalho era seu. Woidt ofereceu-lhe acomodação gratuita no apartamento por cima da sua casa em Xangai.

Num primeiro momento, Ursula ficou hesitante. Estaria a abandonar os seus camaradas ao partir de novo da Alemanha? No entanto, a revolução era global e a China parecia-lhe extraordinariamente romântica. Ursula informou a sede do KPD de que ia para Xangai e pretendia filiar-se no Partido Comunista Chinês, como se filiará anteriormente no Partido Comunista Americano. «O comunismo é internacional; também posso trabalhar na China», disse ingenuamente aos camaradas.

Ursula não tinha noção da violência política que a esperava. Havia, de facto, um Partido Comunista Chinês em Xangai, mas tinha sido proibido, era perseguido e estava na iminência de ser aniquilado.

A Puta do Oriente

Ursula deixou Berlim com a forte convicção de que a revolução comunista na Alemanha seria apenas uma questão de tempo — estaria até para muito em breve, acreditava — e tinha pena de a perder. O Partido Nazi sofrera uma pesada derrota nas eleições presidenciais e os rufiões fascistas de Hitler já pareciam uma grotesca irrelevância, não mais do que uma sórdida anomalia histórica. Ela não podia estar mais certa a respeito do futuro do seu país, mas a verdade é que se viria a provar ter-se enganado redondamente. No espaço de três meses, os nazis constituíram-se como o segundo maior partido na Alemanha, a ascensão de Hitler seria imparável e a aniquilação do comunismo alemão estava em marcha.

Numa quente noite de julho de 1930, Ursula e Rudi embarcaram no comboio para Moscovo com bilhetes de ida. Tinham dinheiro suficiente para chegar a Xangai, mas não para voltar. Os seus pertences resumiam-se a duas malas com roupa, salsichas, pão, caldo em cubos, uma lamparina a álcool e um tabuleiro de xadrez. Em Moscovo, embarcaram no expresso transiberiano e prosseguiram a lenta viagem para leste. Deitada no beliche, Ursula via a vastidão da Rússia passar pela janela, um ondulante oceano de bétulas que se estendia até à linha do horizonte. O comboio fez uma paragem não prevista entre estações e os passageiros saíram, satisfeitos por poderem esticar as pernas. «Alguém começou a tocar acordeão e as pessoas puseram-se a dançar. Pouco depois, agarraram-

nos pela mão e também nós dançámos.» Num prado, algures na Sibéria soviética, Ursula e Rudi rodopiaram ao som de um acordeão russo.

Na Manchúria, embarcaram num comboio do Caminho de Ferro da China Oriental com destino a Changchun e depois mudaram para a linha da Manchúria do Sul para a longa viagem até Dalian, onde embarcaram num vapor para completarem os últimos mil quilómetros pelo mar Amarelo até Xangai.

À chegada, a primeira coisa que surpreendeu Ursula foi o cheiro, o fedor puro e quente da pobreza que subia do porto de Xangai, uma mistura de suor, esgotos e alho. Durante a crise económica da República de Weimar, testemunhara muito sofrimento humano, mas nada àquela escala. «O navio foi cercado por tinas flutuantes com mendigos, aleijados a gemer com cotos no lugar de braços e pernas, crianças com feridas purulentas, algumas cegas, outras sem cabelo e cobertas de crostas.» Carregadores cansados e emaciados formaram «uma correnteza de transporte humano» entre o navio e o cais.

Helmuth Woidt esperava-os no cais vestido com um lindo fato de algodão branco e um capacete colonial, ao lado da mulher, Marianne, que segurava um enorme ramo de flores. Um curto trajeto de riquexó levou-os até uma espaçosa moradia numa alameda na Concessão Francesa, onde residia a maior parte da comunidade empresarial de Xangai, longe do fedor e do rebuliço do porto. Um mordomo chinês de luvas brancas serviu-lhes bebidas frescas. Os criados faziam a vénia enquanto lhes serviam travessas com comida. As empoeiradas malas de viagem foram levadas e Ursula e Rudi viram-se com quimonos novos, a beber *cocktails* num grande terraço voltado para um jardim muito bem cuidado. Quase num ápice, Ursula entrara num mundo completamente diferente.

Em 1930, Xangai podia reivindicar o título de cidade

mais dividida do mundo a nível socioeconómico, um lugar onde a distância entre ricos e pobres não era um fosso, mas um abismo profundo. Parte colónia e parte cidade chinesa, nela habitavam 50 mil estrangeiros no meio de quase três milhões de chineses, a maioria dos quais vivia na mais abjeta miséria. Faziam parte da comunidade internacional britânicos, americanos, franceses, alemães, portugueses, indianos, russos «brancos», japoneses e outros, alguns deles refugiados sem um tostão, outros plutocratas novos-ricos com fortunas colossais. A convulsão política e a fome no interior da China combinaram-se com o impacto da Depressão para forçar novas vagas de pessoas rumo à cidade, desesperadas por trabalho e alimentos. De vez em quando viam-se puxadores de riquexó mortos entre as traves dos veículos, enquanto reluzentes carros americanos novos percorriam as ruas, conduzidos por motoristas de uniforme. Xangai era a maior cidade da China, o centro comercial da Ásia Oriental. As empresas e os bancos competiam para construir edifícios cada vez maiores ao longo do Bund, a elegante zona costeira. Porém, atrás do vistoso bairro comercial e dos enclaves de estrangeiros havia outra Xangai, um lugar de oficinas de costura clandestinas, fábricas de têxteis e barracas onde abundavam as doenças e o desespero e crescia o ressentimento político. Xangai albergava o único proletariado industrial da China e era o centro do Partido Comunista Chinês (PCC). Como Ursula descobriria, a América não estava pronta para a revolução, mas a China sim.

Depois das Guerras do Ópio do século XIX, o Império Chinês atribuíra «concessões» extraterritoriais ao longo do rio Yangtzé a potências estrangeiras — britânicos, franceses e americanos —, que eram governadas com regras e administrações próprias. Apenas 18 desses 55 quilómetros quadrados estavam sob governo direto da China. O maior enclave, a Concessão Internacional, uma

fusão das concessões britânica e americana, continha cerca de metade da população da cidade, e quando outras potências estrangeiras assinaram contratos com a China, os seus nacionais participaram na administração. A Alemanha tinha perdido os direitos extraterritoriais depois da Primeira Guerra Mundial e os 1500 alemães residentes em Xangai estavam sujeitos à lei chinesa. A Concessão Internacional era governada pelo Conselho Municipal de Xangai, um organismo eleito por residentes estrangeiros, mas dominado pelos britânicos, que presidiam a todos os departamentos exceto o da orquestra municipal, que era, naturalmente, dirigida por um italiano. Para atravessar a cidade ao volante de um carro eram necessárias três cartas de condução diferentes. Três forças policiais — a francesa, a chinesa e a Polícia Municipal de Xangai, que era dirigida pelos britânicos — competiam entre si, sobrepunham-se e esforçavam-se para conter uma onda de crime crescente.

Considerada a «Paris do Oriente», Xangai também era a «Putá do Oriente», onde elegantes lojas se erguiam paredes-meias com fumatórios de ópio, cabarés, templos antigos, cinemas e bordéis. O autor britânico nascido em Xangai, J. G. Ballard, recordaria uma cidade onde «tudo era possível e tudo podia ser comprado e vendido». Ao mesmo tempo glamorosa e decadente, brilhante e imunda, Xangai albergava uma fervilhante multidão internacional de mendigos, milionários, prostitutas, videntes, jogadores, jornalistas, *gangsters*, aristocratas, senhores da guerra, artistas, chulos, banqueiros, contrabandistas e espiões.

A comunidade de alemães expatriados em Xangai tinha a sua própria igreja, escola, hospital e clube, o Concordia, um hediondo *Schloss* (castelo) no Bund com ameias ao estilo bávaro, onde não faltava um salão de baile e uma pista de *bowling*. Era aqui que os alemães que residiam em Xangai se reuniam para jogar às cartas, beber, cantar

canções patrióticas, coscuvilhar, falar num tom nostálgico sobre a Pátria e queixarem-se dos criados chineses. O cônsul-geral Heinrich Freiherr Rüdert von Collenberg-Bödigheim, um diplomata veterano e entusiasta nazi que viria a ser embaixador de Hitler no México, presidia a este pequeno recanto da Alemanha como se fosse um soberano absoluto.

A primeira noite dos Hamburger em Xangai foi passada no clube. Seguiu-se uma grande quantidade de convites sociais: um chá com Constantin Robert Eginhard Maximilian von Ungern-Sternberg, um nobre do Báltico descendente de Genghis Khan que escapara por pouco à Revolução Bolchevique (o seu irmão mais velho, Roman, um russo «branco» e feroz senhor da guerra conhecido como o «Barão Louco», tinha invadido a Sibéria antes de ser capturado e executado por um pelotão de fuzilamento do Exército Vermelho); um jantar com Hans Stübel, um professor de Etnologia e especialista em tatuagens chinesas; uma festa de piscina em casa de Max Kattwinkel, um empresário; *cocktails* com Karl Seebohm, representante da empresa de produtos químicos I. G. Farben, que tinha um olho de vidro, uma enorme fortuna e 300 discos de gramofone. Johann Plaut, o mais importante e mais presunçoso jornalista da comunidade alemã, era um pilar do clube.

Rosie Goldschmidt e Bernardine Szold-Fritz eram dois pássaros exóticos que esvoaçavam à volta do Concordia. Filha de um banqueiro judeu alemão, Goldschmidt conquistara alguma notoriedade com a sua escrita de viagens e uma notoriedade muito maior graças à sua vagina. Rosie fora casada com Ernst Gräfenberg, um ginecologista berlinense que ficou conhecido pelo estudo do orgasmo feminino: o «ponto G», o ponto erógeno na vagina, cujo nome tem a inicial do seu apelido. Apesar desta descoberta, Rosie divorciou-se de Gräfenberg cinco

anos mais tarde para se casar com Franz Ullstein (descendente da família proprietária da livraria onde Ursula tinha trabalhado), de 63 anos, uma ligação considerada tão inaceitável pela família dele que a acusaram falsamente de ser uma espia a soldo dos franceses. Rosie tornar-se-ia correspondente de guerra da *Newsweek*, romancista de sucesso e condessa pelo casamento com um aristocrata russo. Bernardine Szold-Fritz era uma grande amiga de Rosie e uma forte rival social, pois fazia parte do círculo de Nova Iorque, que incluía Dorothy Parker e F. Scott Fitzgerald. Na época, era casada com o americano Chester Fritz, um abastado negociante de metais que tinha a alcunha de «Mr. Silver». Bernardine organizava festas de lendários excessos, usava enormes argolas nas orelhas, um peitoral de prata balinesa e um turbante. «Ela passava as tardes a andar de um lado para o outro no seu apartamento pintado de vermelho e preto, a usar um telefone com um fio absurdamente comprido para organizar jantares, chás e encontros da sua companhia de teatro amador.» Não dizia a ninguém que na verdade tinha nascido em Peoria, no Illinois.

Aquelas pessoas do *jet set* eram inimigas de classe, mas ainda assim Ursula estava deslumbrada e fascinada com elas. As suas vidas e interesses não podiam ser mais diferentes dos dela, mas fez amigos com facilidade, estudando cada uma daquelas novas pessoas como mais uma história e escrevendo sobre elas nas suas cartas e diários como se fossem personagens. «Fomos a um *cocktail* muito chique oferecido pela Mrs. Chester Fritz: ela mora num apartamento fabuloso, usa chapéus que parecem turbantes e brincos do tamanho de bolas de ténis, tem nobres sobancelhas curvas e muitos amigos que são artistas e intelectuais.» Noutra carta, escreveu: «Fomos beber *cocktails* a casa dos Ungern-Sternberg.

Ambos são extremamente inteligentes e muito sofisticados.» Rosie e Bernardine levavam-na a comprar roupa e competiam para vestir a sua jovem protegida de acordo com a última moda.

Porém, o brilho da vida de expatriada depressa esmoreceu e, depois de algumas semanas da superficial vida social de Xangai, Ursula estava sedenta de estímulo intelectual. Numa carta, escreveu: «As mulheres são como pequenos cãesinhos de colo. Não têm profissões nem se ocupam da lida da casa, e também não evidenciam qualquer interesse por questões científicas ou culturais. Nem sequer se incomodam com os filhos. Os homens são um pouco melhores, porque pelo menos têm um emprego e trabalham um pouco.» Tomar chá com Bernardine Szold-Fritz e Rosie Gräfenberg tornou-se um frete: «É sempre a mesma coisa. Primeiro, um pouco de coscuvilhice enquanto jogamos *bridge* e majongue, depois comentários sobre a corrida de cães de ontem ou sobre o filme mais recente... no outro dia jogámos minigolfe, um passatempo muito popular em Xangai.» A maioria dos seus conterrâneos alemães não estava interessada na China para lá do seu enclave; sobretudo, eram ferozmente racistas em relação aos chineses. Ursula manteve as suas opiniões políticas muito bem escondidas. No Concórdia, no Clube de Rotários e na piscina dos Kattwinkel, todos falavam sobre Hitler com admiração, como uma estrela em ascensão.

Sendo a mulher do novo arquiteto do Conselho Municipal, esperava-se que Ursula recebesse os colegas britânicos de Rudi. O mais importante do grupo era Arthur Gimson, o comissário das Obras Públicas responsável pelas estradas, pontes, drenagem, saneamento e novos edifícios da concessão. Um pilar da Sociedade de Engenharia da China, veterano de guerra e uma monumental seca, Gimson era o orgulhoso autor de

Fundações da Ponte Rodoviária de Szechuan com Algumas Referências à Capacidade de Suporte dos Pilares, a obra definitiva sobre o assunto. Ursula descreveu-o como um «solteirão doido» que lhe mandava sacos de adubo para o jardim como presente de agradecimento. Depois havia Charles Henry Stableford, o diretor do Departamento de Planeamento, que estava a construir um novo matadouro público em betão, que seria mais tarde considerado pela *The Architectural Review* «uma obra-prima *art déco* e uma das primeiras tentativas de combinar surpreendentes animais com surpreendente arquitetura». Ursula não conseguia ficar entusiasmada com as capacidades de suporte dos pilares nem com os méritos de usar betão no negócio do abate de animais. Oferecer jantares para os colegas britânicos de Rudi era como avançar com dificuldade pelo meio de cola social.

Bernardine com as suas pavorosas festas e as roupas ridículas, o estupidificante Gimson com o seu adubo, os maçadores complacentes e racistas do clube: aquelas pessoas não levaram Ursula à insurreição total, mas ajudaram.

Enquanto os expatriados dançavam e perdiam tempo com frivolidades, sob a superfície da sociedade de Xangai decorria uma brutal e semissecrta guerra de espões. Pois, além do comércio, dos narcóticos e do vício, a cidade era a capital da espionagem no Oriente. Os estrangeiros, que não necessitavam de passaporte nem de visto, iam e vinham sem autorização de residência e em muitos casos só estavam sujeitos às leis do seu próprio país. Como os criminosos, os espões passavam anonimamente de jurisdição em jurisdição. Regra geral, mantinham contacto com o mundo exterior usando rádios de ondas curtas, e havia tantos em funcionamento que a deteção de transmissores ilegais era praticamente impossível. Os agentes do governo nacionalista da China espiavam

comunistas locais e estrangeiros. Os comunistas clandestinos espiavam o governo e espiavam-se uns aos outros. A União Soviética tinha espalhado um exército de agentes secretos e informadores por toda a cidade. Os britânicos, com a ajuda dos americanos, espiavam toda a gente, o tempo todo.

A batalha central de espionagem em Xangai opunha os nacionalistas no governo sob o comando do generalíssimo Chiang Kai-shek aos comunistas chineses, apoiados pela União Soviética — combatentes numa guerra civil que continuaria de forma intermitente ao longo das duas décadas seguintes. Em 1923, Sun Yat-sen, o fundador da República da China e líder do Partido Nacionalista, o Kuomintang (KMT), tinha estabelecido uma aliança com a União Soviética. Uma equipa de oficiais soviéticos, liderada pelo revolucionário bolchevique Mikhail Borodin, chegou a Cantão para oferecer aconselhamento, dinheiro e auxílio militar. Porém, passados quatro anos, o frágil pacto entre o KMT e o PCC desfez-se e as forças de Chiang Kai-shek, o sucessor de Sun, deram início a uma implacável purga de comunistas. Borodin e os seus conselheiros foram expulsos.

Ninguém sabe ao certo quantas pessoas pereceram no «Terror Branco» desencadeado pelas forças de Chiang e pelos *gangsters* seus aliados. Os assassinos não registavam o número de mortes, mas estima-se que 300 mil pessoas terão sido perseguidas e assassinadas. O derramamento de sangue foi particularmente horrendo em Xangai. Otto Braun, um agente soviético ativo na cidade, escreveu: «Os capangas de Chiang Kai-shek, apoiados pela polícia internacional, passavam a pente fino as fábricas de têxteis durante o dia e o bairro chinês à noite, à procura de comunistas. Os que eram apanhados enfrentavam uma escolha terrível: tornarem-se traidores ou serem mortos (...) Esta campanha de extermínio

sistemático obrigou os comunistas à clandestinidade total.»

A União Soviética via a China como o berço da fase seguinte da revolução mundial e, para alcançar esse objetivo, Moscovo voltou-se então para a espionagem em grande escala, para apoiar os comunistas chineses que eram vítimas de perseguição.

Os espões soviéticos em Xangai usavam uma surpreendente gama de disfarces e representavam diversos ramos dos serviços secretos e do governo soviético, colaborando por vezes, mas sobrepondo-se com frequência e competindo de vez em quando.

A Internacional Comunista, ou Komintern, fundada em 1919 para apoiar a revolução a nível mundial sob a orientação de Moscovo, foi usada como uma fachada para a espionagem na China. A sua Secção de Ligação, a OMS (Otdel Mezhdunarodnoy Svyazi), recolhia e disseminava informações secretas, contrabandeava armas, transferia fundos, transmitia instruções e dirigia inúmeras redes comunistas clandestinas. O Komintern possuía um «Gabinete do Extremo Oriente» com um orçamento anual de 55 mil dólares em ouro, *Reichmarks*, ienes e dólares mexicanos para gastar na promoção da revolução comunista na China, no Japão, nas Filipinas e na Malásia britânica.

Depois havia a agência de serviços secretos civis de Estaline, o NKVD (o antecessor do KGB), que mantinha uma rede em Xangai para reunir segredos políticos e económicos, assassinar os inimigos de Moscovo e impedir que uma potencial contrarrevolução ganhasse raízes na China.

Porém, a mais importante rede de espões soviéticos em Xangai era dirigida pela agência de serviços secretos militares, formalmente denominada «Quarto Departamento do Estado-Maior General do Exército

Vermelho dos Trabalhadores e Camponeses». (Em 1942, Estaline mudaria o seu nome para Glavnoye Razvedyvatel'noye Upravleniye, ou GRU — a Direção Principal de Serviços Secretos —, nome pelo qual ainda é conhecida.) Extremamente disciplinado, obsessivamente secreto e inteiramente implacável, o papel do Quarto Departamento era defender a União Soviética e proteger a revolução ao coligir, comprar ou roubar segredos militares. A sua sede em Moscovo era conhecida apenas como o «Centro».

Desde o Massacre de Xangai, aqueles espiões trabalhavam como «ilegais» clandestinos, não como diplomatas acreditados, fazendo-se passar por jornalistas, empresários ou professores. A rivalidade entre as diferentes organizações soviéticas de espiões acabaria por resultar numa destruidora carnificina. Porém, aos olhos do governo nacionalista chinês, os espiões russos eram todos iguais: sediciosos comunistas cuja missão era arranjar problemas e que deviam ser eliminados como os revolucionários chineses.

Ursula nunca duvidou que os comunistas acabariam por sair vitoriosos da terrível guerra secreta que estava a ser travada em Xangai. Como qualquer marxista obediente, considerava que a história tinha sido determinada desde o início: o oprimido proletariado chinês acabaria inevitavelmente por se revoltar e, sob a liderança comunista, derrubaria a ordem capitalista, acabando com as classes burguesas e com os seus apoiantes capitalistas. Ainda assim, o comunismo chinês parecia-lhe desconhecido e insondável. Em Berlim, Ursula fizera parte de um poderoso movimento; aqui, era uma espectadora de acontecimentos que compreendia muito mal. «Para além do calor, do tédio e dos meus problemas de adaptação à “sociedade” de Xangai, vivia atormentada por não poder estabelecer um contacto imediato com o povo chinês. A sujidade, a pobreza e a crueldade repugnavam-me.

Perguntava a mim mesma se era comunista apenas em teoria.» Como muitas outras pessoas nascidas em berço de ouro, Ursula questionava-se se teria estômago para a suja, moralmente contraditória e frequentemente violenta realidade da revolução. Uma pessoa podia ser revolucionária e gostar de coisas boas, como roupas novas? Deveria usar apenas a túnica da ortodoxia comunista? Não falava sobre política com ninguém a não ser com Rudi, demasiado ocupado com o trabalho no Conselho Municipal de Xangai para lhe prestar atenção.

Com saudades de casa, passeava por Jessfield Park, que lhe recordava o Tiergarten em Berlim. Quando ficava desanimada, preferia estar sozinha. O verão em Xangai era abrasador. «O alcatrão começou a derreter de novo ontem, de tal maneira que se colou aos meus sapatos em compridas tiras pretas e os carros deixaram profundas marcas de pneu na estrada.» Ficava molemente deitada na cama no grande apartamento no último andar da casa dos Woidt. Na sua opinião, a vida como mulher de um funcionário colonial era um exercício de preguiça. «Não podemos fazer nada, porque é tudo feito pelo criado, pelo cozinheiro e pelo cule.» À espera da próxima festa, do próximo jogo de minigolfe, Ursula estava apática, demasiado exausta até para ler. Atribuiu a letargia ao clima. «O calor suga toda a nossa energia (...) transpiramos incrivelmente, não em gotas, mas em fios.» Por fim, consultou um médico, que lhe disse que estava grávida de cinco meses.

Ursula e Rudi ficaram exultantes. Porém, ela estava determinada a não passar os quatro meses seguintes apenas a gerar aquele bebé e a ser mimada pelos criados. «Tinha de encontrar uma ocupação.»

A oportunidade surgiu sob a forma atarracada e pretensiosa do jornalista Plaut, correspondente do Wolff Telegraphic Bureau para o Médio Oriente e diretor do Transocean Kuomin Telegraph, uma agência noticiosa

semioficial chinesa que difundia propaganda pró-nacionalista em catadupa. «Plaut necessitava com urgência de uma secretária inteligente, por isso fui ao seu escritório e perguntei-lhe se podia ajudá-lo, de alguma maneira, o que o deixou deveras encantado. Claro que o avisei de que estava à espera de bebé, mas ele disse-me que podia ir e vir quando quisesse.»

Plaut pôs Ursula a organizar os recortes de jornais. «Lia tudo e aprendi muito», escreveu ela. Vivendo em Xangai há duas décadas, Plaut era uma sumidade em política chinesa e costumava fazer longas exposições sobre o assunto, apimentadas com os nomes de pessoas importantes que conhecia. «Ele interrompe muitas vezes o meu trabalho para me contar coisas interessantes», escreveu Ursula. «Plaut era muito arrogante, mas era um dos maiores especialistas em questões asiáticas, e na China em particular.»

Uma tarde, a meio de mais uma interminável palestra, Plaut referiu um nome que fez com que Ursula se sobressaltasse e se sentasse muito direita: Agnes Smedley.

Aparentemente, a escritora americana estava em Xangai a trabalhar como correspondente do *Frankfurter Zeitung*, um dos maiores jornais alemães. Ursula confidenciou a Plaut a profunda impressão que o romance de Smedley lhe causara e disse-lhe que «adoraria conhecê-la, mas não tinha coragem para abordar uma pessoa tão notável». Com um floreado, Plaut pegou no telefone, marcou um número e estendeu-lhe o auscultador. Agnes Smedley estava em linha. As duas mulheres combinaram encontrar-se no dia seguinte no café do Hotel Cathay.

Smedley perguntou a Ursula como é que a reconheceria.

«Tenho 23 anos, um metro e setenta de altura, cabelo

muito preto e um grande nariz», respondeu Ursula.

Agnes Smedley riu-se, uma grande gargalhada trovejante. «Bem, eu tenho 34 anos, estatura mediana, indefinível.»

O novíssimo Hotel Cathay era uma grandiosa cidadela capitalista e uma afirmação do poder comercial do Ocidente, com 11 andares, uma torre piramidal verde e painéis Tudor. Poucos meses antes, hospedado nesse hotel, Noël Coward tinha escrito o primeiro esboço de *Vidas Íntimas*. O Cathay, o hotel mais luxuoso a leste do Suez, era um local improvável para um encontro entre a escritora mais radical da América e uma jovem comunista alemã, mas a data foi perfeita: 13 de novembro, o décimo terceiro aniversário da Revolução Bolchevique. As duas mulheres traziam ramos de rosas vermelhas para assinalar a ocasião: Ursula pretendia colocar as suas na sala de estar dos Woidt, numa discreta declaração das suas simpatias; Smedley planeava oferecer o seu ramo ao correspondente da TASS, a agência noticiosa soviética, numa comemoração mais manifesta do aniversário. A coincidência floral foi um bom augúrio.

Smedley estava longe de ser indefinível (e também falseara a idade; tinha 38 anos). Com o cabelo cortado muito curto e vestuário masculino, era uma figura marcante, em deliberado contraste com as expatriadas demasiado bem vestidas. «A Agnes parece uma mulher inteligente da classe trabalhadora», escreveria Ursula numa entusiástica carta para os pais. «Veste-se com simplicidade e tem cabelo castanho ralo, grandes olhos verde-acinzentados muito vivos e rosto não muito bonito, mas com um bom formato. Quando penteia o cabelo para trás, a sua grande testa torna-se evidente.»

Ursula nunca conhecera alguém assim antes; mas, afinal de contas, não havia ninguém como Agnes Smedley.

As duas mulheres criaram laços enquanto bebiam chá

inglês servido em porcelana de osso. As esperanças e ansiedades de Ursula foram confidenciadas numa caótica premência. Falou sobre a sua solidão e o tédio, sobre as perturbadoras cenas de pobreza que testemunhava diariamente, sobre a sua alienação dos outros europeus. «Desde que cheguei a Xangai, foi a primeira vez que falei livremente sobre as minhas opiniões políticas.» Descreveu a sua educação na Alemanha, a decisão de se filiar no partido e o quanto *Daughter of Earth* fora importante para si. Falou sobre Rudi: a sua bondade e calma, mas também a sua apatia política e a obstinada rejeição do comunismo. Smedley escutou com muita atenção, a fumar e a acenar com a cabeça. Quando Ursula terminou, contou-lhe a história da sua vida, uma história ainda mais extraordinária do que a versão ficcional publicada um ano antes.

Smedley nasceu em 1892 numa barraca com duas divisões sem eletricidade nem água corrente e cresceu numa miserável cidade mineira no Colorado. O pai, meio cherokee, negociava ocasionalmente gado, trabalhara como vaqueiro, ervanário ambulante e camionista das minas de carvão, era, enfim, um alcoólico sem ocupação fixa com «a alma e a imaginação de um vagabundo». A mãe, vítima de abusos, era uma alma depressiva; a tia era prostituta nas horas vagas. Durante a infância, assistiu às guerras trabalhistas do Colorado, sangrentas batalhas entre mineiros em greve e os capangas contratados pelos proprietários das minas. Quando a mãe faleceu aos 40 anos, o pai «caiu de joelhos, chorou dramaticamente e depois vasculhou o seu velho baú de lata. Com os 40 dólares que encontrou escondidos entre as colchas de retalhos, foi para o bar e embebedou-se com os rapazes». Agnes aprendeu a partir do que encontrava para ler, «desde romances sem qualidade até um horrível livro de direito e um livro intitulado *Psicologia do*

Comportamento», uma fraca seleção, muito diferente da grande biblioteca que a jovem Ursula tinha à sua disposição. Agnes escreveu poesia, leu a sina com sementes de maçã e aprendeu a montar a cavalo, a disparar e também a atirar o laço. Adotou o nome navajo de Ayahoo e abraçou uma feroz forma de feminismo. Se alguém se atrevesse a sugerir «que o intelecto ou a capacidade de construir de uma mulher eram inferiores aos de um homem (...) ela saltava do seu assento como uma leoa ferida e quase arranhava a pessoa na cara».

Depois de trabalhar como lavadeira, de dar aulas e de ganhar a vida como vendedora ambulante, Agnes foi para a Califórnia, onde começou a relacionar-se com boémios de esquerda. As suas ideias políticas tornaram-se mais radicais, mas nunca abraçou uma filosofia coerente, pois a sua política era de fúria, de violenta raiva contra os capitalistas, proprietários de minas, imperialistas e colonizadores que escravizavam os pobres, os não brancos e a classe operária. Ela não tinha tempo para teorias políticas: «Quem se importa se leio todas essas porcarias? Eu sei quem é o inimigo, e isso basta-me.»

Na Califórnia, encontrou o círculo de nacionalistas indianos que exigiam a independência face à Grã-Bretanha imperial e abraçou a sua primeira causa. No auge da Primeira Guerra Mundial, envolveu-se profundamente na chamada «Conspiração Indo-Germânica», a campanha secreta da Alemanha para enfraquecer o Império Britânico financiando e armando o movimento independentista indiano. Em março de 1918, Agnes foi detida ao abrigo da Lei de Espionagem, passou dois meses na prisão e por fim acabou por ser libertada apesar de, nas palavras do seu biógrafo, ser «culpada como o diabo». Depois mudou-se para Berlim, onde conheceu, se casou e depois deixou o revolucionário comunista Virendranath Chattopadhyaya, conhecido como

Chatto, e continuou a conspirar com os rebeldes indianos. Testemunhou a degradação humana de Weimar com horror e declarou que a União Soviética era «o lugar mais grandioso e mais inspirador ao cimo da Terra».

A personalidade de Agnes era exuberante e até os seus amigos mais próximos a consideravam bastante difícil. Um deles comentou que ela via o mundo como «uma rígida peça moral onde os “bons” se opunham aos “maus”», e raramente saía do «glorioso cavalo branco da sua imaginação». Era adolescente quando sofreu o primeiro esgotamento nervoso. Sofria do que chamava «períodos de loucura» e começou a fazer sessões de psicanálise com uma psicanalista judia alemã chamada Elisabeth Naef, uma antiga aluna de Sigmund Freud em Viena. A Dr.^a Naef persuadiu-a a registar as suas experiências sob a forma de ficção. O resultado foi *Daughter of Earth*, onde pontuava a sua zangada e ambiciosa heroína, socialmente alienada e ansiosa para expressar as suas ideias e sentimentos. Os críticos elogiaram muito o livro. Michael Gold descreveu-o na revista *The New Masses* como «um romance amargo, muitíssimo bem tirado da fibra da vida». Quando as aclamações começaram a chegar, Agnes já estava em Xangai. Chegou à cidade em maio de 1929, pronta para lutar pelas massas chinesas oprimidas.

Agnes Smedley apresentava-se como uma extraordinária pilha de contradições. Sendo bissexual, acreditava porém que a homossexualidade era uma perversão curável. Professava o desdém pelos homens e insistia que as mulheres tinham sido «escravizadas pela instituição do matrimónio». No entanto, amou muitos homens e casou-se duas vezes: tratou o primeiro marido de uma forma abominável e foi física e emocionalmente abusada pelo segundo. Considerava o sexo degradante, mas era uma entusiasta defensora, e enérgica representante, do amor livre. «Aqui, tive a possibilidade

de dormir com todas as cores e formas», escreveu a uma amiga, pouco antes de conhecer Ursula. «Um traficante de armas francês, baixo, redondo e agitado; um monarquista alemão de 50 anos que acredita no papel dominador do pênis para influenciar as mulheres; um alto funcionário chinês cujos atos me envergonho de descrever; e um membro da ala esquerda do Kuomintang que era gordo, mole e baboso.»

Agnes, apesar de comunista, nunca se filiou no partido; era uma violenta revolucionária e uma romântica sonhadora, uma feminista dominada por uma sucessão de homens, uma mulher que inspirou uma enorme lealdade, mas infligiu enormes danos a muitos dos seus amigos; apoiou o comunismo sem considerar o que o governo comunista envolvia na realidade. Era impetuosa, preconceituosa, carismática, narcisista, ousada, volátil, encantadora, hipercrítica, emocionalmente frágil e teimosa. «Posso não ser inocente, mas tenho razão», declarou.

Ursula estava arrebatada. Agnes Smedley parecia personificar a paixão e a energia política, a antítese da presunçosa complacência que encontrava nos salões burgueses de Xangai. «A nossa existência não vale nada se vivermos passivamente no meio da injustiça», insistia Smedley. Agnes era tudo o que Ursula admirava: feminista, antifascista, inimiga do imperialismo e defensora dos oprimidos contra as forças do capitalismo, além de ser uma revolucionária nata.

Também era espia.

Em 1928, Agnes Smedley tinha conhecido Jakob Mirov-Abramov, o adido de imprensa da embaixada soviética em Berlim, um judeu lituano e bolchevique veterano. Nominalmente diplomata, na realidade era o diretor do OMS na Europa, o departamento de recolha de informações secretas do Komintern. Mirov-Abramov (de vez em quando, e de forma confusa, Abramov-Mirov)

andava à procura de recrutas para estabelecer novas redes de espões no Extremo Oriente, e aquela mulher radical com licença para fazer perguntas impertinentes parecia-lhe uma candidata ideal. Agnes precisou de pouca persuasão de que o próximo passo lógico da sua revolução de uma mulher só era tornar-se espia: arranjou um emprego como correspondente do *Frankfurter Zeitung* em Xangai, montou no cavalo branco da sua imaginação e galopou para a China.

Quando Agnes e Ursula voltaram a encontrar-se, passados dezoito meses, Smedley já era uma importante peça na engrenagem da espionagem soviética, apoiando os comunistas chineses na sua luta desesperada para sobreviverem ao Terror Branco, a campanha continuada de extermínio político do governo nacionalista: Ursula recrutou outros escritores e intelectuais que simpatizavam com a causa, usou a sua casa para reuniões secretas e para entregas e transmitiu informações secretas entre o PCC e a União Soviética. Os seus relatórios e instruções eram enviados por rádio ou nos navios soviéticos que faziam escala em Xangai. Em Moscovo, tinha um «prestígio muito grande».

Smedley acabaria por trabalhar para o Komintern e para o Quarto Departamento, mas não sabia qual era o ramo dos serviços secretos que estava a servir, nem se importava muito, desde que estivesse a lutar pelos operários chineses. «Aqui, o movimento revolucionário não é uma ideia ou teoria romântica», escreveu. «É revolução ou morte.» Os seus artigos no jornal eram muitas vezes indistinguíveis de propaganda pró-comunista. A sua saúde mental continuava a deteriorar-se. «Tenho um dever mais pesado que as minhas coisas pessoais», declarou.

Smedley sabia que estava a ser vigiada pelos serviços secretos britânicos (aos quais se referia com desprezo

como «Jorge e Maria»), e também pelos serviços secretos americanos, franceses e chineses. Estava na lista negra de subversivos perigosos do Governo chinês e contava ser alvejada pelas costas a qualquer momento. As suas cartas tinham um tom messiânico: «Jorge e Maria, etc., andam outra vez atrás de mim [mas] se Jesus Cristo vivesse hoje na China também estaria na lista negra dos britânicos e nas de outros serviços secretos.»

Ursula não fazia ideia das atividades secretas da sua nova amiga. Desconhecia que Agnes andava sempre com uma pistola carregada na carteira. A única coisa que sabia era que encontrara uma alma gémea. A partir daquele momento, tornaram-se inseparáveis. «Quase não se passava um dia sem que nos telefonássemos ou nos víssemos», escreveu Ursula. «A Agnes estava sozinha; toda a sua vida fora dedicada à luta revolucionária. Eu era comunista, mas tinha crescido sem preocupações materiais e agora esperava ansiosamente a chegada do meu primeiro filho. Vivia uma vida protegida e sem sofrimento. Também era muito inexperiente.»

Smedley mostrou a Ursula uma Xangai muito diferente. Comiam em restaurantes locais com os seus amigos chineses, todos eles comunistas em segredo. Agnes explicou-lhe que ajudara a fundar a Liga de Escritores de Esquerda, um grupo de pensadores chineses organizados por instigação do PCC para promover o realismo socialista — um empreendimento extremamente perigoso, tendo em conta as medidas repressivas do governo. A Liga foi proibida logo após ser criada, mas manteve uma precária existência clandestina. Através de Agnes, Ursula começou a relacionar-se com alguns dos escritores mais influentes da literatura de esquerda chinesa: Lu Xun, o aclamado poeta chinês, a romancista de 28 anos, Ding Ling, e o seu marido, o poeta e dramaturgo Hu Yepin. Quando Lu Xun fez 50 anos houve uma festa para cem artistas e intelectuais (que representavam «pensamento perigoso»),

nas palavras de Agnes) num restaurante holandês. Ding Ling discursou para os convidados. Agnes vigiou a porta. Ursula voltou para casa corada de entusiasmo com a aventura. Não contou a Rudi onde estivera.

Agnes apresentou-a a Chen Hansheng, também conhecido como Geoffrey Chen, um minúsculo cientista social que usava óculos e falava um inglês perfeito, pois tinha estudado nas universidades de Chicago e Harvard antes de se mudar para Berlim (onde estudou as obras de Robert Kuczynski). Chen tornar-se-ia um dos académicos mais aclamados na China. Também era um dedicado comunista secreto, recrutado em 1924 pelo Komintern. Em 1930, Chen lecionava na universidade de Xangai e trabalhava a tempo parcial como «secretário» de Agnes. Ele e a mulher eram vitais para a florescente rede de espões de Smedley. Durante um breve período, Chen foi também seu amante.

Ursula sentia-se lisonjeada com a atenção de Agnes, deslumbrada com a sua personalidade e intrigada com os seus radicais amigos chineses. No entanto, também se sentia um pouco intimidada. «Durante os primeiros dias da nossa amizade, que era muito preciosa para mim, não conseguia perceber porque é que uma pessoa com o seu prestígio queria passar o tempo comigo nem porque é que me tinha tornado sua confidente.»

A relação das duas mulheres pode ter extravasado a amizade. Os apetites sexuais de Agnes eram sem dúvida bastante diversos para incluir uma mulher casada, grávida, 15 anos mais nova do que ela, mas não há provas concretas de que Ursula tivesse inclinações lésbicas, apesar de terem partilhado uma cama em inúmeras ocasiões. Todavia, como observa o biógrafo de Smedley, «naquela época (...) não havia uma linha rígida e clara a separar os diferentes tipos de ligação entre mulheres». É inteiramente possível que a sua relação fosse apaixonada, romântica e obsessiva sem jamais terem uma relação

física. «Eu estava sempre à sua disposição», escreveu Ursula.

Houvesse um elemento sexual na sua ligação fluorescente ou não, Smedley tinha outro motivo para se dedicar àquela inteligente e impressionável jovem comunista que lhe dissera que «desejava viver uma vida ativa e útil». Imediatamente a seguir ao primeiro encontro no Hotel Cathay, Agnes enviou uma mensagem para Moscovo a pedir autorização para tratar do recrutamento da jovem Mrs. Hamburger.

Passadas três semanas, Agnes disse a Ursula para esperar a visita de uma pessoa em quem poderia «confiar plenamente». À hora marcada, o mordomo dos Woidt anunciou que «Mr. Richard Johnson» tinha chegado e mandou entrar um homem com cerca de 35 anos. Ursula ficou imediatamente impressionada com a sua beleza extraordinária: «Uma cabeça elegante, grosso cabelo encaracolado, um rosto já muito marcado, intensos olhos azuis emoldurados por pestanas escuras, uma boca muito bem desenhada.» O desconhecido coxeava pronunciadamente e tinha um forte sotaque alemão. Faltavam-lhe três dedos na mão esquerda. Irradiava encanto e perigo.

O seu verdadeiro nome era Richard Sorge. Tratava-se do principal parceiro de Agnes Smedley na espionagem e o seu atual amante, o espião soviético mais importante em Xangai, um hábil sedutor e oficial dos serviços secretos do Exército Vermelho.

Sorge não ficou muito tempo. No entanto, após aquela meia hora, a vida de Ursula mudou para sempre.

O Agente Ramsay

Ian Fleming descreveria Richard Sorge como «o espião mais formidável da história». Apesar de ser alemão e comunista, e de estar perto da meia-idade, em 1930 Sorge apresentava uma forte semelhança com o ficcional James Bond, incluindo a boa aparência, o gosto pelo álcool e o facto de ser um mulherengo prodigioso e quase patológico. Até os seus maiores inimigos reconheciam a sua habilidade e coragem. Depois da China, Sorge mudar-se-ia para Tóquio, onde espionou durante nove anos sem ser detetado, penetrando nos segredos mais classificados dos altos-comandos japoneses e alemão e alertando Moscovo para a invasão nazi da União Soviética em 1941. Quando conheceu Ursula, estava a começar a sua carreira de espionagem no Extremo Oriente, uma jornada que acabaria por lhe garantir um lugar no pequeno panteão de espiões que mudaram o curso da história.

Nascido em Baku em 1895 de pai alemão e mãe russa, Sorge alistou-se num batalhão estudantil do exército do Kaiser no início da Primeira Guerra Mundial e passou diretamente, como ele próprio diria, «da escola para o matadouro». A maioria da sua brigada foi dizimada poucos dias depois de chegarem à frente. Seria ferido pela primeira vez em 1915 e de novo um ano mais tarde. Por fim, sofreu ferimentos quase fatais em março de 1916, quando fogo de metralha lhe rasgou as duas pernas e lhe arrancou uma grande parte da mão. A experiência do jovem Sorge durante a guerra transformou-o num

reacionário comunista, convencido de que apenas a revolução a nível mundial poderia «eliminar as causas económicas e políticas desta guerra e de quaisquer guerras futuras». Uma estranha mistura de bibliófilo e desordeiro, pedante erudito e pragmático funcionário público, subiu na hierarquia dos serviços secretos soviéticos até entrar nas fileiras do Quarto Departamento, os serviços secretos do Exército Vermelho, uma organização descrita pelo seu diretor como um «alto sacerdócio puritano, devoto no seu ateísmo (...) os vingadores de todos os antigos males para implantarem um novo paraíso, uma nova terra».

Sorge era um dissoluto guerreiro-sacerdote: indulgente consigo mesmo, beligerante e apoiante incondicional do brutal regime que servia, um mentiroso nato equipado com um carisma letal, uma presunção ilimitada e uma sorte quase inacreditável. Possuía uma «habilidade mágica para pôr as pessoas à vontade» e para levar as mulheres para a cama. Era rigorosamente disciplinado na espionagem e excecionalmente desorganizado na vida pessoal. Também era snobe, mesquinho, embriagava-se frequentemente, adorava conduzir motas de alta cilindrada e rodear-se de companhias dissolutas.

Em 1930, os exportadores soviéticos da revolução comunista estavam a olhar para leste. Para apoiar o sitiado PCC e espiar o governo nacionalista, o Quarto Departamento planeou uma nova rede de ilegais, espões que operavam sob um disfarce civil. Agnes Smedley era um deles; Sorge, que tinha o nome de código «Ramsay», outro. Cumprindo ordens do Centro, encontrou um emprego como correspondente na China do jornal alemão com o delicioso nome de *Magazine dos Cereais da Alemanha* e partiu para Xangai. Cinco meses antes da chegada de Ursula, Sorge instalou-se na YMCA em Bubbling Well Road, comprou uma mota de alta cilindrada

e fez uma visita a Agnes Smedley, como fora instruído, para lhe pedir ajuda para «criar um grupo de recolha de informações secretas em Xangai». Agnes ficou encantada por trabalhar com Sorge e, com igual alacridade e entusiasmo, por dormir com ele.

Fazendo-se passar por um jornalista sedento de notícias, Sorge tornou-se sócio do clube Concordia e do Clube de Rotários e bebia com os conselheiros militares alemães do KMT. A comunidade alemã («todos fascistas e deveras antissoviéticos», na opinião de Sorge) acolheu de braços abertos aquele simpático recém-chegado, «um bom copo», e considerou-o um dos seus. O agente Ramsay «esventrou-os como se fossem um gordo ganso de Natal», escreveria outro espião soviético. Smedley colocou à disposição de Sorge a sua grande rede de intelectuais, escritores, soldados e académicos comunistas chineses, como Chen Hansheng e um jovem jornalista japonês, Hotsumi Ozaki, que se tornaria um dos seus mais valiosos informadores. O comunismo estava em debandada nas cidades, mas ganhava terreno nas regiões remotas do Sudeste. Nas montanhas, os insurgentes depressa estabeleceriam um soviete em Jiangxi, um Estado autogovernado dentro do Estado. Os 50 mil camponeses-soldados liderados por Mao Tsé-Tung eram tão cruéis como as forças nacionalistas, perseguindo e executando os inimigos da revolução: missionários, camponeses proprietários de terras, funcionários públicos e membros da aristocracia rural. Nas suas viagens jornalísticas ao interior, Agnes relatou o sangrento progresso do Exército Vermelho chinês e declarou-se tão «dura e feroz como muitos chineses, cheia de ódio, pronta para lutar ao primeiro sinal, sem qualquer tipo de paciência para as pessoas que viviam com todo o conforto e intolerante com todas as pessoas que duvidavam».

Ajudado por um técnico de rádio vindo de Moscovo, Sorge começou a enviar para o Centro um fluxo regular de

informações sobre as movimentações, estruturas de comando e armamento das tropas nacionalistas.

Embora Sorge respeitasse a «mente brilhante» de Agnes Smedley, era menos elogioso noutros aspetos: «Como mulher [que, para ele, significava parceira sexual] não valia nada (...) Em resumo, era como um homem.» Contudo, Agnes apaixonara-se pelo fegoso espião, a quem chamava «Sorgie» ou «Valentino», e era vista com frequência na sua mota a percorrer a Nanking Road a grande velocidade, uma experiência que a fazia sentir-se «grandiosa e gloriosa». Em arrebatadas cartas para casa, enaltecia as virtudes desta «pessoa excepcional».

«De certa forma, estou casada, minha querida», escreveu para a sua amiga Margaret Sanger, a pioneira americana do planeamento familiar. «Enfim, mais ou menos casada; mas ele é um homem a sério e é uma relação entre iguais, com ele a ajudar-me e eu a ajudá-lo e a trabalharmos juntos de todas as formas (...) não sei quanto tempo durará; não depende de nós. Temo que não dure muito tempo. Mas estes dias serão os melhores da minha vida. Nunca tive dias tão bons, nunca tive uma vida tão saudável, a nível mental, físico e psíquico. Penso no fim, e quando terminar ficarei mais sozinha do que todo o amor escrito nas revistas poderia deixar-me.» Esta incoerente carta é um testemunho dos seus caóticos sentimentos. Cada novo agente que ela recrutava era um serviço prestado à revolução e uma prenda de amor para Sorgie. Em novembro de 1930, com a aprovação de Moscov, ofereceu-lhe Ursula, que estava grávida de seis meses.

Anos mais tarde, Ursula recordaria a sua iniciação à espionagem soviética. Depois de receber a garantia de Ursula de que a casa estava vazia, com exceção dos criados, Sorge fechou a porta da sala de estar com todo o cuidado e sentou-se ao seu lado no sofá.

«Disseram-me que está pronta para apoiar a luta dos

camaradas chineses?»

Ursula concordou ardentemente com um aceno de cabeça.

Sorge lançou-se numa breve mas entusiasmada descrição das monumentais dificuldades que os comunistas chineses enfrentavam.

«Falou-me sobre a luta contra o governo reacionário do país, sobre as responsabilidades e os perigos envolvidos até mesmo no nível mais insignificante de ajuda aos nossos camaradas.»

Ursula voltou a anuir.

Depois, Sorge calou-se e olhou-a nos olhos.

«Quero que pense bem. Neste momento, ainda pode recusar sem ser recriminada.»

Ursula sentiu-se um pouco ofendida. Já afirmara o seu empenho. Além disso, implícita na pergunta de Sorge estava uma ameaça de que, se optasse por fazer a sua parte agora mas tentasse afastar-se no futuro, sofreria represálias que poderiam ser muito desagradáveis.

A sua resposta «algo brusca» estava repleta de clichés comunistas: apesar do perigo, sentia-se «preparada para participar neste trabalho de solidariedade internacional».

Sorge sorriu e disse-lhe que o seu contributo seria estritamente logístico. O apartamento na residência dos Woidt seria usado como esconderijo, onde ele poderia reunir-se com camaradas revolucionários. Rudi nunca vinha a casa durante o dia. Ursula abriria a porta às visitas, providenciaria bebidas, avisaria se alguém se aproximasse da casa e manter-se-ia afastada. «Só os deixaria usar o espaço, mas não participaria nas discussões.»

Antes de se ir embora, Sorge comentou que, dentro de alguns dias, alguns trabalhadores e estudantes fariam uma manifestação no centro de Xangai. Talvez ela quisesse ir observar o protesto.

Depois, Mr. Johnson foi-se embora. Ursula ainda não

sabia o seu nome verdadeiro.

Alguns dias mais tarde, estava ela parada em Nanking Road, à porta dos grandes armazéns Wing On, com os braços cheios de sacos de compras. Pensou que as compras fariam com que a sua presença ali no dia da manifestação parecesse uma coincidência e também tinha encontrado uma saia de seda muito linda na Wing On, que lhe assentava na perfeição. Multidões de estudantes e trabalhadores marchavam pela rua num protesto silencioso, flanqueados e observados por longas filas de inexpressivos polícias. A tensão era palpável e a atmosfera recordou-lhe a manifestação do Primeiro de Maio de 1924, quando fora agredida por um polícia. Em Xangai, o simples ato de marchar era uma provocadora declaração de rebelião. De repente, a polícia carregou; havia bastões e punhos a voar. Arrastaram um homem para a entrada de uma loja e começaram a espancá-lo sistematicamente. Dúzias de manifestantes foram levados para ruas laterais, onde eram obrigados a entrar em camiões, que ali esperavam, à força de pontapés e murros. Ninguém ofereceu resistência e todos tinham o olhar vazio dos condenados. «Olhei para os rostos de jovens revolucionários cuja sentença de morte fora pronunciada naquele momento e soube — mais não fosse por causa deles — que faria qualquer coisa que me pedissem.» Se eles podiam enfrentar uma morte certa com equanimidade, ela tentaria fazer a mesma coisa.

Enquanto se afastava apressadamente das violentas cenas em Nanking Road com os sacos apertados contra o peito, Ursula não reparou no homem careca, de óculos, que estava parado num canto a observá-la com atenção.

Gerhart Eisler foi uma importante figura na hierarquia comunista alemã, e mais tarde mudar-se-ia para os Estados Unidos, onde se dizia que era o líder secreto do Partido Comunista Americano. Em 1929, após uma estada em Moscovo, foi o agente de ligação entre o Komintern e o

PCC e «expurgava o partido de espiões e dissidentes». Tinha recebido a alcunha de «Carrasco». Naquele dia, Eisler vigiava a mais recente recruta de Sorge, observando as suas reações à manifestação. No mundo onde Ursula acabara de entrar, bisbilhotar os amigos era tão importante como espiar os inimigos. Eisler ficou satisfeito com o que viu. A sua única preocupação foi que Mrs. Hamburger não dava muito o ar de ser uma burguesa. Devia «parecer mais feminina naquelas ocasiões», diria o executor do Komintern, porque, quanto mais feminina parecesse, menos desconfiariam dela. Eisler tinha opiniões fortes no que dizia respeito ao vestuário dos espiões: «Ela devia pelo menos usar um chapéu.»

Um padrão de encontros clandestinos foi rapidamente estabelecido. Richard Sorge combinava uma hora para ir lá a casa quando Rudi e os Woidt estivessem fora. Era sempre o primeiro a chegar, seguido, a intervalos irregulares, pelos seus «convidados», normalmente chineses e de vez em quando europeus cujos nomes nunca eram referidos. Algumas horas depois, saíam, sempre em momentos desfasados. Ursula não fazia perguntas. Não dizia a Agnes quando havia uma reunião planeada. Se os criados ou os vizinhos reparavam que o mesmo atraente cavalheiro fazia visitas frequentes durante a tarde à senhora que vivia no apartamento do último andar, o facto é que nunca diziam nada. Assim era a Xangai da década de 1930.

Ursula sabia que Richard Sorge era um espião soviético, mas não de que tipo, nem conhecia a verdadeira natureza do regime que serviam. A causa da revolução e os interesses militares da URSS eram indistinguíveis na sua mente: o que beneficiava Moscovo também promovia o avanço do comunismo. «Eu sabia que as minhas atividades eram úteis para os camaradas do país onde vivia. Se esta solidariedade prática era uma iniciativa da União

Soviética, tanto melhor.»

Ursula confiava em Sorge, mas era reservada na sua presença, e não apenas por saber que ele era amante de Agnes. Depois das reuniões, Sorge deixava-se ficar durante alguns minutos, claramente para meter conversa. Atrás do encanto, Ursula percebia uma «tristeza nele». «Havia dias em que — em contraste com a habitual vitalidade, humor e ironia — ele se mostrava alheado e deprimido.» Ursula tentava parecer formal. «O desejo de não parecer curiosa deixou-me insegura para falar com o Richard.» Sorge ficava perturbado com a sua atitude. Numa ocasião, quando estava parado na entrada com o chapéu na mão, ela disse-lhe: «Tem de sair.»

«Está a correr comigo?», perguntou-lhe Sorge com uma expressão magoada, pois não estava acostumado a que as mulheres o mandassem embora.

Feliz, próspero e encantado com a perspetiva da paternidade, Rudi não imaginava que a mulher fazia parte de uma rede de espionagem soviética e que a sua casa estava a ser usada como um local de encontro de espões. Adorava a sua jovem mulher grávida («O Rudi diz que sou o seu limoeiro», disse Ursula à mãe, «porque dou flor e fruto ao mesmo tempo»). Ele apreciava a vida de expatriado e ocupava-se a desenhar fatos para o festival anual no clube alemão e a produzir uma peça com a sociedade de teatro amador. O trabalho no Conselho Municipal de Xangai era absorvente: Rudi elaborou os planos para uma residência de enfermeiras, a seguir projetou uma incineradora e mais tarde uma escola feminina e uma prisão. Agnes Smedley pediu-lhe para decorar o seu novo apartamento na Route de Grouchy, na Concessão Francesa. À parte, Rudi criou um negócio, *The Modern Home*, e começou a construir elegante mobiliário *art déco* para os residentes estrangeiros de Xangai.

Rudi gostou de conhecer os novos amigos de Ursula,

Richard Johnson (como lhe foi apresentado) e Agnes Smedley, se bem que sentisse que as opiniões políticas dos dois eram muito mais à esquerda que as suas, pois continuava a rejeitar o comunismo. Rudi, um culto liberal de classe média-alta com tendências de esquerda, estava determinado na sua moderação na mesma medida em que Ursula defendia o seu radicalismo. «Eu percebo que o sistema capitalista está podre e corrupto», diria à mulher.

*

Defendo a liberdade e a igualdade de todas as raças. A Rússia interessa-me e admiro-a, embora rejeite algumas das coisas que acontecem lá. Tu sabes que o comunismo é a coisa certa para ti. No meu caso, é diferente. Excetuando o que sofro por ser judeu, vivo em harmonia com o meu meio ambiente. O humanismo, a cultura burguesa e a arte alemãs são muito importantes para mim. Apesar de condenar uma grande parte do capitalismo, e de ver que está a desmoronar-se, sou um pacifista. Odeio a destruição e fujo dela. Gosto de conservar. Só não consigo aceitar uma visão do mundo na sua totalidade, preciso de pensar nisso pedaço a pedaço e de ter a liberdade de decidir quais são os aspetos que posso aceitar e os que rejeito.

*

Uma noite, durante o jantar, Ursula comentou com falso desinteresse que gostaria de trabalhar para o movimento comunista clandestino chinês. Rudi ficou horrorizado e incaracteristicamente zangado. «Estou a tentar estabelecer-me num novo país», disse-lhe em tom brusco. «Sou responsável pelo filho que esperamos. Se te envolveres, não conseguirás suportar a crueldade e a brutalidade a que os comunistas são sujeitos. Não pareces fazer ideia do que o filho que trazes no ventre significará para ti.» Tinham namorado durante três anos e eram marido e mulher há um. Rudi considerava a vitalidade e a certeza de Ursula atraentes e profundamente alarmantes. A sua raiva refletia uma consciência cada vez maior de que alguma coisa que não conseguia controlar se

intrometia entre ambos. Ursula decidiu que não podia, nem queria, revelar a verdade sobre as suas atividades clandestinas ao marido, cuja sensata cautela não tinha lugar no seu novo mundo. Ursula empenhara-se no comunismo, mas também estava cada vez mais viciada no perigo, no romantismo do risco, na viciante droga do segredo. «Eu participava na luta de resistência, mas o meu companheiro mais íntimo alertou-me contra a ideia e manteve-se à margem.»

Estava lançada a teia de enganos no seio do casamento.

Ursula vivia uma vida dupla: uma vida monótona, obediente e confortável como mulher de um funcionário colonial, e outra com Sorge, Smedley e os seus colaboradores comunistas, uma existência empolgante de encontros secretos, camaradagem e estímulo intelectual. Visitava com frequência a romancista Ding Ling, cujo conto *Miss Sophia's Diary* tinha causado sensação três anos antes com a radical descrição de uma jovem chinesa que rejeita a castradora conformidade da sua educação. A exemplo de *Daughter of Earth* de Smedley, a história era dolorosamente autobiográfica, escrita numa época em que Ding Ling se sentia «infeliz, bebia muito, desencorajada com a tragédia nacional de contrarrevolução política e cansada da sua vida pobre, por vezes miserável, em quartos de pensões». Ela estava na lista negra de perigosos subversivos do governo e o marido, o tímido e puro poeta Hu Yepin, também.

Ursula já não se sentia sozinha e escreveu para a família: «Quanto a amigos — muito à parte, e acima de todos os outros — há a Agnes.» Ajudava Smedley a traduzir os seus artigos para o *Frankfurter Zeitung*. As duas mulheres viam filmes de Buster Keaton juntas e Agnes apresentou-a às formas mais exóticas da comida chinesa: lulas, caracóis e barbatana de tubarão. «Não sabem muito mal», disse Ursula. «Mas é preciso ganhar

coragem.»

A amizade com Agnes Smedley era estimulante mas exigente. As mudanças bruscas de humor da mulher mais velha eram abruptas e violentas. Quando estava embriagada, Smedley costumava dançar descontroladamente, muitas vezes em lugares públicos. Por vezes, ficava na cama durante dias seguidos. «Agnes tinha qualidades notáveis», escreveria Ursula mais tarde. «Ao mesmo tempo, era emocionalmente instável. Embora fosse muito divertida, contagiando toda a gente com o seu sentido de humor, estava muitas vezes deprimida e entregava-se a uma melancolia que lhe afetava a saúde. Se se sentia sozinha, eu ia visitá-la. Se se sentia deprimida, telefonava-me às três da manhã e eu levantava-me para estar com ela.» De vez em quando, discutiam. Agnes era cáustica em relação ao casamento, aos homens e à maternidade. Se Ursula a contrariava, a mulher mais velha respondia com uma enorme fúria antes de sair intempestivamente. «Passadas algumas horas, telefonava como se nada tivesse acontecido e eu ficava contente por voltarmos a ser amigas.» Quando Agnes estava deprimida, Ursula ficava em sua casa, deixando Rudi sozinho: «Tenho dormido no apartamento da Agnes», escreveu. «Ela sente-se melhor quando está lá alguém à noite.»

Para Ursula, aqueles foram dias de extraordinária excitação, ansiosa antecipação à medida que o nascimento se aproximava, e considerável perigo. O governo do KMT intensificou a sua campanha de erradicação comunista, auxiliado pelo submundo do crime de Xangai. Num acordo secreto, o generalíssimo nomeou Du Yuesheng, «Du Orelhas Grandes», o chefe do Bando Verde que controlava o comércio de ópio na cidade, para ser o «principal agente de supressão do comunismo de Xangai». O gabinete chinês de Segurança Pública (PSB) perseguia implacavelmente comunistas, estrangeiros e chineses,

muitas vezes com a ajuda das autoridades britânicas e francesas, renunciando à detenção a favor da tortura, intimidação e homicídio. Uma comunista, uma rara sobrevivente, descreveu o que lhe aconteceu quando esteve presa no quartel-general do PSB em Longhua. Primeiro foi espancada de forma metódica por dois guardas, sem que lhe tivessem dirigido sequer uma palavra. A seguir, aplicaram-lhe o «banco do tigre», uma técnica de tortura em que os ligamentos atrás do joelho são puxados até a vítima desmaiar. «Este lugar é o alto-comando para massacrar pessoas», escreveu. «Eles têm o poder de matar quem quiserem, por isso é muito frequente ouvirmos os tiros quando os prisioneiros são executados não muito longe.»

Como era americana, Agnes tinha alguma proteção legal e poderia pedir ajuda ao cônsul americano se os chineses a prendessem. Porém, sendo cidadãos alemães, Ursula e Sorge não tinham quaisquer direitos legais extraterritoriais. E o cônsul-geral fascista Heinrich von Collenberg-Bödigheim seria a última pessoa a auxiliar dois espiões comunistas. Se fossem apanhados, estariam à mercê da polícia secreta chinesa.

O inspetor Patrick T. Givens, conhecido por Tom, era o principal caçador de espiões da Concessão Internacional, pois a administração britânica também considerava que o comunismo era uma perigosa ameaça. Um «encantador irlandês de Tipperary», com um bigode militar e um grande repertório de anedotas ordinárias, Givens tinha entrado para a Polícia Municipal de Xangai em 1907 e subira na hierarquia até se tornar o chefe do Special Branch, a unidade policial responsável pela segurança e pelos serviços secretos. A missão de Givens era detetar comunistas na sua jurisdição e denunciá-los aos chineses. Quando se reformou em 1936, recebeu uma medalha de honra e um louvor do presidente da Câmara de Xangai, referindo que «no cumprimento dos seus deveres,

encontrou provas contra comunistas e trabalhou frequentemente em estreita colaboração com o PSB». Como um comentador referiu, Givens era um carrasco: «Caçar comunistas e possíveis “vermelhos” e trazê-los à justiça foi, na grande maioria dos casos, sinónimo de morte.»

Givens seria caricaturado como o chefe da polícia «J. M. Dawson» no livro de banda desenhada de Tintim, *O Lótus Azul*, onde é descrito por Hergé como um ganancioso e corrupto traficante de armas. Dawson tenta que Tintim seja espancado por guardas prisionais, afirmando que o jovem repórter não tem documentos que lhe permitam estar na Concessão Internacional. Depois, tenta matá-lo colocando uma bomba no seu avião.

Na realidade, o jovial inspetor Givens era incorruptível e implacável. Sabia que havia comunistas subversivos a operar na sua área, apoiados por agitadores estrangeiros e financiados pela União Soviética, e o seu objetivo era exterminá-los.

No dia 17 de janeiro de 1931, Givens recebeu um aviso de que 36 comunistas, incluindo cinco jovens líderes da Liga de Escritores de Esquerda, estavam reunidos no Hotel Eastern. O Special Branch invadiu o local, prendeu o grupo e entregou-os ao PSB. Entre os detidos estava Hu Yepin, o gentil poeta casado com Ding Ling. A notícia das detenções espalhou-se depressa no submundo comunista. Só muitos anos depois é que se soube que provavelmente o Special Branch terá sido alertado por Wang Ming, o novo líder do PCC, que considerava que a liga era uma fachada para «camaradas dissidentes» e queria que fossem liquidados. Como aconteceu muitas vezes na história do comunismo, o derramamento de sangue não veio de forças externas, mas através de violentas lutas internas. Ding Ling ficou desesperada, mas não podia fazer nada para exercer pressão para a libertação do

marido. No dia 7 de fevereiro de 1931, 23 dos comunistas presos, incluindo três mulheres, foram executados no quartel-general do PSB em Longhua. Dizia-se que Hu Yepin fora enterrado vivo.

Ursula teve pouco tempo para chorar por eles ou para se preocupar com a possibilidade de Hu, sob tortura, a ter identificado a ela ou a outros membros do grupo. Cinco dias após as execuções, as águas rebentaram e ela foi levada de urgência para o hospital alemão Paulun na Concessão Internacional. Chegou a gemer de dor, o que levou a parteira, «que parecia uma nazi», a esticar o dedo e pregar-lhe um raspanete antissemitico: «Tem de ser forte, como uma boa alemã.» No dia 12 de fevereiro de 1931, Ursula deu à luz um rapaz, a quem puseram o nome de Michael, em honra de Michael Gold, o americano marxista que ela conhecera em Nova Iorque três anos antes.

«Estou nas nuvens com este filho e surpreendida ao pensar como me rendi a ele», escreveu a Jürgen alguns dias depois de dar à luz. «Só penso no bebé e tudo gira à sua volta.» Quando Misha, como ela lhe chamava, tinha 11 dias, escreveu de novo para casa, mas desta vez apenas metade da carta abordava questões relativas ao filho, enquanto o resto era sobre o novo plano quinquenal soviético e os textos do líder comunista Karl Radek. À noite, lia *Alimentar e Cuidar do Recém-Nascido*, mas também, «para equilibrar», o romance *The Volga Flows into the Caspian Sea* de Boris Pilnyak, um hino de louvor à industrialização forçada na União Soviética. A tensão entre as exigências da política e da maternidade começou no dia em que Ursula foi mãe e manteve-se até ao fim da vida.

Rudi ficou instantaneamente perdido de amores pelo filho. Os novos pais apresentaram com orgulho Michael aos amigos. Agnes foi simpática, mas Ursula notou a

«tristeza» da amiga, que não tinha filhos. «Sacrifiquei a maternidade pela luta», comentaria Agnes mordazmente. Arthur Gimson, o comissário das Obras Públicas, enviou alguns sacos de adubo para os felicitar. Chen Hansheng trouxe presentes de nascimento tradicionais chineses e «interessou-se muito» pelo bebê.

Uma das primeiras visitas foi Richard Sorge. Ursula sentiu de novo a atração contraditória do trabalho clandestino e do instinto maternal, «em parte embaraçada por estar envolvida em coisas tão privadas como ter bebês e em parte orgulhosa do meu pequeno filho». Sorge trouxe-lhe flores. «Levei-o até ao berço do bebê», escreveu Ursula. «Ele inclinou-se, puxou suavemente a colcha com a mão e ficou a olhar em silêncio para o bebê durante muito tempo.» Na implacável perspectiva pragmática de Sorge, o pequeno Misha representava uma complicação, mas também tinha potencial para se tornar uma mais-valia. Era um disfarce ideal. Quem desconfiaria que uma jovem mãe que acabara de ter o seu primeiro filho também era uma espia?

Quando Sonya Dança

No dia 1 de abril de 1931, Rudi e Ursula Hamburger mudaram-se para uma casa numa alameda de plátanos que atravessava o centro da Concessão Francesa. O número 1464 da Avenue Joffre era uma moradia isolada de dois andares, arrendada a uma empresa britânica e afastada da estrada atrás de um grande jardim.

Depois de nove meses em Xangai, o casal estava ansioso para criar raízes. O apartamento dos Woidt era demasiado pequeno para uma família a crescer. «Durante a estação quente, com pequenas divisões diretamente sob o telhado, não é o sítio ideal para uma criança», escreveria Ursula para a mãe. Mas ela tinha outro motivo para mudar de casa. Com duas ou três reuniões secretas todas as semanas, Sorge necessitava de um lugar mais seguro. Por vezes, Marianne Woidt voltava para casa inesperadamente, e uma vez cruzara-se com ele à porta. E era muito possível que as idas e vindas já tivessem chamado a atenção.

A nova casa na Avenue Joffre era ideal para os encontros secretos. Os empregados (cozinheiro, criado e ama, ou «*amah*») viviam em alojamentos separados do outro lado de um pequeno pátio. «Temos uma visão desimpedida, não há edifícios a bloqueá-la», escreveu Ursula. Era possível ver qualquer pessoa que se aproximasse da casa muito antes de chegar à porta principal. «A casa nova é absolutamente maravilhosa. O Rudi fez um trabalho fantástico com a decoração e tudo é

de um enorme bom gosto. Os jardins têm lindos relvados, flores e algumas árvores altas e antigas. É a primeira vez que vivemos sozinhos e gostamos muitíssimo.» Rudi não fazia ideia dos verdadeiros critérios que tinham determinado a seleção da casa nova.

Os encontros recomeçaram logo, seguindo o mesmo padrão deliberadamente imprevisível. Ursula ficava discretamente de vigia na sala principal ou, se o tempo estivesse quente, no jardim, a cuidar do bebê e atenta ao portão da frente, enquanto, no primeiro andar, Sorge se reunia em sérios conclaves com homens (e, muito raramente, mulheres) cujos nomes Ursula nunca tinha conhecimento.

As cartas de Ursula para a família não traíam a sua vida clandestina. Em vez disso, descrevia com grande pormenor a sua existência quotidiana, as vistas e os cheiros de Xangai, e o seu adorado bebê. «O cabelo do Michael continua ruivo, a boca é parecida com a do avô e os olhos ficam mais inteligentes a cada dia que passa, mas por enquanto o nariz ainda é muito cristão. Ele recebe-nos muitas vezes com o punho erguido como se já fosse um combatente da frente vermelha. Mas não se preocupem, porque, como não sabe falar, ainda não expressou as suas convicções políticas.» De vez em quando, descrevia a assassina violência anticomunista que varria a China. Em algumas zonas, famílias inteiras eram dizimadas. Ursula estava plenamente consciente de que poderia ser a próxima vítima. Com um bebê para cuidar, de repente o risco pareceu-lhe incomensuravelmente maior. Mais tarde, escreveria: «Tinha de me manter sempre atenta para o caso de alguém estar a vigiar a casa ou a vigiar-me a mim.» Antes e depois das reuniões com os camaradas, mantinha as ruas sob discreta vigilância.

«Aqui, o pavoroso Terror Branco é avassalador», escreveu Agnes Smedley ao escritor americano Upton Sinclair. Durante os quatro anos de derramamento de

sangue que se seguiram ao Massacre de Xangai, pelo menos 300 mil pessoas pereceram. Pessoas suspeitas de ser comunistas eram presas às centenas, ou simplesmente raptadas e assassinadas pelos *gangsters* de Du. «Só voltaram uns quantos das prisões», escreveu Ursula. «A maioria nem sequer chegou lá: foram fuzilados, espancados até à morte, enterrados vivos ou decapitados. Em cidades da província, as suas cabeças eram empaladas em estacas e expostas às portas da cidade para intimidar o povo (...) é evidente que as potências estrangeiras apoiavam fortemente Chiang Kai-shek na sua campanha de supressão “vermelha” em larga escala. Vi fotografias horrendas, autênticas.» Porém, os próprios comunistas também eram capazes de uma surpreendente brutalidade, sobretudo quando se tratava de alguém suspeito de traição.

Gu Shunzhang, antigo mágico profissional, experiente assassino e chefe da Brigada Vermelha comunista, a chamada «Esquadra dos Cães Assassinos», tinha a responsabilidade de perseguir traidores do partido e assassinar membros da polícia secreta do KMT. Em abril de 1931, foi detido pelo PSB e aceitou colaborar para salvar a vida. «Um dicionário vivo» de membros do partido, revelou as identidades de inúmeros comunistas, que na sua grande maioria foram apanhados e executados. Os membros do partido que sobreviveram esconderam-se em diversos esconderijos em Xangai. Mas não sem antes se vingarem. Zhou Enlai, o comunista de maior antiguidade que ficou em Xangai e que seria o primeiro presidente do Conselho da República Popular da China, mandou raptar, assassinar e enterrar num jardim da Concessão Francesa, não muito longe da casa nova de Ursula, trinta membros da família de Gu. Apenas o seu filho de 12 anos foi poupado.

Numa linda manhã de verão, quando Michael tinha

quase seis meses, Ursula recebeu um telefonema de Richard Sorge, não para combinar uma reunião, mas com uma proposta muito diferente.

«Queres ir dar um passeio na minha mota?»

Sorge esperava-a nos arredores da cidade, montado numa enorme *Zündap* preta, modelo K500, com um motor de dois cilindros. Mostrou-lhe como pôr os pés nos apoios e disse-lhe para se segurar bem. Em seguida, arrancaram a uma velocidade estonteante. Sorge era um condutor extremamente temerário. Pouco depois, estavam fora da cidade, passando a alta velocidade pelo campo chinês, por arrozais e aldeias. Ursula tinha os braços muito apertados à sua volta. «Encantada com a sua condução louca, pedi-lhe para ir mais depressa.» Sorge acelerou e a mota pareceu levantar voo. Ursula estava num estado de petrificado êxtase.

«Quando parámos», escreveria mais tarde, «eu era uma pessoa diferente. Ri-me, gesticulei e falei sem parar.» A sua ansiedade pareceu evaporar-se. «A detestável vida social de Xangai foi esquecida, e esquecidas foram também as pressões constantes para respeitar a etiqueta, as responsabilidades das atividades clandestinas e as preocupações desnecessárias com o meu filho (...) já não tinha medo.» Muitos anos mais tarde, refletiria: «Talvez ele só tenha combinado aquele passeio para testar a minha coragem. No entanto, se procurava uma forma de estabelecer um melhor contacto entre nós, fez as coisas da maneira certa. Depois daquele passeio de mota, nunca mais me senti inibida.»

Sorge compreendia o poder de sedução de uma mota rápida e Ursula partilhava o seu amor pelo risco. Ele estava sem dúvida a pô-la à prova, se bem que de uma forma que era mais emocional que física. O momento em que Ursula Hamburger e Richard Sorge se tornaram amantes ainda é um mistério. Anos mais tarde, quando foi

questionada sobre a relação com Sorge, Ursula respondeu evasivamente: «Eu não era uma freira.» A maioria das fontes sugere que a sua relação deixou de ser platônica pouco depois daquele empolgante passeio de moto, muito possivelmente naquela mesma tarde, algures no campo chinês perto de Xangai.

Dona de casa e espia, até ao momento Ursula estivera na periferia da rede de Sorge, sendo apenas guardiã de um esconderijo e uma discreta facilitadora que não fazia perguntas. «Eu quase não sabia o que estava a acontecer na minha própria casa.» Graças à recém-adquirida intimidade entre ambos, entrou no círculo íntimo de Sorge e passou a ser sua lugar-tenente de confiança, parceira e confidente na conspiração. «As nossas conversas eram mais profundas», escreveu. Sorge falou-lhe sobre a sua infância em Bacu, sobre as horríveis experiências durante a guerra e a sua convicção de que apenas o comunismo poderia derrotar o flagelo do fascismo. Contou-lhe que tinha uma filha na Rússia, que ele nunca vira, de uma esposa que nunca referira. Não houve um «momento extraordinário» em que Sorge lhe revelou para quem trabalhava, mas ao longo dos meses seguintes tornou-se claro para Ursula que o seu amante era o cérebro de uma vasta operação de serviços secretos coordenada e financiada pelo Exército Vermelho soviético, da qual ela fazia agora parte integrante. A partir de então, quando as reuniões na Avenue Joffre terminavam, ela não mandava Sorge embora.

Sorge apresentou-a aos outros membros da rede. Max Clausen, o seu principal operador de rádio de ondas curtas, tendo deixado a Marinha alemã, construíra um minúsculo transmissor de 7,5 watts, podendo ser escondido num armário, mas suficientemente potente para chegar à estação recetora soviética em Vladivostok. O assistente de Clausen era Josef «Sepp» Weingarten, que tinha a alcunha de «Sóbrio», pois, de costume, estava

sempre embriagado. «Com o cabelo muito louro, faces rosadas, bem-disposto» e extremamente incompetente, Weingarten casara-se com uma russa branca exilada, mas não tivera coragem de lhe dizer que era um espião comunista e vivia aterrorizado com a possibilidade de a sua esposa descobrir. O fotógrafo do grupo, responsável por copiar os documentos para microfilme, era um polaco de 25 anos de Lódz chamado Hirsch Herzberg, que dava pelo nome «Grigor Stronsky», ou Grisha. Ursula ficou impressionada com a sua aparência marcante e modos graves: «Ele tinha cabelo escuro e ondulado, com risco ao lado, a testa brilhava como se tivesse sido encerada, e os olhos eram escuros, encimando umas maçãs do rosto vincadas.» Como disfarce, Herzberg tinha uma loja de fotografia, que Rudi redecorou sem fazer ideia de qual era o seu objetivo oculto. À medida que a vida social e a vida secreta de Ursula se foram misturando, Grisha Herzberg tornou-se uma visita regular na Avenue Joffre. Ursula mergulhou noutra capítulo da história, fazendo breves anotações a respeito deste novo conjunto de personagens. Naquela primavera, Herzberg tirou-lhe uma fotografia a beber café de uma tigela, os olhos espreitando sobre o rebordo. Quando lhe entregou a fotografia revelada, o fotógrafo polaco comentou: «Muito bem apanhada; és tu, sem tirar nem pôr. Podíamos dar-lhe o título de “Retrato de uma Pirata”.» A expressão de Ursula, ao mesmo tempo travessa e complacente, é o olhar de uma corsária comunista.

E depois havia Isa. Ursula sentiu-se instantaneamente atraída por Irene Wiedemeyer (por vezes grafado Weitemeyer), uma judia alemã de Berlim com «sardas na pele muito clara, olhos azul-claros e rebelde cabelo ruivo», que geria a livraria Zeitgeist perto de Soochow Creek. «Tenho de vos falar sobre uma amiga», escreveria Ursula para casa. «Uma jovem que chegou aqui um dia sem amigos nem parentes, mas com caixas cheias de livros (...)

Ela tem vinte e três anos. Audaciosa, não acham?»

A Zeitgeist não era uma banal livraria e «Isa» Wiedemeyer era mais que uma simples corajosa vendedora de livros. Filiada no Partido Comunista Alemão desde a adolescência, Wiedemeyer tinha-se casado com um comunista chinês, estudara na Universidade Sun Yat-sen em Moscovo, em 1926 deixara o marido quando ele se tornara trotskista, perdera a filha bebé com meningite e acabara por ir para Xangai. A livraria era uma filial do grupo Zeitgeist Buchhandlung, de Berlim, uma cadeia de lojas fundada pelo Komintern. A livraria era usada como ponto de entrega e como um local de encontro pelo Komintern, pelo grupo do Quarto Departamento de Sorge, pelo NKVD e por todos os outros ramos dos serviços secretos soviéticos que operavam em Xangai. «As mensagens e informações eram transmitidas aos agentes em folhas de papel enfiadas entre as páginas de determinados livros.» O general Charles Willoughby, o chefe dos serviços secretos militares americanos, descreveria mais tarde a livraria Zeitgeist como «um centro de recrutamento do Quarto Departamento do Exército Vermelho». Comunistas soviéticos e estrangeiros tropeçavam literalmente uns nos outros na loja de Frau Wiedemeyer, que ocupava apenas 5,5 metros por 3,5 metros.

As duas mulheres tornaram-se logo almas gémeas e coconspiradoras. «A Isa era como uma irmã para mim», escreveu Ursula.

Ursula tinha encontrado uma nova família secreta. «Os camaradas tornaram-se os meus melhores amigos», escreveria mais tarde. «Eu era tão protetora com eles como com o meu filho pequeno (...) do mesmo modo que os mais ínfimos sons do meu filho me acordavam a meio da noite, também estava atenta ao menor incidente ou a qualquer irregularidade perto dos meus camaradas.» Sorge começou a fazer uso da disponibilidade dela para

transmitir mensagens entre membros do seu grupo — um «disjuntor», em gíria de espões —, muitas vezes através da livraria. Entrega-lhe notas manuscritas com informações que recolhera em segredo sobre assuntos militares ou económicos e ela datilografava-as. Demasiado longos para serem enviados por rádio, esses documentos, por vezes com centenas de páginas, eram enviados para Moscovo em navios soviéticos.

Atuando como porteira durante os encontros de Sorge, Ursula desenvolveu um conhecimento superficial com alguns dos seus agentes, incluindo uma «frágil jovem chinesa com cabelo curto, complexão pálida e dentes ligeiramente salientes», filha de um general do KMT, que tinha acesso a úteis informações militares. Dois dos homens que compareciam na Avenue Joffre, jovens e educados, eram funcionários do Governo e trabalhavam para o Instituto de Ciências Sociais. Ela conhecia-os apenas como Chen e Wang. Ofereceram-se para lhe ensinar mandarim. Sorge concordou que a aprendizagem da língua poderia ser um bom disfarce para as frequentes visitas de Chen e Wang lá a casa. Uma linguista nata, Ursula adorou desconstruir aquela língua complexa. Até o nome Hamburger, disse à mãe, podia ser dividido nas suas partes constituintes: «Han-bu-ga: Han = um famoso apelido chinês; Bu = bom artista; Ga = bom carácter. Logo: “um artista de primeira classe com bom carácter da família Han”. Não descreve o Rudi na perfeição? E depois Ursula: Urssu la = “pura como uma orquídea”, que não é nada adequado para mim.»

Um dia, Sorge apareceu com uma mala de viagem cheia de documentos, levou-a para dentro de casa e pediu a Ursula que a escondesse num lugar seguro. Guardou-a num armário embutido, atrás de uma pesada arca à prova de traças, onde tinha a roupa de inverno. Ursula passou a esconder os registos da rede de Sorge e também propaganda comunista impressa e outro material

incriminatório. Algumas semanas depois, Sorge voltou com um pesado baú fechado à chave e dois carregadores chineses para o levarem para o primeiro andar. Ela escondeu-o ao lado da mala de viagem.

Os expatriados cuja companhia Ursula considerara em tempos tão maçadora eram agora valiosas fontes de informação. Instigada por Sorge, começou a prestar mais atenção às conversas no Concordia, à volta da piscina dos Kattwinkel e nos chás de Bernardine Szold-Fritz. Constantin von Ungern-Sternberg e Karl Seebohm podiam ser surpreendentemente indiscretos quando falavam sobre os negócios das suas empresas, a Siemens e a I. G. Farben, empresas alemãs que forneciam tecnologia militar ao Governo chinês. Escutava com atenção as intermináveis palestras políticas do jornalista Plaut, que nunca desconfiou que ela estava a «extrair implacavelmente tudo de dentro dele». Até o cônsul-geral, Heinrich von Collenberg-Bödigheim, gostava de conversar com a atraente jovem esposa do arquiteto municipal. «Não tinha de viver atormentada por ter de fingir que era nazi», escreveu. Em vez disso, desempenhava o papel de uma jovem dona de casa curiosa, inócua e bastante entediada, que gostava de fazer compras e não tinha um único pensamento político na sua bonita cabeça. Sorge encorajou-a a avaliar as informações que conseguia recolher. «Os factos não bastavam para Richard. Se eu era demasiado sucinta, ele perguntava: “E o que pensas sobre isso?”» Quando Ursula voltava com um relato mais completo, ele felicitava-a: «Muito bem, é uma boa análise.» Quase sem perceber que era um treino, Ursula aprendia as técnicas da espionagem: a aparência exterior e a vida secreta escondida, a filtragem de material extemporâneo, a vigilância constante e os trâmites do engano. «A dissimulação tornou-se uma segunda natureza minha», escreveu ela.

Numa determinada noite, à volta da mesa dos

Hamburger, podiam estar reunidos Gimson do Conselho Municipal, Plaut da agência noticiosa Transocean Kuomin Telegraph, Rosie Gräfenberg, a dona do primeiro ponto G a ser descoberto, jornalistas, oficiais do exército, empresários que conheciam do clube, Agnes Smedley e o professor universitário Chen Hansheng. Encorajados pelo vinho servido por Rudi, os convidados falavam livremente, a maioria sem ter consciência de que alguns dos presentes eram espiões, nomeadamente a anfitriã. Richard Sorge era um convidado frequente nesses jantares. Rudi gostava do jornalista alemão, que tivera uma vida difícil e possuía um enorme repertório de anedotas escabrosas e uma grande mota. Enquanto conversava com os seus convidados, Ursula sentia os olhos de Sorge pregados nela do outro lado da mesa e uma erótica cumplicidade passava invisivelmente entre ambos. «Gostava de ver o Richard escutar-me e percebia pela sua expressão se alguma coisa era importante para ele ou não.» Segundo o biógrafo de Sorge, «o relato de Ursula das conversas à mesa começou a aparecer com regularidade nos telegramas que ele enviava para o Centro».

Nas suas mensagens para Moscovo, Sorge atribuiu um nome de código a Ursula: «Sonya.»

Sonya é um nome russo, obviamente, mas também significa «dorminhoca», um nome carinhoso para designar uma pessoa ensonada. Aquele nome de código era um discreto elogio à capacidade de Ursula de se esconder à vista de todos: um «agente adormecido», em gíria dos serviços secretos, é um espião profundamente infiltrado durante muito tempo. Todavia, na década de 1930 em Xangai, as «Sonyas» também eram as prostitutas russas que enchiam a North Sichuan Road e cuja frase de engate era: «Meu príncipe, porr favorr, comprar à pequena Sonya garrafinha vinho?» Havia uma canção popular nos clubes noturnos de Xangai: «Quando Sonya dança ao som de uma canção russa, é impossível não nos perdermos de amor

por ela. Não há mulher mais bela. No seu sangue corre o Volga, vodka e o Cáucaso. Até Vladimir está louco por ela e pousa o seu copo de vodka apenas para ver Sonya...»

O nome de código tinha um significado que apenas Sorge e Ursula compreendiam.

A exemplo de muitos outros espiões, Ursula começava a sentir-se inebriada com as emoções fortes da sua dualidade, com a mistura de perigo e domesticidade, com viver uma vida pública e outra no mais profundo segredo. «Não passava pela cabeça de nenhum dos nossos conhecidos que eu, mãe de um filho pequeno, poderia pôr em perigo a minha família e tudo o que tínhamos conseguido na China estando em contacto com comunistas.» No entanto, o pensamento do que poderia acontecer invadia os seus sonhos. Num desses pesadelos, a polícia arrombava a porta, encontrava provas incriminatórias e levava-lhe o filho. Ursula acordava a tremer, encharcada em suor. Sabia que estava a colocar a família num perigo cada vez maior, mas nem isso chegou para a fazer parar.

Espiar é uma atividade extremamente stressante. Criar uma criança, governar uma casa num país estrangeiro e esconder um caso extraconjugal também é complicado. Ursula tinha de possuir um talento especial para compartimentar as diferentes áreas da sua vida e uma forte resistência psicológica para fazer malabarismos entre as obrigações rivais com o marido e o amante, entre os compromissos sociais burgueses e a subversão comunista, entre o seu bebé e a sua ideologia. «O trabalho clandestino dilacerou profundamente a minha vida pessoal», escreveu. «O Rudi era tão bom e ponderado como sempre, mas eu não podia falar com ele sobre as pessoas que me eram mais próximas nem sobre o trabalho a que dedicava a minha vida.» Sob a dupla pressão da espionagem e da infidelidade, o seu casamento estava a desmoronar-se.

Rudolf Hamburger era amável e crédulo, mas não era nenhum idiota. Devia ter reparado que a mulher estava a passar cada vez mais tempo com os seus amigos de esquerda, com a ruiva Isa e o sombrio Grisha. Insistia com ele para que convidasse altos funcionários para jantar. O súbito entusiasmo de Ursula por socializar com pessoas que antes detestava pareceu-lhe estranho? Perguntava a si mesmo porque é que Johnson, o atraente jornalista alemão com nome inglês, estava presente em quase todos os jantares que organizavam lá em casa? Desconfiava que a mulher tinha outros compromissos, à tarde, enquanto ele trabalhava no centro de Xangai? Há muitos maridos enganados que, frequentemente sem saberem, são cúmplices. Rudi recusou-se a ver o que era evidente?

Agnes Smedley sabia com toda a certeza o que se passava entre Ursula e Sorge, e não estava nada contente. Agnes era defensora do amor livre, desde que o elemento livre fosse ela. A vertente romântica da sua relação com «Sorgie» já tinha terminado — como ela previra —, mas a descoberta de que a sua jovem protegida se envolvera com o seu ex-amante não estava nos seus planos. «Quando Agnes soube do caso, não reagiu bem.» Em privado, continuava a ser carinhosa com Ursula, mas quando havia outras pessoas presentes, sobretudo Sorge, fazia comentários sarcásticos e aproveitava todas as oportunidades para a humilhar. Troçava do interesse de Ursula por roupa, culinária e festas. Clausen, o operador de rádio, decidiu que Agnes era «uma mulher histérica e pretensiosa». Ao mudar de parceira, Sorge acrescentou um elemento novo e imprevisível a uma mistura sexual e política já de si explosiva.

Uma tarde, chegou à casa da Avenue Joffre acompanhado por um homem corpulento com «uma cabeça redonda, quase careca, olhos pequenos e um sorriso fácil e simpático». Juntaram-se a eles dois chineses, que Ursula nunca vira. Meia hora mais tarde,

Ursula entrou na divisão do primeiro andar segurando um tabuleiro com chá e viu os quatro homens com revólveres na mão. «Também havia armas no baú aberto e espalhadas no tapete»: espingardas, pistolas, metralhadoras e munições. «Os dois camaradas chineses estavam a aprender a desmontar as armas e a montá-las.» Sorge de imediato a mandou sair da sala, mas quisera sem dúvida que ela visse o fornecimento de armas. Aqui estava mais um sinal da sua importância. Havia provas suficientes no armário do seu quarto para os sentenciar a todos à morte. Agora ela era não apenas amante, confidente, correio, secretária, agente secreta e arquivista de Sorge, mas também a guardiã do arsenal do grupo. «Eu era mais útil do que pensava», escreveu ela. E corria um perigo ainda maior.

Perto do fim de junho, Sorge bateu à porta da casa de Ursula sem avisar, transpirado e ansioso. Dois carregadores esperavam ao portão. «Tens de preparar uma mala de viagem para ti e para o Michael», disse-lhe. «Podes ter de sair de Xangai de repente para te esconderes com camaradas no interior.» Deu-lhe a morada de um esconderijo onde ela e o bebé poderiam ficar à espera da exfiltração para o soviete de Jiangxi. Não houve a mais pequena sugestão de que Rudi também iria. Sorge prometeu telefonar com um sinal combinado, se chegasse o momento de fugir. Os carregadores levaram o baú e a mala de viagem com as armas e os documentos para o piso térreo e Sorge saiu rapidamente. Com as mãos trémulas, Ursula preparou uma pequena mala de viagem com fraldas, roupas de bebé, água fervida, leite em pó e uma muda de roupa. À espera de que o telefone tocasse, tentou tranquilizar-se com o pensamento de que como «Richard estava consciente de um perigo específico e tinha organizado uma forma de escapar, a situação não era mais precária que antes». À noite, incapaz de adormecer, ficou deitada ao lado de Rudi, rígida de tensão

e cheia de adrenalina, à espera do sinal para fugir. Enquanto a ama brincava com Michael no jardim, ela manteve-se dentro de casa, sem se afastar muito do telefone. Os soldados descrevem muitas vezes uma sensação de pura excitação quando estão debaixo de fogo. Ursula estava muito assustada. Também se sentia eufórica. Perante a morte, nunca se sentira tão intensamente viva.

Nem era preciso perguntar o que desencadeara a crise: a rede tinha sido comprometida.

Alguns dias antes, no dia 15 de junho de 1931, a Polícia Municipal de Xangai prendera o professor Hilaire Noulens e a sua mulher, Gertrude, na residência do casal em Sichuan Road.

Noulens usava uma desconcertante quantidade de identidades, nacionalidades e ocupações, todas falsas. Identificava-se ora como Paul Christian, Xavier Alois Beuret, Paul Ruegg, Donat Boulanger, Charles Alison, Philippe Louis de Backer, Samuel Herssens, Ferdinand Vandercruyssen, Richard Robinson-Rubens e Dr. W. O'Neil. Consoante as ocasiões, dizia-se belga, suíço e canadiano, professor de Francês e Alemão, aplicador de papel de parede, operário, mecânico e dirigente de sindicatos pacifistas. Para não ficar atrás, Madame Noulens usava por vezes os nomes de Sophie Louise Herbert (nome de solteira Lorent) ou Marie Motte. Noulens era um homem baixo, perspicaz e «extremamente nervoso» de trinta e muitos anos, «sempre a andar de um lado para o outro e a mudar de uma para outra das suas três línguas, aparentemente sem dar por isso».

Embora o inspetor Tom Givens pudesse não saber muito bem *quem* era este irrequieto homenzinho, depressa percebeu *o que* ele era: um importante espião soviético. A pista começara com a detenção em Singapura de um «francês suspeito», Joseph Ducroux, um conhecido correio

do Komintern que viajava com o nome falso de Serge LeFranc. Num papel, Ducroux escrevera uma morada telegráfica — «Hilonoul Xangai» — que pertencia aos misteriosos Noulens. Givens manteve o casal sob vigilância durante uma semana e depois lançou um «raide-relâmpago» a meio da noite. Uma chave no bolso do casaco de Noulens abriu a porta de um apartamento em Nanking Road, onde a polícia encontrou três caixas de aço inoxidável com centenas de documentos, muitos deles em código duplamente encriptado. Um exemplar de *The Three Principles* de Sun Yat-sen, que estava na estante, continha a chave do código. Quando foram desencriptados, os documentos revelaram uma enciclopédia da espionagem soviética em Xangai, incluindo contactos com o PCC. As folhas de pagamentos revelaram «os nomes de correios e agentes de toda a região» e de espiões comunistas infiltrados em todos os cantos da cidade, incluindo, para espanto de Givens, no seio da própria força policial.

O homem que Givens prendera era sem sombra de dúvida «o principal esteio da maquinação comunista subversiva», com seis passaportes «roubados, “pedidos emprestados”, ou habilmente falsificados», uma equipa de nove pessoas, não menos de quinze esconderijos em todo o Extremo Oriente, dez livros de cheques, oito apartados de correio, quatro endereços telegráficos, dois escritórios, uma loja e um enorme orçamento para a prática da atividade de subversão: nos dez meses anteriores, o espião distribuía a astronómica quantia de 82 200 libras por comunistas na China, nos Estados malaios, no Japão, na Birmânia, na Indochina, na Formosa e nas Filipinas. O dinheiro soviético também estava a financiar o Exército Vermelho de Mao na sua guerra contra o governo nacionalista. Aparentemente, os Noulens estavam envolvidos em «todas as fases da atividade comunista» no

Extremo Oriente, sendo «Moscou o centro de controlo».

Noulens era, na realidade, Yakov Matveyevich Rudnik, um judeu ucraniano com um impecável passado revolucionário que participara na tomada do Palácio de Inverno em 1917, antes de começar a trabalhar como agente do Komintern na Crimeia, na Áustria, em França e, por fim, na China. A sua mulher, Tatiana Nikolaevna Moiseenko-Velikaya, era filha de um aristocrata e uma talentosa matemática que deixara o seu cargo na Faculdade de Economia da Universidade de Petrogrado para se tornar espia. O casal chegou a Xangai em março de 1930.

Givens nunca descobriu a verdadeira identidade do homem que estava sob sua custódia, mas achou-se triunfante: «Estes arquivos ofereceram uma oportunidade única de ver a partir do interior, e com incontestável prova documental, o funcionamento de uma organização comunista “ilegal” extremamente sofisticada.»

A detenção de Rudnik foi um rude golpe para a espionagem soviética no Extremo Oriente. O próprio Estaline deu imediatamente ordens ao Komintern para «encerrar todas as vastas operações em Xangai e evacuar o pessoal o mais depressa possível». Os espiões soviéticos começaram a fugir ao anteciparem as detenções em massa. Agnes Smedley partiu para Hong Kong, «saindo tão à pressa que não levou bagagem». Gerhart Eisler, o executor alemão que insistira que Ursula devia usar um chapéu, foi para Berlim. Alguns não escaparam a tempo, ou não tinham para onde ir, e dúzias de comunistas foram presos. A organização do partido em Xangai, que já era frágil, ficou desfeita. Em Hong Kong, a polícia britânica prendeu um jovem cozinheiro indochinês chamado Nguyễn Ái Quốc, filho de um académico confucianista cuja conversão ao comunismo o levava à França, América, China e Grã-Bretanha (onde trabalhou como pasteleiro no

ferry de Newhaven-Dieppe). Como líder do Partido Comunista da Indochina, comunicava regularmente com Noulens e foi condenado a dois anos de prisão pelo tribunal militar de Hong Kong. Após a sua libertação, em 1933, Quôc seria o arquiteto do movimento de independência do Vietname, primeiro-ministro e líder do Vietcongue durante a guerra do Vietname. É mais conhecido como Ho Chi Minh.

Armadas com os documentos de Noulens, as autoridades chinesas apanharam centenas de comunistas no que foi descrito de forma arrepiante pelos britânicos como «aplicação resoluta, atempada e decisiva de medidas repressivas». O movimento comunista urbano na China foi despedaçado, a sua liderança dispersada e os sobreviventes viviam com medo. A polícia secreta passou a cidade a pente fino, invadindo esconderijo atrás de esconderijo. Zhou Enlai fugiu para as montanhas de Jiangxi disfarçado de padre. No início de 1932 restavam apenas dois membros do comité central do PCC em Xangai. Um jornalista estrangeiro (a escrever antes do Holocausto) descreveu o Terror Branco como «sem paralelo na história, exceto, talvez, as invasões e chacinas levadas a cabo pelos Hunos nos séculos IV e V».

Sorge não foi descoberto. Nenhum dos seus agentes estava na folha de pagamentos dos Noulens e a polícia ainda não tinha feito a ligação. Sorge era agora «o único agente sénior dos serviços secretos soviéticos na cidade», com a invejável tarefa de resolver aquela trapalhada e fazer «tudo o que fosse possível para libertar os Rudnik». Ursula, Isa Wiedemeyer, Grisha Herzberg e o resto da equipa de Sorge receberam ordens para estar prontos para partir a todo o momento. Porém, à medida que os dias foram passando sem que fosse dado o sinal de fuga de emergência, Ursula começou a descontrair. A mala de viagem com os documentos e o baú com armas voltaram

para o esconderijo no armário do seu quarto. As reuniões foram retomadas. «A partir daquela altura», escreveu, «mantive uma mala de viagem pronta para o Misha e para mim.»

Ao mudarem repetidamente de identidade, os Rudnik estavam a impedir que as autoridades atingissem os seus fins. É muito difícil processar alguém se não se souber quem a pessoa é na realidade. Entretanto, o «Caso Noulens» tinha-se tornado uma causa famosa a nível internacional, com celebridades, intelectuais, cientistas e escritores com tendências de esquerda a unirem esforços na insistência de que os dois membros do casal acusado não passavam de sindicalistas pacifistas cruelmente perseguidos pelo Governo chinês fascista.

Foi nesta altura que Sorge pediu a Ursula para realizar uma tarefa mais perigosa que tudo o que ela fizera antes. «Escondes um camarada chinês cuja vida está em risco?» Era uma ordem disfarçada de pedido. Também era uma jogada calculada. Seria impossível esconder um fugitivo chinês na casa da Avenue Joffre sem o conhecimento de Rudi. Na verdade, precisariam da sua colaboração ativa. Ursula sabia que Sorge estava a testar a sua determinação e o estado do seu casamento, mas não havia alternativa. «Eu tinha de contar tudo ao Rudi.» Ela não tinha ilusões. Era improvável que ele reagisse bem quando descobrisse que a mulher era uma espia comunista.

Os Espiões Que a Amaram

Desde que viviam em Xangai, Ursula tinha detetado uma pequena, mas clara, mudança nas ideias políticas de Rudi. Como ela, o marido estava horrorizado com o Terror Branco, com a pobreza extrema, com a presunção da burguesia expatriada que enriquecia às custas da miséria chinesa. Além disso, os acontecimentos que se desenrolavam na Alemanha empurravam-no mais para a esquerda. Em dois anos, o Partido Nazi tinha crescido de um grupo quase desfeito de extremistas para a força política mais poderosa no país, combinando táticas de terror com campanhas políticas convencionais reforçadas com propaganda racista, anticomunista e nacionalista. Os camisas-castanhas paramilitares espancavam opositores, organizavam comícios de massas e partiam as montras de lojas cujos proprietários eram judeus, enquanto Hitler andava pelo país a estimular uma fúria antissemita. Nas eleições de julho de 1932, os nazis conseguiriam quase 14 milhões de votos e passariam a ser o maior partido do Reichstag. Perante uma derrota histórica nas eleições, o KPD voltou-se cada vez mais para a violência.

Para Ursula, as perturbadoras notícias da Alemanha foram mais uma prova de que apenas o comunismo poderia resistir à ascensão do fascismo, e, para sua satisfação, Rudi parecia chegar à mesma conclusão: «Ele aproximou-se mais de mim na política», escreveu.

Contudo, havia limites: quando Ursula lhe comunicou que queria esconder um comunista chinês em fuga lá em

casa, Rudi explodiu. «Estás a sobrestimar-te», insistiu, «e não és tão forte como pensas. O risco é demasiado grande para ti e para o Misha.»

Ursula reagiu com igual força. «A tua atitude pode causar a morte de um camarada, e nunca te perdorei isso.»

A discussão continuou acesa, até Rudi ceder um pouco, ou melhor, até perceber que era uma situação que não podia controlar, acabando por aceitar a ideia de acolher o comunista. Então, contra a sua vontade e contra o que lhe ditava o bom senso, tornou-se cúmplice numa conspiração e fazia parte da rede de Sorge. Aquilo poderia ter aproximado mais o casal. Porém, alguma coisa vital tinha-se quebrado.

O convidado secreto chegou na tarde seguinte, um jovem chinês baixo, educado, muito grato e aterrorizado, que não falava uma única palavra de inglês. Hamburger tentou tirar o melhor partido daquela estranha situação: «Quando o nosso convidado começou a viver connosco, o Rudi esforçou-se para o fazer sentir-se em casa e foi amável e simpático com ele até onde a barreira linguística permitia.» O jovem comunista escondia-se no primeiro andar, saindo apenas à noite para passear no jardim. Quando havia convidados para jantar, ficava imóvel na cama, com receio de que os seus movimentos fossem ouvidos no piso térreo. Até os criados ignoravam a sua presença. Passadas duas semanas, foi-se embora, levado para o interior e para a segurança da área do soviete de Jiangxi. A ameaça imediata desapareceu, mas manteve-se uma tensão de cortar à faca. «Ficou claro para mim», escreveria Ursula, «que o nosso casamento não poderia continuar assim durante muito mais tempo.»

As reuniões secretas recomeçaram, mas com menor frequência. Sorge era carinhoso e solícito com Ursula, mas estava preocupado com o caso Noulens e atravessava uma das suas fases de imprudência extrema. Um dia,

embateu com a mota a grande velocidade contra um muro e partiu a perna esquerda. «Que diferença faz mais uma cicatriz?», brincou quando Ursula foi visitá-lo ao hospital. Os Noulens, que aguardavam julgamento na prisão de Nanking, tinham um filho de cinco anos, conhecido como Jimmy. (O seu verdadeiro nome era Dmitri; até os filhos dos espiões têm nomes falsos.) Agnes Smedley voltara para Xangai a fim de coordenar a comissão de defesa do caso Noulens e tornou-se a tutora temporária de Jimmy, um papel que cumpria «enchendo-o de presentes como se ele fosse um pequeno príncipe». Quando Ursula sugeriu que não era boa ideia, Agnes retorquiu com fúria que ela devia levar o menino para a sua casa. Ursula sentiu-se tentada. «Procuraria dar-lhe o afeto materno de que ele precisava e o Misha teria um irmão mais velho.» No entanto, Sorge recusou a ideia, porque estabeleceria um elo direto entre a sua agente e os espiões soviéticos presos. «Significava que eu teria de deixar o trabalho ilegal e nem ele nem eu queríamos isso», escreveu. Mas Agnes queria: depois de a trazer para o mundo da espionagem, agora queria-a fora.

Determinado a estender a esfera de influência soviética no Extremo Oriente, Moscovo aumentou o apoio clandestino ao comunismo chinês. Um novo grupo de agentes soviéticos chegou a Xangai para reconstruir as redes comunistas destruídas pelo fiasco dos Noulens e para «manter o espírito combativo dos membros e simpatizantes do partido». Arthur Ewert, um revolucionário alemão desde a primeira hora, chegou em 1932 e assumiu o cargo de principal agente de ligação do Komintern com o PCC. Veio na companhia da mulher, a polaca Elise Szaborowski, conhecida como «Szabo». Os Ewert teriam um destino trágico: Szabo morreria num campo de concentração alemão e Arthur Ewert, capturado no Brasil, seria torturado até enlouquecer. O homem gordo, careca e sorridente, que Ursula vira mexer em

armas no seu quarto de hóspedes alguns meses antes, revelou que era o coronel Karl Rimm, nome de código «Paul», um estónio veterano do Exército Vermelho e vice de Sorge. Rimm geria um restaurante na Concessão Francesa com a mulher, Luise, uma «roliça e maternal» letã que codificava e decodificava radiogramas para e de Moscovo.

Na orla deste grupo havia mais uma notável figura, um inglês de 27 anos chamado Roger Hollis, menos importante pelo que era em 1932 do que pelo que se tornaria muitos anos mais tarde. Filho de um bispo anglicano, Hollis andara a rondar de volta do comunismo em Oxford antes de desistir do curso e ir para a China como jornalista independente. Mais tarde, começaria a trabalhar na British American Tobacco, uma empresa multinacional cuja fábrica de Xangai fabricava 55 mil milhões de cigarros por ano. Hollis era sociável e socialista, conhecia certamente alguns elementos do grupo de Sorge, incluindo Karl Rimm, e pode ter conhecido o próprio Sorge. Segundo o biógrafo de Sorge, Hollis fazia parte «dos convidados da casa dos Hamburger». Anthony Staples, que dividia o apartamento com Hollis, diria mais tarde que uma americana e um alemão, que se pensa serem Agnes Smedley e o mais recente chefe do Komintern, Arthur Ewert, tinham visitado Hollis na sua casa. Até existem provas de que o inglês teve um caso amoroso de três anos com Luise Rimm, a mulher de Karl. Mais tarde, Ursula afirmaria que não tinha sequer uma vaga recordação de Roger Hollis.

A presença, ou ausência, deste misterioso inglês no círculo de Sorge seria irrelevante se ele não tivesse feito uma importante mudança de carreira quando regressou à Grã-Bretanha depois de ter estado no Extremo Oriente. Em 1938, Hollis entrou para o MI5, os serviços secretos britânicos, e viria a ser o seu diretor-geral com responsabilidade direta pela perseguição de espiões

soviéticos na Grã-Bretanha em plena Guerra Fria. Muitos anos mais tarde, os possíveis laços entre Hollis, Ursula e os seus amigos comunistas dariam origem a uma prejudicial caça interna às toupeiras no seio do MI5, com base na teoria da conspiração não provada, mas persistente, de que Hollis era um espião comunista recrutado em Xangai em 1932.

Os membros da rede de Sorge criaram fortes laços entre si, como acontece sempre com as sociedades secretas. O grupo fazia excursões ao campo chinês, viagens turísticas que também eram uma oportunidade para trabalhos de espionagem. Rudi raramente acompanhava a mulher nestes passeios. «Generoso e bondoso como sempre, ele ficava contente por mim quando eu tinha a oportunidade de sair de Xangai, mesmo que não pudesse acompanhar-me.» Rudi insistia que tinha demasiado trabalho — a empresa de mobiliário Modern Home tinha 20 empregados chineses e uma grande quantidade de encomendas em atraso —, mas a verdade é que ele também se punha à margem, porque não queria envolver-se na comunidade de espiões de Ursula. Há uma marcante fotografia desta época onde Rudi e Ursula estão a dormir ao sol durante um piquenique. Ele tem o braço à sua volta, como se estivesse a tentar agarrá-la. Ela dorme ligeiramente atravessada.

O casal continuou a fazer planos em conjunto. Em maio de 1932, Ursula escreveu aos pais: «O Rudi e eu pensamos cada vez mais que quando este contrato chegar ao fim vamos começar de novo na Rússia. Estou muito confiante de que ambos arranharemos trabalho na R[ússia]. Há uma centena de razões a favor da R[ússia] e contra Xangai — lamentavelmente, nem todas podem ser escritas.» Noutra carta, escreveu: «Vou estudar russo intensivamente aqui nos próximos seis meses e também quero que o Rudi aprenda a língua. Nunca se sabe.» Não explicou que muitos dos seus novos amigos comunistas

falavam russo nem que Sorge a aconselhara a aprender a língua se quisesse continuar a trabalhar para os serviços secretos militares soviéticos no futuro.

Os álbuns de fotografias de Ursula contêm inúmeras imagens da jovem comunista a conviver com os seus amigos espões: Ursula de braços dados com Karl Rimm, costas com costas, a fazer um *balancé*; Agnes Smedley em animada conversa com Chen Hansheng, o professor universitário e agente secreto comunista. Numa ocasião, Ursula e Agnes juntaram-se ao resto do grupo para uma viagem de barco de três dias pelo rio Yangtzé. «A Szabo cozinhou para todos na cozinha do barco-casa (...) e a Agnes contou anedotas.» Sorge incentivava cuidadosamente o espírito de equipa. «Podia ser raro camaradas que trabalhavam ilegalmente encontrarem-se para passeios turísticos como aqueles, mas não era irresponsável», escreveu Ursula. Aos olhos de um observador externo, pareciam um banal grupo de amigos expatriados, uns quantos desconhecidos que se tinham juntado por acaso numa terra estrangeira. Ursula recordaria aqueles dias como «uma coisa muito rara e preciosa». Tinha apenas 25 anos: «Fazia corridas no prado com o Richard [Sorge] e o Paul [Karl Rimm] até cairmos na erva de tanto correr e rir.» O seu gosto pela vida era contagiante. Ela daria sempre muito valor à recordação de um simples jogo de apanhada num campo com os amigos e o seu amante secreto.

Uma noite, no início de 1932, Ursula juntou-se a Sorge, Rimm e Grisha num quarto de hotel no centro de Xangai para acolher outro recém-chegado. «O nosso convidado de olhos e cabelo escuros era um homem cheio de vivacidade que eu nunca tinha visto.» Foi-lhe apresentado como «Fred». O grupo estava embriagado e alegre. Fred contou histórias engraçadas e cantou canções alemãs e russas numa bela voz de barítono. «Ele tinha uma voz linda»,

recordaria Ursula. Dois dias mais tarde, Sorge pediu-lhe que lhe entregasse um tubo de cartão com documentos. Fred convidou-a para ficar e beber um copo. Por motivos que nunca conseguiu explicar, Ursula sentiu-se compelida a confiar naquele homem que mal conhecia e falou-se sobre a alienação política de Rudi e sobre o cumular da tensão no seu casamento por causa do trabalho clandestino. «Acha que devemos separar-nos?», perguntou-lhe. «Fred escutou com paciência e disse-me que se sentia honrado com a minha confiança.» Judiciosamente, não lhe deu qualquer opinião sobre o casamento. Após três horas de intensa conversa, Ursula foi-se embora, já de noite, sentindo-se estranhamente eufórica. Mais tarde, ocorreu-lhe que o simpático Fred estivera a entrevistá-la, «a avaliar a minha aptidão para o trabalho». Mais tarde ainda, descobriria quem ele era.

O verdadeiro nome de Fred era Manfred Stern, um dos heróis do comunismo do século xx e, quase inevitavelmente, uma das suas vítimas. Revolucionário desde a primeira hora, tinha liderado uma unidade de guerrilheiros do Exército Vermelho contra o «Barão Louco», Roman von Ungern-Sternberg, cujo irmão Constantin era um frequentador assíduo do clube alemão em Xangai. Stern alistou-se no Quarto Departamento do Exército Vermelho e foi destacado para Nova Iorque em 1929, onde, a partir de um esconderijo na Rua 57, dirigiu uma rede de espiões que extraíam segredos militares americanos, copiando documentos roubados numa loja de fotografia comprada para esse fim em Greenwich Village e enviando-os para Moscovo. O simpático Fred de voz doce era uma estrela em ascensão da espionagem militar soviética. Estava na China como principal conselheiro militar do PCC e agente de recrutamento para o Centro. Moscovo começava a interessar-se pela agente Sonya.

Naquela altura, Michael começara a dar os primeiros passos e a aprender a falar. «O Misha anda de um lado

para o outro com uma blusa branca e cuecas de linho com flores verdes», escreveu Ursula para a mãe. «Há três semanas que anda sozinho pelo jardim e por todas as divisões da casa, a cheirar todas as flores, a cair, a levantar-se a resmungar, a tentar descer as escadas para o jardim, e rebolar, a gritar como se o estivessem a matar para depois descobrir um passarinho numa árvore e calar-se a meio de um berro. Diz “papá, papá, mamã”, e especialmente “dinheiro-dinheiro-dinheiro”, que, para meu horror, a ama lhe ensinou. Eu compensei isso ensinando-lhe “sujo” — e agora ele entoa sem parar “dinheiro sujo”.»

No dia 28 de janeiro de 1932, forças imperiais japonesas atacaram Xangai. No outono anterior, o Japão tinha invadido a Manchúria, ocupando 1,3 milhões de quilómetros quadrados da China e estabelecendo um governo-fantoches na região que os Japoneses rebatizaram de Manchukuo. A seguir, os militares nipónicos expansionistas voltaram a sua atenção para Xangai, onde o Japão possuía direitos extraterritoriais. Alegando que estava a defender os seus cidadãos contra a agressão chinesa, o Japão reuniu 30 navios, 40 aviões e 7000 soldados à volta da linha de costa de Xangai e depois atacou as zonas chinesas da cidade. O Exército da 19.^a Rota chinês ofereceu forte resistência. O conflito quase não afetou as concessões internacionais, mas alarmou profundamente Moscovo, porque as incursões japonesas na China representavam uma potencial ameaça para a União Soviética. Sorge recebeu ordens para descobrir o que se passava e mandou Ursula Hamburger e Isa Wiedemeyer para a zona de guerra.

«Esta missão, não sem alguns riscos», escreveria Ursula mais tarde, num gritante eufemismo, «era mais adequada para ser levada a cabo por mulheres.» Repararam nas duas estrangeiras, mas deixaram-nas em paz, enquanto deambulavam pelos bairros chineses incendiados e

saqueados. «Há soldados japoneses por toda a parte», informou Ursula. «As ruas estão vazias, com exceção da presença de alguns cadáveres, e os únicos sons que se ouvem no silêncio mortal são as lagartas de pesados veículos blindados do Exército japonês (...) Os pobres ficaram com as casas esventradas, milhões de desempregados e os seus mortos.» Ursula e Isa visitaram soldados chineses feridos no hospital, sondaram o moral das tropas e avaliaram o impacto do ataque japonês. Sorge ficou «pasmado» com a qualidade das informações recolhidas pelas suas espias, que operavam agora como correspondentes de guerra em reportagem na linha da frente. «Também pude dar ao Richard uma imagem precisa da disposição entre os europeus», escreveria Ursula, mais tarde. A luta chegou ao fim passadas algumas semanas com um cessar-fogo intermediado pela Sociedade das Nações, mas não antes de Ursula ter testemunhado uma coisa que lhe abalou a alma.

«Encontrei um bebé morto na rua», escreveu. Ursula pegou no minúsculo cadáver. «Ainda tinha a fralda molhada.» A criança tinha aproximadamente a idade de Michael. Naquele momento, com uma aterradora clareza, apercebeu-se do que estava em causa. Ela podia racionalizar a ação japonesa em termos políticos — «uma lição clara e brutal nos métodos do capitalismo» —, mas também era um aviso do mundo cruel onde se movimentava agora. Se fosse apanhada e executada, a próxima criança morta na rua poderia ser a sua.

Rudi ficou horrorizado, e furioso, com o ataque japonês. «Invadir um país enfraquecido é uma estratégia ultrajante e chocante», escreveu para os pais. «O que estamos a testemunhar aqui é agressão militar ditada unicamente por interesses económicos.» Rudi começava a pensar e a falar como Ursula. «Este período contribuiu fundamentalmente para o Rudi se tornar comunista», escreveria ela mais tarde. O marido estava a voltar-se

para a revolução. Também estava a tentar salvar o casamento. A sua conversão ao comunismo foi um desesperado ato de amor. Contudo, era demasiado tarde. Rudi era carinhoso e encantador, mas nos seus olhos castanho-escuros a única coisa que Ursula via agora era uma vida inteira de casamento convencional. Richard Sorge mostrara-lhe um mundo de excitação, compromisso e perigo. Com Rudi estava confortável e conformada. Mas com Sorge, quer estivesse a andar de mota, em furtivo conclave ou num encontro amoroso secreto, sentia-se viva.

Agnes Smedley trabalhava entretanto numa série de contos passados na China, enquanto usava o seu disfarce de jornalista para passar informações entre Sorge, o Komintern, o PCC e o Centro. Sorge «nomeou-a membro do estado-maior do Komintern». No entanto, ela dizia que os britânicos estavam a persegui-la «como cães ferozes» e o seu comportamento tornou-se cada vez mais errático. Os leitores do *Frankfurt Zeitung* queixaram-se de que os seus artigos eram «parciais». O jornal também recebeu um relatório dos serviços secretos, talvez britânicos, a afirmar que ela estivera numa reunião num teatro com um «grupo de jovens comunistas chineses com quem andou embriagada na pândega e a quem se ofereceu sexualmente». No fim, dizia-se, aparecera «completamente nua no palco, apenas com um chapéu vermelho, e cantara a *Internacional*». O jornal alemão era liberal, mas não a esse ponto. Agnes foi despedida.

No verão de 1932, Agnes e Ursula passaram férias juntas nas montanhas de Kuling, na província de Jiangxi, fora da área controlada pelos comunistas. Como sempre, o lado político e o lado pessoal fundiram-se. A viagem foi uma oportunidade para escapar ao calor do verão de Xangai e reconsolidar a sua amizade, enquanto faziam um pouco de espionagem. O PCC providenciou uma casa de férias. Como as forças de Mao estavam acampadas nas

montanhas próximas, Agnes fazia «entrevistas aos sovietes chineses e aos seus defensores, o Exército Vermelho chinês», escrevia algumas coisas que descobrira para os jornais e transmitia as informações secretas a Moscovo.

À viagem de cinco dias de barco no rio Yangtzé «seguiu-se uma horrível viagem de autocarro até ao sopé da montanha [e] mais três horas por íngremes caminhos numa oscilante cadeirinha». Num primeiro momento, as duas mulheres pareceram recuperar o afeto de outrora. «A Agnes e eu damos longos passeios todas as tardes», escreveu Ursula, «a admirar as lindas paisagens do vale do rio Yangtzé e da cordilheira das montanhas Hubei, onde estão os vermelhos.»

No dia em que Ursula escreveu esta carta para os pais, os Noulens (os seus verdadeiros nomes ainda são desconhecidos das autoridades) foram julgados no Supremo Tribunal de Jiangsu, acusados de «financiar bandidos comunistas, organizar atividades subversivas, traficar armas com os comunistas e conspirar para derrubar a República da China». Alguns dias antes, Sorge encontrou-se com dois correios enviados de Moscovo e cada um deles entregou-lhe mais de 20 mil dólares para subornar as autoridades judiciais chinesas.

Em Kuling, Ursula e Agnes souberam que os Noulens tinham dado início a uma greve de fome. Quando se sentaram para almoçar, Agnes anunciou teatralmente que, por solidariedade, também ela não voltaria a comer até o casal acusado ser libertado.

«Isso não vai ajudar os Noulens», respondeu Ursula causticamente.

Sem uma palavra, Agnes levantou-se e saiu da sala. Ursula pegou em Michael e foram dar um passeio.

Quando voltou para casa, havia uma carta à sua espera em cima da mesa.

«Não posso ficar nestas circunstâncias e voltei para

Xangai», escrevera Agnes. «Estás demasiado concentrada na tua felicidade pessoal e na tua família. Os assuntos particulares desempenham um papel demasiado grande na tua vida. Não tens o que é preciso para ser uma verdadeira revolucionária.»

Ursula ficou profundamente magoada. «Seguramente, a Agnes conhecia-me bastante bem para saber que eu estava preparada para correr qualquer risco. Tenho de mostrar as minhas emoções para as provar? Como pode uma amizade tão forte ter desaparecido assim? Onde é que a Agnes foi buscar aquelas ideias a meu respeito?» Na realidade, a diatribe de Agnes era mais pessoal que política: ela sentia ciúmes da relação de Ursula com Sorge e da sua amizade com Isa, tinha inveja do seu bebé e estava zangada por ela se ter recusado a abandonar a espionagem aceitando a sugestão de adotar o pequeno Jimmy.

Ursula continuou em Kuling, a pensar na amizade acabada. «Foi um rude golpe.» Depois, chegou a notícia de que os Noulens tinham sido condenados à morte, mas a pena fora comutada para prisão perpétua. Ursula atribuiu a Sorge o mérito de lhes poupar a vida ao subornar o juiz. Continuou a repisar as acusações feitas por uma mulher cujas ideias e amizade eram tão importantes para si. «Talvez a Agnes tivesse razão. Eu gostava de viver e as coisas do quotidiano davam-me um enorme prazer. Será que lhes atribuía demasiada importância? Cada fôlego do meu filho era um momento mágico para mim para mim e eu estava determinada a ter mais filhos, apesar de ter consciência de que o meu casamento não sobreviveria aos atuais conflitos.»

Pouco depois, a mágoa deu lugar à fúria. Agnes cometera um erro de julgamento em relação à sua pessoa. Ela era perfeitamente capaz de separar a vida pessoal do dever político. Iria provar-lhe, e ao mundo, que, apesar das exigências da maternidade, tinha aquilo que era

preciso para ser uma verdadeira revolucionária.

De novo em Xangai, descreveu a discussão com Agnes a Sorge. Ele mudou de assunto. «O Richard pareceu encarar tudo como uma discussão que só interessava a mulheres e não evidenciou qualquer desejo de se envolver.» Um mulherengo bastante batido, ele sabia que não devia envolver-se numa discussão entre duas das suas conquistas. (Enquanto Agnes e Ursula se zangavam, ele seduzira uma «linda jovem chinesa» que lhe entregou os projetos de um arsenal militar chinês.) Ursula e Agnes continuaram a encontrar-se de vez em quando, mas a amizade tinha desaparecido, e ambas sabiam.

Smedley iniciara Ursula no mundo da espionagem comunista; o feroz espírito de rebelião da americana inspirara-a. Porém, depois de dois anos de trabalho infiltrado, Ursula estava a tornar-se algo que a volátil e egoísta Agnes nunca seria: uma espia profissional, dedicada e cada vez mais autoconfiante. «Estava constantemente consciente de que poderia ser presa, por isso endureci-me fisicamente para melhorar a minha resistência. Não fumava nem bebia álcool. Dessa forma, não sofreria se fosse de repente privada disso.» A agente Sonya adaptava-se ao seu papel.

Numa manhã de dezembro, Ursula atendeu o telefone e ouviu a voz conhecida do fotógrafo polaco Grisha Herzberg. «Vem ao meu apartamento esta tarde. O Richard quer encontrar-se contigo aqui.» Era um sinal combinado para se preparar para um possível encontro. «Raramente tinha ido à casa do Grisha e sabia que só devia ir se ele voltasse a telefonar.» Ursula esperou uma hora pelo telefonema de confirmação. Não o recebendo, saiu para fazer compras.

Sentados à mesa de jantar dos Hamburger nessa noite estavam Fritz Kuck, um professor e fervoroso nazi, e os irmãos Ernst e Helmut Wilhelm, um deles arquiteto e o outro académico, acompanhados pelas respectivas

mulheres. O jantar foi atroz, com convidados «pouco faladores e maçadores» e sem verdadeiras oportunidades para recolher informações secretas úteis. Kuck mostrava laboriosamente diapositivos das suas expedições ao interior e Ursula tinha entrado num transe de tédio quando o telefone tocou na sala ao lado.

Pegou no auscultador. O momento ficaria gravado na sua memória. Havia uma fotografia emoldurada da sua casa de infância em Schlachtensee na mesa ao lado do telefone. Da sala de jantar chegava-lhe o murmúrio das conversas.

«Esta tarde, esperei duas horas por ti», disse-lhe Richard Sorge. «Queria despedir-me.»

Ursula sentiu a sala oscilar. Sentou-se pesadamente na cadeira.

«Ainda estás aí?» A voz de Sorge ouviu-se mal no auscultador, que estava pendurado na sua mão.

«Sim», respondeu Ursula. «Sim, estou aqui.»

Sorge explicou-lhe rapidamente que ia partir no dia seguinte. Fora chamado a Moscovo. Disse-lhe que não havia motivo para alarme, mas que não voltaria para a China. O Centro queria-o noutro lado.

«Quero agradecer-te por cuidares sempre tão bem de mim e de todos os outros. Isto é apenas o início para ti. Há muitas mais coisas à tua frente. Tens de me prometer que te vais manter firme. Mas por enquanto... muitas, muitas felicidades e adeus.» E desligou.

Ursula não se conseguiu mexer. Ficou a olhar apaticamente para a parede. Grisha esquecera-se de fazer o segundo telefonema, um simples erro do ofício. «Não conseguia assimilar que o Richard se tinha ido embora de vez. Nunca mais se sentaria nesta cadeira para conversar, para me ouvir, para me aconselhar, para se rir comigo.» Richard tinha partido e ela nem sequer encontrara palavras para se despedir.

«Em que tinha eu estado a pensar? Só agora é que

percebia o quanto ele significava para mim?»

Ursula nunca mais voltaria a ver Richard Sorge. Talvez a sua relação romântica já estivesse terminada, mas para Ursula nunca acabaria verdadeiramente.

Voltou para junto dos seus pavorosos convidados. Ninguém reparou que ela tinha o coração partido.

*

Com Sorge longe, a amizade com Agnes Smedley acabada e o casamento com Rudi num estado de discreta crise, Ursula sucumbiu a um acesso de saudades de casa. Karl Rimm assumiu as responsabilidades de Sorge. Era um eficaz coordenador de espiões cuja compleição gorducha e modos sonolentos escondiam «a força e a paixão de um revolucionário». Contudo, não possuía a bravata do seu antecessor. Ursula sentia muitas saudades de Sorge. Sem ele, Xangai parecia ter perdido todo o encanto e o colorido. «Agora, queremos uma casa nova», escreveu para os pais. «Sinto uma enorme solidariedade com o povo chinês. Já me sinto um quarto asiática. Se sair deste país, sei que nunca o esquecerei.» Inquieta, fez planos para regressar à Alemanha na primavera e apresentar Michael à família. O clima quente e húmido estava a afetar os pulmões do bebé e o médico alemão aconselhara-a a levá-lo de férias para a Europa. Algum tempo longe de Rudi seria bom para ambos.

No entanto, as notícias vindas da Alemanha eram chocantes.

O Partido Nazi crescia rapidamente e a violência entre fascistas e comunistas atingia o clímax. No dia 30 de janeiro de 1933, Hitler prestou juramento como chanceler e deu início a uma campanha de violência e terror brutal nunca antes vistos. Um mês mais tarde, na sequência do incêndio no Reichstag, suspendeu as liberdades civis sob o pretexto de evitar um golpe de estado comunista e iniciou um «implacável confronto» com o KPD. Os nazis

prenderam milhares de comunistas, fecharam a sede do partido e proibiram as manifestações. A maioria dos líderes do KPD foi detida, embora alguns tenham escapado para o exílio na União Soviética. A em tempos poderosa organização em que Ursula se filiara foi obrigada a entrar na clandestinidade e os membros que tinham sobrevivido eram perseguidos e viviam aterrorizados. A Lei de Concessão de Plenos Poderes, aprovada em março, deu a Hitler o poder de governar por decreto. A ditadura nazi tinha começado e os abalos do terramoto político reverberaram até à China. A livraria Zeitgeist fechou abruptamente quando os fundos que vinham da Alemanha deixaram de chegar. Até o otimismo de Ursula vacilou. «Não conseguia compreender como é que a classe trabalhadora alemã podia permitir que os fascistas tomassem o poder», escreveu.

Na Alemanha, muitos ainda não percebiam a iminência da catástrofe. A comissão diretiva da Organização Central de Judeus Alemães declarou que «ninguém se atreveria a tocar nos nossos direitos constitucionais». Robert Kuczynski não tinha tanta certeza. Nunca tinha sido comunista, mas, sendo ele um influente académico judeu de esquerda, era um homem marcado. Jürgen Kuczynski corria um perigo ainda maior. Depois de voltar dos Estados Unidos com Marguerite, filiara-se no KPD em 1930. Desde então, escrevera para diversas publicações comunistas e até visitara a União Soviética integrado numa delegação oficial do KPD. No dia 27 de fevereiro, enquanto ia a pé para os escritórios do *Rote Fahne*, encontrou um amigo que lhe disse que a Gestapo se preparava para fazer um raide ao jornal a qualquer momento. Jürgen foi-se embora, evitando a prisão, e uma morte quase certa, por uma questão de minutos.

«Estamos horrorizados com os desenvolvimentos na Alemanha», escreveu Ursula para casa. «Apenas uma

parte do que está a acontecer chega aos jornais aqui. Sinto uma grande tristeza, que me deixa sem palavras, mas imploramos-vos que escrevam o mais que puderem.»

Em março, um bando da Gestapo de uniformes pretos bateu aos portões da casa de Schlachtensee e exigiu falar com Robert Kuczynski. Olga Muth disse-lhes que ele não estava. Anunciaram que voltariam mais tarde. Robert escondeu-se imediatamente, primeiro em casa de amigos e mais tarde num manicómio. Os sogros de Ursula, Max e Else Hamburger, possuíam um chalé de férias em Grenzbauden, uma pitoresca aldeia do outro lado das montanhas Riesengebirge que separavam a Silésia alemã da Checoslováquia. Os Hamburger já se tinham refugiado lá e aceitaram acolher Robert até ele conseguir ir para a Grã-Bretanha ou para a América, onde tinha amigos na comunidade académica. Em abril, atravessou a fronteira para a Checoslováquia. Descrevendo-o como «uma lealdade quase cega na liderança», Jürgen permaneceu na Alemanha, juntou-se à clandestinidade comunista e continuou a escrever intermináveis textos para uma série de publicações secretas do partido. Até Ernst Thälmann, o líder do KPD agora na clandestinidade, considerava a prolixidade de Jürgen um pouco cansativa: «Demasiadas “crises cíclicas” e não bastantes tampas de sanita partidas», diria ao jovem estaticista. Berta pousou os pincéis e nunca mais voltaria a pegar neles. Ela e as filhas mais novas fecharam-se na velha casa de família e esperaram.

Ursula sabia que seria suicida voltar para Berlim, agora que o pai era um homem procurado, que o antisemitismo se espalhava pela Alemanha como um agressivo vírus e que os seus camaradas estavam presos, mortos ou em fuga. O seu nome estava na lista de comunistas subversivos da Gestapo. Refugiados da violência nazi começavam a chegar a Xangai. A sua viagem teria de ser adiada. «A suástica flutua sobre o consulado», disse à mãe

e às irmãs.

Enquanto a Gestapo procurava Robert e Jürgen Kuczynski, o incansável Tom Givens da Polícia Municipal de Xangai aproximava-se da rede de espiões soviéticos. Com base nas «confissões» de comunistas capturados, o detetive irlandês tinha elaborado uma lista de estrangeiros que se suspeitava que fossem espiões comunistas. Richard Sorge constava dessa lista. Agnes Smedley também. Pouco depois de Sorge partir para Moscovo, Agnes também foi para a União Soviética.

E Ursula segui-los-ia em breve.

Pardal

O general Yan Karlovich Berzin, o chefe do Quarto Departamento do Exército Vermelho, estava satisfeito com Richard Sorge. O espião que tinha o nome de código «Ramsay» fizera tudo o que lhe fora pedido, e mais ainda: criara uma eficaz teia de agentes, controlara com sucesso as repercussões do caso Noulens e sobrevivera três anos incólume em Xangai, excetuando por uma perna partida.

O general Berzin sabia tudo acerca de sobrevivência. Filho de um agricultor letão, Berzin tinha comandado um destacamento de guerrilheiros revolucionários contra as tropas do czar e fugira duas vezes de campos de prisioneiros na Sibéria antes de se juntar ao Exército Vermelho. Durante o Terror Vermelho de Lenine, instigou o fuzilamento sistemático de reféns como um eficaz método de subjugação e em 1920 foi nomeado diretor do Quarto Departamento do Exército Vermelho, a primeira agência soviética de serviços secretos militares. Berzin era um homem encantador, eloquente, ambicioso e surpreendentemente brutal, um brilhante organizador com olhos de lobo e um sorriso glacial, tendo criado uma rede global de espiões «ilegais» que trabalhavam sob disfarce em todas as grandes capitais do mundo. O Quarto Departamento exigia fidelidade total, que recompensava muitas vezes com extrema deslealdade: se um oficial ou agente cometia um erro, se uma rede era comprometida, os espiões estavam por sua conta; para qualquer pessoa suspeita de traição, o

castigo era rápido e letal. Segundo um antigo agente, «a crueldade do Centro» diferenciava-o de todas as outras agências de serviços secretos. «Era completamente implacável. Não tinha qualquer sentido de honra, obrigação ou decência para com os seus funcionários. Eles eram usados enquanto tinham algum préstimo e depois abandonados sem qualquer escrúpulo ou compensação.»

Berzin interrogou pessoalmente Sorge no seu gabinete no número 19 da Rua Bolshoi Znamensky, a inócua sede de dois andares do Centro a algumas centenas de metros do Kremlin, e escutou com atenção enquanto o agente Ramsay descrevia os subagentes da sua rede em Xangai: o jornalista japonês Hotsumi Ozaki, o académico chinês Chen Hansheng e a radical de cabelos ruivos Irene Wiedemeyer. Sorge disse que Agnes Smedley fizera um «excelente trabalho». E havia a dona de casa alemã Ursula Hamburger, uma agente com um futuro especialmente promissor. Manfred Stern também tinha elogiado a recruta de Sorge. Berzin gostou da descrição da agente Sonya.

Uma semana mais tarde, em Xangai, Ursula foi convocada para uma reunião com Grisha Herzberg e Karl Rimm, o sucessor de Sorge. Tinha chegado uma mensagem do Centro, que era ao mesmo tempo um convite, uma sugestão e uma ordem. «Estarias disposta a fazer um estágio em Moscovo?», perguntou-lhe Rimm. «Durará pelo menos seis meses. E não há garantia de que no fim voltes para Xangai.»

A mensagem de despedida de Sorge — «Isto é apenas o início para ti» — ficou clara. Ele teria «feito um relatório completo ao departamento de serviços secretos do Exército Vermelho» e recomendara-a para um treino mais aprofundado. Era lisonjeiro, mas com certeza impraticável. «E o Michael?», perguntou ela.

«Uma condição para aceites esta proposta é que tens de o deixar noutra sítio», declarou Rimm

terminantemente. «Não podes correr o risco de o levar para a União Soviética, porque é provável que ele aprenda a falar russo lá.» Havia uma lógica elementar, mas cruel, naquelas palavras. Depois do estágio em Moscovo, ela teria de voltar à vida civil sem que soubessem onde estivera. Michael estava a aprender a falar línguas muito depressa: alemão com os pais e *pidgin*, a língua híbrida chinesa-inglesa falada por muitos chineses urbanos, com a ama. Se a criança falasse nem que fossem algumas palavras de russo, o segredo seria revelado.

Ursula nunca tivera de tomar uma decisão tão dolorosa: na verdade, estavam a pedir-lhe que escolhesse entre o filho e a vocação ideológica, entre a família e a espionagem.

«Nunca me ocorreu o pensamento de desistir do meu trabalho», escreveria mais tarde. Como uma religiosa fanática, ela tinha encontrado uma fé única e inquebrantável à volta da qual poderia fazer girar a sua vida. A ascensão de Hitler, a agressão japonesa crescente e a chacina continuada de comunistas chineses tinham reforçado a sua determinação de lutar contra o fascismo. Um estágio realçaria a sua dedicação. E talvez voltasse a ver Richard Sorge. Os regulamentos do Centro determinavam quais os agentes e funcionários que estavam proibidos de estabelecer contacto uns com os outros quando destacados em diferentes locais. Ursula não poderia escrever-lhe, nem ele a ela. Contudo, era possível que ainda estivesse na Rússia. Muito antes da partida de Sorge de Xangai, Ursula sentira que os seus olhos inquietos tinham pousado alhures. Sabia que era provável que não a tivesse amado, nem a nenhuma das mulheres com que se tivesse relacionado. Todavia, queria vê-lo mais uma vez. Ambição, ideologia, aventura, romance e política combinaram-se para a ajudar a tomar uma decisão: iria para Moscovo, a capital da revolução

comunista. «A minha decisão foi tomada sem hesitar», escreveu Ursula. Mas para onde iria Michael? Berlim estava fora de questão. Deixá-lo em Xangai não era uma opção, pois fora avisada de que talvez não regressasse. Após uma longa conversa com Rudi, concordaram que Michael passaria os próximos seis meses com os avós paternos no chalé na Checoslováquia, com a ostensiva justificação de que «uma mudança de clima» lhe faria bem. Deixar Rudi em Xangai não provocaria comentários, porque «era muito comum os estrangeiros que viviam na China mandarem as mulheres e os filhos para a Europa durante longos períodos». Rudi acreditava que o casamento poderia ser salvo. O seu próprio empenho no comunismo ia crescendo. Se o departamento de serviços secretos soviéticos queria que Ursula fosse para Moscovo, ele não a impediria (e provavelmente não conseguiria impedi-la). Misha seria muito bem tratado pelos avós, e quando o treino na Rússia terminasse, Ursula iria buscar o filho, a família reunir-se-ia e poderiam começar de novo. Era a esperança de Rudi. Quando chegou o momento da despedida, abraçou o filho com força até a criança conseguir soltar-se.

A separação do filho de dois anos deixaria uma cicatriz permanente em Ursula, embora ela tenha defendido aquela difícil decisão até ao fim da vida. No entanto, nunca se perdoou.

No dia 18 de maio de 1933, Ursula e Michael embarcaram num cargueiro norueguês rumo a Vladivostok. Pouco antes de o navio recolher a âncora, Grisha apareceu com um grande baú fechado à chave com documentos para ser entregue no Centro. Durante a longa viagem, ela cantou canções de embalar ao filho e contou-lhe histórias. Passavam horas a interagir com um canário que vivia numa gaiola no convés. «A ideia da separação deixava-me com um nó no estômago», escreveu. O tempo estava quente e o cheiro da carga de madeira enchia o ar.

«O Misha ficará sob os amorosos cuidados da avó», dizia a si mesma. «O ar da montanha será ideal para ele.»

Nas docas de Vladivostok, foram recebidos por um oficial da Marinha russa e escoltados para o comboio de Moscovo. Na primeira noite que passaram na pequena carruagem-cama, Michael mostrou-se inquieto, perturbado com o barulho dos carris. «Deitei-me ao seu lado no beliche até ele adormecer nos meus braços e apercebi-me uma vez mais de como seria difícil separar-me do meu filho.» Nove dias mais tarde, chegaram a Moscovo e entregaram o baú aos funcionários que os esperavam antes de embarcarem noutra comboio para a Checoslováquia e apanharem um táxi para a pequena aldeia de Grenzbauden.

Max e Else Hamburger, que tinham fixado residência na Checoslováquia, receberam calorosamente mãe e filho. Robert Kuczynski saíra do chalé vários meses antes e estava em Inglaterra. «Disse aos pais do Rudi que estávamos a pensar ir viver para a União Soviética», escreveu Ursula. Explicou-lhes que ia passar vários meses em Moscovo, a explorar as possibilidades. Os Hamburger «não ficaram muito satisfeitos com o plano», mas aceitaram cuidar do neto enquanto fosse necessário.

A mãe de Ursula chegou de Berlim alguns dias mais tarde.

Para Berta Kuczynski devia ter sido uma ocasião feliz, um reencontro há muito aguardado com a filha mais velha e o primeiro neto. Mas a pobre mulher estava muito transtornada. Depois da fuga de Robert, os nazis tinham intensificado a perseguição. A Gestapo voltou a Schlachtensee exigindo saber para onde fora Kuczynski. A casa de Jürgen também foi invadida e revistada. O líder do KPD, Ernst Thälmann, foi capturado em casa de um homem chamado Hans Kluczynski e a semelhança dos apelidos teve o condão de voltar a apontar o foco da atenção para a família Kuczynski — a ortografia nunca foi

um ponto forte da Gestapo. O próprio Jürgen foi detido, mas seria libertado após duas horas de interrogatório. Em segredo, começou a contrabandear a biblioteca da família para fora do país: cerca de dois terços dos 50 mil volumes seriam salvos. Jürgen e Marguerite viviam por aquela altura uma vida clandestina, constantemente com medo de ser detidos.

Em maio, os nazis fizeram fogueiras públicas com literatura «judia e marxista», incluindo obras subversivas como *Daughter of Earth* de Agnes Smedley. Todos os livros da Biblioteca de Empréstimo dos Trabalhadores Marxistas, que tinha sido criada por Ursula em 1929, foram incinerados. O seu amigo Gabo Lewin, que assumira as funções de bibliotecário, foi espancado e preso. Pouco depois, Berta Kuczynski também fez uma fogueira com livros. A fiel Olga Muth ficou ao lado da fornalha da caldeira na cave, a atirar livros e documentos esquerdistas para o lume enquanto o resto da família levava para baixo tudo o que os nazis poderiam considerar incriminatório, incluindo muitos dos papéis de Ursula. Quando chegou o momento de destruir os manuscritos de Robert Kuczynski, ouviram Ollo balbuciar, furiosa: «Eles chamam a si mesmos Partido dos Trabalhadores e tudo o que o vosso pai escreveu foi para melhorar a vida dos operários.» Passados alguns dias, a Gestapo reapareceu em força, e desta vez esquadrinharam a casa. «Eles entraram sem pedir licença», recordaria Brigitte. «Ainda estávamos deitadas e tivemos de nos pôr rapidamente apresentáveis e descer para uma sala onde nos mandaram sentar enquanto faziam a revista.» Ollo manteve-se de pé, «calma e controlada», com os braços cruzados sobre o peito. Antes de saírem, frustrados, um oficial da Gestapo virou-se e disse bruscamente: «Ainda vamos apanhá-la.» Ursula passara a fazer parte da lista de procurados, juntamente com Robert e Jürgen. Estava na hora de sair

dali. Berta pôs a casa de família à venda e preparou-se para fugir.

A mulher que apareceu no chalé em Grenzbauden era uma sombra pálida e prematuramente envelhecida da glamorosa mãe que Ursula deixara três anos antes. Berta quase não reparou no neto. «Já não conseguia gostar de nada», escreveu Ursula. Passadas algumas horas, anunciou que ia voltar para Berlim.

Michael, que tinha dois anos, percebeu a atmosfera tensa. «Ele começou a chorar amargamente e não parava de repetir: “Mamã, fica com o Misha, por favor, mamã, fica com o Misha.”» Consciente de que seria incapaz de se controlar se tivesse de se despedir, Ursula fez a mala ao amanhecer, abraçou Max e Else e foi-se embora a chorar em silêncio enquanto o filho dormia.

Os funcionários da estação de Moscovo receberam-na como «Sonya». Foi a primeira vez que ouviu o nome de código que lhe fora atribuído por Richard Sorge e recordou-se imediatamente da canção que era cantada nos bares de Xangai. O nome trouxe-lhe uma catadupa de recordações do homem da mota. «Talvez tenha gostado do nome por causa disso», escreveria mais tarde. «Parecia uma última homenagem feita por ele.»

O carro que a esperava foi para sul e subiu as colinas Lenine, a baixa cordilheira arborizada na margem direita do rio Moscvá que ficava voltada para a cidade. Perto da aldeia de Vorobyevo, um nome derivado da palavra russa «pardal», pararam junto aos portões de um grande complexo de edifícios rodeados por uma dupla vedação metálica e patrulhado por polícias militares armados e cães de guarda. Era a «Oitava Base Desportiva Internacional» e também, secretamente, o «Laboratório de Formação de Rádio do Comissariado de Defesa do Povo». Com o pouco imaginativo nome de código «Pardal», era o domínio de Jakob Mirov-Abramov, o coordenador de espiões do Komintern que recrutara

Agnes Smedley em 1926 e era agora diretor de comunicações dos serviços secretos soviéticos.

A escola de espiões Pardal estava equipada com laboratórios, oficinas e a mais recente tecnologia de rádio. O último andar era uma cúpula emissora com dois transmissores (500 e 250 watts) e um potente recetor *Telefunken*. Aqui, cerca de oitenta estagiários escolhidos a dedo, de todas as nacionalidades e de ambos os sexos, estudavam a arte das operações clandestinas de rádio de ondas curtas: construir transmissores e recetores, montar e esconder equipamento de rádio e codificar e decodificar mensagens em código Morse. Os alunos também aprendiam línguas, história e geografia, eram doutrinados no marxismo-leninismo e treinavam combate com e sem armas, sabotagem, fabrico e manuseamento de explosivos, vigilância e contravigilância, e todas as arcanas técnicas de espionagem, incluindo «caixas postais», contactos «de raspão» e disfarces. Antes de serem colocados por esse mundo fora, os alunos formados na escola de espiões eram submetidos a um «árduo treino num campo desportivo militar», um curso tão exigente a nível físico que a seguir eram «mandados para um sanatório na Crimeia para recuperar».

Mirov-Abramov era um «camarada simpático, competente e leal», mas também um indivíduo autoritário e um obsessivo génio técnico que exigia dedicação e obediência total ao punhado de pessoas que seleccionava para o estágio. Um dos seus colegas escreveu:

*

Os candidatos eram aprovados por Mirov-Abramov depois de um cuidadoso escrutínio. Ele era um excelente psicólogo. Convidava o candidato ou a candidata para o seu gabinete e perguntava-lhe se estava disponível para participar ativamente na luta contra Hitler e o fascismo. Após diversas conversas, Mirov-Abramov pedia ao candidato para assinar as regras escritas para aquele estágio, comprometendo-se a servir sem reservas o sistema soviético de espionagem. Os candidatos

selecionados eram pessoas jovens e inteligentes, com uma aptidão especial para línguas ou questões técnicas. Os candidatos inadequados eram eliminados por avaliações contínuas. Os estagiários tinham de mudar de nome e prometer que nunca revelariam a sua verdadeira identidade, nem sequer aos colegas. Durante o treino, tinham de quebrar todos os laços com os amigos, nunca podiam sair da escola sozinhos e não era permitido tirar fotografias nem conversar sobre a escola e o seu programa. A traição de segredos era punida com a morte.

*

Ursula passou nas entrevistas com Mirov-Abramov, assinou o contrato e jurou lealdade, sob pena de morte, aos serviços secretos soviéticos.

Porque é que Ursula fez aquilo? Ela era uma mulher casada (se bem que infeliz) e mãe, judia, dada à leitura e afetuosa, uma culta mulher de classe média que apreciava os simples prazeres de fazer compras, cozinhar e criar um filho. Num mundo em guerra, pessoas como ela fugiam para lugares seguros, mas Ursula virou de forma deliberada no sentido oposto, correndo em direção ao perigo, comprazendo-se com os riscos. Embora fosse extrovertida e direta por natureza, doravante a sua existência seria moldada por um intenso secretismo e dissimulação, escondendo a verdade das pessoas que amava e das pessoas que detestava. A espionagem soviética era um trabalho para a vida e, não raramente, para a morte. Ursula pensava na sua vida como se tivesse sido determinada de antemão e descreveu as escolhas que fez como a consequência lógica de uma convicção política. Porém, a ideologia não era o único fator em causa. No plano psicológico, a espionagem oferecia-lhe uma oportunidade para provar que era igual ao seu irmão preferido, uma interveniente nos assuntos mundiais como o pai, uma revolucionária mais eficaz que Agnes Smedley. A escola de espiões ofereceu-lhe a educação que ela nunca tivera e o romance que está inerente ao estatuto de membro de uma elite secreta. A vida com Rudi oferecia-

lhe segurança e certeza. Ela não queria nada disso.

Espiar também é uma atividade extremamente viciante. Quando uma pessoa toma contacto com ela, é difícil renunciar à droga do poder secreto. Ursula observara os tagarelas e inconsequentes expatriados de Xangai e sabia que era uma pessoa diferente deles, com uma existência secreta. Enfrentara um perigo extremo, para si e para a sua família, e saíra incólume. A sobrevivência contra todas as probabilidades proporciona elevadas doses de adrenalina e uma sensação de se estar destinado a grandes feitos. Por fim, a espionagem é um trabalho da imaginação, uma vontade de se transportar, e a outras pessoas, do mundo real para um mundo artificial, de parecer um tipo de pessoa no exterior, mas ser outro ser humano secreto no interior. Desde criança que Ursula usara a imaginação fértil nos seus escritos para explorar uma realidade alternativa, sempre no centro de todos os dramas. Agora que era uma agente treinada dos serviços secretos teria a oportunidade de escrever a sua aventura nas páginas da história.

Ursula tornou-se espia para servir o proletariado e a revolução; mas também foi impulsionada pela extraordinária combinação de ambição, romance e aventura que fervilhavam dentro de si.

O «grupo estrangeiro» de estagiários incluía mais dois alemães, um checo, um grego, um polaco e «Kate», uma atraente francesa com cerca de 30 anos «muito inteligente e empática», que se tornaria sua colega de quarto e amiga. Filha de um estivador francês, o seu verdadeiro nome era Renée Marceau. (Mais tarde, com um passaporte britânico falso com o nome de «Martha Sunshine», iria para Espanha com a missão de assassinar o general Franco, o líder nacionalista espanhol. A maquinação falhou, mas ela conseguiu fugir e foi condecorada com a Ordem de Lenine.) Os recrutas vinham de mundos inteiramente diferentes, e Ursula

achava-os fascinantes. Viviam juntos num grande edifício de tijolos vermelhos no complexo da escola, rodeado de pomares de cerejeiras.

Ursula dedicou-se de corpo e alma ao treino: «A única coisa que tínhamos de fazer era aprender.» Seguindo as instruções de um antigo operador de rádio da marinha, treinou a montagem de um transmissor com peças à venda em lojas civis de eletrónica e aprendeu a enviar mensagens codificadas. Tendo aulas todos os dias, o seu russo melhorou rapidamente. Com alguma surpresa, dominou sem dificuldade as técnicas, aprendendo a construir transmissores, recetores, retificadores e medidores de frequência. Ursula ficou encantada quando ao grupo se juntou Sepp «Sóbrio» Weingarten, o bebedolas operador de rádio de Sorge que tinha sido mandado vir de Xangai para um muito necessário curso de reciclagem. (A mulher, que o acompanhara, tinha por fim percebido que ele era um espião comunista. E estava furiosa.) A comida no complexo era excelente. «Desabrochei: as minhas bochechas ficaram mais redondas e mais rosadas, e pela primeira vez na vida pesei mais de 63 quilos.»

Aos fins de semana, Ursula ia passear com Renée, acompanhadas por um educado, mas atento, guarda. As duas mulheres passavam horas a caminhar pelas ruas. «Adorava o frio do inverno de Moscovo», escreveu Ursula. Fez discretas perguntas aos seus instrutores sobre o paradeiro de Sorge e só a informaram de que ele partira noutra missão. Não lhe disseram para onde; Ursula também não perguntou. As regras eram claras: agentes e oficiais podiam confraternizar em Moscovo e quando estavam destacados juntos, mas qualquer contacto noutras ocasiões era estritamente proibido. Sorge estava no Japão, a lançar os alicerces da sua nova proeza de espionagem. O amante de Ursula tinha avançado, a nível emocional e geográfico. A espionagem soviética juntara-

os, e agora mantinha-os separados. Ursula perguntou a si mesma se voltaria a vê-lo e o pensamento provocou-lhe um aperto no coração.

Uma tarde, as recordações de Sorge voltaram em força quando, no elevador do hotel Novaya Moskovskaya, sentiu um toque no ombro e ao virar-se viu uma sorridente Agnes Smedley. «Caímos nos braços uma da outra», escreveria Ursula. Agnes estava a preparar-se para voltar para a China. Ursula pensou que o encontro tinha sido fortuito; na verdade, é quase certo que Agnes recebeu ordens para «se cruzar por acaso» com a amiga e avaliar o seu progresso. Sem surpresa, a amizade de ambas nunca mais se renovou, mas foram juntas visitar Mikhail Borodin, o antigo conselheiro de Sun Yat-sen que era agora o editor do jornal em língua inglesa *Moscow News*. No outono de 1933, ela e Agnes receberam cada uma o seu bilhete para as celebrações da Revolução de Outubro na Praça Vermelha. Num impressionante aparato de força soviética, um exército de atletas marchou sob o aprovador olhar de Estaline, com raquetes de ténis, barcos, bandeiras e bolas de futebol no que ficou conhecido como a «Parada das Cem Mil Camisolas sem Mangas». Por intermédio de Agnes, Ursula foi apresentada a outros comunistas estrangeiros, incluindo o húngaro Lajos Magyar, redator do jornal oficial *Pravda*, e Wang Ming, o chefe da delegação chinesa no Komintern, que, sem que Ursula soubesse, quase de certeza enviara Hu Yepin, o marido de Ding Ling, para a morte em 1931. «Era raro os alunos da nossa escola conhecerem tantas pessoas fora do grupo», escreveu Ursula. Ela estava a ser ingénua, talvez deliberadamente: Agnes espiava-a e, ao ser apresentada a importantes comunistas estrangeiros, a sua lealdade estava a ser reforçada, as suas reações eram observadas e avaliavam-na. Ursula estava a ser ensinada, mas também vigiada.

Encontrava-se mais ocupada, estimulada e saudável que nunca. Mas também era constantemente torturada por saudades do pequeno filho. Percebeu que quase não sentia a falta de Rudi, mas a separação de Michael era uma agonia e piorava a cada dia que passava. Apenas Renée estava consciente da sua dor e do seu sentimento de culpa. Ela dava por si a seguir grupos de crianças «apenas para ouvir as suas vozes alegres». «As saudades constantes que sentia dele atraíam-me para todas as crianças que via. Quando parava diante das montras de lojas e via os carrinhos parados à porta, compreendia como é que havia mulheres capazes de roubar crianças, apenas para as vestir, alimentar e ouvi-las palrar.» O terceiro aniversário de Michael passou. Mãe e filho estavam separados há sete meses. Ursula tinha consciência de que «nunca poderia recuperar aqueles meses perdidos». Michael crescia a olhos visto a mais de 1600 quilómetros de distância enquanto ela construía transmissores de rádio num campo vigiado e fazia amizade com pessoas cujos verdadeiros nomes não conhecia. O seu dever enquanto mãe era estar com Michael, mas o seu outro dever sobrepunha-se. Por vezes, chorava a meio da noite. Todavia, nunca pensou em desistir.

Uma semana depois do aniversário perdido de Michael, Ursula foi chamada ao Centro na Rua Bolshoi Znamensky. Um major elogiou-a pelo seu progresso e em seguida informou-a abruptamente: «Em breve vai ser mandada para outro lado: para Mukden, na Manchúria.»

A região do Nordeste da China e da Mongólia Interior conhecida como Manchúria tinha sido invadida pelos japoneses em 1931, que a rebatizaram com o nome de Manchukuo e instalaram um governo-fantoches pró-japoneses. Os ocupantes combatiam a resistência generalizada chinesa de milícias de cidadãos, irmandades de camponeses, gangues de foragidos e exércitos de

guerrilheiros com nomes como Sociedade das Grandes Espadas e Sociedade da Lança Vermelha. A mais vigorosa insurgência tinha sido criada pela rede comunista clandestina apoiada pela União Soviética — que via a expansão do poder japonês na China como uma ameaça. A tarefa de Ursula na cidade de Mukden (a atual Shenyang) seria fazer a ligação com os guerrilheiros comunistas, fornecer-lhes ajuda material e transmitir informações secretas militares e outras para Moscovo via rádio. «A situação política na Manchúria era muito interessante», escreveria ela mais tarde com estudada indiferença. «E Mukden era um centro nevrálgico.» Também era espetacularmente perigosa. As autoridades de Xangai tinham exterminado milhares de rebeldes comunistas, mas o Kempeitai, ou polícia secreta militar japonesa, estava numa liga diferente: tratava-se de uma força brutal, racista e extremamente eficaz. Era uma missão importante, um sinal de como subira na consideração dos seus chefes espiões, mas também era uma missão à qual poderia não sobreviver. Ursula fora designada para o posto de capitão do Exército Vermelho, embora ninguém a tenha informado da promoção, nem lhe tenham dito que tinha uma patente.

«Aceitei essa tarefa surpreendente sem hesitar», escreveria mais tarde. No entanto, a declaração seguinte do major deixou-a estupefacta.

«Não vais trabalhar lá sozinha. Um camarada com a responsabilidade total pela missão irá contigo. O teu conhecimento da China é importante para ele. Preferia mandar-vos para lá como um casal.»

Ursula ficou momentaneamente sem fala.

«Não te mostres tão chocada. O Ernst é um bom camarada, de 29 anos, e vocês vão dar-se bem.»

«Isso está fora de questão», protestou ela. «O Rudi e eu somos muito conhecidos em Xangai e as pessoas que vivem lá vão muitas vezes a Mukden. Oficialmente, estou a

passar uma temporada na Europa, por isso não posso aparecer de repente com um passaporte falso e um marido diferente. É totalmente irrealista, a não ser que me divorciasse do Rudi, e isso demoraria algum tempo.»

Ainda não estava preparada para se divorciar. Além disso, não sabia muito bem se gostava da ideia de um falso casamento.

«E se não nos dermos bem? Vamos ficar juntos durante muito tempo no isolamento da clandestinidade.»

O major sorriu: «O trabalho é vital. Espera até o conheceres.»

No dia seguinte, recebeu instruções para a missão na Manchúria do coronel Gaik Lazarevich Tumanyan, o chefe da secção asiática. Tumanyan era um arménio «com um rosto comprido e magro, cabelo escuro encaracolado e olhos escuros», um bolchevique veterano que subira na hierarquia do Exército Vermelho apesar de ter uma alma bondosa e uma natureza gentil. «Tums» passara vários anos a trabalhar na China e sabia precisamente o que estava a pedir a Ursula. «Depressa percebi que estava a lidar com um homem inteligente, um especialista na sua área, que confiava em mim», escreveria ela.

Tumanyan cumprimentou-a com um grande sorriso: «A ideia do casamento foi posta de parte», disse, «por muito lamentável que isso seja para o camarada em questão.» A sua gargalhada foi contagiante.

O coronel explicou-lhe que ela deveria regressar a Xangai para ver Rudi. Ela dissera-lhe que estariam separados durante seis meses e já se tinham passado sete. Quando chegasse a Xangai, arranjaría um trabalho adequado em Mukden como disfarce e depois iria para a Manchúria com o novo colega. Informou-a de que Ernst era um marinheiro oriundo de um meio operário e um experiente técnico de rádio.

Ursula tinha mais uma pergunta. «Ele sabe que tenho um filho? Alguém pensou no bebé?»

Tumanyan sorriu de novo: «É melhor seres tu a contar-lhe.»

Passados alguns dias, Ursula viu um chapéu de pele para criança na montra de uma loja e comprou-o sem hesitar. «Na Manchúria, os invernos são frios e este chapéu serviria ao menino. Imaginei-o a usá-lo sobre o cabelo louro, olhos azuis e pele macia.»

Mais tarde nesse mesmo dia, esperou numa sala vazia e sem aquecimento no Centro pela chegada do camarada que seria o seu novo parceiro de espionagem. Perguntou a si mesma se era o frio ou a ansiedade que faziam os seus dentes bater.

Por fim, um homem alto e magro, com os ombros largos de alguém que estava acostumado a trabalho pesado, entrou na divisão. «Apertámos rapidamente as mãos. Senti os meus dedos frios na sua mão quente e observei o cabelo louro e a grande testa franzida, demasiado grande para o rosto, as fortes e proeminentes maçãs do rosto, os olhos azul-esverdeados com pálpebras estreitas.»

Os dois avaliaram-se durante alguns instantes.

«Estás a tremer», disse ele. «Tens frio?»

«Antes de eu poder responder, ele despiu o casaco e colocou-o sobre os meus ombros. O casaco chegava quase ao chão e era muito pesado, mas por dentro senti-me mais leve.»

O verdadeiro nome de Ernst era Johann Patra. Marinheiro de 34 anos da cidade portuária de Klaipėda, era lituano por nascimento, alemão na língua e nos modos e comunista por inabalável convicção. Extremamente inteligente, mas sem instrução, falava alemão, lituano, russo e inglês, embora tivesse dificuldade para ler em qualquer língua. No fim da década de 1920, o jovem marinheiro tinha sido descoberto por um oficial búlgaro caçador de talentos dos serviços secretos russos e começara a fazer pequenos trabalhos para o Komintern como correio nas viagens que fazia entre Hamburgo, Riga

e outros portos. Em 1932, levaram-no para Moscovo para ser treinado, primeiro em sabotagem e mais tarde como operador de rádio.

A primeira conversa de Ursula com o seu novo chefe foi exceccionalmente estranha. Patra falava em monossílabos e quis saber se ela sabia operar um transmissor ilegal. «Depressa se tornou claro que ele sabia mais sobre transmissões do que eu.»

Continuavam de pé.

Após mais um longo silêncio, ele perguntou: «O chapéu que estás a apertar nas mãos é pequeno para ti, não é? Acho que não te serve.»

«Não é para mim, é para o meu filho.»

Patra olhou-a, surpreendido. «Tens um filho?»

«Sim. O Michael tem três anos e vou levá-lo comigo. Tens algum problema com isso?»

Ela já decidira: «Não deixaria que fôssemos separados de novo, a não ser que estivesse envolvida numa revolução ou na luta armada dos guerrilheiros. Se ele se recusasse a aceitar o menino, eu não iria.» Até tinha preparado um discurso: «Se pensas que um filho compromete a minha independência e a minha capacidade de trabalho, que por ser mãe tenho menos probabilidade de aguentar os perigos, então temos de falar com o chefe para ele te arranjar uma parceira diferente.»

Esperou.

De repente, Patra sorriu pela primeira vez.

«Porque é que me oporia ao teu filho?», disse. «Afinal de contas, a revolução precisa das gerações mais novas.»

Ursula sentiu uma onda de alívio.

Uma semana mais tarde, foi levada à presença do general Yan Berzin, «bem barbeado, com olhos inteligentes e de aparência jovem, mas com cabelo grisalho, abrupto e muito profissional». Berzin mandou-a ir ter com Patra a Praga, e depois ir buscar o filho e dirigir-se para sul, para Trieste, na costa do Adriático.

Entregou-lhe dois bilhetes para um transatlântico italiano com destino a Xangai. Quando encontrasse Patra a bordo, devia fingir que era a primeira vez que se viam. Tinha de parecer que estavam a ter um caso amoroso e depois iriam juntos para a Manchúria. «Se não se vão casar, pelo menos finjam que estão juntos», disse a Ursula. «É a melhor maneira de tornares a tua situação na Manchúria credível. Ele vai fazer-se passar por um empresário e terás de o apoiar nesse papel.»

Ali estava uma história que poderia ter sido escrita por ela: um encontro fortuito, um impulsivo romance a bordo de um navio e uma fuga do domicílio conjugal.

A bordo do *Conte Verde*

Numa manhã extremamente fria de março de 1934, Ursula saiu do Hotel Blue Star em Praga e foi encontrar-se com Johann Patra. Ao longo do rio Moldava, escreveu, «os ramos nus das árvores estavam cobertos de gelo e nuvens brumosas pairavam sobre o rio e subiam para o azul, onde se tornavam transparentes e fragmentadas como um véu muito frágil». O entusiasmo de Ursula era moderado por uma opressiva ansiedade. No dia seguinte iria buscar Michael a casa dos avós após sete meses de separação. Lembrar-se-ia dela? Depois havia Patra, o seu oficial superior, o seu novo parceiro, um homem atraente mas inescrutável. «E se, apesar de toda a boa vontade do mundo, não nos adaptarmos um ao outro?» Ursula nem sempre era uma pessoa fácil com quem viver e estava plenamente consciente disso. «Até algumas pessoas simpáticas me irritam a tal ponto que não consigo suportar a ideia de passar mais uma hora com elas, sobretudo as pessoas sem sentido de humor e as que são maçadoras e pouco sensíveis. Por outro lado, talvez haja pessoas que me consideram irritante.» No primeiro encontro com Patra, quando ele a envolvera no seu casaco, sentira uma mensagem subtil, um ligeiro sinal de tensão. Talvez Patra tivesse dúvidas em relação a trabalhar com uma mulher. «É essencial que ele saiba que tem uma parceira dura, que fará a sua parte do trabalho, aconteça o que acontecer», refletiu. Mas tê-lo-ia desencorajado ao ser demasiado «franca e dura»?

Avistou Patra sentado num canto do café perto do mercado, estranhamente sério, com os seus ombros largos e cabelo louro. Estava debruçado sobre um jornal, muito concentrado, com um dedo a marcar as palavras na página.

Enquanto ensaiavam os pormenores da missão, Patra mostrou-se tão taciturno como antes. Mas depois, de súbito, o seu rosto iluminou-se. «Vamos ao cinema.» Aquilo não fazia parte do plano. Porém, ele era o seu superior e, além disso, ela vira cartazes de um filme francês a que queria assistir, *La Maternelle*, em exibição num cinema ali perto, numa cave. Quando se sentaram nos lugares e o filme começou, Ursula apercebeu-se de que escolhera o tipo errado de filme. *La Maternelle* é passado num orfanato e conta a história de uma criança abandonada que anseia pelo amor de uma mãe. Aquele drama foi demais para Ursula, que estava emocionalmente frágil após a longa separação do filho. Dez minutos depois do início do filme, começou a chorar. «As lágrimas escorriam-me pelo rosto. Não consegui travá-las. Amaldiçoei-me pela minha fraqueza. Apertei os braços da cadeira com força, mas as lágrimas continuaram a cair.»

Mortificada com o que Patra poderia pensar, sussurrou:
— Não costumo ser assim.

Ele pousou-lhe um braço sobre os ombros num gesto de consolo:

— Ainda bem que és assim.

Nessa noite, durante o jantar, Johann fez-lhe confidências. Os olhos de Ursula ainda estavam inchados de chorar e ela sentiu de novo as emoções à flor da pele quando ele lhe descreveu a sua infância miserável. O pai, um pescador, gastava o dinheiro na bebida e batia com frequência na mulher e nos filhos. A mãe, «corajosa e paciente», sacrificara a felicidade para criar quatro filhos, dos quais Johann era o mais velho. «Nunca esqueci o

respeito com que ele falava sobre a mãe», escreveria Ursula. Patra contou-lhe que, uma noite, o pai voltara para casa muito embriagado e com um instinto violento. O rapaz de 15 anos metera-se de permeio para proteger a mãe, mas não conseguira fazer frente ao homem mais velho, um experiente lutador. O pescador espancou o filho e depois expulsou-o de casa. Patra começou imediatamente a trabalhar como criado de bordo num navio mercante e nunca mais voltou a Klaipėda. Nos cinco anos seguintes trabalhara primeiro como fogueiro e mais tarde como operador de rádio. Foi apresentado ao comunismo por um companheiro de bordo. A pouco e pouco, esforçando-se enormemente por ler palavra a palavra, leu os escritos de Marx e Lenine. «Enquanto os companheiros jogavam às cartas, iam a terra ou descansavam entre turnos, ele debatia-se com as palavras desconhecidas e com compridas e complicadas frases que não compreendia.» Para Ursula, rodeada de livros e ideias, o comunismo chegara até ela sem esforço. Para Patra, fora quase impossivelmente difícil. «Provavelmente, o Johann nunca teve a vida facilitada», refletiria ela. No fim do serão, o marinheiro lituano acompanhou-a até ao Blue Star, apertou-lhe formalmente a mão e desapareceu na noite.

No dia seguinte, enquanto o comboio seguia para Grenzbauden, a excitação e a apreensão de Ursula aumentaram exponencialmente. «A cada minuto que passava mais me aproximava do meu filho.»

Inevitavelmente, o reencontro há muito desejado foi uma desilusão. Uma criança de três anos percebe quando foi abandonada. «À minha frente estava um menino desconhecido, e eu também era uma desconhecida para ele», escreveria ela. «O meu filho nem sequer quis cumprimentar-me. Correu para a avó e escondeu-se atrás das suas saias.» Michael recusou-se a falar com ela durante três dias. Quando o fez, falou-lhe com fúria na

mistura *pidgin* de inglês e chinês que ainda era a sua primeira língua: «Mim pensa Grenzbauden-lado muito melhor que Xangai-lado, mas mim quer ela mamã e papá os dois vir também e ficar muito tempo casa da Grossmutti.» Ursula sentiu uma nova pontada de culpa. O menino queria a mãe e o pai junto dele, nas colinas da Checoslováquia.

Por fim, teve de arrastar a criança aos gritos de casa, para um carro que os esperava. Para piorar as coisas, Michael tinha apanhado tosse convulsa. A intervalos curtos, «tinha ataques de tosse seca e o seu rosto ficava azul». Enquanto o comboio seguia para Trieste, Ursula perguntou a si mesma: «Será que o meu *pequeno pardal* vai morrer?»

Na manhã seguinte, subiram pela prancha de embarque do *Conte Verde*. O grande transatlântico era o orgulho da companhia de navegação Lloyd Triestino e acomodava 640 passageiros divididos por três classes. No primeiro dia no mar, Ursula avistou Patra do outro lado do salão. Ele viajava como um abastado empresário, fazendo-se passar por representante da empresa de máquinas de escrever Rheinmetall. Os dois evitaram o contacto visual. A viagem de três semanas levá-los-ia para sul pelo Adriático e pelo Mediterrâneo até ao Cairo, e depois atravessariam o canal do Suez para Bombaim, Colombo, Singapura e, por fim, Xangai. Durante os primeiros dois dias a bordo, Michael, que continuava doente, ficou em confinamento no camarote de segunda classe. No seu estado febril, o menino estava «acometido de um profundo pânico, convencido de que o navio afundaria e que ele e a mãe morreriam afogados». Ursula abraçou com força o transpirado corpinho que tremia. O menino continuava desconfiado, mas a relação foi melhorando a pouco e pouco, a par da sua saúde. Depois de lerem o livro ilustrado de poemas infantis pela trigésima vez, Ursula

decidiu que a «febre da cabana» era mais perigosa que a tosse convulsa e levou-o para o convés, mantendo-o cuidadosamente longe de outras crianças para evitar o contágio.

O *Conte Verde* era um palácio flutuante construído nos estaleiros de Dalmuir em Glasgow, com 180 metros de comprimento e 400 tripulantes. Quatro anos depois da viagem de Ursula, o imponente navio começaria a transportar um tipo diferente de passageiros: entre 1938 e 1940, quando a perseguição nazi ganhou força, os navios da companhia de navegação Lloyd Triestino transportariam 17 mil refugiados judeus para a segurança de Xangai.

O transatlântico passava pelo canal do Suez quando Michael deixou cair a bola, que rebolou pelo convés. Um passageiro travou-a com o pé antes de ela cair na água e levou-lha. Johann Patra tirou o chapéu e apresentou-se à mãe do menino como Ernst Schmidt, da empresa de máquinas de escrever Rheinmetall. Ursula usava um lindo vestido azul sem mangas que comprara em Praga. Fingiram que era a primeira vez que falavam um com o outro. Nessa noite, jantaram juntos. E na noite seguinte. Se os outros passageiros repararam que a elegante jovem mulher alemã parecia estar a dar-se extremamente bem com o rico empresário, não ficaram admirados, pois não era uma coisa rara a bordo do *Conte Verde*. «Os casos amorosos a bordo do navio eram tão normais como em estâncias termais», escreveu Ursula.

Continuando a viagem para sul, o tempo tornou-se ameno. À noite, enquanto Michael dormia, eles passeavam pelos conveses e tinham longas conversas. Durante o dia, tomavam banho na piscina, jogavam às cartas ou descansavam em espreguiçadeiras.

«Tu és uma boa mãe», garantiu-lhe Johann.

Na Checoslováquia tinham combinado que não falaria

sobre a missão a bordo do navio, mas Patra depressa quebrou a sua própria regra. Ursula tinha decorado o código de transmissão que seria usado na Manchúria. «Não te esqueceste?», perguntou-lhe Patra, certa manhã depois do pequeno-almoço. Ela acenou com a cabeça e recitou o código. Ele fez-lhe a mesma pergunta no dia seguinte. À terceira vez que lhe perguntou, Ursula não reagiu muito bem:

— Para com isso. Podes confiar em mim.

Ele retorquiu em voz baixa:

— Não. Não te conheço suficientemente bem e sou o responsável por esta missão.

Uma hora mais tarde, Ursula viu Patra e Michael muito contentes a construir uma ponte com cubos de madeira e a sua irritação esfumou-se.

«À noite, passávamos várias horas no convés, sob o céu estrelado, encostados à amurada a olhar para o mar, sem dizer nada ou a conversar calmamente sobre as vidas muito diferentes que tínhamos vivido, mas que nos tinham levado a ter a mesma perspetiva do mundo.» Ela falou-lhe sobre a sua infância, sobre os três anos que passara na China e sobre o recrutamento por Richard Sorge. Ele descreveu a sua vida no mar e a luta constante para compreender a literatura da revolução. Fez-lhe perguntas a respeito de Rudi.

— Claro que não tens de me responder — acrescentou.

— Ele é um bom homem, mas afastámo-nos um do outro. Sim, ele foi o meu primeiro amante... Que idade tinha eu nessa altura?

— Não te perguntei isso.

— Não, não, não é segredo. Tinha dezoito anos... e, não, não há mais ninguém no horizonte.

Patra também não lhe tinha perguntado aquilo.

«A longa viagem com os seus dias quentes e noites claras, o sol e o céu coberto de estrelas, criou uma atmosfera irresistível», escreveria Ursula. «Quando

estávamos encostados à amurada do navio a olhar para a água, a sussurrar ou em silêncio, já não tinha tanta certeza a respeito de querer que a nossa relação continuasse numa base de pura “camaradagem”.» Patra parecia adorar o seu filho e era dono de um raro e fugaz sorriso de cortar a respiração.

Ironicamente, tendo em conta o empenho partilhado na guerra de classes, não se enquadravam ambos na mesma. «Ele tinha muito mau gosto e os seus modos não eram os de um empresário», observaria Ursula. Ela avisou-o sem rodeios que as pessoas que viajavam em primeira classe não prendiam cigarros meio fumados atrás da orelha. «Essas pequenas coisas não me incomodam, mas para o teu disfarce ser credível tens de te comportar como um empresário burguês.» A incapacidade de Patra de se adaptar estava a pô-los todos em perigo. Enfurecido, Johann afastou-se, dizendo que se sentaria noutro lado para não a «embaraçar».

Ursula ficou consternada. «Como é isto possível?», refletiu. «Temos uma gigantesca tarefa pela frente, somos os únicos comunistas neste navio, sabemos que teremos de trabalhar juntos durante muito tempo, e discutimos por uma coisa tão trivial!»

Patra estava a tentar ler *A Ciência da Lógica*, de Hegel. É uma coisa que ninguém se devia sentir obrigado a fazer. Ursula observou-o enquanto ele lia o denso texto do autor alemão, com o rosto contorcido de concentração.

Patra pediu-lhe ajuda.

— Dada a tua educação e teres um pai que é professor, consegues compreender tudo isto sem dificuldade.

Ursula replicou que nunca lera uma palavra de Hegel e que um livro de metafísica dialética alemã do século XIX com 800 páginas não era a sua ideia de leitura numa espreguiçadeira.

— É muito mais fácil para ti — retorquiu ele —, mas és

demasiado preguiçosa para te esforçares.

— Sou tão dedicada como tu, mas não tenho de o provar matando a cabeça a ler Hegel.

Um pouco mais tarde, ele mostrou-lhe com orgulho um postal ilustrado que tinha comprado para a mãe na Lituânia, um castelo horivelmente piroso iluminado por um pôr do Sol cor-de-rosa.

— É o mais caro que o comissário de bordo tinha — disse. — Não achas lindo?

— Não. É de mau gosto — respondeu ela com sinceridade, e arrependeu-se logo.

— Estou a ver — sibilou Patra, furioso, rasgando o postal. — Claro que não passo de um operário e não compreendo estas coisas. Um bárbaro sem cultura... já tu, és uma intelectual.

Ursula ficou irritada.

— Basta. Não vou continuar a deixar que me reduzas a este papel. Já trabalho em prol do comunismo há demasiado tempo para isso e se continuares assim vou perder todo o respeito por ti.

Patra recuou um passo.

— Não foi o que quis dizer — murmurou.

Vinham de mundos diferentes, o rude marinheiro do Báltico e a culta mulher judia alemã de classe média. «Ele parecia estar aborrecido com as vantagens que eu tivera na vida; a minha educação, o meu inglês fluente, a minha maior confiança a lidar com pessoas.»

Nessa noite, depois de deitar Michael no berço, encontrou Johann no convés da popa, sentado numa pilha de cordame a fumar cachimbo com uma expressão sombria. Ela estava determinada a acabar com a zanga. «Espontaneamente, disse-lhe tudo o que admirava nele: o seu ardor e a sensibilidade, o seu zelo, a sua enorme força de vontade e maior experiência.»

— Queres que te diga o que penso sobre ti? — replicou ele.

Falou sem hesitar, como se estivesse a narrar uma amarga história que conhecia de cor:

— Ela aparece todas as manhãs com um vestido diferente, para exhibir o corpo bonito, e todas as manhãs sorri amistosamente para pelo menos vinte pessoas. Gosta de conhecer pessoas novas e não se importa que todos os passageiros sejam reles burgueses. Brilha com o conhecimento de inglês e francês, sobretudo na presença do seu ignorante companheiro de viagem, que não compreende uma única palavra; e gosta de o fazer perceber que não passa de um proletário que não sabe comportar-se. Ele não se levantou quando ela entrou na sala... que embaraçoso!... e comeu o molho à colher e guardou as beatas dos cigarros. Quando ele comete esse tipo de erros, ela ataca-o como um falcão. Ele é comunista e fartou-se de aprender, mas não as boas maneiras. O Partido usou-o, o marinheiro, para serviços de correio. Uma vez, no Brasil, a polícia prendeu-o. Ele trazia cartas incriminatórias e conseguiu escapar. Dispararam contra ele, o tiro acertou-lhe de raspão no ombro, ele fugiu e escondeu-se durante três dias, perdeu o navio, ficou sem um tostão e durante todo esse tempo esqueceu-se de aprender as boas maneiras. Agora, está a bordo deste maldito navio, pela primeira vez na companhia de burgueses, e sabe que não pode dar nas vistas; está constantemente a observar os finos toleirões, atento a tudo, que garfo põem na boca, o facto de não comerem sanduíches à mão, mas cortando-as em pequenos pedaços e espetando-as em palitos. Transpira como uma caldeira de navio e está muitíssimo inseguro, mas como é que uma intelectual oriunda de uma família rica pode perceber isso?

Era a primeira vez que alguém falava assim com Ursula. Ela sentiu a fúria crescer.

— Nunca me tiveram na conta de uma mulher empreada, fútil, que só procura o prazer ou que é

maliciosa.

Respira fundo algumas vezes, disse a si mesma. Depois, respondeu.

— Posso responder a essas acusações uma por uma? Acho que não tens de esperar até termos uma sociedade sem classes para seres simpático com indivíduos de outras classes. Ser feliz é o resultado de ser simpática. E não é sinónimo de superficialidade. Se estou deprimida, tento ficar sozinha para não influenciar os outros com o meu mau humor. Tens razão, gosto de conhecer pessoas. As pessoas interessam-me muito. São enigmáticas, divertidas, tristes, más, admiráveis, todas têm o seu destino, preparado pela sociedade e por si mesmas. E agora a ridícula questão dos vestidos: tenho quatro. É evidente que gosto de os vestir. Não achas que é muito agradável sair de um frio março, deixar as roupas de inverno e de repente poderes correr de um lado para o outro sem mangas e sem meias, estar deitado ao sol e nadar na piscina? Pensei que também estavas a gostar de tudo isto. Estes são os nossos momentos agradáveis. Estas são as pequenas coisas, as tuas outras acusações são muito mais sérias...

Patra interrompeu-a:

— Antes de continuares a falar, estes momentos também são agradáveis para mim.

Depois, foi-se embora.

No dia seguinte, o navio atracou em Colombo. Os três foram a terra e o menino guinchou de alegria ao ver os macacos nas árvores. Sentaram-se num café numa colina, voltados para o mar. Michael estava sentado no colo de Patra.

Ao fim da tarde, quando o transatlântico saiu do porto, inclinaram-se de novo na amurada, lado a lado. «Os nossos braços tocaram-se, como um braço pode tocar numa pessoa que está ao nosso lado num comboio muito

cheio. Afastei-me um pouco.»

— Não precisas de ter medo — declarou Patra.

— Não?

Uma pausa.

— É tarde, tenho de ir ver como está o Misha.

— Voltas?

— É tarde.

— Espero-te aqui.

Quando Ursula voltou, Patra contemplava o oceano. Não a ouviu aproximar-se.

Ela pensou: *Afasta-lhe o cabelo por cima do rosto.*

Em vez disso, parou ao seu lado.

— Uma grande parte disto é culpa minha — disse —, mas não sei durante quanto tempo aguentarei se continuares a insultar-me assim.

— Se pudesses, ias-te embora? — perguntou ele.

— Para quê pensar no impossível?

— Não te deixaria ires.

Patra calou-se e olhou para a esteira. Mas depois «olhou para cima, contemplou a água, fitou-me e afastou o cabelo que me cobria o rosto».

A discussão estava esquecida.

Mas ainda assim ela conteve-se. Já amara e perdera um colega espião. «Não quis entregar-me à atmosfera de uma viagem por mar com noites românticas e constante proximidade.» Em breve, estariam a trabalhar juntos. Ele era seu superior. De variadíssimas formas, eram incompatíveis. Ursula disse a si mesma: «É melhor não haver o início de alguma coisa do que haver um tortuoso caminho sem fim, porque o trabalho vai manter-nos acorrentados juntos.» Sentia-se fortemente atraída por ele, com uma capitosa combinação de desejo físico, amor proibido e a promessa de aventura.

Patra foi insistente, mas paciente.

— Sei que há alguma coisa séria entre nós, e se não

percebeste isso, posso esperar.

Os dois espiões iam para a China travar uma guerra clandestina em que ambos poderiam perder a vida. Os outros passageiros no *Conte Verde* viam apenas um jovem casal feliz, apaixonado.

A Nossa Agente na Manchúria

Rudolf Hamburger esperava no cais quando o transatlântico italiano entrou no porto de Xangai. Os meses sem Ursula e Michael tinham sido dolorosamente solitários. Rudi embrenhara-se no trabalho de arquitetura e na empresa de mobiliário, com medo de que eles não voltassem. E agora estavam ali: o seu filho de cabelo louro a segurar uma bola; a sua mulher, encantadora num vestido branco sem mangas, ainda mais bela depois de engordar uns quilos na Rússia. Com uma exuberante felicidade, levou-os para a Avenue Joffre. A família estava reunida. Patra foi discretamente para um hotel.

Contudo, a felicidade de Rudi durou apenas algumas horas.

«Não foi fácil dizer-lhe que só tínhamos vindo fazer uma visita», escreveria Ursula mais tarde. O mais suavemente possível, explicou-lhe que em breve ela e Michael iriam para norte, para a Manchúria, e que não viajariam sozinhos.

Um homem diferente teria recriminado e protestado, exigindo que deixasse Michael consigo, fazendo um escândalo e ameaçando com um processo judicial. Rudi assimilou o sombrio anúncio sem fazer uma cena. «Ele ficou muito deprimido, mas, como sempre, manteve-se calmo.» Porém, recusou-se terminantemente a aceitar que aquela separação podia ser permanente; não desistiria do filho nem da mulher. À sua maneira, era tão obstinado como ela. «Por baixo do exterior gentil, Rudi possuía um

tipo especial de persistência que ninguém podia imaginar», escreveria Ursula. «Ele não me censurou nem me criou dificuldades; até aceitou que eu pudesse não viver sozinha em Mukden.»

Havia outro fator no estoicismo de Rudi. Ele sabia que Ursula estaria a fazer «trabalho secreto para o partido» na Manchúria. Se antes ficara ressentido e resistira aos seus atos de espionagem, agora apoiava-a sem reservas. Declarou que era comunista, levado a agir pela força da história. As suas famílias estavam no exílio, em fuga ou a enfrentar uma perseguição crescente. A sua pátria estava dominada pelo fascismo. Uma onda de refugiados chegava a Xangai e o clube transformara-se num antro de nazis, onde ele, judeu, já não era bem-vindo. Ursula observou a mudança que se operara em Rudi com espanto: «Ele já não era apenas um simpatizante que não se queria comprometer, mas um comunista que estava preparado para trabalhar connosco.» Sentiu uma grande admiração pelo homem notável com quem se tinha casado. Mas não bastou para o amar de novo.

Três dias depois de chegar, Ursula apanhou um riquexó para um pequeno restaurante nos arredores da cidade, onde Patra a esperava com um alto funcionário do PCC. O «camarada» chinês anónimo explicou que a invasão da Manchúria trouxera forças japonesas para a fronteira com a Rússia, ameaçando a própria União Soviética. «Portanto, a vossa tarefa é duplamente importante», disse ele. Os guerrilheiros comunistas nas montanhas estavam a travar uma feroz campanha de guerrilha contra os ocupantes japoneses: «A Manchúria está num estado de semiguerra.» Ursula e Johann seriam o ponto de contacto dos resistentes com Moscovo. Teriam de adquirir peças para um transmissor-recetor de rádio, viajar de comboio para Mukden e estabelecer uma base de operações na cidade. Sendo o principal posto avançado dos serviços secretos soviéticos na Manchúria, seriam responsáveis

pelo fornecimento de dinheiro, armas e explosivos aos rebeldes, pelo abrigo de fugitivos, pela seleção de guerrilheiros para serem treinados em Moscovo, pelo recrutamento e treino de operadores locais de rádio e pela transmissão de mensagens e informações secretas entre o Centro e os líderes da guerrilha. O camarada descreveu como deveriam estabelecer contacto com os guerrilheiros. Enquanto europeus expatriados, poderiam deslocar-se com maior liberdade que os chineses, mas os japoneses mantê-los-iam sob apertada vigilância, pois «qualquer pessoa que entre na Manchúria a partir da China pode fazer parte do movimento antijaponês e, por conseguinte, é um potencial inimigo». Por fim, descreveu os riscos. «Os japoneses não podiam simplesmente fazer os estrangeiros “desaparecer” como faziam com os chineses», mas se eles fossem apanhados pelo Kempeitai, seriam torturados e depois mortos.

Johann Patra foi comprar válvulas, retificador e circuitos elétricos. O rádio artesanal necessitaria de ser alimentado por dois grandes transformadores de ferro com três quilos cada. Como era impossível escondê-los na bagagem, teriam de ser comprados depois de chegarem a Mukden.

Ursula necessitava de um trabalho de fachada, alguma coisa literária. Foi visitar a Evans & Co., uma livraria americana em Xangai, explicou-lhes que ia mudar-se para Mukden e ofereceu-se para ser a representante da empresa na Manchúria. Compraria um lote de livros a preço de revenda, revendê-los-ia a preço de retalho a leitores de língua inglesa e embolsaria o lucro. A Evans & Co. aceitou, propondo-lhe um contrato de emprego e oferecendo-lhe um conjunto de cartões de visita profissionais impressos. Ursula era agora a diretora e única representante da «Agência Literária Manchukuo», especializada em livros educativos, de medicina e científicos. E em espionagem.

Em meados de maio de 1934, pouco antes de partirem para Mukden, Ursula deixou Michael com Rudi e disse-lhe que voltaria dali a dois dias. Não o informou onde ia. Nessa tarde, ela e Johann apanharam o comboio para a antiga cidade de Hangchow (atual Hangzhou), duas horas para sudeste, e foram para um encantador hotel de dois andares, com um bonito jardim.

«Foi um dia de sonho», escreveria Ursula. «De mãos dadas, passeámos pelas antigas vielas, misturando-nos com vendedores e a multidão.» Pararam para ver um remendão de porcelana que colava habilmente tigelas de arroz partidas. O velhote tinha um engenhoso dispositivo sonoro que anunciava a sua presença, uma vara de bambu com um gongo e duas correntes que emitiam um som de campainhas enquanto ele caminhava. No jardim de um templo budista, sentaram-se num banco ao lado de um pequeno lago. «Conversámos sobre Confúcio, sobre o Exército Vermelho chinês, sobre as folhas de lótus nos lagos, os transeuntes, o Misha e a viagem para Mukden. Não falámos sobre a noite que se avizinhava.»

No hotel, Johann foi buscar chá verde. O som dos jogadores de *mahjong* no pátio, com as peças de osso a bater umas nas outras como castanholas abafadas, subia até ao quarto. Um ar frio entrou pelas cortinas de papel que cobriam as janelas e abanou um mosquiteiro sobre a grande cama de quatro colunas. De repente, Ursula ficou gelada. Vestiu o casaco de Johann e lembrou-se do momento, alguns meses antes, em que ele pusera um sobretudo à sua volta quando os seus dentes batiam de frio e antecipação.

Pôs a mão no bolso do casaco e tirou uma fotografia.

Johann, com o braço à volta da anca de uma prostituta chinesa. Uma fotografia datada, tirada cinco dias antes em Xangai.

Ainda estava a olhar para a fotografia quando Johann

entrou com um tabuleiro com chá.

Ao ver a fotografia na sua mão, lançou-se num monólogo de contrição, «as habituais mil palavras triviais proferidas por milhares de homens», a justificar-se, com premência e sem sentido.

— Foi apenas uma recordação, não significou nada, uma questão puramente física, há muito esquecida, a culpa foi tua, não devias ter... e eu não teria... e não tem nada a ver com os meus sentimentos por ti... nunca mais... grita comigo, bate-me... não podes transformar uma coisa tão insignificante num...

E continuou sem parar.

Ursula não falou.

Mais tarde, deitaram-se na grande cama. «Eu só tive de dizer “deixa-me em paz” uma vez», escreveu ela.

Patra adormeceu sem demora. Ursula ficou acordada, a escutar o murmúrio de vozes chinesas e o som das peças de *mahjong* a baterem umas nas outras.

*

Durante a longa viagem de comboio para Mukden, o pequeno Michael sentou-se entre Ursula e Johann, a tagarelar enquanto campos de soja e pequenas aldeias iam ficando para trás. As válvulas do rádio estavam escondidas no interior de meias enroladas no fundo da mala de viagem. Johann pegou na mão de Ursula.

— Não podemos deixar que aquela estúpida questão em Xangai estrague tudo. Não tem importância... Vá lá, fica alegre, como costumavas ser.

Ursula manteve-se calada. «Parecia inútil acusá-lo de ser uma pessoa completamente diferente de mim, e de ser incapaz de perceber até que ponto me tinha magoado.»

Na fronteira, os guardas japoneses esvaziaram todas as malas e empilharam o conteúdo na plataforma. Johann já tinha enfiado as válvulas entre os estofos do banco da carruagem.

A antiga cidade fortificada de Mukden era uma versão mais pequena e menos glamorosa de Xangai, um labirinto de ruas estreitas e casas de tijolo baixas, entremeadas de grandiosos edifícios municipais. Um vasto bairro de lata estendia-se do lado de fora das muralhas. Os estrangeiros viviam no seu enclave. Ali, a população de expatriados estava mais ameaçada e os lucros eram menores, porque os estrangeiros tinham de enfrentar a concorrência dos japoneses. Uma peculiar ralé de estrangeiros viera parar a Mukden: aventureiros, vigaristas, nómadas que tentavam escapar ao passado ou procuravam um futuro diferente. Mais uma mulher com um casamento infeliz a fugir com o amante suscitou pouca curiosidade. A cidade estava cheia de vendedores de ópio, criminosos e prostitutas. Haveria «muitas oportunidades para Johann aumentar a sua coleção de fotografias», refletiu Ursula com amargura.

No Hotel Yamato, desfizeram as malas e deixaram deliberadamente os cartões de visita profissionais impressos da Rheinmetall e da Evans & Co., para que os espões os encontrassem. Nessa tarde, Johann foi procurar um esconderijo para as peças do emissor. Ursula deixou uma mala cheia e colocou um pequeno fio no fecho. Quando voltaram do jantar, o fio tinha desaparecido. Os bisbilhoteiros tinham feito uma inspeção. «No hotel, não trocávamos uma única palavra importante.» Todos os empregados estavam à escuta.

Tinha ficado decidido que a ligação com os guerrilheiros, a tarefa mais perigosa que teriam de realizar, ficaria a cargo de Ursula. O general Berzin foi explícito: Patra «não devia ser exposto ao maior risco». Da equipa de duas pessoas, ela era a agente júnior e a mais facilmente substituível. O contacto inicial não deveria ocorrer em Mukden, mas em Harbin, uma cidade 700 quilómetros para norte. De repente, Johann anunciou que iria na vez dela. Ursula perguntou-lhe porque é que ele estava a alterar a estratégia combinada.

— Bem, tu és mulher e mãe. Talvez seja demasiado para ti.

— Nós já sabíamos isso — replicou ela com acrimónia.
— Vou levar o Misha comigo.

— Queres sujeitar um menino pequeno a uma longa viagem e depois deixá-lo sozinho no hotel durante horas? Está fora de questão. Se fores, o Misha fica comigo.

Johann aprendeu a rotina quotidiana do menino: os horários das refeições, que roupa vestir, a quantidade de óleo de fígado de bacalhau que ele tomava.

— Podes ficar descansada no que diz respeito ao Misha — disse ele. — Volta inteira.

Ursula detestou Harbin, a maior cidade da Manchúria, onde viviam milhares de russos brancos que tinham fugido da revolução. É claro que eram as merecedoras vítimas de forças históricas, mas os esfarrapados exilados eram uma lamentável visão, reduzidos à penúria, ao crime, a puxar riquexós e à prostituição. «Muitos pediam esmola nas esquinas», escreveu Ursula. «De todas as cidades que conheci naquela altura, Harbin era a mais sinistra.»

Ursula tinha instruções para se encontrar com um contacto identificado como «Li» num cemitério nos arredores da cidade, uma hora depois do pôr do Sol. Ela sempre tivera medo da escuridão. «Era um problema para mim, porque no nosso trabalho muitas coisas aconteciam durante as horas noturnas.» Passaram dois bêbedos, a cambalear e a cantar. Um homem aproximou-se e olhou-a fixamente. Ursula esperou pela palavra de código de identificação, mas a expressão do homem sugeria que ele não estava ali para atos de espionagem. Ursula fugiu a correr e escondeu-se atrás de uma lápide. Esperou uma hora para lá do tempo combinado e depois voltou para a acolhedora iluminação do hotel. Na noite seguinte, voltou ao cemitério, como fora instruída, mas do guerrilheiro nem sinal. «Porque é que ele não tinha vindo? Teria sido preso?» Desconsolada, apanhou o comboio para Mukden.

No Hotel Yamato, Johann estava tão concentrado a dar o jantar ao menino que não percebeu que Ursula entrara na sala. «Ele tinha sentado o Misha numa cadeira, em cima de uma almofada, e prendera uma fralda à sua volta, com muito cuidado, para que o cabelo da nuca não ficasse preso no nó. Provou a sopa, para garantir que não estava muito quente, e levou a colher à boca do Misha. Limpou um pouco de líquido do queixo do menino, completamente absorto na sua tarefa.»

Ursula sentiu uma onda de amor.

Só quando estava atrás dele é que Johann virou a cabeça.

— Estou tão aliviado — disse ele em voz baixa.

— Oh, Johann, o que vou fazer contigo?

Rodeou-lhe o pescoço com os braços. «Ele abraçou-me com força durante muito tempo.»

Mais tarde, porém, quando lhe contou sobre o encontro falhado, Johann teve um ataque de fúria.

— Tens um talento extraordinário para estragar as coisas — disse com brusquidão. O mesmo se aplicava a ele. Nessa noite, dormiram de novo separados.

Um novo encontro com Li estava marcado para a semana seguinte. Desta vez, Johann insistiu em ir pessoalmente a Harbin. Aborrecida, Ursula sentiu crescer a ansiedade quando já passava a hora de ele regressar. «É estranho como nos acostumamos depressa a uma pessoa», refletiria. Andou de um lado para o outro no quarto, incapaz de ler. «Teria sido preso? Teriam torturado Li até ele não conseguir aguentar mais e lhes dizer o local do encontro?»

À meia-noite, Johann entrou por fim no quarto; parecia exausto. Li não aparecera.

Deitou-se na cama ao lado dela. O alívio trouxe uma onda de paixão a que Ursula não tentou resistir.

«Tudo o resto foi bom naquela noite», escreveria.

Na eventualidade de o primeiro encontro falhar, haveria

um encontro alternativo em Fushun, uma cidade 45 quilómetros a este. Ursula preparou uma mala com livros e vendeu a *extraordinária* soma de cinco exemplares em Fushun, mas voltou eufórica. O guerrilheiro apareceu à hora marcada, «um alto e discreto chinês do Norte pouco expansivo». Num chinês simples, fragmentos de inglês *pidgin* e desenhos a lápis, o homem explicou-lhe que era o líder de uma unidade clandestina comunista composta por operários, camponeses, professores, estudantes e vendedores ambulantes. «Certo, certo, muito bem», dizia repetidamente. Informou-a que Li tivera «medo». O homem disse chamar-se «Chu» e explicou-lhe que necessitava urgentemente de explosivos para um ataque planeado na linha ferroviária da Manchúria do Sul.

«O nosso trabalho pode começar por fim», refletiu Ursula no hotel, enquanto cosia as anotações da reunião na bainha da combinação.

Dois obstáculos estavam ainda de pé: precisavam de transformadores para alimentar o transmissor-recetor e de um lugar seguro para as comunicações. Os japoneses estavam atentos a transmissões ilegais. Montar uma antena no telhado do hotel seria perigoso, e provavelmente impossível. Ursula começou a procurar uma base permanente que pudesse servir de estação de transmissão.

Entretanto, Patra procurou em todas as lojas de produtos elétricos em Mukden, mas não encontrou transformadores que pudessem usar. Com relutância, apanhou o comboio para Xangai: teria de os comprar na cidade e arranjar uma maneira de passar os volumosos objetos metálicos pela fronteira. Ursula aconselhou-o a falar com Rudi, insistindo que, apesar da estranheza da situação, o marido era de total confiança.

As autoridades japonesas tinham requisitado todas as propriedades disponíveis em Mukden, mas algumas casas

tinham sido abandonadas por generais chineses em fuga. Uma delas, uma moradia de luxo atrás de muros altos que pertencera em tempos a um parente do general Zhang Xueliang, um senhor da guerra da Manchúria, ficava ao lado do Clube Alemão de Mukden. Ursula olhou para a propriedade e considerou-a faustosa, sombria e muito cara para o orçamento de que dispunham, mas num recanto do recinto avistou um edifício de pedra mais pequeno. Com um riso abafado, o criado explicou que aquela casa tinha sido construída para a amante do proprietário. Um túnel que partia da casa principal atravessava o jardim até à habitação mais pequena, proporcionando ao apaixonado general um acesso rápido e discreto à sua concubina. A pequena casa não dispunha de água corrente e tinha apenas um fogão a lenha para aquecimento; excetuando isso, era ideal, com três pequenas divisões forradas a madeira no rés do chão elevado, uma cozinha na cave, uma enorme cama para o general e para a amante, e um túnel por onde fugir. Ninguém conseguia ver as três divisões do exterior e a proximidade do Clube Alemão era estranhamente satisfatória: estaria a lutar contra o fascismo ao lado de um edifício onde esvoaçava a suástica. Pela primeira vez em mais de um ano, Ursula tinha uma casa, um ninho: «Foi um prazer desenrolar uma esteira, pendurar um quadro, comprar uma jarra.»

Em Xangai, Johann adquiriu dois pesados transformadores com 20 centímetros de comprimento: os guardas fronteiriços japoneses teriam de ser cegos para não os verem. Rudi pensou numa solução. Compraram uma pesada poltrona de costas altas com forro grosso, «um horrível monstro verde-acastanhado», e mandaram-no entregar na Avenue Joffre. Ali, Johann e Rudi viraram a poltrona ao contrário, arrancaram as tachas que prendiam o tecido e prenderam os dois transmissores às molas internas com arame e cordel. Em seguida, recolocaram o enchimento e prenderam o tecido. «Nada estava visível e

o peso extra na poltrona era impercetível.» A poltrona foi enviada para Mukden por comboio. É provável que Rudi ainda não estivesse consciente da relação que desabrochava entre a mulher e o seu oficial superior; e, mesmo sabendo, era demasiado civilizado para fazer um escândalo. O marido e o amante de Ursula tinham completado a primeira missão conjunta, combinando as técnicas de espionagem de um com os conhecimentos de mobiliário estofado do outro.

Quando Johann voltou para Mukden, Ursula mostrou-lhe a casa nova.

— Talvez o nosso quarto devesse ser na parte da frente — disse ele. — O Misha poderia ficar no quarto ao lado e a terceira divisão poderia ser a nossa sala de estar com o transmissor... Porque é que estás a olhar-me assim?

Ursula franziu a testa.

— Não sabia que pensavas que íamos viver juntos.

— Tomei isso como um dado adquirido, agora que está tudo esclarecido entre nós, agora que estamos bem. Toda a gente sabe que estás comigo.

Ursula foi inflexível. Coabitarem estava fora de questão.

— Vou adorar todos os momentos que estiveres comigo, e vai ser a maior parte do tempo, de dia e de noite.

— E porque não o tempo todo?

— Porque tenho um ritmo de vida diferente e tu exiges que eu esteja completamente incorporada no teu. Por vezes, preciso de estar sozinha.

Ursula estava a apaixonar-se por Johann: pela sua protetora ternura, pelo amor que sentia por Misha e pelo zelo revolucionário. Porém, ele também era irascível e dominador, um antiquado chauvinista que «dava mais oportunidades aos homens que às mulheres» e considerava que a independência daquela jovem mulher era uma afronta à sua dignidade.

Extremamente irritado, Johann mudou-se para o quarto de hóspedes de um empresário alemão, mas Ursula tinha

a certeza de que viverem em casas diferentes era a coisa certa a fazer; como muitos homens irascíveis e assertivos, o ego de Patra precisava de ser cultivado e massajado. «Gradualmente, ultrapassei a ofensa. Mostrei-lhe o meu amor sem reservas e surpreendi-me ao perceber como me tornei obediente, complacente e paciente em todas as questões de trabalho. Porém, sem as horas que tinha para mim, provavelmente não teria aguentado.»

A horrível poltrona verde chegou à estação de Mukden. Quando Ursula e Johann a levaram para casa e a viraram ao contrário, perceberam «com horror» que um dos transformadores estava pendurado e meio saído: a acidentada viagem partira o arame e a ponta afiada rompera o forro. Um pequeno cordel desfiado prendia-o no lugar. «Mais alguns movimentos e o transformador teria caído, e até o mais incompetente funcionário japonês dos serviços secretos o teria visto.»

Johann começou a montar o rádio, um transmissor-recetor *Hartley* com um sistema de três pontos. Ele era um técnico hábil, com dedos ágeis, uma paciência infinita e uma fenomenal capacidade de concentração. «Nunca olhou para o relógio nem fez uma pausa.» Por fim, o aparelho ficou montado: um volumoso monstro artesanal com um pesado retificador e transformadores, grandes válvulas e bobinas formadas com grosso fio de cobre enrolado à volta de uma garrafa de cerveja vazia. As peças do rádio foram escondidas no fundo de um velho baú de madeira de cânfora com roupa, sob uma prateleira interna falsa construída por Johann com cobertores dobrados por cima. O esconderijo não escaparia a uma meticulosa busca, mas evitaria que os empregados vissem o equipamento. Ursula colocou uma pena por baixo da tampa. Se o baú fosse aberto, saberia. A última tarefa seria montar uma antena Fuchs no telhado: para um observador casual, poderia «não parecer diferente de uma

antena recetora» de um banal rádio, mas se fossem apanhados a montá-la, atrairiam atenções indesejadas. O trabalho teria de ser feito à noite. Ursula disse a Johann que trataria do assunto.

À noite, esperou até Michael estar a dormir profundamente. Depois, subiu para o telhado através de uma trapeira no sótão, com duas compridas varas de bambu, um alicate, uma corda e um rolo de cabo de antena numa mochila. Amarrou a primeira vara de bambu numa das chaminés e enfiou o cabo num buraco no cimo como se fosse uma agulha de bambu. Em seguida, rastejou pelo telhado até à outra chaminé com a segunda vara de bambu, repetiu a colocação do cabo e prendeu-a em segurança à base. «As copas das árvores e os telhados eram visíveis em ténues contornos.» Momentaneamente desequilibrada, «encostou-se à chaminé, cujo tamanho lhe pareceu reconfortante». Mas depois cometeu o erro de «olhar para baixo, para a interminável escuridão.» De repente, ficou aterrorizada. *Cobarde*, disse para si mesma. *Medricas. Não há nenhum motivo para caíres, a não ser na tua imaginação.*

Depois, Michael começou a chorar. «Normalmente, o menino dormia um sono profundo, mas naquele momento começou a berrar sem parar.»

Ursula rastejou pelo telhado, atirou a mochila pela trapeira e mergulhou atrás dela. Os gritos do filho acordariam sem dúvida os vizinhos. Michael estava sentado na cama, a soluçar. «Tenho água com gás nos dedos», disse, a chorar. O menino estava com formigueiro por dormir em cima do braço. *Mais um motivo para os revolucionários profissionais não terem filhos*, pensou ela lugubremente e soltou uma risada involuntária. Esfregou a mãozinha de Michael e acariciou a cabeça do menino até a sua respiração voltar ao normal.

Logos depois, voltou para o telhado.

Na noite seguinte, o rádio estava pronto para ser testado. Ficara combinado que só transmitiriam à noite, em horas diferentes e num de apenas dois comprimentos de onda predefinidos, para a estação recetora do Exército Vermelho em Vladivostok, com o nome de código «Wiesbaden». Ursula sentou-se à secretária, Johann ligou as baterias e ela bateu uma curta mensagem codificada com dedos nervosos. Passados alguns momentos veio a resposta, um ténue som de código Morse da distante Rússia, um sinal do Centro. «Sorrisos um para o outro, felizes.»

O Exército Vermelho não era o único a escutar as mensagens de Ursula. Dia e noite, aviões de reconhecimento japoneses sobrevoavam os céus de Mukden, à procura de ondas hertzianas: se dois deles captassem o mesmo sinal em simultâneo, conseguiriam localizar a proveniência do emissor. E, se isso acontecesse, a polícia secreta japonesa atacaria sem aviso e Ursula estaria morta passado muito pouco tempo.

Uma Vida de Vagabunda

Um nazi mudou-se para a casa ao lado.

Ursula vivia na pequena casa do jardim há menos de um mês quando um novo inquilino se instalou na casa principal da propriedade. Pensando nele enquanto vizinho, Hans von Schlewitz era alarmante em todos os aspetos: era um aristocrata alemão, um negociante de armas e um nazi com importantes contactos na administração japonesa. Também era gordo e bêbedo. Ursula estava preparada para o odiar à primeira vista e para deixar a propriedade ao primeiro sinal de perigo.

Afinal, Von Schlewitz revelou-se um homem encantador, simpático e irónico, a prova viva de que os inimigos políticos e de classe podem ser bastante engraçados e muito úteis. Um antiquado monarquista de uma antiga família da nobreza, Schlewitz considerava que Hitler era um grosseirão e odiava o Partido Nazi, no qual se filiara apenas por conveniência comercial. Era barrigudo, careca, jovial, astuto e muito divertido, «um grande contador de histórias e muito inteligente». Coxeava em resultado de um ferimento provocado por estilhaços de uma bomba em Verdun. «Tenho trinta pedaços de metal aqui dentro», gostava de dizer, enquanto batia na sua enorme coxa. Trabalhava de perto com os militares japoneses na Manchúria e falava pelos cotovelos, sobretudo quando estava com os copos, o que acontecia com frequência. «Se me encontrar em algum lado e perceber que bebi uns copos a mais», disse a Ursula,

«faça-me um favor e leve-me a casa.»

Von Schlewitz e Ursula tornaram-se imediatamente amigos. «É muito melhor conversar consigo que com os incultos alemães que vivem cá», disse. Sentia saudades da família que ficara na Alemanha e gostava muito do pequeno Misha, encorajando-o a andar de triciclo à volta das cadeiras na sua enorme sala de jantar. Namoriscava de forma extravagante, mais por cortesia do que com segundas intenções, com a inteligente judia que vivia na casa do jardim, e ela respondia-lhe à letra.

Johann Patra, o vendedor ariano de máquinas de escrever, continuava a ser bem recebido pelos outros alemães expatriados, mas havia desagradáveis comentários a respeito da sua «namorada judia». Ursula obrigava-se a acompanhá-lo ou a Von Schlewitz ao clube e aguentava os cínicos apartes. Os japoneses desconfiavam menos das pessoas que se associavam a nazis. Quando Von Schlewitz ouviu dizer que Ursula tinha sido sujeita a comentários racistas, inchou como um galo. «Se algum alemão aqui se atrever a tocar num único cabelo da sua cabeça, diga-me imediatamente.» Assim, longe de representar uma ameaça, o novo vizinho foi um mal que veio por bem: se os japoneses fossem à sua procura, teriam de passar por Von Schlewitz.

As atenções do homem mais velho causaram uma crise de ciúmes em Johann.

— Que idade tem esse fascista?

— Cinquenta e tal, suponho.

— Estás bastante impressionada com ele.

Ursula disse-lhe para não ser ridículo e referiu que Von Schlewitz tinha idade para ser seu pai.

— Ele nunca arrastaria a asa para cima de mim.

— Tu gostas de falar com aquele nazi bêbedo e ris-te com os seus elogios. Se ele soubesse o que estás a fazer, matava-te. Em vez de seres tão simpática com ele, devias era envenená-lo.

— Não sejas tão ingênuo, Johann. Não estamos aqui para envenenar nazis. Temos de nos dar bem com os nossos conterrâneos alemães. Tu também, por causa da tua história de fachada.

A verdade é que Ursula apreciava a relação que tinha com Von Schlewitz, que era uma excelente companhia, um bom disfarce e uma conveniente fonte de informações militares. Ela não era a primeira espia a usar a química sexual como arma de espionagem.

A existência de Ursula em Mukden era uma bizarra mistura de perigo e domesticidade: uma vida caseira com Johann e Michael, uma vida social a conviver com fascistas e uma terceira vida secreta como oficial do Exército Vermelho a coordenar operações paramilitares comunistas. «Todos os encontros com os guerrilheiros envolviam riscos», escreveria ela mais tarde. «Se o nosso apoio à guerrilha fosse descoberto, poderíamos contar com a pena de morte. Como é que vivíamos com o perigo? Com uma relativa calma. Se estivermos constantemente em perigo, há apenas duas possibilidades: habituarmo-nos ou enlouquecermos. Nós habituámo-nos.»

Ursula foi fazer compras para fabricar bombas para Chu. Os instrutores de sabotagem da escola Pardal tinham-na ensinado a misturar explosivos a partir de banais produtos domésticos, incluindo nitrato de amónio, enxofre, ácido clorídrico, açúcar, alumínio e permanganato. Todos esses ingredientes podiam ser adquiridos em Mukden, mas comprá-los de assentada, ou em grande quantidade, chamaria a atenção. Numa loja de ferragens no centro da cidade, pediu cinco quilos de nitrato de amónio, o cristal branco usado como fertilizante de jardim, que forma um explosivo quando é misturado com alumínio em pó ou com fuelóleo. Percebendo mal o seu sotaque chinês, o lojista trouxe-lhe uma saca de um quintal. Ursula levou a encomenda no carrinho de bebé, com Michael em cima de material para fazer uma bomba

de 45 quilos. Johann construiu temporizadores e detonadores. Chu foi lá a casa buscar os explosivos. «Certo, certo, muito bom», disse, encantado.

A campanha de sabotagem intensificou-se, com ataques a postos de guarda, fábricas japonesas, colunas militares e, acima de tudo, ao sistema ferroviário, que era vital para a economia da Manchúria. Havia sinais para indicar se uma operação fora bem-sucedida. «Só quando vejo a incisão bifurcada no tronco da quarta árvore do lado direito do primeiro cruzamento de White Moon Street é que sinto que um peso me foi tirado dos ombros», escreveria Ursula. A imprensa controlada pelos japoneses relatava poucos pormenores dos ataques, mas as repetidas denúncias de «terroristas» e a selvajaria das medidas repressivas nipônicas mostravam a eficácia da guerra clandestina. «No mês passado, grupos antijaponeses levaram a cabo 650 ataques só na província de Mukden», escreveu para a família em julho de 1934.

Ursula não revelou o seu papel nesses ataques. Na verdade, não dizia muito aos pais. Eles sabiam apenas que a sua intrépida e rebelde filha mais velha deixara o marido em Xangai e trabalhava como vendedora itinerante de livros no Norte da China. «Estou ocupada desde manhã até à noite», disse ela, com sinceridade, antes de acrescentar com um pouco menos de honestidade: «Não se preocupem comigo. Não há necessidade disso. Vivo exatamente a vida que quero viver e estou muito satisfeita. Não se preocupem; um dia, esta vida de vagabunda chegará ao fim.» Não disse que poderia acabar numa cela de execução japonesa. Assinou «a vossa filha errante, mas feliz». Não fez qualquer referência a Johann Patra.

Assim, Robert e Berta Kuczynski viviam também eles próprios uma vida de vagabundos.

Muitos judeus demoraram a perceber a virulência do antissemitismo nazi. Porém, em Berlim, os ataques a

judeus e às suas propriedades multiplicavam-se. A breve trecho, os judeus seriam excluídos do serviço militar, os atores judeus seriam banidos dos palcos e os estudantes judeus seriam proibidos de candidatar-se aos exames de medicina, farmácia e direito. O sistema de campos de concentração expandiu-se rapidamente. Elisabeth Naef, a brilhante psicanalista judia de Agnes Smedley, escreveu um curto bilhete: «*Ich kann nicht mehr*» («Não aguento mais») e suicidou-se. Da Grã-Bretanha, Robert escreveu para a irmã Alice a insistir para que ela e o marido, Georg Dorpalen, saíssem da Alemanha com os quatro filhos. O tio Dorpalen recusou terminantemente, referindo que era um herói de guerra condecorado e um conceituado médico judeu. «Ficaria na sua pátria, que amava.»

Em 1934, Berta vendeu por fim a casa em Schlachtensee por um preço muito reduzido, empacotou os pertencentes da família e fugiu para Inglaterra com as filhas mais novas, Barbara, Sabine e Renate. Ali, reuniram-se com Robert, que tinha arranjado um emprego na London School of Economics como investigador de demografia colonial. Um pouco mais tarde, Brigitte juntou-se a eles. Olga Muth, a ama da família, teve a possibilidade de escolher se queria ficar ou ir. Sendo ariana, não tinha nada a temer na Alemanha e poderia arranjar outro emprego em Berlim. Além do mais, quase não falava inglês e as perspectivas dos Kuczynski na Grã-Bretanha eram, na melhor das hipóteses, incertas. «Mas ela decidiu ficar conosco» e foi viver para um pequeno apartamento arrendado no norte de Londres com o resto da família. Os Kuczynski eram agora refugiados.

Da família mais próxima de Ursula, apenas Jürgen ficou em Berlim, de esconderijo em esconderijo, escrevendo sem parar, enquanto prolixo porta-voz de um Partido Comunista cada vez mais desesperado.

A comunicações de Ursula para Vladivostok incluíam

relatórios de sabotagens, da moral dos guerrilheiros, das medidas de contrainsurreição dos japoneses e de informações secretas militares e políticas extraídas a alemães expatriados e ao próprio Von Schlewitz. Transmitia e recebia mensagens pelo menos duas vezes por semana, anotando «os sinais mais rápidos que chegavam sem cometer quaisquer erros». Mas era um trabalho frustrante e moroso. O transmissor-recetor era fraco. Muitas vezes, o sinal de Vladivostok era interrompido ou ininteligível. As mensagens fragmentadas tinham de ser repetidas vezes sem conta. Era frequente Ursula sentar-se para iniciar o processo de decodificação às três horas da manhã, a trabalhar com uma luz fraca atrás de janelas com as portadas fechadas e sabendo que Michael acordaria dali a poucas horas. Não se atrevia a acender o fogão a lenha com receio de que o fumo chamasse a atenção para as suas atividades noturnas. «Sentava-me diante do manipulador telegráfico vestida com um fato de treino, embrulhada em cobertores, com luvas sem dedos nas mãos. Os aeroplanos sobrevoavam a casa. Um dia, era provável que me apanhassem (...) eu queria muito deitar-me na minha cama quente.» Todas as transmissões eram uma roleta russa.

Contudo, quando o rádio funcionava bem, com as 500 letras de texto divididas em grupos de cinco, alinhadas como fileiras de soldados a marchar para a batalha, Ursula sentia uma estranha euforia secreta. «Com as portadas fechadas, a minha casa era uma fortaleza. O Misha estava a dormir profundamente no quarto ao lado. A cidade dormia. Só eu permanecia acordada, a enviar notícias dos guerrilheiros para o éter — e, em Vladivostok, um homem do Exército Vermelho estava sentado a escutar.»

Precisavam de uma equipa de reforço. Chu aceitou arranjar alguém para receber treino de operações de rádio. Um jovem casal chinês apareceu no dia combinado,

trazendo-lhes cumprimentos do líder dos guerrilheiros e um disfarce credível: Wang ensinaria mandarim a Ursula enquanto a sua mulher, Shushin, uma hábil costureira, remendaria e faria as suas roupas e ajudaria na lida da casa e a cuidar de Michael. Wang era educado, mas entediante, ao passo que Shushin possuía uma sede de conhecimento, um domínio decente do inglês e um ódio visceral aos japoneses. Apesar de parecer uma criança, tinha dois filhos, de quatro e dois anos, que viviam com os pais dela. «Wang era parecido com o Johann nos modos sérios e meticulosos e a divertida e risonha Shushin era parecida comigo.» As mulheres criaram um laço imediato. «Ela era encantadora; quando treinava código Morse, os seus dedos dançavam no manipulador.» Depois das aulas, bebiam chá, queixavam-se dos seus homens, discutiam política e contavam histórias das suas vidas muito diferentes. Shushin fez a Ursula um largo casaco de verão com um bolso escondido no forro onde cabiam duas válvulas de rádio. Uma noite, a conversa seguiu um rumo sombrio: o que aconteceria se fossem capturados pelos japoneses? Quem suportaria melhor a prisão e a tortura, os homens ou as mulheres?

«Achas que a preocupação extra de deixar para trás os filhos desgasta uma mãe?», perguntou Shushin.

Ursula ainda estava a pensar na pergunta quando a outra mulher deu a sua opinião: «Acho que não é a quantidade de sofrimento que determina o que consegues suportar. Talvez sejam os filhos que nos tornam fortes.»

Michael, que tinha quase quatro anos, aprendia chinês com os seus companheiros de brincadeiras e expandia o seu vocabulário em três línguas. Ursula ficava encantada com as «perguntas inteligentes e ponderadas» e com a insaciável curiosidade do filho. «Adoraria ter quatro filhos como ele», escreveu. Patra tinha começado a colecionar instrumentos musicais tradicionais chineses e levava Michael com ele quando ia às compras. Ursula raramente

os acompanhava. «Ambos teriam achado que eu estava a intrometer-me.» Adorava ver o desenvolvimento daquela relação fácil, pois Johann tinha um instinto natural para ser pai. Perguntou a si mesma se um dia teriam filhos juntos.

Moscovo ignorava que a parceria entre os espões de Mukden já não era apenas profissional, e Ursula estava satisfeita que assim fosse. «Trabalhávamos bem juntos», escreveu. «Ele era mais complicado que eu, com a sua índole reservada, acessos ocasionais de fúria, a sua intolerância e o nervosismo, mas, entretanto, eu tinha aprendido a não o irritar, a ceder em quase tudo.» Em questões de espionagem, confiava totalmente nele; no amor, nem tanto. Uma jovem russa arrendou um quarto ao lado do de Johann, «uma bonequinha elegante e bonita, com um laço cor-de-rosa no cabelo loiro». Ursula ficou imediatamente desconfiada. «A Ludmilla irá em breve a Harbin visitar os pais», disse-lhe Johann, num tom descontraído. Ursula ficou furiosa com os ciúmes que sentiu, mas refletiu: «Tenho de saber em que pé estou com este Casanova.» Johann era irascível, exigente e muito possivelmente infiel; no entanto, também era carinhoso e, apesar das inseguranças, forte. Era um amante delicado. E sabia construir excelentes bombas.

«Amávamo-nos, vivíamos uma vida perigosa juntos, éramos camaradas, eu adorava ouvi-lo murmurar enquanto dormia, gostava que ele sentisse orgulho de mim quando eu estava bem arranjada, que ficasse preocupado quando eu me demorava na rua, de nos reconciliarmos depois de uma discussão e das saudades que sentíamos um do outro quando nos separávamos por algum tempo por estarmos em viagem.» Podia falar com Johann acerca de política, da revolução e dos comentários engraçados feitos pelo menino que quase partilhavam. «Falávamos sobre como seria a Alemanha quando a era nazi terminasse e como seria a Alemanha comunista.»

Johann estava desanimado por tantos trabalhadores alemães da classe operária terem apoiado Hitler quando ele reforçara o seu poder e por se terem voltado contra os judeus. «Perdi a confiança na minha própria classe», disse ele. Combinaram uma celebração para quando enviassem a centésima transmissão de rádio.

Após um encontro com Chu em Anshan, uma cidade situada duas horas de comboio a sul de Mukden, Ursula foi ao mercado local e viu um remendão de porcelana como o que tinham visto em Hangchow, «um velho com uma fina barba branca». Reparou que as suas mãos tremiam enquanto colava uma tigela partida. Entabularam conversa, de início de forma algo hesitante, e ela fez-lhe uma pergunta acerca do pequeno gongo de porcelana que ele trazia numa vara. O velho pegou no objeto. «Hoje é o meu último dia de trabalho», disse. «Tenho filhos, netos e bisnetos, e daqui a três dias vou deitar-me para morrer.» Ursula ficou momentaneamente sem fala. O velho pôs-lhe o gongo de porcelana na mão. «Fique com ele», disse-lhe. «Vai viver durante muito tempo.»

Nessa noite, em Mukden, contou a Johann a história do remendão de porcelana a reparar a sua última tigela e entregou-lhe o pequeno gongo para que o juntasse à sua coleção: uma prova de amor que prometia longevidade.

Em janeiro de 1935, Rudi foi visitá-los; levava presentes para Michael e peças sobressalentes para o transmissor. Ursula informou Moscovo: «O Rudi tornou-se um comunista convicto e já não quer manter-se politicamente inativo.» Voltou alguns meses depois e levou os ingredientes necessários para fazer bombas. Rudi passava horas a brincar com o filho no jardim. Michael tinha-se tornado próximo de Patra, mas as aparições repentinas, inesperadas e inexplicadas do pai eram momentos da mais pura felicidade. Anos mais tarde, no que chamou «fragmentos de mosaicos-fantasma», recordaria as suas memórias de infância: o pai a empurrá-lo no baloiço no

jardim, a textura do casaco de *tweed* de Rudi na cara, a mãe a ler-lhe histórias em voz alta até ele adormecer: «O filho feliz de uma família alemã feliz na China.»

Rudi não fazia perguntas a respeito da relação de Ursula com Johann nem queria saber quando é que eles voltariam para Xangai. Não fazia pressão. Contudo, não desistira da sua família. Hamburger era uma estranha combinação: um radical com ideias tradicionais, um cavalheiresco revolucionário. Mais tarde, um amigo descrevê-lo-ia como «o último comunista vitoriano». Para manter as aparências e por causa do filho, estava disposto a brincar às famílias felizes, ainda que nutrisse a esperança de que a sua pudesse voltar a ser verdadeiramente feliz um dia.

No início de 1935, Moscovo ordenou a Patra que construísse um rádio para Shushin e Wang. Ursula apanhou o comboio para Tianjin com Michael e comprou válvulas de rádio, que escondeu no interior do ursinho do filho para passar a fronteira. Passadas algumas semanas, Shushin e Wang partiram, levando com eles o segundo rádio montado por Johann. Ela não sabia, nem perguntou, para onde iam. «Foi muito difícil despedir-me de Shushin, a minha única amiga.»

A missão de Mukden foi um tempo de felicidade e medo, de euforia e fadiga extrema, de ciúmes e de horror ocasional. Após um encontro com Chu nas montanhas, Ursula voltava a pé para uma aldeia próxima, no meio de uma paisagem «intocada e linda», quando avistou o corpo de um bebé morto no caminho: era a segunda criança morta que via em dois anos e mais um chocante lembrete da ameaça que pairava sobre o seu filho. A fome levava os camponeses esfomeados com grandes famílias a abandonar os filhos, normalmente meninas. «O seu corpo ainda estava morno», escreveu Ursula. «Que tipo de mundo era aquele em que os pais tinham de sacrificar um

filho para salvar outro?» Sempre que o seu espírito vacilava, recordava a simples gratidão de Chu. O jovem líder da guerrilha chinesa «irradiava calma e dignidade». Ursula dizia a si mesma que a causa merecia qualquer sacrifício: «Estávamos a lutar contra o fascismo japonês.»

Os ocupantes japoneses estavam convencidos, e com razão, de que Moscovo estava por detrás da intensificação da campanha de guerrilha. Alguns estrangeiros começaram a ser detidos para interrogatório. Ursula foi «convidada» a ir à esquadra da polícia de Mukden e levaram-na para uma sala onde se encontrava um oficial japonês. «O uniforme muito justo realçava as suas pernas arqueadas. Embora se mantivesse direito, os braços estavam afastados do corpo como se estivesse a segurar um guiador.» Casualmente, o oficial disse-lhe, em russo: «*Sadityes pozhaluyste*» («Sente-se, por favor»). Era um truque para ver se ela falava a língua e poderia ser uma espia soviética.

«O que disse?», replicou ela.

Após um breve e desconexo interrogatório, Ursula foi dispensada. No entanto, o Kempeitai fechava o cerco.

«A utilização frequente do nosso transmissor, a compra de produtos químicos, o armazenamento na nossa casa e o transporte, os meus encontros com os guerrilheiros — tudo isto acontecia sob contínua vigilância dos japoneses.» Ursula dizia que se tinha acostumado ao perigo, mas o seu sono era muitas vezes interrompido por um pesadelo recorrente em que o inimigo invadia a sua casa antes de ela ter tempo de destruir as mensagens decodificadas. Começou a tomar comprimidos para dormir.

Von Schlewitz reparou que ela estava a emagrecer. «Senhora vizinha, hoje vou convidá-la para jantar e vamos pedir as iguarias mais deliciosas», anunciou. Entre enormes garfadas de comida e grandes goles de vinho, Von Schlewitz «tentou com muita diplomacia e sem

sucesso descobrir qual era o problema». Por fim, Ursula disse: «Se eu levar com um tijolo na cabeça, terá de cuidar do Misha.» Von Schlewitz disse que o faria com o maior prazer e que, se necessário, adotaria o menino. «Aquilo foi demais para mim», escreveu Ursula, que se riu com a sombria ironia de um negociante de armas nazi criar o filho de uma espia judia comunista. Ainda assim, era um consolo saber que o seu bondoso vizinho cuidaria do filho se ela e Patra fossem apanhados.

Von Schlewitz não perguntou porque é que ela temia que um «tijolo» lhe caísse na cabeça, nem porque é que o filho teria de ser adotado, nem porque é que ela estava tão interessada em assuntos militares. É provável que o bêbedo empresário soubesse muito mais do que dava a entender.

Em abril de 1935, Ursula e Johann estavam a jantar na casa de pedra quando alguém bateu à porta. Na entrada estava um ofegante rapaz chinês com cerca de 16 anos. O adolescente pôs um papel na mão de Ursula: um desconhecido dera-lhe algum dinheiro e dissera-lhe para entregar aquela «mensagem sobre uma doença grave».

Ursula fechou a porta e desdobrou o papel. Estava escrito num inglês simples, na caligrafia irregular de Chu. Ela leu-o e sentiu que a sala se inclinava. Depois, pôs o papel no cinzeiro, acendeu um fósforo e ficou a ver o bilhete arder. As cinzas ainda estavam a brilhar quando ela se voltou para Johann.

«Prenderam a Shushin.»

De Pequim para a Polónia

Enquanto encriptava a mensagem de emergência para Moscovo, Ursula imaginou o que Shushin devia estar a sofrer. Os delicados dedos que dançavam sobre o manipulador de código Morse já estariam partidos? «Nós sabíamos como eles faziam. Primeiro, o polegar — “Dá-nos nomes!” — depois, o dedo indicador — “Fala!” — e a seguir os dedos restantes, um por um. Se a vítima permanecesse em silêncio, começavam a arrancar-lhe as unhas.» Os japoneses também deviam ter prendido Wang. Ela não conseguiria suportar uma sessão hábil de tortura durante muito tempo. Ursula enviou a mensagem, a sua centésima comunicação para o Centro.

A resposta foi célere e precisa. «Cortem todos os contactos com os guerrilheiros. Desmantelem e escondam o rádio. Saiam de Mukden. Vão para Pequim e montem uma nova estação de operações.»

A missão tinha chegado ao fim. A rede, o equipamento e a vida que tinham construído com tanto cuidado durante os últimos 15 meses teriam de ser imediatamente destruídos.

Ursula desmantelou o rádio e embrulhou as peças em sacos de plástico. Na manhã seguinte, ela e Johann apanharam comboios diferentes, mudaram duas vezes de destino, voltaram para trás e encontraram-se na orla de uma floresta nos arredores a norte de Mukden. Nenhum deles tinha sido seguido. Johann escavou um buraco e apressou-se a enterrar as peças do rádio.

Depois, sentaram-se numa pequena clareira a apanhar o sol de primavera.

— Vamos conversar um pouco em paz e sossego — disse Johann suavemente. — A Shushin e o Wang têm um bom casamento?

— Muito bom.

A pista do casal chinês levaria diretamente a Ursula.

— Frequentaram a tua casa durante seis meses — disse-lhe Johann. — Tens de te ir embora rapidamente. Pode estar alguém à tua porta neste preciso momento.

É claro que ele tinha razão. No entanto, se ambos saíssem da cidade com uma «pressa excessiva», levantariam suspeitas. Provavelmente, só tinham dois dias, no máximo, antes de Shushin e Wang falarem e o Kempeitai japonês vir prendê-la.

— Precisamos de ter uma história plausível — declarou Ursula. — A primeira parte é do conhecimento de todos: conhecemo-nos no navio e apaixonámo-nos. Segui-te de Xangai para aqui. Agora, acrescentamos a segunda parte: separámo-nos porque tu tens uma nova namorada.

Era a primeira vez que aludia a Ludmilla, a russa que vivia no quarto ao lado do de Johann. Ele torceu o boné nas mãos e ficou em silêncio durante vários minutos. Depois, murmurou:

— Ela admirava-me e escutava-me como se eu fosse um académico.

Ursula olhou para o chão. Minúsculas flores douradas cresciam por entre o musgo no meio das deformadas raízes das árvores.

Após um longo silêncio, disse-lhe:

— Não devia dizer isto, mas, se chegasse a casa e estivesse alguém à minha espera, não me importaria. Pelo menos, não seriam sempre os outros a sofrer.

Chorou. Johann acariciou-lhe o cabelo.

Ao voltarem a pé para a estação, Johann parou e voltou-se para ela.

— Lembras-te de te dizer no navio que ficaríamos juntos para sempre? Estava a falar a sério naquela altura, e hoje estou ainda mais convencido de que é verdade. Apesar de tudo, deste-me o gongo do remendão de porcelana. É quase como se aquela história com a tal rapariga fosse necessária para me mostrar uma coisa de que já não necessito e para me fazer perceber que preciso de ti.

Ursula sentia-se destruída.

No comboio, ensaiaram a história que contariam a toda a gente. Ela iria primeiro para Pequim e passaria a palavra de que se tinham separado. Johann partiria alguns dias mais tarde.

— Escreve-me uma carta de despedida... as coisas do costume: que conhecestes outra pessoa, e que não nos dávamos assim tão bem. Incomodava-te especialmente que eu te escondesse coisas, um sinal de que não sabias nada acerca do meu trabalho. E alguma coisa a respeito de diferenças raciais que não podem ser ultrapassadas.

Johann pareceu devastado.

— Já não gostas de mim?

— Estou extremamente cansada, Johann.

Ursula contou a Von Schlewitz que tinha sido abandonada e que ia deixar Mukden. O alegre negociante de armas alemão não fez perguntas. Se aquela era a sua história, ele iria contá-la quando os japoneses aparecessem, como aconteceria em breve. Von Schlewitz foi despedir-se deles à estação. Ursula nunca mais o veria.

Ao seguir de comboio para sudoeste, refletiu: *Meses de intenso trabalho terminaram de repente. Fica tanto por fazer.*

*

Ursula estava deitada na cama do seu quarto no hotel em Pequim, com o maxilar dorido e mil pensamentos na cabeça. Durante a longa viagem, uma pequena dor de dentes piorara de repente e ela fora diretamente da

estação para o consultório do dentista mais próximo para uma desvitalização de emergência que demorou duas horas. Michael observou com interesse quando o dentista começou a trabalhar com um alicate. «Para não o deixar com medo de dentistas para sempre, não emiti um som.» A tortura fê-la pensar em Shushin. À medida que o efeito da anestesia foi passando, sentiu uma dor pulsante subir pela cara até à têmpora, juntamente com uma onda de culpa e náusea. Apesar de um «cansaço avassalador» e de diversos comprimidos para dormir, não conseguia adormecer. «Abandonámos os nossos guerrilheiros», pensou. «O Chu irá ao próximo encontro e eu não estarei lá.» Talvez Shushin já estivesse morta. Odiou Johann por dormir com Ludmilla, mas precisava desesperadamente dele. «Só estávamos separados há dois dias e já sentia uma enorme falta dele.» Sem o rádio, sentia-se desprotegida; o aparelho tornara-se uma parte integrante da sua vida, «como a espingarda é essencial para um soldado e a máquina de escrever é imprescindível para um escritor». Por fim, mergulhou num sono drogado.

Ursula e Michael estavam à espera na estação de Pequim quando o comboio de Mukden chegou. Patra rodou o menino no ar e beijou Ursula, um beijo demorado e intenso. No dia seguinte, procurou peças para construir outro rádio. A primeira mensagem de Moscovo foi surpreendente: «Escondam o transmissor e tirem quatro semanas de férias.» Os espiões do Exército Vermelho não costumavam ter férias. Na realidade, o Centro pretendia avaliar os danos na rede de Mukden. Nessa noite, jantaram pato assado, sopa de barbatana de tubarão e chá verde. «Estávamos cansados, mas sentíamo-nos próximos e felizes.»

Teve início uma estranha lua de mel. «Pequim é um paraíso», escreveu ela aos pais. A pouco e pouco, relaxaram e descobriram lentamente uma «maneira de aproveitar todas as horas daqueles raros dias livres de

perigo». A dor de dentes passou e o enjoo que sentia antes de sair de Mukden desapareceu. Começou a dormir bem de novo. Levaram Michael ao lago no Palácio de Verão, subiram as colinas, passearam pelas ruas da cidade e leram livros. Johann era encantadoramente atencioso e a bonequinha russa não passava de uma recordação. «Não houve palavras amargas», escreveu. «O Johann estava feliz porque vivíamos juntos. Penso naquele agosto em Pequim como um tempo banhado em luz quente.»

Passadas as quatro semanas, montaram de novo o rádio. Johann estava a dormir quando chegou a mensagem de Moscovo, uma ordem abrupta que a deixou com um aperto no coração. «Sonya vai para Xangai com bagagem. Ernst fica onde está e aguarda nova parceira.» De Xangai, continuava a mensagem, Ursula seguiria para Moscovo, à espera de instruções, e a seguir iria à Europa visitar a família. Depois de cinco anos a trabalhar para o Conselho Municipal de Xangai, Rudi e a família podiam ir a casa. Ursula percebeu que não voltaria à China: a sua missão tinha terminado.

Sentou-se na cama a olhar para Johann, que dormia. «A testa franzida, as maçãs do rosto salientes, o nariz fino, a boca inquieta e nervosa, as mãos. Deixei que as lágrimas corressem.» Era a terceira vez que chorava na presença de Johann. Primeiro num cinema em Praga, depois numa floresta nos arredores de Mukden e agora em Pequim, enquanto ele dormia e ela se despedia em silêncio.

— É um adeus para sempre — disse Johann na manhã seguinte, quando ela lhe comunicou as ordens de Moscovo. Depois, a sua expressão desanuviou-se. — Os nossos não são desumanos e vão deixar-nos ficar juntos. Logo que saia daqui, vamos casar-nos.

Ursula não disse nada.

Johann acompanhou-os à estação, arrumou a bagagem, abraçou Michael e depois ficou parado na gare, um pouco acanhado, ao pé da janela da carruagem.

— Escrevo-te quando deixar a China — disse. — Podes contar com isso.

As portas fecharam-se com um estrondo e ouviu-se o apito do comboio. Johann não acenou. Virou-se e foi-se embora.

Ursula não lhe dissera que estava grávida.

*

O coronel Tumanyan, o oficial superior de Ursula, recebeu-a calorosamente no gabinete da Rua Bolshoi Znamensky e deu-lhe os parabéns pelo trabalho em Mukden e pela fuga à justa de Xangai. Em maio de 1935, o inspetor Tom Givens da Polícia Municipal de Xangai tinha prendido outro importante espião soviético. «Joseph Walden» dizia-se um escritor sem um tostão, mas na realidade era o coronel Yakov Grigoryevich Bronin dos serviços secretos militares soviéticos. No apartamento de Bronin, a polícia encontrou provas de que a sua máquina de escrever fora comprada por uma tal Ursula Hamburger. Rudi foi interrogado e deu ao Special Branch «uma justificação convincente, mas falsa, da venda da máquina de escrever». Givens aproximava-se perigosamente. Ursula saiu de Xangai no barco seguinte, sabendo que nunca mais voltaria. Contudo, o Quarto Departamento já tinha outra missão em mente: «Queres ir para a Polónia? Com o Rudi?», perguntou-lhe Tumanyan. O Governo polaco de direita obrigara o Partido Comunista a entrar na clandestinidade e os camaradas polacos tinham necessidade urgente de um especialista em transmissões de rádio. Como Rudi estava disposto a trabalhar para os serviços secretos soviéticos e ela garantia o seu empenho, poderiam formar uma equipa para coordenar as células comunistas polacas, recolher informações militares secretas e reportar a Moscovo. O trabalho de Rudi como arquiteto seria a fachada. Embora ainda fosse o chefe da secção asiática, Tumanyan

continuar a ser o seu controlador. O coronel Tums desconhecia em que pé se encontrava o seu casamento e ela não lhe contou que estava grávida de Johann Patra. «Do seu ponto de vista, era uma proposta lógica e humana.»

Porém, da perspectiva de Ursula, a proposta era tudo menos simples. Fazer um aborto na China era relativamente fácil, mas desde o momento em que descobrira que estava grávida que a sua decisão estava tomada. «Desejava muito ter mais um filho, e sabendo que estava de esperanças, queria ficar com ele.»

A gravidez criou uma situação extraordinária. Antes de deixar Xangai, contou a Rudi que estava grávida de Patra. Atónito, este insistiu para que fizesse um aborto. Quando escreveu a Johann, também ele tentou persuadi-la a abortar. Começou uma estranha troca de cartas entre Patra, em Pequim, e Hamburger, em Xangai, para discutirem o que Ursula devia fazer. «Eu não disse nada enquanto os dois combinavam o meu futuro.» A sua decisão estava tomada: ficaria com a criança e não se falava mais nisso. Por fim, Rudi fez o que era decente, como sempre, e «declarou que não me deixaria sozinha no meu estado». Iria para onde Moscovo a mandasse; continuaria a ser seu marido na aparência, não na realidade, e seria um pai para Michael; esconderiam do mundo, do Centro e das suas famílias que o filho que Ursula trazia no ventre não era seu. Quando o bebé nascesse, ela decidiria o seu futuro, com ou sem ele. À sua maneira, a reação de Patra a este plano também foi nobre: «Se não posso ficar contigo, não há ninguém melhor que o Rudi, e fico muito mais tranquilo se estiveres com ele.»

A sugestão de Tumanyan de uma missão conjunta trouxe uma luz muito diferente para este arranjo pouco convencional. Rudi e Ursula viveriam e trabalhariam juntos. Hamburger era um bom pai, um excelente arquiteto e um homem bondoso, mas Ursula estava

convencida de que seria um espião bastante inútil. «O seu encanto e modos corteses tornavam-no popular em toda a parte, sobretudo com as mulheres, e ele abria muitas portas», mas, por outro lado, «era ingénuo em muitos aspetos, e compassivo.» Entretanto, o perigo passara a fazer parte da sua vida quotidiana. Como Ursula tinha descoberto, a espionagem envolvia não apenas perigo, mas também sacrifício, perda e dor. Estava grávida do filho de outro homem. Ainda amava Patra, embora soubesse que era muito pouco provável que voltassem a ser um casal. Era justo «esperar que o Rudi e eu vivêssemos uma vida juntos nas atuais circunstâncias?».

Ursula informou Tumanyan de que aceitaria a missão, levaria Michael à Grã-Bretanha para ver a família e depois seguiria para Varsóvia. Rudi viria a Moscovo sozinho para discutir a missão com Tumanyan e decidiria se queria ir com ela para a Polónia. Se não quisesse acompanhá-la, ela iria sozinha. «Eu não tinha medo de fazer o trabalho sem ajuda.» Antes de partir de Moscovo, foi apresentada a um oficial búlgaro dos serviços secretos chamado Stoyan Vladov (o seu verdadeiro nome era Nikola Popvassilev Zidarov), que seria o seu principal contacto na Polónia.

Todo o clã Kuczynski estava reunido no cais de Hay's Wharf em Gravesend, acompanhados pela fiel Ollo, quando o navio *Co-Operatzia* proveniente de Leninegrado atracou no dia 21 de outubro de 1935. Ursula não via o pai e os irmãos há mais de cinco anos.

Jürgen já estava na Grã-Bretanha. O seu irmão mais velho ficara na Alemanha até ao último momento, a trabalhar para o Partido Comunista na clandestinidade, com esperança de que a classe trabalhadora caísse em si e derrubasse Hitler. No início de 1935 visitara a União Soviética, onde se encontrara com vários notáveis comunistas, incluindo Karl Radek, cujos livros Ursula lera em Xangai depois do nascimento do filho. Aos 30 anos,

Jürgen era considerado pelo Kremlin um homem do futuro: Radek declarou que o próprio Estaline perguntara se o jovem Kuczynski sairia beneficiado ou prejudicado se fosse nomeado membro da Academia Soviética das Ciências. Sensatamente, Jürgen recusou uma honra que, se os nazis descobrissem, serviria como mais uma desculpa para o matarem. Voltou para Berlim, disse Jürgen, «completamente convencido de que em breve poderia receber os meus camaradas na Alemanha». Aquela convicção era uma fantasia, e a realidade impôs-se quando recebeu instruções para contrabandear os fundos que restavam do KPD e depositar o dinheiro num banco holandês. Os nazis continuavam a eliminar os amigos dele e os seus aliados políticos. Berta implorava-lhe, na correspondência que trocavam, que fugisse para a Grã-Bretanha antes que fosse demasiado tarde. No dia 15 de setembro de 1935, depois do comício anual de Nuremberga, o Reichstag aprovou a «Lei da Cidadania do Reich», que tornava os judeus inelegíveis para a cidadania alemã. Estrangeiros no seu próprio país, com a esperança de um ressurgimento comunista a desvanecer-se e a histeria antissemita a intensificar-se na Alemanha, Jürgen e Marguerite deixaram o seu esconderijo e fugiram. Três dias depois de chegar a Londres, entrou em contacto com o Partido Comunista Britânico.

A família estava reunida, mas em circunstâncias muito diferentes da vida que antes levavam: viviam amontoados num apertado apartamento de três divisões na zona norte de Londres. A primeira reunião de toda a família desde 1929 foi exuberante e ruidosa, mas cheia de tristeza. «Todos sentíamos saudades da casa onde tínhamos crescido e da paisagem a que pertencíamos.» Quando os pais e os irmãos de Ursula souberam que ela esperava um segundo filho, presumiram que o pai era Rudi. «Não foi preciso mentir», escreveria ela mais tarde — uma interessante forma de desculpar o que sabia que era um

«detestável engano».

Depois da reunião familiar, afastou-se com Jürgen e contou-lhe a verdade. Os irmãos eram tão próximos, e competitivos, como sempre. Ursula explicou-lhe que tivera um caso amoroso na China, embora não dissesse com quem, e que Rudi não era o pai do filho que trazia no ventre, ela tinha a certeza. O irmão disse-lhe que ela era «impossível», mas prometeu que não contaria a ninguém. Jürgen podia ser incapaz de controlar a sua verborreia no papel, mas sabia guardar segredos e Ursula confiava plenamente nele.

Todos os filhos do clã Kuczynski tinham assimilado as ideias de esquerda, se bem que em diferentes níveis. Brigitte, a irmã com a idade mais aproximada de Ursula, já era filiada no Partido Comunista. Expulsa da universidade de Heidelberg por esbofetear um aluno que era líder da Juventude Hitleriana, fugira para a Grã-Bretanha em setembro de 1935. Até Renate, a mais nova, «dizia-se comunista com orgulho». As simpatias políticas dos refugiados não passaram despercebidas.

O MI6, o departamento de serviços secretos internacional da Grã-Bretanha, abriu o primeiro dossiê sobre Jürgen em 1928, quando este começou a escrever para jornais comunistas. Robert, o *pater familias*, que agora lecionava Demografia na LSE e fazia investigação para o Governo, também era suspeito de simpatias bolcheviques. O MI5, o serviço de segurança interna, estava muito interessado nesta família de alemães de esquerda que se instalara na Grã-Bretanha. Nos anos seguintes, os serviços secretos britânicos reuniram nada menos que 94 dossiês sobre os Kuczynski. As autoridades de imigração britânicas notaram a chegada de Ursula de Leninegrado, um primeiro sinal no radar do MI5.

Rudi chegou à Grã-Bretanha algumas semanas mais tarde. O encontro com o coronel Tumanyan em Moscovo

não fora totalmente satisfatório. «O meu desejo era ter trabalhos [de espionagem] independentes no futuro e receber treino adequado para esse fim. O meu desejo não foi concedido, mas recebi promessas.» A sua decisão de trabalhar para os serviços secretos soviéticos foi uma escolha política, mas também pessoal. Rudi continuava a amar Ursula e «agarrava-se à esperança vã de uma reconciliação». Não estava disposto a desistir do filho. Tumanyan deu-lhe instruções para acompanhar Ursula até à Polónia e auxiliá-la.

Partiram em janeiro de 1936, com uma importante adição ao grupo. Olga Muth implorou a Ursula que a levasse. Renate era quase adolescente e já não precisava de uma ama. Na Polónia, Ollo poderia cuidar de Michael e ajudar com o bebé que vinha a caminho. Ursula aceitou sem hesitar. Conhecia Olga Muth desde os três anos. «Houve sempre um laço especial entre a Ollo e eu», escreveria.

A Polónia atravessava um período de grande agitação. Józef Piłsudski, o autocrata de direita que governava o país desde 1926, acabara de falecer e deixara um governo que era ferozmente antissoviético e estava determinado a erradicar o comunismo, obrigando os comunistas a entrarem na clandestinidade. O antissemitismo polaco ia crescendo. Os polacos tentavam negociar um acordo com Hitler para lançar um ataque conjunto à União Soviética. Era um mau momento para ser um espião comunista na Polónia ou, de uma perspetiva diferente, um momento muito bom.

Os Hamburger arrendaram um apartamento em Anin, um subúrbio de Varsóvia, e Rudi arranjou um emprego com a ajuda de dois arquitetos polacos. Ursula começou a aprender polaco e a construir um transmissor-recetor, o primeiro que construiria sozinha, e escondeu-o dentro da caixa de madeira de um gramofone de onde retirara o mecanismo. Uma noite, «carreguei pela primeira vez no

manipulador à luz fraca de um candeeiro no nosso apartamento». Passados dois minutos veio a resposta da Rússia, com perfeita nitidez.

O búlgaro Stoyan Vladov, oficial superior do Quarto Departamento, já estabelecera uma rede de informadores polacos com o nome de código «Mont Blanc». Antigo músico da orquestra de um cinema, Vladov filiara-se no Partido Comunista em 1914, cumprira cinco anos de prisão por tráfico de armas, fizera treino militar e de serviços secretos em Moscovo e agora trabalhava numa grande quinta hortícola a cultivar rosas, espiava para o Exército Vermelho e apoiava os comunistas polacos. Uma vez por mês, Ursula encontrava-se com ele em Cracóvia para recolher as informações que ele conseguira e depois voltava para Varsóvia e transmitia-as a Moscovo. «Era suposto aconselhá-lo», escreveria. Mas Vladov não queria conselhos, nem necessitava deles.

Ursula estava entediada. Depois da excitação e do perigo na China, a sua existência parecia-lhe quase corriqueira: ou andava de um lado para o outro para ir buscar os ditados de Vladov, ou estava presa no apartamento a codificar, a transmitir e a preparar-se para o nascimento do segundo filho. Os atos de espionagem de Rudi eram ainda mais limitados. De vez em quando, operava o transmissor ou realizava «reparações e manutenção geral», mas o Centro mostrava-se relutante em dar-lhe maior responsabilidade. «Em diversas ocasiões, ele insistiu em transmitir as suas mensagens, perguntando quando poderia ir a Moscovo para treino de serviços secretos, para poder espiar por sua conta.» A resposta de Moscovo era «invariavelmente desdenhosa». Rudi tinha um desejo profundo de ser espião, mas o Exército Vermelho não contava ainda com ele.

E Ursula também não. «O Rudi e eu vivíamos num espírito de camaradagem e não havia discussões», mas a relação era tão fria como o inverno polaco. Naquela

altura, o pequeno Michael sentia uma «intensa felicidade por a família estar de novo junta», mas muito mais tarde perguntaria a si mesmo porque é que o pai aguentara «o peso mental daquela farsa». Marido apenas no nome, Rudi não fingia que o nascimento iminente o enchia de prazer. Ursula pensava muito em Johann Patra, sem saber onde se encontrava, se estava em segurança: «Não vai conseguir fazer isto sozinho», refletiu. «Vai acabar por fazer alguma estupidez.» Porém, à medida que os meses foram passando, a separação tornou-se mais fácil de suportar. Eles eram fundamentalmente incompatíveis. Johann «precisava de uma mulher completamente diferente como companheira permanente; uma pessoa que o aceitasse sem críticas, sem questões nem discussões». No início da relação, ela era sua subordinada; agora, era sua igual, talvez até superior aos olhos do Centro. Teimoso e antiquado, Johann nunca conseguiria aceitar aquele desequilíbrio. Contudo, tendo um filho a crescer dentro dela, Ursula sentia a sua ausência como uma dor intensa e permanente. Ao ver o perfil de grávida refletido na montra de uma loja, pensou: «Como é triste que o meu filho não seja esperado com alegria por *duas* pessoas.»

Na verdade, era. A dedicada Olga Muth, então com 55 anos, estava nas suas sete quintas a preparar tudo para o novo bebé, a cuidar de Michael e a apoiar discretamente as operações de espionagem da família. Ollo estava perfeitamente consciente de que os patrões eram espiões a trabalhar contra os fascistas, e aprovava, sem jamais lhes dizer. Sabia que a meio da noite a dona da casa, a rapariga a quem ainda chamava *Furacão*, enviava mensagens com um transmissor ilegal escondido dentro de um gramofone com um disco da *Abertura Egmont* de Beethoven no prato. A colaboração entre as duas mulheres era tácita, baseada mais na lealdade pessoal do que na afinidade política, e não era discutida

abertamente. «Nunca mencionei a natureza do meu trabalho», escreveu Ursula. «E a Ollo não fazia perguntas.» Olga Muth era uma ama; mas também era uma auxiliar de espiões.

No dia 27 de abril de 1936, numa clínica nos arredores de Varsóvia, Ursula deu à luz uma menina saudável. Chamou-lhe Janina, mas era tratada pelo diminutivo Nina. Oito horas mais tarde, encontrava-se de volta ao apartamento, «sentada ao lado de um candeeiro com quebra-luz perto do transmissor ilegal», a escrever uma mensagem que começava: «Peço desculpa pelo atraso, mas acabei de ter uma filha.»

Foi mais efusiva na carta para os pais: «Que felicidade que é chegar a casa e ver o pequeno berço com uma ocupante diante da nossa casa na floresta (...) A Ollo é uma ajudante maravilhosa e adora a Janina. O Rudi anda muito ocupado.»

Nina tinha seis meses quando o Centro mandou Ursula mudar-se para Danzig (atual Gdańsk) para apoiar os comunistas que se mantinham ali na clandestinidade. Rudi continuaria a trabalhar em Varsóvia para garantir a renovação das suas autorizações de residência. Danzig, a cidade portuária no Báltico, era uma «cidade livre», uma cidade-estado autónoma entalada entre a Polónia e a Alemanha e teoricamente independente dos dois países. Na realidade, era tudo menos livre: os habitantes eram na maioria alemães, o seu governo era dominado por nazis e em 1936 orquestrou-se uma campanha crescente para incorporar Danzig no Terceiro Reich. Ursula chegou a uma cidade que estava a ser sujeita a uma intensa nazificação: «A suástica esvoaçava nos edifícios oficiais, retratos de Hitler decoravam as paredes das repartições públicas, os polacos estavam aterrorizados e os judeus eram intimidados, perseguidos e presos.» Karl Hoffman, um jovem comunista com um «rosto delicado» e uma forte tosse de tuberculose, tinha estabelecido uma pequena

célula de resistência que sabotava os submarinos que estavam a ser construídos nos estaleiros de Danzig e elaborava planos para desligar os semáforos a fim de atrasar a esperada invasão nazi. Ursula era a sua ligação com Moscovo.

Ursula, Ollo, Michael e Nina mudaram-se para um luminoso apartamento num prédio moderno no bairro de Oliwa. Durante o dia, Ursula ia às compras, a empurrar o carrinho de bebé, e recolhia os relatórios dos espiões de Hoffman; à noite, depois de todos se irem deitar, tirava o transmissor-recetor do gramofone, transmitia mensagens para Moscovo e recebia-as de lá. Enquanto mãe de duas crianças pequenas, já não precisava de um emprego de fachada.

Michael tentou fazer amizade com as crianças locais. Um dia, perguntou à mãe:

— O que significa «não bem-vindo»?

Ursula respondeu-lhe que significava «proibido». O menino insistiu:

— O que é judeu? — Ela tentou mudar de assunto. E Michael inventou então uma canção: — Fumar proibido, judeus proibidos, barulho proibido. — Ursula mandou-o calar. Michael alterou a letra da canção: — Cuspir permitido, judeus permitidos, cantar permitido...

Pela primeira e única vez na vida, Ursula deu um tabefe ao filho. Michael saiu disparado da sala com os olhos rasos de lágrimas. Ursula ficou devastada com o que tinha feito. A tensão começava a afetá-la. «O que acontecerá aos meus filhos se eu for apanhada?», perguntava a si mesma. Tentou consolar-se com o pensamento de que «os dois têm cabelo louro e olhos azuis; isso vai protegê-los de qualquer brutalidade». Mas no fundo sabia que não correspondia à verdade.

O trabalho era maçador e perigoso, inglório, mas não isento das suas recompensas.

Pouco depois de Michael fazer seis anos, do Centro chegou uma mensagem diferente das outras. Endereçada especificamente a ela, dizia: «Cara Sonya, o Comissariado do Povo para a Defesa decidiu atribuir-lhe a Ordem da Bandeira Vermelha. As nossas calorosas felicitações e desejos de muitos sucessos futuros. O Diretor.»

Criada depois da revolução, a Ordem da Bandeira Vermelha era a mais elevada condecoração militar soviética, para celebrar a coragem e o heroísmo no campo de batalha. Estaline recebera essa condecoração, assim como Trotsky. Num primeiro momento, ficou embaraçada com a honra e perguntou a si mesma se o seu «valor estava a ser exagerado», mas depois encheu-se de um discreto orgulho. Nos seis anos anteriores arriscara inúmeras vezes a vida em Xangai, na Manchúria e na Polónia. Espia judia alemã comunista num governo nazi em Danzig, Ursula sabia que, se fosse detida, seria deportada para a Alemanha, presa e morta. Afinal, subestimara-se, porque ali, assinado pelo próprio diretor do Quarto Departamento, estava o reconhecimento do seu bom trabalho como soldado secreto do Exército Vermelho.

Alguns dias mais tarde, na rua à entrada do prédio, encontrou a mulher de um oficial nazi que vivia no andar de cima, uma metediga que não percebera que ela era judia.

— Tem tido muita interferência no seu rádio? — perguntou-lhe a mulher.

— Não dei por nada — respondeu Ursula, sentindo um arrepio súbito. — A que horas?

— Por volta das onze... ontem à noite também foi muito mau.

Ursula tinha enviado uma longa mensagem para Moscovo na noite anterior.

A mulher continuou a tagarelar:

— O meu marido diz que há alguém a transmitir muito perto de nós. Na sexta-feira, vai mandar cercar o

quartelão...

Nessa noite, depois de as luzes se apagarem no andar de cima, Ursula enviou uma mensagem para Moscovo a explicar que ia mudar imediatamente o rádio para outro local e que ficaria à espera de uma resposta. Montou-o num esconderijo de um membro da rede de Hoffman. A resposta de Moscovo foi repetida várias vezes: «Regresse à Polónia.» A missão em Danzig durara três meses.

De volta a Varsóvia, recebeu outra mensagem: um camarada encontrar-se-ia com ela num determinado local dali a dois dias. Quando o coronel Tumanyan apareceu, com um sorriso aberto, Ursula teve de se conter para não lhe dar um beijo. Os heróis militares condecorados não se beijam. Tumanyan trazia felicitações do general Berzin, que estava de novo em Moscovo como chefe dos serviços secretos do Exército Vermelho depois de passar um ano em Espanha enquanto conselheiro militar dos republicanos envolvidos na guerra civil. «O diretor está satisfeito com o teu trabalho», disse-lhe Tumanyan, mas enquanto passeavam por Varsóvia, o arménio ficou sério.

— Posso falar-te como amigo, não como teu superior? Já não pareces irradiar a antiga alegria. Como estão as coisas com o Rudi?

Para sua surpresa, Ursula contou tudo ao coronel Tums: o desvanecimento do seu casamento e a relação com Johann Patra que tivera como resultado Nina. «Disse-lhe que gostava muito do Johann e que ainda sentia a sua falta, mas não queria voltar para ele.» Descreveu a frustração que sentia com o trabalho na Polónia.

— Sinto-me uma inexperiente — disse. — Não sei o suficiente sobre as técnicas mais recentes de construção de rádios. Acima de tudo, gostaria de receber mais treino.

Tumanyan acenou com uma expressão compreensiva:

— Nesse caso, vais passar alguns meses a Moscovo e depois voltas para a Polónia.

Sem querer, Ursula virara mais uma página da sua

história.

Temos de Acabar o Que Começamos

No dia 15 de junho de 1937, no seio do Kremlin, um dos bolcheviques mais velhos colocou uma medalha num dos mais novos, uma estrela ascendente no Exército Vermelho.

Mikhail Kalinin, antigo mordomo e um dos primeiros discípulos de Lenine, foi o primeiro presidente da Rússia soviética, membro do Politburo, presidente do Presídium do Soviete Supremo, um obediente compincha de Estaline e, para o povo soviético, uma figura de uma grandiosidade quase inconcebível. A cidade de Kaliningrado foi batizada em sua honra. Em 1937, Kalinin era um chefe nominal e participava pouco no governo, mas era exibido em ocasiões cerimoniais. Nesse dia, agraciava cerca de duas dúzias de soldados e marinheiros com a Ordem da Bandeira Vermelha por variados atos de coragem, como já antes fizera por diversas vezes. O que tornava esta ocasião diferente era o facto de uma das pessoas que ia receber a medalha ser uma mulher de 30 anos.

No início dessa manhã, Ursula vestiu um fato cinzento e engraxou os sapatos antes de subir para um camião do exército. No Kremlin, os medalhados foram levados por compridos corredores até ao auditório principal. Passados alguns minutos, «um camarada mais velho, de cabelo grisalho, entrou na sala».

Kalinin apertou a mão de Ursula enquanto lhe prendia a insígnia número 944 na lapela. «Os militares do Exército Vermelho aplaudiram muito e durante muito tempo, talvez

porque eu era a única mulher.» No rosto do homem mais velho viu uma expressão de «pura bondade». No entanto, não passava de uma ilusão, porque Kalinin era um bruto. Três anos mais tarde, como membro do Politburo soviético, assinaria a ordem de execução de 22 mil soldados e cidadãos polacos naquele que ficou conhecido como o Massacre de Katyn.

Ursula tinha viajado de Varsóvia para Moscovo através da Checoslováquia, onde deixou os filhos com os pais de Rudi e com a sempre competente Olga Muth. Else Hamburger encontrava-se doente e morreria nesse ano. Rudi, que ficou na Polónia, implorou a Ursula que «não desse mais um desgosto à mãe durante aqueles tempos difíceis» e mantiveram a farsa de que Nina era sua filha. Com um passaporte soviético falso fornecido por Tumanyan em nome de Sophia Genrikovna Gamburger, Ursula viajou para a Finlândia antes de atravessar a fronteira para a Rússia.

O Exército Vermelho desenrolou a passadeira vermelha. Tumanyan insistiu que ela fizesse uma curta pausa de lazer numa colónia de férias especial em Alupka, no mar Negro, e depois ficasse com ele e com a sua família no apartamento de Moscovo. O Exército Vermelho respeitava rigidamente a hierarquia, mas para Ursula nada era mais natural que estabelecer uma boa amizade com o duro veterano soviético que também era o seu chefe. No complexo da escola Pardal, começou mais um rigoroso estágio: operar um sofisticado transmissor com um amplificador simétrico, preparar explosivos e construir temporizadores com fio elétrico, cabo de ignição e um ácido que corroía um selo de borracha para acionar um detonador. Num campo nos arredores de Moscovo, treinou a explosão de linhas ferroviárias. Alguns instrutores eram comunistas que tinham participado na Guerra Civil Espanhola, onde estava em curso uma violenta luta entre os nacionalistas de Franco (apoiados

por Hitler) e os republicanos (apoiados pela União Soviética). Outros eram experientes agentes profundamente infiltrados, que ensinavam «o que um guerrilheiro a operar atrás das linhas inimigas tinha de saber». Os colegas e os instrutores tratavam-na com respeito. Ela usava a Insígnia Vermelha, entregue pelo grande Kalinin, presa na lapela.

Nos tempos livres (e sem dizer aos seus oficiais superiores, que teriam desaprovado), Ursula escreveu um conto. Inspirado em Sepp «Sóbrio» Weingarten, contava a história de um agente secreto comunista que se apaixona por uma russa «branca» e esconde a sua verdadeira lealdade política. A heroína da história fica tão encantada com as maravilhas da vida na URSS que acaba por se converter ao marxismo-leninismo e vivem felizes para sempre no paraíso socialista soviético. «O manuscrito não valia nada», admitiria ela mais tarde. Contudo, para um tosco texto de propaganda comunista, estava surpreendentemente bem escrito, um trabalho de uma pessoa com um talento natural para contar histórias.

Ursula sentia profundamente a separação dos filhos, a já familiar combinação de culpa e ansiedade. *Pelo menos eles têm-se um ao outro*, disse a si mesma. Mas iriam rejeitá-la, como Michael fizera após a sua prolongada ausência anterior? Devorava avidamente todas as cartas chegadas da Checoslováquia. Estava atormentada pela certeza de que algumas das primeiras recordações dos filhos seriam formadas sem ela, mas nunca pensou em abandonar o trabalho. Como todos os espões, compartimentava as suas diferentes vidas: Moscovo era um mundo, a maternidade era outro. Havia muito para a distrair.

Do quartel-general chegou uma mensagem. «Um bom amigo seu está em Moscovo e quer vê-la, se concordar.»

— Caramba, continuas elegante como sempre — disse-

lhe Johann quando a abraçou no átrio do número 19 da Rua Bolshoi Znamensky. Patra fora mandado vir da China para um curso de reciclagem de rádio. Em breve, voltaria para Xangai.

Despreocupadamente, Patra esperava que a relação de ambos fosse retomada depois de uma separação de quase dois anos e pediu logo a Ursula que voltasse para a China consigo. Ela disse-lhe que era impossível. Podiam ter uma filha juntos — mostrou-lhe com orgulho as fotografias de Nina —, mas a ligação romântica tinha acabado. «Apesar das suas inequívocas qualidades, ele estava ainda mais irritável, duro e intolerante.» Separaram-se como amigos.

Muitos dos seus camaradas comunistas alemães estavam agora em Moscovo, tendo sido forçados aos exílio, incluindo Gabo Lewin e Heinz Altmann, que a haviam ensinado a disparar uma arma na floresta de Grunewald em 1924. Naquele momento, Lewin editava um jornal comunista em língua alemã e Altmann era jornalista. Karl Rimm, o substituto de Sorge em Xangai, apareceu um dia no recinto com o uniforme de oficial superior. Ela abraçou-o — «não respeitando propriamente o protocolo» — e nessa noite jantaram juntos. A reunião mais feliz foi com Grisha Herzberg, o fotógrafo polaco de Xangai de olhos escuros e modos sombrios que ia subindo celeremente na hierarquia dos serviços secretos do Exército Vermelho. Deram um passeio de barco juntos no recém-inaugurado canal Moscovo-Volga e a amizade redescoberta só foi dificultada pela limitação de nenhum deles poder dizer ao outro onde tinham estado, o que tinham feito ou o que fariam a seguir. Foram nadar e depois deitaram-se na margem do canal, «felizes por poderem tomar banhos de sol».

No entanto, uma sombra negra pairava sobre a felicidade de Ursula: os seus amigos e colegas eram assassinados a uma velocidade surpreendente.

A Grande Purga de Estaline foi uma das loucuras mais sanguinárias da história. Desencadeada por uma desvairada paranoia e a convicção de que a revolução estava a ser minada a partir do interior, entre 1936 e 1938 o Estado soviético prendeu 1 548 366 pessoas acusadas de deslealdade, contrarrevolução, sabotagem e espionagem. Dessas, 681 692 foram mortas. A maioria era inocente. O NKVD (antecessor do KGB) recorria à tortura para arrancar confissões e obrigava as vítimas a nomearem outros «inimigos do povo», criando assim um vórtice sempre crescente de desconfiança e destruição. As vítimas que tiveram mais sorte foram mandadas para campos de trabalhos forçados conhecidos como *gulags*. As outras foram sumariamente executadas: funcionários do partido, intelectuais, camponeses mais abastados (*kulaks*), polacos e outras minorias, trotskistas, semitrotskistas, burocratas, cientistas, padres, judeus, músicos, escritores e qualquer indivíduo que pudesse representar uma ameaça para a autoridade de Estaline, por muito improvável que fosse. Enquanto assinava as listas de execução diárias, ouviram Estaline comentar: «Quem vai lembrar-se desta ralé daqui a dez ou vinte anos? Ninguém.»

As forças armadas soviéticas eram consideradas um antro de traição e os serviços secretos militares, rivais do NKVD, foram acusados de proteger espiões nazis. Os oficiais do Exército Vermelho e da marinha foram praticamente dizimados, e o mesmo aconteceu à maioria do Komintern. Os espiões eram suspeitos; espiões que tinham contacto com estrangeiros, ou que não eram russos, eram duplamente suspeitos. E, como o próprio NKVD era composto por espiões, começou a acusar, e depois a matar de forma sistemática, os seus funcionários.

As capacidades de sobrevivência do general Yan Berzin abandonaram-no por fim: o diretor do Quarto

Departamento foi demitido, detido e fuzilado na cave da Lubyanka, a sede do NKVD. O seu antecessor também foi morto. O seu sucessor ocupou o cargo apenas alguns dias antes de, também ele, ser executado. «Lamentavelmente, naquela altura, os camaradas em cargos de chefia mudavam com frequência», escreveria Ursula, fazendo uso de um sombrio eufemismo. «Lamentável» não faz nem por sombras justiça a esta arbitrária e imparável carnificina. «Todo o Quarto Departamento caiu em mãos alemãs», declarou Estaline em maio de 1937. Dos seis chefes dos serviços secretos militares entre 1937 e 1939, todos pereceram, com exceção de um. Os lendários recrutadores do anel de espiões britânicos conhecidos como os «Cinco de Cambridge» foram chamados a Moscovo e lançados aos lobos.

Muitas das pessoas de que Ursula mais gostava e admirava foram presas e brutalmente assassinadas, uma por uma, algumas antes da sua chegada, outras durante a sua estada em Moscovo e muitas mais subsequentemente. Os comunistas alemães que se tinham refugiado na Rússia foram mortos às centenas ou mandados para a Alemanha nazi a fim de enfrentarem o mesmo destino. Gabo Lewin, o seu amigo de infância, foi condenado por atividade contrarrevolucionária e mandado para o *gulag*. Heinz Altmann, que a incentivara a filiar-se na Juventude Comunista em 1924, foi preso antes dele. Manfred Stern, que Ursula conheceu em Xangai em 1932, tinha ido liderar a brigada internacional na Guerra Civil Espanhola com o pseudónimo de «general Kléber». Stern foi condenado a quinze anos de trabalhos forçados e morreu no *gulag* em 1954. Jakob Mirov-Abramov, o recrutador de Agnes Smedley que recebera Ursula no campo de treino Pardal, confessou sob tortura e foi fuzilado no dia 26 de novembro de 1937; a sua mulher seria executada três meses mais tarde. Karl Rimm foi liquidado em 1938,

acusado de fazer parte de uma «organização terrorista contrarrevolucionária», e a sua mulher Luise em breve sofreria o mesmo destino. Richard Sorge sobreviveu porque se recusou sensatamente a sair do Japão quando foi convocado a Moscovo e, como os seus chefes eram substituídos e mortos com tanta rapidez, conseguiu manter-se em segurança. O jornalista húngaro Lajos Magyar e o escritor Karl Radek — dois intelectuais leais à revolução que Ursula venerava — desapareceram sumariamente sem deixar rasto. Boris Pilnyak, cujo romance Ursula leu a seguir ao nascimento de Michael, foi acusado de espionagem e de conspirar para assassinar Estaline; seria julgado a 21 de abril de 1938 e executado no mesmo dia. Mikhail Borodin morreu na Lubyanka depois de uma violenta sessão de tortura. Sepp Weingarten desapareceu. Isa Wiedemeyer também. Os comunistas estrangeiros que se encontravam na Rússia foram apanhados na carnificina: o ex-marido de Agnes Smedley, Virendranath Chattopadhyaya, foi condenado no dia 2 de setembro de 1937 e imediatamente executado. A amizade de Estaline não garantia proteção a ninguém. Um ano depois de Ursula ter sido condecorada por Mikhail Kalinin, a sua mulher judia, Katerina, foi presa, torturada na prisão de Lefortovo e mandada para um campo de trabalhos forçados.

Mais tarde, Ursula afirmaria que não soubera das purgas, da dimensão da carnificina, da fragilidade das acusações falsas e da intervenção pessoal de Estaline na criminosa chacina. Aceitou o mito de que os espiões capitalistas estavam a semear uma atmosfera de desconfiança no interior da União Soviética, «tornando difícil para os responsáveis distinguirem entre os erros de camaradas honestos e atividades inimigas». Na gíria da chacina em massa, «erros» era uma palavra ambígua usada para justificar execuções que não eram baseadas

em provas concretas.

Mas Ursula sabia que os amigos e os colegas estavam a ser eliminados e que eram inocentes. Mais tarde, escreveria: «Estava convencida de que eles eram comunistas, e não inimigos.» Naquela época, não se pronunciou. Não perguntou de que tinham sido acusados, nem para onde tinham ido, pois qualquer tipo de curiosidade era um convite para a morte. Como milhões de outras pessoas, manteve a boca fechada, não proferiu qualquer palavra de protesto e perguntou a si mesma quem seria o seguinte.

Grisha Herzberg desapareceu de repente e sem deixar rasto pouco tempo depois do idílico dia passado com Ursula a apanhar sol nas margens do canal Moscovo-Volga. A data e o local da sua execução são desconhecidos. Como tantos outros, o polaco de 32 anos desapareceu de um dia para o outro. Os dois tinham combinado jantar juntos. Grisha não apareceu. Ursula não perguntou no Centro para onde ele tinha ido. Só anos mais tarde se atrevera a voltar a mencionar o seu nome.

Em segredo, Ursula estava aterrorizada. Já enfrentara o perigo antes, mas nada como o pavor insidioso e constante de enfrentar falsas acusações de traição. Como era uma espia estrangeira com ligações a muitos dos que tinham sido liquidados, corria perigo de morte. A ameaça do Estado soviético era muito mais temível que tudo o que enfrentara dos inimigos do comunismo. O facto de ser mulher não lhe garantia proteção, porque Estaline era um assassino que defendia a igualdade de oportunidades. Um pedido para voltar para a Polónia poderia ser interpretado como um reconhecimento de culpa. Como muitas pessoas que estão expostas a um terror inqualificável, Ursula decidiu fingir que aquilo não estava a acontecer, que os amigos regressariam e que os que não voltassem deviam ter cometido erros. Desviou os olhos, mas olhando

constantemente para trás.

O facto de ter sobrevivido é um mistério. Ursula acreditou que tinha tido sorte, mas foi mais que isso. Ursula mostrava uma notável capacidade de inspirar lealdade. Numa profissão baseada em engano e duplicidade, ela nunca foi traída. As vítimas das purgas eram encorajadas a identificar outros traidores, mas Ursula nunca foi denunciada. Anos mais tarde, concluiu que alguém «deve ter estendido uma mão protetora sobre mim». Esse «alguém» foi o coronel Tumanyan, o veterano arménio-georgiano que orientara a sua carreira na Manchúria e na Polónia. Tums protegera-a sempre e guardara fielmente os seus segredos. Estava a par da relação com Patra e dos problemas no casamento, da sua luta para conjugar os seus atos de espionagem com a vida doméstica. «Ele era o tipo de pessoa com quem se podia falar sobre essas coisas» e, embora «mantivesse a autoridade da sua patente militar», atrás dos olhos escuros havia uma alma sensível. Ela acabaria por considerá-lo um amigo. Enquanto Tumanyan estivesse no comando, ela sentia-se segura.

E depois, como tantos outros, Tumanyan desapareceu.

Ursula foi convocada ao Centro e percebeu imediatamente que todos os objetos pessoais do chefe tinham desaparecido do gabinete. Atrás da sua secretária estava sentado um homem envergando o uniforme de coronel, com a cabeça rapada e olhos encovados, que declarou impassivelmente que o coronel Tumanyan tinha recebido «uma nova missão». Ela nunca descobriu o que aconteceu a Tums e a expressão no rosto do novo chefe sugeriu que seria extremamente imprudente perguntar.

Khadzi-Umar Mamsurov, conhecido por «camarada Hadshi», era filho de camponeses muçulmanos da Ossétia do Norte e um dos combatentes mais duros do Exército Vermelho. Durante a Guerra Civil Espanhola liderou um

grupo de guerrilheiros atrás das linhas nacionalistas, onde a sua reputação de desumanidade lhe valeu a imortalidade literária: Ernest Hemingway baseou parcialmente Robert Jordan, a personagem principal de *Por Quem os Sinos Dobram*, em Umar Mamsurov.

O coronel Mamsurov era um hábil político de gabinete que tinha adaptado as técnicas de guerrilha ao traiçoeiro terreno da burocracia estalinista e chegaria a vice-diretor dos serviços secretos militares soviéticos. Ursula viria a admirar a sua indestrutível resiliência, mas Mamsurov não tinha a sensibilidade de Tumanyan. O camarada Hadshi não estava a protegê-la. Encontrava-se demasiado ocupado a proteger-se a si mesmo.

Após cinco meses em Moscovo, na véspera de regressar à Polónia, Ursula foi recebida em audiência pelo novo diretor do Quarto Departamento, Semyon Gendin, soldado condecorado e oficial do NKVD, o substituto do substituto de Berzin. Gendin elogiou o seu trabalho, mandou-a voltar para a Polónia e pediu-lhe que transmitisse uma mensagem de agradecimento a Rudi. Passados alguns meses, Gendin seguiria os seus antecessores para as celas de execução.

As purgas acabariam por se esgotar, deixando uma cicatriz que nunca mais se fecharia na alma soviética. A lealdade de Ursula não diminuiu, mas agora vinha com uma mistura de medo. Uma semente de dúvida alojara-se na sua alma. Dali em diante, nunca saberia se uma convocatória para ir a Moscovo era para receber uma medalha ou uma bala.

De novo na Polónia, na companhia dos filhos, ficou feliz por se dedicar à vida doméstica, pelo menos durante algum tempo. As suas cartas para a família estavam repletas de pormenores da vida com os filhos, de idas ao cabeleireiro, do afeto de Ollo pela bebé Nina e das suas querelas com Michael, da dificuldade para renovarem as

autorizações de residência. Com Rudi, partilhava as responsabilidades parentais e os deveres de espionagem, mas nada mais. A família mudou-se para uma casa nova em Zakopane, uma cidade turística no sopé das montanhas Tatra.

Michael recordaria este tempo com dolorosa nostalgia numa série de recordações de infância estreitamente ligadas: aprender a assobiar, trepar às árvores e fazer casas de cartão com janelas de celofane com o pai. Recordaria a mãe: «Os afetuosos olhos castanhos, o cabelo preto ligeiramente encaracolado, a boca risonha sob o proeminente nariz.» O que o menino de sete anos recordava como um «paraíso de sonho» era, na verdade, o estertor de um casamento.

De duas em duas semanas, Ursula estabelecia contacto com Moscovo via rádio, transmitindo e recebendo mensagens do florista e coordenador de espiões búlgaro, Stoyan Vladov. Aprendera em Moscovo a explodir pontes e a coordenar agentes infiltrados; na Polónia, era pouco mais que uma carteira secreta.

Noutras regiões do mundo, os seus camaradas comunistas lutavam furiosamente à medida que a ameaça nazi crescia e a Europa avançava para a guerra. Johann Patra estava de regresso à China para coordenar uma nova rede de agentes e sabotadores contra os japoneses. Em Espanha, os republicanos começavam a bater em retirada. Em Berlim, os últimos vestígios da antiga vida de Ursula eram destruídos. Em meados de 1938, mais de 250 mil judeus tinham fugido da Alemanha e da Áustria, enquanto centenas de milhares tentavam ainda escapar. O que restava da estrutura comunista na clandestinidade preparou-se para a resistência armada. Em Inglaterra, Jürgen produzia tratados antifascistas em série e destacava-se rapidamente como o líder *de facto* dos emigrados comunistas alemães na Grã-Bretanha.

Ursula observou o desenrolar daqueles acontecimentos com horror e frustração. «Senti que não estava a fazer grande coisa na Polónia.» Precisava de outra aventura. Em 1938 pediu autorização para voltar a Moscovo, onde já não se encontrava nenhum dos seus amigos e camaradas alemães, e disse ao camarada Hadshi que estava pronta para um novo desafio.

O Centro também tinha chegado à conclusão de que a agente Sonya estava a ser subaproveitada. Ficou combinado que a sua missão seguinte seria na neutra Suíça, o país com o quociente mais elevado de espões *per capita* e um alvo preferencial da espionagem soviética. O pai de Ursula tinha contactos na Sociedade das Nações em Genebra, que poderiam ser-lhe úteis, e era provável que Rudi conseguisse arranjar trabalho lá como arquiteto. A Suíça era já um refúgio para milhares de alemães em fuga; mais uma família de refugiados judeus integrar-se-ia com facilidade.

Durante a reunião final, o coronel Mamsurov informou Ursula de que fora promovida a major, o que constituiu um choque, porque ela não fazia ideia de que tinha uma patente militar. «Eu não sabia fazer continência, e muito menos marchar.» No entanto, sentiu-se lisonjeada. «Era um orgulho ser soldado do Exército Vermelho.» Antes de sair de Moscovo, foi apresentada a um jovem alemão chamado Franz Obermanns. Cinco anos mais novo do que ela, Obermanns era um antigo criado de mesa e membro da resistência comunista em Berlim que fora preso pela Gestapo antes de fugir para lutar em Espanha integrado na Décima Terceira Brigada Internacional. Mamsurov explicou-lhe que Obermanns tinha completado a formação de operador de rádio e que a seguiria para a Suíça, onde seria seu oficial subalterno e assistente. Obermanns era entusiástico, corajoso e muito burro. Viajaria com um passaporte falso finlandês com o nome «Eriki Noki» —

uma estranha escolha de disfarce, uma vez que Obermanns nunca estivera na Finlândia, não sabia nada a respeito do país e não falava uma única palavra da língua.

A Suíça, uma nação pacífica onde se produziam badalos e relógios de cuco, tem a política mais antiga do mundo em matéria de neutralidade militar e desde 1815 que tem conseguido evitar com sucesso o envolvimento em qualquer guerra. Esse facto tornava o país ideal para espiar e excecionalmente inseguro. Entalado entre a Alemanha e a Áustria nazis, a Itália fascista e a França democrática, era um antro de espionagem internacional. Alemães, britânicos, franceses, soviéticos e americanos dirigiam redes de espionagem concorrentes, usando a Suíça como uma base para lançar operações em território inimigo. A guerra infiltrada em Xangai tinha sido brutal, mas desorganizada; na Manchúria, Ursula evitara o sanguinariamente proficiente Kempeitai; na Polónia e em Danzig tinha sido correio dos comunistas na clandestinidade. Porém, na Suíça, o jogo era diferente. O país estava infestado de espionagem e era um terreno propício para espiões de toda a sorte. Todos espiavam todos, e os serviços de segurança suíços espiavam, com delicadeza, mas sem dar tréguas, todos os outros espiões.

Desconfiando de Hitler, a União Soviética precisava de informações sobre o poderio militar do Reich, e a neutra Suíça, que partilhava uma fronteira de cerca de 360 quilómetros com a Alemanha nazi, era o sítio ideal para recolher essas informações. Ursula recebeu ordens para viajar para a Suíça através da Grã-Bretanha, instalar-se algures próximo de Genebra, construir um transmissor-recetor ilegal, entrar em contacto com redes já existentes dos serviços secretos soviéticos e estabelecer uma ligação fiável de rádio com Moscovo usando um conjunto de cifras que teve de decorar. Ao mesmo tempo, o Centro mandou-a recrutar uma rede de agentes que se infiltrariam na

Alemanha para recolher informações militares e levar a cabo operações de sabotagem. Pela primeira vez, Ursula estaria a visar diretamente o regime de Hitler e mal podia esperar para começar.

Os nazis tinham muitos espiões na Suíça e uma série de informadores no seio dos serviços secretos suíços. A polícia tinha desenvolvido um sistema extremamente eficaz para detetar rádios ilegais e o Governo suíço era estritamente neutral e uniformemente severo em matéria de espionagem: quem fosse apanhado a espiar, fosse qual fosse a nacionalidade e lealdade política, enfrentava a detenção e a deportação. Se Ursula fosse mandada para a Alemanha, seria morta. A menos, é claro, que a Gestapo ou os seus agentes descobrissem o que andava a fazer e optassem por assassiná-la na Suíça.

Antes de sair de Moscovo, Ursula fez uma sugestão: poderia procurar recrutas em Londres antes de ir para a Suíça e mandá-los para a Alemanha como agentes infiltrados? Inúmeros comunistas britânicos tinham-se voluntariado para lutar em Espanha na Brigada Internacional e entre os sobreviventes talvez houvesse alguns que quisessem continuar a luta contra o fascismo, sendo introduzidos na Alemanha como toupeiras. Os ingleses ainda gozavam de um certo estatuto na Alemanha e, apesar da tensão crescente entre as duas nações, referiu Ursula, «não era raro um ou outro inglês em boa situação financeira» passar lá as férias, mesmo em 1938. Era a primeira vez que ela tomava a iniciativa e elaborava um plano sozinha. Já não se limitava a obedecer a ordens. Estava a fazer a transição de espia para coordenadora de espiões. O Centro concordou: de visita à família em Londres, tentaria alistar «um ou dois camaradas que tivessem dado provas de coragem e lealdade durante a Guerra Civil Espanhola» e em seguida partiria para Genebra. Deveria evitar qualquer contacto com o Partido

Comunista da Grã-Bretanha (CPGB, na sigla inglesa). Por fim, o coronel Mamsurov entregou-lhe um papel e pediu-lhe que o assinasse: «uma declaração que reconhecia o direito que o Centro tinha de a executar se ela revelasse a sua cifra a uma terceira pessoa sem autorização». Não era um documento legal, mas um aviso.

Em Xangai, Ursula tinha trabalhado sob as ordens de Sorge; em Mukden, espiara ao lado de Patra; na Polónia, Rudi fora o seu ajudante. Agora iria para a Suíça como espia a solo. Ela e Rudi tinham «chegado à conclusão de que não podíamos continuar a viver juntos». Nos últimos dois anos, a parceria só sobrevivera por serem pais e por partilharem uma ideologia, mas o casamento chegara ao fim, sem rancor. Rudi anunciou que ia voltar para Xangai, onde pretendia retomar a sua atividade como arquiteto e começar a trabalhar de forma independente para os serviços secretos militares soviéticos. Pretendia passar o verão na América para estar algum tempo com o seu irmão Viktor (agora professor de Embriologia na Universidade de Washington em St. Louis) e depois faria um curso de Tecnologia de Rádio em Paris para garantir que estava preparado para espiar a tempo inteiro na China. Mamsurov concordou com alguma relutância: os planos de Rudi para a sua futura carreira de espionagem eram mais ambiciosos do que aquilo que Moscovo tinha em mente.

O passaporte alemão de Ursula foi cuidadosamente manipulado pelos falsificadores do Quarto Departamento, que incluíram páginas em branco «para substituir as páginas que continham vistos, carimbos, etc., da sua estada no Extremo Oriente». O documento mostrava que Ursula passara os dois últimos anos na Alemanha. Chegou no dia 10 de junho de 1938 à Grã-Bretanha, mais uma refugiada judia entre tantos outros que procuravam segurança; declarou às autoridades dos serviços de

imigração que pretendia ficar cerca de três meses com os pais e assinou uma garantia de que sairia até 20 de setembro: «Compreendo que, se ultrapassar o período permitido, serão tomadas medidas para me obrigar a regressar à Alemanha, independentemente de quaisquer pedidos em sentido contrário.» Apesar do mito popular, a Grã-Bretanha não abriu os braços a todos os judeus alemães, sobretudo quando eram comunistas.

Os Kuczynski continuavam a viver em Hampstead. Brigitte casara-se com um escocês comunista, Anthony Lewis, e mudara-se para o Isokon, um prédio próximo do apartamento dos pais em Lawn Road — um edifício modernista que se tornaria infame por albergar um grupo suspeitosamente grande de espiões comunistas. Jürgen instalou-se ali perto, em Upper Park Road. A esquerda britânica tinha adotado aqueles distintos refugiados intelectuais judeus alemães com entusiasmo. Na verdade, como refere um historiador, «a lista de amigos e conhecidos dos Kuczynski é quase um Quem É Quem da vida política, académica e literária britânica daquele período»: escritores como Cecil Day Lewis, Sidney e Beatrice Webb, Rosamond Lehmann, Rose Macaulay, John Strachey e Stephen Spender; o editor Victor Gollancz; os políticos trabalhistas Aneurin Bevan e Tom Driberg; o historiador Arnold Toynbee e muitos mais. Jürgen até se tornou amigo de Sylvia Pankhurst, a ativista sufragista, e de Lilian Bowes Lyon, prima direita da rainha. Em 1938 era muito difícil ir a um jantar em Hampstead sem encontrar um Kuczynski.

Jürgen era o porta-bandeira do antifascismo alemão na Grã-Bretanha, o líder da comunidade crescente de comunistas alemães no exílio. Percorria o país a dar palestras, angariava fundos para os refugiados, participava em imensas reuniões, aprofundava contactos na esquerda britânica e escrevia sem parar: panfletos, histórias, relatórios, brochuras de propaganda. Começou a

trabalhar na sua *História das Condições de Trabalho*, que continuaria a escrever até ao fim da vida. Quando não escrevia, pedia fundos para a Freedom Radio 29.8, uma estação antinazi que emitia para a Alemanha e que tinha a colaboração de Albert Einstein, Ernest Hemingway e Thomas Mann, e ajudava a criar a Liga de Cultura Alemã Livre, uma «organização de refugiados alemães anti-nacional-socialista, antifascista e apartidária com o objetivo de apoiar a cultura alemã». Jürgen Kuczynski era inesgotável e completamente esgotante.

Em segredo, Jürgen também escrevia relatórios políticos e económicos para a União Soviética, que enviava para Moscovo por intermédio da embaixada. Uma visita frequente em sua casa era o adido de imprensa soviético Anatoli Gromov (o seu verdadeiro nome era Gorski), chefe dos serviços secretos soviéticos na Grã-Bretanha, e que tinha o nome de código «Vadim». Gromov elogiava Jürgen, dizendo-lhe que os seus relatórios eram muito apreciados em Moscovo pela sua «lógica rígida». Entre a chegada à Grã-Bretanha e a queda da França, Jürgen fez viagens para Paris «sempre que as leis da conspiração permitiam», para receber ordens e transmitir informações ao Komintern e aos líderes exilados do KPD.

Jürgen Kuczynski era um empenhado comunista que enviava informações secretas para Estaline. Sabia que a irmã estava envolvida na espionagem soviética, se bem que não até que ponto. Acreditava que o seu dever de camarada era transmitir informações valiosas à União Soviética. Se isso fazia dele um espião... era uma questão de perspetiva.

Os serviços secretos britânicos não sabiam muito bem o que pensar dos Kuczynski. Não havia dúvida de que eles eram empenhados opositores do nazismo, mas também eram alemães, comunistas e judeus, o que os tornava triplamente suspeitos aos olhos do MI5, uma organização

com uma quantidade apreciável de antissemitas. O MI5 estava a par das atividades comunistas de Jürgen e das viagens a Paris, mas ignorava os contactos com os serviços secretos soviéticos. Robert Kuczynski, professor na LSE, era considerado mais duvidoso que o filho. Brigitte não escondia que era um membro ativo do Partido Comunista da Grã-Bretanha (com sede no norte de Londres). A família era vigiada, mas, com a iminência da guerra com a Alemanha, o MI5 estava mais interessado em encontrar espiões nazis e não o preocupava tanto um punhado de simpatizantes comunistas que viviam no bairro de Hampstead.

Ursula começou a trabalhar imediatamente. Por sugestão de Moscovo, entrou em contacto com Fred Uhlman, um alemão que era poeta, advogado, pintor, comunista e veterano da Guerra Civil Espanhola, e perguntou-lhe se alguns dos seus antigos camaradas britânicos das Brigadas Internacionais estariam dispostos a fazer «trabalho ilegal e perigoso em território alemão». Uhlman inquiriu Douglas Springhall, um antigo camarada de armas, que por sua vez entrou em contacto com Fred Copeman, ex-líder do Batalhão Britânico. Copeman recomendou um jovem voluntário que acabara de regressar à Grã-Bretanha.

Alexander Allan Foote é uma das figuras mais importantes, mas também das mais persistentemente misteriosas, da história da espionagem moderna.

Filho de um criador de aves domésticas do Yorkshire, Foote tinha 32 anos, cabelo louro ralo penteado para trás, uma grande testa e penetrantes olhos azuis. Deixou a escola aos 16 anos para trabalhar numa oficina antes de se tornar vendedor de carvão e, mais tarde, como ele diria, «inquieto diretor de vendas» de uma empresa de rações para galinhas. Não partilhava a «persistente paixão do pai pela criação de aves de capoeira». Foote tinha uma

personalidade complexa: gostava de se divertir, era aventureiro, oportunista e encantador. Durante a adolescência participara em grupos de debate comunistas, mas foi o início do conflito espanhol em 1936 que lhe proporcionou uma conveniente filosofia política, se bem que superficial. «A guerra civil parecia mostrar tudo a preto e branco», escreveu. Os nacionalistas espanhóis e os seus aliados fascistas estavam a tentar destruir a democracia e os republicanos defendiam-na com a ajuda da União Soviética. «Era tudo tão simples como isso.» Não se filiou no Partido Comunista, mas descrevia-se como «um pouco bolchevique».

Foote alistou-se na RAF em 1935, mas no dia 23 de dezembro de 1936, «à beira de ser expulso», desertou do quartel de Gosport, foi para Londres e embarcou para Espanha com várias centenas de outros idealistas combatentes voluntários britânicos, a maioria dos quais nunca regressaria. Os motivos de Foote eram apenas parcialmente políticos: ele engravidara uma rapariga e concluía que o risco em Espanha seria menor que o perigo que corria às mãos do seu enraivecido pai. O Batalhão Britânico, que fazia parte da Sexta Brigada Internacional, reuniu-se na Catalunha e era composto por britânicos, irlandeses e cidadãos das colónias, um punhado de suecos e um etíope ligeiramente desorientado. A maioria era comunista, de um tipo ou outro. O sargento Foote foi nomeado oficial de transportes e esteve em Espanha durante dois anos, e acabou como ordenança de Copeman, um antigo pugilista de pesos pesados da Marinha Real. Copeman deixava a desejar como comandante do batalhão e foi descrito por um dos seus homens como «mais ou menos louco, dando ordens completamente inconsequentes a quem estivesse por perto e ameaçando que lhes partia a cara se não obedecessem». Não obstante, Copeman viu em Foote algo mais do que apenas um jovem irado que queria morrer por

uma causa. No outono de 1938, Foote foi autorizado a regressar ao Reino Unido para participar no Décimo Quinto Congresso Comunista na Câmara Municipal de Birmingham, que ele achou muito aborrecido. Pouco depois, Copeman e a mulher, Kitty, convidaram-no para jantar na sua casa em Lewisham.

«O Springhall pediu-me que recomendasse alguém para um trabalho», disse-lhe Copeman, que voltara recentemente de Espanha de licença depois de ser ferido no rosto e no pescoço. «Pensámos que poderias ser adequado. Não sei nada a respeito do trabalho, a não ser que será no estrangeiro e muito perigoso.» Foote aceitou sem qualquer hesitação apesar de, como ele próprio diria, «não fazer ideia para quem trabalharia ou com que objetivo». Copeman escreveu uma morada em Hampstead.

Nesta altura, Ursula tinha já partido para a Suíça, tendo embarcado em Dover no dia 24 de setembro de 1938. Assim, quando Foote bateu à porta em Lawn Road, não foi Ursula quem a abriu, mas Brigitte, que agora era Mrs. Bridget Lewis. A irmã mais nova de Ursula tornara-se cúmplice da espionagem soviética e sabia exatamente o que fazer se e quando um homem chamado Alexander Foote aparecesse.

Foote sentou-se um pouco nervoso numa poltrona forrada a chita enquanto uma «respeitável dona de casa com um ligeiro sotaque estrangeiro» o submetia a um verdadeiro interrogatório depois de servir chá e bolachas. «A atmosfera do apartamento era de absoluta respeitabilidade de classe média.» A entrevista demorou 10 minutos. «Fui tratado pela dona da casa com tanta rispidez e frieza como se ela estivesse a contratar uma criada.»

— Vá para Genebra — disse Brigitte, entregando-lhe uma nota de 10 libras. — Será contactado e receberá mais

instruções.

As suas últimas palavras poderiam vir diretamente das páginas de um romance de espionagem de má qualidade.

— Na quinta-feira da próxima semana tem de estar à porta da sede dos Correios de Genebra exatamente ao meio-dia. Deve usar um cachecol branco e levar um cinto de couro na mão direita. Ao meio-dia, será abordado por uma mulher que transporta um saco de compras com um embrulho verde. Ela dirá, em inglês: «Onde é que comprou esse cinto?» O senhor responderá: «Comprei-o numa loja de ferragens em Paris.» Depois, pergunte-lhe onde é que pode comprar uma laranja como a sua e ela responderá: «Pode comprá-la por um *penny*.»

A Toca da Toupeira

O local onde Ursula vivia parecia saído de um postal ilustrado suíço. A pequena herdade empoleirada nas montanhas por cima do lago Léman, perto da aldeia de Caux-sur-Montreux, estava rodeada de um dos cenários mais grandiosos do mundo. «À nossa frente, os prados desciam para uma floresta, e a floresta para o vale, onde cintilavam o lago e uma faixa do Ródano», escreveria ela. Os Alpes erguiam-se majestosamente ao longe, e por trás da casa estendiam-se viçosos pastos até uma cumeeira coberta de pinheiros abaixo do cume de Rochers-de-Naye. Os vizinhos mais próximos, um agricultor e a mulher, viviam a 400 metros de distância. Um caminho estreito levava à aldeia de Caux, a partir de onde uma sinuosa estrada descia até Montreux. À noite, jogava loto com Michael enquanto Nina penteava o cabelo de uma boneca e Ollo costurava e cantava. Quando o Sol se punha, parava junto da janela aberta e inspirava a serenidade. «O ar era fresco. Eu conhecia muitos países, cidades, aldeias, apartamentos, hotéis, pensões, mas nem antes nem depois vivi numa paisagem tão maravilhosa.» A propriedade fora anunciada na montra de uma agência imobiliária em Genebra e parecia um refúgio de um mundo a desmoronar-se.

O termo «toupeira» como gíria para designar um espião só surgiria na década de 1960, mas para os ouvidos modernos o nome da herdade é muito adequado: La Taupinière — a Toca da Toupeira.

À noite, enquanto todos dormiam, Ursula construiu o seu transmissor-recetor a partir de peças compradas em drogarias em Genebra, Vevey e Lausana: manipulador de código Morse, uma antena com fichas de bananas e duas pesadas baterias, «cada uma do tamanho de um dicionário», que escondeu no palheiro. No fundo da prateleira de baixo do roupeiro embutido era possível encontrar um painel preso com parafusos, atrás do qual havia apenas espaço suficiente para esconder o equipamento montado. Ursula fez dois pequenos furos na divisória de contraplacado e enfiou neles os fios condutores para poder usar o transmissor sem o retirar do armário. Quando desligados, os buracos eram escondidos com tampões de madeira que pareciam nós do painel. O transmissor escondido poderia «escapar a uma revista superficial à casa», mas Ursula sabia que, «se fosse localizado por dispositivos de deteção de sinais, até o melhor esconderijo seria inútil».

Ursula mudou a grande cama de madeira para junto do roupeiro, «para poder ver as montanhas» e comunicar com Moscovo enquanto estava sentada na cama.

A noite de 29 de setembro de 1938 estava clara e fria, ideal para transmitir, e Ursula testou o seu rádio artesanal pela primeira vez. Às 23h20, estabeleceu uma boa ligação na frequência de 6.1182 MHz e bateu o seu sinal de chamada e uma curta mensagem, meia dúzia de «grupos» compostos por cinco números cada. Imaginou a mensagem como uma estrela cadente. «Os meus números rasgaram o céu à velocidade da luz, um céu onde era visível uma meia-lua, chegaram ao seu destino, ajudaram os camaradas e deram-lhes força.» A cerca de 1500 quilómetros de distância, na estação recetora na floresta de Dymovka, próxima da fronteira da Polónia com a Ucrânia, um operador do Exército Vermelho detetou o sinal e enviou um breve aviso de receção. De Dymovka, a notícia de que o transmissor de Sonya estava operacional

foi passada ao Centro e chegou à secretária da major Vera Poliakova, a oficial responsável pela espionagem na Suíça.

Com um profundo alívio, Ursula parou junto da janela aberta: «Apoiei os cotovelos no parapeito e olhei para fora. Até o ar noturno cheirava a madeira e prados, e o silêncio era total.»

Com demasiada adrenalina para dormir, ficou acordada na cama durante horas antes de ligar o seu transístor e sintonizar a BBC com o volume muito baixo, para não acordar os outros habitantes da casa. A notícia que ouviu tirou-lhe o sono nessa noite. «O primeiro-ministro britânico foi aclamado por trazer a “paz para a Europa” depois de assinar um pacto de não-agressão com a Alemanha (...).» O Acordo de Munique autorizava a Alemanha nazi a anexar a região dos Sudetas a oeste da Checoslováquia em troca de uma promessa de paz que seria quebrada em breve. Como Ursula diria, o acordo «deu luz verde aos objetivos expansionistas de Hitler». A guerra aproximava-se.

«Ele devia levar com o seu chapéu de chuva», declarou Olga Muth quando Ursula lhe falou sobre o acordo assinado por Neville Chamberlain na manhã seguinte. «E se Hitler também quiser ocupar a Suíça, o que será de nós?»

As notícias foram piorando. Em Espanha, a «traição de Munique» destruiu a última esperança de uma aliança antifascista e arrasou o moral republicano. As tropas de Franco avançaram rapidamente e a vitória nacionalista na Batalha do Ebro assinalou o fim da República de Espanha e das brigadas de combatentes internacionais. «Como gostava de ter estado lá com eles», escreveria Ursula, «em vez de estar na minha frente de batalha com duas crianças, uma velha e doze vacas». A maré fascista subia em toda a parte. Horrorizada, leu sobre os acontecimentos de 9 de novembro, o sanguinário ataque nazi que ficou

conhecido como *Kristallnacht*, em que sinagogas e negócios judeus foram destruídos e judeus foram assassinados e detidos. O *The Times* noticiou: «Nenhum propagandista estrangeiro decidido a denegrir a Alemanha aos olhos do mundo conseguiria suplantar o relato de incêndios e espancamentos, de ignóbeis ataques a pessoas indefesas e inocentes, que desgraçou aquele país no dia de ontem.» O Banco Kuczynski, fundado pelo pai de Robert e a origem da riqueza que sustentara a vida anterior da família, foi confiscado e arianizado de um dia para o outro. E o mesmo aconteceu com a Ullstein, a editora pertencente a uma família judia onde Ursula trabalhara em 1928: dali em diante, a empresa produziria em grande quantidade propaganda de Hitler e o *Das Reich*, o jornal nazi.

Do alto da sua Toca da Toupeira, numa encosta suíça, Ursula escreveu para os pais em Londres: «O nosso ânimo, como o vosso, caiu para zero.»

*

À espera ao frio sol de outono diante da sede dos Correios de Genebra, Alexander Foote pensou com ironia que nesse dia todas as donas de casa suíças tinham comprado uma laranja para o almoço. Não tinha uma ideia clara do que fazia na Suíça. Durante a viagem de comboio, perguntara a si mesmo se estaria envolvido numa operação de contrabando do mercado negro ou talvez «a fazer de Pimpinela Escarlata¹ para salvar prisioneiros de Dachau». Aquele trabalho era sem dúvida clandestino, ilegal e adequado para as suas ideias políticas vagamente de esquerda, o que não lhe desagradava. Porém, sentia-se muitíssimo conspícuo ali parado com um cachecol branco e um cinto de couro na mão, a olhar para todas as mulheres que passavam enquanto o tempo se esgotava. «Sentia-me um pobre imbecil, na melhor das hipóteses autocondenado ao embaraço e, na pior, a correr o risco de

ser acusado de aliciamento.» O sino da cidade batia o meio-dia quando a avistou. «Magra, com um lindo corpo e pernas ainda mais bonitas, e cabelo preto com um penteado discreto, destacava-se da multidão suíça. Com 30 e poucos anos, podia ser a mulher de um funcionário consular subalterno francês.» Trazia uma laranja na mão e um saco de rede com um embrulho verde.

— Desculpe — disse-lhe Ursula. — Onde é que comprou esse cinto?

Enquanto tomavam café numa cafetaria próxima, avaliaram-se um ao outro. «Ele era alto e tinha algum excesso de peso. O cabelo era louro arruivado, as pestanas louras, a complexão pálida e os olhos azuis. O seu sotaque, que traía as origens de classe média baixa, não teria escapado a um inglês, mas na Alemanha isso não importava.» Ursula disse-lhe para lhe chamar «Sonya» e declarou que dali em diante ele seria «Jim» em todas as comunicações. Foote sentiu-se atraído por ela. «Uma pessoa agradável e uma companheira divertida, o meu primeiro contacto com a espionagem não foi tão assustador como eu esperava (...) ela falava inglês com um ligeiro sotaque estrangeiro que pensei que era russo ou polaco.» Ursula observou-o com muita atenção — «cada palavra, cadência, gesto» — e reparou que «ele percebia as coisas depressa e fazia perguntas pertinentes». Passada uma hora, tinha tomado uma decisão.

— Vais para Munique com um visto de turista de um ano — disse-lhe. — Instalas-te, aprendes a língua, fazes o maior número possível de amigos e mantém os olhos abertos.

Ele devia ler sobre tecnologia de rádio e estudar noções básicas de fotografia. Em Munique, a sua principal tarefa seria conhecer operários e administrativos da fábrica BMW, que, além de automóveis, fabricava motores de aviões para a Luftwaffe. Quando Foote referiu que não sabia nada acerca da Alemanha, a resposta de Ursula foi

brusca: «Procura informações sobre Munique na biblioteca pública.» Depois de se instalar, ele comunicaria a sua morada através de Brigitte em Londres enviando-lhe um romance: numa página específica, deveria escrever a morada com tinta invisível feita com uma mistura de farinha de milho e água. Quando uma solução de iodo fosse passada sobre a página, a mensagem secreta surgiria. Entregou-lhe 2000 francos suíços «para despesas» e combinou um encontro à porta dos Correios de Lausana ao meio-dia, exatamente dali a três meses. Deu-lhe alguns conselhos simples sobre como detetar se estava a ser seguido. Por fim, pediu-lhe uma recomendação. O Batalhão Britânico em Espanha fora dispensado e os 305 voluntários sobreviventes tinham sido repatriados. Haveria mais alguém entre os antigos camaradas, perguntou a Foote, que fosse adequado para uma missão semelhante à sua? Ele pensou durante alguns momentos e depois sugeriu um amigo comunista que lutara ao seu lado durante a Batalha de Jarama e que tinha a reputação de ser intrépido. Este homem, disse Foote, era «o único dos seus antigos camaradas capaz de levar a cabo um trabalho arriscado sozinho».

Ursula decorou o nome: Len Beurton.

Alexander Foote entrou no comboio sem preocupações, com a carteira recheada e uma vaga noção do que o futuro poderia reservar-lhe. Tinha sido avisado para esperar uma missão «difícil e perigosa», mas umas férias em Munique com todas as despesas pagas não pareciam nem uma coisa nem outra. Era evidente que estava envolvido em algum tipo de espionagem, mas não fazia ideia para quem estava a espiar nem o que poderia envolver essa espionagem. Pensou que era possível que Sonya fizesse parte do Komintern, uma organização comunista de que ouvira falar vagamente. Na Grã-Bretanha, foi buscar os seus pertences a casa da irmã em East Grinstead, pediu um visto de turismo para a

Alemanha e fez outra visita a Mrs. Lewis em Lawn Road para saber mais sobre as «condições na Alemanha» e confirmar o método secreto para transmitir a sua morada. Desta vez, Brigitte não foi fria e impessoal. Encontraram-se mais duas vezes para o que ele chamou «ocasiões sociais». Um relatório do MI5 referiria mais tarde: «É possível que F[oote] tenha tido um caso com Brigitte.»

Nesse ano, a neve começou a cair cedo na Suíça, cobrindo as montanhas com um manto branco. «A magnífica paisagem parecia ter sido criada especificamente como cenário para esta casa», escreveu Ursula. Michael, de sete anos, esquiava todos os dias para a escola em Caux. Aos domingos, apanhavam o pequeno comboio azul que subia aos soluços até ao cume da montanha e esquiavam quase um quilómetro e meio até casa. Nina e Ollo passavam as tardes a andar de tobogã. Ursula começou a misturar-se com a grande comunidade de expatriados em Genebra, onde os espiões andavam lado a lado com diplomatas, jornalistas e diversas figuras que pareciam não fazer absolutamente nada. Como sempre, Ursula fez amizade com pessoas que tinham ideias iguais às suas e com outras cujas opiniões eram muito diferentes. Eram todos interessantes: Robert Dell, o correspondente do *Manchester Guardian*, e o seu genro David Bletloch, que trabalhava para a Organização Internacional do Trabalho; uma judia mais velha chamada Lillian Jakobi que fugira de um casamento infeliz com um rabino; Marie Ginsberg, uma bibliotecária da Sociedade das Nações. A diplomacia era o tópico preponderante de conversa em Genebra e as coscuvilhices e os segredos eram a principal moeda de troca. Neste estranho caleidoscópio, era impossível dizer quem estava a espiar para quem. Muitos dos novos conhecimentos de Ursula estavam bem informados e por vezes eram indiscretos sobre a deterioração da situação internacional, e ela

transmitia a Moscovo tudo o que ouvia. *Estarei a enganar pessoas que são simpáticas comigo?*, perguntava a si mesma. Ursula também ficou amiga da mulher do agricultor da quinta, Frau Füssli, uma amável e exausta mulher suíça com quatro filhos, um marido dominador e «doces olhos castanhos». As suas conversas tendiam a focar-se no quanto Frau Füssli preferiria estar casada com o agricultor do outro lado do vale, que era seu amante.

Numa tarde de primavera, Johann Patra surgiu à porta da herdade. Depois do último encontro de ambos em Moscovo, Patra voltara para a China a fim de apoiar os insurgentes comunistas (uma feliz ausência que talvez o tenha salvado dos carneiros de Estaline) e ia fazer outra breve visita ao Centro antes de regressar a Xangai. Johann descobrira onde é que Ursula estava a viver e decidira fazer-lhe uma surpresa. Ela gostou de o ver, mas ficou espantada com a sua ingenuidade, e mais consternada ficou com o pouco interesse que ele evidenciava pela encantadora filha de três anos. «Não o culpei», escreveu. «Mas também não o compreendi. Talvez nunca nos tivéssemos compreendido verdadeiramente.» A aventura de ambos parecia agora uma fantasia distante.

Ollo era uma ajudante onnipresente: cozinava, limpava, costurava e cuidava da pequena Nina, com quem estabelecera um laço profundo e a quem se referia de vez em quando como «minha filha». As duas partilhavam o quarto. Por vezes, Ursula perguntava a si mesma se a ligação de Ollo à filha era um pouco obsessiva. Com Michael, ela mostrava-se demasiado rígida. Olga Muth sabia que Ursula costumava trabalhar até tarde, a enviar mensagens com o transmissor que estava escondido no fundo do roupeiro do quarto. Quando Ursula descia para tomar o pequeno-almoço, exausta por não ter dormido, Ollo mandava-a para o quarto. «Eu vejo até quando é que a luz está acesa no teu quarto... Fica na cama e eu

mantenho as crianças sossegadas.» A cumplicidade entre ambas tornara-se mais aberta. Ursula até tinha dito a Ollo o que devia fazer na eventualidade de um raide da polícia. «Se acontecer alguma coisa, não viste nem ouviste nada e manténs essa história.»

Como na casa de infância de Ursula, a rivalidade entre mãe e ama era tácita, mas intensa. Ollo considerava-se melhor mãe e uma vez até insinuou que a espionagem de Ursula estava a afetar os seus deveres maternos. Ofendida, Ursula ripostou: «Devo desistir do meu trabalho porque tenho filhos, ou devo desistir deles por causa do meu trabalho ilegal? É impossível fazer tanto uma coisa como outra.» Ollo tocara num ponto sensível. Quando Ursula precisava de mandar uma mensagem por rádio ou de ir a um encontro, deixava de cumprir os seus deveres maternos e, como a sua própria mãe fizera por motivos muito diferentes, transferia-os para Ollo. Ela adorava os filhos, mas por vezes era um alívio poder deixar de ser mãe e voltar a ser espia. Não punha o seu trabalho à frente dos filhos, mas acreditava que podia ter uma família e uma carreira como espia.

Nesse inverno, Foote instalou-se num apartamento mobilado no número 2 da Elisabethstrasse, em Munique. Um aluno universitário e oficial da SS chamado Eugen Lahr aceitou ensinar-lhe alemão e teve todo o gosto em apresentá-lo a outros nazis. Cumprindo as instruções que recebera, Foote comprou um romance, escreveu a sua morada com tinta secreta e enviou-o para Lawn Road. No entanto, esqueceu-se de indicar em que página tinha escrito a morada e Brigitte teve de «ensopar o livro inteiro com iodo para revelar a mensagem secreta». Depois, descontraiu. A fazer-se passar por um excêntrico e rico turista britânico, tinha «bastante dinheiro e pouco que fazer a não ser divertir-se» — uma coisa que sabia fazer muito bem.

Foote comia fora a todas as refeições. Um dia, enquanto

procurava um sítio para almoçar, entrou na Osteria Bavaria na Schellingstrasse, que oferecia uma ementa decente. Estava a comer a sua truta frita com *Kartoffelsalat*², quando se formou uma grande «agitação à porta e Hitler entrou».

Por acaso, Foote tinha decidido almoçar no restaurante preferido do Führer, gerido por um antigo camarada da Primeira Guerra Mundial. Hitler sentava-se sempre no anexo das traseiras, separado dos outros clientes por uma fina divisória de madeira com um cabide para casacos. Normalmente, estava acompanhado pelo oficial às suas ordens, o *SS-Obergruppenführer* Wilhelm Brückner, e por diversos assessores. Como a maioria dos ditadores, Hitler era esquisito com a comida e o seu pedido nunca variava: «Ovos com maionese, legumes e massa, compota de fruta ou uma maçã crua ralada, e *Fachingen Wasser*», uma água mineral medicinal que estava na moda e à qual era atribuída a capacidade de curar problemas de estômago. Hitler arrotava muito durante a refeição, e ninguém o censurava. Em março de 1935, almoçou na Osteria Bavaria com as irmãs Mitford, Unity e Diana, duas britânicas que eram simpatizantes do nazismo: uma delas era uma consideravelmente louca seguidora de Hitler e a outra era a amante de Oswald Mosley, o líder dos fascistas britânicos. Durante o almoço, Diana admirou os olhos de Hitler, uns «olhos azul-acinzentados, tão escuros que muitas vezes pareciam castanhos e opacos». Um ano mais tarde, casou-se com Mosley em Berlim, na casa de Josef Goebbels, e Hitler esteve presente na cerimónia.

Divertido por estar em companhia tão infame, Foote passou a almoçar regularmente no restaurante e reparou que, quando estava em Munique, Hitler comia ali até três vezes por semana. «Esta trivialidade», escreveu ele, «teria consequências surpreendentes.»

Foote e Ursula encontraram-se de novo, como tinham

combinado, diante dos Correios de Lausana. Sonya ainda só era «moderadamente esclarecedora» em relação ao seu papel, mas a generosidade financeira era suficiente para acalmar quaisquer escrúpulos: explicou a Foote que este passara a estar na folha de pagamentos com um salário de 150 dólares por mês, mais despesas, e em troca disso teria de compilar relatórios sobre as «condições políticas e económicas da Alemanha». Mais estranho, disse-lhe que em breve seria contactado por um «novo colaborador». Juntos, deveriam planear uma «possível operação de sabotagem e deixá-la em banho-maria até o diretor autorizar».

Sem saber muito bem o que estava a acontecer, mas com os bolsos cheios, Foote voltou para Munique, que «continuava repleta de turistas que desfrutavam dos últimos momentos de paz na Europa», que não durariam muito mais tempo. «As conversas com os meus amigos da SS e o que via com os meus próprios olhos convenceram-me de que seria apenas uma questão de tempo até a máquina militar assumir o controlo e o país entrar em guerra.»

*

Rudi Hamburger foi até à Suíça para se despedir. Depois de fazer um curso de rádio de dois meses em Paris, estava ansioso para regressar à China e começar a trabalhar como espião soviético de pleno direito. Por fim, Moscovo aceitara o seu pedido: ele tinha recebido ordens para ir de Marselha para Xangai acompanhado pelo oficial do Exército Vermelho responsável por aquela região, que ia regressar à China e supervisionaria o seu trabalho clandestino.

O oficial era Johann Patra.

A situação era no mínimo bizarra para os dois homens. Johann trabalharia com o homem a quem pusera «os palitos». Rudi receberia ordens do antigo amante da

mulher, o pai biológico da filha que todos acreditavam ser sua. O Centro não era conhecido pela sua sensibilidade, mas até o calejado Umar Mamsurov se sentira obrigado a perguntar a Hamburger se estava disposto a trabalhar sob as ordens de Patra. Como Ursula diria: «O Rudi, que era um homem generoso e de princípios, tinha o Johann em elevada estima e aceitou». Rudi era filosófico, ou fingia ser. «Não existia um conflito pessoal entre nós por ele ter coabitado com a minha mulher. Éramos homens e compreendíamos-nos. O passado era o passado.»

Rudi estava determinado a evitar uma cena e ficou apenas alguns dias, mas a despedida final da família foi supremamente dolorosa. O pequeno Michael, profundamente ligado ao pai, recordaria o momento da separação com notória dor oito décadas mais tarde. «Recordo-me de ele se despedir e dizer que voltaria em breve. A minha mãe disse-me que ele voltaria, mas não voltou. Ela não foi honesta comigo em relação a isso. Num dia, ele estava lá, e no dia seguinte já não estava. Fartei-me de esperar.» Ollo também estava perturbada com a partida de Rudi e relutante em aceitar que o casamento tinha acabado.

Ursula acompanhou-o à estação de Montreux. Rudi fora o seu primeiro amor. Tinham sido parceiros no casamento, na ideologia e na espionagem desde que ela tinha 18 anos. Já não o amava, mas a sua partida foi mais um rompimento. Já perdera muitas pessoas que amava: Sorge e Patra, os amigos Agnes, Shushin e Grisha, e inúmeros outros colegas e camaradas, amigos e família, eliminados por Estaline ou Hitler. A sua vida parecia ser medida em dolorosas despedidas em estações de comboios e cais. Leal e obstinado, Rudi era uma das poucas pessoas em quem confiava plenamente, e agora também ele a deixava. Ursula «ficou na gare até o pequeno comboio azul da montanha desaparecer numa curva».

Len Beurton ficou admirado por estar parado à porta da Uniprix na cidade suíça de Vevey na margem do lago Léman às 11h50 em ponto no dia 15 de janeiro de 1939, com uma maçã na mão esquerda e um jornal dobrado debaixo do braço direito, a procurar entre a multidão uma mulher com um saco de rede com laranjas. As semanas desde que regressara de Espanha tinham sido cheias de surpresas: uma mensagem do antigo comandante a pedir-lhe que ligasse para um número em Hampstead, o encontro com uma elegante mulher «com um ligeiro sotaque estrangeiro» que lhe deu dinheiro, lhe disse para ir para a Suíça e o mandou decorar todas as complexas combinações que envolviam fruta, jornais e estranhas senhas. Ficou mais tranquilo quando Mrs. Lewis mencionou Alexander Foote, o seu antigo camarada de armas. Se Footie estava envolvido, devia ser algum tipo de «falcatrua internacional». Tudo aquilo parecia muito duvidoso, mas Len não se importou. A verdade é que não tinha medo de nada.

Ursula observou o atraente jovem inglês de uma soleira próxima. «Ele tinha 25 anos, grosso cabelo castanho, sobrancelhas que se tocavam e olhos claros, cor de avelã. Era magro e atlético, forte e musculado.» Len virou-se, viu que ela o observava e sorriu.

— Gosta de gelado? — perguntou-lhe Ursula.

— Não, gosto de uísque — respondeu ele.

Enquanto passeavam pelas ruas de Vevey, Ursula explicou-lhe que fora recomendado para um «perigoso trabalho na Alemanha, continuando a sua luta em solo espanhol». Quando o avisou de que o trabalho seria extremamente perigoso, «o seu rosto iluminou-se». Mandou-o voltar para a Grã-Bretanha e depois ir para Frankfurt, a sede do gigante da indústria I. G. Farben, uma engrenagem vital na máquina de guerra alemã. Ali,

devia começar a aprender alemão. Não poderia dizer a ninguém para onde ia. Depois de estar instalado em Frankfurt, entraria em contacto com o seu velho amigo Alexander Foote em Munique e esperaria instruções. O jovem não fez perguntas. Não quis saber para que organização estava a trabalhar nem quanto tempo teria de ficar na Alemanha. Não evidenciou qualquer sinal de ansiedade ou de hesitação. Limitou-se a guardar no bolso o dinheiro que ela lhe deu, apertou-lhe calorosamente a mão sem a olhar nos olhos e afastou-se a sorrir.

Ursula ficou intrigada com aquele jovem inglês sete anos mais novo do que ela. «Meio tímido, meio agressivo, transmitia uma impressão de pueril imaturidade.» Pareceu-lhe «um jovem simpático e modesto», mas «extremamente sensível».

Len Beurton não conseguia parar de pensar na mulher que conhecia como Sonya.

*

Eu tinha 25 anos e a experiência de me apaixonar estava limitada à infantil veneração de distantes estrelas de cinema. Isso pode explicar porque é que a minha reação instantânea à Sonya deixou bastante difusa a lembrança do que foi dito no nosso primeiro encontro. Desconfio que ela pensou que eu ainda não estava recomposto dos bombardeamentos em Espanha. É evidente que não podia saber que ela é que era a bomba.

*

Len apaixonou-se por Ursula no instante em que a viu parada no passeio à porta de um supermercado suíço, com um saco de laranjas na mão.

Até àquele momento, Leon Charles Beurton (pronunciava-se Burton, e muitas vezes era escrito assim) nunca sentira nada remotamente parecido com amor. A sua vida começara em Barking em 1914, três semanas depois do casamento forçado dos pais. O seu pai, francês, era um empregado de hotel que se alistou no Exército

francês no início da guerra e morreu poucas semanas depois de chegar à frente. Florence Beurton pagou para que o seu filho de seis anos fosse criado por um ferroviário viúvo chamado Thomas Fenton. «Volto nas férias escolares», disse-lhe. «Ele acordava todas as manhãs com a renovada convicção de que a mãe viria naquele dia.» Len nunca mais a veria. Fenton já tinha dois filhos e ignorou o filho de acolhimento. «Não houve afeto. Foi uma transação puramente comercial», escreveria Len mais tarde. Aos 14 anos, fugiu de casa e arranjou trabalho como trabalhador agrícola, e posteriormente seria mecânico e camionista em Londres. Aos fins de semana aprendeu a disparar no ginásio do exército territorial e durante a hora do almoço lutava boxe no ringue de Blackfriars. «Muitos dos pugilistas mais excêntricos eram judeus», escreveria ele mais tarde. «Para se impor, um rapaz judeu tinha de ser duas vezes mais duro que os lutadores não judeus. Desenvolvi um respeito natural por eles e foi isso que esteve na origem do meu indignado desprezo quando Hitler e o antissemitismo se tornaram uma doutrina oficial.»

Aos 18 anos arranjou trabalho numa pedreira na ilha de Jersey, onde fez amizade com um antigo marinheiro irlandês-americano chamado Moriarty. Um gigante entroncado, de temperamento plácido e feroz na política, Moriarty apresentou-lhe os escritos radicais de Jack London e a lenda de Joe Hill, um ativista trabalhista americano que foi executado em 1915. «Moriarty ensinou-me muito mais que a partir granito com um martelo de três quilos. A revolução entrou na minha vida.» Juntos, ouviam a Rádio Moscovo. «Assistíamos à ascensão do fascismo e, juntos, acreditávamos piamente que a classe operária alemã ajustaria contas com Hitler. Seguíamos os acontecimentos em Espanha e decidimos que o único lugar para um antifascista era nas Brigadas

Internacionais.»

Beurton alistou-se no Batalhão Britânico em Espanha em janeiro de 1937 e, passadas três semanas, no dia 12 de fevereiro, entrou em ação na Frente de Jarama. Muitos anos mais tarde, descreveria pormenorizadamente as suas memórias da batalha na «Colina Suicida», uma das mais sangrentas da guerra civil, onde as forças nacionalistas tentaram expulsar as tropas republicanas e internacionais que defendiam a estrada para Madrid.

*

Nessa manhã, o dia amanheceu frio, claro e luminoso. O mundo parecia jovem, e nós também, quando o batalhão de mais de 600 homens escalou a cumeeira por cima do rio Jarama. Ao cair da noite, não éramos mais de 300. Na manhã do dia 13, éramos 225. No dia 14, estávamos reduzidos a 140. Aquele histórico dia 14 quebrou a ofensiva fascista. A rota vital entre Madrid e Valência tinha sido salva. O batalhão enterrou os seus mortos. Da classe operária britânica ninguém morreu jamais com maior honra. Defendemos aquela frente durante quatro meses. «Solidariedade e Unidade», dissera o velho Moriarty, «são as duas palavras mais belas do léxico revolucionário.» A Batalha de Jarama provou até que ponto ele estava certo.

*

O batalhão foi a primeira família que Beurton conheceu, e um mês depois de ser adotado, três quartos dos seus elementos estavam mortos.

Compreensivelmente, Len era um homem inseguro, demasiado sensível e que se queixava de tudo e de nada. Era mais feliz sozinho, atrás das linhas, a passear pelo campo espanhol durante as pausas da luta. Porém, tinha uma qualidade notável: era imune ao medo. Não era propriamente corajoso, mas era intrépido em momentos em que outros ficavam aterrorizados. Um psicólogo americano entrevistou-o no auge da luta e declarou que «nunca tinha conhecido ninguém tão completamente desprovido de medo físico». Em fevereiro de 1937,

Beurton conduzia um camião da messe do batalhão com o capitão George Nathan no banco do passageiro quando o veículo foi atingido em cheio por uma bomba. Beurton saiu dos destroços não apenas sem um único arranhão, mas estranhamente alegre. Perderia mais dois camiões em bombardeamentos, sem registar uma ponta de ansiedade. «Tinha descoberto que o meu sistema nervoso funcionava com eficácia sob tensão», escreveu.

Em abril de 1939, Len Beurton apanhou o comboio de Frankfurt para Munique e tocou à campainha do número 2 da Elisabethstrasse. Foote ficou encantado (mas não muito surpreendido) ao descobrir que o «novo camarada» a que Sonya se referira era o seu velho amigo Len. *Sugeri* um almoço na Osteria Bavaria, para, como disse, «darem uma vista de olhos a Hitler». De facto, os ingleses mal se tinham sentado quando lhes pediram para apagar os cigarros porque o fanaticamente antitabagista Führer estava a chegar. «Não tínhamos de fazer a saudação, porque éramos cidadãos britânicos, mas levantámo-nos como toda a gente.» Duas mulheres também aguardavam a chegada de Hitler: uma delas era Unity Mitford, a sua seguidora britânica, e a outra era a sua amante, Eva Braun. «Era evidente que as duas não se suportavam», observou Len. Hitler cumprimentou as duas convidadas, inclinando-se e beijando a mão de cada uma, e depois atravessou o restaurante ao som de fortes aplausos. Naquele momento, Len levou a mão ao bolso interior do casaco. Procurava a cigarreira, mas Foote pensou que parecia que «ele ia pegar num revólver» e ficou horrorizado. «Devia haver uma quantidade apreciável de agentes da Gestapo que gostavam de apertar o gatilho» entre a comitiva de Hitler e que abririam fogo ao menor sinal de uma tentativa de assassinato. «Nada aconteceu.» Os capangas do Führer pareciam desinteressados quando Len pegou nos cigarros e Hitler desapareceu na sala das

traseiras. Foote respirou de novo e pensou: «É surpreendente que ninguém tente liquidá-lo tendo em conta a falta de precauções tomadas nestas ocasiões informais.»

Sonya tinha pedido a Foote e a Beurton que identificassem oportunidades de sabotagem no interior da Alemanha nazi, um alvo que pudesse ser dramaticamente destruído de uma forma que dificultasse o rearmamento alemão e atraísse a atenção da imprensa internacional. Len acreditava que já tinha encontrado o objetivo ideal. O seu simpático senhorio levou-o a ver o *Graf Zeppelin*, o grandioso dirigível de transporte de passageiros cheio de hidrogénio. Em 1936, Goebbels organizou uma viagem do zeppelin pela Alemanha para lançar panfletos de propaganda e emitir música marcial muito alta. A grande máquina voadora tinha sido retirada de circulação e agora estava em exposição num enorme hangar no aeroporto de Frankfurt, um orgulhoso símbolo da mestria e do poderio militar alemão e um orgulho nacional. Len sugeriu que o fizessem explodir.

Foote disse-lhe para não ser «ridículo», mas quanto mais falavam sobre o assunto, mais exequível lhe parecia a operação de sabotagem. Beurton insistiu: «Seria muito fácil colocar uma bomba-relógio com um detonador lento num maço de cigarros por baixo de um dos assentos e deixar que a bomba e o hidrogénio no envelope fizessem o resto.» Voltou a ir dar uma vista de olhos, inspecionando com todo o cuidado os coxins, as cortinas e «a lona impregnada». Se um engenho explosivo fosse colocado no aeróstato, o dirigível explodiria como um gigantesco fogo de artifício.

No encontro seguinte com Ursula em Vevey, Foote descreveu-lhe as linhas gerais do plano. Sonya ficou «extremamente entusiasmada» e explicou que poderiam fabricar uma bomba eficaz com açúcar, alumínio em pó e

carvão. «Não é difícil fazer um detonador moderadamente preciso», que daria aos sabotadores bastante tempo para escaparem antes da explosão. Convidou Foote a ir lá a casa na manhã seguinte «para podermos experimentar a mistura em paz e sossego» — uma estranha forma de descrever a detonação de uma bomba artesanal. Foote ficou contente por ter sido convidado para ir a casa de Sonya. «Senti que era um passo em frente na minha iniciação na rede.» No alpendre contíguo a La Taupinière prepararam uma bomba e inseriram um detonador com temporizador. «Cabia tudo dentro de um maço de cigarros.» Em seguida, colocaram o engenho incendiário debaixo do coxim de um sofá e abrigaram-se dentro de casa. «O único resultado foi uma grande quantidade de fumo preto e um cheiro nauseabundo.» Se não conseguia incendiar um coxim de algodão, era extremamente improvável que incendiasse o grosso revestimento de couro do zepelim.

Durante o jantar, concordaram que o plano talvez fosse impraticável. A conversa passou para a vida de Foote em Munique. Contou-lhe que passara a ir à Osteria Bavaria, onde Hitler almoçava frequentemente com os seus guarda-costas idiotas.

— Seria fácil colocar uma bomba numa pasta por baixo dos casacos que estão pendurados na parede que separa Hitler da zona principal do restaurante — observou ele despreocupadamente.

A resposta de Sonya deixou-o perplexo.

— Que ideia excelente.

«Imagine-se», comentaria ele mais tarde. «Ela esperava que eu assassinasse Hitler.»

Foote regressou a Munique e Ursula enviou sem demora uma mensagem para Moscovo a relatar que o agente Jim tinha «apresentado uma oportunidade para se aproximar de Hitler e assassiná-lo». A resposta não tardou: «O diretor está extremamente interessado no

relatório sobre Hitler»; Foote devia «investigar as suas movimentações e hábitos».

«A neve derreteu», escreveu Ursula, «e a primavera tinha uma beleza de conto de fadas.» O tempo quente cobriu as colinas por cima do chalé com um manto de narcisos amarelos silvestres e trouxe nada menos que três espiões para a Toca da Toupeira. Alexander Foote e Len Beurton viajaram separados para a Suíça e hospedaram-se numa pensão em Montreux, a Pension Elisabeth, diante do Bon Port no lago Léman. No dia seguinte, enquanto as crianças e Ollo «andavam no meio de um mar de flores a apanhar braços de narcisos amarelos», os três conspiradores sentaram-se na cozinha de Ursula e discutiram o assassinato de Hitler.

Foote ficou claramente alarmado ao descobrir que nas últimas semanas a ambígua ordem formal para «estar atento» a Hitler na Osteria Bavaria «evoluíra aos olhos do Kremlin para um verdadeiro esquema de assassinato, sendo Len e eu próprio aparentemente escolhidos para os papéis principais». Beurton ficou entusiasmado. «Haveria alguma coisa mais fácil que colocar uma bomba-relógio numa pasta ao pé dos nossos casacos e, depois de almoçarmos cedo, abandonarmos o restaurante e esperarmos que a bomba desse cabo de Hitler e do seu séquito enquanto almoçavam calmamente atrás da divisória?» Um método alternativo — «assassinato na sua forma mais tradicional» — seria alvejar Hitler quando ele atravessasse o restaurante e esperar que os seus desatentos guarda-costas fossem demasiado lentos a reagir. O único problema do segundo plano era o facto de ser um ato suicida. Ursula e Beurton partilhavam a convicção de que matar Hitler era não apenas possível, mas um imperativo moral. «Nenhum de nós acreditava na eficácia de ataques terroristas a indivíduos», escreveu ela. «Mas havia algumas pessoas que considerávamos tão perigosas e brutais que estávamos preparados para

infringir as regras.» Foote não estava nem por sombras tão entusiasmado. Ele também queria Hitler morto, mas não lhe apetecia morrer. Beurton podia desconhecer o que era o medo, mas o mesmo não se passava com Foote.

No dia seguinte, treinaram o fabrico de bombas e Ursula deu aos seus cúmplices a primeira lição sobre tecnologia de rádio. Como eram diferentes aqueles dois ingleses, pensou. Len era «inteligente, culto e um atento observador», mas não possuía «o contraponto da autoconfiança de Jim». Foote era «desembaraçado e perspicaz» e um «excelente organizador», mas Ursula também detetou uma «tendência para o cinismo» e um gosto pela boa vida: parecia estar a divertir-se à grande na Alemanha. Beurton gostava de passear sozinho nas montanhas, ao passo que Foote estava mais feliz nos lupanares de Genebra. «Eu preferia o sensível Len», escreveria ela, «que gostava da natureza e se interessava pelos meus filhos.»

Franz Obermanns, que lhe tinha sido apresentado em Moscovo como o seu futuro assistente, chegou à Suíça vários meses mais tarde do que estava previsto. Durante o treino, o jovem comunista alemão tinha detonado prematuramente uma bomba e cortara o queixo com vidros. O Centro insistiu que ele daria demasiado nas vistas na Suíça com o rosto coberto de ligaduras e a partida foi adiada até a ferida sarar. Ursula encontrou-se com ele em Berna e mandou-o procurar um alojamento em Friburgo, na região oeste do país, construir um transmissor, estar atento a quaisquer sinais de vigilância e esperar ordens. Obermanns não inspirava confiança: era bastante entusiasta, mas ainda tinha uma grande cicatriz muito vermelha no rosto — «não propriamente uma vantagem no trabalho secreto». Parecia ser desajeitado.

No verão de 1939, Ursula tinha dois transmissores-recetores funcionais, dois agentes infiltrados na

Alemanha, um assistente cheio de boa vontade e um plano para fazer explodir o Führer. Para financiar as operações, Moscovito transferiu fundos para uma conta bancária em Londres, disfarçando a origem, de onde ela levantava dinheiro conforme as necessidades. O Centro estava satisfeito: a rede suíça da major Sonya funcionava como um relógio afinado e a guerra estava no horizonte.

Em março, as tropas alemãs ocuparam Praga, no mesmo mês em que a Áustria foi anexada pela Alemanha nazi. Os nacionalistas de Franco dominavam a Espanha. «A seguir será a vez da Suíça?», interrogou-se Ursula. Com receio de uma invasão das tropas alemãs, os estrangeiros começavam a fugir do país. Os nazis tinham duas organizações de serviços secretos diferentes a operar na Suíça: a Abwehr (serviços secretos militares) e o poderoso Gabinete Central de Segurança do Reich, ou RSHA, que combinava a Gestapo e o Sicherheitsdienst (SD), os serviços secretos da SS. Os caçadores de espiões alemães estavam a passar a Suíça a pente fino à procura de inimigos do Reich. «Genebra estava cheia de agentes secretos de muitos países, e os homens da Gestapo vinham em bandos», escreveu Ursula. O seu passaporte alemão, emitido em Xangai em 1935, expiraria em maio de 1940, e como era judia sem nacionalidade não poderia pedir a renovação. Sem passaporte nem autorização de residência, corria o risco de ser deportada, o que equivaleria a uma condenação à morte. Relatos horrendos do que estava a acontecer aos judeus na Alemanha já circulavam em Genebra. Marie Ginsberg, a bibliotecária da Sociedade das Nações, era uma judia polaca que colaborava com a rede clandestina que extraía judeus da Alemanha com passaportes falsos e ofereceu-se para ajudar: por 2000 francos suíços, um diplomata boliviano em Berna arranjar-lhe-ia um passaporte. Era alguma proteção, mas não muita. Ursula precisava de cidadania

legal de outro país e de um passaporte autêntico para poder sair da Suíça à pressa se os nazis invadissem o país.

Uma tarde, Olga Muth voltou da aldeia com um preocupante rumor:

— Os judeus com passaportes expirados vão ser postos do outro lado da fronteira com a Alemanha.

Ursula minimizou o perigo.

— Há muitas pessoas sem passaporte e as deportações só podem ser casos isolados.

Ollo não ficou convencida.

— Se descobrirem alguma coisa a respeito daquilo que fazes, será a tua vez. Sabes o que vai acontecer-te se fores parar às mãos de Hitler. Não sobreviverás.

Mas depois o rosto da ama alemã iluminou-se com um sorriso.

— Prometo-te uma coisa. Vou ficar com as crianças, mesmo que tenha de as esconder. Quando me mandarem para a Alemanha, levo-as comigo. De olhos azuis e cabelo louro, não vão chamar a atenção. Posso ganhar dinheiro suficiente para os três. Não precisas de te preocupar com eles. Vão ficar bem comigo.

Ursula não gostou do rumo que a conversa estava a tomar e interrompeu-a com brusquidão.

— Ainda estou viva. O meu trabalho pode não ser descoberto e, mesmo que me prendam, podem não me deportar.

Ollo Muth pretendia tranquilizá-la, mas as suas palavras provocaram um peculiar arrepio. No caso de Ursula morrer, a ama elaborara um plano para ficar com os seus filhos e criá-los na Alemanha nazi.

1 O Pimpinela Escarlata foi Percy Blakeny, o inglês que salvou centenas de aristocratas da força durante os anos do Terror, no final do século XVIII, a seguir à Revolução Francesa. (*N. da T.*)

2 Salada de batata. (*N. da T.*)

Um Casamento de Conveniência

No dia 23 de agosto de 1939, os ministros dos Negócios Estrangeiros da Alemanha e da União Soviética assinaram um acordo diplomático em Moscovo — e o universo político de Ursula implodiu. Segundo o acordo assinado por Joachim von Ribbentrop e Vyacheslav Molotov, a Alemanha nazi e a União Soviética, até ao momento arqui-inimigas, comprometiam-se a não se atacar mutuamente. Num protocolo secreto anexado ao pacto de não-agressão, concordaram dividir, nas suas esferas de influência, Polónia, Lituânia, Letónia, Estónia e Finlândia. Era uma política de força no seu estilo mais cínico, um calculismo dos dois lados que, por enquanto, tinham mais a ganhar com a não-beligerância que com um conflito. Em privado, Hitler acreditava que a guerra com a União Soviética era «inevitável» e faria com que acontecesse. Mas o Führer, que Ursula conspirara tão recentemente para assassinar com total aprovação do Exército Vermelho, já não era o inimigo.

Um dia depois da assinatura do Pacto Molotov-Ribbentrop, recebeu uma mensagem de rádio do Centro, assinada pela major Vera Poliakova: «Cesse todas as atividades contra a Alemanha. Retire todos os agentes do país e corte todos os contactos com os agentes residentes que ficarem.»

Ursula ficou profundamente chocada. Sem aviso, Moscovo suspendera as operações ofensivas contra o regime que forçara a sua família a ir para o exílio,

destruía o Partido Comunista Alemão e dera início à chacina sistemática de judeus. Ela passara toda a sua vida adulta a lutar contra o fascismo na Alemanha, na China, na Manchúria, na Polónia e agora na Suíça. Arriscara muitas vezes a vida pela União Soviética, e agora o comunismo, a causa que ela adorava, estava conivente com o nazismo, com o dogma de violência racista e morte que ela detestava.

Ursula nunca tivera uma crise tão grande de consciência política. As purgas de Estaline tinham exposto a brutalidade que estava no âmago do regime, mas ela convencera-se de que era o resultado de «erros» individuais. Porém, o pacto germano-soviético foi uma traição. Há meses que circulavam rumores em Genebra de que a Alemanha e Moscovo mantinham conversações secretas, mas Ursula atribuíra-os a «mexericos jornalísticos». Durante as dificuldades no princípio da vida, fora encorajada pela convicção de que o partido, dirigido por Moscovo, era infalível. Ao longo do tempo, repetiria como um papagaio que o pacto de não-agressão tinha sido uma trégua temporária necessária para boicotar uma conspiração capitalista ocidental que visava atrair a Alemanha nazi e a URSS para uma guerra de destruição mútua. Na verdade, como a maioria dos comunistas inteligentes daquele tempo, ela sabia que Hitler representava o oposto de tudo aquilo em que acreditava; e, por motivos de conveniência, Estaline decidira fazer um acordo de paz com ele. Ursula não era a única que estava devastada e profundamente desiludida. O pacto germano-soviético foi recebido com consternação pelos partidos comunistas do mundo inteiro e com horror por todos os judeus. Surpreendeu os aliados da Alemanha, incluindo o Japão, e galvanizou os seus inimigos: dois dias mais tarde, a Grã-Bretanha assinaria um tratado com a França para a defesa da Polónia. Um dia depois, o Exército suíço foi mobilizado em antecipação de uma

invasão alemã. Caux, que costumava estar apinhada de veraneantes, tornou-se uma cidade-fantasma quando todos os turistas fugiram.

Ursula podia estar destrozada com o pacto que Moscovo fizera com o diabo, mas manteve-se uma disciplinada oficial do Exército Vermelho. Alexander Foote estava em Genebra quando a notícia veio a público. Ursula mandou-o ficar onde estava e avisar Len Beurton para deixar a Alemanha imediatamente e juntar-se a eles na Suíça. Sabia que não devia desafiar Moscovo, mas sugeriu que se sentia triste numa mensagem para o Centro a pedir transferência da Suíça para os Estados Unidos. A resposta veio numa curta mensagem: «Não são necessários mais agentes na América.» Sonya devia manter-se no seu posto, aguardar ordens e passar o tempo proveitosamente a treinar Foote e Beurton para operarem um rádio de ondas curtas.

No dia 1 de setembro, a Alemanha invadiu a Polónia. A Cidade Livre de Danzig foi incorporada no Reich e uma grande parte dos comunistas na clandestinidade foi dizimada de um dia para o outro. Karl Hoffman, o delicado e tuberculoso líder do grupo com quem Ursula trabalhara, foi sumariamente assassinado e a sua rede liquidada.

Len estava na Baviera quando recebeu o telegrama de Foote a mandá-lo «sair da Alemanha o mais depressa possível» e atravessou a fronteira para a Suíça no dia 3 de setembro de 1939.

Nesse dia, a Grã-Bretanha declarou guerra à Alemanha.

Foote e Beurton hospedaram-se na Pension Elisabeth — eram os únicos hóspedes — e o pequeno trio de espiões reuniu-se nas montanhas suíças. Do Centro veio um ominoso silêncio. «Durante a primeira semana de guerra na Europa, não recebemos qualquer tipo de instruções», escreveria Foote. Até ao momento, Ursula não especificara a fonte das ordens, mas agora que já não

estavam a lutar contra o fascismo, devia aos seus subagentes uma explicação mais detalhada: disse-lhes o seu verdadeiro nome, descreveu o trabalho na China e na Polónia e explicou que era oficial do Exército Vermelho. A ordem para pararem de espiar a Alemanha tinha vindo diretamente de Moscovo. Foote estava ironicamente divertido por todo o trabalho preliminar para assassinar Hitler ter sido «completamente desperdiçado», mas não ficou muito perturbado ao descobrir que trabalhava para os serviços secretos militares soviéticos. Ursula tentou parecer imperturbável face à drástica mudança na política soviética, mas os dois homens perceberam que ela estava descontente e confusa.

«O pacto germano-soviético», escreveria Foote, atingiu-a «como um raio saído de um céu limpo. O seu efeito em Sonya foi demolidor. Ela sempre considerara a linha do partido como estando firme e inflexivelmente direcionada contra o fascismo. De repente, tudo isso tinha mudado, e ela, como um bom membro do partido, devia aceitar que os nazis eram seus amigos e que as democracias eram suas potenciais inimigas. Na verdade, foi demasiado para ela.»

Assim teve início um estranho período de limbo. Alguns dias depois do início da guerra, Ursula escreveu para os pais na Grã-Bretanha: «Agora que aconteceu, quase não consigo acreditar. É estranho como os pores do Sol continuam tão lindos e tranquilos como sempre. Sinto-me isolada aqui.» Os dois homens subiam a pé até La Taupinière para receberem aulas de rádio. Foote passava as tardes a apanhar sol e as noites nos bares e nos restaurantes de Genebra, a namorar com a irmã do ministro dos Negócios Estrangeiros da Roménia. Ursula e Len davam longos passeios pelo campo. A pouco e pouco, o inglês mais novo começou a fazer-lhe confidências e contou-lhe que fora abandonado quando era criança, falou-lhe sobre a conversão à política radical e sobre as

suas experiências em Espanha. Ela refletiu que a estranha vida de Len tornara-o «demasiado sensível e introvertido», mas também havia alguma coisa especial naquele «homem tímido e calado, inteligente, corajoso e íntegro». Len ficava muitas vezes para jantar e brincava com as crianças antes de voltar para a pensão.

«Moscovo abandonava-nos totalmente à nossa sorte», escreveria Foote. «De momento não tínhamos utilidade e o Exército Vermelho não se importava de manter a rede inativa até chegar o momento de a reativar. Moscovo tinha-nos cortado as asas da espionagem.» Ursula fazia o frete de enviar para o Centro insípidos relatórios mensais sobre a situação política, mas, como Foote observou, «o seu coração não estava no trabalho». E a desilusão aumentou ainda mais quando a União Soviética invadiu a Finlândia em novembro de 1939, um ato de flagrante e agressiva expansão territorial. Franz Obermanns, o número dois de Ursula, também estava desencantado. «Chocados e perplexos, falávamos durante horas», escreveria ela. Os suíços tinham começado a fazer rusgas para investigar os estrangeiros. Durante uma das conversas com Obermanns, um polícia apareceu sem aviso à sua porta, transpirado pela subida até La Taupinière. Ursula fingiu que o homem jovem com uma cicatriz no rosto era um dos seus pretendentes (os coscuvilheiros locais tinham reparado que a atraente mulher solteira que vivia na encosta era frequentemente visitada por homens) e o polícia foi-se embora satisfeito depois de inspecionar os documentos falsos de Obermanns e anotar o seu nome, Eriki Noki.

Teoricamente, o pacto de não-agressão germano-soviético proibia operações ativas de espionagem, mas isso não impediu que a Gestapo continuasse a procurar espões e subversivos comunistas na Alemanha e fora das suas fronteiras. Por sua vez, Moscovo mantinha o apoio ao

que restava do movimento comunista na Alemanha. No fim de outubro, Ursula recebeu ordens para organizar a recolha de uma avultada quantia de dinheiro de um correio em Genebra e depois contrabandeá-lo para a Alemanha e entregá-lo a Rosa Thälmann, a mulher do líder preso do KPD, Ernst Thälmann. Tudo aquilo era muito admirável como um «gesto de solidariedade internacional», mas Ursula, Obermanns e os dois ingleses não poderiam entrar na Alemanha sem correrem o risco de detenção imediata. Ursula perguntou a si mesma se deveria tentar a viagem com o passaporte alemão de Olga Muth. «Se as coisas corressem mal, a Ollo poderia dizer que eu lho tinha roubado.» Todavia, não havia qualquer disfarce que tornasse Ursula 15 centímetros mais baixa, que a envelhecesse 25 anos e que lhe mudasse os olhos de castanho para verde. Ollo ofereceu-se para fazer a viagem. Ninguém desconfiaria que a ama de cabelos grisalhos era uma mula comunista que transportava dinheiro, e ela poderia fingir que ia visitar o orfanato militar onde tinha crescido. A sua principal preocupação era Nina. «Eu sou uma velha, o que pode acontecer-me se as coisas correrem mal? Mas não conseguiria sobreviver à separação da minha menina.»

No domingo seguinte, ao meio-dia, Alexander Foote esperou pelo correio que trazia o dinheiro na entrada do Jardim Botânico de Genebra. Conforme as instruções, usava um chapéu de feltro azul-escuro e tinha um chapéu de chuva pendurado na curva do braço direito, um par de luvas de pele na mão direita e um exemplar do *Picture Post* na esquerda. A entrega demorou menos de um minuto. Em La Taupinière, Ursula soltou o cabo da sua velha escova de fatos, dobrou muito bem o dinheiro no interior e selou-a com cola. A «inocente, pequena e grisalha» Ollo partiu para a Alemanha. Se os nazis descobrissem o que ela estava a fazer, não voltaria.

Num primeiro momento, quando uma mulher desconhecida apareceu à porta do seu apartamento, Rosa Thälmann ficou desconfiada de uma armadilha nazi. No entanto, Ollo conseguiu convencê-la de que o dinheiro proporcionaria «ajuda material para as famílias com fome» de outras vítimas do nazismo. No dia seguinte, num parque de Berlim, entregou-lhe a escova de fatos num saco. As duas mulheres abraçaram-se e choraram um pouco.

— Nunca esquecerei isto — disse Rosa.

— Está tudo bem — replicou Ollo, preparando-se para voltar à Toca da Toupeira.

Ursula ficou aliviada ao vê-la, e profundamente agradecida. Todavia, quando a ama pegou na menina de três anos e a apertou com força contra si, não pôde deixar de reparar que «ela só tinha olhos para a Nina».

A Suíça, em tempos um refúgio seguro, começava a tornar-se uma prisão. A procura de rádios ilegais foi intensificada e os estrangeiros passaram a ser mais vigiados pelos suíços. Os caçadores de espiões de Himmler intensificaram a perseguição. «Tanto quanto percebia, eu não estava a ser observada», escreveria Ursula. No entanto, sempre que ligava o transmissor, perguntava a si mesma se seria a última vez. As autoridades bancárias suíças puseram travão às transações estrangeiras e Moscovo deixou de enviar dinheiro. Ursula tinha agora de sustentar não apenas a sua família e Ollo, mas também Foote, Beurton e Obermanns. O Centro prometeu enviar mais dinheiro. Mas do dinheiro nem sinal.

Um funcionário do serviço de segurança suíço apareceu uma manhã, sem aviso e curioso. Ursula fugiu às perguntas e depois perguntou-lhe: «Porque é que a neutra e democrática Suíça desconfia dos alemães perseguidos por Hitler em vez de se concentrar nos nazis alemães, que são mais que muitos neste país?» O homem respondeu

num tom triste: «Seria mil vezes mais feliz se fizesse apenas isso.» A visita foi inquietante. Len Beurton cavou um buraco na floresta e colocou uma tábua coberta com terra e folhas em cima, um esconderijo para o transmissor numa emergência.

Alexander Foote gostava de Ursula, mas ficou estupefacto quando ela o pediu em casamento.

Os seus motivos não podiam ser menos românticos. Quando o passaporte alemão expirasse, ela estaria legalmente desprotegida, pois possuía apenas um documento boliviano falso. Porém, se fosse casada com um inglês, seria elegível para cidadania britânica e poderia pedir um passaporte britânico no consulado em Genebra. Depois, se os nazis invadissem a Suíça, seria possível fugir para Londres e juntar-se à família.

O Centro aprovou o plano e Foote aceitou a proposta de casamento. «Naquela altura eram celebrados inúmeros *mariages blancs* [casamentos de conveniência não consumados] na Suíça com o único propósito de conseguir documentos legais», escreveu ele. Ursula garantiu-lhe que «poderia divorciar-se quando quisesse». O único problema era que ela continuava casada com Rudi, *que* se encontrava algures na China. Foote não se importava de arriscar, mas ser bígamo estava fora de questão. Uma vez mais, a solução foi brutalmente simples: preencheu uma declaração formal para os tribunais de divórcio suíços onde declarava que Rudolf Hamburger (cujo atual paradeiro era desconhecido) cometera «adultério com uma das irmãs de Sonya num hotel de Londres». Rudi não fizera tal coisa, mas provavelmente o próprio Foote tê-lo-á feito, com Brigitte. Anos mais tarde, Foote «não escondeu que tinha cometido perjúrio num tribunal suíço», mas aquele subterfúgio atormentaria Ursula durante muito tempo. No dia 26 de outubro de 1939, o casamento de Ursula terminou por causa do adultério de Rudolf

Hamburger. Poucas vezes uma deliberação de divórcio foi mais injusta.

No início de dezembro, Franz Obermanns não compareceu a um encontro combinado em Zurique e também não apareceu no encontro de recurso uma semana mais tarde. Extremamente alarmada, Ursula quebrou todas as regras e telefonou para o seu apartamento em Friburgo. Uma voz desconhecida disse-lhe que ele já não vivia ali.

É um mistério o que terá levado a polícia suíça a demorar tanto tempo a detetar alguma coisa suspeita em Eriki Noki, um homem com uma vincada cicatriz no rosto que viajava com um passaporte finlandês emitido no Canadá e não falava finlandês nem inglês. Uma busca ao seu apartamento revelou uma «série de peças de rádio» e Obermanns foi detido. Ursula sabia que algures nos ficheiros da polícia havia um relatório que declarava que «Enoki» fora visto em La Taupinière. Nessa noite, ela e Len retiraram o rádio do armário, embrulharam as peças uma a uma para as proteger da humidade e enterraram-nas na floresta. Dali em diante, sempre que contactavam Moscovo, tinham de desenterrar e montar o rádio. Acabaram-se as transmissões na cama.

A polícia não tardou a descobrir a verdadeira identidade de Obermanns, e quando a Gestapo veio a saber que o agitador comunista condenado estava sob custódia dos suíços, foi emitido um pedido de extradição urgente. O pedido foi rejeitado com o fundamento de que ele já estava a ser investigado pelas autoridades suíças por alegada utilização de um passaporte falso. O azarento espião teve sorte e passou o resto da guerra num relativamente confortável campo de prisioneiros na Suíça. «Aquele caso abalou profundamente Sonya», escreveria Foote.

Entretanto, Foote e Beurton já não suportavam a companhia um do outro. Para além das experiências

partilhadas em Espanha, tinham pouco em comum: Beurton era sério e sóbrio, ao passo que Foote se comportava frequentemente como se estivesse a passar umas férias secretas, a engordar, literal e metaforicamente, enquanto a Europa ardia. Len queixava-se de que o seu companheiro era «um egoísta, que atribui demasiada importância aos prazeres». Foote também era volúvel. Algumas semanas depois de o divórcio ser decretado, disse a Ursula que tinha uma «confissão» a fazer: fora para Espanha para evitar casar-se com uma mulher que tinha engravidado em Inglaterra. Se se casasse com Ursula, «este assunto poderia vir à tona», por isso ia desistir. Foi uma atitude muitíssimo inconveniente e perturbadora a nível ideológico. Se fosse verdade, então Foote lutara em Espanha por motivos ignóbeis, e não por convicção política. E, se fosse mentira, estava a tentar esquivar-se de uma ordem direta do Exército Vermelho.

Contudo, Foote tinha uma sugestão. «Aceitarias casarte com o Len?»

Ursula ficou feliz com o plano B. Na verdade, muito mais feliz. O casamento com qualquer um dos dois ingleses garantia-lhe um passaporte, mas ela gostava mais de Len. Apresentou a ideia a Beurton, garantindo-lhe que o casamento seria estritamente *pro forma*. «Podes confiar em mim para nos divorciarmos logo que quiseres.»

Len respondeu com brusquidão. «Eu sei muito bem o que é um “casamento no papel”», retorquiu. Mas concordou.

Ursula ficou espantada com a «invulgar beligerância» de Len. A sua suscetibilidade perante o casamento fictício comoveu-a. A partir daquele momento, a amizade dos dois assumiu uma forma ligeiramente diferente. No começo, Ursula não conseguiu perceber o que se passava. Aquele introvertido jovem inglês andava estranho, mas havia alguma coisa atraente naquela combinação de timidez e

coragem, ternura e dureza. Os suíços podiam estar a vigiá-los. Era bem possível que os alemães invadissem o país. Se a Gestapo os encontrasse, seriam todos mortos. Contudo, a tensão e o perigo quase não pareciam afetá-lo. Em determinada altura, até sugeriu que poderia oferecer-se para espiar para os alemães «e ser um agente duplo», uma ideia tão corajosa como impraticável. Ela estava comovida com a relação cada vez mais próxima de Len com Michael e com a «forma cautelosa como criava laços com o menino».

Olga Muth ficou chocada quando descobriu que Ursula estava noiva de Len Beurton.

— Pensei que apenas trabalhavas com ele — protestou.
— Como é que ele vai viver aqui?

Ursula pousou a mão no ombro da ama.

— Ele é um bom homem. Criou laços com as crianças. Este casamento é muito importante, porque vai garantir-me, por fim, um passaporte, que é muito útil.

— Não vamos ter de nos preocupar com a possibilidade de te prenderem e te porem do outro lado da fronteira?

Ursula acenou com a cabeça.

— Então, é a única razão que te leva a casar com ele: um casamento falso?

Ursula acenou de novo com a cabeça, um pouco menos convincente.

— O passaporte é importante...

Ollo suspirou, zangada, e lançou-se numa diatribe, como se estivesse a repreender uma menina.

— É típico de ti. Primeiro tiveste um homem, e não podia haver melhor. Depois, de repente, afastas-te do Rudi e enfiás-te com o pequenino num canto remoto da China. Ficámos todos chocados. A tua mãe e eu tivemos a mesma desconfiança: havia alguma coisa política atrás disso. E depois recebemos a notícia de que vais ter um filho. Nem sequer conhecemos o pai, e agora... outro homem!

Ursula ficou abalada. Ollo sempre fora franca e gostava

de Rudi. Porém, havia outra coisa na reação da amada ama, algo mais sombrio e mais perigoso. Olga Muth não estava apenas zangada; parecia assustada.

A notícia de que Frau Hamburger estava noiva do mais jovem dos dois ingleses espalhou-se rapidamente por Caux, como acontece com este tipo de novidades em comunidades pequenas. Embora não conhecesse as estranhas condições do noivado, Frau Füssli, a mulher do agricultor, ficou encantada por Ursula, e o mesmo aconteceu com Lillian Jakobi, a judia mais velha que se tornara uma boa amiga.

Os noivos gostavam de ir para as encostas. Ursula tornara-se uma hábil esquiadora, mas Len era uma perigosa combinação de entusiasmo intenso, pouca competência e ausência total de medo. Uma tarde, apanharam o pequeno comboio para Rochers-de-Naye, a 2050 metros de altitude. A paisagem para o vale era espetacular. Desceram a encosta a grande velocidade. No caso de Len, demasiado depressa: perdeu o controlo numa encosta íngreme, chocou contra uma parede de gelo e partiu os dois esquis. Voltaram para casa a pé pela neve funda, agarrados um ao outro para não escorregarem. Beurton riu-se alegremente até chegarem ao fundo. Ursula escreveria: «Percebi o quanto gostava do Len.» Não houve uma epifania romântica nem uma paixão súbita, apenas a lenta percepção de que, embora lhe tivesse dito que poderia divorciar-se dela quando quisesse, esperava que nunca o fizesse.

Beurton nunca soubera o que era viver uma vida caseira. «Fazer parte da nossa família, sentir afeto e atenção numa atmosfera alegre e harmoniosa, foi uma experiência decisiva. Éramos camaradas ligados um ao outro pelo trabalho e pelo perigo. Partilhávamos as mesmas opiniões sobre livros e pessoas. Todos os dias apreciávamos de forma consciente a beleza da paisagem. Eu ficava espantada ao ver como o Len se dava bem com

as crianças.»

Escolheram uma data politicamente auspiciosa para o casamento: 23 de fevereiro, o aniversário da criação do Exército Vermelho, mais tarde conhecido como «Dia do Defensor da Pátria». A cerimónia foi muito discreta. Duas alianças de papel compradas na Uniprix em Vevey e o rápido preenchimento de documentos numa conservatória do registo civil em Genebra, com o porteiro e o escriturário como testemunhas. Depois, Mr. e Mrs. Len Beurton voltaram para La Taupinière para um almoço de panquecas confeccionado por Ollo.

É evidente que não há registo de quando este casamento de conveniência deixou de ser apenas conveniente, pro forma e branco. No entanto, é inteiramente possível que tenha sido consumado (e Len tenha perdido a virgindade) nessa mesma noite, na Toca da Toupeira, exatamente 22 anos depois do nascimento do Exército Vermelho.

Ursula Kuczynski apaixonou-se sem querer por Len Beurton, e tomando o caminho mais sinuoso. O quarto, e duradouro, amor da sua vida surgiu em resultado de uma conspiração ilegal de espiões e de um casamento de fachada.

Mais tarde, ambos falaram sobre o momento exato em que teve início a sua história de amor.

— Quando é que percebeste que gostavas de mim? — perguntou Ursula.

— Nos romances, diriam tratar-se de amor à primeira vista. Foi no nosso primeiro encontro ilegal em Vevey, à porta da Uniprix.

— Tão depressa? Nunca me apercebi!

— Durante muito tempo, eu também não quis perceber — replicou Len.

Mas Ursula também se tinha apaixonado por Len mais cedo do que admitia. Numa carta para a mãe, escrita

pouco depois do noivado, explicou que pretendia casar-se com um inglês sete anos mais novo. «Amo-o», acrescentou.

Muitos anos mais tarde, Len escreveu uma avaliação de Ursula como esposa, oficial dos serviços secretos e revolucionária.

*

Estilo, elegância, contenção, modéstia e iniciativa para combater o inimigo, conjugados com estabilidade sob tensão. Podem dizer que é imodesto falar sobre a chefe e mulher nestes termos. Sonja [a forma alemã de Sonya] era especialista em técnicas de diversão, fabrico e utilização de explosivos, teoria e prática de comunicações de rádio, e tinha um enorme talento para ensinar. Nunca fazia aos outros exigências que não faria a si mesma. A sua dedicação à destruição do fascismo era absoluta. Contudo, mantinha-se feminina e era uma mãe dedicada.

*

A exemplo de muitos casamentos bem-sucedidos, este também tinha os seus problemas. Por vezes, Len acusava a mulher de ser «ditadora» — o que era verdade, sobretudo em questões de espionagem. Ele nunca teve dúvidas de que se tinha casado com a sua superior. Ursula achava que ele era suscetível e propenso a mudanças de humor repentinas e inexplicáveis. «O Len preocupava-se com coisas que não eram importantes para mim.» Mas Ursula amava-o de uma forma incondicional e absoluta, uma coisa que ele nunca tivera. Durante muitos anos, Ursula tinha vivido em perigo e desafiava o risco, sempre acompanhada, e por vezes paralisada, pelo medo. O que Len lhe deu, para além de lealdade eterna e uma certidão de casamento, foi um subproduto do seu estranho carácter: deu-lhe um pouco da sua imperturbável intrepidez.

Com Richard Sorge, Ursula conhecera o *glamour* e o perigo. Johann Patra, o marinheiro de classe operária, era

uma criatura de outro mundo, ciumento e competitivo, um revolucionário irresistivelmente romântico. No entanto, Len não era seu chefe nem seu rival. Ele precisava dela como ninguém precisara antes e amava-a de uma forma simples, intensa e incondicional. Ursula já não era a voluntariosa mulher em busca de aventura, mas uma madura agente infiltrada e uma oficial dos serviços secretos altamente qualificada com dois filhos, uma rede de espiões e um pesado fardo de responsabilidade. Já não a cativavam as motas velozes ou discussões políticas que se estendiam até de madrugada; precisava de apoio, emocional e profissional. Não queria um parceiro agitador nem um adversário. Queria um bom marido. E encontrou-o.

Ursula pediu um passaporte britânico um dia depois do casamento e o cônsul escreveu para o gabinete de passaportes em Londres para saber se poderia emitir um. A resposta chegou no dia 28 de março de 1949: «Não possuímos qualquer registo sobre Mrs. Ursula Beurton e apenas um possível indício de que o marido pode ser comunista. Perante estes factos, não vejo como podemos recusar a emissão de um passaporte britânico.»

O MI5 tinha uma opinião diferente.

O serviço de segurança britânico estava agora profundamente desconfiado da família Kuczynski e ficou preocupado ao saber que mais um membro podia estar a preparar-se para vir para a Grã-Bretanha. O medo da «Ameaça Vermelha» intensificara-se com o pacto germano-soviético. Robert e Jürgen Kuczynski tinham adotado a linha do partido de Moscovo e condenado publicamente a guerra como um conflito entre imperialistas em que os comunistas não se deviam intrometer. Robert foi descrito pelo MI5 como estando a «espalhar o derrotismo» com as suas atitudes «antibelicistas». A família estava profundamente envolvida

na Liga de Cultura Alemã Livre, que o MI5 considerava «uma organização comunista de fachada».

No final de 1939, Jürgen Kuczynski compareceu perante o Tribunal de Estrangeiros, o organismo criado pelo Ministério da Administração Interna para deliberar quais dos 70 mil «inimigos estrangeiros» alemães e austríacos que residiam na Grã-Bretanha deviam ser detidos como potenciais agentes inimigos. O MI5 apresentou provas de que Jürgen era comunista (uma coisa que ele não escondia), e no dia 20 de janeiro de 1940 foi detido por razões de segurança no Campo de Seaton em Devon, uma antiga colônia de férias com mais 568 internados de «categoria A», a maioria dos quais era nazi. Robert foi classificado como «categoria C» e manteve-se em liberdade, para irritação do MI5: «Todos sabem, e o juiz também, que ele é um verdadeiro comunista e professa em toda a parte a aversão que sente pela guerra imperialista.» O MI5 também desconfiava de Len Beuron, mas ainda não sabia se ele era simpatizante do comunismo ou do nazismo. «Sabe-se que Beuron estava bastante interessado na Alemanha para comprar uma gramática e livros de leitura em alemão e terá estado na Alemanha em setembro de 1939.» Foi colocado na Lista Negra de Guerra da Central de Segurança como um possível subversivo.

A detenção de Jürgen Kuczynski levou a um confronto entre o MI5, que o queria preso, e o Ministério dos Negócios Estrangeiros, que não via razão para ele ser detido. Inúmeros amigos influentes fizeram pressão para a sua libertação, insistindo (erradamente) que ele era completamente inocente. O líder do Partido Trabalhista, Clement Attlee, até abordou a questão da detenção de Kuczynski na Câmara dos Comuns. Lilian Bowes Lyon, a prima da rainha, escreveu para Marguerite a expressar solidariedade com a prisão do seu marido. Sir Alexander Maxwell, o subsecretário de estado permanente do

Ministério da Administração Interna, referiu que ser comunista não era «por si só uma razão para haver detenção» e insistiu que «a menos que o MI5 tenha alguma informação para além do que aparece nestes dossiês, Kuczynski deve ser libertado». Jürgen foi libertado no dia 19 de abril de 1940 com um entusiasmado louvor do comandante do campo, que o descreveu como «um homem muito capaz a nível intelectual, e muito boa pessoa». O MI5 ficou furioso. Ainda não faziam ideia até que ponto Jürgen estava envolvido nos serviços secretos soviéticos, mas não obstante consideravam-no «uma pessoa muito perigosa», cuja irmã não podia receber a cidadania britânica.

O MI5 tentou travar o pedido do passaporte de Ursula. «Recebemos mais informações a respeito de Mrs. Ursula Beurton e estamos convictos de que ela não deve receber um passaporte britânico.» A resposta foi: «Já não podemos fazer grande coisa, porque autorizámos a emissão de um passaporte no dia 24 de abril.»

Ursula foi buscar o «precioso documento» ao consulado no número 41 do Quai Wilson em Genebra. Mesmo a tempo, conseguira um meio de fugir da Suíça se os nazis atacassem, como era sua intenção.

Uma semana depois de Ursula se tornar cidadã britânica, Hitler lançou a sua *Blitzkrieg*³: ativada com o nome de código «Danzig», tropas alemãs dirigiram-se para oeste e para norte numa imparável maré blindada. Dinamarca, Noruega, Holanda, Bélgica e o Luxemburgo foram invadidos. No dia 14 de junho, os nazis ocuparam Paris, deixando apenas a «Zona Livre» de França sob o regime de Vichy do marechal Pétain. O planeamento alemão para a invasão da Suíça começou no dia em que a França se rendeu. Publicamente, Hitler declarou que «em todos os momentos, aconteça o que acontecer, respeitaremos a inviolabilidade e neutralidade da Suíça».

Em privado, preparou-se para incorporar o país no grande Reich, considerando que os suíços eram um «braço ilegítimo do nosso *Volk*⁴» e uma «borbulha no rosto da Europa».

Como Ursula diria: «A Suíça estava cercada pelos fascistas; apenas uma estreita passagem através de França continuava aberta.»

Mais tarde, Foote afirmaria que Ursula e Len estavam demasiado ocupados um com o outro para prestarem muita atenção aos acontecimentos internacionais. Não era verdade, mas eles estavam certamente a «comportar-se como um casal em lua de mel», a passear de mãos dadas pelos Alpes suíços, a apanhar narcisos amarelos. «Era perfeitamente óbvio que se tratava de tudo menos de um casamento de conveniência», escreveria Foote, que achava o desabrochar daquele amor muito divertido. Olga Muth não estava contente. Ursula garantira-lhe que aquele casamento era uma farsa, mas ela verificava que era uma realidade. A ama estava furiosa. Ollo mantinha-se ferozmente leal a Rudi, que não fazia ideia de que a mulher conseguira o divórcio, tinha um novo marido, um novo apelido e uma nova nacionalidade.

Mas Rudolf Hamburger não se encontrava em posição de fazer alguma coisa em relação àquela situação, porque estava a ser torturado numa prisão chinesa.

3 Guerra-relâmpago. (*N. da T.*)

4 Literalmente, *Volk* significa povo, mas também pode significar nação em desenvolvimento ou ainda um grupo cultural com características que o distinguem dos demais. (*N. da T.*)

A Ladra de Bebés

Emily Hahn, a correspondente da *New Yorker* na China, encontrava-se no abrigo antiaéreo do Press Hostel em Chungking (Chongqing) quando a polícia militar invadiu o local e prendeu um dos outros hóspedes. O homem empunhou um revólver e foi desarmado após uma breve luta, mas não antes de tentar engolir um pedaço de papel. Depois, amarraram-no e levaram-no. «Foi exatamente como nos filmes», escreveria Hahn.

Aos 35 anos, «Mickey» Hahn já vira uma imensidão de dramas: uma aventureira fumadora de charutos de St. Louis, Missouri, vivera com uma tribo de pigmeus, atravessara a América ao volante de um *Ford T* vestida de homem e percorrera sozinha a pé a África Central de uma ponta à outra. Chegou a Xangai aproximadamente na mesma altura em que Ursula se foi embora e ficou famosa por fumar ópio e ir a jantares com «Mr. Mills», um gibão que vestia com uma fralda e um casaco de cerimónia feito por medida. Ficou amiga de Agnes Smedley, que usava a sua morada em Xangai como «caixa de correio» para cartas que não queria que fossem intercetadas pela polícia. Em 1937, quando a guerra entre o Japão e a China teve início, Hahn mudou-se com um grupo de colegas jornalistas para Chungking, a capital do governo chinês durante o conflito, um governo que era liderado por Chiang Kai-shek. A cidade estava a ser atacada por bombardeiros japoneses. Ao ouvirem o som das sirenes, os clientes estrangeiros do Chungking Press Hostel, muitos

ainda em pijama, amontoavam-se num abrigo construído numa cave no jardim. Ali, criados chineses serviam aperitivos e bebidas enquanto choviam bombas incendiárias. Foi durante um desses momentos que Emily Hahn testemunhou o calamitoso fim da primeira e breve missão de espionagem de Rudolf Hamburger.

Tudo tinha começado de uma forma muito promissora. No dia 20 de abril de 1939, Rudi e Johann Patra embarcaram no *Katori Maru* em Marselha. O navio estava cheio de judeus que fugiam da Europa rumo a Xangai, «um dos poucos lugares do mundo que ainda os recebiam», como escreveria Hamburger. Em Xangai, Rudi arrendou uma pequena casa, enquanto Patra foi viver para um quarto em casa de uma família chinesa rica. A maioria das pessoas que ele e Ursula tinham conhecido no início da década de 1930 haviam partido, mas dois membros da sua família direta residiam agora na cidade; o seu irmão mais novo, Otto, empresário, e Max, o seu pai viúvo. Rareavam os trabalhos de arquitetura, por isso ele passava os dias a aprender a operar um rádio e a fabricar explosivos com Patra. Os dois homens davam-se bem. Raramente falavam a respeito de Ursula. Hamburger estava ansioso para começar a trabalhar como espião, mas Moscovo continuava a não ter pressa de o utilizar. Por fim, depois de estar sem fazer nada durante quase um ano, mandaram-no para Chungking, no Sudoeste da China, com vagas ordens de recrutar comunistas expatriados para serem informadores. Patra construiu-lhe um emissor de ondas curtas escondido no interior de um rádio normal e pediu-lhe para se «manter em contacto». Rudi viajou para Hong Kong de barco e depois seguiu de avião para Chungking, onde chegou no dia 9 de março de 1940.

Na zona das chegadas, a polícia chinesa examinou a sua bagagem e confiscou o rádio, dizendo-lhe que poderia ir buscá-lo dali a dois dias. Um espião mais competente teria

fugido a sete pés. Em vez disso, Hamburger fez o que lhe tinham dito. Quando o rádio lhe foi devolvido «sem comentários», perguntou a si mesmo como é que os «incompetentes» chineses não tinham encontrado o transmissor ilegal que estava escondido no interior. Muito mais tarde, percebeu que «eles sabiam muito bem que era um aparelho de transmissão-receção e estavam alertados».

As crises internacionais atraem uma multidão peculiar, e jornalistas, escritores, empresários e espiões juntaram-se no Chungking Press Hostel. Hamburger ficou surpreendido ao encontrar Agnes Smedley, cuja amizade fora tão importante na vida de Ursula e, por associação, na sua. Agnes continuava a sua quixotesca cruzada de defesa do comunismo chinês, marchando com o Exército Vermelho, entrevistando os seus líderes (incluindo Mao), escrevendo artigos de propaganda mal disfarçada para os jornais ocidentais e passando mais tempo na linha da frente da guerra chinesa que qualquer outro correspondente, homem ou mulher. Ela inspirava devoção e irritação onde quer que estivesse. Quando apareceu no Chungking Press Hostel depois de outro esgotamento nervoso e de ter passado mais de um ano na zona de guerra, Agnes sofria de desnutrição, malária, urticária, lesões no fígado e, possivelmente, tifo. As unhas dos pés e os dentes estavam a cair, mas ela continuava a ser uma figura marcante, «original numa camisa de noite de cetim cor de pêssego», como Hahn a descreveu. Rudi sabia que Agnes era espia, mas é quase certo que ela não fazia ideia de que o marido da sua velha amiga agora também estava envolvido no mundo da espionagem.

Ansioso para começar a espionar, Rudi Hamburger foi comprar mais peças para o rádio. Todas as compras desse tipo de material eram rigorosamente monitorizadas pelos serviços secretos chineses. O general Dai Li, o «Himmler

da China», dirigia o «Gabinete Nacional de Investigação e Estatística», uma unidade da polícia secreta cuja missão consistia em encontrar espões. Rudi era uma presa fácil.

Emily Hahn tinha reparado no «*soi-disant* refugiado alemão» quando este chegara ao hotel, mas fizera questão de evitar o arquiteto de boina, «tomando-o por um daqueles artistas claramente alemães de Munique (...) ele adequava-se na perfeição ao papel». Na noite de 21 de abril de 1940, os hóspedes do hotel andavam de um lado para o outro no abrigo, «a tremer e a bocejar» enquanto esperavam que o ataque aéreo terminasse, quando uma brigada de soldados chineses invadiu o abrigo. Ao ser preso, Rudi «protestou que não tinha nada a esconder», mas depois contradisse a reivindicação de inocência ao brandir um revólver, que não fazia ideia de como usar.

Hahn não conseguia acreditar no que os seus olhos viam:

*

Ele mastigou um papel e tentou engoli-lo. Nele estava escrito um código, exatamente como nos filmes. Todos os presentes ficaram muito abalados com o que aconteceu. Até então pensávamos que era um genuíno refugiado (...) Ele não pareceu surpreendido com a detenção, nem sequer muito indignado. «Deixem-me vestir, está bem?», pediu. Os soldados amarraram-lhe as mãos com uma corda e levaram-no para o exterior, passando por todos nós, que estávamos parados em fila, de pijama, boquiabertos. Ele não olhou para ninguém. Mais tarde, ouvimos muitas outras histórias, a mais razoável das quais era que ele não espiava para os nazis, mas para os comunistas chineses.

*

Uma busca ao quarto de hotel de Rudi revelou o transmissor e outros objetos incriminatórios. Após uma noite trancado numa arrecadação de madeira no interior do complexo da polícia, começaram os interrogatórios: «Foram feitas perguntas em tom irado — a que país ou organização pertencia? —, mas não adiantaram.» Rudi

Hamburger podia ser um espião inútil (como o filho diria, «a sua ingenuidade tornava-o um caso perdido para atividades conspiratórias»), mas era sobrenaturalmente teimoso e recusou-se a responder às perguntas. «Passados oito dias, a polícia recorreu à tortura. Os meus braços foram amarrados atrás das costas, presos num sistema de roldanas, e fui içado cerca de 60 centímetros acima do chão.» Foi deixado pendurado, enquanto os tendões dos ombros se esticavam lentamente e partiam. «Fiquei pendurado numa posição bastante dolorosa», escreveria Rudi com característico eufemismo.

Depois de quatro semanas de interrogatório, foi levado cerca de 20 quilómetros a montante do rio Jialing para Bai Mansion, uma grande casa de campo na região de Geleshan, um encantador vale que se estende abaixo de uma cordilheira de montanhas cobertas de pinheiros. A mansão, «rodeada de vedações elétricas e vigiada por patrulhas armadas que disparavam sobre os intrusos sem fazer perguntas», era um campo de concentração e um centro de tortura para prisioneiros políticos. Os habitantes locais chamavam-lhe o «Vale Feliz».

A mansão albergava cerca de cinquenta detidos do sexo masculino. Hamburger era o único estrangeiro. O seu companheiro de cela era Wong Pin Fong, um jovem que falava inglês e afirmava que tinha sido detido por participar num protesto de rua ilegal. Era evidente que fora colocado ao seu lado para descobrir para quem ele trabalhava. Rudi tratou o delator com extrema cautela, mas Wong chegou a uma conclusão acertada: «Na verdade, deves ser membro dos serviços secretos americanos ou soviéticos», declarou. Durante 15 minutos todos os dias, Hamburger era autorizado a ver a vista da frente da mansão através de uma janela com grades — 50 quilómetros de uma luxuriante e ondulante paisagem — antes de ser novamente trancado, uma engenhosa forma de tortura mental para acompanhar a variedade física. De

seis em seis semanas era levado à presença de um oficial, que o mandava confessar. Como acontecia a todos os prisioneiros, Rudi contraiu malária. Com uma limitada dieta de arroz, começou a definhar, a nível físico e psicológico. «Durante quanto tempo podem manter-me preso?», perguntava a si mesmo. «Meses? Anos? O país está em guerra, e em guerra tudo é possível.»

*

Em junho de 1940, pouco depois da queda da França, Ursula recebeu uma mensagem de Moscovo com ordens para entrar em contacto com «Albert», um camarada de Genebra, e fazer-lhe uma série de perguntas: «O seu escritório ainda funciona? Qual é a sua situação financeira? Pode enviar mensagens para o Centro através da Itália? Precisa de um transmissor?» A inferência era clara e extremamente surpreendente: tinha de haver outro anel de espiões soviéticos, dirigido por esse misterioso Albert, a operar na Suíça. Seguindo as instruções que recebera, Ursula enfiou um bilhete na caixa do correio do número 13 da Rue de Lausanne, a indicar que voltaria dali a alguns dias.

O homem que abriu a porta era «atarracado, a raia a obesidade, com cabelo escuro, olhos escuros e uma expressão melancólica». Com os seus óculos redondos, olhos com grandes papos e expressão pesarosa, parecia um corpulento e ligeiramente deprimido mocho. «Cumprimentos de Mr. Weber», disse Ursula. O homem acenou num sinal de reconhecimento da senha, levou-a para um escritório «cheio de livros e mapas, com papéis e jornais espalhados na secretária» e limpou um espaço para ela se sentar. Ursula perguntou a si mesma se ele seria algum tipo de académico. O mocho estudou a visita, «uma mulher alta, magra, com uma aparência quase frágil e um vestido de lã muito justo. Calculei que teria cerca de 35 anos. Os seus movimentos eram graciosos e algo

lânguidos».

— O meu nome de código é Sonya — disse-lhe Ursula com um sorriso. Falaram em alemão. — O diretor mandou-me contactá-lo. Deram-me o seu nome e morada, e instruções para o visitar e descobrir como estão as coisas com o seu grupo. Tenho de fazer um relatório para o diretor. Com certeza, vai receber mais instruções através de mim.

«Albert» era Alexander «Sandor» Radó, um comunista judeu húngaro e um «obsessivo cientista cartográfico» de profissão. Também era o chefe de uma rede de espiões soviéticos que se tornaria conhecida como Rote Drei (Três Vermelho), um dos elos do anel de espionagem que os caçadores de espiões de Himmler denominaram Rote Kapelle (Orquestra Vermelha). Antigo comissário do Exército Vermelho húngaro, Radó estudou cartografia em Berlim, dirigiu um serviço de propaganda antinazi na Áustria e fugiu para Paris em 1933, onde foi considerado pelos nazis como «Inimigo Público Número 1». Foi recrutado pelo Quarto Departamento em Moscovo em 1935 e recebeu o nome de código quase inconcebivelmente estúpido de «Dora», um simples anagrama de Radó. Em 1940, o rotundo e despretensioso geógrafo húngaro geria uma agência cartográfica em Genebra chamada Geopress, que fornecia mapas para jornais europeus. Também era o *rezident* (o termo russo para coordenador de espiões) soviético na Suíça com a patente de major-general e dirigia a secção mais importante da Orquestra Vermelha: uma rede de espiões que operava em Itália, Espanha e Suíça, e, mais importante, no interior da Alemanha nazi. Radó datilografava os seus relatórios e usava microfotografia para os encolher para «micropontos» do tamanho de um ponto final que colava em livros e enviava por mensageiro para Paris, onde eram aumentados, cifrados e

transmitidos para Moscovo pela divisão francesa dos serviços secretos militares soviéticos. A ocupação nazi do Norte da França tinha cortado esta via de comunicação. Como Radó diria: «Eu era o líder de um grupo de serviços secretos, estávamos em guerra e não tínhamos contacto.»

— Há informações importantes que não são transmitidas — disse a Ursula.

Em teoria, a espionagem ativa contra a Alemanha fora suspensa ao abrigo do pacto germano-soviético, mas a equipa de Radó continuava a recolher informações militares estratégicas.

— A Geopress é uma sólida organização de fachada e as autoridades locais não suspeitam de nada — disse Radó a Ursula. — Continuamos a receber informações com regularidade, mas estão apenas a acumular-se, porque não tenho forma de as transmitir ao Centro. Necessitamos de um transmissor, de operadores de rádio treinados e de um apartamento ou casa para uma base de operações. Precisamos de um código e de horas de transmissão e receção. Há muitos problemas, como podes ver, e todos têm de ser resolvidos com urgência.

«Eu sabia muito pouco sobre Sonya», escreveria Radó. «Não fazia ideia de onde ela vivia, nem com quem trabalhava, nem que tipo de informações secretas recolhia. As regras da conspiração proibiam-me de lhe perguntar. Os nossos dois grupos — o de Sonya e o meu — tinham operado de forma independente e em completo isolamento até as circunstâncias nos obrigarem a entrar em contacto.»

Ursula desenterrou o rádio do buraco na floresta. Radó escrevia os seus relatórios em texto simples, em papel de seda, e depois fazia uma cruz com giz branco na esquina de uma rua em Genebra. Ursula monitorizava o local do sinal antes de ir buscar o pacote a uma «caixa postal» ou «local de entrega», gíria de espionagem para um esconderijo onde são deixadas mensagens: uma pequena

cavidade por baixo do corrimão no corredor do apartamento em frente. Depois, dobrava o papel de seda dentro de uma grande lanterna que Len adaptara retirando uma das duas pilhas, refazendo as ligações e instalando uma lâmpada com menos watts: a lanterna ainda funcionava, sem grande intensidade, e escondia várias folhas de papel de seda. Em La Taupinière, cifrava os relatórios, transmitia-os durante a noite para Moscovo, decifrava as respostas e entregava-as a Radó noutra «caixa postal» em Genebra.

A produção de Radó era prodigiosa; Ursula voltou a sentir-se útil. «Com tanto trabalho para fazer, podia ter-me sentido mais feliz se tivesse menos preocupações», escreveu.

A Suíça estava totalmente isolada do resto da Europa e a sua economia deteriorava-se sob a ameaça de uma invasão germânica. O Governo suíço avisou que se um único soldado alemão atravessasse a fronteira, o exército destruiria toda a infraestrutura industrial do país e recuaria para as montanhas para travar uma guerra de guerrilha. Radó escreveu: «A amarga piada era que agora a Suíça se tornara a maior prisão do mundo. Hitler e Mussolini tinham isolado completamente quatro milhões de pessoas. Apenas um estreito corredor perto de Genebra se mantinha aberto ao tráfego através da zona não ocupada de Pétain [e] esperava-se que até o corredor através da França de Vichy — de onde era possível ir para a Inglaterra ou para os Estados Unidos através da Espanha e de Portugal — um dia seria fechado.»

As outras preocupações de Ursula eram mais domésticas. O comportamento de Olga Muth estava a tornar-se cada vez mais errático. Ela recusava-se a ser separada da pequena Nina, mal falava com Len e discutia constantemente com Michael. Ursula escreveu para os pais: «Se alguém diz alguma coisa agradável acerca do Misha, a Ollo contradiz logo essa pessoa e começa a falar

sobre a Nina.» Certa tarde, Ursula estava a conversar calmamente na cozinha com a sua amiga mais velha Lilian Jakobi enquanto Ollo costurava em silêncio num canto. Lilian acabara de obter um visto para a Grã-Bretanha, onde o filho já estava refugiado. Em breve deixaria a Suíça e insistiu com Ursula para que fizesse o mesmo:

— Estás sentada numa ratoeira que se vai fechar quando os nazis chegarem. Não penses que vão respeitar os teus documentos. Tens de partir para o bem dos teus filhos. Em Inglaterra estarás dez vezes mais segura, apesar da guerra.

Naquele momento, Ollo levantou-se de um salto com um grito e correu para o primeiro andar, a soluçar. Ursula encontrou-a deitada na cama, trémula e pálida, a olhar para o teto.

— O que se passa? Estás doente?

— Não estou doente, mas percebo tudo — respondeu ela.

— De que estás a falar?

Ollo sentou-se direita e bateu na ponta da cama.

— Tentas fazer-me de parva, mas não vou deixar. Não te armes em inocente. Planeaste tudo e pensaste que eu não perceberia até ser tarde demais. Mas estás enganada!

— Continuo sem compreender o que estás a dizer — afirmou Ursula, surpreendida com o ataque.

— Sabes perfeitamente: querias o passaporte novo para sair daqui com as crianças. Queres ir com eles e com o Len para Inglaterra e deixar-me aqui sozinha, sem a Nina, porque, como sou alemã, não posso ir convosco. É o agradecimento que recebo!

Ursula insistiu calmamente dizendo que não estava a pensar sair da Suíça e a histeria de Ollo foi diminuindo aos poucos. No entanto, os receios da ama não eram infundados: se os alemães invadissem o país, a sua família fugiria com os passaportes ingleses e ela ficaria. A guerra podia separá-las, e ambas tinham consciência disso.

Alguns dias mais tarde, Ollo puxou Ursula à parte, declarou a chorar «que não podia viver sem a Nina» e fez-lhe uma proposta:

— Não seria melhor ires para Inglaterra e deixar a Nina comigo? Eu não preciso de dinheiro. Vou trabalhar arduamente e não deixarei que lhe falte nada. Queres mesmo expô-la às bombas alemãs em Inglaterra? Queres ser responsável por arrastar a pequenina para aquele perigo? Quando as coisas acalmarem, eu levo-te a criança.

Da perspectiva de Ollo, a ideia era completamente lógica. Ursula estava ocupada com a sua espionagem e com o novo marido. Podia ler para os filhos e dar longos passeios e esquiar com eles, mas aos olhos de Ollo era uma má mãe, como a sua mãe fora. Era Ollo quem tirava as lândeas do cabelo de Nina, que partilhava a sua linguagem de bebé e que a adormecia com canções alemãs de embalar. O pequeno Misha de nove anos rejeitava-a, mas Nina continuava a ser a sua bebé e não seria separada dela.

De repente, Ursula ficou muito assustada. A adorada Ollo, o pilar da família durante tantos anos, queria tirar-lhe a filha.

Ursula nem sequer respondeu àquela chocante sugestão. Em vez disso, mudou de assunto.

— Não queres tirar umas férias? — disse-lhe. — Vou procurar um lugar bonito e daqui a algumas semanas podes voltar.

Ollo retorquiu com brusquidão:

— Não. Não serei obrigada a sair daqui. Não te vou perder de vista. Podes ter a certeza disso.

A tensão era alta na Toca da Toupeira. Ollo deixou de comer, chorava copiosamente e quase não falava, ressumando uma «silenciosa amargura». À noite trancava a porta do quarto, que continuava a dividir com Nina, com receio de que Ursula levasse a bebé enquanto ela dormia e fugisse durante a noite. Arranjou um par de binóculos

(«Onde será que os arranjou?», perguntou Ursula a si mesma) e, sempre que não estava a trabalhar, empoleirava-se na colina por cima da casa a observá-los. «Quando falava a sós com o Len, ela tentava escutar atrás da porta.» A espia estava a ser espiada. Ollo começou a abrir as cartas de Ursula com vapor.

Uma tarde, ela voltou de Genebra depois de recolher uma nova série de relatórios de Radó da «caixa postal» e viu que tinha chegado uma carta dos pais. Mesmo que o envelope não estivesse tão mal colado, a expressão ameaçadora de Ollo teria revelado que a lera. A carta era uma súplica para que Ursula saísse da Suíça. «Se ficares aí até Hitler invadir o país, a morte é certa. Se o trabalho do teu marido, que não conhecemos, vos obrigar a ficar aí, pelo menos manda-nos as crianças. Mas, se ele compreender a situação, também te mandará para cá.» Para Ollo, a carta foi a confirmação: estava prestes a ser abandonada e a ser privada da «sua» menina.

No dia seguinte, Olga Muth pôs o chapéu na cabeça e anunciou que ia ao cabeleireiro. Em vez disso, dirigiu-se para o consulado britânico em Montreux. Zangada e determinada, Ollo tinha elaborado um plano: impediria que Ursula partisse com Nina ao revelar aos britânicos que a sua patroa era uma espia comunista.

Mais tarde, Ursula descreveria aquela atitude como o resultado de uma mente perturbada, mas na ideia de Ollo o seu plano era perfeitamente racional. Tinha amado todos os filhos da família Kuczynski, mas a sua ligação a Nina tinha o elemento adicional do desespero, o amor excessivo de uma mulher idosa, sem filhos e aterrorizada com acontecimentos internacionais que compreendia mal. Ollo via-se como a vítima de uma cruel traição. Dera tudo àquela família e agora Ursula arquitetara um plano de fuga que a excluía. Diria aos britânicos que a recém-casada Mrs. Leon Beurton era uma espia que só se casara

para obter a cidadania britânica. O rei de Inglaterra retirar-lhe-ia o passaporte e todos continuariam felizes na Suíça. Depois de explicar tudo aos britânicos, arranjaria o cabelo e iria visitar Lillian. Era o plano de Ollo. Mas não funcionou.

Olga Muth sabia apenas algumas palavras de inglês. O funcionário do consulado britânico falava francês, muito pouco alemão e não tinha tempo a perder. Com tantas pessoas a procurarem refúgio na Grã-Bretanha, o consulado era bombardeado com pedidos, perguntas, «rumores e denúncias», alguns realistas, muitos frenéticos e outros apenas loucos. Ollo deu-lhe o seu nome e morada e lançou-se numa ensurdecadora torrente do que pensava ser inglês, mas era alemão com algumas estranhas palavras inglesas à mistura. Como muitas pessoas que não sabem falar uma língua estrangeira, Ollo acreditava que o volume da voz compensava um vocabulário limitado. «Os seus delírios em inglês entrecortado eram tão incoerentes», escreveria Foote mais tarde, que quando ela parou para respirar, o homem levantou-se e pediu-lhe muito delicadamente para se ir embora. Depois, «acrescentou o seu nome à lista de lunáticos que infestavam o consulado todos os dias».

Frustrada e surpreendida com aquele revés, Ollo contou tudo ao seu cabeleireiro (como as pessoas, bizarramente, costumam fazer) e perguntou-lhe a que ramo do oficialismo suíço deveria ir para denunciar a sua patroa. O cabeleireiro, antinazi até à raiz dos cabelos, não queria ter nada a ver com aquela história. E Ollo também ficou com a impressão de que ele tinha sido «deliberadamente bruto» com o seu cabelo. Ela necessitava de uma pessoa que falasse inglês para explicar a situação aos britânicos por si.

Chegou à porta do apartamento de Lillian Jakobi «agitada e confusa», com o cabelo todo despenteado.

Lillian insistiu com ela para que se deitasse e tomasse algumas gotas de valeriana, um remédio natural para a ansiedade.

— Tem de me ajudar — repetiu Ollo. — Tem de vir comigo. Sabe que não posso viver sem a Nina. Por favor, venha comigo, agora.

Lillian estava perplexa. Ollo continuou a falar num tom inflamado.

— Eu sei há imenso tempo que eles se querem ir embora da Suíça, embora finjam que não. São pessoas más. Mentiram-me e querem abandonar-me. Mas eu não vou desistir da Nina.

Ollo revelou-lhe que já tentara contar às autoridades britânicas que Ursula e Len eram «comunistas que operavam um transmissor ilegal de rádio à noite para que a Inglaterra não os deixasse entrar e tivessem de ficar ali». Porém, por algum motivo que não entendia, «não tinha sido bem compreendida». Era por isso que Lillian teria de «acompanhar ao consulado para explicar tudo de uma forma clara».

Lillian ficou espantada ao saber que Ursula era espia, mas mais horrorizada ficou com a traição de Ollo ao revelar aquele segredo às autoridades.

— Por amor de Deus, o que fizeste? Eles podem ser presos a qualquer momento.

A resposta da ama foi arrepiante:

— Nesse caso, fico com a criança — disse, e desatou a chorar.

Ollo tinha ido procurar a pessoa errada. Lillian parou sobre a mulher que estava a chorar no seu sofá e censurou-a com ferocidade.

— Quando conseguires pensar como deve ser, nunca mais serás feliz. Vais sofrer para sempre da terrível culpa com que te sobrecarregaste. Não percebes a traição que estás a cometer? Nenhuma pessoa decente te perdoará se destruíres esta família. Estou convencida de que estás

doente e quero ajudar-te. Claro que não fazia ideia de que eles eram comunistas em segredo, mas, se queres que te diga com toda a honestidade, só posso admirar isso.

Mandou Ollo ir para casa e recomendou-lhe que não contasse nada do que tinha acontecido a Ursula, que iria fazer compras a Montreux no dia seguinte.

No momento em que ela saiu do comboio, Lillian levou-a para um parque nas redondezas:

— Aconteceu uma coisa terrível.

Ursula ficou chocada, lívida e muito assustada. A quem mais teria Ollo contado? O cabeleireiro iria à polícia? Ollo não sabia nada a respeito de Radó, por isso era possível que a rede estivesse segura por enquanto. Todavia, ela conhecia a identidade e o paradeiro de Alexander Foote. Até Rudi, estivesse onde estivesse, correria perigo se Ollo contasse aos nazis o que sabia.

Ursula tinha escapado à polícia secreta chinesa e às autoridades britânicas em Xangai, ao Kempeitai japonês, aos serviços de segurança suíço e polaco, ao MI5 e à Gestapo. Ninguém jamais a traía: nem Shushin, sob tortura, nem Tumanyan, nem nenhuma das outras vítimas de Estaline. Até Rudi mantivera o seu segredo em segurança. Mas agora enfrentava um desastre depois de ter sido denunciada por uma mulher que conhecia e amava desde os três anos.

«Tudo o que tínhamos construído com muito trabalho e ilegalmente estava agora ameaçado de colapso. Era imperativo que agíssemos imediatamente.»

De repente, teve outro pensamento terrível. Ollo chegara tarde a casa na noite anterior, cansada e ansiosa. Fora diretamente para a cama e não estava levantada quando Ursula saía da Toca da Toupeira nessa manhã. Len andaria a passear pelas colinas. «O que impediria Ollo de sair do país com a Nina?» Ela podia já estar a caminho da Alemanha. «Eu tinha de voltar imediatamente para casa.» Apanhou um táxi para Caux, uma coisa que nunca

fizera, e correu o último quilómetro e meio até ao chalé com a mente cheia de pensamentos terríveis. Se Ollo tivesse levado a bebé, teria de informar a polícia, mas se a intercetassem antes da fronteira, ela contar-lhes-ia tudo o que sabia. Mais uma vez, a sua espionagem e a sua família estavam em conflito direto. «Se a polícia descobrisse, o nosso trabalho estaria acabado, e era exatamente o que não podia acontecer. Porém, tinha o dever de fazer tudo o que estivesse ao meu alcance para garantir que a minha filha não me era tirada e colocada nas mãos dos nazis, talvez para sempre.» A transpirar, fez a curva por cima da floresta e viu Nina e Michael brincarem alegremente ao sol. «Os meus joelhos cederam. Deitei-me na erva, a olhar para o céu, e fiquei ali até a respiração acalmar.»

Nessa noite, quando a casa ficou em silêncio, contou a Len o que tinha acontecido. Os dois desmantelaram o rádio, levaram-no pela escuridão para o buraco na floresta e depois deitaram-se, «molhados, sujos e cansados».

Na manhã seguinte, sentaram-se no banco à porta de casa, a beber café ao sol frio enquanto as crianças jogavam à apanhada. Ollo continuava no quarto. «Os prados estavam cheios de flores de outono. A Nina guinchava de prazer e o Michael ria-se.»

Len voltou-se para Ursula.

— Ela já falou com demasiadas pessoas. Temos de fazer alguma coisa antes que te denuncie e aos outros à polícia e rapte a Nina — disse. — Tens de a matar.

Tempos Felizes

Ursula passou a noite acordada, a perguntar a si mesma se devia assassinar a ama.

Len foi firme. Durante a Guerra Civil Espanhola, vira muitas vezes a morte à sua frente. A menos que fosse travada, Ollo poderia provocar a morte de todos. «Ela iria às autoridades suíças ou atrever-se-ia a contactar os fascistas alemães?» Ursula estava plenamente consciente de que a espionagem era uma profissão letal. «Já tinha sido obrigada a enfrentar a morte em mais do que uma ocasião.» Todavia, a ideia de «liquidar» Olga Muth, fosse qual fosse a sua traição, era insuportável. «Não éramos terroristas nem criminosos, não éramos pessoas insensíveis nem cruéis.» E Ursula amava-a. Recordou a bondade de Ollo quando ela era criança, a grande coragem que demonstrou quando a Gestapo revistara Schlachtensee, a sua calma descrição, a sua ousadia quando fora à Alemanha nazi para entregar dinheiro a Rosa Thälmann. «Ela tinha-se adaptado maravilhosamente bem à atmosfera ilegal da nossa casa e apoiara-me com naturalidade.» Ursula culpou-se pela terrível situação. «O medo de nos perder devia-se ao amor que sentia pela criança e também por mim. Ollo merecia a minha compreensão e a minha paciência.» Ela arriscara a vida por si. Não podiam matá-la, e não daria a Moscovo a oportunidade de mandar eliminá-la.

Numa longa noite de insónia, Ursula elaborou um plano: levaria as crianças para um sítio onde a ama não as

encontrasse, arrendaria um apartamento em Genebra e instalaria ali o transmissor-recetor. Depois, despediria Olga Muth e mandá-la-ia para a Alemanha. Em seguida, explicariam a Moscovo o que acontecera e aguardariam ordens. No entanto, nada disto seria possível com Ollo sob o mesmo teto, a observar todos os seus passos. Ursula discutiu a situação com Alexander Foote, que expressou simpatia pela «leal criatura», mas concordou que «ela era um perigo para todos nós (...) a todo o momento a fiel criada poderia tentar outra denúncia».

As crianças sentiam a tensão e estavam intratáveis. Durante mais uma discussão com a ama, Michael chamou-lhe «bruxa». Ela esbofeteou-o. Ursula explodiu.

— Muito bem, basta. É impossível viver contigo. Estás a dar com todos em doidos com o teu choro interminável e as tuas fantasias. E agora bateste no meu filho. Acabou-se.

Com extrema relutância, Ollo aceitou ir viver com a mulher do agricultor até os ânimos acalmarem. Quando saiu de casa, murmurou sombriamente:

— Garanto-te que não te vou perder de vista.

No dia seguinte, de manhã cedo, uma pequena figura sentou-se curvada no banco à porta da casa dos Füssli, com os binóculos apontados para a Toca da Toupeira. «Quando um de nós saía de casa, ela levava os binóculos aos olhos. Se eu ia à aldeia, ela focava-os na minha direção até eu desaparecer do seu ângulo de visão.» Passados alguns dias, Frau Füssli foi limpar o estábulo e puxou Ursula à parte.

— Não sei nada sobre política — disse-lhe. — Mas percebo que a guerra e Hitler são desastrosos. Estou chocada com o que ela fez, e ainda pretende fazer.

Ollo andava a estudar os horários dos comboios para a Alemanha e a planear uma ida ao consulado alemão em Genebra. A mulher do agricultor prometeu a Ursula que a alertaria no momento em que Ollo saísse para a cidade. Então, Frau Füssli passou a espiar Ollo, que espiava

Ursula. E o tempo estava a esgotar-se.

Les Rayons, um colégio interno numa área remota acima do lago perto de Gland, aceitou receber Michael e Nina sem aviso prévio mediante um pagamento adiantado. Os proprietários alemães pareciam simpáticos e Ursula teve a certeza de que «ficariam com as crianças durante algum tempo se fôssemos presos». Depois, encontrou um apartamento de dois quartos para arrendar no centro de Genebra, um lugar com «frias paredes de argamassa», muito diferente da «acolhedora e arejada casa na encosta». A ideia de sair de La Taupinière era devastadora. «A paisagem das montanhas passara a fazer parte da minha vida. Era a minha alegria diária.»

«Vou sentir-me muito sozinha», disse Frau Füssli quando Ursula lhe explicou que se ia embora. A mulher do agricultor não precisou de perguntar porquê.

Nessa noite, arrumaram as suas coisas e Len levou as malas para a aldeia a coberto da escuridão da noite, juntamente com o transmissor desenterrado. Um denso nevoeiro cobria a colina ao amanhecer do dia seguinte quando Ursula agasalhou as crianças e desceram a pé pelo carreiro até Caux. Len ficou para trás, pronto para intercetar Ollo se a visse sair de casa e esta tentasse segui-los. Ela não deu sinal de vida. «O frio nevoeiro outonal foi benéfico para nós»; escreveria Ursula. Separar-se dos filhos foi uma tortura. «Durante quanto tempo vamos ficar aqui?», perguntou Michael no portão do colégio. Nina agarrou-se a Ursula e chorou. Perguntou a si mesma se voltaria a ver os filhos. Aquele momento transportou-a com excruciante clareza para a primeira vez em que deixara Michael nas montanhas da Checoslováquia: «Mamã, fica com o Misha, por favor. Mamã, fica com o Misha.» Ursula voltou para o chalé e sentiu o que denominou «um dos meus raros momentos de desespero», a que se seguiu um novo ataque de fúria.

«Tudo isto, não devido ao meu trabalho — seria corajosa se assim fosse —, mas por causa de uma velha louca. Por sua causa temos de sair de casa, deixar os meus filhos ao cuidado de desconhecidos, interromper o trabalho revolucionário e talvez até ir para a prisão.»

A ama chegou ao meio-dia e encontrou Ursula no vestíbulo vazio.

— Onde estão as crianças? — perguntou ela. — Onde está a minha Nina?

— Estão em segurança — respondeu Ursula. — Num lugar onde não poderás encontrar a Nina se me acontecer alguma coisa. E agora pouco me importa o que poderá acontecer-me. Faz o que entenderes. Deves conhecer-me bastante bem para saber que não tenho medo.

O rosto de Ollo ficou muito pálido e ela deixou-se cair no chão de pedra.

— O que será de ti agora, Ollo? — perguntou-lhe Ursula suavemente, enquanto segurava a cabeça da mulher mais velha no colo.

— Não quero saber — soluçou Ollo.

— Posso dar-te dinheiro para meio ano.

— Tu não tens tanto dinheiro.

Ursula explicou-lhe que tinha vendido a sua pregadeira, o último objeto de valor que possuía.

— Posso acompanhar-te à estação? — perguntou-lhe Ollo.

— Isso só vai tornar as coisas mais difíceis para ti.

— Concede-me este último pedido.

Quando Ursula embarcou no pequeno comboio em Caux, Olga Muth ficou a chorar em silêncio na gare. «Ela sabia que a despedida era definitiva.» Mais um comboio que partia, mais um amor que fora arrancado da sua vida. A carruagem começou a afastar-se e a mulherzinha caminhou ao seu lado, a tropeçar e a balbuciar qualquer coisa através das lágrimas. Ursula não percebeu as

palavras. Olga Muth, a leal e dedicada traidora, ainda estava na gare quando o comboio desapareceu.

*

As ordens de Moscovo foram claras: saiam da Suíça.

A denúncia de Ollo às autoridades britânicas comprometera a rede. Franz Obermanns ainda se encontrava na prisão e pelo menos três pessoas fora da rede estavam ao corrente das suas atividades de espionagem; a agente Sonya era importante e o risco de exposição era demasiado grande. A major Poliakova ordenou-lhe que entregasse o transmissor a Foote, que o deixasse no seu lugar como operador de rádio de Radó e em seguida que fosse com Len e com as crianças para a Grã-Bretanha através da França de Vichy, de Espanha e de Portugal.

Sandor Radó considerou que a partida iminente de Ursula era «quase uma deserção», mas o espião que parecia um mocho estava impressionado com o seu substituto, o inglês «Jim». Radó ficou com a impressão de que Foote era «inteligente e determinado», apesar da «total falta de educação política», e era claramente «um talentoso aluno de Sonya» e um «excelente operador de rádio com uma extraordinária capacidade de trabalho». Ursula transmitiu as ordens de Moscovo: Foote deveria treinar um operador de rádio para Radó, construir outro transmissor-recetor e mudar-se para Lausana. Ursula deixava a rede em bom estado. Radó escreveria que no fim de 1940 «tinha à minha disposição dois transmissores e três qualificados operadores de rádio».

Len Beurton seria um desses operadores, embora relutantemente. Ursula obteve um visto para passar por Espanha sem dificuldade, mas o pedido de Len foi recusado. Como tinha pertencido às Brigadas Internacionais, o seu nome apareceu numa lista de estrangeiros que não eram bem-vindos na Espanha de

Franco. O consulado espanhol recusou a emissão de um visto de turismo e Len ficou retido na Suíça.

Ursula arrumou os seus pertences numa mala de viagem, foi buscar os filhos a Les Rayons e despediu-se dos poucos amigos que fizera na Suíça. «É ainda mais difícil despedirmo-nos de pessoas de quem gostamos e respeitamos quando sabemos que nunca mais voltaremos a vê-las», refletiu. Numa das últimas mensagens para o Centro, sugeriu um método para contactar com os serviços secretos soviéticos quando chegasse ao Reino Unido: «Wake Arms. Epping 1 & 15. GMT.3.» Traduzido, significava: encontro no pub Wake Arms perto da floresta de Epping a norte de Londres (uma estalagem que tinha sido frequentada pelo salteador de estrada Dick Turpin) nos dias 1 e 15 de cada mês, às três da tarde, tempo médio de Greenwich. No entanto, Moscovo tinha um ponto de encontro diferente em mente, uma esquina a sul de Marble Arch, no centro de Londres. O Centro também lhe enviou um novo conjunto de códigos e horas de ligação, que ela transmitiu a Foote.

Ursula estava obrigada a informar o consulado britânico de que o Reino Unido era o seu destino. Quando o cônsul alertou as autoridades dos serviços de imigração em Londres, uma série de alarmes soaram.

Os alemães que entravam no Reino Unido eram monitorizados com muita atenção, e Ursula era extremamente suspeita: a família Kuczynski já estava a ser vigiada pelo MI5; Ursula estivera casada com um homem que «tresandava a comunista»; Jürgen, o seu irmão comunista, fora detido por ser considerado um perigo de segurança; o pai era um intelectual antibelicista de esquerda; o novo marido era um possível subversivo que lutara em Espanha e visitara a Alemanha pouco antes do início da guerra. O casamento com Beurton parecia dúbio, porque «ela pertence sem dúvida a um meio social

inteiramente diferente [sic]».

«Tudo indica que a família está em movimento e temos de tomar providências para a sua chegada», concluiu o MI5. «Parece óbvio que se trata de um casamento de conveniência, mas como são cidadãos britânicos, não podemos recusar-lhes a entrada. O marido já está na Lista Negra (...) e parece boa ideia incluir também o nome dela para podermos vigiar as suas atividades.»

No dia 11 de dezembro de 1940, Ursula Beurton foi formalmente designada uma potencial ameaça para a sociedade britânica.

Uma semana mais tarde, ao amanhecer, Len Beurton acompanhou a mulher e as crianças até à estação de autocarros de Genebra e arrumou a bagagem dos três no suporte do tejadilho. «O Len ficou parado na berma da estrada» quando o autocarro arrancou, uma figura desamparada no meio da neve suja e já a derreter. Casados há apenas dez meses, não voltariam a ver-se durante dois anos.

Na Véspera de Natal, a pequena família chegou por fim a Portugal depois de uma viagem infernal: 28 horas de autocarro até Nîmes, no Sul de França; um atraso inexplicável de seis horas; mais 12 horas até à fronteira com a Espanha; outra longa espera enquanto os documentos eram verificados e a bagagem revistada à chegada a Espanha; uma viagem noturna para norte através do campo espanhol («um luminoso luar, pequenas cidades adormecidas (...) algumas colinas e, à nossa esquerda, o Mediterrâneo»); Barcelona às três da manhã; um comboio para Madrid e depois, por fim, às 11 da noite de 23 de dezembro, apanharam um comboio apinhado para Lisboa. Um simpático casal lituano deixou as crianças dormirem no seu beliche e Ursula passou a noite de pé num corredor. Ao meio-dia, o comboio entrou na estação de Lisboa. Ursula encontrou um hotel barato,

procurou um médico que tratasse Nina, que estava com muita febre, comprou uma boneca e alguns cubos de madeira para presentes de Natal e deixou-se cair numa cama dura.

Depois, esperaram. As pessoas que iam para a Grã-Bretanha eram colocadas em barcos ou aviões consoante a sua importância para o esforço de guerra, e Ursula e os filhos, mais três judeus alemães que fugiam de Hitler, estavam quase no fim da lista. Nina recuperou depressa. Ursula tentou sem sucesso comprar um bilhete para Len num navio que ia de Marselha para a Grã-Bretanha (que circum-navegaria a Espanha). Antes de sair da Suíça, levantara no banco as poucas poupanças que possuía e o dinheiro começava a esgotar-se. Enviou dois telegramas e duas cartas aos pais, que se tinham mudado há pouco tempo de Londres para Oxford, mas eles não responderam. Numa carta com data de 4 de janeiro (intercetada pelo MI5), escreveu: «Estou em Lisboa com as crianças depois de uma viagem muito cansativa. Teremos de esperar pelo menos mais três semanas. Não sei onde atracaremos... estou bastante confusa por não receber notícias vossas.»

Por fim, Ursula foi informada de que partiria no *Avoceta*, com destino a Liverpool.

O MI5 analisou a lista de passageiros e alertou as autoridades dos serviços de imigração de Liverpool: «Quando ela chegar, por favor informem-nos do seu destino, descrição e zona do comboio em que viaja. Depois arranjo forma de a irem buscar.» Antes de pôr os pés em solo britânico, Ursula já estava a ser seguida.

No dia 14 de janeiro de 1941, o *Avoceta* partiu num comboio de catorze navios da marinha mercante que transportavam minério de ferro, madeira e fruta, com uma escolta de oito navios da Marinha Real que os protegeria dos submarinos alemães. O *Avoceta*, comandado pelo

contra-almirante do comboio Sir Bertram Thesiger, era um lento navio de passageiros a vapor de 90 metros com dezassete anos, e um alvo bastante tentador. Os comandantes dos submarinos alemães referiam-se a esta época como «o tempo feliz», «*die glückliche Zeit*», quando ainda afundavam um grande número de navios britânicos no Atlântico, com poucas baixas. Para Ursula e os filhos, a viagem de três semanas por Gibraltar não foi nada agradável, um profundo contraste com a última viagem por mar na companhia de Johann Patra a bordo do *Conte Verde*. Seguiam amontoados num camarote minúsculo, com a escotilha fechada com parafusos e tapada. As crianças estavam permanentemente enjoadas e os pensamentos de Ursula eram muitos e claustrofóbicos. Len conseguiria sair da Suíça? O que acontecera a Rudi? Segundo as regras, ela estava proibida de o contactar diretamente na China, embora ele mandasse cartas e postais ilustrados para as crianças com frequência. Na primavera de 1940, toda a correspondência parara abruptamente e ela não tivera mais notícias desde então. O seu silêncio era pouco característico e profundamente preocupante. Ursula não partilhou os seus receios com Michael. Na Grã-Bretanha, espiaria num país que estava em guerra com a Alemanha. «Que tipo de trabalho quererá o Centro que eu faça?», perguntava a si mesma. «Estarei à altura? E se ninguém aparecer?» O tempo estava muito mau, com ventos uivantes e o mar alteroso. Os tripulantes estavam tensos. Ansiosa, inquieta e entediada, Ursula preparou-se para o impacto de um torpedo alemão.

*

Otto Hamburger estava inquieto. Não tinha notícias do irmão há quase um ano. Depois de partir para Chungking na primavera de 1940, Rudi desaparecera. Quando Otto abriu uma mala de viagem que o irmão deixara, viu que

estava «cheia de material de propaganda comunista». Temeu o pior. Mas depois, no início de 1941, recebeu um telefonema de Dieter Flatow, um conhecimento profissional em Xangai, que sugeriu um encontro numa esquina a meio caminho entre os respetivos escritórios. Dieter explicou-lhe que o seu irmão Gerhard lhe tinha enviado um telegrama de Chungking escrito em *Rotwelsch* («gíria de vigaristas»), a linguagem semissecrета usada por ladrões e outros grupos secretos no Sul da Alemanha. Dizia o seguinte: «H's Bruder ald Späher in Kittchen. Soll Weggeputzt warden», que pode ser traduzido livremente como «O irmão de H [Hamburger] está na choldra por andar a meter o nariz [espionar]. Pode ser apagado [liquidado].» A mensagem, sem sentido para as autoridades chinesas, não podia ser mais clara para Otto, que telefonou imediatamente para Johann Patra, «o amigo comunista de Rudi», que por sua vez avisou Moscovo.

As relações entre a URSS e a República da China tinham melhorado desde a assinatura do Pacto de Não-Agressão Sino-Soviético em 1937 e agora Moscovo dava uma grande ajuda militar ao governo nacionalista da China, que continuava em guerra com o Japão. Em janeiro de 1941, a relação melhorou ainda mais com a chegada a Chungking do general Vasily Chuikov como chefe da missão militar soviética. Futuro vencedor da Batalha de Estalinegrado, naquela altura Chuikov era o mais importante conselheiro estrangeiro de Chiang Kai-shek e estava em posição de pedir favores.

Passadas três semanas, Rudi Hamburger foi retirado da sua cela em Bai Mansion e levado à presença do magistrado que estava a investigá-lo. Após nove meses de cativeiro, meio morto de fome e muito debilitado pela malária, parecia um fantasma. Em vez de o mandarem confessar mais uma vez, foi informado de que seria

libertado em breve e autorizado a ir para a Rússia de avião. «Os amigos tinham intervindo», escreveu Rudi. A sua prisão no Vale Feliz tinha chegado ao fim.

No princípio de fevereiro, Rudolf Hamburger chegou a Moscovo e foi levado para uma *dacha*⁵ muito bem guardada em Kuntsevo, nos arredores da cidade, perto da residência pessoal de Estaline. A «receção foi entusiástica», escreveria Rudi numa carta para o pai, descrevendo os seus aposentos «numa linda casa de repouso, numa encantadora propriedade arborizada». A detenção não diminuía o seu entusiasmo pela espionagem; quando muito, estava ainda mais determinado a distinguir-se num trabalho para o qual era tão singularmente inadequado. A *dacha* continha uma grande biblioteca e, depois de meses privado de estímulo intelectual, Rudi mergulhou na literatura do comunismo. Em tempos cético, Hamburger era agora um comunista completamente crente. «Quatro homens [Marx, Engels, Lenine e Estaline] atingiram o maior desenvolvimento espiritual dos últimos cinquenta anos», declarou. Apesar do completo falhanço da sua primeira missão, o Centro tinha planos para ele. Rudi iria para a Turquia, a grande fronteira terrestre entre o Oriente e o Ocidente e, como todos os países neutros, um antro de espionagem.

*

O *Avoceta* atracou em Liverpool na tarde de 4 de fevereiro de 1941 e Ursula e os filhos desembarcaram, «com muito frio e cansados», mas aliviados por estarem fora do alcance dos submarinos alemães. O mau presságio que ela sentira a bordo era inteiramente justificado. Alguns meses mais tarde, o comandante do submarino alemão *U-203* avistou o *Avoceta* através do periscópio e disparou quatro torpedos a bombordo. «O navio cambaleou como um cavalo a cair», escreveu o comandante, e depois afundou-se rapidamente, levando

consigo 123 passageiros e tripulação, incluindo 32 mulheres e 20 crianças.

O funcionário da imigração John Pease retirou Ursula da fila para o controlo de passaportes. Os outros passageiros ficaram a olhar enquanto ela e os filhos eram levados. «A Nina começou a chorar.» O interrogatório começou imediatamente: «Onde está o seu marido? De que é que vão viver? Porque é que saíram da Suíça?» Passadas duas horas, Pease deu uma moeda a cada uma das crianças, levou Ursula à presença do major Taylor do MI5 e datilografou o relatório.

*

Mrs. Beurton é o sujeito do dossiê individual n.º 186 da Lista Negra da Central de Segurança de Guerra. Vai para a casa do pai, o professor Robert René Kuczynski, 78 Woodstock Road, Oxford. O motivo apresentado para sair da Suíça é que tinha receio de ficar mais tempo devido à sua ligação a uma conhecida família antinazi — o pai saiu da Alemanha há cerca de oito anos pelo mesmo motivo e tem agora uma cátedra na Universidade de Londres como especialista em questões demográficas. Mr. Beurton está impossibilitado de sair da Suíça porque não conseguiu um visto espanhol.

*

Foi a vez de o major Taylor interrogar Ursula. Ela fora treinada para aguentar interrogatórios e respondeu delicadamente às perguntas, uma após outra. No entanto, Taylor também era bom naquilo que fazia e alguma coisa em Mrs. Beurton não batia certo. «Ela foi muito vaga em relação às suas movimentações e foi impossível verificar as suas declarações, porque o passaporte foi emitido há muito pouco tempo.» Ursula disse-lhe que tinha conhecido Len Beurton na Suíça, onde ele estava a «convalescer de tuberculose», mas quando Taylor a pressionou para descrever exatamente como se tinham conhecido, ela respondeu que «não tinha a certeza» — uma coisa estranha para uma recém-casada se esquecer. «Também

não conseguiu ou não quis dar-me sequer datas aproximadas (...) Disse-me que Beurton já está recuperado da tuberculose e que esperava regressar com ela a Inglaterra.» O que estivera Len a fazer na Alemanha imediatamente antes do início da guerra? A sua resposta — «uma tentativa falhada de recuperar dinheiro que lhe pertencia e que continuava lá» — pareceu-lhe mentira. Duas horas mais tarde, Taylor disse-lhe que podia ir. Em seguida, enviou uma mensagem para a sede do MI5: «Talvez seja boa ideia manter Mrs. Beurton sob vigilância.»

Ursula hospedou-se num hotel barato. Passadas algumas horas, foram acordados pelas sirenes que anunciavam um ataque aéreo e apressaram-se a ir para a cave com outros hóspedes do hotel enquanto as bombas da Luftwaffe choviam nas docas de Liverpool.

Não tinham casa, estavam sem dinheiro e sob bombardeamento num país em guerra. O seu primeiro marido tinha desaparecido. O segundo não conseguia sair da Suíça. A ama estava na Alemanha nazi, possivelmente a contar os seus segredos à Gestapo naquele preciso momento. Mas pelo menos Ursula já não vivia com o medo constante de ser capturada, deportada para a Alemanha e ir parar a um campo da morte. Enquanto o comboio seguia para sul no tranquilo campo inglês num dia chuvoso, sentiu que a tensão e o medo acumulados começavam a desaparecer. Os caçadores de espiões nazis não poderiam segui-la até ali.

Mas os britânicos podiam.

Barbarossa

Moscovo escolhera um lugar especialmente inadequado para um encontro — mesmo no meio do bairro de prostituição de Londres.

Parada em Shepherd Market ao anoitecer, Ursula sabia que estava a dar demasiado nas vistas. De vez em quando, um homem saía das sombras e ela acenava-lhe para se afastar. As prostitutas começavam a ficar desconfiadas da mulher vestida sobriamente, que parecia determinada a ficar por ali, recusando bons clientes e estragando o negócio.

As instruções de Ursula eram precisas: às 19h15 do primeiro dia de cada mês iria para a esquina daquela rua na zona leste de Hyde Park, onde seria contactada por um funcionário dos serviços secretos militares da embaixada soviética. Se ele não aparecesse, Ursula teria de voltar no dia 15. Durante três meses, de duas em duas semanas, apanhava o comboio para Londres e esperava no meio das prostitutas, dos chulos e dos bêbedos. O funcionário nunca apareceu.

Uma noite, em pleno apagão, as sirenes de ataque aéreo soaram e ela teve de sair da rua e abrigar-se numa estação do metropolitano, onde milhares de londrinos seguiam as instruções para se «manterem calmos e continuarem»⁶. «Retiram da trouxa o jantar, as garrafas-termo com chá, o tricô e os jornais», escreveu Ursula.

A cidade estava destruída, mas não vencida. «Ontem, andei a passear em Londres», escreveu numa carta para

Len. «Os destroços dos grandes armazéns incomodam-me menos que uma casinha em ruínas, onde ainda se vê um estendal com roupa pendurada sobre o fogão da cozinha.» Em vez de intimidarem os habitantes da cidade, os bombardeamentos aéreos tinham o efeito contrário: «Odeiam Hitler e o fascismo», escreveria Ursula. «O país inteiro uniu-se para se defender.» Pela primeira vez, sentiu-se orgulhosa por ser britânica, mas também frustrada: a batalha contra o fascismo estava no auge e ela era uma mera espectadora. Comprou peças para construir um transmissor, cada vez mais certa de que nunca teria a oportunidade de o usar. Devia ter acontecido alguma coisa em Moscovo. Aparentemente, a sua carreira de espia tinha terminado. «Já tinha pouca esperança de alguém do Centro se encontrar comigo.»

Como tantas famílias de refugiados em tempo de guerra na Grã-Bretanha, os Kuczynski estavam dispersos, angustiados e insolventes. Com tantas pessoas a fugirem dos bombardeamentos aéreos para cidades perto de Londres, havia muito poucos imóveis para arrendar em Oxford: uma proprietária insistiu que Ursula jogasse às cartas e rezasse com ela todas as noites; outra pô-la fora de casa passados apenas alguns dias, incapaz de aguentar o seu «comportamento estrangeiro». Nos quatro meses seguintes, mudou de casa quatro vezes com os filhos. A polícia do Oxfordshire seguia os seus movimentos e informava o MI5: «Neste momento, ela vive no número 97 de Kingston Road com a irmã», escreveu o detetive Charles Jevons. «As únicas pessoas que a visitam são o pai e a sua mulher. Fui informado de que Kuczynski é um comunista convicto.» Robert Kuczynski reformara-se da LSE aos 65 anos. Apesar de ser um eminente académico, arranjava poucos trabalhos remunerados. «É demasiado orgulhoso para andar a pedir emprego», escreveria Ursula. Jürgen, Marguerite e os dois filhos pequenos

viviam amontoados num apartamento em Hampstead e sobreviviam graças ao que ele conseguia ganhar com a escrita e com palestras. Jürgen recebeu a irmã sem grande entusiasmo. Alexander Foote diria mais tarde: «O Jürgen estava zangado com o regresso da Sonia [sic] ao Reino Unido (...) porque a sua presença ali como agente russa poderia comprometer o trabalho político do resto da família Kuczynski.» Sem emprego, sem uma casa permanente, com poucas posses, sem um marido que ajudasse a sustentar a família e sem dinheiro enviado do Centro, Ursula estava na penúria. «As minhas poupanças estavam no fim», escreveria. «Mas não revelei aquelas preocupações à minha família. Nenhum deles poderia ajudar-me.» Por fim, em abril de 1941 encontrou um bangaló mobilado para arrendar no número 134 de Oxford Road, na aldeia de Kidlington, a oito quilómetros de Oxford. O MI5 continuava a intercetar as suas cartas. No entanto, não detetaram o padrão das idas a Londres nem o facto de ficar parada na esquina de uma rua de má fama antes de voltar para Oxford.

Pela primeira vez na vida, Ursula sentiu-se deprimida. As suas cartas para Len ressumbravam solidão e saudade. «Há tantas pequenas coisas que gostaria de partilhar contigo. Ainda não arranjei amigos. Esta manhã, corri com o carrinho de bebé para ir buscar um saco de carvão. Isso significa que pudemos tomar o nosso primeiro banho em semanas.» Len era operador de rádio da Rote Drei de Sandor Radó, mas fazia-o sem entusiasmo. Os espanhóis continuavam a recusar-lhe um visto de turismo e ele estava indefinidamente retido na Suíça. «Contava muito com a tua vinda», escreveu ela. «De cem maneiras diferentes — “Temos de fazer este caminho juntos”, “Temos de falar sobre este livro” (...) Agora, terei de me acostumar ao facto de que essas coisas não nos estão reservadas.» Sozinha, vestia as suas melhores roupas para

um homem que só conhecera como marido durante alguns meses. «Estou a usar um vestido novo; o primeiro que não conheces. Vermelho, com bolinhas brancas, cinto branco e gola branca.» Perguntava a si mesma se Len alguma vez a veria vestida com ele.

No fim de maio, dirigiu-se uma vez mais para Shepherd Market e esperou, desconsolada, na esquina, ignorando os olhares hostis das prostitutas. «Já tinha praticamente perdido a esperança.» Depois, viu-o, «um homem com uma expressão dura — entroncado e quase careca, com nariz e orelhas grandes —, que não teria problemas numa luta». Ele olhou-a com intensidade. «O homem aproximou-se de mim, e não era o primeiro naquela maldita rua, mas desta vez era aquele que eu procurava.»

Nikolai Vladimirovitch Aptekar, um antigo tratorista de 32 anos de Odessa, trabalhava como motorista e secretário do adido militar da embaixada soviética. Também era um oficial do Exército Vermelho que operava com o nome de código «Iris» e um importante membro da robusta força de serviços secretos militares soviéticos em Londres. Como acontecia no mundo inteiro, Moscovo tinha dois tipos distintos de espões no Reino Unido: «legais», agentes dos serviços secretos como Aptekar, que trabalhavam com cobertura diplomática, e «ilegais», como Ursula, que viviam como comuns civis e, por conseguinte, não tinham proteção. Aptekar licenciara-se na escola de aviação de Leninegrado e fora engenheiro da força aérea antes de ser transferido para os serviços secretos militares e mandado para a Grã-Bretanha. Apesar de parecer um pugilista profissional, era um formidável agente dos serviços secretos que falava bem inglês e dominava a arte da espionagem e a tecnologia militar.

Aptekar sussurrou a senha. Ursula respondeu com outra. Afastaram-se imediatamente e caminharam em direções opostas. Ursula estava eufórica. «Como se tivesse asas, flutuei pela rua e por outras duas até ao local

onde poderíamos falar.»

«Chama-me Sergei», disse-lhe Aptekar passados alguns minutos, na ombreira da porta de uma loja. Ursula nunca soube o seu verdadeiro nome. Ele transmitiu-lhe «cumprimentos e felicitações do Centro», entregou-lhe um envelope com «dinheiro suficiente para pôr fim a todas as minhas preocupações financeiras» e pediu desculpa porque um acidente de carro o impedira de comparecer antes. «O Centro precisa de notícias», disse-lhe. A Grã-Bretanha não era inimiga da União Soviética, mas também ainda não era uma aliada. Moscovo tinha sede de informações. «Que contactos podes fazer? Nas forças armadas? Em círculos políticos? Vais começar a criar uma nova rede de informações. Quando é que podemos ter um transmissor a funcionar?»

Ursula respondeu-lhe que teria o rádio montado e a funcionar em 24 horas.

Estava de volta ao jogo.

Mal tinha restabelecido contacto via rádio com Moscovo quando, a mais de 1600 quilómetros do Reino Unido, na fronteira ocidental da União Soviética, alguns acontecimentos transformaram a guerra e o papel de Ursula nela.

No dia 22 de junho de 1941, a Alemanha atacou a Rússia. A Operação Barbarossa foi a maior invasão da história da guerra, com cerca de três milhões de soldados alemães a avançarem numa frente de 2900 quilómetros. Era a guerra de extermínio de Hitler, a operação há muito planeada para liquidar as populações de judeus e eslavos que habitavam no ocidente da União Soviética, criar *Lebensraum* (espaço vital) para a população alemã e destruir o bolchevismo. «Basta-nos dar um pontapé na porta e toda a estrutura apodrecida ruirá», declarou o Führer. Milhões de mortos e quatro anos de brutais combates acabariam por provar que ele estava

desastrosamente enganado. Diversos espiões soviéticos, incluindo Richard Sorge em Tóquio e Sandor Radó na Suíça, tinham avisado para a invasão iminente, mas Estaline recusou-se a acreditar neles, convencido de que, enquanto a Alemanha estivesse envolvida numa batalha com a Grã-Bretanha, Hitler nunca abriria uma segunda frente de guerra atacando a Rússia. Os seus subalternos estavam demasiado aterrorizados para lhe dizer a verdade.

Para Ursula, para a sua família, marido, ex-marido, antigos amantes e colegas espiões, o início da guerra na frente oriental mudou tudo. Agora, a Grã-Bretanha e a União Soviética eram aliadas, e os Estados Unidos juntar-se-iam aos dois países dali a seis meses, após o ataque japonês a Pearl Harbor. O pacto germano-soviético, anátema para tantos comunistas, foi desfeito de um dia para o outro.

Ursula estava chocada e exultante. Os soldados alemães avançaram com uma série de rápidas vitórias e ocuparam partes do território soviético. Tudo levava a crer que Moscovo cairia e que o comunismo poderia perecer. Ursula descreveu-se como estando «abalada» com a notícia do ataque-surpresa. No entanto, também se sentia aliviada e encantada por poder deixar de fingir que apoiava o cínico pacto entre Estaline e Hitler. Moscovo estabelecera contacto no preciso momento em que os seus atos de espionagem poderiam ser uma vez mais dedicados a destruir o nazismo. Era agora uma combatente, não uma mera observadora, e lutava ao lado dos britânicos.

No dia da Operação Barbarossa, Winston Churchill fez um dos discursos mais marcantes da guerra, transmitido em direto pela BBC, durante o qual prometeu lutar contra Hitler por terra, mar e ar «até, com a ajuda de Deus, livrarmos a terra da sua sombra». A Grã-Bretanha punha-se lado a lado com os Estados Unidos e a União Soviética: «O perigo incorrido pela Rússia é o nosso perigo e o

perigo dos Estados Unidos, do mesmo modo que a causa de um russo que luta pelo seu lar e pela sua pátria é a causa dos homens livres e dos povos livres em todos os cantos do globo.»

Debruçada sobre o rádio, Ursula escutou, extasiada com a arrebatada oratória de Churchill, que considerou «brilhante». «O ataque de Hitler à União Soviética teve um forte impacto na Grã-Bretanha», escreveria.

Depois da Operação Barbarossa, Moscovo esteve vários dias sem responder às suas mensagens. Quando ela conseguiu, por fim, estabelecer contacto via rádio, percebeu que o Centro estava ávido de informações sobre a Grã-Bretanha. O que pensavam realmente os políticos e os generais? Até que ponto eram sinceras as palavras de Churchill? A Grã-Bretanha apoiaria a Rússia? Robert Kuczynski, com os seus muitos amigos e conhecidos bem relacionados, estava numa posição única para responder a essas perguntas. Inúmeros economistas de esquerda e políticos trabalhistas seus conhecidos estavam diretamente envolvidos no esforço de guerra. Ursula escolheu este momento para recrutar o pai como agente soviético. Embora não soubesse que a filha era uma oficial dos serviços secretos do Exército Vermelho, o professor concordou em passar-lhe todas as informações que conseguisse obter, consciente de que ela arranjará uma forma de as fazer chegar a Moscovo. Robert Kuczynski disse-lhe que «os principais políticos e militares britânicos estavam convencidos de que a União Soviética seria derrotada em três meses».

Com o fim do pacto germano-soviético, Jürgen Kuczynski mudou a sua posição de um dia para o outro, deixando de atacar a guerra como um estratagema imperialista e defendendo-a resolutamente como um imperativo moral. O MI5 observou a sua mudança de ideias com agrado, registando que o ativista comunista

parara de «espalhar propaganda derrotista entre os refugiados» e agora «defendia a colaboração com o esforço de guerra dos Aliados e a ajuda ativa à URSS». Jürgen também transmitia a Ursula tudo o que pudesse ser interessante ou útil para Moscovo. Apesar de nunca ter sido formalmente recrutado pelos serviços secretos militares soviéticos, Jürgen Kuczynski tinha um nome de código, «Karo». Mensagens de rádio enviadas da *rezidentura* (a secção de serviços secretos dentro de uma embaixada soviética) para Moscovo intercetadas em 1941 e decodificadas muito depois da guerra mostram a elevada estima que o major-general Ivan Andreevich Sklyarov, o chefe dos serviços secretos militares em Londres, tinha por ele: «Recomendo Jürgen Kuczynski sem hesitar. É um académico brilhante, um judeu e um economista com uma profunda convicção marxista. Sei que é da mais absoluta confiança. Conhece não apenas a Alemanha, mas o continente e a Inglaterra, e seria mais valioso e digno de confiança para nós que qualquer pessoa que conheço (...) É alto, magro, moreno, feio, brilhante e muito estável a nível político.» Ao contrário do pai, Jürgen sabia exatamente para onde iam as informações que transmitia a Ursula.

A rede de Sonya, que começou com membros da sua própria família, expandir-se-ia gradualmente para uma vasta teia de informadores que lhe forneciam, de forma consciente ou não, uma grande quantidade de informações económicas, políticas, técnicas e militares muito úteis para Moscovo. Durante jantares em Hampstead, os intelectuais britânicos de esquerda trocavam livremente coscuvilhices e segredos, sem saberem que, através de um Kuczynski ou outro, tudo o que diziam era transmitido a Moscovo através do rádio de Ursula. Uma «fértil fonte de informações» era Hans Kahle, um comunista alemão e antigo combatente das Brigadas

Internacionais que, como correspondente militar das revistas americanas *Time* e *Fortune*, tinha acesso a informações extremamente úteis.

Um relatório da *rezidentura* de Londres para Moscovo, enviado no dia 31 de julho de 1941 e parcialmente decodificado na década de 1960, dizia: «IRIS teve um encontro com SONIA [sic] no dia 30 de julho.» O bilhete indica que ela enviava mensagens diárias para Moscovo a diferentes horas da noite e mandava outras informações adicionais com recurso a microfotografias do tamanho de um ponto final colocadas em cartas que eram enviadas para esconderijos em Espanha ou Portugal, dois países que se mantinham neutros, para serem recolhidas pelos serviços secretos soviéticos. O Centro pagava-lhe 58 libras por mês, com retroativos desde a sua chegada a Liverpool, uma quantia substancial num país em guerra. Anos mais tarde, o MI5 ainda ignorava qual era a identidade de Iris: «Provavelmente, o nome próprio inglês IRIS era usado como nome de código de uma mulher. A palavra russa IRIS designa a flor ou um tipo de caramelo; a palavra parece uma escolha improvável para um nome de código.» Claro que Iris era Nikolai Aptekar, o corpulento oficial dos serviços secretos soviéticos, que teria ficado divertido se soubesse que era confundido com uma mulher ou que tinha recebido o nome de um caramelo ou de uma flor.

De duas em duas semanas, ela apanhava o comboio para Londres a fim de se encontrar com «Sergei», nunca duas vezes no mesmo lugar, nunca durante mais de 15 minutos e normalmente na escuridão que sempre temera. «Naquela cidade às escuras, sem candeeiros de iluminação pública e nem sequer o brilho de um candeeiro numa janela, eu tinha medo. Não havia quase ninguém nas ruas e quem passava era invisível. Ficava na mais completa escuridão à espera de que alguém me agarrasse a cara ou o pescoço a qualquer momento. Sempre que

ouvia passos furtivos, sustinha a respiração, com medo, e ficava aliviada se pertenciam ao “nosso homem”.»

O MI5 continuava a vigiar os Kuczynski. Um memorando de fevereiro de 1941 registava que «diversas fontes» tinham referido que Jürgen Kuczynski estava em contacto direto com os serviços secretos soviéticos. Porém, a aliança anglo-soviética tinha alterado as prioridades do MI5: com os russos do seu lado, o serviço de segurança estava menos preocupado com a monitorização de subversivos comunistas do que em apanhar agentes nazis. A vigilância aos Kuczynski diminuiu, e depois quase parou. Na verdade, não havia espiões nazis ativos na Grã-Bretanha: graças aos decifradores de Bletchley Park, tinham sido todos intercetados e executados ou «virados». Todavia, havia inúmeros espiões soviéticos: os Cinco de Cambridge — Kim Philby, Anthony Blunt, Donald Maclean, Guy Burgess e John Cairncross, todos eles em posições de poder na estrutura social britânica — e uma discreta dona de casa refugiada no Oxfordshire, a agente Sonya, que era os olhos e os ouvidos dos serviços secretos militares na Grã-Bretanha.

Ursula não via qualquer contradição em apoiar os aliados da Rússia e espiá-los. E o seu primeiro marido também não.

Rudi Hamburger recebeu ordens para ir para a Turquia por terra através do Irão, mas, como aconteceu muitas vezes na vida daquele desafortunado espião, o plano correu mal. Pouco depois de chegar a Teerão, a Operação Barbarossa redesenhou o mapa da guerra e Rudi não conseguiu obter um visto de entrada na Turquia. Em agosto de 1941, britânicos e soviéticos lançaram uma invasão conjunta do Irão para impedir que os poços de petróleo ficassem nas mãos dos alemães. Teerão, que até ao momento tivera uma posição secundária na guerra, de

repente tornou-se um lugar de importância estratégica vital, sobretudo depois da chegada dos americanos para ajudarem a construir a infraestrutura de transportes necessária para manter o fluxo de combustível e outros abastecimentos para as tropas soviéticas na frente oriental. Hamburger escreveu: «Recebi instruções para deixar de tentar obter um visto para a Turquia e concentrar-me em tarefas em Teerão.» Essas tarefas incluíam a monitorização dos movimentos de tropas, dos carregamentos de armas e das atividades militares dos britânicos e dos americanos. Hamburger instalou-se na capital iraniana e começou a espiar os aliados da União Soviética com a sua característica incompetência.

Na Suíça, Alexander Foote recebeu a primeira mensagem de Moscovo após a Operação Barbarossa: «As bestas fascistas invadiram a Pátria das classes trabalhadoras. É seu dever realizar as suas tarefas na Alemanha o melhor que puder. O Diretor.» Sandor Radó expandiu imediatamente as operações. Nos dois anos seguintes, a partir de um apartamento em Lausana, Foote enviou centenas de mensagens para Moscovo e conseguiu informações de espiões no interior da Alemanha nazi, que resultaram num conhecimento surpreendentemente pormenorizado do planeamento militar alemão. Como Foote diria, os generais de Moscovo estavam «praticamente a travar a guerra com base naquele material.»

Em contraste, Len Beurton foi perdendo o interesse pelo trabalho para a Rote Drei e depois incompatibilizou-se com Radó, que deixou de lhe pagar. «Len tinha apenas um desejo», escreveria Foote. «Regressar a Inglaterra e reunir-se com a Sonya.» O corrupto cônsul boliviano que arranjava um passaporte falso a Ursula aceitou fazer o mesmo para Len em troca de 2000 francos suíços. No entanto, o consulado francês percebeu que o nome «Luis

Carlos Bilboa» era falso e recusou a emissão de um visto de turismo. Na Grã-Bretanha, Ursula pediu à Associação das Brigadas Internacionais que fizesse pressão junto do Governo para que Len fosse auxiliado a sair da Suíça e escreveu para a deputada trabalhista Eleanor Rathbone, cujos esforços em prol dos exilados alemães lhe valeram a alcunha de «Ministra dos Refugiados». Até Anthony Eden, o ministro dos Negócios Estrangeiros à época, ficou a par da situação difícil de Beurton. Nada parecia adiantar.

«Inativo, com saudades da mulher, sem dinheiro, sem sorte e desesperado para voltar para o Reino Unido», Len estava muito infeliz. No entanto, de repente, a nova aliança entre a Grã-Bretanha e a União Soviética ofereceu-lhe um raio de esperança. O consulado britânico no Quai Wilson ficava a uma centena de metros do seu apartamento junto do lago Léman e Len foi até lá para trocar dois dedos de conversa.

Victor Farrell era o responsável pelo controlo de passaportes. O facto de ser também um agente do MI6 disposto a emitir passaportes para fugitivos merecedores era «um dos “segredos” mais conhecidos em Genebra». Beurton ofereceu-se para lhe dar «informações úteis» se ele o ajudasse a voltar para a Grã-Bretanha. Não se sabe quais foram as informações que lhe transmitiu, e os trechos mais relevantes foram retirados dos documentos desclassificados. Beurton não revelou nada a respeito das atividades de Ursula nem do seu trabalho para os serviços secretos soviéticos. No entanto, identificou pelo menos um dos agentes de Radó, um jornalista chinês chamado L. T. Wang, que estava acreditado na Sociedade das Nações. Um convidado frequente em casa de Wang era o general Alexander von Falkenhausen, um antigo conselheiro militar de Chiang Kai-shek na China, que era agora o governador nazi da Bélgica ocupada. Wang espiava Falkenhausen em segredo e passava as informações a Radó. Len apresentou o jornalista chinês a Farrell, que

achou Wang «simpático e impenetrável», mas também, com o tempo, uma valiosa fonte de informações. Como agora a Grã-Bretanha e a União Soviética eram aliadas, Beurton não sentiu escrúpulos em entregar Wang ao MI6. Em troca, Farrell concordou em fornecer-lhe um passaporte falso.

A nova paisagem política mudava as lealdades. Ursula e Rudi espiavam a Grã-Bretanha, que era aliada de Moscovo; Victor Farrell, que era agente dos serviços secretos britânicos, usava os ativos soviéticos para espiar os nazis na Suíça; Len, que continuava a ser um agente dos serviços secretos soviéticos, colaborava em segredo com o MI6, sem comunicar a Moscovo. Podiam estar todos unidos na luta mais vasta contra o nazismo, mas os Aliados espiavam-se mutuamente, como sempre fazem.

A invasão da União Soviética pelas tropas de Hitler teve um efeito secundário mas decisivo ao trazer um dos espiões mais importantes da história para a rede de Sonya.

A Estrada para o Inferno

Klaus Fuchs vivia segundo dois conjuntos de regras: as imutáveis leis da física, com as quais ajudaria a desenvolver uma nova ciência com um poder aterrador, e um segundo grupo de normas sociopolíticas nas quais acreditava com igual convicção e que levariam ao inevitável triunfo do comunismo. A combinação destes dois grupos paralelos de ideias, científicas e ideológicas, desencadeou uma reação em cadeia que transformaria o brilhante físico Fuchs no espião mais perigoso do mundo. Em 1951, uma Comissão do Congresso dos Estados Unidos concluiria: «Fuchs influenciou a segurança de mais pessoas e fez mais estragos que qualquer outro espião, não apenas na história dos Estados Unidos, mas na história das nações.»

A sua intenção não era essa.

Fuchs era o terceiro de quatro filhos de um pastor luterano que vivia na Alemanha Ocidental. Emil, o seu pai, era um homem de grande coragem, com opiniões categóricas e uma enorme arrogância moral, que ensinou os filhos a seguirem os ditames da sua consciência, independentemente das consequências. Quatro anos mais novo que Ursula, Fuchs também crescera durante o caos político e económico da Alemanha de Weimar. Como os Kuczynski, os irmãos Fuchs abraçaram a ideologia comunista, filiaram-se no KPD e envolveram-se nos movimentos estudantis e nas lutas de rua cada vez mais violentas da década de 1920. Klaus tinha a alcunha de *Der*

rote Fuchs, Raposa Vermelha. Quando voltava para casa depois de uma reunião antinazi, foi emboscado por camisas-castanhas, violentamente espancado e atirado para um rio com os dentes da frente partidos. O jovem físico estudava na Universidade de Kiel em 1931 quando a mãe se suicidou ao ingerir ácido clorídrico. O pai seria detido dois anos mais tarde por falar contra Hitler. O irmão foi preso e obrigado a exilar-se com a irmã mais nova, enquanto a irmã mais velha foi perseguida pelos nazis e acabou por se suicidar atirando-se para a frente de um comboio em Berlim. É compreensível que Klaus Fuchs acreditasse que o fascismo provocara a destruição da sua família. Para ele, a política devia ser tratada como a ciência, uma equação com uma única solução correta, um mundo a preto e branco: «Não havia meios-tons (...) ou éramos nazis, ou comunistas», diria. O marxismo substituiu a religião com que crescera.

Aos 22 anos, já um cientista prodigiosamente talentoso, Fuchs matriculou-se no Instituto de Física Kaiser Wilhelm em Berlim, mas era um homem marcado, um agitador comunista sujeito a ser detido a qualquer momento. Numa reunião secreta, a direção do KPD insistiu para que saísse da Alemanha, continuasse os estudos no estrangeiro e esperasse o fim da revolução que acabaria por derrubar Hitler. Fuchs chegou a Folkestone em setembro de 1933, «pálido e meio morto de fome, com uma trouxa de roupa suja num saco de lona».

Como muitos académicos que fugiam do nazismo, foi muito bem recebido pela comunidade científica da Grã-Bretanha. O físico Nevill Mott contratou-o como assistente de investigação na Universidade de Bristol, e em 1937, depois de concluir o doutoramento em Física, mudou-se para a Universidade de Edimburgo, onde trabalhou com outro refugiado alemão, o notável físico Max Born, a investigar o comportamento dos eletrões e da radiação

eletromagnética. Uma investigação superficial levada a cabo pelo MI5 concluiu que não representava uma ameaça de segurança.

Fuchs era um excêntrico, até pelos padrões académicos. De vez em quando, socializava com outros exilados alemães e conheceu Jürgen Kuczynski no Clube Alemão Livre em Londres. No entanto, era uma figura muito solitária e enigmática, um fumador compulsivo e violinista autodidata, muito pontual, de vez em quando embriagado, alto, míope, desengonçado, com «um rosto sensível e curioso e um ar levemente perdido». Um colega compôs um verso jocoso:

*

Fuchs
Parece
Um teórico
Asceta⁷

*

O jovem alemão parecia ser o «espécime perfeito de um professor distraído». Ele nunca discutia política, nem muitos outros assuntos que não estivessem relacionados com física. As pessoas perguntavam-se o que estava a acontecer atrás dos grossos óculos redondos, mas ninguém duvidava, e muito menos o próprio Fuchs, de que ele viria a ser um grande cientista. Fuchs tinha herdado o rígido sentido de retidão moral do pai e mais tarde comentaria: «De tempos a tempos, tem de haver indivíduos que assumem de forma deliberada o fardo da culpa porque veem a situação com mais clareza que os que têm o poder.»

Em 1939, pouco antes da guerra, Fuchs pediu a cidadania britânica, mas antes de lhe ser concedida foi detido por razões de segurança com outros estrangeiros inimigos alemães, primeiro na ilha de Man e depois no

Canadá, num campo nos arredores de Quebeque. Não ficou amargurado com este tratamento e continuou a colaborar à distância com Max Born, que apelou à sua libertação, insistindo que o colega fazia parte «do pequeno grupo de físicos teóricos mais brilhantes deste país». O lóbi compensou e no dia 11 de janeiro de 1941, duas semanas depois de fazer 29 anos, Fuchs desembarcou em Liverpool, onde Ursula chegaria um mês mais tarde.

No dia 3 de abril, Jürgen Kuczynski fez uma festa no número 6 de Lawn Road Flats em Hampstead «para celebrar o regresso de Fuchs ao Reino Unido». Entre os convidados contavam-se diversos notáveis alemães e britânicos, um grande número de comunistas, alguns cientistas e uma quantidade apreciável de espiões. Também estavam presentes Brigitte Lewis, que agora trabalhava como secretária na LSE, e o comunista alemão Hans Kahle, que ficara amigo de Fuchs quando estavam ambos detidos no Canadá. Para além de recolher informações para Ursula, Kahle era «um caçador de talentos para os serviços secretos soviéticos». A festa em honra de Fuchs pode ter sido ideia sua. Havia muito álcool e o convidado de honra bebeu bastante. A certa altura, Jürgen apresentou-o a um «homem educado e inteligente, com um inglês perfeito [e] interessado em ciência», que disse chamar-se Alexander Johnson. A conversa centrou-se «nas possibilidades da energia atómica». Em 1938, cientistas alemães tinham descoberto que a fissão do urânio liberta energia e neutrões, permitindo futuras fissões e causando uma potencial reação em cadeia. O teórico atómico dinamarquês Niels Bohr tinha estabelecido que a fissão ocorre no raro isótopo U-235, uma descoberta que oferecia a perspetiva de uma nova máquina de energia (um reator nuclear) com, como Fuchs diria, «uma possibilidade de produção de energia a longo

prazo». No fim da noite, Fuchs aceitou «preparar para Johnson um curto relatório acerca das possibilidades da energia atômica». Depois, saiu para a noite e perdeu o comboio para Edimburgo.

Na realidade, «Johnson» era o coronel Semyon Davidovitch Kremer, um oficial dos serviços secretos militares soviéticos que tinha o nome de código «Barch».

Um ano antes. Otto Frisch e Rudolf Peierls, dois físicos alemães exilados que trabalhavam na Universidade de Birmingham, tinham elaborado um artigo científico secreto que mudaria o mundo e acabaria por ameaçar a sua existência. O memorando Frisch-Peierls foi um aterrador salto em frente na ciência nuclear: a primeira descrição prática de como fabricar uma arma nuclear, uma «superbomba» com a capacidade de prender a energia em núcleos atômicos e provocar uma explosão com «uma temperatura comparável à do interior do Sol». Os cientistas concluíram que a explosão inicial «destruiria a vida numa vasta área» e que a nuvem subsequente de radioatividade mataria muito mais.

Peierls recomendou que a bomba atômica fosse desenvolvida com urgência. «Embora não haja provas de que os alemães conheçam as potencialidades da bomba U-235», avisou, «é muito possível que sim e, tanto quanto sabemos, até já podem ter concluído a sua produção.» O Governo britânico criou uma comissão ultrassecreta com o nome de código «Maud» para explorar a possibilidade de fabrico da dita arma. Isto daria origem à criação do projeto «Tube Alloys» (outro nome de código deliberadamente enganador), um programa industrial que envolvia dúzias de cientistas de diversas universidades britânicas para investigar e desenvolver a bomba.

No dia 10 de maio, um mês depois da festa em Hampstead, Peierls escreveu a Fuchs a convidá-lo para «participar num trabalho teórico que envolve problemas matemáticos de considerável complexidade». E

acrescentou: «Não posso revelar a natureza nem o objetivo do trabalho.» Mais tarde, o Governo britânico justificaria a decisão de recrutar Fuchs para o projeto das armas atômicas: «Eram necessários os melhores cérebros para ajudar naquela investigação e cérebros como o do Dr. Fuchs são muito raros. Ele era reconhecido como um dos melhores físicos teóricos vivos, e provou que esse reconhecimento era fundamentado.» Sabendo que Fuchs fora «um membro ativo do Partido Comunista na Alemanha», o MI5 debateu a sensatez de lhe conceder uma autorização de segurança, mas acabou por decidir «aceitar o risco que pudesse existir». Fuchs adivinhou que aquele trabalho secreto estava «relacionado com a investigação da energia atômica», mas só depois de chegar a Birmingham e ir viver com Peierls e a mulher deste é que descobriu a verdadeira natureza da tarefa. Peierls supunha acertadamente que Fuchs «gostaria de ter a oportunidade de participar num projeto que se destinava a destruir Hitler». Porém, Peierls nunca imaginou a utilização que ele faria dessa participação. Em junho, começou a trabalhar na bomba atômica. Alguns dias mais tarde, Hitler invadiu a União Soviética.

À primeira vista um génio distraído, Fuchs continuava a ser, em segredo, um dedicado comunista e um feroz antifascista. A exemplo de Ursula, ficou horrorizado com o pacto germano-soviético, mas «justificou-o garantindo a si mesmo que a Rússia só assinara o pacto para ganhar tempo». Agora, a Grã-Bretanha apressava-se a desenvolver a arma mais potente que o mundo já vira, sem informar Moscovo. Fuchs pensou que era injusto e um desrespeito pela nova aliança anglo-soviética. Mais tarde, escreveria: «Nunca me considereei um espião. Contudo, não conseguia perceber porque é que o Ocidente não estava disposto a partilhar a bomba atômica com Moscovo. Na minha opinião, uma arma com aquele enorme potencial destrutivo devia estar igualmente

disponível para todas as grandes potências.» Fuchs fora ensinado a seguir a sua consciência e, no universo moral monocromático em que habitava, informar Moscovo sobre a nova arma não era um ato de traição à Grã-Bretanha, mas uma expressão de solidariedade comunista e uma oportunidade de contribuir pessoalmente para a destruição do nazismo. Mais tarde, as autoridades britânicas condenariam as suas atividades, classificando-as como «a arrogância íntima e convencida de uma mente genuinamente introspetiva», mas Fuchs via-se como um herói secreto, como acontece com muitos espões. «Tinha confiança absoluta na política russa [e] por isso não hesitei.» O ataque da Alemanha à Rússia galvanizou-o para trabalhar em segredo para a União Soviética: «Estabeleci contacto através de outro membro do Partido Comunista.»

O camarada em questão era Jürgen Kuczynski.

No verão de 1941, Fuchs visitou Kuczynski em Hampstead e «informei-o, em termos gerais, sobre o tipo de informações a que tinha acesso». Nas suas memórias, Jürgen escreveria: «Naturalmente, o Klaus veio ter comigo porque eu era o líder político em Inglaterra.» Jürgen não percebia nada de física nuclear, mas sabia agarrar uma oportunidade. Entrou imediatamente em contacto com Ivan Mikhailovich Maisky, o embaixador soviético na Grã-Bretanha e seu amigo pessoal. Maisky estava envolvido numa guerra de poder com Anatoli Gorski, o *resident* do NKVD, por isso, em vez de o alertar, transmitiu a informação ao general Sklyarov, o chefe dos serviços secretos militares soviéticos em Londres. Sklyarov enviou uma mensagem para o Centro, que lhe «deu instruções para recrutar Fuchs», uma tarefa que ele delegou no seu assessor, o coronel Semyon Kremer.

Kremer fora comandante de um corpo de tanques do Exército Vermelho antes de ser recrutado para os serviços

secrets militares e mandado para a Grã-Bretanha em 1937 com o cargo de fachada de adido militar soviético. O MI5 colocou Kremer sob vigilância; este foi visto a «andar de um lado para o outro em Charing Cross Road, a comprar a edição mais recente de *Jane's Fighting Ships* e todos os livros sobre táticas militares modernas que encontrava». Mas o MI5 não estava a vigiá-lo no dia 8 de agosto de 1941, quando ele entrou «numa casa particular a sul de Hyde Park». Fuchs chegou alguns minutos depois e bateu à porta, que foi aberta por «Alexander Johnson», o homem que ele conhecera na festa em Lawn Road quatro meses antes. Kremer proferiu o código de reconhecimento: «Saudações de Kuczynski.»

Nesta altura, Fuchs trabalhava com Peierls há dois meses, a resolver os problemas da difusão gasosa e a conceber uma fábrica para produzir urânio enriquecido, o composto crucial de uma arma nuclear. Fuchs entregou a Kremer seis páginas de anotações que resumiam tudo o que sabia acerca do fabrico da bomba atómica, incluindo as ideias essenciais do memorando Frisch-Peierls e o processo de enriquecimento do urânio. Foi o primeiro fascículo de uma grande quantidade de informações.

«Porque é que decidiu passar estas informações para a União Soviética?», perguntou-lhe Kremer.

«A URSS também tem de ter a sua bomba», respondeu Fuchs, acrescentando que não queria ser pago e pedindo apenas que as informações fossem «colocadas na secretária de Estaline».

Sklyarov expediu as anotações para Moscovo na mala diplomática e enviou uma mensagem codificada para o Centro com a indicação de «Urgente. Extremamente importante».

*

BARCH teve uma reunião com o físico alemão Klaus Fuchs, que faz parte de um grupo especial da Universidade de Birmingham que está a

trabalhar nos aspetos teóricos da criação de uma bomba de urânio. Partindo do princípio de que pelo menos um por cento da energia atómica explosiva do urânio é libertada, uma bomba de 10 quilos equivalerá a 1000 toneladas de dinamite. BRION.

*

Moscovo respondeu sem demora: «Tomem todas as medidas para obter informações a respeito da bomba de urânio.» Fuchs recebeu o nome de código «Otto».

Os serviços secretos militares soviéticos tinham recebido um novo nome há pouco tempo, e um novo chefe. Por ordem de Estaline, o Quarto Departamento era agora conhecido como a Direção Principal de Serviços Secretos, ou GRU. O seu novo chefe, o general Aleksei Panfilov, fez uma avaliação do material que chegava da Grã-Bretanha. Se a nova arma funcionasse, «poria a humanidade na estrada para o inferno».

Durante os seis meses seguintes, Fuchs entregou uma grande quantidade de segredos científicos a Kremer, cerca de 200 páginas com informações do seio do programa de armas atómicas da Grã-Bretanha. Os dois homens costumavam encontrar-se aos fins de semana numa movimentada paragem de autocarros, entravam no mesmo autocarro e sentavam-se ao lado um do outro no primeiro andar, sem falar. Fuchs saía primeiro e deixava um pacote em cima do banco. Por vezes, apanhavam um táxi juntos e discutiam os seus assuntos no banco de trás. Fuchs percebia pouco da arte da espionagem. Em total violação dos princípios da *konspiratsia*, ligou várias vezes para o escritório de Kremer e, segundo uma fonte russa, uma vez até apareceu sem avisar na embaixada soviética, com «quarenta páginas de anotações». A compreensão de Kremer do protocolo da espionagem não era muito melhor. Ele olhava constantemente para trás, tentando perceber se estavam a ser seguidos — uma maneira certa de levantar suspeitas. «Ele irritava Fuchs com a

insistência de fazerem longos percursos de táxi em Londres, voltando regularmente para trás para despistar alguém que tentasse segui-los.»

Kremer não tinha grande noção das informações que estava a recolher; preferiria estar a lutar num tanque a encontrar-se com aquele estranho jovem cientista no primeiro andar de um autocarro em Londres. Muito mais tarde, Fuchs referir-se-ia à casa de Jürgen Kuczynski como «a minha residência secreta», sugerindo que era uma visita frequente em Lawn Road. A embaixada soviética era vigiada e os seus telefones encontravam-se sob escuta; os Kuczynski estavam a ser vigiados; Kremer era um conhecido oficial dos serviços secretos soviéticos. O MI5 teve inúmeras oportunidades para descobrir o que se passava, e não aproveitou.

Após um encontro com Fuchs, Kremer recordaria: «Ele entregou-me um grande bloco de apontamentos de 40 por 20 centímetros cheio de fórmulas e equações. E disse-me: “Aqui está aquilo que os vossos cientistas precisam de saber para organizar a produção de armas nucleares.” Todo o material foi enviado para Moscovo e recebi ordens para não perder o contacto com Fuchs. Mas, como sempre, nada foi dito a respeito da utilidade do material.»

O material não era apenas útil; era inestimável. Em agosto de 1941, outro agente que espiava para a União Soviética, o funcionário público britânico John Cairncross, entregou ao seu controlador um exemplar do relatório da Comissão Maud com as linhas gerais do programa de armamento nuclear. Fuchs forneceu a pormenorizada realidade do desenvolvimento da bomba, em cada um dos seus passos experimentais: os projetos para uma fábrica de difusão, cálculos da massa crítica do explosivo U-235, a medição da fissão e a colaboração cada vez maior dos cientistas britânicos com cientistas nucleares americanos. No fim de 1941, Fuchs foi o coautor de dois importantes

artigos científicos sobre a separação dos isótopos de U-235 — e passou as descobertas a Kremer.

Porém, no verão de 1942, tão abruptamente como aparecera na vida de Fuchs, Kremer desapareceu, sem aviso nem explicação. O oficial soviético voltou para Moscovo de repente e retomou o comando de uma brigada de tanques na frente oriental, onde seria ferido duas vezes e acabaria por ser promovido a major-general. Estranhamente, nem Kremer nem Moscovo tomaram providências para manter o contacto com Klaus Fuchs. O que determinou este misterioso hiato nunca foi bem explicado. Kremer estava ansioso para voltar à guerra convencional e o seu relacionamento com os colegas na embaixada era mau. Pode simplesmente ter pedido a demissão num ataque de fúria. Contudo, fosse qual fosse o motivo, Fuchs ficou sem um agente de ligação num momento crucial: ele e Peierls tinham acabado de fazer uma importante descoberta no cálculo do tempo necessário para produzir urânio enriquecido e ele queria informar Moscovo. Recorreu uma vez mais a Jürgen Kuczynski, que desta vez decidiu ignorar a embaixada. Em vez disso, informou a irmã.

Em julho, numa reunião familiar em Hampstead, Jürgen puxou Ursula à parte e disse-lhe que «um físico chamado Fuchs perdera o contacto com um representante do departamento militar da embaixada soviética que dizia chamar-se “Johnson”». Nessa mesma noite, em Kidlington, Ursula enviou uma mensagem para Moscovo a pedir instruções. Talvez consciente de que evitara por pouco uma asneira de proporções históricas, o Centro respondeu: «Estabeleça contacto com Otto.»

Por coincidência, Ursula já estava no ramo dos segredos atômicos através de uma amiga da família.

Os atos de espionagem de Melita Norwood começaram em 1937. Filha de pai letão e mãe britânica, Letty Sirnis cresceu em Bournemouth e filiou-se no Partido Comunista

aos 25 anos. Depois do falecimento prematuro do pai, a família mudou-se para Hendon. A irmã tinha sido aluna de Robert Kuczynski na LSE e a mãe, Gertrude, ajudou a família Kuczynski a encontrar a primeira casa permanente na Grã-Bretanha, em Lawn Road. Em 1932, Letty tornou-se secretária da Associação Britânica de Investigação de Metais não Ferrosos (BNFMRA, na sigla inglesa), uma empresa público-privada que se dedicava à investigação metalúrgica. Cinco anos mais tarde, o NKVD recrutou-a como informadora. Ela casou-se com Hilary Norwood, um professor de Matemática comunista, e mudou-se para uma casa geminada em Bexleyheath, onde criou os seus filhos, passando o tempo livre a ler literatura pacifista e a fazer compotas. Depois de as purgas deixarem o KGB com falta de pessoal, foi transferida para os serviços secretos militares soviéticos. Melita Norwood, nome de código «Hola», pode ter sido a agente soviética que serviu mais tempo em solo britânico, mas também foi, durante muitos anos, a mais apagada. Porém, tudo isso mudaria em 1942 com a criação do programa de armamento atômico da Grã-Bretanha. Uma grande parte da investigação sobre as propriedades de determinados metais, incluindo o urânio, era realizada pela BNFMRA, e de repente Norwood, «a secretária perfeita» na opinião do seu chefe, passou a ter acesso a alguns segredos muito valiosos. Em agosto de 1941, Churchill tornou-se o primeiro líder mundial a aprovar um programa de armas nucleares, e poucas semanas depois Norwood fez a primeira entrega de informações para os serviços secretos soviéticos, um artigo científico sobre o comportamento do urânio a temperaturas elevadas. Dali em diante, forneceria um fluxo constante de informações ultrassecretas relacionadas com o projeto atômico, complementando, confirmando e em alguns casos completando a torrente de informações transmitidas por Fuchs. A sua motivação era muitíssimo semelhante à dele — «Eu queria que a Rússia

estivesse em pé de igualdade com o Ocidente» — e a sua autoimagem e idealismo também: «Nunca me considere uma espia.» Mais tarde, o *The Times* diria: «Ela retirava dossiês sobre o projeto Tube Alloys do cofre do seu superior, fotografava-os com uma máquina fotográfica em miniatura e depois passava-os ao seu controlador dos serviços secretos soviéticos, com quem se encontrava *incognito* nos subúrbios do sudeste de Londres.» O controlador era Ursula Beurton.

Como os Norwood eram amigos de longa data dos Kuczynski, as duas mulheres tinham sempre uma desculpa para se encontrarem e «até podiam reunir-se nas respectivas casas».

O Centro dependia cada vez mais da agente Sonya, «a nossa chefe de estação ilegal em Inglaterra», cujas informações de alta qualidade não eram provenientes apenas de informadores isolados como Norwood, mas, indiretamente, dos níveis mais altos do funcionalismo público britânico. Sir Stafford Cripps, o político trabalhista, era um bom amigo de Robert Kuczynski e um membro de confiança do Gabinete de Guerra de Churchill. Em 1942, acabado de chegar de uma estada de dois anos em Moscovo, onde ocupara o cargo de embaixador da Grã-Bretanha, Cripps estava especialmente bem informado acerca das relações anglo-soviéticas e encontrava-se a par de importantes segredos de estado. Cripps também era extremamente indiscreto com o académico alemão seu amigo. Kuczynski transmitia à filha tudo o que sabia por Stafford Cripps e outros, e ela enviava as informações para Moscovo.

Na sua outra vida paralela, Ursula tornava-se rapidamente uma dona de casa britânica. As crianças adaptaram-se sem problemas ao novo ambiente. Michael frequentava a escola primária de Kidlington. Na sua curta vida, já aprendera alemão, chinês, polaco e francês. E

então, quase de um dia para o outro, aprendia inglês com sotaque do Oxfordshire. Quando Ursula estava ausente, Nina ficava em casa de vizinhas. Os aldeões podem ser curiosos e indiscretos, mas com tantos estrangeiros a irem viver para o campo, incluindo inúmeros refugiados, ninguém prestou muita atenção à mãe que vivia discretamente sozinha em Oxford Road. O seu inglês era tão bom, e o sotaque tão ténue, que a maioria das pessoas não sabia que ela era alemã e presumia que era britânica ou, na pior das hipóteses, francesa. Na opinião dos habitantes locais, o único problema era o seu apelido. «Beurton» soava suspeitosamente estrangeiro, e era. Assim, tratavam-na por «Mrs. Burton» e recusavam-se a chamar-lhe outra coisa. De certa forma, era um sinal de aceitação.

Os dois lados da vida de Ursula, domesticidade e espionagem, o lado aberto e o lado secreto, fundiram-se como nunca acontecera antes. Enquanto Mrs. Burton, moradora no número 124, tinha uma casa organizada, filhos felizes, vizinhos simpáticos e uma família que a apoiava; como agente Sonya, tinha uma máquina fotográfica para produzir micropontos, uma rede de subagentes, um prestável e reconhecido controlador soviético e um transmissor de rádio ilegal no armário do quarto. Também recuperou o marido e colega espião.

No dia 30 de julho de 1942, o avião proveniente de Lisboa aterrou no aeroporto de Poole e um homem alto e magro, com um passaporte que o identificava como John William Miller, desceu os degraus para a pista. Victor Farrell, do MI6, cumprira com a sua palavra e oferecera a Len Beurton uma forma de escapar; a viagem desde Genebra até à Grã-Bretanha tinha sido extremamente fácil. As autoridades suíças, francesas, espanholas e portuguesas deixaram Mr. Miller passar sem qualquer objeção; os britânicos não. Em Poole, a sua bagagem foi minuciosamente revistada e Len foi sujeito a um

interrogatório ainda mais rigoroso que o de Ursula.

Len Beurton reconheceu despreocupadamente que o passaporte britânico era falso, assim como um segundo passaporte boliviano que foi encontrado dentro da sua mala de viagem em nome de Luis Carlos Bilboa. As declarações seguintes foram uma elaborada teia de mentiras. Afirmou que fora à Alemanha em 1939 «para tentar vender certos bens pertencentes a um Herr Rodolf [sic] Kuczynski, um refugiado desde o advento de Hitler no poder que era professor de Demografia na Universidade de Londres»; afirmou que saíra da Suíça porque «a situação parecia estar a complicar-se um pouco». Quando lhe perguntaram como é que sobrevivera financeiramente durante três anos sem emprego, «afirmou que tinha herdado 20 mil libras de parentes franceses» quando trabalhava em Jersey antes da guerra e vivera desse dinheiro desde então.

As autoridades ficaram desconfiadas. Len não referiu a tuberculose, que, segundo Ursula, o levava a ir para a Suíça; o seu pai era um empregado de mesa francês sem um tostão, por isso parecia improvável que os seus parentes juntassem 20 mil libras, e muito menos que as deixassem a um distante primo inglês; Beurton tinha uma «forma claramente evasiva de responder às perguntas que lhe eram feitas». Seria necessária uma investigação mais aprofundada para saber como obtivera os passaportes falsos. «O interrogador reconhece que é incapaz de formar uma opinião definitiva a respeito de Beurton (...) ele comporta-se de uma forma algo suspeita sempre que é confrontado por qualquer autoridade constituída (sobretudo militar), pela qual parece sentir uma antipatia e desconfiança inerentes.» Len já estava na lista negra de segurança e as suas respostas sugeriam que se manteria nela. Foi autorizado a entrar na Grã-Bretanha, mas não sem antes o MI5 garantir que ele não podia sair do país:

«Podem pedir ao serviço de passaportes para não conceder uma autorização de saída a Leon Beurton sem nos avisarem?» Refletindo o forte sexismo da época, o MI5 via o homem do casal como a principal potencial ameaça, quando o verdadeiro foco de suspeita devia ser a sua mulher.

Ursula e Len não se viam desde 1940. O reencontro foi feliz e ardente. Len ficou maravilhado ao ver como as crianças tinham crescido na sua ausência. A pequena Nina falava muito bem inglês e Michael estava cada vez mais interessado em críquete. Ele considerava-os seus filhos. A vida familiar foi retomada, quase como antes, mas com o dramático cenário alpino substituído pela verdejante e ondulante paisagem da região rural do Oxfordshire. Durante longos passeios pelo campo em Kidlington, Ursula resumiu-lhe o trabalho de espionagem para a União Soviética. Mostrou-lhe o rádio que estava escondido no quarto. Não lhe deu pormenores do seu trabalho clandestino, e Len não perguntou. Mesmo no casamento, Ursula geria as informações dizendo-lhe apenas o que ele necessitava de saber, e havia muita coisa que não lhe dizia respeito.

Três dias depois de ele aterrar na Grã-Bretanha, chegou uma carta do Governo britânico a pedir o reembolso das despesas com o seu repatriamento de Espanha em 1938. A conta transmitiu uma mensagem clara. «Disse-nos que as autoridades tinham tomado nota do regresso de Len.» Len escreveria: «Começámos sob o auspício de uma nuvem negra, e assim continuámos.»

À chegada ao aeroporto, Len declarou que o seu objetivo ao regressar à Grã-Bretanha era «voltar a reunir-se com a mulher e alistar-se no Serviço [militar]». Depois de concretizar o primeiro objetivo, sentiu-se obrigado a concretizar o segundo e ofereceu-se como voluntário na Força Aérea.

Enquanto Len esperava os papéis de chamada, Michael

estudava a arte do lançamento no críquete, Nina aprendia a contar e Ursula, como todas as donas de casa na Grã-Bretanha, remediava-se com as parcas rações de guerra (com alguma ajuda financeira da União Soviética), cuidava dos filhos e conversava junto da vedação com as vizinhas sobre o progresso do conflito. Aparentemente, era mais uma família comum, feliz por estar reunida. Todavia, de duas em duas semanas, Ursula deixava a família, montava na sua bicicleta e pedalava em segredo para uma parte diferente do campo inglês, onde caminhava de braço dado pelos campos com outro homem.

Z No original, «Fuchs/ Looks/ Like as ascetic/ Theoretic». (*N. da T.*)

Espiões Atômicos

No fim do verão de 1942, um homem e uma mulher, ambos refugiados da Alemanha nazi, estavam sentados num café diante da estação de comboios de Snow Hill, em Birmingham, embrenhados numa conversa. Um curioso não teria ouvido nada fora do normal. Eles conversaram sobre livros, filmes e a guerra, primeiro em alemão e depois em inglês, que ambos falavam fluentemente. Combinaram encontrar-se dali a um mês.

Quando se levantaram para sair, o homem entregou-lhe um grosso dossiê com 85 páginas de documentos, os relatórios mais recentes do projeto Tube Alloys e o segredo mais perigoso do mundo.

«Foi agradável poder ter uma simples conversa», escreveria Ursula a respeito do decisivo primeiro encontro com Klaus Fuchs. «Naquele primeiro contacto percebi que ele era calmo, atencioso, delicado e culto.» A verdade é que Fuchs tinha chegado ao encontro profundamente ansioso, mas acalmou-se perante a «tranquilizadora presença» da mulher que se apresentou como Sonya. Kremer era reservado e formal, mas em Sonya viu uma pessoa com quem podia «discutir os seus sentimentos».

A estação de comboios de Birmingham era demasiado pública para um encontro periódico de espiões. Ao voltar para casa, Ursula avistou um sítio mais adequado da janela do comboio.

A tranquila cidade de Banbury, a meio caminho entre Oxford e Birmingham, notabilizava-se por ser um local

pouco digno de nota. Uma antiga canção de embalar regista o único acontecimento importante que aconteceu naquela cidade.

*

Cavalga num cavalo de pau para Banbury Cross,
Para ver uma linda dama num cavalo branco:
Com anéis nos dedos das mãos e campainhas nos dedos dos pés,
Ela terá música para onde quer que vá.

*

Nos oito séculos seguintes, pouco acontecera para perturbar a sonolência desta pequena cidade, o que a tornava ideal para os objetivos de Ursula.

Um mês mais tarde, encontrou-se com Fuchs perto da estação de Banbury e foram passear de braço dado no campo, seguindo o «princípio há muito estabelecido para os encontros ilícitos» e dando a impressão de que eram amantes num encontro clandestino. A primeira tarefa foi estabelecer uma «caixa postal», um esconderijo seguro onde deixariam mensagens e combinariam futuros encontros. Um carreiro atravessava prados desertos para uma floresta remota que não se avistava da estrada. Ursula levava uma pequena pá e escavou um buraco no mato, entre as raízes de uma árvore. «O Klaus estava ao meu lado, a observar-me por trás dos óculos.» Não se ofereceu para ajudar e ficou a olhar com uma expressão de intensa concentração, como se estivesse a observar uma experiência científica. «Não me importei. Era uma pessoa mais comum e mais prática do que ele. Uma vez, olhei para ele e pensei: “Oh, que querido, que grande professor.”»

Durante o ano seguinte, de duas em duas semanas, numa manhã de sábado ou domingo, Ursula apanhava um comboio para Banbury e deixava uma mensagem escrita na «caixa de correio» com a indicação da hora e do local onde se encontrariam nessa tarde. Fuchs apanhava o

comboio da tarde para Birmingham. Os seus encontros eram sempre em «estradas rurais perto de Banbury», nunca duas vezes no mesmo lugar, e cada um durava menos de meia hora. «Era mais difícil seguirem-nos em campo aberto», escreveria ela. E «levantaria menos suspeitas se déssemos um pequeno passeio juntos». Além disso, gostava da sua companhia.

Fuchs não sabia nada acerca das origens e das experiências de Ursula, e ela sabia muito pouco sobre física nuclear, mas tinham em comum um passado, uma ideologia e um segredo. «Quem não viveu num isolamento tão grande não pode imaginar como eram preciosos aqueles encontros com um camarada alemão», escreveria ela mais tarde. «O nosso envolvimento comum em situações perigosas também aumentou a sensação de proximidade.» Fuchs parecia «sensível e inteligente», mas também desinteressado, desligado da realidade e solitário na sua duplicidade. Os dois espiões criaram laços de imediato.

Ursula afirmou que Fuchs não sabia que «a rapariga de Banbury» (como ele a descreveria mais tarde) era irmã do camarada Jürgen Kuczynski. Teve o cuidado de não lhe perguntar qual era o seu verdadeiro nome ou onde vivia. Jürgen juntara-os, mas os irmãos nunca falavam a seu respeito. «Embora o meu irmão e eu nos déssemos muito bem, eu respeitava as regras.» Ursula ainda não se tinha apercebido da importância histórica das informações que estava a passar ao Centro. Porém, a resposta de Moscovo — entusiasta, agradecida e cada vez mais exigente — não lhe deixou qualquer dúvida de que coordenava o maior peixe graúdo da sua carreira. Os serviços secretos militares soviéticos não tinham tendência para a lisonja, mas nunca recebera respostas tão efusivas às suas mensagens: «Importante», «Muito Valioso».

A transferência de segredos científicos de Fuchs para a União Soviética entre 1941 e 1943 foi uma das maiores

divulgadas por um espião na história, cerca de 570 páginas de relatórios, cálculos, desenhos, fórmulas e diagramas, os planos para o enriquecimento de urânio, um guia passo a passo para o rápido desenvolvimento da arma atômica. Uma grande parte deste material era demasiado complexo e técnico para ser codificado e enviado por rádio, por isso Ursula entregava os documentos a «Sergei» através de «contactos de raspão», entregas rápidas que eram impercetíveis para um observador casual. Se necessitasse de transmitir informações urgentes, ou dossiês volumosos, Ursula alertava Aptekar num «local de sinal» estabelecido previamente: «Eu tinha de ir a Londres e, a uma determinada hora e num determinado local, deixava cair um pequeno pedaço de giz e pisava-o.» Dois dias mais tarde, ia de bicicleta até ao local de encontro, numa rua secundária 10 quilómetros depois do cruzamento da A40 com a A34 na estrada de Oxford para Cheltenham; Aptekar ia de Londres no carro do adido militar e chegava ao local da recolha à hora marcada para uma rápida entrega. Num desses encontros, o oficial soviético deu-lhe uma nova máquina fotográfica *Minox* para copiar documentos com tecnologia de micropontos e um pequeno, mas potente, transmissor que media apenas 15 por 20 centímetros, um sexto do tamanho do seu rádio artesanal e mais fácil de esconder. Ursula desmantelou o velho equipamento, mas guardou-o caso necessitasse de utilizá-lo numa situação de «emergência».

Fuchs estava profundamente envolvido no projeto atômico e não escondia nada. No primeiro ano, ele e Peierls escreveram nada menos que onze relatórios juntos, incluindo documentos fundamentais sobre separação de isótopos e cálculo do poder de destruição da bomba. Segundo o seu biógrafo mais recente, «foi por intermédio de Fuchs e de Sonya que Moscovo recebeu

todos os dados científicos produzidos pelo projeto Tube Alloys durante mais de um ano». O GRU demorara a perceber o valor de Fuchs; com Sonya como sua controladora, o caso passou para outro nível e o projeto da arma nuclear recebeu um nome de código que refletia o entusiasmo crescente de Moscovo: «Enormos». O pedido de Fuchs de que as suas informações passassem diretamente pela secretária de Estaline foi concedido. Fuchs e Sonya estavam agora firmemente no radar do líder soviético, o que, como qualquer pessoa próxima daquele caprichoso assassino poderia confirmar, não era necessariamente uma posição confortável.

Em abril de 1942, Molotov, o então ministro soviético dos Negócios Estrangeiros, compilou um dossiê com relatórios de informações (a maioria originária do Reino Unido) que descreviam esta nova superarma e entregou-o ao ministro da Indústria Química com uma ordem de Estaline para determinar o que devia ser feito. Os cientistas aconselharam a União Soviética a iniciar o programa de fabrico da bomba atómica logo que possível. No fim do ano, o Comité de Defesa do Estado autorizou a criação de um laboratório para desenvolver uma bomba de urânio dirigido por Igor Kurchatov, o diretor do Departamento de Física Nuclear do Instituto Psicotécnico de Leninegrado. Em fevereiro de 1943, os cientistas soviéticos da bomba atómica começaram a trabalhar a sério num problema que já fora em parte resolvido graças à grande quantidade de material fornecido por Klaus Fuchs e Ursula Kuczynski.

As descobertas britânicas no âmbito da ciência atómica também estavam a chegar aos Estados Unidos de uma forma mais legal e formal, mas não menos secreta. Em outubro de 1941, o presidente Roosevelt tinha enviado uma mensagem a Winston Churchill a sugerir uma aliança na investigação atómica. A entrada da América na guerra

dois meses mais tarde trouxe um novo ímpeto a essa colaboração. No entanto, depressa se tornou evidente que a América passava para a frente na corrida ao desenvolvimento da bomba, e o centro de gravidade (e investimento financeiro) da investigação de armas atômicas mudou para o outro lado do Atlântico. O Projeto Manhattan, o projeto americano que tinha a Grã-Bretanha e o Canadá como sócios minoritários, acabaria por engolir o projeto Tube Alloys, empregava 130 mil pessoas e foi no âmbito dele que se construiu a primeira arma nuclear do mundo.

A América e a Grã-Bretanha estavam a trabalhar juntas na bomba, a uma surpreendente velocidade científica e no mais profundo sigilo. Nenhum dos dois países ajudava, ou informava, o seu principal aliado, a União Soviética. Porém, graças aos seus espiões, Moscovo obtinha essa ajuda em segredo. Estaline não só sabia tudo acerca da bomba, como sabia que a Grã-Bretanha e a América ignoravam o seu conhecimento (o ouro sobre azul da espionagem). E exigiu que os seus espiões descobrissem mais e mais.

No outono de 1942, Ursula, Len e as crianças mudaram novamente de casa, instalando-se numa propriedade que pertencia a uma das figuras mais importantes da jurisprudência da Grã-Bretanha, um pilar da comunidade anglo-judaica e a última pessoa que seria suspeita de alojar uma espia soviética no seu jardim. O juiz Neville Laski, que se reformara pouco antes do cargo de presidente da Comissão de Representantes dos Judeus Britânicos, vivia numa grande mansão de estilo Regência em Summertown, o frondoso subúrbio a norte de Oxford. Laski era um fervoroso patriota. Depois de Munique, declarou: «Acima de tudo, a principal obrigação dos judeus britânicos é a firme e inabalável fidelidade à sua cidadania.» O seu irmão Harold era um teórico, político de esquerda, professor de Política na LSE e amigo de Robert

Kuczynski. Quando Neville Laski e a sua mulher Phina, conhecida como Sissie, souberam que o contrato de arrendamento de Ursula estava a expirar, propuseram-lhe o arrendamento da «Avenue Cottage», uma antiga cocheira que fora transformada numa encantadora casa com quatro divisões atrás do edifício principal, com uma escadaria em caracol e uma entrada independente no número 50A de George Street (atualmente, Middle Way). «Era uma engraçada casinha antiga», escreveria Ursula, «com uma faixa de relva e muitas arrecadações velhas nas traseiras.»

No dia em que se mudou, Ursula fez uma visita a Mrs. Laski ao fim da manhã; Sissie ainda estava na cama, «com uma camisa de noite enfeitada com renda, a tomar o pequeno-almoço servido numa bandeja de prata, como as personagens ricas nos filmes». Muito atrapalhada com aquele espetáculo, Ursula pediu autorização à nova senhoria para «colocar uma antena do nosso telhado para um dos seus estábulos». Mrs. Laski concordou simpaticamente sem a menor suspeita de que a antena servia outro propósito para além de «uma antena de um rádio normal». Ursula e Len esconderam o transmissor em miniatura numa cavidade atrás de uma pedra coberta de musgo no muro do jardim.

Klaus Fuchs era a principal fonte de segredos de Ursula, mas não era a única. No espaço de um ano, a rede de Sonya expandiu-se e passou a incluir pelo menos uma dúzia de espiões que forneciam uma grande quantidade de informações de carácter militar, político e científico. Melita Norwood copiava discretamente todos os documentos importantes da Associação Britânica de Investigação de Metais não Ferrosos, que tinha um papel cada vez mais importante na pesquisa nuclear; Jürgen e Robert Kuczynski transmitiam-lhe informações e mexericos; Hans Kahle enviava relatórios pelo menos uma vez por mês. Em 1942, Ursula recrutou um novo agente

britânico, um funcionário do departamento técnico da RAF «disposto a fornecer à URSS um apoio construtivo contra Hitler», providenciando pormenores do desenvolvimento de aviões militares, incluindo o mecanismo usado para lançar as bombas de 450 quilos transportadas pelos bombardeiros *Lancaster*. Ursula atribuiu-lhe o nome de código «James». «Ele conseguiu obter os dados exatos referentes aos pesos e dimensões, capacidade de suporte, características especiais, e até conseguiu dar-me os projetos de aparelhos que ainda não voavam.» Antigo soldador e simpatizante comunista, James não quis ser pago e «não se considerava um “espião”», embora o fosse, indubitavelmente.

Todas estas informações tinham de ser organizadas em relatórios, que eram codificados e enviados para Moscovo. No fim de 1942, Ursula transmitia duas ou três vezes por semana. O pequeno Michael não percebia porque é que a mãe dormia muitas vezes à tarde: a verdade é que ela estava exausta por passar a maior parte da noite a trabalhar.

O Serviço de Segurança de Rádio foi criado no início da guerra para detetar «transmissões clandestinas» em território britânico. O seu principal objetivo era desmascarar agentes nazis que enviavam mensagens de rádio para a Alemanha, mas em 1943 os «Ouvintes Secretos» também intercetavam «uma considerável quantidade de tráfego russo». As mensagens em código Morse eram enviadas para Bletchley Park a fim de serem decodificadas. Ao contrário dos alemães, com o seu frágil código Enigma, os serviços secretos soviéticos usavam um sistema de «cifra de utilização única», que se pensava ser impossível de decifrar. Os serviços secretos britânicos podiam não conseguir decifrar o tráfego soviético de mensagens, mas estavam determinados a travá-lo: sempre que um rádio ilegal era detetado, enviavam carrinhas de

deteção de rádio equipadas com um sofisticado equipamento de radiogoniometria para passar a pente fino a área suspeita.

«Tínhamos de contar com a possibilidade de o meu transmissor ser descoberto um dia», escreveu Ursula. Cumprindo as ordens de Moscovo, Ursula e Len treinaram um novo operador de rádio, «Tom», um mecânico que trabalhava numa fábrica de automóveis e poderia encarregar-se das transmissões numa emergência. Tom era um comunista que acreditava que estava a ajudar diretamente a causa antifascista ao auxiliar a União Soviética, aliada da Grã-Bretanha.

Essa atitude não foi rara na Grã-Bretanha durante a guerra, sobretudo nas redes informais de simpatizantes comunistas. Len revelou-se um eficaz recrutador de espões. «O meu passado como membro das Brigadas Internacionais tinha aspetos positivos», escreveria. «Abria-me portas nos círculos progressistas e liberais. Os sentimentos antifascistas mais básicos das pessoas, reforçados pelos terríveis bombardeamentos de Goering e pela enorme admiração que a União Soviética granjeava ao lutar sozinha, facilitavam a nossa tarefa. Era essencial fazer uma cuidadosa avaliação de carácter quando se estabelecia um contacto.» Um dos seus recrutas era «um velho conhecido» que lutara ao seu lado em Espanha. Mais tarde, Ursula tentaria disfarçar a identidade desse homem descrevendo-o vagamente como «químico».

É provável que o recruta de Len fosse o excêntrico cientista marxista J. B. S. Haldane, professor de Biometria na University College de Londres que foi três vezes para Espanha durante a guerra civil para auxiliar a causa republicana, onde ficou amigo de Len Beurlton. Em 1941, Haldane fazia parte da equipa de investigação subaquática ultrassecreta da marinha em Gosport. «Para além de informações relativas a operações de

desembarque de carros blindados, ele forneceu-nos um importante instrumento que era usado nos radares dos submarinos», escreveria Ursula. Quando recebeu aquele objeto, Ursula apressou-se a ir para Londres com um pedaço de giz no bolso. Passados dois dias, Sergei esperava-a no ponto de encontro a oeste de Oxford, quando ela chegou na sua velha bicicleta com uma importante peça de equipamento militar no cesto. Sobre este episódio, Ursula escreveria: «Naquela época, a tecnologia de radar era bastante nova e o Centro estava muito interessado em saber mais.»

Ao regressar de uma viagem a Londres, Ursula encontrou Len radiante e as crianças ainda acordadas num estado de extrema excitação. Pediram-lhe que fechasse os olhos e levaram-na para o abrigo de aço antiaéreo no jardim: ali, decorada com bandeiras, estava uma bicicleta novinha em folha. Len declarou que a bicicleta velha punha em «perigo a sua vida e os seus ossos» e que a nova seria útil para chegar «a diversos locais de encontros ilegais». Len não era um homem expansivo, e Ursula ficou comovida com um presente que era em parte uma demonstração de amor e em parte uma ferramenta de espionagem.

No início da primavera de 1943, com a guerra no auge e a sua rede de espionagem a trabalhar em pleno, Ursula ficou encantada com a descoberta de que estava novamente grávida aos 36 anos. Len levou algum tempo a deixar-se convencer de que deviam ter um bebé, alegando que poderia ser chamado para o serviço militar e teria de a deixar sozinha com três crianças pequenas e uma florescente rede de espiões. Porém, Ursula estava irredutível. «Eu queria um filho dele [e] quando, no fim de 1942, o Exército alemão começou a ser cercado em Estalinegrado, pressagiando a vitória (...) comecei a insistir.» Que melhor maneira de celebrar a vitória russa

que com um terceiro filho? Além disso, «os bebés proporcionavam uma boa legalização». Quantos mais filhos tivesse, menos desconfiariam dela. Como aconteceu com todas as grandes decisões da sua vida, o lado profissional, o político e o pessoal misturaram-se.

Ursula não informou o Centro de que ia ter mais um filho. Com uma rígida burocracia dominada por homens e poucas mulheres nas suas fileiras, o GRU não previa licenças de maternidade e, mesmo que elas existissem, Ursula teria recusado. O bebé e o volume de trabalho cresceram em conjunto.

Sob pressão de Estaline, o Centro começou a explorar ao máximo o seu melhor ativo. Segundo um relatório do GRU, Fuchs conseguiu fazer moldes em plasticina de várias chaves do centro de pesquisa de Birmingham, que foram depois passados, por intermédio de Ursula, a Vladimir Barkovsky, o chefe dos serviços secretos científicos e técnicos da *rezidentura* de Londres. «Com a ajuda dos duplicados das chaves, feitos pelo próprio Barkovsky, [Fuchs] conseguiu arranjar muitos documentos secretos que estavam guardados no seu cofre e nos cofres dos colegas.» Barkovsky tinha ocupado o lugar de Aptekar como o novo «Sergei» e fazia a ligação entre Ursula e os espiões «legais» na embaixada soviética: foi ele quem comunicou a Moscovo que Fuchs (com o nome de código «Rest» e mais tarde «Charles») «trabalha para nós com alegria, mas (...) rejeita a mais leve alusão a uma recompensa financeira». Por vezes, o fluxo de informações de Fuchs era tão grande que Ursula quase não conseguia acompanhar o ritmo. Num dos seus encontros, ele entregou-lhe um «grosso livro de diagramas» com mais de 100 páginas. «Envia-o depressa», disse-lhe. Ela foi novamente a Londres, fez mais uma marca de giz e teve outro encontro numa estrada rural deserta.

Em junho de 1943, Estaline entregou a Molotov uma lista com doze perguntas sobre o projeto da bomba atômica e exigiu respostas rápidas. O ministro dos Negócios Estrangeiros russo passou a lista ao diretor do GRU, o tenente-general Ivan Ilyichev, que enviou de imediato um telegrama para a *rezidentura* de Londres, ao cuidado de Sonya. No dia 28 de junho, Ursula encontrou-se com Fuchs em Banbury e entregou-lhe os «doze pedidos urgentes» de Estaline. Espiavam agora de acordo com uma lista elaborada pelo próprio líder soviético. Fuchs compilou um relato completo de todas as informações que fornecera até à data e com tudo o que sabia a respeito do projeto Tube Alloys, uma notável demonstração da sua mestria científica e, se caísse nas mãos dos britânicos, a prova mais incriminatória da sua culpa.

*

A cerca de 5600 quilómetros, em Teerão, Rudolf Hamburger continuava a sua carreira de espião com tanta energia como a ex-mulher, mas sem o sucesso de Ursula. A sua incompetência poderia ter sido cómica se não acabasse por ser trágica, com um impacto na vida de Ursula que nenhum deles poderia ter previsto. A missão de Hamburger no Irão tinha começado bem. Depois de arranjar emprego a projetar um novo edifício para o Ministério das Finanças persa, Rudi começou a reunir com perseverança informações acerca das infraestruturas rodoviárias e ferroviárias construídas pelos britânicos e pelos americanos para manterem o abastecimento dos exércitos soviéticos na frente oriental. Sempre desconfiado dos seus aliados, Estaline exigiu que os espiões descobrissem se a acumulação de forças britânicas e americanas tão perto da fronteira soviética poderia pressagiar mais intenções maléficas. «A minha tarefa», escreveu Rudi, «era monitorizar todos esses

planos e movimentos, avaliar o número de tropas e a natureza das forças militares que estavam a ser concentradas sob o pretexto de “deslocações de transporte”, sobretudo no Sul do país, onde se situam os campos de petróleo.» O Centro em Moscovo forneceu-lhe um volumoso transmissor de rádio numa caixa de alumínio, que ele escondeu, pendurado numa corda, no interior de uma chaminé que não era usada no apartamento arrendado. Durante mais de um ano, o arquiteto-espião enviou uma pequena quantidade de informações sem importância, a maioria recolhida de habitantes locais que trabalhavam para os Aliados. Graças ao clima seco de Teerão, as crises de malária que contraíra numa prisão chinesa passaram a ser menos frequentes. Até conseguiu poupar algum dinheiro, que enviou para Ursula através de um banco americano. Uma carta de Rudi chegou à Avenue Cottage pouco antes do Natal de 1942, após uma tortuosa viagem pelo sistema postal em tempo de guerra. Michael, que tinha 11 anos, ficou entusiasmado, a imaginar o dia em que o pai cumpriria a promessa de regressar. «Estava sempre à espera de que ele aparecesse, como acontecera antes. Eu amava-o muito.»

A vida de Rudi Hamburger em Teerão era solitária, mas exótica e, entre a arquitetura e a espionagem, extremamente ocupada. O seu comunismo refletia o zelo do convertido. Ele era quase feliz. Depois, como sempre, as coisas correram mal.

Ruhollah Karubian era um arménio-iraniano que trabalhava como secretário particular e tradutor para o superintendente americano do serviço ferroviário. Uma tarde, enquanto tomavam chá, Hamburger pediu-lhe sem rodeios que lhe vendesse informações secretas, declarando que «era russo e queria descobrir tudo o que fosse possível acerca das tropas e das instalações militares britânicas». Ofereceu-se para lhe «pagar

generosamente (...) por qualquer coisa relacionada com a política externa americana no Médio Oriente». Karubian não perdeu tempo a relatar aquela abordagem surpreendentemente desastrada ao chefe, que informou a segurança militar americana. Foi instalado um microfone na sala de estar de Karubian e, quando Hamburger ali se deslocou para tomar chá, um estenógrafo com auscultadores estava escondido no quarto ao lado, a tirar notas. Seguindo as instruções dos serviços secretos americanos, Karubian fingiu interesse na sua oferta e pediu-lhe pormenores. «Hamburger recusou-se com perseverança a revelar os nomes das pessoas para quem trabalhava.» No entanto, pregou-lhe um sermão sobre política internacional: «Hitler tem de ser derrotado, mas isso nunca trará o nosso trabalho. Sabes, Karubian, hoje a Inglaterra, a América e a Rússia são aliadas, mas quando a guerra terminar podem voltar a ser inimigas. O meu grupo quer recolher o maior número possível de informações. Depois da guerra, queremos que a nova ordem seja total. Temos de conhecer todas as motivações dos Aliados.» Aquilo foi suficiente para as pessoas que estavam a ouvir às escondidas. No dia 19 de abril, Rudolf Hamburger foi detido pela polícia militar americana. Uma busca ao seu apartamento resultou na descoberta de 2000 dólares em cheques de viagem e de um passaporte hondurenho falso, mas o rádio que estava escondido na chaminé não foi encontrado. «Hamburger admitiu que tinha sido apanhado em flagrante e que estava disposto a aceitar as consequências, mas não denunciaria os seus associados.» Após uma semana detido à guarda dos americanos, foi entregue às autoridades britânicas no Iraão.

O coronel Joe Spencer do Gabinete de Defesa e Segurança sabia que tinha um espião em mãos, mas não sabia que tipo de espião. O arquiteto alemão era sem

dúvida «muito inteligente e de trato fácil», mas «recusou-se terminantemente a responder a perguntas» e parecia «completamente indiferente a ameaças e a duros interrogatórios». Spencer deixou-o refletir sobre a sua situação.

Rudi Hamburger era um homem demasiado honesto e um espião demasiado incompetente para guardar segredos durante muito tempo. Privado de material de leitura e de companhia, ficou deprimido e então começou a falar. Spencer, ao estilo consagrado pelo uso dos inteligentes carcereiros, forneceu-lhe revistas, cigarros e simpática companhia. À medida que as semanas iam passando, Rudi deixou escapar alusões cada vez mais relevantes. «Ele continuou a afirmar que não trabalhava contra os Aliados e que estava apenas a recolher informações para o seu “Grupo”, mas recusou-se resolutamente a revelar pormenores. Estava bastante confiante de que o seu “Grupo” o resgataria. Esperava que lhe arranjassem um bom emprego como arquiteto-engenheiro. Se isso não acontecesse, voltaria para a China.»

Por fim, em agosto, reconheceu que estava a trabalhar para «um aliado».

Spencer riu-se: «Há 25 Nações Unidas e não pode esperar que vá perguntar a todas.»

«Vou dar-lhe uma pista», declarou Hamburger. «Que outro aliado para além dos britânicos e dos americanos está interessado nos transportes na Pérsia?»

No dia seguinte, após quatro meses de detenção, Rudi disse a verdade: «Admitiu que era um agente profissional dos russos há muito tempo e que continuaria a ser. Alegou que a sua missão era a recolha de informações sobre as intenções políticas dos Aliados, especialmente obtidas através de oficiais das forças armadas. Reconheceu que tinha feito asneira com Karubian.» Rudi sugeriu a Spencer

que ligasse para as autoridades soviéticas para comprovar a sua história. «Mas prometa-me que não dirá que fui eu que sugeri, porque o meu futuro depende disso.»

Spencer entrou em contacto com o adido militar soviético, que passados três dias confirmou que «Hamburger estava a trabalhar para os russos e pediu que ele lhes fosse entregue».

Para o coronel Spencer, aquele assunto estava encerrado. «Entregámo-lo aos russos pela calada da noite numa estrada deserta, rodeados de todo o mistério do mais dramático filme de espionagem. Foi um caso simples — a apreensão de um incompetente agente aliado e a sua entrega sem problemas.» Rudi também acreditava que o futuro não lhe teria problemas. «Hamburger parecia muito confiante de que quando fosse entregue aos russos eles não lhe fariam nada. Disse que continuaria a trabalhar como agente, provavelmente noutro país.»

Os britânicos e os americanos tinham agora um volumoso dossiê sobre Rudi Hamburger e a prova de que o primeiro marido de Ursula Kuczynski era um espião soviético confesso. Ursula e Rudi podiam estar divorciados e a milhares de quilómetros de distância um do outro, mas as suas histórias, e os seus destinos, continuavam inextricavelmente ligados. Ele representava um perigo de somenos enquanto espião, a não ser para a ex-mulher.

Rudolf Hamburger viajou de avião para Moscovo no fim de agosto, convencido de que receberia, se não um acolhimento de herói, pelo menos uma simpática e compadecida palmadinha nas costas e uma nova missão. Como antes, quando «os amigos» o tinham tirado de uma prisão chinesa, talvez o Centro o mandasse para outra confortável cura de descanso antes de lhe ser atribuída uma nova missão. Afinal de contas, «tinha demonstrado uma notável persistência, empenho e lealdade ao longo dos anos». Rudi estava convencido de que até poderia ser promovido.

Não podia estar mais enganado.

Analisado através da lente da paranoia soviética, Rudolf Hamburger era não apenas incompetente, mas extremamente suspeito.

Dois dias depois de chegar a Moscovo, foi preso, acusado de trabalhar para os serviços secretos americanos ou britânicos e «detido para investigação», um eufemismo para encarceramento indefinido e interrogatórios sem julgamento. Livrara-se dos britânicos com demasiada facilidade. «As circunstâncias da libertação de Hamburger no Irão originaram a desconfiança de que ele fora recrutado por uma agência estrangeira de serviços secretos.» Pela lógica perversa das perseguições comunistas, os protestos de inocência de Rudi só confirmavam a sua culpa. «Foste comprado pelos nossos inimigos e vieste espiar para eles», insistiu o interrogador. «Sim, tornaste-te um espião (...) vá lá, vá lá, seu espião sujo, admite que eles te compraram. Tornaste-te um espião. Confessa.» O seu pedido de um advogado foi ignorado. «Fazem-nos ficar acordados durante 24 horas, com fome e num estado de enorme tensão», escreveria ele. «Se ao menos pudéssemos não pensar em nada e dormir. A comida é horrível (...) a fome é uma tortura terrível.» A sua saúde deteriorou-se rapidamente. Em poucos meses, emagreceu 20 quilos.

Não houve um julgamento formal, apenas um veredito: Rudolf Hamburger era um «elemento socialmente perigoso», culpado de crimes políticos ao abrigo do Artigo 58.º do código penal, e foi condenado a cinco anos de prisão. O Centro não interveio. O sucesso da sua ex-mulher como oficial dos serviços secretos soviéticos não foi tido em conta. «Sendo estrangeiro, o meu caso é claro: espião inimigo. Eles rotulam-me como adversário, como traidor, e isto é mais difícil de suportar que a cela da prisão e a fome.» Como muitos outros, foi engolido pela

grande goela do *gulag* russo, mais um inocente inimigo do povo. A descida de Rudolf Hamburger ao inferno tinha começado.

*

Aproximadamente na altura em que Rudi foi preso, Ursula Beurton foi promovida a coronel, a primeira mulher a subir tão alto nos serviços secretos militares soviéticos. Mas não foi informada da promoção. A relação entre a espia e os seus coordenadores, como todas as relações de espionagem, funcionava numa base de «informações essenciais»: Moscovo decidiu que Sonya não necessitava de saber que patente alcançara nem que o pai do seu filho mais velho era agora um prisioneiro do regime que ela servia.

«Mrs. Beurton» de Avenue Cottage, em Summertown, passou o inverno de 1942 a pedalar por Oxford na sua bicicleta nova, a recolher rações de guerra, a cuidar dos filhos e do marido e a seguir a evolução da guerra. Era educada, simples e inócua, mais uma banal dona de casa a remediar-se com o que tinha, a contribuir para a vitória ao cultivar a sua horta nas traseiras de casa. Enquanto esperava o seu bebé, costurou uma nova capa para o selim da bicicleta, «margaridas num fundo verde». Dava-se bem com as vizinhas e de vez em quando tomava chá com Sissie Laski na casa principal. Nina frequentava o infantário em Summertown e entrou para as escoteiras. O sotaque alemão de Ursula diluiu-se ainda mais. Desenvolvia uma genuína afinidade com os britânicos, admirando a sua teimosa fé na certeza de uma vitória definitiva. Como todos os ideólogos, via a guerra através do prisma da sua política: «O povo britânico era solidário com a União Soviética.»

As quatro irmãs de Ursula casaram-se com ingleses e radicaram-se na Grã-Bretanha. Berta sentia saudades da antiga vida na Alemanha, mas aceitou que a Grã-Bretanha

passara a ser a casa permanente da família. Alice, a irmã de Robert e a tia que Ursula adorava, e o marido, o ginecologista Georg Dorpalen, ficaram em Berlim até ao fim. No dia 22 de setembro de 1942, Alice escreveu para Gertrude, a governanta de quem tanto gostava: «Chegou o momento de me despedir e agradecer-te do fundo do coração a amizade e a ajuda que nos deste em tempos difíceis (...) O meu marido está maravilhosamente calmo e estamos prontos para enfrentar o nosso complicado destino. Se ao menos conseguirmos sobreviver.» Três dias depois, os Dorpalen foram levados e mandados para o campo de concentração de Theresienstadt, onde seriam assassinados. Ursula admirava a coragem do tio Georg, mas não podia deixar de perguntar a si mesma: «Também foi corajoso não ter seguido o conselho do meu pai quando Hitler subiu ao poder e ter ficado na sua pátria alemã, que ele amava?»

Apesar de um patriotismo crescente pelo país adotivo, Ursula espiava a Grã-Bretanha sem uma palavra de protesto nem sendo assaltada pela mais pequena sombra de dúvida. Cada vez mais impaciente para receber a convocatória para o serviço militar, Len estava preparado para lutar pela Grã-Bretanha ao mesmo tempo que espiava para a União Soviética. Nenhum deles considerava que havia um conflito de interesses. O partido e a revolução estavam em primeiro lugar, e ao defender o comunismo Ursula acreditava que estava a ajudar a Grã-Bretanha, desejassem os britânicos esse tipo de ajuda ou não. Anos mais tarde, ela insistiria: «Teríamos refutado qualquer sugestão de que nós, ou os camaradas [britânicos] que trabalhavam connosco, estávamos a trair a Grã-Bretanha.» Ela podia não se considerar uma traidora do país que adotara, mas era assim que a maioria dos bretões a teriam visto; e há alguma coisa no tom defensivo que reflete o seu desconforto. Como sempre, fez amigos com facilidade. No entanto, estava a enganar cada

um deles. Ursula acreditava que era possível ser uma espia soviética e uma lealista britânica. O MI5 não concordava.

Mrs. Beurton da Avenue Cottage bebia chá com as vizinhas, queixava-se com elas da escassez de bens e concordava que a guerra tinha de terminar em breve. Nina desenhou uma enorme bandeira do Reino Unido e pô-la na janela. Michael e os amigos brincavam às batalhas e os britânicos «derrotavam sempre os hunos». Ursula doou algum dinheiro ao Movimento Nacional de Poupanças para ajudar a financiar o esforço de guerra.

Entretanto, a coronel Kuczynski do Exército Vermelho dirigia a maior rede de espiões da Grã-Bretanha: o seu género, maternidade, gravidez e vida doméstica aparentemente banal constituíam a camuflagem perfeita. Os homens simplesmente não acreditavam que uma dona de casa que fazia o pequeno-almoço com ovo em pó, preparava os filhos para irem para a escola e depois ia passear de bicicleta para o campo podia ser uma excecional espia. Ursula aproveitava implacavelmente a vantagem natural do seu género.

Apenas uma mulher teria conseguido perceber o disfarce de Ursula. Na secção de contrainformação do MI5 trabalhava apenas uma mulher.

E tinha Ursula debaixo de olho.

Milicent do MI5

Miss Milicent Bagot era o tipo de inglesa que enche de medo os corações de desconhecidos, de crianças e de gerentes de bancos, e tende a ser descrita como «impressionante» — código para solteirona, sem sentido de humor e um pouco assustadora. Uma das raras mulheres do MI5 e a primeira a alcançar um cargo superior, era muitíssimo inteligente, dedicada, profissional e, quando a ocasião exigia, causticamente rude. Usava óculos austeros e não tolerava imbecis. Na verdade, os imbecis raramente ficavam na dúvida do que eram. Filha de um solicitador londrino, foi educada por uma precetora francesa até aos 12 anos e depois frequentou o liceu de Putney antes de seguir Estudos Clássicos na Lady Margaret Hall, em Oxford. Em 1929, aos 22 anos, entrou para o Special Branch da Scotland Yard como temporária na secção de contrassubversão. Quando aquela divisão foi transferida para o MI5, em 1931, Bagot seguiu também viagem e começou uma longa carreira no Serviço de Segurança. Vivia com a sua ama em Putney e usava chapéu dentro de casa. Todas as terças-feiras às 16h45, com guerra ou sem guerra, saía do escritório para cantar no Coro Bach (era contralto, e frequentemente *fortissimo*). «Atribuía grande importância aos procedimentos e era uma colega difícil, com opiniões fortes», foi o veredito de um colega. «Era rigorosa e exigente, e não disfarçava o desprezo por pessoas intelectualmente menos dotadas que ela.» No escritório,

Bagot era conhecida como «Millie», mas nunca, jamais, à sua frente. O agente traidor do MI5 Peter Wright escreveu: «Ela era um bocado tresloucada, mas tinha uma extraordinária memória para factos e dossiês.» Os colegas escondiam-se quando Milicent percorria o corredor a falar alto, mas ninguém duvidava das suas capacidades. Até o diretor do FBI, J. Edgar Hoover, que não era um admirador do MI5 nem das mulheres, lhe escreveu uma carta pessoal de louvor. Embora tivesse uma personalidade totalmente diferente da de Ursula, ela era o seu oposto e a sua dupla: era extremamente qualificada e dedicada ao seu trabalho, não se deixava intimidar pelos homens e era tão firme nas suas convicções anticomunistas como Ursula estava empenhada no comunismo. Bagot acabaria por alcançar a imortalidade literária ao servir de modelo a Connie Sachs, a excêntrica e obsessiva solteirona dos romances de John Le Carré.

Ninguém na Grã-Bretanha sabia mais acerca da ameaça interna do comunismo que Milicent Bagot.

Em 1941, o MI5 criou a «Divisão F» especificamente para combater as atividades subversivas. A secção anticomunista, a F2c, era em teoria dirigida por um oficial veterano, Hugh Shillito, mas este tinha apenas «um vago papel de supervisão porque se considerava que era melhor ter um homem à frente do departamento». No entanto, havia poucas dúvidas de que era Milicent quem usava calças na unidade de caça aos comunistas. «Miss Bagot é um personagem verdadeiramente notável. Trabalha no problema comunista há mais de vinte anos e possui um verdadeiro conhecimento enciclopédico sobre o assunto (...) [Ela é] o elemento mais valioso de toda a divisão.» Este caloroso elogio foi feito pelo diretor-geral da Divisão F e chefe direto de Bagot: Roger Hollis, o antigo executivo de uma empresa tabaqueira que se relacionava com os círculos comunistas em Xangai na década de 1920, na mesma altura que Ursula. Os papéis

contrastantes desempenhados por Milicent Bagot e Roger Hollis no caso Sonya dariam origem a uma das teorias da conspiração mais longas e mais prejudiciais da história britânica.

Milicent Bagot começou a vigiar a família Kuczynski desde o momento em que eles chegaram à Grã-Bretanha e opôs-se veementemente à libertação de Jürgen Kuczynski quando este foi detido por razões de segurança. «Temos muitas informações sobre este homem que indicam que desempenha um papel ativo na propaganda antibritânica, mas não está a ser fácil convencer o Ministério da Administração Interna», escreveria ela para o MI6. Os dossiês da Divisão F descreviam Jürgen como «um comunista extremista e fanaticamente pró-Estaline. É um dos propagandistas mais brilhantes e perigosos de Moscovo. Pensa-se que é um ilegal em contacto com os serviços secretos soviéticos». Quando Ursula Kuczynski solicitou um passaporte britânico, foi Bagot quem referiu que havia dossiês sobre ela e o pai, e que o casamento com Len Beurton era quase de certeza um esquema para obter a cidadania britânica. Alertou a polícia de Oxford quando os Kuczynski se instalaram naquela cidade em 1941 e reexaminou as cartas que Ursula tinha enviado para a família quando viveu na Suíça entre 1938 e 1941, que tinham sido intercetadas e fotografadas.

Dizia-se que Milicent «conseguia detetar um suspeito a uma légua de distância» e, no caso dos Kuczynski, tinha a família inteira debaixo de olho. Ursula estava na mira de Milicent Bagot, mas foi Len, o homem da casa e, presumivelmente, a maior ameaça, que começou por atrair mais suspeitas.

Poucas semanas depois de os Beurton se mudarem para a Avenue Cottage, um polícia bateu-lhes à porta e convidou educadamente Len para ir a Londres «no dia que fosse mais conveniente» para uma reunião com «agentes de segurança». Len não ficou preocupado. Como

colaborara com os serviços secretos britânicos em Genebra, esperava que fosse algum tipo de proposta ou talvez até uma oferta de emprego. Desmond Vesey do MI5 e Arnold Baker do MI6 esperavam-no na Sala 055 do Gabinete de Guerra (onde o MI5 realizava as reuniões externas) quando Len chegou no dia 18 de setembro de 1942. «Há diversos aspetos estranhos na história de Beurton», referiu o MI5: a declaração de Ursula de que o marido estivera a convalescer na Suíça quando ele próprio não referira o facto de ter padecido de tuberculose; a suposta herança de uma grande quantia em numerário, deixada por parentes franceses; a antipatia por pessoas que ocupavam cargos de autoridade; e a «atitude esquiva». Os dois funcionários crivaram-no de perguntas, mas passadas várias horas deixaram-no voltar para casa. «Em termos globais, Beurton causou boa impressão», escreveria Vesey.

Todavia, Milicent Bagot e os seus sabujos não estavam dispostos a deixar as coisas neste pé. No dia seguinte, obtiveram um mandado para intercetar a correspondência dos Beurton com o fundamento de que «este homem regressou recentemente da Suíça, onde se pensa que esteve em contacto com agentes de uma potência estrangeira», escreveu Hugh Shillito, o chefe nominal de Bagot e subdiretor *de facto*. «Na minha opinião, a história sugere muitas possibilidades interessantes. Na Suíça, Beurton pode ter estado envolvido em espionagem para a URSS contra a Alemanha. É sabido que os russos usaram as Brigadas Internacionais para recrutar agentes secretos.»

O MI5 enviou um memorando para o agente de segurança de Oxford: «Por favor, ponha a polícia a fazer discretas averiguações (...) se Beurton viaja, quando e para onde, quem são os seus amigos e como ocupa o tempo.» A polícia respondeu que «a casa é um tanto

isolada e eles parecem ter pouco contacto com vizinhos (...) aparentemente, vivem com muito conforto e pagam 4½ guinéus de renda por semana» — uma soma considerável tendo em conta que nenhum deles trabalhava, nem possuem outra fonte conhecida de rendimentos. No entanto, o inspetor-detetive Arthur Rolf da Polícia do Vale do Tamisa referiu uma característica de Avenue Cottage que o intrigara: «Têm um aparelho de rádio bastante grande e há pouco tempo colocaram um poste especial para a antena.» Aquela informação vital foi transmitida ao MI5 em janeiro de 1943, numa altura em que Ursula trabalhava intensamente com Klaus Fuchs e transmitia para Moscovo pelo menos duas vezes por semana. Além disso, segundo um funcionário superior do Serviço de Segurança de Rádio, os intercetores tinham identificado um transmissor clandestino de rádio a operar algures na área de Oxford. Um memorando no dossiê do MI5 referente aos Beurton diz claramente: «O ponto mais interessante parece ser a [sua] posse de um grande aparelho de rádio e talvez considerem que isto merece uma investigação mais minuciosa.»

Mas Roger Hollis, o diretor da Secção F e o superior imediato de Milicent Bagot, não achou que o poste da antena devia ser investigado. Também ignorou as outras pistas de que a vida em Avenue Cottage não era o que parecia. De igual modo, Hollis achou que não valia a pena investigar Klaus Fuchs. O que parecem agora pistas óbvias que deviam ter levado diretamente a Ursula foram ignoradas repetidas vezes por Hollis.

A teoria de que Roger Hollis era um espião soviético recrutado por Richard Sorge em Xangai e infiltrado nos serviços secretos britânicos foi aventada pela primeira vez em 1981 e mantém-se desde então, recusando-se a desaparecer apesar de repetidos desmentidos oficiais. Depois de entrar para o MI5 em 1937, Hollis foi sucessivamente promovido até se tornar diretor-geral em

1956, um cargo que ocuparia até se reformar nove anos mais tarde. Os seus acusadores reivindicam que a posição que ocupava lhe permitiu proteger inúmeros espões soviéticos na Grã-Bretanha, incluindo Ursula, o que alimentou deliberadamente a teoria da conspiração. No fim da vida, ela negou conhecer Hollis de Xangai, mas refletiu: «Era possível que houvesse alguém no MI5 que estava a trabalhar para a União Soviética e a proteger-nos ao mesmo tempo?» Até hoje, o MI5 rejeita terminantemente essa possibilidade e no seu *website* insiste que as alegações contra Hollis «foram investigadas e consideradas infundadas».

Todavia, o padrão das ações de Hollis — ou, mais concretamente, inações — em relação a Ursula Beurton, a Jürgen Kuczynski e a Klaus Fuchs é, no mínimo, estranho. Em 1940, quando Milicent Bagot fazia campanha para manter Jürgen detido, Hollis declarou que «não acredito que Kuczynski seja um agente da OGPU [os serviços secretos soviéticos]», uma opinião corroborada pelo diretor do MI5 com a justificação de que Hollis «conhece Kuczynski pessoalmente». (A natureza desta relação pessoal nunca foi estabelecida.) Segundo o escritor e jornalista Chapman Pincher (o incansável acusador de Hollis), quando a embaixada americana pediu ao MI5 para elaborar uma lista de comunistas estrangeiros radicados no Reino Unido, os Kuczynski não estavam incluídos. Hollis também não se mostrava disposto a perseguir Fuchs. «Miss Bagot parece ter destacado imediatamente o caso de Fuchs», escreve o biógrafo mais recente do físico, mas Hollis mostrava-se «particularmente tranquilo» em relação à potencial ameaça que ele representava. O facto de Hollis ser amigo de Neville Laski, em cuja casa de campo Ursula estava a viver com uma grande antena de rádio por cima da cabeça, pode não ser coincidência.

Paul Monk, o herdeiro do falecido Chapman Pincher

como principal acusador nesta saga, escreve que, enquanto diretor da Secção F, Hollis boicotou de forma consistente os esforços da secção de Bagot para investigar Ursula Beurton, o seu marido, a sua família e o seu principal agente, Klaus Fuchs: «Bagot já seguia a pista de SONIA [sic] em 1940 (...) Foi Hollis quem boicotou as suas sugestões para que SONIA fosse tratada com desconfiança e mantida sob vigilância (...) Bagot suspeitava das movimentações de SONIA, tendo em conta os seus antecedentes conhecidos, mas foi ignorada por Hollis (...).»

Há apenas duas formas de interpretar o comportamento de Hollis: ou era um traidor, ou um idiota. Para se esconder no seio do MI5 durante quase trinta anos enquanto protegia uma enorme quantidade de espões soviéticos sem se trair, teria de ser um espião de rara agilidade intelectual. Ninguém atribuiria aquela qualidade a Roger Hollis. Ele era um burocrata trabalhador e ligeiramente mole, totalmente falho de imaginação. Mentir é fácil. Manter uma panóplia de mentiras, de ocultação de factos e de falsas pistas durante anos, e recordar-se de todos, é exceccionalmente difícil. Até Kim Philby, com o seu sobrenatural talento para o engano, deixou pistas que acabaram por expô-lo. Hollis não estava equipado com esse tipo de capacidades. Atualmente, muitas provas sugerem que Hollis não era traidor, mas incompetente. Na realidade, ele era bastante limitado.

No dossiê do MI5 sobre Ursula há um bilhete, escrito por Hollis em resposta a uma inquirição do FBI, que resume na perfeição a sua atitude: «Mrs. Burton parece dedicar o seu tempo aos filhos e às tarefas domésticas (...) não lhe é conhecida nenhuma ligação política.» Como tantos outros, Hollis não conseguia ver Ursula pelo que ela era na realidade, por ela ser mulher.

No dia 19 de agosto de 1943, no Canadá, Churchill e Roosevelt assinaram o Acordo do Quebeque, um pacto secreto para a colaboração no desenvolvimento da bomba atômica. Os Estados Unidos e a Grã-Bretanha também concordaram que não usariam esta tecnologia um contra o outro, nem contra um terceiro país, sem acordo mútuo, e que não informariam Estaline sobre o que estavam a fazer. Este vasto projeto industrial implicaria a construção de reatores nucleares, fábricas de difusão e uma injeção de fundos em grande escala e conhecimentos especializados americanos. Os cientistas britânicos participariam no Projeto Manhattan, mas como sócios minoritários. Para se garantir a segurança e manter o projeto fora do alcance dos bombardeiros alemães, o programa teria a sua sede nos Estados Unidos — e Klaus Fuchs seguiria também viagem. Crucial para o acordo anglo-americano foi a decisão de manter todos os aspetos do projeto da bomba atômica secretos para a União Soviética — mais uma prova de que, embora os Aliados lutassem do mesmo lado, os seus caminhos históricos eram muito diferentes.

Há quem afirme que Moscovo soube por intermédio de Ursula do acordo secreto do Quebeque apenas dezasseis dias depois da assinatura. Vladimir Lota, o escritor dos serviços secretos russos, a citar fontes «interditas a outros investigadores», escreve: «No dia 4 de setembro, U. Kuczynski comunicou ao Centro informações sobre os resultados da conferência do Quebeque.»

O acordo do Quebeque foi um segredo muito bem guardado e continua a ser um mistério a forma como Ursula teve conhecimento (se é que teve). É quase certo que Fuchs não fazia ideia. Talvez esta amálgama de informações secretas tenha vindo através de Jürgen ou Robert Kuczynski, por intermédio de um dos seus contactos políticos britânicos. Porém, também é possível que a asserção de que Ursula passou esta informação seja

falsa, forjada muito depois do acontecimento como propaganda para a apresentar, e ao GRU, à melhor luz possível. A própria Ursula nunca afirmou que tinha enviado o conteúdo do acordo do Quebeque no dia 4 de setembro. Contudo, pouco depois dessa data, grávida de oito meses, foi para Londres no meio de uma tempestade com chuva torrencial para se encontrar com «Sergei» (provavelmente Barkovsky). «Ele tinha uma mensagem especial do diretor, a elogiar-me por um relatório que eu tinha enviado», escreveria ela. «O diretor tinha dito: “Se tivéssemos cinco Sonyas em Inglaterra, a guerra acabaria mais cedo.”» É possível que o louvor (excessivo pelos padrões do GRU) se devesse a um relatório de Ursula a informar Moscovo de que a Grã-Bretanha e os Estados Unidos tinham começado formalmente a trabalhar juntos para fabricar a bomba à revelia da União Soviética.

Ursula estava a fazer compras na mercearia de Summertown quando entrou em trabalho de parto. Às 15h00, no Hospital Radcliffe em Oxford, deu à luz um menino três semanas prematuro. Às 17h00 estava sentada na cama, a escrever para a mãe: «Às 12h45 ainda andava a fazer compras. E agora o bebé já tem duas horas de vida. Como vê, foi muito fácil.» Len estava numa reunião com os serviços secretos soviéticos em Londres e só chegou ao hospital ao fim da tarde. Contemplou o minúsculo recém-nascido que Ursula tinha nos braços durante vários minutos e depois declarou: «Nunca te vi tão feliz. Pareces duas Sonyas.»

Peter Beurton nasceu no dia 8 de setembro de 1943. Alguns dias antes, a mãe pode ter passado um segredo para a União Soviética que daria início à Guerra Fria; o pai tinha passado o dia inteiro numa reunião ilegal com o seu controlador russo e, ao ver a mãe do seu filho algumas horas após o parto, dirigiu-se a ela pelo nome de código. Poucas horas depois, a mãe estava de volta ao trabalho, a espiar como de costume.

Em todos os outros aspetos, o nascimento de Peter foi perfeitamente normal.

*

Klaus Fuchs foi um dos 17 cientistas a trabalhar na Grã-Bretanha que foram selecionados para colaborar no Projeto Manhattan. Fuchs estava envolvido na investigação britânica de armas atómicas desde o primeiro momento, e Peierls insistiu em levar o seu talentoso colega. Antes de os cientistas poderem partir para a América, o general Leslie Groves, o diretor do Projeto Manhattan, exigiu «garantias de que todos foram devidamente investigados e aprovados». Uma verificação de rotina dos antecedentes de Fuchs concluiu que este era «um cavalheiro, inofensivo e um típico académico (...) tão absorto no trabalho de investigação que tinha pouco tempo para se envolver em política». O próprio Hollis despachou a papelada para que Fuchs se tornasse cidadão britânico em julho de 1942 — «não há objeção a este pedido». Como possuía cidadania britânica, Fuchs tinha direito legal a uma autorização de saída e a um visto de não imigrante para os Estados Unidos. A única objeção foi colocada pela incansável Milicent Bagot, que escreveu um brusco bilhete a queixar-se de que não fora informada de que Fuchs já era britânico: «Sabíamos que a sua naturalização estava a ser analisada, mas [não que] era um facto consumado.»

Ursula Beurton recebeu a incumbência de garantir que na América Fuchs poderia manter o fluxo de segredos atómicos para Moscovo, agora no seio do Projeto Manhattan. Inicialmente, o físico trabalharia na Columbia University em Nova Iorque e o Centro encarregou Ursula de identificar um ponto de encontro na cidade e fornecer a Fuchs um conjunto de sinais, horas e uma senha para facilitar o contacto com os serviços secretos soviéticos. Ursula desenterrou das suas recordações de juventude um

local de encontro: escolheu o Henry Street Settlement, a pensão para imigrantes dirigida por Lillian Wald, onde vivera em 1928 quando tinha 21 anos e trabalhava numa livraria.

Pouco antes do dia da partida de Fuchs, o Centro enviou uma mensagem: «Sonya. Recebi o seu telegrama sobre a partida de Otto para a América. Os locais e condições dos encontros em Nova Iorque são claros. Transmita a Otto os nossos agradecimentos pela ajuda e dê-lhe 50 libras de presente. Diga-lhe que pensamos que o seu trabalho connosco num novo lugar será tão produtivo como em Inglaterra.»

Fuchs continuaria a espiar quase ininterruptamente: mas noutro país, com um novo controlador e para um ramo diferente dos serviços secretos soviéticos.

A rivalidade entre espões civis e militares da Rússia era, e continua a ser, intensa. O NKVD tinha evoluído para o NKGB e pouco tempo depois tornar-se-ia o KGB, a maior e mais temida agência de serviços secretos do mundo, com as vertentes de recolha de informações de espionagem, de serviço de segurança e de polícia secreta. Em teoria, a espionagem militar era da exclusiva responsabilidade do GRU; na realidade, o KGB, sob o comando de Vsevolod Merkulov, um membro da «máfia georgiana» de Estaline, não reconhecia limites ao seu poder. Merkulov foi um dos primeiros combatentes da Guerra Fria, com uma antipatia especial pela Grã-Bretanha capitalista. «Mais cedo ou mais tarde, haverá um choque entre o Urso comunista e o Buldogue ocidental», declarou. «Virá o tempo em que os nossos cavalos beberão no Tamisa!»

O KGB dirigia uma extensa rede de espões no Reino Unido e em 1943 identificou Fuchs como um potencial alvo a recrutar, mas foi informado de que ele era agente do GRU há quase dois anos. O KGB não gostava de estar em segundo plano em relação ao seu homólogo militar e

em agosto de 1943, quatro meses depois de Merkulov ser nomeado, lançou uma operação de tomada de poder. Os «espiões atômicos» que trabalhavam para o GRU foram transferidos em bloco para o KGB. Enormes, a operação de infiltração no Projeto Manhattan, estava sob o controle de Merkulov. Embora não soubesse, Fuchs passou a ser um espião do KGB.

No dia 5 de fevereiro de 1944, Klaus Fuchs parou na esquina em frente ao Henry Street Settlement, no Lower East Side, com um livro verde numa das mãos e uma bola de ténis na outra, exatamente como Sonya dissera. Às 16h00 em ponto surgiu um homem corpulento com um par de luvas calçadas e a segurar um segundo par na mão esquerda. Passado um minuto, atravessou a estrada, aproximou-se de Fuchs e perguntou: «Pode indicar-me o caminho para Chinatown?»

«Penso que Chinatown fecha às cinco horas», respondeu Fuchs como estava combinado.

O homem apresentou-se como «Raymond». O seu verdadeiro nome era Harry Gold. Gold era químico, comunista e espião soviético, o sucessor de Ursula do outro lado do Atlântico. Os dois homens dirigiram-se para o metropolitano e apanharam um comboio para a parte alta da cidade e depois um táxi para o restaurante Manny Wolf, na Terceira Avenida. Mais tarde, Gold faria um relatório para o KGB: «Ele tem cerca de 1,75 metros de altura, é magro, de complexão pálida e no princípio estava muito reservado (...) é óbvio que já trabalhou para nós antes e tem plena consciência do que está a fazer.» O local de encontro que Ursula escolhera era «ideal», escreveu Gold, e «maravilhosamente deserto», um lugar onde «ninguém prestaria atenção a duas pessoas que se aproximam e começam a conversar» — mesmo que um deles segurasse uma bola de ténis e o outro tivesse quatro luvas.

Assim teve início a fase seguinte da odisseia de

espionagem de Fuchs, durante a qual ele assistiria ao primeiro teste da bomba atômica no deserto do Novo México e passaria o segredo da sua construção a Moscovo. Antes de o passar para o KGB, o Centro fez uma avaliação do seu desempenho: «Enquanto trabalhou para os serviços secretos do Exército Vermelho, Fuchs transferiu importantes informações referentes aos cálculos teóricos da divisão do átomo de urânio e à criação de uma bomba atômica (...) Total recebido de Fuchs durante o período de 1941-1943: mais de 570 folhas de valiosas informações.»

Fuchs estava fora das mãos de Ursula. Mas não estava fora da sua vida. O cientista alemão conhecera pouco acerca da «rapariga de Banbury» enquanto tinham espiado juntos, mas sabia o suficiente para a destruir. O espião atômico era o maior triunfo da coronel Sonya e, potencialmente, a sua Némesis, uma bomba por explodir com um detonador de ação retardada.

Operação Martelo

No fim de junho de 1944, Ursula recebeu uma mensagem de Jürgen a pedir-lhe que fosse a Londres com urgência. Enquanto passeavam em Hampstead Heath, o irmão explicou-lhe que acabara de receber uma visita inesperada de um jovem agente dos serviços secretos americanos que lhe pedira ajuda para recrutar espiões que seriam largados de paraquedas na Alemanha nazi. Os americanos procuravam especificamente exilados alemães a viver em Londres que se opunham a Hitler e estariam dispostos a realizar operações de recolha de informações no interior do Terceiro Reich. «Conhece alguém nessas condições?», perguntara-lhe o sério americano. Jürgen conhecia várias pessoas que estariam dispostas a isso. E a irmã também. Logo que chegou a Oxford, Ursula enviou uma mensagem para o Centro.

O tenente Joseph Gould do Exército dos Estados Unidos era um agente publicitário da indústria cinematográfica, um sindicalista e um recruta recente dos serviços secretos americanos. Um imprudente nova-iorquino de 29 anos, era entusiasta, patriótico e excessivamente imaginativo, com um sentido teatral muitíssimo apurado. Gould era o realizador do seu próprio filme de espionagem. Os relatórios que escrevia pareciam guiões de filmes de Hollywood.

Quando a América entrou na guerra, Gould alistou-se no ramo dos serviços secretos do Exército dos Estados Unidos e foi enviado para a Grã-Bretanha logo após o Dia

D com uma missão específica.

O Gabinete de Serviços Estratégicos (OSS, Office of Strategic Services), o precursor da CIA, tinha sido criado em 1942 para coordenar as operações de espionagem militar atrás das linhas inimigas. O OSS incluía a Unidade de Informações, e dentro desta unidade havia a Secção Trabalhista, que se dedicava a usar as organizações sindicalistas clandestinas europeias para recolha de informações. Hitler tentara esmagar o movimento trabalhista alemão, mas alguns grupos sindicais organizados tinham sobrevivido, um núcleo de resistência clandestina ao fascismo. Enquanto os Aliados cercavam o Terceiro Reich de leste e oeste, os serviços secretos americanos estavam sedentos de informações estratégicas acerca da produção militar e industrial da Alemanha. Os trabalhadores encontravam-se numa posição única para as fornecerem. «Podemos aproveitar o ódio que os membros do movimento trabalhista europeu sentem por Hitler», escreveu Arthur Goldberg, o advogado nova-iorquino e futuro presidente do Supremo Tribunal que dirigia a Secção Trabalhista. Milhares de sindicalistas alemães perseguidos tinham fugido para o estrangeiro e muitos deles radicaram-se na Grã-Bretanha. Se alguns desses exilados antinazis fossem introduzidos clandestinamente na Alemanha como espiões, poderiam estabelecer contacto com os grupos trabalhistas dissidentes, uma rede de espionagem já montada, e conseguir acesso a informações vitais sobre as defesas, a produção industrial e militar, a política e o moral do povo alemão.

Assim nasceu o plano do OSS que recebeu o nome de código «Fausto»: uma equipa de «bons» alemães seria recrutada e treinada no Reino Unido, equipada com a mais recente tecnologia de comunicações e lançada de paraquedas na Alemanha, onde se instalariam, estabeleceriam contacto com os movimentos dos trabalhadores e começariam a transmitir informações que

preparariam o palco para o último ato da guerra. Não seria fácil encontrar pessoas dispostas a ser lançadas de paraquedas às cegas no meio da Alemanha de Hitler «sem comissões de receção, esconderijos ou amigos», mas, com o seu conhecimento dos sindicatos e a sua enorme energia, Joe Gould era o homem certo para tentar essa façanha.

Gould chegou a Londres no dia 13 de junho de 1944 e começou a trabalhar no recrutamento para a Operação Fausto. Num inspirado palpite, foi a uma livraria em New Bond Street que vendia livros em segunda mão e era especializada em livros estrangeiros, um local de encontro de emigrados. O proprietário, Morris Abbey, «gostou imediatamente» do «jovem tenente do exército de rosto redondo e óculos» que entrou na livraria e declarou — como se pedisse uma coleção de livros raros — que andava em busca de alemães antinazis. O livreiro disse-lhe que um dos seus clientes habituais era um líder da comunidade de expatriados alemães e um membro fundador da Liga de Cultura Alemã Livre, uma ramificação do Movimento da Alemanha Livre — uma vaga afiliação de exilados unidos na oposição a Hitler. Abbey deu-lhe o número de telefone do Dr. Jürgen Kuczynski. Alguns dias mais tarde, Gould estava a tomar chá em Hampstead com um «homem magro no início da meia-idade», que lhe explicou que «procurava agentes capazes de levar a cabo missões delicadas e extremamente perigosas em território alemão». No instante em que o jovem americano saiu, Jürgen entrou em contacto com a irmã.

Diz a lenda alemã que Fausto é um homem disposto a abdicar da sua alma em troca de conhecimento ilimitado. O seu desejo é concedido quando faz um pacto com o Diabo.

A ambição de todos os coordenadores de espões é infiltrar um espião nos serviços secretos do inimigo. Os

soviéticos tinham conseguido esta proeza no MI6 com Kim Philby e no MI5 com Anthony Blunt. Aqui estava a oportunidade de Ursula introduzir não apenas um dos seus agentes, mas vários, no seio dos serviços secretos americanos, numa missão ultrassecreta. Seguindo as instruções de Moscovo, elaborou uma lista de comunistas alemães de confiança radicados na Grã-Bretanha que estariam dispostos a trabalhar como espiões para os americanos, mas também a transmitir todas as informações ao Centro. Os espiões envolvidos na Operação Fausto seriam agentes dos serviços secretos americanos a espiar na Alemanha nazi, mas na realidade eram agentes duplos a trabalhar para Ursula Kuczynski do Exército Vermelho.

Na gíria de espionagem, um «disjuntor» é um intermediário que está entre um espião e o seu controlador, garantindo que, se um agente for preso, não pode identificar o seu controlador e comprometer toda a rede. Moscovo alertou Ursula para «ter cuidado» e arranjar alguém que atuasse como agente de ligação entre ela e os espiões da Operação Fausto. Ursula voltou-se para um velho conhecido, Erich Henschke, o camarada que a ajudara a montar a Biblioteca de Empréstimo dos Trabalhadores Marxistas em 1929 e a vender livros numa cave de Berlim que cheirava a excremento de pombos. Perseguido pela Gestapo e forçado a fugir da Alemanha, Henschke recebera treino militar na União Soviética e depois oferecera-se como voluntário para lutar na Guerra Civil Espanhola. Desde sempre um brutamontes e um rígido disciplinador do partido, Henschke, junto com a arma, trazia um grande megafone, através do qual exortava os camaradas comunistas a lutar. Em 1939, entrou na Grã-Bretanha com um bilhete de identidade francês e um nome falso, «Karl Kastro». Agora, trabalhava na fábrica de gelados Wall's, em Acton, e fazia trabalho

administrativo para a Associação da Brigada Internacional. Ursula considerava que Henschke «era lento de raciocínio e tinha dificuldade em tomar decisões», mas era «consciencioso e de confiança» e conhecia toda a gente na comunidade alemã. Henschke seria o intermediário perfeito.

Ursula pediu ao irmão para apresentar Henschke a Gould. Os dois homens deram-se maravilhosamente bem e o jovem nova-iorquino ofereceu-lhe logo um emprego: um salário mensal de cinco libras em troca de ajuda para recrutar agentes para a Operação Fausto.

Ursula entregou a Henschke uma lista de 30 potenciais recrutas, sobretudo antigos sindicalistas alemães que tinham fugido para a Grã-Bretanha através da Checoslováquia. Ursula enviara previamente os nomes para aprovação em Moscovo, juntamente com biografias e fotografias. «Eu não dava um único passo sem consultar o Centro», escreveria.

Em agosto de 1944, num *pub* de Hampstead, Gould teve a sua primeira reunião com quatro alemães que formariam o núcleo da Operação Fausto. Paul Lindner era um torneiro de Berlim de 33 anos e um dos organizadores do Sindicato de Metalúrgicos alemão, cuja boa aparência era estragada por um rosto com cicatrizes e uma série de dentes partidos, o legado de um violento espancamento por nazis. Perseguido pela Gestapo, Lindner fugiu para a Checoslováquia e em 1939 foi para a Grã-Bretanha, onde se casou com uma inglesa e se radicou em Londres. O seu melhor amigo era Anton «Toni» Ruh, um litógrafo que fazia panfletos de propaganda antinazi e passaportes falsos na sua gráfica clandestina em Berlim para judeus que queriam sair do país, até também ele ser obrigado a fugir e ir para Londres com a ajuda da resistência checa. Kurt Gruber era um mineiro do vale do Ruhr e Adolph Buchholz um metalúrgico de Spandau-Berlim. Todos estes

homens tinham estado ativos no movimento sindicalista e na resistência antifascista. Eram todos comunistas reacionários, escolhidos a dedo por Ursula. Henschke explicou-lhes que, embora estivessem a trabalhar para os americanos, os seus patrões supremos estavam em Moscovo. Como Ursula diria: «Os camaradas sabiam que a sua escolha tinha sido aprovada pela União Soviética.»

«Desconfortáveis em fatos e gravatas baratos», os alemães escutaram com muita atenção enquanto Gould lhes explicava que procurava homens para serem lançados de paraquedas em diferentes regiões da Alemanha e transmitirem aos serviços secretos americanos informações sobre as condições no interior do Reich. «Ele fez-lhes perguntas sobre os seus antecedentes, que cidades conheciam, onde teriam contactos, quem lhes daria abrigo.» Com um contrato formal de trabalho do Governo norte-americano, cada voluntário receberia 331 dólares por mês através de uma conta no banco Chase National. As suas famílias receberiam uma compensação no caso de não regressarem. Os alemães concordaram com entusiasmo, terminaram as bebidas e pediram algum tempo «para pensar na proposta e falar com outros membros do seu grupo». Alguns dias mais tarde, Henschke informou Gould de que os homens estavam prontos para a missão; não lhe disse que a ordem para aceitarem o trabalho viera diretamente de Ursula e do GRU. Dos outros candidatos, Gould selecionou mais três voluntários. A operação foi dividida em cinco missões distintas e, com a extravagância comum na nomenclatura da espionagem, cada uma recebeu um nome de código temático: «Martelo», «Cinzel», «Picareta», «Marreta» e «Serra Circular». Coletivamente, foram denominadas missões «Ferramentas».

Os novos recrutas não revelaram que eram todos membros do KPD. Ainda não se sabe ao certo até que

ponto Gould estava a par das suas convicções políticas. Sabia certamente que os homens do seu *kit* de ferramentas eram de esquerda, mas também é certo que não fazia ideia de que estavam a trabalhar em segredo para Moscovo. Mais tarde, Lindner especularia que Gould talvez fosse um simpatizante comunista: «Pode pensar-se que ele é um camarada americano», escreveu. Mas Gould não era comunista. E não estava interessado nas inclinações políticas dos seus recrutas. O que importava era que aqueles «alemães livres» tinham a coragem e as ligações sindicais necessárias para cumprirem a missão que lhes fora confiada, e Joe Gould não precisava de mais nada.

Os preparativos para as missões Ferramentas começaram de imediato. No aeródromo de Ringway, perto de Manchester, os alemães tiveram um treino intensivo de paraquedismo. Numa escola secreta de espiões em Ruislip foram-lhes atribuídos nomes e identidades falsos, bem como histórias de fachada, e foram submetidos a um rigoroso treino físico; aprenderam a disparar e a matar sem ruído com uma faca. Cada recruta seria lançado o mais próximo possível da sua cidade natal, para poder integrar-se com maior facilidade. Roupas civis requisitadas a refugiados alemães acabados de chegar foram guardadas num armazém em Brook Street; ali, os homens escolheram os seus trajes para o trabalho que se aproximava. «O denominador comum era que todos aqueles artigos — fatos, camisas, gravatas, chapéus, fivelas de cintos, botões de punho, alfinetes de gravata e atacadores — tinham sido fabricados na Alemanha.» Uma única etiqueta britânica seria sinónimo de morte. Malas de viagem, cigarros, lâminas de barbear, pasta de dentes e óculos fabricados na Alemanha foram comprados na neutra Suécia e enviados para Londres na mala diplomática do Departamento de Estado. O mestre

falsificador do OSS, Bob Work, que se licenciara no Instituto de Artes de Chicago, falsificou um conjunto de passaportes alemães, autorizações de viagem e documentos de identificação que não se distinguiam dos verdadeiros. Os homens não iam à Alemanha há anos, por isso foram discretamente introduzidos em campos de prisioneiros de guerra alemães para saberem pormenores sobre as condições no país e habituarem-se a viver de novo entre os seus conterrâneos. O que ficaram a conhecer era perturbador: a maioria dos prisioneiros de guerra alemães agarrava-se tenazmente à convicção de que Hitler acabaria por triunfar, embora alguns pensassem que ele devia ter esperado pela vitória para exterminar os judeus, porque o genocídio «trouxera os judeus para os Estados Unidos e para Inglaterra, para a linha da frente contra nós». O treino em Ruislip seguia um horário rígido: «Aulas de tática às segundas-feiras, como lidar com as patrulhas da SS às quartas-feiras, estudos cartográficos às sextas-feiras (...).»

O treino mais importante envolveu a mais recente descoberta americana em tecnologia de comunicações: um rádio transmissor-recetor portátil que possibilitava pela primeira vez as comunicações terra-ar. Um antecessor do telemóvel, o equipamento tinha sido concebido nos laboratórios da empresa de eletrónica RCA em Nova Iorque antes de ser aperfeiçoado e desenvolvido para o OSS por De Witt R. Goddard e pelo tenente-comandante Stephen H. Simpson. O dispositivo acabaria por ser conhecido como «*walkie-talkie*», mas, na época em que foi inventada, esta inovadora geringonça tinha um nome mais complicado e peculiar: o «sistema Joan-Eleanor». «Joan» era o nome do transmissor portátil transportado pelo agente no terreno, com 15 centímetros de comprimento, 1,3 quilos de peso e uma antena extensível; «Eleanor» era o recetor mais volumoso,

transportado numa aeronave que sobrevoava o local a uma hora combinada. A mulher de Goddard chamava-se Eleanor, e Joan, uma major do Corpo do Exército Feminino, era a namorada de Simpson. O sistema Joan-Eleanor (J-E) operava em frequências acima dos 250 MHz, frequências muito mais altas do que os alemães conseguiam monitorizar. Este protótipo de rádio VHF (frequência muito alta) permitia aos utilizadores comunicarem normalmente até 20 minutos, acabando com a necessidade de código Morse, codificação e o tipo de complexo treino de rádio que Ursula tivera de fazer. As palavras do espião que estava em terra eram captadas e registadas num gravador com fios por um operador que seguia num compartimento especial, com oxigénio, na fuselagem de um bombardeiro de alta velocidade *Havilland Mosquito* adaptado, voando a mais de 25 mil pés de altitude, fora do alcance da artilharia alemã. Um agente dos serviços secretos a bordo do avião que voava em círculos podia comunicar diretamente com o agente no terreno. O J-E era um sistema de comunicação inédito atrás das linhas inimigas, indetetável pelo inimigo, fácil de usar e tão secreto que só seria desclassificado em 1976. Na escola de treino de Ruislip, os voluntários alemães aprenderam a usar o «Joan», enquanto as tripulações do Vigésimo Quinto Grupo de Bombardeiros sediado na base Watton da RAF aprenderam a manusear o «Eleanor», com o nome de código «Meia Vermelha». O sinal de chamada de Joan para Eleanor seria «Heinz»; o sinal correspondente de Eleanor para Joan seria «Vic». Mensagens codificadas especiais na BBC, em números, indicariam aos agentes no interior da Alemanha as horas das transmissões e quando e onde deviam esperar lançamentos de paraquedas: o sinal de que estava prestes a ir para o ar uma emissão com informações codificadas relevantes para as missões Ferramentas era a transmissão

da popular sonata para piano *Sussurro de Primavera*, composta pelo compositor norueguês Christian Sinding.

No dia 22 de novembro, Simpson levou a cabo o primeiro teste operacional do sistema ao gravar com sucesso transmissões de um agente do OSS com o nome de código «Bobbie» enquanto voava em círculos sobre a Holanda ocupada pelos nazis.

Washington ficou encantada com a forma como a missão estava a decorrer. E Moscovo também.

A intervalos regulares, cada voluntário alemão encontrou-se com Henschke em Hampstead. Paul Lindner descreveu o «juramento de fidelidade» como agente do GRU. «A partir de hoje», declarou Henschke enquanto bebiam uma caneca de cerveja na Wells Tavern, «tens de te lembrar de que trabalhas para os nossos amigos soviéticos e tens de considerar todas as questões como se estivesses sob o comando do Exército Vermelho.» Toni Ruh foi alistado com a mesma formalidade e transmitia tudo o que sabia «com minuciosos pormenores» ao seu intermediário: «Tínhamos de fazer relatórios ao camarada Henschke sobre todos os métodos usados na escola e também sobre a aprendizagem de paraquedismo, sobre as tarefas que nos atribuíam, sobre o nosso trabalho nos campos de prisioneiros de guerra e também sobre os pormenores deste aparelho [J-E], o que fazíamos todos os dias.» Henschke passava as informações a Ursula, que as transmitia a Moscovo. Os espiões das missões Ferramentas nunca conheceram a mulher que enviava aqueles relatórios e que puxava os cordelinhos, a sua coordenadora secreta.

Por intermédio de Ursula, o Centro sabia quase tanto como o OSS acerca das missões Ferramentas, e muito mais que o MI6: as falsas identidades dos espiões, os seus documentos falsos e roupas, o seu equipamento e os tempos combinados para as transmissões eram do

conhecimento de Moscovo. O Exército Vermelho sabia quando e onde os espiões seriam lançados, os seus contactos na resistência antinazi e o verdadeiro significado de Meia Vermelha, Martelo e Serra Circular; até conheciam o sistema de código numérico e a sonata para piano que a BBC transmitia para alertar os agentes no terreno para as instruções que iriam receber. Com a iminência da Guerra Fria, Moscovo estava numa posição vantajosa para saber como é que os americanos organizavam as operações clandestinas, os métodos de treino do OSS e o seu pessoal. Mas para Moscovo o aspeto mais interessante da missão era o sistema Joan-Eleanor. A Rússia não possuía essa tecnologia. Os espiões de Ursula poderiam entregá-la de bandeja ao GRU.

«Transmiti todos os pormenores ao Centro e o diretor confirmou o seu interesse», escreveu Ursula. A América preparava-se para lançar a última grande operação de serviços secretos da guerra e, sem que ninguém no OSS fizesse ideia, os russos tinham reservado secretamente um lugar na primeira fila.

Gould estava impressionado com os recrutas das missões Ferramentas, e, como todos os coordenadores de espiões, sentia uma forte ligação pessoal com os seus agentes, sobretudo com Paul Lindner e Toni Ruh, a equipa de dois homens da missão Martelo que seriam lançados em Berlim, no seio do Reich. Gould perguntou a si mesmo se estava a cometer «o pecado profissional de se tornar demasiado próximo daqueles homens». Compilou pormenorizadas descrições de ambos. Paul Lindner: «Rosto: quadrado. Compleição: normalmente pálida. O sujeito refere que quanto mais em forma se sente, maior é a frequência com que lhe perguntam se está doente; franze a testa quando está à procura de uma palavra e de vez em quando inclina a cabeça. Sinais distintivos: marca vermelha à direita da cana do nariz e sob o olho esquerdo devido a uma soqueira quando foi espancado por nazis;

também tem uma cicatriz de baioneta na nádega direita provocada por um ataque da SA em 1933.» Depois, havia Toni Ruh, «um homem grande, com cabelo grisalho e uma calma e tranquilizadora solidez».

«Era uma equipa equilibrada», escreveria Gould. Os dois atores principais da produção Martelo eram a escolha ideal para os respetivos papéis, refletiu Gould, sem fazer a mais pequena ideia de que eles estavam a seguir um guião muito diferente e que uma contrarregra invisível dirigia tudo dos bastidores. O Centro deu instruções a Ursula para se concentrar nas missões Ferramentas e fazer tudo o que fosse necessário para entregar o sistema Joan-Eleanor aos russos.

No MI5, apenas Milicent Bagot suspeitou do que estava a acontecer na realidade, mas os indícios eram muito ténues. A incansável detetive da secção F2c desconhecia a existência das missões do OSS, mas há algum tempo que vigiava Erich Henschke, ou Karl Kastro. Em setembro de 1943, referiu que, embora seja «indubitavelmente um comunista de longa data com convicções marxistas, até ao momento este homem não arranhou qualquer problema (...) parece viver uma vida calma». A sua avaliação seria corrigida um ano mais tarde, quando um espião do MI5 no interior do Movimento da Alemanha Livre referiu que Kastro não era o inocente fabricante de gelados por que se fazia passar: «Kastro esteve ligado ao círculo Thälmann [e] recebeu treino militar na URSS e fez parte do *apparat* [unidade] do partido comunista [o Rotfrontkämpferbund, ou aliança dos combatentes da frente vermelha].» Ela enviou uma nota de aviso ao MI6: «Kastro poderá ser um nome falso (...) [Ele] foi descrito como um “tipo brutal e violento”.» Milicent Bagot pôs Karl Kastro sob vigilância. Não confiava nele e há muito que suspeitava de Ursula: se os apanhasse juntos, o jogo acabaria.

Embora Gould não tivesse nenhum motivo para

questionar a lealdade dos seus recrutas, o gelo da Guerra Fria já soprava em algumas partes da estrutura de guerra dos Aliados. O MI5 considerou que a Liga de Cultura Alemã Livre era uma frente comunista. O oficial do OSS Bill Casey, o sólido advogado responsável pelo departamento de informações que viria a dirigir a CIA, temia que alguns dos recrutados para aquela missão extremamente delicada fossem comunistas. Os receios de Casey provocaram um conflito com Arthur Goldberg da Secção Trabalhista, que referiu que o OSS se destinava especificamente a recrutar «forças irregulares», incluindo, presumivelmente, pessoas com opiniões irregulares. A disputa foi reportada ao major-general William «Wild Bill» Donovan, o fundador e diretor do OSS.

Donovan era um homem que adorava uma batalha: tinha combatido contra Pancho Villa no México, contra os alemães na Primeira Guerra Mundial, contra J. Edgar Hoover no FBI e, como advogado do Ministério Público de Nova Iorque, contra os contrabandistas durante a Lei Seca. Tinha moldado o seu OSS diretamente à imagem do MI6. Donovan era um fanfarrão, mais pirata que político. «O entusiasmo fazia-o resfolegar como um cavalo de corrida», e as missões Ferramentas estavam em perfeita harmonia com a sua «corajosa, nobre, temerária, alegre e por vezes chocante procura de ação e tramoias». A exemplo de Gould, não estava preocupado com as inclinações políticas dos agentes, observando que «poria Estaline na folha de pagamentos do OSS se isso ajudasse a derrotar Hitler». É claro que ele não fazia ideia de que já havia agentes de Estaline na folha de pagamentos das missões Ferramentas. Donovan ignorou Casey. A missão continuou.

A mesma atitude robusta (ou ingénua) influenciaria a decisão americana de recrutar um dos mais importantes comunistas alemães da Grã-Bretanha para um projeto

ultrassecreto de crucial importância. Em novembro de 1944, com o fim do conflito à vista, o ministro da Guerra dos Estados Unidos ordenou a criação de um novo organismo para avaliar os danos económicos que estavam a ser infligidos à Alemanha pelos bombardeamentos aliados e para aferir até que ponto essa campanha estava a desgastar a produção militar, industrial e agrícola. A United States Strategic Bombing Survey (USSBS) fazia isto de diversas formas: vigilância aérea, artigos publicados na imprensa e até estado de nutrição dos civis proporcionavam pistas para a eficácia da destruição; ao monitorizarem atentamente o número de série de tanques e aviões destruídos, era possível avaliar o nível de produção de armamento; os horários dos comboios de mercadorias eram outro indicador de saúde económica. Havia algumas mentes brilhantes na equipa da USSBS, incluindo Richard Ruggles, um futuro professor de Economia em Harvard, e o famoso economista liberal John Kenneth Galbraith. Contudo, do que a equipa de inspeção mais precisava era de alguém que tivesse um conhecimento da economia alemã em primeira mão e pudesse fornecer uma pormenorizada perspetiva estatística da indústria de armamento de Hitler e outras facetas fundamentais da produção nazi. Havia apenas um alemão capaz disso em Londres.

Jürgen Kuczynski acabara de publicar o mais recente volume da sua *História das Condições de Trabalho*, uma pormenorizada análise da economia alemã desde 1933. Em setembro, Jürgen recebeu uma carta com um convite para ir à embaixada americana, onde lhe ofereceram um emprego na USSBS, um substancial ordenado, um bonito uniforme americano e a patente de tenente-coronel. Ele pediu «tempo para pensar». Claro que esse tempo foi usado para alertar Ursula, que se apressou a informar o Centro: «A resposta não se fez esperar. Eles estavam

interessados.» Irmão e irmã eram agora coronéis em diferentes exércitos.

Os agentes das missões Ferramentas eram comunistas semissecratos. Jürgen Kuczynski era um comunista abertamente público. Até Roger Hollis, o diretor da secção de antissubversão do MI5 que menosprezara consistentemente a ameaça representada pelos Kuczynski, se sentiu obrigado a emitir um aviso de que «os que recorrerem aos serviços de Kuczynski devem estar conscientes de que as suas conclusões sobre as condições económicas da Alemanha podem ser influenciadas pelas suas ideias políticas».

A USSBS acabaria por compilar 208 volumes de análises, detalhando o impacto «decisivo» dos bombardeamentos estratégicos dos Aliados. Apenas cinco membros da equipa, incluindo Jürgen, tinham acesso aos relatórios completos, que eram entregues a Roosevelt, a Churchill e aos generais Eisenhower e Donovan. E a Estaline. O Centro deu a Ursula a garantia pessoal de que aquelas informações, que ofereciam a imagem mais clara possível da desintegração económica da Alemanha, iriam diretamente para «o comandante supremo do Exército Soviético, J. V. Estaline».

Enquanto a guerra avançava a grande velocidade para um sangrento final, Ursula estava envolvida num esgotante redemoinho de espionagem, cuidado dos filhos e trabalho doméstico: num dia, podia estar a coordenar informações recolhidas pelo pai, pelo irmão, por «Tom», pelo «químico» e por outros elementos da sua rede e a recolher informações das missões Ferramentas, enquanto pendurava a roupa no estendal, lavava a loiça e se esforçava para manter o navio doméstico a flutuar na Avenue Cottage. Melita Norwood produzia um fluxo regular de informações da Associação Britânica de Investigação de Metais não Ferrosos, que estava agora a ajudar a produzir um reator de plutónio para o projeto da

bomba atômica. Numa carta ditada à sua secretária pessoal, Miss Norwood, G. L. Bailey garantiu ao Governo que a sua equipa respeitaria o «mais rigoroso sigilo [e] precauções serão tomadas para garantir que nenhuma pessoa não autorizada tem acesso às informações». Letty também datilografava as minutas das reuniões do projeto Tube Alloys e fazia uma cópia a papel químico para Sonya.

Michael era um adolescente curioso e inteligente. Ursula não sabia durante quanto tempo poderia continuar a esconder-lhe as suas «transmissões noturnas». Com um aperto no coração, mandou-o para um colégio interno em Eastbourne, dizendo a si mesma que era o melhor para o rapaz. Michael ainda sentia muitas saudades do pai. «A pouco e pouco, à medida que os anos foram passando, percebi que ele não voltaria. Sentia imenso a falta dele. A minha mãe quase nunca falava sobre ele.» Quando ela ia a Londres para se encontrar com «Sergei» tinha de arranjar uma *baby-sitter* para os filhos mais novos. A sua mãe ajudava de vez em quando, mas em setembro adoeceu com pneumonia. «Aconteça o que acontecer, tem de ficar no hospital enquanto os médicos acharem que é preciso», escreveu Ursula. Nas noites em que transmitia para Moscovo, ela trabalhava até de madrugada, sem saber se as carrinhas de interceção de rádio andavam pelas redondezas. Cada pedaço de papel usado para codificar e decodificar era queimado na lareira. Para tentar aliviar o fardo, mandou Nina, na época com sete anos, para um colégio interno perto da floresta de Epping. Passadas duas semanas, a menina desenvolveu uma peritonite e foi levada às pressas para o hospital, entre a vida e a morte. Durante três dias e três noites, Ursula ficou sentada à cabeceira da filha, torturada pela culpa, e depois levou-a para casa. «Jurei que nunca mais me separaria dela.»

Len não estava presente para partilhar o fardo duplo de parentalidade e espionagem, pois fora recrutado pela

RAF. Sempre que podia sair de casa, Ursula pedalava 40 quilómetros para visitar o recruta Beurton no quartel, mas encontrava-o mal-humorado e aborrecido. «Vemo-nos duas vezes por mês não chegava», escreveu ela. Len foi rejeitado para treino de pilotagem e, ironicamente, para operações de rádio. Também viu o seu pedido de transferência para uma unidade de combate ser recusado. Nos bastidores, o MI5 bloqueava discretamente todas as suas candidaturas. Milicent Bagot e a sua equipa não o deixariam sair do país. «As cartas de Len são muito sombrias», disse Ursula à mãe. Aquelas taciturnas cartas também eram lidas pelo MI5. «Estou a tomar providências para que ele seja mantido sob observação», escreveu Shillito, acrescentando que a vigilância seria discreta. «Não quero que sejam tomadas medidas que indiquem a Beurton que o seu caso não está a ser gerido normalmente.»

Nos seus momentos otimistas, Ursula consolava-se com o conhecimento de que o Exército Vermelho estava a aproximar-se de Berlim, que a revolução triunfaria e que uma Alemanha comunista se ergueria das ruínas. No entanto, nas suas horas mais negras, quando o bebé chorava e a montanha de trabalho de rádio parecia insuperável, perguntava a si mesma se a guerra acabaria um dia. Ursula era agora uma mãe sozinha e uma espia sem ajuda. Como acontecia sempre que estava desanimada, voltou-se para dentro de si mesma e não deixou que os outros vissem a sombra de depressão, a tensão da sua vida secreta. Não confiava em ninguém. Os hábitos de engano estendiam-se aos seus sentimentos. Nos momentos mais negros, lamentava o impacto que a estranha vida que escolhera tinha nos filhos, sobretudo em Michael, que passara os primeiros anos de vida a mudar de país e de língua, convivendo com uma sucessão de homens que não eram o seu pai. «Ele devia ter tido

uma mãe diferente», escreveria Ursula. «Devia ter passado a infância num só lugar, com um pai que viesse para casa todas as noites e uma mãe sempre presente.»

Como todos os bons comunistas, Ursula acreditava em aniversários. No dia 7 de novembro, a data da Revolução Bolchevique, deixou os filhos com uma vizinha e foi a Londres para se encontrar com «Sergei», que lhe transmitiu saudações de aniversário do diretor do GRU. Ela teria comprado uma rosa vermelha, mas não as havia à venda na Grã-Bretanha em guerra. Voltou para a Avenue Cottage com frio e solitária. «Não podia celebrar o dia com ninguém. Os meus pensamentos voltaram-se para o passado.»

Há quase dois anos que não tinha notícias de Rudi Hamburger. Não se atrevia a perguntar a Moscovo o que lhe acontecera e, de qualquer modo, o Centro não lhe teria dito nada. Temia que ele estivesse morto, mas escondia os seus receios de Michael e dos outros filhos. Há mais tempo ainda que não sabia nada de Johann Patra. Agnes Smedley voltara para a América, vivia numa colónia de escritores no norte de Nova Iorque e continuava a fazer vigorosa propaganda a favor do comunismo chinês. Ursula continuava sem fazer ideia dos destinos de Shushin, Grisha e Tumanyan. Alexander Foote e Sandor Radó ainda deviam estar a espiar na Suíça, se não tivessem sido apanhados. Tudo o que lhe restava de Richard Sorge era uma fotografia muito estragada.

No outro lado do mundo, na cela dos condenados da prisão de Sugamo em Tóquio, o recrutador de Ursula esperava pelo carrasco.

A rede de espiões de Richard Sorge no Japão fizera milagres de espionagem. Fazendo-se passar por um fervoroso nazi, Sorge fazia uma vida de prostitutas e bebida em Tóquio e infiltrou-se na embaixada alemã e no gabinete do primeiro-ministro japonês, extraindo os

segredos mais secretos de ambos. Em 1941, tinha conseguido garantir a Moscovo que o Japão não queria e não conseguiria invadir a Sibéria, libertando forças soviéticas vitais para a defesa de Moscovo. Dois dias antes da Operação Barbarossa, tinha enviado uma mensagem para o Centro a avisar que «a guerra entre a Alemanha e a URSS é inevitável». Mas Estaline, ingrato e desconfiado, ignorara o relatório de Sorge sobre um ataque alemão iminente como um falso alarme.

Quando os alemães começaram a desconfiar que Sorge podia estar a ajudar o outro lado, o cruel coronel da Gestapo Josef Meisinger, um aterrorizador monstro nazi entre muitos outros, foi destacado para o investigar. Sorge neutralizou rapidamente a ameaça ao levá-lo em bóbocas saídas pelos clubes noturnos de Tóquio.

A prisão fortuita de um agente pouco importante da rede de Sorge pôs fim ao seu surpreendente período de sorte. Foi detido e torturado até confessar. Os japoneses ofereceram-se para trocá-lo por um dos seus espiões que estava detido na Rússia, mas Moscovo repudiou-o, negando que fosse um agente soviético. É possível que Estaline não estivesse disposto a que a rejeição dos seus avisos certos fosse do conhecimento público. Na Rússia, Katya, a mulher de Sorge, foi detida por suspeita de ser uma espia alemã e mandada para o *gulag*, onde viria a falecer. O seu informador mais importante, o jornalista japonês Hotsumi Ozaki, também foi preso.

Após dois anos na prisão de Sugamo, Sorge foi finalmente julgado por espionagem e condenado à morte por enforcamento. O acusador japonês que tinha pedido a pena de morte declarou: «Nunca conheci ninguém tão grandioso como ele.»

Sorge foi enforcado no dia 7 de novembro de 1944. As suas últimas palavras, ditas em japonês com as mãos e os pés amarrados e o nó já à volta do pescoço, foram, «O

Exército Vermelho!» — «O Partido Comunista Internacional!» — «O Partido Comunista Soviético!»

Durante o longo e brutal interrogatório, Sorge tinha dito aos japoneses muitas coisas que eram verdadeiras sobre a sua carreira de espionagem, e algumas que não eram.

O grande espião foi repetidamente interrogado acerca da rede de Xangai na década de 1920, incluindo quem eram as suas espias. Sorge não fazia ideia do sucesso que Ursula alcançara, mas sabia que, se fosse viva, estaria a espiar contra as potências do Eixo, e em perigo. «As mulheres são completamente inaptas para o trabalho de espionagem», disse aos seus captores. «Não compreendem os assuntos de política nem de outra natureza e são uma fraca fonte de informações.» É evidente que isto era o contrário da verdade. A rede de Sorge incluía muitas mulheres, a melhor das quais fora Ursula. Ele mentiu aos interrogadores japoneses para desviar a atenção da sua espia protegida e colega oficial dos serviços secretos e protegê-la.

O mais desleal dos amantes, Sorge, à sua maneira, foi leal até ao fim.

Joe Gould passou o dia de Natal na casa de Lindner com os outros espiões das missões Ferramentas. Todos se embebedaram e entoaram cânticos alemães de Natal. Mais tarde, o filho de Gould descreveria aquele dia como um momento de «respeito mútuo entre um oficial judeu do Exército dos Estados Unidos e os seus sete recrutas alemães que partilhavam um objetivo comum.» No entanto, à medida que a Segunda Guerra Mundial se fundia na Guerra Fria, moviam-se para lados diferentes da barricada.

Algumas semanas mais tarde, Gould pediu a Erich Henschke que o acompanhasse numa viagem a Paris. A capital francesa libertada era agora a sede da Comissão

da Alemanha Livre, e Gould estava ansioso para, com a ajuda de Henschke, reunir «moradas de antifascistas na Alemanha» que pudessem ser usadas como esconderijos pelos espiões. Juntos, visitaram a sede da Alemanha Livre, bem como um grupo chamado Amicale des Volontaires en Espagne Républicaine (Amigos dos Voluntários na Espanha Republicana). «Ele trouxe todas as moradas de que eles precisavam», sem saber que a sua lista de contactos antinazis de confiança na Alemanha acabara de receber a aprovação do Centro. Os serviços secretos do Exército Vermelho não estavam apenas a vigiar as missões Ferramentas; estavam a dirigi-las à distância, através de Ursula e Henschke.

E Milicent Bagot vigiava-os.

Pouco depois de Henschke voltar para Londres, Bagot enviou um memorando para o diretor das operações soviéticas do MI6 a especificar as suas suspeitas em relação a Karl Kastro e a pedir-lhe ajuda para descobrir mais a respeito das pessoas com quem aquele conhecido comunista se encontrara em Paris, sobretudo os veteranos das Brigadas Internacionais. «Tem alguma informação acerca desta organização francesa, por favor?», escreveu Bagot para Kim Philby.

Em 1945, Philby levava dez anos como agente soviético e cinco como agente do MI6. Eficiente e prestável, subira rapidamente nos serviços secretos britânicos enquanto passava uma grande quantidade de informações extremamente prejudiciais aos seus controladores do KGB. Era excecionalmente hábil a travar, de forma impercetível, o funcionamento de qualquer operação que pudesse ameaçar interesses comunistas ou soviéticos. A resposta de Philby à pergunta de Bagot, no dia 22 de fevereiro de 1945, foi completamente inútil: «Neste momento, não temos qualquer informação a respeito da Amicale des Volontaires en Espagne Républicaine.»

Assim se perdeu a última oportunidade de desmascarar

a infiltração soviética nas missões Ferramentas.

Uma semana mais tarde, teria início a missão Martelo.

Sussurro de Primavera

Até ao momento, Ursula lutara sempre contra o fascismo em solo estrangeiro. O mais perto que estivera de uma operação no interior da Alemanha nazi fora o assassinio abortado de Hitler. Agora, quando a guerra entrava na fase final, os seus espiões iam para o centro do Reich.

Às 21h00 de 1 de março de 1945, Joe Gould e os agentes da missão Martelo chegaram à base da RAF em Watton, Norfolk. Paul Lindner e Toni Ruh levavam mochilas com 14 mil *Reichmarks*, senhas de racionamento, concentrados alimentares, máscaras antigás, tinta invisível e dois diamantes, bem como café e 1400 cigarros americanos para trocas no mercado negro. Nos bolsos estavam os documentos magistralmente falsificados por Bob Work que os identificavam como Ewald Engelke, de Frankfurt, e Anton Vesely, um checo que falava alemão, ambos hábeis trabalhadores da defesa que tinham sido dispensados do serviço militar. Na carteira de Lindner estava um cartão falso do Partido Nazi. Cada homem levava uma pistola de calibre .32 para se defender em caso de tentativa de captura e uma cápsula com veneno, se isso falhasse.

Sem que Gould soubesse, também traziam instruções memorizadas da coronel Ursula Kuczynski: ordens precisas de como, onde e quando poderiam estabelecer contacto com os serviços secretos soviéticos na Alemanha. O GRU estava igualmente a planear a colocação de

agentes infiltrados na cidade de Berlim em ruínas, e a guerra avançava tão depressa que era possível que as forças soviéticas chegassem à capital dali a algumas semanas. Por intermédio de Henschke, Ursula deu a cada um dos espiões uma senha especial que os identificava como agentes soviéticos. Quando fosse estabelecido contacto com as forças soviéticas, eles deviam «deixar de cumprir ordens do OSS e obedecer apenas às instruções do Exército Vermelho até ao fim da missão Martelo».

No aeródromo estava um A-26 americano, um bombardeiro leve com o paiol adaptado para acomodar os dois paraquedistas. Gould mostrava-se nervoso: «Só os mais corajosos e altamente qualificados poderiam levar a cabo com sucesso a missão Martelo, a 47 quilómetros de Berlim e 700 pés acima do solo.» No hangar do aeródromo, os dois agentes vestiram macacões de lona sobre as roupas civis e colocaram os paraquedas. Gould estendeu-lhes a sua garrafa de bolso com *brandy* e os dois alemães beberam um longo gole cada.

Gould sentia-se perturbado, «com a sensação de que estava a viver um cenário de filme». Os dois homens tinham mulheres e filhos pequenos e «o drama do momento parecia ser deles». Ainda assim, o seu relato do que aconteceu é digno de um guião de cinema.

*

Caía uma chuva leve, e através do escuro nevoeiro que se elevava do solo o único objeto distintamente visível era a alta, enorme e quadrada cauda do A-26 parado a cerca de 50 metros de distância. Paul e Toni fumavam e falavam em voz baixa um com o outro. Três minutos antes da meia-noite, o comandante Simpson abriu a porta e deu o sinal. Momentos depois aproximámo-nos da deslocação de ar da hélice do A-26, que já estava parado e a rugir na pista. Vimos a luz avermelhada brilhar no paiol enquanto caminhávamos para o avião, inclinados para nos protegermos da deslocação do ar. Dirigimo-nos para as portas e içámos Paul e Toni para os seus assentos. Havia demasiado ruído para falar, e não era altura para isso. Esticámo-nos da pista para lhes apertar

a mão. A noite estava completamente limpa. De repente, vimos o A-26 começar a mover-se e depois afastar-se a grande velocidade na pista. Estava quase fora do alcance do nosso campo de visão quando descolou, subiu rapidamente e virou para nordeste.

*

O piloto, o tenente Robert Walker, sobrevoou a Alemanha a baixa altitude, a uma velocidade de cruzeiro de cerca de 500 quilómetros por hora. «Ele voou de lado, torceu o avião e virou inclinando-se para o lado de dentro para confundir os radares do inimigo.» Às 2h05, o aparelho chegou ao ponto de lançamento sobre Alt-Friesack, a noroeste de Berlim. A visibilidade era boa, com nuvens dispersas e uma lua brilhante. Walker abriu o paiol, o expedidor Mishko Derr bateu nas costas dos dois paraquedistas e Paul Lindner e Toni Ruh saltaram para a escuridão.

Os dois espiões alemães aterraram num campo e enterraram os macacões, os paraquedas, as armas e o transceptor *Joan*. Duas décadas antes, Ursula estivera sentada num palheiro ali perto com um grupo de jovens comunistas a imaginar como seria uma Alemanha governada pelos comunistas. Às 6h30 seguiam num comboio para Berlim, mais dois cansados trabalhadores que iam para a cidade em tempo de guerra. Freeda Lindner ainda dormia quando o filho bateu suavemente à janela da frente da sua casa de infância no subúrbio de Neukölln, a sudoeste do centro da cidade. Ela não via Paul desde que ele fugira da Alemanha em 1935 por estar a ser perseguido pela Gestapo. «Eu sabia que um dia virias lutar contra os nazis», disse.

No dia seguinte, enquanto andavam de um abrigo antiaéreo para outro na cidade em ruínas, os espiões de Ursula começaram a recolher informações: danos provocados pelos bombardeamentos, defesas, depósitos de armazenamento de munições, desdobramento de

tropas, moral civil e, acima de tudo, a capacidade da Alemanha de manter a sua indústria, forças armadas e comércio sob o mais feroz bombardeamento que o mundo jamais vira. As bombas aliadas tinham reduzido grandes zonas de Berlim a cinzas e escombros. Cinquenta quilómetros a leste da cidade, o Exército Vermelho estava preparado para o ataque final à capital de Hitler. No entanto, a cidade continuava a funcionar, como um moribundo a dar os últimos passos, devastada, mas tenaz. Do seu *bunker*, Hitler continuava a emitir ordens para a defesa de Berlim, enquanto o Reich de mil anos caía no esquecimento numa derradeira orgia de sangue. Os propagandistas de Goebbels ainda pintavam nas paredes: «Todos os alemães devem defender a sua capital. Vamos travar as hordas vermelhas nas muralhas da nossa Berlim.» Lindner e Ruh ficaram surpreendidos ao descobrir que cerca de dois terços da indústria de Berlim continuavam operacionais a rede ferroviária funcionava e ainda havia eletricidade. Os dois espiões assimilavam tudo como turistas disfarçados. Uma semana depois de chegarem, voltaram ao ponto onde tinham sido lançados de paraquedas para irem buscar as armas e o equipamento de comunicações. Mais tarde, sentaram-se na sala de estar de Frau Lindner para escutar a BBC e esperar os acordes de *Sussurro de Primavera* de Sinding.

*

Em Oxford, Ursula esperou notícias enquanto a sua ansiedade crescia. Como todos os coordenadores de espiões, ela sentia uma responsabilidade quase maternal pelos homens que recrutara, orientara através de Henschke e mandara para um perigo mortal. Sergei prometera alertá-la se os espiões estabelecessem contacto com o Exército Vermelho em Berlim. Ela telefonava todas as semanas para Henschke da cabina telefónica de Summertown para lhe perguntar se Gould recebera

alguma informação sobre o destino dos homens. A BBC transmitia apenas informações gerais sobre a marcha para Berlim. Para se distrair, Ursula escrevia longas cartas para Len, nas quais descrevia as minúcias da vida quotidiana da família: o vocabulário cada vez mais completo de Peter e o seu forte sotaque inglês; o fascínio de Nina por animais; o progresso académico de Michael em Eastbourne. Costurou um vestido novo para Nina. «Uma das coisas boas da costura», refletiu, «é que podemos pensar enquanto cosemos.» Os seus pensamentos voltavam constantemente para uma imagem dos dois homens a descer dos *céus para o inferno de Berlim*.

*

No dia 11 de março, muito acima da capital alemã, o tenente Calhoun Ancrum, operador de rádio da Força Aérea americana, preparou o seu *Eleanor* para a primeira conversa com *Joan*. Antes de subir para o atravancado compartimento no interior do bombardeiro *Mosquito PR XVI*, Ancrum tinha ingerido um «*nada* gasoso» jantar de bife, torrada, tomate às rodelas e toranja. A 25 mil pés de altitude, uma crise de gases provocaria agonizantes cólicas. As missões Ferramentas não deixavam nada ao acaso — incluindo os sistemas digestivos da tripulação de voo. Havia cargas explosivas presas ao equipamento. Se o avião fosse obrigado a fazer uma amaragem forçada em território alemão, a tecnologia seria destruída. O *Joan-Eleanor* não podia cair em mãos inimigas. Às 21h00, Ancrum ligou o transcetor.

— *És tu, Heinz?*

Dez quilómetros mais abaixo, a voz de Paul Lindner subiu de um campo de trigo nos arredores de Berlim.

— *És tu, Vic?*

— Consegues ouvir-me, Heinz?

— Não consigo ouvir-te, Vic...

A troca de palavras não esteve à altura da importância do momento, mas a conversa entrecortada no rádio de VHF representava um triunfo tecnológico: pela primeira vez, os Aliados ocidentais podiam falar diretamente com os seus espões no interior da Alemanha nazi. Durante as seis semanas seguintes, a intervalos ditados pelas mensagens codificadas na BBC, os agentes da missão Martelo descreveram o que viam e descobriam, informações maioritariamente obtidas nas redes clandestinas de resistência sindical: as defesas de Berlim, os sistemas rodoviários e ferroviários, os movimentos de tropas e a localização de fábricas de munições que ainda funcionavam, incluindo uma grande fábrica de tanques — uma lista de apetecíveis alvos de bombardeamentos. No dia 29 de março, comunicaram que a enorme central elétrica de Klingenberg ainda estava operacional. Numa missão de reconhecimento noturno a uma estação de triagem nos arredores, contaram 26 comboios de mercadorias e 18 comboios de passageiros, presas fáceis para os bombardeiros aliados.

Na sede do OSS em Londres, Bill Casey rejubilava. A equipa da missão Martelo fizera «uma grande penetração das linhas inimigas (...) incluindo importantes dados para bombardeamento de uma central elétrica ainda operacional que mantinha fábricas fundamentais em funcionamento, bem como pormenores relativos à importância de uma rede de transportes de Berlim e locais-chave onde as bombas aliadas poderiam afetar a cidade». As tropas soviéticas avançavam depressa e os espões esforçavam-se para fornecer todas as informações que pudessem desintegrar as defesas de Berlim antes do ataque final. Lindner foi ao ponto de encontro referido por Ursula à espera de conhecer o prometido agente do GRU enviado à frente das tropas soviéticas que se aproximavam, mas ninguém apareceu.

Michael foi passar as férias da Páscoa a casa. Ursula era judia, alemã e ateia, mas por insistência do filho concordou em cozinhar para as crianças um almoço tradicional de Páscoa inglês, ou o mais próximo que o racionamento de guerra permitiu: um pedaço de pescoço de carneiro pedinchado no talho com batatas e couve da horta que plantara no jardim dos Laski. Com a refeição a cozinhar sob o olhar vigilante de Michael, foi a pé a Summertown e, como todos os domingos, fez um telefonema para Erich Henschke. O seu tom de voz revelou o que tinha acontecido antes mesmo de ele proferir a senha que ela esperava. Os espiões da missão Martelo estavam em posição e tinham estabelecido contacto. Isso significava que o sistema Joan-Eleanor poderia estar nas mãos dos soviéticos dali a muito pouco tempo. Os seus espiões estavam seguros, ou tão seguros quanto era possível numa cidade sitiada.

Naquele ano, o almoço de Páscoa foi um acontecimento muito alegre na Avenue Cottage. Michael comeu seis bolos típicos da Sexta-Feira Santa.

Nesse mesmo domingo de Páscoa, 1 de abril de 1945, Lindner e Ruh dirigiram-se para uma área remota a noroeste de Berlim para recolher alimentos e outros abastecimentos que seriam lançados de paraquedas. À volta da cidade, tropas alemãs escavavam uma última trincheira de defesa: unidades baixas da Wehrmacht e da Waffen-SS, mas também homens velhos e rapazes adolescentes da Juventude Hitleriana. De repente, os dois espiões viram-se no meio da divisão de blindados da SS de Hermann Goering, que seguia ruidosamente para norte, para a batalha final. Um jovem tenente numa motorizada, importuno e desconfiado, pediu-lhes os documentos. Lindner apresentou as falsificações que os identificavam como Ewald Engelke e Anton Vesely e explicou que

estavam a regressar à cidade para se juntarem aos leais defensores. O cético oficial mandou-os despejar as mochilas. O transcetor *Joan* estava no fundo do saco de Ruh, escondido por baixo de roupa suja. Laboriosamente, o mais devagar que podia, começou a esvaziá-lo, meia a meia, enquanto murmurava em checo. Paul encolheu os ombros e fez um comentário a respeito daquele «checo idiota que não percebe alemão». Dentro do bolso do casaco, soltou a patilha de segurança da sua .32. Exasperado com a demora, o tenente mandou-os seguir — uma decisão que lhes salvou a vida e, provavelmente, a dele. «Tê-lo-ia matado de bom grado», comentaria mais tarde Paul Lindner.

No dia 16 de abril, com a cidade cercada, os soviéticos lançaram a ofensiva final. As forças dos Aliados ocidentais tinham desistido da corrida para Berlim. Já estava decidido que a cidade seria dividida em quatro zonas de ocupação quando a luta chegasse ao fim e o general Eisenhower decidiu deixar a glória da captura da capital de Hitler para os soviéticos. O bombardeamento aéreo aliado terminou quando as tropas soviéticas entraram na cidade e a artilharia do Exército Vermelho iniciou os bombardeamentos, lançando mais explosivos sobre Berlim que a tonelagem total de bombas já lançadas pelos aliados ocidentais.

A Batalha de Berlim estava no auge. No dia 21 de abril, enquanto tentavam estabelecer contacto com o equipamento Joan-Eleanor, os espiões da missão Martelo quase foram ultrapassados pelas forças soviéticas que vinham de sul e obrigavam os defensores alemães a recuar, rua a rua. No dia seguinte, outra mensagem na BBC mandou Lindner atravessar para território ocupado pelos soviéticos enquanto Ruh permaneceria em Berlim. Milhares de berlinenses tentavam fugir da cidade e estavam a ser empurrados para trás; Lindner não

conseguiu atravessar o perímetro defensivo.

Nessa mesma tarde teve lugar uma das últimas batalhas da Segunda Guerra Mundial, quando os alemães tentaram defender Treptow, na região sudeste, do feroz ataque soviético. Lindner, Ruh e o pai de Lindner foram apanhados no meio da luta e juntaram-se ao ataque nas linhas alemãs com armas abandonadas. As tropas soviéticas tomaram-nos por obstinados lealistas e abriram fogo sobre o trio antes de perceberem que eram guerrilheiros antinazis. As tropas soviéticas entraram em Berlim e teve início uma vingativa campanha de violações, assassínios e destruição. A missão Martelo estava terminada, pelo menos o contributo americano.

Nessa noite, Lindner e Ruh atravessaram a cidade destruída até ao bairro de Wartenberg, para uma morada que lhes tinha sido fornecida por Henschke um mês antes. Walli Schmidt fizera parte da Liga da Juventude Comunista com Ursula e tinham-se mantido em contacto ao longo dos anos. Ursula sabia que ela era um empenhado membro do partido. Em fevereiro, Walli recebera uma mensagem através da rede clandestina dos trabalhadores para que se mantivesse alerta. Eram 3h00 quando Ruh (que também conhecera Schmidt na década de 1920) bateu suavemente à sua porta. Walli abriu uma fenda e Ruth sussurrou a senha: «Sonya.» No escuro e deserto jardim das traseiras de Walli, entre uma ameixoeira e o galinheiro, enterraram cuidadosamente o transcetor *Joan*.

Numa das últimas mensagens, o OSS mandara Lindner e Ruh estabelecer o «paradeiro de Hitler», para poderem matá-lo com um bombardeamento cirúrgico. Não foi preciso. No dia 22 de abril, depois de ser informado de que as suas ordens para um contra-ataque não tinham sido cumpridas, Hitler sofreu um fortíssimo colapso nervoso. Uma semana mais tarde, com as forças soviéticas

a apenas 500 metros do seu *bunker*, suicidou-se com um tiro.

No mesmo dia em que Hitler sofreu um choroso colapso nervoso, Lindner e Ruh aproximaram-se de uma unidade blindada do Exército Vermelho que entrava em Neukölln, explicaram que pertenciam aos serviços secretos militares soviéticos e foram levados à presença do capitão Martov.

Mais tarde, Lindner e Ruh relatariam que Martov se recusara a acreditar na história deles e que, depois de encontrar os livros de códigos do OSS nas suas mochilas, ameaçou mandá-los prender e fuzilar como agentes inimigos. Quando, por fim, foram entregues à 69.^a Divisão americana perto de Leipzig, afirmaram que tinham passado dois meses em cativeiro soviético. Era uma grande mentira. No exército de Estaline, apenas um louco não teria investigado a alegação de que eram agentes do GRU, e algumas perguntas teriam comprovado que Lindner e Ruh estavam a falar verdade. É muito mais provável que, depois de darem a senha de identificação especial para o GRU que Ursula lhes fornecera, tenham sido levados para a sede dos serviços secretos para explicarem todos os aspetos da sua missão, nomeadamente o sistema J-E.

Alguns dias depois de os soviéticos ocuparem Berlim, um oficial do Exército Vermelho foi a casa de Walli Schmidt em Wartenberg: juntos, desenterraram *Joan* do buraco entre a ameixoeira e o galinheiro. Com uma burocrática meticulosidade, o oficial entregou a Walli um recibo de metade de um novo e revolucionário sistema de comunicações. O Centro enviou uma mensagem codificada para a agente Sonya na Grã-Bretanha a indicar que a recolha estava completa.

No dia 2 de maio de 1945, o comandante da força de defesa de Berlim rendeu-se incondicionalmente ao general Vasily Chuikov, o mesmo soldado que, quando era adido

militar em Chungking em 1941, tinha ajudado a tirar Rudi Hamburger de uma prisão chinesa. A guerra na Europa tinha chegado ao fim.

Lindner e Ruh foram os sortudos da história das missões Ferramentas. O A-26 que transportava os agentes para a missão Cinzel no vale do Ruhr despenhou-se na noite de 19 de março perto da cidade de Schwege, matando todos os que seguiam a bordo. Werner Fischer (Serra Circular) foi lançado com sucesso perto de Leipzig no dia 7 de abril, com a missão de recolher informações sobre movimentações de tropas alemãs e condições nos campos de prisioneiros de guerra britânicos, incluindo o de Colditz. Foi imediatamente cercado por soldados do Exército Vermelho que tinham avançado mais para o Sul da Alemanha do que o OSS pensava. Fischer trazia documentos falsos que o identificavam como Ernst Lauterbach, agente especial da Gestapo. Ele protestou que era um comunista alemão numa missão dos serviços secretos. Os soldados não acreditaram, fuzilaram-no e atiraram o seu corpo para uma vala. Para além da missão Martelo, a única outra missão que alcançou os seus objetivos foi a missão Picareta, cujos dois espões foram lançados de paraquedas em Landshut, perto de Munique. Segundo Bill Casey, «os agentes transmitiram nada menos que nove relatórios Joan-Eleanor com enormes quantidades de informações sobre tráfego ferroviário e rodoviário, centros de comunicações e movimentações de tropas a aeronaves *Mosquito* que sobrevoavam os céus no local combinado».

Seguindo instruções do GRU, Lindner e Ruh disseram aos americanos que gostariam de voltar para a Grã-Bretanha e continuar a trabalhar para os serviços secretos americanos. No entanto, Henry Sutton, um agente do OSS, submeteu-os a um interrogatório «intenso e pouco amigável». A vontade dos dois homens de voltarem para a

Grã-Bretanha pareceu-lhe «algo suspeita». Aqueles homens eram provavelmente comunistas e tinham passado um período considerável nas mãos dos soviéticos antes de serem libertados. «Como é que Sutton podia ter a certeza de que eles não se tinham tornado agentes duplos?» Gould podia não estar preocupado com as ideias políticas dos dois alemães, mas Sutton estava: «Devido ao passado político destes homens há sérias dúvidas sobre se terão lugar nas nossas operações alemãs no após-guerra.» Com o fim da Segunda Guerra Mundial e o início da Guerra Fria, a tolerância pelo comunismo começava a transformar-se em profunda desconfiança e a expediente aliança em tempo de guerra dava lugar a um antagonismo crescente, agora que a guerra tinha terminado.

Mesmo assim, os agentes da missão Martelo foram dispensados em agosto de 1945 com um louvor de gratidão do OSS «pelo trabalho heroico e extremamente valioso que fizeram para nós. Durante as hostilidades, comportaram-se com calma e eficiência e demonstraram uma notável capacidade de explorar todos os meios para cumprirem a vossa difícil tarefa. A conclusão bem-sucedida da vossa missão foi muito importante para as forças armadas aliadas e foi um grande contributo para a derrota do inimigo». O OSS também deu uma forte palmada nas costas a si mesmo: «Foi estabelecido contacto com as equipas de agentes com o equipamento J-E e mantido com sucesso num momento crucial do ataque à Alemanha. Foram obtidas informações vitais sobre as condições em Berlim, a disposição das tropas na área de Berlim e os alvos que ainda havia para bombardear (...) foram obtidas informações extremamente valiosas.»

A notícia da queda de Berlim foi recebida com incontida alegria na Grã-Bretanha, e em lugar algum foi mais celebrada que na Avenue Cottage, em Oxford.

Ursula seguiu o progresso das missões Ferramentas

através das informações que Gould passava a Henschke. Os espiões da missão Martelo tinham sobrevivido, se bem que diversos outros recrutas tivessem perecido. Ela tinha dado um contributo vital para a libertação da sua cidade natal da praga do nazismo. E o mais importante é que coordenara uma missão para desviar uma nova peça de tecnologia militar americana para as mãos dos soviéticos. Estava a ajudar a Rússia a construir a bomba; também ajudara a construir o *walkie-talkie*. Nem sequer Len sabia o que ela tinha feito. A sua celebração foi secreta e privada.

No dia 8 de maio, os Laski organizaram uma festa de rua para comemorar o Dia da Vitória na Europa. «Havia mesas corridas na rua», escreveria Ursula. Os vizinhos juntaram as suas parcas rações para fazer bolos para celebrar a vitória. Fizeram-se brindes com limonada e cerveja e a rua estava decorada com bandeirolas artesanais. Ursula nunca se sentira tão próxima dos seus vizinhos britânicos, nem tão em harmonia com o estado de espírito nacional. Fez um grande pão-de-ló, que Nina decorou de vermelho, branco e azul. «Partilhei a alegria de todos.»

No entanto, como oficial do Exército Vermelho, aproximava-se uma nova batalha. A história girava à sua volta. Antes da guerra, tinha espiado contra fascistas e anticomunistas, chineses, japoneses e alemães; durante o conflito, espiara contra os nazis e os Aliados; depois da guerra, e doravante, espiaria contra o Ocidente, o novo inimigo na vindoura Guerra Fria. Uma fotografia da festa da vitória no bairro de Summertown inclui uma radiante Ursula a festejar alegremente a queda de Hitler. Um homem usa um uniforme do exército. Outro ergue dois dedos em V para o sinal de vitória. Porém, atrás desta imagem de alívio partilhado, triunfo e otimismo escondia-se uma divergência ideológica que em breve daria origem

a um novo conflito. «Todos queriam um mundo melhor», escreveria ela. «Mas era aqui que as nossas visões do futuro diferiam.»

*

Dois meses mais tarde, no recôndito deserto do Novo México, os cientistas do Projeto Manhattan detonaram o primeiro engenho nuclear, num teste que recebeu o nome de código «Trinity» e provocou uma explosão equivalente a 20 mil toneladas de TNT. Entre os cientistas que observaram a grande nuvem em forma de cogumelo subir no céu ao amanhecer estava Klaus Fuchs, um dos principais arquitetos da arma mais potente jamais criada pelo homem. Em agosto de 1944, ele tinha-se mudado para o centro do Projeto Manhattan em Los Alamos, descrito por um cientista como «o *campus* de uma enorme universidade cujos membros eram alguns dos mais notáveis cientistas do mundo ocidental, reunidos para descobrir como derrotar Hitler na corrida para construir uma bomba atômica». No Departamento de Física Teórica, Fuchs trabalhou sob a direção de Hans Bethe, que o considerou «um dos homens mais valiosos da minha divisão» e «um dos melhores físicos teóricos que tivemos».

Por intermédio de Harry Gold do KGB, Fuchs tinha passado todas as informações científicas para Moscovo, até ao mais ínfimo pormenor: os dois homens encontravam-se em Queens, ao lado do museu Metropolitan em Nova Iorque, e em Cambridge, Massachusetts. Fuchs falou a Gold não apenas sobre o progresso que estava a ser feito nas bombas «atómicas» de urânio e plutónio, mas também sobre o avanço da investigação para a ainda mais potente bomba de hidrogénio. Em junho de 1945, Gold esperava num banco no centro de Santa Fé quando Fuchs chegou no seu «velho e delapidado carro de dois lugares» e lhe entregou

uma descrição completa da bomba de plutônio que seria testada no deserto algumas semanas mais tarde. Os soviéticos ficaram encantados ao receber «os planos do engenho Trinity».

No dia 24 de julho, na Conferência de Potsdam, o presidente Truman informou Estaline de que a América tinha construído «uma nova arma com uma força destrutiva fora do comum». Estaline não pareceu ter sido apanhado de surpresa — na verdade, já sabia tudo sobre o assunto.

Duas semanas mais tarde, a Força Aérea dos Estados Unidos lançou uma bomba atômica sobre a cidade japonesa de Hiroxima e depois sobre Nagasáqui. A guerra no Pacífico terminou e a Guerra Fria começou a sério.

Durante quatro anos, os vizinhos e amigos de Ursula na Grã-Bretanha tinham sido seus aliados; e então, do outro lado das rígidas linhas de combate do novo conflito, passaram a ser seus inimigos.

Great Rollright

Great Rollright é um pitoresco lugarejo rural rodeado de terras de cultivo no centro das Cotswolds, no norte do Oxfordshire. Em 1945, tinha um *pub* que remontava ao século XVIII, o Unicorn, uma estação de correios, uma igreja medieval e uma população de 243 habitantes, composta sobretudo por famílias de agricultores que viviam ali há gerações. Os comboios da linha de Banbury e Cheltenham paravam em Rollright Halt duas vezes por dia. Great Rollright é um nome grandioso para uma aldeia completamente insignificante: era encantadora, recôndita e extremamente tranquila. Uma semana depois do Dia da Vitória, Ursula e os filhos mudaram-se para «The Firs», uma casa de quatro quartos feita da pedra cor de mel, típica nas Cotswolds, com duas arrecadações e uma latrina no exterior. Na casa não havia eletricidade, telefone ou água quente. Tinha correntes de ar em maio e era fria de morrer em dezembro. Contudo, à volta da porta crescia uma grande quantidade de rosas e «as suaves colinas das Cotswolds» estendiam-se a partir da porta das traseiras. Ursula adorou-a no instante em que a viu.

De todos os lugares onde vivera e espiara, da China à Polónia e à Suíça, esta casa, «com 250 anos, grossas vigas de madeira e tetos baixos, pátio, celeiro e jardim selvagem», foi aquela de que mais gostou. Foi «o nosso primeiro verdadeiro lar», escreveria. A Avenue Cottage era demasiado pequena para os três filhos. Ali tinham muito espaço, a renda era baixa e uma grande cave

fechada era ideal para esconder o equipamento de rádio ilegal. Os vizinhos eram simpáticos e cuidavam da sua própria vida. Michael vinha de Eastbourne durante as férias; Nina, muito elegante no seu novo uniforme escolar, apanhava o autocarro para a escola secundária do condado em Chipping Norton; Peter frequentava o infantário da aldeia, que era dirigido pela mulher do vigário. Ursula plantou uma horta, construiu um galinheiro no jardim e acabou por comprar um leitão. Uma gata vadia mudou-se lá para casa e por ali ficou. Nina deu-lhe o nome de *Penny*.

Como acontecia em muitas aldeias inglesas, a vida em Great Rollright girava em torno do *pub*, da igreja do século XII, do clube de críquete, dos mexericos locais, das colheitas e da festa anual. A família foi recebida sem toque de trombetas e rapidamente assimilada. Ursula ficou amiga de Mrs. Malton, a mulher de um agricultor local, e começou a criar raízes. Continuava a ser uma firme ateia marxista, mas a família raramente faltava à missa. Nina, que na altura tinha oito anos, abraçou o anglicanismo com infantil zelo. «Durante o sermão, sentava-me no banco da frente, escutava com atenção e acreditava em todas as palavras.» Decidiu tornar-se freira. Depois, mudou de ideia e decidiu que seria piloto de caças. Os sineiros de St. Andrews costumavam ir tomar chá lá a casa a seguir à missa de domingo. Os *scones* de Ursula eram muitíssimo bons. Como fizera com Frau Füssli na Suíça, Ursula passava longas horas sentada à lareira, na cozinha, a discutir as minúcias da vida rural com Mrs. Malton: as galinhas, o tempo, os filhos. Comprou alguns móveis em segunda mão e pendurou os quadros chineses que trouxera de Xangai. «Estranhamente, os rolos de seda ficaram bem na velha casa de campo.» Fez uma viagem com os filhos a Stratford-upon-Avon. «Os miúdos tiveram direito a quatro bebidas gaseificadas

cada, três gelados e duas inspeções completas ao Woolworths.» Ursula insistiu na visita à casa onde Shakespeare nasceu.

No centro da Inglaterra, Ursula estava a tornar-se inglesa, mas sem o seu marido inglês. De repente, o pedido de transferência que Len fizera da RAF para o exército foi aceite e, para sua surpresa, foi incorporado nos Coldstream Guards («o mais feudal de todos os regimentos britânicos», notaria Ursula sarcasticamente). Foi colocado na Alemanha e só seria dispensado 21 meses mais tarde. O MI5 pediu ao comandante de Beurton para o manter debaixo de olho: «O seu registo é estranho e é possível que ele seja, ou tenha sido, um agente soviético (...) [É] indesejável que ele seja usado como intérprete na Alemanha ou em qualquer local onde tenha contacto com russos.» Len tinha passado a maior parte do ano anterior no quartel da RAF. Encontrava-se agora num país estrangeiro. «Eu estava por minha conta», escreveria Ursula. «Mas tinha o meu trabalho.»

Melita Norwood continuava a passar-lhe uma grande quantidade de segredos da Associação Britânica de Investigação de Metais não Ferrosos. Dispensado do Strategic Bombing Survey, Jürgen preparava-se para regressar a Berlim Oriental, onde os comunistas estabeleceriam a República Democrática Alemã (RDA) na Alemanha de Leste sob controlo soviético. Mas ele e o pai continuavam ativamente ligados à vida política britânica. «James», o oficial da RAF, fornecia algumas informações técnicas. O transmissor era usado constantemente. Nenhum dos aldeões reparou nos estranhos horários de Mrs. Beurton, embora a filha tivesse notado: «Nós, crianças, tínhamos de realizar tarefas diárias em casa e no jardim. Chegávamos todos os dias da escola às quatro da tarde. A minha mãe estava muitas vezes a dormir a essa hora. As outras mães não dormiam a sesta à tarde e eu

pensava: ela manda-me arrancar ervas daninhas no jardim enquanto dorme a sesta?!» Depois de regressar à Grã-Bretanha, Toni Ruh, o antigo espião da missão Martelo, encontrou trabalho numa empresa fornecedora do Ministério da Defesa. No início de 1946, por intermédio de Erich Henschke, entregou um protótipo de uma peça de aviação, «um instrumento especial para disparar em caças». Ursula escondeu o objeto no berço de Peter, empurrou-o pela a floresta perto de Great Rollright e enterrou-o. Para seu embaraço, quando foi buscá-lo já não se recordava do local — o seu primeiro erro em vinte anos de espionagem. Porém, em todos os outros aspetos, ela era uma espia-modelo. O seu rádio funcionava bem e o sistema de contacto e transmissão de informações ao GRU não tinha falhas, os pagamentos dos serviços secretos do Exército Vermelho eram regulares e suficientes e a sua rede de espionagem funcionava sem problemas.

E depois, abruptamente, tudo parou.

No outono de 1946, Ursula foi a Londres para um encontro de rotina com o «Sergei» mais recente. O agente do GRU não apareceu. Inicialmente, ela não ficou preocupada. «Tínhamos uma combinação especial em caso de perda de contacto.» Alguns quilómetros a ocidente de Great Rollright, a linha ferroviária direta de Banbury e Cheltenham passava por cima da estrada entre Banbury e Oxford. A seguir ao primeiro cruzamento depois do túnel havia uma fila de árvores. A quarta árvore do lado esquerdo tinha uma raiz oca. Era a caixa postal onde, se um encontro falhasse, mensagens e dinheiro seriam deixados para Ursula num determinado dia do mês. Uma semana depois do encontro falhado, ela pedalou por baixo da ponte ferroviária, pôs a bicicleta no descanso e, depois de verificar que ninguém estava a ver, enfiou a mão no buraco. A caixa postal estava vazia. No mês seguinte, também. E no outro. A rede fora comprometida?

Ditavam as regras que, se Moscovo cortasse as comunicações, ela não devia tentar restabelecê-las por rádio enquanto não recebesse instruções para o fazer. Ao fim de dois meses sem uma única palavra, Ursula estava seriamente preocupada, o dinheiro esgotava-se e ela sentia-se inquieta. «Eu vivia há anos para este trabalho e agora os meus dias estavam vazios.» Todos os meses, com receio de que alguém detetasse o padrão das suas movimentações, pedalava numa estrada aberta e procurava dentro de uma raiz oca. O Centro cortara completamente o contacto. «Deve ter havido uma boa razão», disse a si mesma.

Havia de facto uma razão, mas não era boa.

O GRU, a poderosa máquina de recolha de informações secretas militares da União Soviética, tinha-se enganado na árvore.

Em vez de deixar as mensagens sob a quarta árvore depois do cruzamento, o correio do GRU estava a depositar as coisas na quarta árvore depois do túnel — que, por infeliz coincidência, também tinha uma raiz oca. Num daqueles erros humanos que são tão comuns na espionagem como em todas as outras profissões, o GRU tinha feito asneira. Mas o Centro estava tão perplexo quanto Ursula. «Por motivos desconhecidos, Sonya não retirou o dinheiro da caixa postal no período combinado e retirámo-lo nós», referia uma nota. Para o Centro, tinha sido Sonya a cortar o contacto, o que só podia significar uma coisa: o serviço de segurança britânico devia estar a aproximar-se dela. E era verdade.

O passado de Ursula voltava para a assombrar de três formas distintas, e através de três homens diferentes. Rudi Hamburger, Alexander Foote e Klaus Fuchs: o seu ex-marido, o seu antigo colaborador e o seu melhor espião.

No dia 25 de março de 1946, John Cimperman, o adido jurídico da embaixada americana e representante do FBI

em Londres, enviou uma carta para Roger Hollis do MI5: «Pedimos o favor de nos enviar correspondência anterior sobre Rudolf Albert Hamburger, agente soviético confesso cujo paradeiro é desconhecido desde que saiu do Irão no dia 22 de maio de 1943. Gostaria que marcasse uma entrevista com Ursula Hamburger Beurton, a ex-mulher de Hamburger, com o objetivo de averiguar o seu atual paradeiro.» O FBI estava a interrogar ativamente todas as pessoas com ligações comunistas. Por essa ordem de ideias, Viktor, o irmão de Rudi, que agora lecionava na Universidade de Chicago, era uma pessoa suspeita.

De repente, os americanos estavam interessados no espião soviético e na sua ex-mulher.

A localização de Rudi Hamburger era o mais afastada possível de imaginar das suaves e ondulantes colinas das Cotswolds: estava preso no campo de trabalhos forçados de Karaganda, um enorme *gulag* que se estendia por mais de 36 mil quilómetros quadrados nas estepes do Cazaquistão. Aí, um exército de detidos fazia trabalho escravo em cinquenta minas de carvão, numa paisagem tão inóspita que o campo quase não precisava dos guardas armados com metralhadoras. Qualquer pessoa que tentasse fugir morria rapidamente naquela vastidão gelada.

«Todas as manhãs me parece inconcebível como vim parar aqui», escreveria Rudi.

O seu purgatório tinha começado no campo de trabalhos forçados de Saratova, no Volga, 800 quilómetros a sul de Moscovo, no início de uma pena de cinco anos por «crimes políticos».

«Foi o que me tornei», escreveu. «Um traidor, um terrorista, um inimigo público.» Saratova era um campo de extração de madeira, uma colónia penal que usava trabalho escravo e a coisa mais parecida com um inferno na Terra que o Estado estalinista conseguia conceber. Os

detidos usavam roupa prisional idêntica composta por justilho e boné de algodão preto acolchoado, um uniforme que se destinava a impor o anonimato e era insuficiente para os manter protegidos do frio cortante. O regime alimentar era composto por um grosseiro pão escuro e uma sopa aguada: «Partículas de cenoura, espinhas e repugnantes cabeças de peixe que nos fitam com olhos mortos.» Após seis meses de cativeiro, Rudi pesava menos de 50 quilos. Quando se atreveu a olhar-se ao espelho, viu um «esqueleto cinzento, o rosto pálido e emaciado de um homem prematuramente envelhecido». Não havia livros, jornais ou rádio, e nenhuma comunicação com pessoas no exterior. Entre os outros condenados que viviam com Rudi contavam-se criminosos profissionais que impunham uma tirania interna de medo, violência e extorsão, mas também presos políticos como ele, os «Cinquena e Oito», «elementos socialmente perigosos» condenados ao abrigo do artigo 58.^o: estudantes que se tinham atrevido a exigir liberdade de expressão, um casal que criticara a guerra que lhes levava o único filho, um homem que tinha apanhado e guardado um folheto de propaganda nazi lançado de um avião alemão.

«Mantém-te calmo e disciplinado», dizia Rudi a si mesmo. «Tem cuidado com o que dizes. Vives na terra da ditadura ilimitada. Mantém-te calado.» O tédio e a fome corroíam-no até à alma: «Deitado na tábua que faz de cama, somos como um animal torturado que espera passivamente o seu amargo destino.» Tentou esquecer a sua antiga existência e as coisas que em tempos amara. «Tem de ser possível renunciar ao luxo dos sentidos, não lembrar a beleza estética que, sob a forma de arte, arquitetura e música, fazia parte da minha vida (...) Se queria sobreviver no campo, não podia permitir-me pensar.»

Uma equipa de engenheiros militares americanos visitou Saratova para supervisionar a construção de uma

fábrica de produtos químicos integrada no programa de auxílio de guerra. Um simpático secretário ofereceu a Rudi uma revista americana ilustrada. «Por fim, posso ler alguma coisa numa língua que me é familiar para me distrair de pensamentos desesperados.» Algumas semanas mais tarde, a revista foi confiscada e acusaram-no de levar propaganda antissoviética para o campo. Teve início um segundo julgamento. «O juiz tem o tom agudo e duro que eu já conhecia da minha pátria prussiana. A sua tarefa é inspirar medo, obrigar o acusado a assumir a posição de culpado desde o primeiro momento e reprimir qualquer tentativa de resistência.» A pena de Rudi foi prolongada mais oito anos e ele foi colocado na solitária. «Na escuridão da cela, há pouca diferença entre dia e noite. Estou a vegetar e sou um terreno fértil para os piolhos (...) uso a minha colher de madeira para desenhar na camada de gelo da parede planos de edifícios, de uma casa alguers na terra dos sonhos. Passo a maior parte do tempo em total letargia.»

A notícia da queda de Berlim chegou ao *gulag* e Rudi registou o momento: «“A guerra terminou — os fascistas estão destruídos”, diz um guarda, a rir, e abre os braços no ar de alegria. Sinto uma onda de felicidade. O genocídio chegou ao fim, o fascismo hitleriano foi derrotado. Paz. De repente, o meu destino parece insignificante perante este extraordinário acontecimento.»

Rudi perdera tudo, exceto a teimosia. Esfomeado, infestado de piolhos, obrigado a trabalhar até à mais completa exaustão, falsamente condenado por um insensível regime comunista, ele manteve-se fiel à ideologia que adotara por insistência de Ursula. «Os choques revolucionários de há décadas e a guerra produziram uma geração de homens e mulheres heroicos que estão a construir uma nova sociedade», escreveu. «O arame farpado do gulag não consegue bloquear a visão

das estrelas.»

Em 1945, foi transferido para Karaganda a fim de trabalhar no projeto e na construção de um novo conjunto de barracas. «Apesar da vida na desolada estepe, este campo é mais fácil de suportar», escreveu. Pelo menos, podia usar os seus conhecimentos de arquitetura, se bem que a construção de filas de barracas de madeira idênticas fosse muito diferente dos edifícios *art déco* que criara em Xangai. Pensava invariavelmente em Ursula, e em Michael, o filho que temia nunca mais voltar a ver. «Aqui, numa terra estéril desprovida de vida, a perspectiva de oito anos de arame farpado esmaga-me contra o chão. Se não estiver morto nessa altura, para onde irei?»

O MI5 ficou perplexo, e um pouco irritado, com o renovado interesse do FBI em Ursula Beurton e no seu ex-marido, o espião soviético que tinha sido entregue a Moscovo antes de desaparecer. «O FBI está a ser singularmente persistente a respeito deste caso e desconfio que possuem informações mais recentes que nós sobre Hamburger», escreveu John Marriott do MI5. Um ano antes, os americanos já tinham sido informados de que Mrs. Beurton estava acima de suspeita, porque «parece dedicar o seu tempo aos filhos e às tarefas domésticas». Mas Cimperman voltava ao ataque, pedindo que o MI5 a interrogasse e descobrisse onde estava o ex-marido. «Não parece haver um bom motivo para supor que a senhora pode responder à sua pergunta», escreveu Marriott, e disse a Cimperman: «É do nosso conhecimento que esta senhora é simpatizante comunista e hesito em interrogá-la sobre um assunto desta natureza. Embora as nossas investigações ao seu atual marido não tenham produzido provas que consubstanciem as desconfianças que tínhamos sobre ele, essas desconfianças mantêm-se e não estamos de forma alguma convencidos de que ele não é um agente soviético.» Se Ursula Beurton fosse

interrogada, o marido, que acabara de ser desmobilizado e trabalhava numa fábrica de plásticos, poderia ficar a saber que o MI5 suspeitava dele. Uma vez mais, a fixação exclusiva no homem obscureceu a mulher, que era a espia mais importante.

Ainda assim, Marriott enviou um bilhete para Kim Philby do MI6. «Recordará que Rudolf Hamburger era um agente soviético que foi detido no Irão em maio de 1943, primeiro pelos americanos e depois pelos britânicos, que o entregaram às autoridades soviéticas. Agora, o FBI pediu-nos para interrogar Ursula Beurton (que, como se lembrará, foi casada com Hamburger). Por uma série de razões, não me sinto inclinado para aceder a este pedido. Será que pode dar-me alguma informação relativamente ao paradeiro atual de Rudolf Hamburger?»

Philby, o principal espião do KGB no Reino Unido, estava plenamente informado do caso Ursula Beurton. Não se sabe se também sabia que ela espiava para os soviéticos e a protegeu de forma deliberada. A sua resposta foi extremamente educada e inteiramente obstrutiva. «Lamento, mas o MI6 desconhece o atual paradeiro de Hamburger.»

*

No dia 2 de agosto de 1947, um inglês entrou na missão diplomática no setor britânico de Berlim e explicou ao surpreendido rececionista que era um espião soviético e queria desertar.

Alexander Foote vivera pelo menos quatro vidas diferentes, com igual número de diferentes nomes, desde que se despedira de Ursula na Suíça em dezembro de 1940. Uma peça fundamental na rede Rote Drei de Sandor Radó, durante dois anos tinha transmitido uma enorme quantidade de informações militares ao Centro, por vezes passando 24 horas por dia a codificar e decodificar e a viver, como diria, a «vida de um monge». As autoridades

suíças sabiam que um transmissor de rádio ilegal estava a ser usado algures em Lausana. E a Abwehr alemã também. Era muito provável que uma destas entidades acabasse por apanhá-lo. Foote recebia uma mensagem de Moscovo à 1h15 de 20 de novembro de 1942 quando ouviu um estrondo de madeira a partir no momento em que um machado esmagou a porta de entrada do seu apartamento. Só teve tempo de demolir o rádio e queimar as anotações com fluido de isqueiro num cinzeiro de metal que mantinha à mão para esse fim, antes de a sala se encher de polícias suíços armados. «Há semanas que esperava algum tipo de ação e tinha destruído todos os meus registos, contas de caixa, etc., e em resultado disso não havia nada para a polícia a não ser um monte de cinzas carbonizadas e um transmissor danificado.» Foote foi detido e levado para a prisão de Bois-Mermet. O seu interrogatório foi extraordinariamente civilizado. «Não vale a pena negar as suas atividades, Foote», disse-lhe o inspetor Pasche do serviço de segurança suíço enquanto partilhavam uma garrafa de uísque escocês na cela. «Não há qualquer indício de que agiu contra interesses suíços e sinto-me pessoalmente inclinado a seu favor, porque tem estado a trabalhar contra a Alemanha, o único país no mundo que ameaça a independência da Suíça. Só preciso que assine uma confissão completa e será libertado de imediato.» Igualmente educado, Foote declarou que não confessaria coisa alguma e que, se Pasche estivesse correto e ele fosse libertado, os soviéticos presumiriam que os traíra e matá-lo-iam. «Pedi para ficar preso.» E gostou de estar na prisão. «Pela primeira vez em anos, pude descontraír completamente e fui deixado em paz para ler tudo o que quis da biblioteca da prisão.»

Libertado em setembro de 1944, foi para Paris, entrou em contacto com a missão militar soviética e enviou uma mensagem para o Centro. Algumas semanas mais tarde, recebeu um passaporte soviético falso em nome de Alfred

Fedorovich Lapidus e ordens para apanhar o primeiro avião militar soviético que saísse da Paris libertada com destino a Moscovo. Um dos seus companheiros de voo era Sandor Radó, o rotundo cérebro da Rote Drei que tinha escapado à captura na Suíça e fora para Paris. Outro era Gavril Ilyich Myasnikov, um bolchevique veterano que participara no assassinio do grão-duque Mikhail Aleksandrovich da Rússia, o primeiro dos Romanov a ser assassinado. Depois de se desentender com Lenine, Myasnikov tinha ido para o exílio em França, mas regressava agora a convite da embaixada soviética. Foote achou-o «um simpático velho rufião» e ficou impressionado com a sua afirmação de que ia «para a Rússia para pôr Estaline no seu lugar».

Quando o avião descolou, às 9h00 do dia 6 de janeiro de 1945, Foote estava pensativo e apreensivo. A sua dedicação ao comunismo nunca fora mais que superficial. «Durante muito tempo tinha estado desiludido e infeliz com a atitude do Centro», mas ainda sentia um dever residual. «Abandonar de forma deliberada o trabalho teria sido aos meus olhos o equivalente a desertar perante o inimigo.» Além disso, os seus coordenadores tinham uma dívida de gratidão para com ele por todo o seu trabalho duro. Se acreditassem na sua história.

Durante uma escala no Cairo, Foote e Radó dividiram um quarto no Hotel Luna Park. O cartógrafo húngaro parecia mais lúgubre do que era habitual. «Na primeira noite mal proferiu uma palavra e não quis sair comigo para uma última noite de borga.» Durante a noite, Radó desapareceu, deixando o chapéu, o casaco e a bagagem. «Prova tácita», comentaria Foote, «de um espião que tinha perdido a coragem.» Um dos maiores espiões durante a guerra não confiava que Estaline retribuísse a sua lealdade, e tinha bons motivos para isso.

O avião aterrou em Moscovo no dia 14 de janeiro.

Myasnikov gabou-se de que Molotov, o ministro soviético dos Negócios Estrangeiros, enviaria uma limusina oficial para o ir buscar. É certo que havia um carro à sua espera, mas «as expressões sombrias da escolta» sugeriram a Foote que o velho bolchevique não teria as boas-vindas tão calorosas por que esperava. Myasnikov foi imediatamente detido. Oito meses mais tarde, seria assassinado.

A comissão de receção de Foote foi muito mais agradável: a major Vera Poliakova do Exército Vermelho, a oficial que falava inglês e dirigira as redes suíças a partir de Moscovo durante a guerra. Com cabelo escuro e magra, Poliakova era «uma grande beldade», pensou Foote. Foi levado para um edifício moderno, onde lhe atribuíram um apartamento de duas divisões e lhe apresentaram um corpulento homem chamado Ivan: «Intérprete, escolta e guarda, tudo em um.» O interrogatório começou na manhã seguinte, e não foi amistoso. «Pelo tom das perguntas, foi óbvio que o Centro me considerava um *agent provocateur* infiltrado pelos britânicos.» Durante dias, e depois semanas, Poliakova crivou-o de perguntas, por vezes pessoalmente, outras vezes por escrito, pormenorizadas e sobrepostas, uma teia de questões confusas e contraditórias destinadas a pregar-lhe rasteiras. Disse-lhe que Sandor Radó era «um criminoso que desviara fundos na Suíça». O GRU acabaria por apanhá-lo. De facto, depois de ver recusado o pedido de asilo pela embaixada britânica no Cairo, Radó tentou sem sucesso suicidar-se. Em agosto de 1945 foi extraditado para a Rússia e condenado a dez anos de prisão por espionagem.

«Daqui a pouco tempo, a Rússia poderá recolher pessoas em qualquer parte do mundo, se forem procuradas», disse-lhe Poliakova, um aviso do «destino que eu podia esperar se desertasse». Assim, longe de

flertar com Foote, Poliakova oferecia-se para o apanhar e matar se ele tentasse fugir.

Foote recebeu um novo nome, Alexander Alexandrovitch Dimoff, e foi-lhe dito que poderia explorar a cidade, desde que Ivan o acompanhasse. Num desses passeios foram mandados parar por um miliciano, que lhes pediu os documentos. Ivan mandou o homem contactar o seu superior. Passados alguns momentos, um oficial do KGB com pouco mais de um metro e meio e olhos pretos chegou e começou a gritar. Poliakova dissera-lhes para não responderem a perguntas, por isso quando o homenzinho, furioso, exigiu que Foote se identificasse, ele baixou os olhos para a bombástica amostra de oficialismo e disse-lhe, de forma lenta e precisa, «Pisga-te.» O homenzinho do KGB escrevinhou no seu bloco de apontamentos. O contratempo foi resolvido através de um único telefonema e Foote e o seu vigilante voltaram para o apartamento, mas o incidente criou um equívoco permanente: sempre que Foote saía para dar um passeio, o miliciano cumprimentava-o cordialmente chamando-lhe «Camarada Pisgate».

Após seis semanas de interrogatórios diários, a major Poliakova foi novamente ao apartamento, desta vez acompanhada por um oficial superior que falava um inglês perfeito e usava uma incongruentemente berrante gravata. «Com 40 e poucos anos, ele era inteligente e intelectual, um interrogador de primeira classe.» Era nada mais nada menos que o diretor do GRU, que viera interrogar Foote pessoalmente. O interrogatório estendeu-se até de madrugada e recomeçou no dia seguinte. «Senti que a minha vida estava em jogo», escreveria Foote. Por fim, o general levantou-se e deu uma palmada nas costas de Foote. «Ele declarou que eu não tinha nada para ser censurado e que estava totalmente exonerado, e agradeceu-me pelo trabalho que fizera na Suíça.» Foote

perguntou-lhe quando é que poderia voltar a trabalhar para a grande glória da União Soviética. O diretor foi evasivo. «Seria necessário deixar as coisas acalmar durante algum tempo antes de eu poder ser aproveitado de novo no estrangeiro.» A provação fora demolidora, mas Foote sentiu que o perigo tinha passado. «Penso que quando nos separámos ele estava convencido do meu ardente entusiasmo pela causa em geral e pela espionagem soviética em particular. Era a impressão que eu queria transmitir.»

Era uma impressão falsa. O pouco zelo que Foote sentira em tempos pelo comunismo estava a evaporar-se perante as duras realidades da vida na Rússia soviética. «Estava determinado a sair dali e voltar para um mundo onde a liberdade era mais que uma frase de propaganda. A única maneira de sair dali vivo era fingir entusiasmo por qualquer plano de espionagem que me apresentassem, e depois libertar-me das garras do Centro o mais depressa possível.» Passar-se-ia mais um ano antes de surgir a oportunidade. Na primavera de 1947, o GRU mandou Foote viajar para Berlim como «Albert Müller», um soldado alemão filho de mãe inglesa (o que explicava o sotaque) que tinha sido capturado pelos russos perto de Estalinegrado e queria ser repatriado para a Alemanha. Quando conseguisse documentos de identificação alemães, iria para a Argentina. Ali, fazendo-se passar por um fascista puro e duro, devia infiltrar-se no círculo de importantes nazis que tinham fugido para lá e depois usar a América do Sul como rampa de lançamento para estabelecer uma rede de espiões nos Estados Unidos. A major Poliakova disse-lhe que a rede do Centro nos Estados Unidos estava «em mau estado» depois da revelação de vários agentes, e o Exército Vermelho estava «determinado a reconstruí-la de raiz». Foote poderia ser o arquiteto.

No fim de fevereiro, a viajar com o nome falso de «Granatoff», Foote foi de avião para Berlim. «A não ser que estragasse tudo no último momento», escreveu ele, «era muito possível que dali a pouco tempo pudesse libertar-me do Centro para sempre.» Numa soalheira tarde de verão em 1947, Albert Müller entregou os seus documentos aos guardas da fronteira entre as zonas soviética e britânica de Berlim e atirou-se para os braços dos serviços secretos britânicos. Dois dias mais tarde, com uma escolta do MI6, estava em Londres.

Alexander Foote contou quase tudo ao MI6. Descreveu como, quando era um jovem combatente regressado de Espanha, tinha sido recrutado em Londres e mandado para a Suíça; explicou que Ursula Kuczynski, a «agente Sonya», o treinara e a Len Beurton em operações de rádio e fabrico de bombas; revelou o plano abortado para assassinar Hitler e para fazer explodir o zepelim e descreveu como a ama de Ursula quase destruíra a rede. Detalhou o trabalho de Sandor Radó, a sua detenção e libertação pelas autoridades suíças e os acontecimentos que o tinham levado de Lausana para Paris, para Moscovo, para Berlim e, por fim, para Londres. Detido num esconderijo no número 19 de Rugby Mansions, W14, o espião fundamentou devidamente as suas afirmações, dando ao MI6 a primeira descrição dos serviços secretos soviéticos na Suíça durante a guerra. Foote evidenciou uma «total ausência de nervos» e uma ilimitada autoconfiança. «Considera-se um operacional de primeira classe», referiu o MI6. Quando lhe perguntaram porque é que tinha trocado de lado, Foote explicou que estava desiludido com a «falta de liberdade» na Rússia e que se tinha voltado contra os antigos patrões «porque sentia que eles iam provocar outra guerra». O interrogador ficou indeciso: «Duvido que Foote tenha quaisquer verdadeiros princípios políticos.» Foote insinuou que gostaria de

trabalhar nos serviços secretos britânicos, talvez como agente duplo. «Os russos têm total confiança em mim, sabem que consigo fazer quase tudo, e é verdade.» O MI6 estava impressionado. «Foote não perdeu a coragem e é evidente que não está em fuga», mas era demasiado imprevisível para ser usado como agente duplo. «Há uma possibilidade de um homem com o carácter e a posição de Foote se voltar para o crime (...) talvez seja melhor deixá-lo por sua conta.»

Alexander Foote tinha dito a verdade ao MI6, mas não toda. Insistiu que Ursula Kuczynski se retirara do mundo da espionagem há muito tempo.

Contou que ela ficara muito chocada com o pacto germano-soviético e com a invasão da Finlândia por Estaline, o que era verdade, e afirmou que em resultado disso cortara todos os laços com Moscovo, o que era falso. Disse-lhes que a partida para Inglaterra pusera fim à sua carreira de espia. Falou vagamente sobre algumas «ligações continuadas com a Rússia», mas insistiu que estava inativa desde 1941. «Ela ficou agradecida por voltar para uma respeitável obscuridade», afiançou Foote. «Moscovo também não se importou de ficar sem ela e estou convencido de que desde essa altura nunca mais teve qualquer ligação a uma rede de espiões russa.» Foote sabia que era uma descarada mentira. Estava disposto a contar ao MI6 tudo a respeito da espionagem soviética, mas não estava preparado para trair a velha amiga. E os seus esforços para a proteger não ficaram por aqui.

O comunista alemão Fred Uhlman tinha desempenhado um importante papel no recrutamento de Foote em 1938, quando pusera Ursula em contacto com os seus antigos camaradas de armas na Guerra Civil Espanhola. Nove anos mais tarde, abriu a porta da sua casa em Hampstead e «à minha frente estava um agitado indivíduo que não reconheci logo e que tomei por um mendigo ou um homem doente». Era o seu velho camarada, Footie. «Ele recusou-

se a entrar e gaguejou incoerentemente, a tremer: “Len e Sonya, grande perigo, não trabalhar, destruir tudo.” Em seguida, afastou-se a correr.» Uhlman transmitiu a mensagem urgente a Ursula e descreveu a estranha visita.

As frenéticas palavras de Foote tinham pouco significado para Uhlman, mas para Ursula eram o sinónimo de uma calamidade. O seu antigo colaborador devia ter passado para o outro lado. Sem dúvida, revelara os segredos sobre o trabalho na Suíça, mas por um sentimento de lealdade residual e uma «noção britânica de jogo limpo» correria o risco de fazer «um aviso secreto antes de os funcionários dos serviços secretos visitarem a nossa casa». Ele não a traía. Os seus agentes nunca a traíram. Contudo, indicara aos caçadores de espões britânicos a sua porta.

No seio do GRU, o desaparecimento de Foote causou consternação e recriminação. A major Poliakova foi destituída imediatamente e depois desapareceu. Todos os agentes dos serviços secretos que tinham contactado com Foote, acima de tudo Ursula, estavam comprometidos. O Centro, que já cortara acidentalmente o contacto com ela, fê-lo então de forma deliberada. Sonya estava por sua conta.

Ursula esperou a vinda do MI5 — não por muito tempo.

As suspeitas de longa data de Milicent Bagot estavam confirmadas: Ursula Beurton era, ou tinha sido, uma espia soviética. Ela voltou a ler as cartas que Ursula escrevera para a família enquanto vivia na Suíça. Uma delas, escrita para a cunhada Marguerite em 1940, pareceu-lhe claramente suspeita quando lida com mais atenção. «Com exceção de tricô (que não é o meu ponto forte), não podemos fazer grande coisa aqui», escrevera Ursula. «Mas ao ler um apelo para me preparar para uma transfusão de sangue, respondi. Eles examinaram-me e descobriram que tenho sangue muito útil e que pode ser usado por todos os diferentes grupos sanguíneos.» Bagot

desconfiou que a carta continha uma mensagem secreta: «transusão de sangue» era código para «transmissões de rádio», e a referência a «diferentes grupos» foi interpretada como uma pista escondida de que Ursula estava a treinar outros operadores de rádio. O MI5 concluiu: «Mensagens ocultas parecem referir-se a atividades políticas secretas.»

Um tema até ao momento de tépido interesse para os chefes de Bagot, de repente passou a ser da máxima importância. O caso foi retirado das suas mãos e Sir Percy Sillitoe, o novo diretor-geral do MI5 e antigo chefe da polícia, assumiu a investigação. Cartas para e de The Firs foram interceptadas e minuciosamente analisadas; os telefones dos irmãos de Ursula foram postos sob escuta; os seus extratos bancários foram passados a pente fino em busca de movimentos financeiros suspeitos. Len trabalhava como mecânico na Northern Aluminium Company em Banbury, onde o MI5 tinha um informador, um antigo polícia chamado Richard Kerley. Quando Len estava a trabalhar, Kerley abriu a sua pasta no vestiário dos funcionários e comunicou que continha «diversos tipos de livros e panfletos de propaganda comunista». Discretas investigações locais não revelaram nada fora do comum no comportamento de Ursula e alguns funcionários do MI5 duvidaram que ela tivesse tempo para espiar, porque «está bastante ocupada com os deveres domésticos».

Era impossível vigiar diretamente a casa onde os Beurton viviam, porque qualquer desconhecido que chegasse a uma recôndita aldeia como Great Rollright seria detetado de imediato. O polícia local recebeu ordens para estar atento aos Beurton e o chefe da polícia do condado de Oxfordshire, o tenente-coronel Herman Rutherford, foi secretamente informado do caso: «Através da vossa observação e da vossa investigação esperamos

descobrir mais sobre as suas atividades para podermos determinar se estão ou não envolvidos em espionagem no momento presente.» O coronel Rutherford «expressou grande interesse» no caso. Dito assim, é um eufemismo. Rutherford estava extremamente entusiasmado. A perspectiva de desmascarar uma espia comunista em Great Rollright era arrebatadora e o chefe da polícia queria detê-la pessoalmente.

Não havia tempo a perder. «Se não foi já considerada pelos russos como “queimada”, sê-lo-á sem dúvida quando a deserção de Foote para os britânicos for conhecida», avisou o MI5. «Não se pode excluir a possibilidade de ela ter vindo para cá com uma missão.» Ursula teria de ser interrogada sem demora, «de preferência antes de os russos terem tempo de a informar sobre o destino de Foote».

A melhor pessoa para executar esse trabalho era Milicent Bagot. Em vez disso, o caso foi entregue a William «Jim» Skardon, antigo inspetor da polícia, diretor da equipa de vigilância conhecida como «Sentinelas» e o «expoente máximo» dos interrogatórios no país. Skardon leu o dossiê de Ursula com satisfação: em breve, o grande inquisidor do MI5 iria a Great Rollright vergá-la.

Um Osso Duro de Roer

No verão de 1947, os pais de Ursula vieram passar uma temporada em The Firs. Ela não lhes confidenciou os seus receios. Berta estava pálida e fraca. Uma noite, às 2 da madrugada, Ursula ouviu gemidos vindos do quarto dos pais. «A minha mãe estava a ter um ataque cardíaco.» Através das finas paredes, Ursula ouviu-a gritar: «Oh, meu pequeno menino.» «Ela estava a pensar no Jürgen, o filho mais velho e o mais amado de todos os filhos.» O único telefone público de Great Rollright, no largo da aldeia, estava avariado. Ursula pedalou a toda a velocidade pela noite escura até Chipping Norton e acordou o médico, que a levou no seu carro. «Era tarde demais.» A relação com a mãe fora sempre conflituosa, mas a sua morte foi um rude golpe. Berta foi enterrada no cemitério de Great Rollright. Após 45 anos de casamento, em bons e maus momentos, Robert Kuczynski ficou devastado. Ursula convenceu-o a ficar a viver com ela.

Passadas algumas semanas chegou uma carta de Viktor Hamburger. «Tenho boas notícias: o Rudi está vivo.» Viktor recebera um postal ilustrado de uma Maria Jablonska, uma polaca de Danzig que fora recentemente libertada do *gulag*. «Voltei da Rússia e é com prazer que o informo de que o seu irmão Rudolf está vivo. Tem muitas saudades da família e acima de tudo do Misha. Por favor, responda na volta do correio e dar-lhe-ei mais pormenores.» A carta de Viktor continuava: «Podes imaginar como estamos todos muito felizes (...) é claro

que não podemos ter esperança de o ver de novo nos próximos anos.» Ursula hesitou em contar a Michael que o pai estava preso na Rússia. «Ela contou-me de uma forma muito vaga, mas disse que ele estava “no exílio”», recordou Michael. «Não disse onde.»

O MI5 leu a carta com interesse e comunicou a John Cimperman do FBI que Hamburger estava vivo e preso num campo de trabalhos forçados russo. O coronel Joe Spencer, o oficial de segurança britânico que interrogara Rudi em Teerão antes de o entregar aos soviéticos, também foi informado: «Parece que a calorosa receção soviética que ele lhe disse que esperava não se concretizou e ainda tem cinco anos de prisão para cumprir no campo de concentração onde se encontra.»

Ursula ficou aliviada com a notícia, mas com ela vieram novas incertezas: que crueldades sofrera o pobre Rudi? Quanto mais tempo seria prisioneiro da União Soviética? Voltaria a ver o filho?

O verão estava a chegar ao fim e ela fazia o luto pela mãe, temia por Rudi, ansiava por um sinal de apoio do Centro, refletia sobre a mensagem secreta de Foote e esperava a pancada na porta que anunciaria a chegada dos sabujos do MI5.

E eles chegaram exatamente às 13h20 de sábado, 13 de setembro de 1947.

Ursula abriu a porta e viu um polícia parado do outro lado, flanqueado por dois homens com roupas civis. O polícia tirou o capacete e apresentou-se como «detetive Herbert da esquadra de Chipping Norton». Os seus companheiros foram apresentados como «Mr. Saville» (Michael Serpell do MI5) e «Mr. Sneddon» — na realidade, Jim Skardon, o lendário interrogador do MI5.

«Estes cavalheiros gostariam de conversar consigo, Mrs. Burton. Podemos entrar?»

Robert Kuczynski, que estava a ler uma revista na sala de estar, levantou-se «e saiu com uma graciosa vénia».

Depois de mostrar o seu crachá a Ursula, o detetive Herbert também se foi embora. Os dois homens sentaram-se pouco à vontade na ponta do sofá. Ursula observou as visitas que não tinham sido convidadas.

Serpell, um «especialista em subversão comunista», estava profundamente embaraçado por interrogar uma dona de casa de avental. Por sua vez, Skardon estava vestido para o papel de caçador supremo de espiões: usava uma gabardina cinzenta e chapéu mole, e tinha um bigode fino e pouco convincente e uma expressão levemente sardónica — disfarce para o facto de que tinha muito pouca noção do que estava a fazer. «Um antigo polícia ativo e fumador de cachimbo, Skardon tinha as suas capacidades em grande conta», diria um colega, encorajando fortemente os outros a partilharem a sua opinião. Ele não gostava de mulheres e recusava-se a permitir que as agentes participassem em operações de vigilância, pois poderiam expor os colegas do sexo masculino a «tentações extraconjugais». Era sério, meticoloso, educado e, como chefe dos Vigilantes, surpreendentemente desatento. «À sua maneira, personificava o mundo de sensatos valores de classe média — chá à tarde e cortinas de renda», um estado de espírito que se revelaria extremamente ineficaz contra os duros espiões soviéticos. Entrevistou Kim Philby dez vezes e declarou-se mais convencido da sua inocência no fim do que estivera no início. Entrevistou Anthony Blunt em onze ocasiões ao longo de um período de treze anos e ilibou-o sempre, enganado pela sua «jactância de classe alta». Também exonerou John Cairncross, outro dos Cinco de Cambridge, e Edith Tudor-Hart, que tinha recomendado Philby ao KGB. Para um conceituado caçador de espiões, era extremamente mau no seu trabalho.

O primeiro erro de Skardon foi subestimar a sua presa. «Mrs. Beurton é uma mulher bastante apagada, com

cabelo sujo e despenteado, perceptivelmente grisalho, e uma aparência bastante desmazelada.» O segundo erro foi pôr as cartas na mesa.

— A senhora foi agente russa durante muito tempo, até ficar desiludida com a guerra na Finlândia — declarou Skardon. Sem parar para respirar, continuou: — Sabemos que não está ativa em Inglaterra e não viemos prendê-la.

Com aquelas palavras, Skardon tinha exposto as fraquezas da posição do MI5. A espionagem de Ursula na Suíça fora voltada contra a Alemanha; ela só poderia ser acusada se tivesse espiado na Grã-Bretanha, contra a Grã-Bretanha ou os seus aliados, e Skardon acabara de revelar que não tinha qualquer prova de que isso acontecera.

«Esta tentativa “psicológica” de me apanhar de surpresa foi tão engraçada e absurda, e tão longe de me perturbar, que quase desatei a rir.»

— Querem uma chávena de chá? — perguntou. — Devo chamar o meu marido?

Ursula chamou Len, que estava no jardim, e pôs a chaleira ao lume, sabendo de antemão que se encontrava em vantagem. Se não se comprometesse, Mr. Sneddon não teria nada para continuar; e nada era exatamente o que pretendia dar-lhe.

Len entrou na sala de estar. «Beurton parece invulgarmente jovem, até para os seus 33 anos», escreveu Skardon. «Mas foi completamente ofuscado pela mulher, que domina a casa.»

Depois de o chá ser servido, Skardon continuou. «Passei diretamente ao ataque e disse a Mrs. Beurton que tínhamos uma vasta quantidade de informações na nossa posse e que queríamos a sua colaboração para ajudar a esclarecer certas ambiguidades.» Ele insinuou sombriamente que as provas eram provenientes de uma «fuga de informações dos serviços secretos soviéticos».

Ursula sorriu docemente.

— Acho que não posso colaborar. Não pretendo mentir

e por esse motivo prefiro não responder às suas perguntas.

Skardon nunca se tinha deparado com uma mulher assim em toda a sua vida. Gostava delas arranjadas e dóceis. «É justo dizer imediatamente pela postura assumida por Mrs. Beurton que ela reconheceu tacitamente que trabalhara para os serviços secretos soviéticos no passado. A forma como deu a entender isso foi um sinal da qualidade do seu treino anterior e, apesar de toda a lisonja, artifício e astúcia que usámos, não tivemos sucesso.»

Skardon pressionou.

— Sabemos que ficou desiludida com o comunismo depois da invasão da Finlândia pela União Soviética. Sabemos que é uma leal cidadã britânica e que não se envolveu em qualquer ação censurável aqui. Não tem nada a temer. Sabemos que não é culpada de coisa alguma neste país. Uma vez que reconheceu o verdadeiro valor do comunismo, porque não colaborar e contar-nos tudo sobre o tempo que passou na Suíça?

Ursula manteve-se reservada.

«Confirmei a minha lealdade, mas declarei que isso não me obrigava a falar sobre a minha vida antes de me tornar cidadã britânica. Repliquei que, embora tivesse sofrido desilusões, não podia descrever-me como anticomunista. Além disso, achava que não havia contradição entre ser uma leal cidadã britânica e ter ideias de esquerda.»

Skardon estava frustrado. É impossível demonstrar que se é um notável interrogador se alguém se recusa a responder às perguntas. «Ela não negou nada e defendeu-se repetidamente atrás do escudo da “não colaboração”.»

«Um pouco carrancudo», Skardon concentrou-se em Len:

— Sabemos tudo sobre a sua ligação a Allan [*sic*] Foote.

— O Footie?! — exclamou Len, como se estivesse a

recordar um nome do passado distante. — Oh, sim. O que é feito dele?

A postura levemente amável de Skardon estava a desaparecer depressa. Ursula ofereceu mais chá e pediu licença por alguns minutos porque estava a fazer um bolo para uma festa de crianças para celebrar o quarto aniversário de Peter.

Sozinhos com aquele que pensavam ser o «elo mais fraco», Skardon e Serpell começaram a interrogar Len. «Tentámos quebrar a taciturnidade de Beurton, mas, apesar de todas as provocações, não conseguimos arrancar-lhe mais nada a não ser que conheceu Mrs. Beurton em Brighton em 1936.» Len explicou-lhes que se tinha cruzado com ela «por acaso» na Suíça, «como encontramos pessoas na Prix-Unis [*sic*]».

Skardon estava profundamente irritado. «Mrs. Beurton voltou após uma ausência bastante longa, ainda com uma disposição muito pouco colaborante. Usámos todos os argumentos concebíveis com ela, [mas] ela disse que até para explicar porque é que não queria colaborar teria de falar no passado, e preferia não dizer nada a induzir-nos em erro.»

Skardon disse a Ursula que a sua «lealdade aos antigos patrões» não seria recíproca. Ela replicou que «as suas lealdades eram a ideais e não a pessoas». Ele avisou-a de que alguns membros da sua família poderiam «ficar sob suspeita» se ela não falasse. Ursula «manteve uma indiferença eslava».

Após três horas de inútil troca de palavras enquanto bebiam chávenas de chá, Skardon levantou-se e anunciou bruscamente que voltariam no dia seguinte «com esperança de que ela tivesse refletido e mudado de atitude».

Ursula não mudou.

«As vantagens da colaboração e, por inferência, os

perigos da reticência foram-lhe explicados uma vez mais, mas ela manteve-se irredutível.»

Ursula só baixou a guarda uma vez. Foote reconheceu com ingenuidade que cometera perjúrio nos tribunais suíços ao testemunhar falsamente que Rudi Hamburger cometera adultério com Brigitte num hotel de Londres para ela conseguir divorciar-se. Skardon escreveu: «Mr. Serpell conseguiu perturbar habilmente Mrs. Beurton ao usar muitas vezes a palavra “divórcio”.» Ursula e Len trocaram olhares sub-reptícios. «Não há dúvida de que a dissolução do casamento é um ponto fraco na sua armadura, mas os documentos parecem estar em ordem e não há justificação para uma tentativa vigorosa de invalidar o casamento Beurton-Hamburger e voltar a atribuir-lhe a nacionalidade alemã.»

O segundo dia de interrogatório terminou como o primeiro, num impasse.

Quando saíram, Serpell tentou fazer conversa de circunstância e admirou as rosas de Ursula sobre a porta principal.

— Este sítio é lindo. Não me importaria de viver assim.

Ursula sorriu.

— Pode arranjar-se. Eu arrendo quartos.

Skardon escreveu um irascível relatório do interrogatório.

*

Obtivemos poucas informações positivas. Temos motivos para acreditar que Mrs. Beurton desistiu de trabalhar para os russos por questões ideológicas quando eles se comportaram muito mal, de um ponto de vista antifascista, no início da guerra. É notório que ela é fanaticamente antifascista e concordou até certo ponto que estava desapontada com a política russa de 1939-40, comentando que muitas pessoas perderam a fé nos governos, mas mantêm as convicções políticas. Há uma luz ao fundo do túnel neste abjeto fracasso de fazer Mrs. Beurton falar. Ela concordou que, se por algum motivo mudasse de ideia, comunicaria connosco por intermédio do detetive Herbert em Chipping Norton. Há

uma hipótese, se bem que remota, de ela aproveitar esta oportunidade. O lado bom da entrevista pode ser o reforço do desejo dos Beurton de não terem mais nada a ver com os serviços secretos. Estamos razoavelmente convencidos de que neste momento eles não estão envolvidos em espionagem e que não estão ligados aos serviços secretos há algum tempo.

*

Sir Percy Sillitoe escreveu para o coronel Rutherford da polícia de Oxfordshire e destruiu as suas esperanças de uma dramática detenção. «O interrogatório foi uma desilusão e não ficámos a saber nada de novo sobre a vida daquelas pessoas (...) não há motivos para desconfiar deles em relação a atividades de espionagem atuais ou até recentes, embora sejam ambos comunistas.»

O MI5 acreditou na ficção de que Ursula deixara de espiar em 1940. Para a apanhar, Skardon precisaria de provas irrefutáveis de que ela espiara na Grã-Bretanha, e não tinha nenhuma. Ainda.

Ursula ficou mais abalada com o encontro com o MI5 do que deu a entender. Robert Kuczynski, que sofria de um cancro que o mataria alguns meses mais tarde, também estava muito preocupado e apressou-se a ir a Londres para contar a Brigitte o que tinha acontecido. A notícia de que Ursula fora interrogada espalhou-se a grande velocidade na família. Jürgen já se tinha mudado para Berlim e escreveu a insistir com a irmã para que fosse ajudá-lo a construir o novo Estado comunista da Alemanha de Leste. «Tenta vir visitar-nos o mais brevemente possível. Tens de ver a situação com os teus próprios olhos e depois tomar uma decisão e fazer planos de acordo com ela.»

Ursula sentiu-se tentada com a sugestão de Jürgen. O desagradável Mr. Sneddon fora-se embora, mas durante quanto tempo? Len estava infeliz, entediado com o trabalho na fábrica de alumínio, e quase não dormia. Os disparos de artilharia a que estivera exposto em Espanha

tinham-no deixado com lancinantes dores de cabeça. «As suas depressões tornaram-se mais frequentes. Ele passava dias a fio em silêncio.» Embora ela continuasse a verificar a caixa postal, parecia não haver esperança de o GRU voltar a estabelecer contacto. «A minha vida estava encalhada.»

Todavia, precisamente no momento em que começava a imaginar uma nova existência, o seu passado reapareceu sob a marcante forma da mulher que a trouxera para o mundo da espionagem. Por acaso, Ursula descobriu que Agnes Smedley estava na Grã-Bretanha, a viver a alguns quilómetros em Oxford.

A inquieta e zangada campanha de Smedley a favor do comunismo internacional estava a chegar ao fim. Em 1941, voltara para os Estados Unidos e fora viver para a colónia de escritores Yaddo a norte do estado de Nova Iorque para escrever uma biografia do general do Exército Vermelho chinês Zhu De, enquanto continuava a trabalhar, nas palavras do *Chicago Tribune*, como «a principal defensora da China comunista». O FBI estava atento e ela foi obrigada a sair de Yaddo em 1948. Alguns meses depois, um relatório dos serviços secretos do Exército americano identificou-a como uma figura central da rede de espiões de Richard Sorge, o que deu origem a uma vaga de parangonas nas primeiras páginas de jornais de todo o país: «Exército Afirma Que Espiões Soviéticos Obtiveram Segredos de Guerra em Tóquio e Acusa Escritora». Agnes Smedley ameaçou processá-los — uma perigosa tática, tendo em conta que era culpada. Os caçadores macartistas de comunistas estavam muito ativos. Smedley abraçou o seu martírio: «A abjeta imprensa queimou outra bruxa na fogueira.» A sua saúde fora destruída pelos anos que passara nas zonas chinesas em guerra e, embora o seu coração estivesse pronto para mais uma batalha, a mente e o corpo não estavam.

Reservou um bilhete de ida para Inglaterra e refugiou-se na casa da sua amiga Margaret Sloss, em Oxford.

Ursula queria voltar a ver Agnes, mas temia levar o MI5 até à velha amiga. «Uma irresponsável visita minha podia colocá-la politicamente em perigo. Em todo o caso, não sabia se ela mudara com o passar dos anos. Como deveria abordá-la?» Ambas podiam estar a ser vigiadas pelo MI5. Se ela fosse avistada a estabelecer contacto com uma espia soviética acusada, só reforçaria as suas desconfianças. Devia correr o risco de se encontrar com Agnes, com tudo o que isso podia implicar, ou evitar o contacto com a sua amiga mais antiga, a sua primeira mentora? Uma vez mais, o coração de Ursula puxava-a para um lado e a espionagem para o outro. Na China, no momento em que a relação de amizade tinha esfriado, Smedley acusara-a de colocar as questões pessoais à frente do seu empenho à causa. A sua decisão provou então que o inverso era verdadeiro: decidiu que não devia tentar, e não tentaria, restabelecer o contacto com a mulher que a recrutara. Agnes Smedley deixara de espiar anos antes, mas Ursula não: esse golfo era intransponível.

Outras vozes voltaram do passado, agora impossivelmente distantes. De Xangai, Johann Patra enviava suplicantes cartas num inglês hesitante a pedir a Ursula que escrevesse para a organização alemã de auxílio aos emigrantes na China a apoiar a sua reivindicação de que era um refugiado do nazismo e que devia ser repatriado para a Alemanha. O GRU também cortara o contacto com ele e a regra contra o contacto entre espiões já não se aplicava. Ele trabalhava como mecânico e o que ganhava mal lhe dava para não morrer de fome.

«Os estrangeiros estão a sair da China para vários países: América do Norte e do Sul, Austrália, Rússia, Europa, etc. A UNRRA [sigla inglesa para a Administração de Socorro e Reabilitação das Nações Unidas] financiará a

minha viagem para outro país, se eu quisesse ir. O que pensas disto? Afinal de contas, os teus conselhos são importantes! Se eu fosse para outro país, para a América do Sul ou para a América Central, por exemplo, talvez ganhasse mais dinheiro para te poder ajudar. Também aprendi a pensar em termos práticos. Tu estás mais ligada à Europa do que eu.» Patra contou-lhe que se casara com uma alemã chamada Luisa e que tinham adotado uma criança. «Imaginas-me com uma mulher e um filho? Nunca conseguirias perceber isso. Achavas que sou feito de pedra. Gosto dele como se fosse meu (...) Chamei-lhe Peter. A situação económica e política aqui é muito má e terá de haver mudanças drásticas. Gostaria muito de te ver. Estou muito orgulhoso de ti. És feliz em coisas que importam (...).» Ursula escreveu para a organização de emigrantes como Patra lhe pedira, mas não obteve resposta.

Robert Kuczynski faleceu no dia 25 de novembro de 1947 e foi enterrado ao lado de Berta em Great Rollright. Os obituários elogiaram um estaticista pioneiro. Não houve qualquer menção ao seu trabalho secreto, por intermédio da filha, para a URSS. Ursula mergulhou num desgosto profundo. «Há algum tempo que sabíamos o que esperar, mas ainda assim a sua morte foi um grande choque», escreveu para Jürgen. «O pai foi maravilhoso até ao fim.» Ursula adorava e reverenciava o pai, provara-lhe que era uma força política e recrutara-o para o mundo secreto. O seu falecimento quebrou mais um laço com a Grã-Bretanha. O apelo de uma nova vida na sua pátria era cada vez maior. Ela só tinha 40 anos e era ainda jovem para recomeçar. Jürgen, que agora vivia no setor soviético de Berlim, foi insistente: «Vem visitar-nos (...) Deixa de uma vez por todas a tua vida vazia e aqui farás o trabalho político que quiseses.» Jürgen sabia que as suas cartas seriam lidas pelo MI5: «trabalho político» era um eufemismo para espiar. A irmã respondeu: «Para além de

organizar um lar para o meu marido e para os meus filhos, a minha vida é bastante inútil (...) Escrever? Como gostava de fazer isso (...) tenho de preparar o jantar para o Len. Ele está a sair do último turno.»

A Alemanha de Leste, ocupada e administrada pelas forças soviéticas, estava a ser transformada na República Democrática Alemã. A nova nação rodeava, mas não incluía, Berlim Ocidental. Um Estado dirigido por comunistas alemães e um servil satélite de Moscovo, a RDA tornar-se-ia um lugar de rígida conformidade ideológica reforçada por uma polícia secreta que tudo via, a Stasi. Contudo, em 1948 representava um farol de esperança para os comunistas alemães. Aos olhos de pessoas como Jürgen, o «Estado Socialista dos Trabalhadores e Camponeses» seria um paraíso marxista-leninista, e ele pretendia fazer parte dele. E insistiu com Ursula para que também viesse: não faltariam oportunidades na nova Alemanha para fiéis espiões comunistas.

No entanto, ela continuava a hesitar. Len falava mal alemão. As crianças eram, naquele momento, completamente inglesas. «Eles adoravam Great Rollright.» Nesse verão, Ursula e Len levaram os filhos para a colónia de férias de Butlin, na costa sul. Nina descreveu estas férias, que eram a quintessência britânica do pós-guerra, como a «experiência mais encantadora» que tivera na sua curta vida. «Durante o dia inteiro havia anúncios de atividades nos altifalantes, todas as noites havia bailes e havia carrocéis e baloiços. O ponto alto foi o concurso de beleza. Pernas lindas e um rosto bonito – não era preciso mais nada. Depois destas férias, tive um novo sonho – queria casar-me com Mr. Butlin, ficar rica e poder fazer férias todos anos num sítio como aquele.» Peter fez a irmã mais velha chorar ao dizer-lhe: «Já vais com sorte se te casares com um trapeiro.» Nina era uma fervorosa

realista e colecionava todas as notícias que saíam nos jornais sobre a família real, que colava num grande álbum. Admirava especialmente a princesa Isabel. «Quando me pediam para ir buscar uma couve grande à horta, eu gritava: “A princesa não tem de fazer esses trabalhos na horta.”» O pequeno Peter colecionava brinquedos *Dinky*, os veículos em miniatura fabricados com uma liga de zinco. Michael tinha recebido uma bolsa para estudar Filosofia na Universidade de Aberdeen. Poderia Ursula afastar os filhos britânicos do lugar que eles consideravam a sua casa? Como se adaptariam todos à vida num regime comunista? Ela não mentira a Skardon quando falara nos seus «desapontamentos» com o comunismo. Sair da Grã-Bretanha para ir para uma terra que vira pela última vez vinte anos antes parecia uma loucura. Great Rollright tinha o condão de a acalmar. «Se me sentia desanimada, ia para um dos meus lugares preferidos ali perto, de onde podia contemplar os campos e as colinas.»

Em 1948, pediu um visto de estada temporária para entrar em Berlim, mas foi-lhe dito que ainda só eram concedidos vistos a visitantes que iam tratar de assuntos oficiais. Jürgen lembrou-se de um plano alternativo: ele iria à Checoslováquia no início do ano seguinte para tratar de questões académicas e sugeriu que se encontrassem lá. Agora órfã, Ursula sentia uma enorme vontade de ver o irmão mais velho, falar-lhe sobre os seus problemas e receber alguns «bons conselhos». No dia 18 de janeiro de 1949, viajou de avião para Praga. O MI5 alertou o chefe de estação do MI6 naquela cidade de que ela estava a caminho: «Ursula Beurton foi uma espia ativa na Suíça durante a guerra (...) informe-me se ela lhe chamar a atenção na Checoslováquia.» O encontro com o irmão foi uma desilusão. Jürgen estava ocupado com reuniões que considerava da maior importância e só conseguiu dispensar-lhe uma hora do seu tempo. Mostrou-se muito

formal. «Jürgen nunca teve tempo para desabaços nem para manifestações emotivas.» Insistiu que Ursula devia regressar a Berlim, mas só depois de obter a aprovação de Moscovo. «Seria muito difícil para ti ficares na Alemanha sem autorização do Centro.» Jürgen não tinha perdido o hábito de dizer às irmãs o que deviam fazer. Contra as regras da espionagem, Ursula escreveu uma carta ao diretor do GRU referindo que não tinha notícias do Centro há dois anos, descrevendo a caixa postal a seguir ao primeiro cruzamento perto de Great Rollright e a pedir autorização para ir para a Alemanha. Assinou a carta como «Sonya», selou-a dentro de um envelope dirigido ao adido militar e, depois de se certificar de que não estava a ser seguida, entregou-a em mão na embaixada soviética em Praga. A seguir, voltou para Inglaterra e esperou.

As linhas de batalha da Guerra Fria foram redesenhadas com sombria clareza no dia 29 de agosto de 1949, quando a União Soviética realizou o primeiro teste secreto de armas nucleares no Cazaquistão. O avião de recolha de dados meteorológicos americano captou os detritos radioativos e no dia 23 de setembro o presidente Truman anunciou: «Temos provas de que nas últimas semanas ocorreu uma explosão atómica na União Soviética.» Os cientistas atómicos soviéticos tinham conseguido resultados notáveis graças aos seus espiões no seio do Projeto Manhattan, sobretudo Klaus Fuchs. Ursula leu a notícia sobre a bomba e sentiu um enorme orgulho. A bomba soviética era, praticamente, uma cópia da americana. Nos Estados Unidos, o teste bem-sucedido recebeu o nome de código «Joe-1», numa chistosa referência a Estaline, mas a comunidade dos serviços secretos ficou chocada com o rápido progresso do programa soviético de armas atómicas. A CIA calculara que os russos não conseguiriam desenvolver a bomba antes de 1953, na melhor das hipóteses; a estimativa do

MI6 era ainda mais longa. De um dia para o outro, o presumido monopólio nuclear da América evaporara-se. A pressão para desenvolver a bomba de hidrogénio aumentou. Partidários de uma política enérgica na administração norte-americana, incluindo o general Curtis «Velho Calças de Ferro» LeMay da Força Aérea dos Estados Unidos, sugeriram um ataque aos soviéticos com bombas atómicas antes que eles construíssem a sua, para garantir a hegemonia americana global. Qualquer ataque convidaria agora a uma resposta igualmente devastadora: a frágil e aterradora era da Destruição Mútua Assegurada estava em curso. Espiões como Ursula Beurton e Klaus Fuchs alegariam que estavam a salvaguardar o equilíbrio militar ao roubarem segredos nucleares de um lado para dar ao outro. Acreditavam que estavam a tornar o mundo mais seguro ao mesmo tempo que fortaleciam o comunismo.

No interior do MI5, o caso de Ursula Beurton continuava em aberto. De dois em dois meses, havia uma desinteressada discussão sobre se deviam ser enviados investigadores a The Firs. «Ursula Beurton devia voltar a ser interrogada», escreveu o coronel James Robertson do departamento de contraespionagem. «Estou convencido de que indivíduos deste tipo devem ser repetidamente interrogados até se determinar sem qualquer sombra de dúvida que nada mais pode ser extraído.» No entanto, Skardon estava com pouca vontade de se dar a esse trabalho: «Pensei bastante na possibilidade de voltar a interrogar Ursula Beurton (...) nada surgiu recentemente para que esse esforço possa ser mais produtivo e, como é impossível presumir um resultado de sucesso, não estou disposto a reabrir o caso.» Ficou combinado que a melhor coisa a fazer em relação a Mrs. Beurton era não fazer nada: «Ela foi interrogada uma vez sem resultado e é um osso duro de roer.»

O inverno de 1949 foi extremamente frio. Len caiu de

mota e partiu um braço e uma perna com gravidade. O médico disse que ele não poderia trabalhar durante pelo menos oito meses. A fábrica de alumínio aproveitou a oportunidade para o despedir. A pequena herança que Ursula recebera do pai estava a acabar. Len ficou ainda mais deprimido. O ratinho de estimação de Nina morreu congelado no parapeito de uma janela. Os canos de água rebentaram. Entediada, estupefacta com o silêncio do GRU e sem saber o que o futuro lhe reservava, Ursula pensou que a sua carreira de espionagem fora adiada *sine die*.

Uma manhã, no fim de janeiro, mais por hábito que por esperança, foi de novo de bicicleta até ao local da caixa postal. A estrada estava gelada e traiçoeira quando ela seguiu o caminho habitual, passando por baixo da linha férrea e atravessando o cruzamento. Encostou a bicicleta na quarta árvore e enfiou a mão na raiz. A sua mão fechou-se em volta de um pequeno pacote. Com os dedos gelados, abriu-o: dinheiro e uma carta do Centro a autorizá-la a ir para a Alemanha. Após três anos, Sonya tinha saído do frio.

Ursula estava ansiosa para rever a sua pátria, mas não tinha a certeza se queria viver lá. Michael, que tinha quase 19 anos, frequentava o segundo ano da universidade na Escócia. Mesmo que Len estivesse disposto a partir, não poderia viajar com a perna engessada. Sem pressa, Ursula fez preparativos para umas férias em Berlim. As restrições aos vistos já tinham sido afrouxadas e disseram-lhe que não teria grandes problemas em obter a autorização necessária. Não havia pressa. Ela evitara a polícia secreta chinesa e japonesa, o serviço de segurança suíço e a Gestapo. Havia pouco a temer do pesado Mr. Sneddon com o seu triste bigode. Era evidente que o MI5 não sabia nada a respeito dos seus atos recentes de espionagem.

No dia 3 de fevereiro de 1950, Ursula pegou no jornal que estava no degrau de The Firs e sentiu um baque de «choque e pesar» quando leu a parangona na primeira página: «Cientista Atômico Alemão Detido», Klaus Fuchs, o cientista que dera a bomba à Rússia, tinha sido apanhado.

Quatro anos antes, Fuchs regressara dos Estados Unidos para ocupar o cargo de diretor do Departamento de Física Teórica na Agência de Investigação de Energia Atômica do Reino Unido em Oxfordshire, onde os cientistas estavam a criar um reator nuclear para produzir energia para utilização civil. Uma segunda, e secreta, agenda era a produção de plutónio para fabricar bombas atômicas independentemente dos Estados Unidos. Fuchs era um elemento essencial da equipa.

Como era oficial do GRU, Ursula não estava a par do seu regresso, porque agora ele era um ativo do KGB. Durante algum tempo, o físico evitou espiar, mas quando estava há um ano na Grã-Bretanha recebeu instruções para se encontrar com um contacto do KGB, Alexander Feklisov, no *pub* Nag's Head em Wood Green, a norte de Londres, com um exemplar do *Tribune*. Com um livro vermelho na mão, o contacto aproximar-se-ia com uma cerveja e diria: «A cerveja preta não é boa. Eu prefiro a cerveja loura.» A resposta de Fuchs seria: «Para mim, a *Guinness* é a melhor.»

A partir daquele dia, Fuchs encontrava-se de dois em dois meses com Feklisov em diversos *pubs* de Londres. Enquanto bebiam *Guinness* e cerveja loura, ele entregou-lhe um novo tesouro de informações científicas secretas: o planeamento da bomba atômica da Grã-Bretanha, a construção de reatores experimentais, páginas de anotações sobre produção de plutónio e cálculos precisos dos testes nucleares que permitiriam aos cientistas soviéticos avaliar as reservas nucleares ocidentais.

Também descreveu as principais características da bomba de hidrogénio que estava a ser desenvolvida nos Estados Unidos — informações que levaram a União Soviética a trabalhar na sua «superbomba».

Os controladores de Fuchs no KGB excederam-se nas precauções. Se ele precisasse de marcar um encontro de emergência, por exemplo, tinha de atirar um exemplar da revista erótica *Men Only* por cima do muro de um jardim em Kew, na esquina das ruas Stanmore e Kew, entre a terceira e a quarta árvore, com uma mensagem na décima página, e depois fazer uma marca com giz na vedação do lado norte de Holmesdale Road diante de uma árvore na ponta oriental da rua, o que indicaria ao ocupante da casa em Stanmore Road que havia alguma coisa para ele no jardim. Teria sido mais fácil decorar as fórmulas da produção de plutónio.

Fuchs seguiu escrupulosamente as regras. Não cometia erros. Outra verificação de rotina do MI5 não revelou nada incriminador.

Fuchs foi apanhado devido a uma descoberta realizada por criptógrafos americanos que permitiu decodificar, pelo menos parcialmente, milhares de mensagens enviadas durante a guerra pelo KGB e pelo GRU. Os caçadores de espiões puderam espreitar para o passado. O histórico tráfego de mensagens de rádio, com o nome de código «Venona», revelou que os soviéticos tinham infiltrado uma importante toupeira no seio do Projeto Manhattan, e em julho de 1949, um mês antes do primeiro teste da bomba soviética, investigadores britânicos e americanos tinham chegado à conclusão de que o espião só podia ser Klaus Fuchs. As mensagens Venona eram demasiado secretas para ser reveladas em tribunal. O telefone de Fuchs foi colocado sob escuta, as suas cartas foram interceptadas e ele foi alvo de uma vigilância intensa, mas nenhuma destas medidas produziu

resultados. A única forma de conseguir uma condenação seria com uma confissão. O MI5 enviou Jim Skardon.

Nesta altura, Fuchs era espião há oito anos e a tensão era significativa. Ele passara a admirar a Grã-Bretanha. No preciso momento em que o MI5 lhe encontrou o rasto, ele cortou o contacto com o seu controlador soviético.

No dia 21 de dezembro de 1949, Skardon confrontou Fuchs no seu gabinete em Harwell e usou a mesma abordagem direta que tentara com Ursula. «Possuo informações precisas que mostram que é culpado de espionagem a favor da União Soviética.» Fuchs pensou durante alguns instantes e deu uma resposta ambígua: «Não me parece... talvez queira dizer-me que provas são essas?» Como o detetive do MI5 não estava a par do Venona, não pôde dizer-lhe. Após quatro horas, o interrogador não conseguira nada e não tinha a certeza da culpa de Fuchs. Depois de uma segunda entrevista, concluiu que ele era inocente. Uma terceira foi inconclusiva. Skardon estava a fazer jus à sua infalível capacidade de não detetar um espião debaixo do seu nariz.

No entanto, no dia 23 de janeiro de 1950, Fuchs convidou Mr. Sneddon para ir à sua casa em Harwell.

«Era óbvio que ele estava sob considerável tensão mental», escreveria Skardon. «Sugeri-lhe que aliviasse o espírito e ficasse de consciência tranquila ao contar-me a história toda.» Fuchs hesitou, e em vez de fazer uso da sua vantagem, Skardon sugeriu um intervalo para almoçarem num *pub*. «Durante a refeição, ele parecia estar a decidir o que fazer e mostrava-se bastante distraído.» Quando voltaram para casa, Fuchs tinha tomado uma decisão. «Disse que seria do seu interesse responder às minhas perguntas.» Esta revelação seria mais tarde citada como prova do génio de Skardon como interrogador. A verdade é que Fuchs decidiu contar-lhe

tudo de livre vontade. De facto, Skardon ficou espantado quando Fuchs confessou que passara os oito anos anteriores a espiar para a União Soviética, «passando informações relacionadas com energia atómica em encontros irregulares, mas frequentes».

Três dias mais tarde, Fuchs assinou uma confissão de dez páginas na Sala 055 do Gabinete de Guerra. Como acontecera com a decisão de espiar, a decisão de confessar foi determinada por uma questão de princípios, com um eco do púlpito do pai: «Há determinados padrões de comportamento moral que fazem parte da pessoa e não podem ser ignorados (...) eu ainda acredito no comunismo. Mas não como é praticado hoje em dia na Rússia.»

Fuchs acreditava ingenuamente que depois de confessar a verdade poderia continuar a trabalhar em Harwell. Ficou chocado quando foi preso.

A detenção de Klaus Fuchs foi notícia de primeira página em todos os jornais da Grã-Bretanha, incluindo o *Oxford Times* de Ursula. Ela sentiu um arrepio de puro medo enquanto lia o artigo: o cientista alemão tinha passado segredos atómicos a Moscovo em «encontros com uma mulher estrangeira de cabelo preto em Banbury». Seguramente, uma pista tão óbvia não escaparia ao incompetente Mr. Sneddon.

Ursula não corria tanto perigo desde a traição de Olga Muth. Num conclave urgente com Len, discutiu as implicações da prisão de Fuchs. Como o detetive Herbert de Chipping Norton ainda não aparecera com um mandado de detenção, era provável que Fuchs não tivesse revelado o seu nome. Talvez não soubesse. «Eu nunca tinha estado na sua casa nem ele na minha», escreveu ela. «Nunca tinha passado a noite em Birmingham onde ele trabalhava, por isso não havia qualquer registo em hotéis.» Fuchs talvez ainda não a tivesse traído, mas era óbvio que divulgara alguns pormenores dos seus

encontros e, sob juramento num tribunal, revelaria sem dúvida mais. Entretanto, o MI5 estaria a reunir provas. «Esperava ser presa a qualquer momento.» O julgamento de Fuchs devia começar no dia 28 de fevereiro. Mr. Sneddon viria buscá-la muito em breve. Mas não seria fácil sair da Grã-Bretanha.

Um visto para a Alemanha demoraria pelo menos dez dias, se o MI5 não o bloqueasse. Ursula disse aos dois filhos mais novos que iam de férias. Em Aberdeen, Michael não sabia que a mãe estava a preparar-se para se exilar na Alemanha de Leste. Len teria de ficar e juntar-se a eles quando a perna sarasse, se não fosse preso entretanto.

Um ano antes, para ganhar algum dinheiro extra, Ursula tinha começado a arrendar o quarto de hóspedes a um jovem casal, Geoffrey e Madeleine Greathead. Geoffrey era um trabalhador agrícola e Madeleine trabalhava como mulher-a-dias em casa do fidalgo da aldeia. Mrs. Greathead era uma presença alegre lá em casa, mas mostrava-se extremamente curiosa. Nesse mês de fevereiro, reparou que Ursula parecia muitíssimo «perturbada» e que tinha queimado uma grande pilha de papéis no quintal. «Nunca podíamos entrar na cave. Ela pedia-me para tomar conta das crianças quando ia a Londres, o que acontecia com frequência.» Madeleine adorava coscuvilhar. «Começámos a ficar desconfiados. Falávamos sobre as nossas suspeitas, mas as pessoas olhavam para nós como se estivéssemos a inventar.» Madeleine gostava de Ursula — «ela ensinou-me a fazer gelado e pão-de-ló» —, mas pressentiu que havia alguma coisa estranha em tudo aquilo e decidiu vigiar a senhoria e descobrir o que ela andava a tramar. Ursula passara os últimos vinte anos atenta a sinais de vigilância e percebeu logo que as perguntas de Madeleine eram mais do que o produto de simples curiosidade. Estava de novo a viver

com uma espia sob o seu teto.

Comprou três bilhetes de avião para Hamburgo. Em quatro grandes sacos de viagem americanos, guardou roupa e víveres para si e para os filhos. Os preparativos recordaram-lhe o momento, vinte anos antes, em que preparara uma mala de fuga para si e para o bebé Michael em Xangai, e esperara um sinal de Richard Sorge para fugir para o interior ocupado pelos comunistas. Com os nervos em franja, perscrutava os campos de Great Rollright à procura de sinais de vigias do MI5.

Entretanto, Skardon interrogava Fuchs de forma insistente e metódica na sua cela da prisão em Brixton. A dimensão dos seus atos de espionagem no Reino Unido e nos Estados Unidos chocou os diretores dos serviços secretos dos dois lados do Atlântico. Fuchs não negou ter dado a bomba atômica à União Soviética. Porém, como Foote antes dele, não contou tudo ao MI5. No dia 8 de fevereiro, dois dias antes de ser formalmente acusado de violar a Lei dos Segredos Oficiais, Skardon colocou à sua frente dúzias de fotografias de «indivíduos que se sabia ou se suspeitava terem estado envolvidos em atividades de espionagem» no Reino Unido e perguntou-lhe se conseguia identificar alguém. Havia uma fotografia de Ursula Beurton. Fuchs pôs diversas fotografias de lado, murmurando que «o rosto lhe parecia familiar». No entanto, saltou a fotografia de Ursula. Também ignorou as de Jürgen Kuczynski e de Hans Kahle. Seis dias mais tarde, Skardon estava de volta e pressionou Fuchs para que lhe desse mais pormenores sobre os seus controladores soviéticos. «O segundo contacto», registou devidamente Skardon, «era uma mulher com quem FUCHS se encontrava numa estrada rural perto de Banbury, Oxfordshire (...) Na sua opinião, esta mulher era estrangeira, se bem que falasse bem inglês, língua em que eram feitas as transações de espionagem. Ele descreveu-a como uma mulher baixa e pouco atraente com cerca de 35

anos. Embora lhe tenham sido mostradas muitas possíveis fotografias, ele não conseguiu identificar nenhuma delas como a mulher em questão (...).»

Em retrospectiva, o fracasso do MI5 de fazer a ligação óbvia a Ursula Beurton foi um erro de contraespionagem de proporções históricas. Fuchs admitira encontros com uma espia soviética estrangeira em Banbury; alguns meses antes, Jim Skardon tinha interrogado uma espia soviética estrangeira a pouco mais de 15 quilómetros, em Great Rollright. Na verdade, havia apenas uma espia soviética estrangeira no radar do MI5. E, no entanto, ele concluiu: «Sem mais informações, parece improvável que este contacto seja identificado.»

No dia 18 de fevereiro, o pedido de Ursula de uma autorização para «visitar amigos» na Alemanha foi devolvido pelo Ministério da Administração Interna com o carimbo «Sem Objeção». O primeiro grande obstáculo fora ultrapassado. Porém, o seu nome estava na lista de pessoas de interesse do MI5. Mais cedo ou mais tarde, soaria um alarme muito alto no interior do serviço de segurança, um aviso seria enviado para todos os aeroportos e a porta seria fechada. Era impossível saber ao certo quanto tempo demoraria. As rodas da burocracia britânica tendem a girar lentamente, ou pelo menos de forma imprevisível. Pelo contrário, as coscuvilhices de aldeia podem viajar a uma velocidade quase mágica. As crianças falavam abertamente sobre as «férias» que iam fazer — a meio do período escolar. Que tipo de dona de casa vai para o estrangeiro e deixa o marido sozinho com uma perna partida? Quatro grandes sacos de viagem pareciam muita bagagem para uma mulher e duas crianças que iam fazer uma curta viagem de férias. Os estranhos acontecimentos em The Firs talvez já tivessem chegado ao *pub* Unicorn. Dali, chegariam quase imediatamente aos ouvidos do detetive Herbert.

Madeleine Greathead estava muito interessada nos planos de viagem de Ursula e fazia muitas perguntas. Ursula decidiu desviar a atenção da inquilina e usá-la para disseminar alguma contrainformação. «Um dia, a Ursula perguntou-me se eu podia ajudá-la a passar a ferro, porque ela iria para a Alemanha no dia seguinte para reclamar os bens do pai.» Com a abelhuda inquilina fora do caminho a tratar de uma montanha de roupa para lavar e engomar, Ursula fez os preparativos finais. Retirou o transmissor da cave, embrulhou-o em serapilheira e enterrou-o no mato. Algures nos bosques de Great Rollright está enterrado um enferrujado rádio artesanal de ondas curtas, o legado subterrâneo de uma espia. Depois, guardou com todo o cuidado algumas recordações que levaria consigo: as gravuras chinesas de Xangai, um postal ilustrado da Suíça e uma fotografia emoldurada de Richard Sorge. Por fim, subiu para a sua bicicleta e dirigiu-se para Banbury, fazendo a habitual rotina de vigilância, voltando para trás duas vezes para garantir que ninguém a seguia. Na raiz oca da árvore a seguir ao cruzamento, deixou uma mensagem para o GRU a explicar que ia abandonar o seu posto e fugir para Berlim. Depois, a agente Sonya pedalou para casa pela última vez.

Na tarde seguinte, Len colocou os sacos de viagem no porta-bagagem do táxi de Chipping Norton. Ursula abraçou-o com força e perguntou uma vez mais a si mesma se voltaria a vê-lo. «Até à vista ou adeus — não sabíamos o que seria.» Nina e Peter estavam num estado de grande excitação perante a perspectiva de viajar de avião. Abraçaram Mrs. Greathead e a gata *Penny*, subiram para o banco de trás e acenaram para Len através do vidro de trás até ele desaparecer da vista.

Enquanto esperava nos bancos duros da zona de partidas do aeroporto de Londres (atual Aeroporto de Heathrow), com as crianças muito contentes a jogar

póquer de dados aos seus pés, Ursula olhou rigidamente para as portas, com uma bolha de ansiedade a crescer sem parar no estômago. A todo o momento, a polícia viria certamente prendê-la. O julgamento de Klaus Fuchs começaria no dia seguinte e era provável que ele já tivesse identificado a «rapariga de Banbury». Naquele preciso momento, o detetive Herbert, alertado pelas desconfianças de Mrs. Greathead, poderia estar a telefonar para o MI5. A Grã-Bretanha adotara-a, e ela fugia agora da terra que passara a amar. Os minutos seguintes decidiriam se ela desaparecia para um país que já não conhecia ou se passava a próxima década ou mais numa prisão britânica, condenada como notória espia comunista. Decidiu que se fosse detida não diria nada, não admitiria nada. Manteria a disciplina de um oficial dos serviços secretos soviéticos devidamente treinado. A coronel Kuczynski não quebraria. Mas o que faria Michael quando o rosto da mãe aparecesse na primeira página dos jornais? Se ela e Len fossem condenados, o que seria dos seus filhos?

Perscrutou a multidão à procura de um homem de chapéu mole, flanqueado por polícias, a aproximar-se com um sorriso de triunfo atrás do fraco bigode.

Mas Mr. Sneddon não apareceu.

A hospedeira deu-lhes as boas-vindas a bordo, mais preocupada com um grupo de adeptos de futebol italianos que estavam embriagados do que com a inócua mulher que apertava com força as mãos dos dois filhos tagarelas. Do seu assento à janela, Ursula olhou para a pista molhada de chuva onde um avião militar se preparava para descolar. Por instinto, decorou os seus sinais. Depois, a porta fechou-se pela última vez sobre a Grã-Bretanha.

No dia 27 de fevereiro de 1950, Ursula e os filhos partiram para a Alemanha. Passariam quarenta anos antes de regressar.

Ruth Werner

No dia 1 de março de 1950, após um julgamento que demorou 90 minutos, Klaus Fuchs foi considerado culpado de «transmitir informações a um potencial inimigo» e condenado à pena máxima de 14 anos de prisão. Jim Skardon visitou-o na prisão de Stafford alguns meses mais tarde e mostrou-lhe uma fotografia de uma mulher «com o cabelo muito despenteado». (O desleixo pouco feminino de Ursula nunca deixou de o irritar.) «Coloquei a fotografia de Ursula Beurton à frente de Fuchs e disse-lhe: “Já lhe mostrei esta fotografia.” E ele disse imediatamente: “É a mulher de Banbury.” Não tem dúvida de que ela é o contacto, mas não sabe dizer porque é que não conseguiu identificá-la quando a fotografia foi posta à sua frente na ocasião anterior.» Ursula estava fora do alcance de Mr. Sneddon.

Os caçadores de espiões recusaram-se a acreditar que ela tinha saído do país. O diretor do MI5, Sir Percy Sillitoe, escreveu para o coronel Rutherford da Polícia de Oxford: «Estou ansioso para descobrir o atual paradeiro de Ursula Beurton (...) Ela pretendia visitar amigos em Berlim e é claro que é possível que não tenha regressado.» O detetive Herbert de Chipping Norton comunicou que The Firs estava vazia, todo o mobiliário tinha sido vendido e Len Beurton desaparecera. Para aumentar o desconforto do MI5, do FBI veio a confirmação da fuga de Ursula. John Cimperman escreveu um irado bilhete para John Marriott: «Há algum tempo foi-

lhe pedido que a mandasse entrevistar [mas] não foi considerado desejável. Acabamos de ser informados de que Ursula Beurton saiu de Inglaterra para regressar à Alemanha.» Demasiado tarde, o MI5 deu instruções aos guardas fronteiriços para que intercetassem Ursula se ela entrasse ou saísse da Grã-Bretanha. «A pessoa em causa é uma comunista ativa e está relacionada com pessoas envolvidas em espionagem para uma potência estrangeira; cabelo preto, olhos castanhos; último paradeiro conhecido: Berlim. Ocupação: doméstica.»

Embaraçado com o fracasso em deter Ursula a tempo, mais tarde o MI5 espalharia o mito de que ela tinha «fugido para a Alemanha em 1947». Dick White, o diretor do MI5, afirmou ao seu biógrafo que ela fugira dois dias depois de ser interrogada por Skardon (sabendo muito bem que Ursula permanecera mais dois anos e meio no Reino Unido).

A Berlim Oriental para onde Ursula regressou em fevereiro de 1950 era uma cidade mutilada pela guerra, com pilhas de escombros nas ruas e os esqueletos enegrecidos de prédios queimados. Não havia quartos de hotel disponíveis. Passados alguns dias, as crianças começaram a pedir para voltar para Great Rollright e a perguntar por Len. Nina sentia saudades da gata *Penny*. Peter queria os seus brinquedos *Dinky*. Jürgen informou as autoridades soviéticas da chegada de Ursula e aconselhou-a a ser paciente. Mudou-se com os filhos para um frio apartamento com um quarto e esperou que o Centro estabelecesse contacto. «Vivia isolada.» Matriculou os filhos na escola mais próxima. Mal sabiam falar alemão e eram ridicularizados sem dó nem piedade. Durante aqueles longos dias, ela passeava pela cidade e refletia sobre o que lhe acontecera. Após o intenso drama da fuga da Grã-Bretanha, era como se tivesse chegado a um cinzento semimundo povoado por pessoas que tinham

conseguido sobreviver, e nada mais. Jürgen estava demasiado ocupado para a ajudar a instalar-se. Havia pouco para comer e nada para fazer. No entanto, pela primeira vez em duas décadas, não se sentia perseguida. Não tinha um transmissor de rádio para esconder, nenhum agente para contactar, nenhuma necessidade de esconder as suas ideias políticas. Ursula experimentou uma sensação nunca antes sentida e num primeiro momento não percebeu o que era: sentia uma espécie de paz.

Por fim, em maio, Jürgen disse-lhe que o Centro ia enviar um emissário. Um oficial do GRU que ela não conhecia bateu à sua porta com roupas civis e convidou-a, num tom rígido, para uma «refeição festiva». O oficial foi simpático mas formal. Deu-lhe os parabéns pelo trabalho na China, na Polónia, na Suíça e na Grã-Bretanha e pediu desculpa pela confusão com a caixa postal no Oxfordshire, que teve o condão de interromper o contacto durante tanto tempo. Explicou-lhe que o mundo estava a mudar depressa. O camarada Estaline avisara que o Ocidente capitalista estava a construir armas nucleares para lançar um ataque à União Soviética. A guerra era iminente na península da Coreia. O GRU desempenharia um papel vital no futuro que se avizinhava e havia importante trabalho a fazer. Quando estaria Ursula preparada para retomar a sua atividade nos serviços secretos militares soviéticos?

Ursula afastou o prato, inspirou fundo e explicou que não queria continuar a ser espia.

O homem de Moscovo ficou sem fala.

Ao recordar o passado, Ursula não conseguiu precisar o momento em que decidiu renunciar à espionagem. Talvez tenha sido quando Fuchs foi preso ou durante os longos meses em que o Centro a abandonou. Ou talvez tenha sido no momento em que fugiu da Grã-Bretanha. Durante os últimos quatro meses em Berlim, sozinha, mas sem medo, sentira tranquilidade, a calma de pousar as armas, um

armistício da alma. O oficial do GRU tentou convencê-la a mudar de ideias, mas ela estava irredutível. «Eu queria viver como uma cidadã comum. Disse-lhe que nada se alterara no meu compromisso com a União Soviética e com o trabalho que tinha feito, mas que os meus nervos e a capacidade de concentração já não eram tão bons como antigamente. Considerava que aqueles vinte anos tinham sido suficientes.»

A demissão da profissão de espião soviético não era fácil. O GRU constituía um clube onde era difícil entrar e de onde era mais difícil ainda sair. Os oficiais dos serviços secretos tendiam a deixar o serviço quando eram idosos, quando caíam em desgraça ou quando morriam. A reforma antecipada não vinha consignada no contrato e qualquer pessoa que tentasse sair era considerada um potencial traidor. Vinte anos antes, Sorge avisara sombriamente Ursula sobre o que lhe aconteceria se alguma vez tentasse desligar-se. Ela correu muitos riscos em prol do Exército Vermelho, mas o ato mais corajoso de todos foi a determinação de sair.

Ursula estava determinada. «Mantive-me firme na minha decisão.»

E o Centro deixou-a ir. Do mesmo modo que sobrevivera incólume às purgas, o GRU também a deixou abandonar as suas fileiras de uma forma que nenhum oficial pudera fazer. O poder de Estaline baseava-se numa abjeta obediência, mas Ursula, como em muitas outras coisas, foi uma exceção à regra. O facto de sair do mundo da espionagem sem ser alvo de recriminação, represálias ou pressões foi uma prova do seu prestígio.

Ursula começou a trabalhar na secção de propaganda do departamento de imprensa do Governo da Alemanha de Leste. Escrevia comunicados diários à imprensa e editava o *Boletim contra o Imperialismo Americano*, que tinha uma periodicidade bimensal. O seu chefe era Gerhart

Eisler, o executor ideológico que a espiara durante o seu recrutamento inicial em Xangai e insistira que ela devia usar chapéu.

Uma vez mais, as crianças adaptaram-se a uma vida inteiramente nova. Nina abandonou a sua obsessão pela família real britânica e aderiu à Juventude Alemã Livre. Peter depressa trocou o inglês com sotaque rural pelo calão berlinense. Logo que a perna sarou, Len Beurton fugiu para Berlim, onde chegou em junho de 1950. O MI5 não tentou impedi-lo. Len começou a trabalhar na agência noticiosa estatal da Alemanha de Leste. Depois de sair de Aberdeen um ano mais tarde, Michael, um jovem e idealista socialista, também foi para a Alemanha de Leste. A família estava de novo reunida.

A Alemanha de Leste era um Estado de vigilância onde os cidadãos eram encorajados, subornados ou obrigados a espiar-se uns aos outros. O Ministério para a Segurança do Estado, ou Stasi, foi uma das polícias secretas mais eficazes e repressivas da história, com uma vasta rede de informadores. Todos eram espiados, e Ursula não foi exceção.

Os relatórios iniciais da Stasi sobre Ursula foram positivos, referindo que ela tinha «passado vinte anos no estrangeiro a efetuar trabalho confidencial para o Partido». O seu carácter foi descrito como «modesto e sóbrio (...) ela é extrovertida, honesta e de confiança». Porém, como todos os que voltavam do Ocidente, sobretudo judeus e qualquer pessoa relacionada com os serviços secretos, uma nuvem de suspeita pairava sobre ela. «Todas as pessoas que tinham estado exiladas num país capitalista eram consideradas desleais», escreveria ela. A Stasi quis saber como fora o seu interrogatório pelo MI5, o recrutamento de Alexander Foote e, estranhamente, informações sobre Maria Ginsberg, a secretária da Sociedade das Nações em Genebra que a ajudara a obter um passaporte falso. Ginsberg era

suspeita de ligações a uma «organização de espionagem sionista americana». A Stasi referiu num tom desaprovador que Ursula «é oriunda de uma família burguesa». Ela foi intimada a testemunhar perante a Comissão Central de Controlo do Partido. Um relatório confidencial da Stasi descreveu-a como demasiado independente: «Ela ainda não ultrapassou todas as suas tendências pequeno-burguesas, entre as quais se destaca uma atitude individualista.» Ursula passara toda a carreira a evitar a vigilância e ficou irritada com o constante escrutínio do Estado. Até escreveu para Erich Mielke, o assustador diretor da Stasi, a protestar que os vizinhos estavam a ser interrogados a respeito da sua fiabilidade política. «Em casa de uns vizinhos, os pais não estavam e foi pedido à filha de 18 anos que desse a sua opinião a respeito da minha lealdade e comportamento.» E disse a Mielke: «Diga aos seus agentes para se absterem de me espiar.» Recebeu um pedido de desculpa. Mas a vigilância manteve-se.

Com a histeria de espionagem antissemitica em ascensão na Alemanha de Leste, os serviços secretos britânicos perceberam que havia ali uma oportunidade. Se o regime levasse a cabo uma purga de comunistas judeus, Ursula Beurton e Jürgen Kuczynski seriam considerados alvos. O MI5 elaborou um plano para tentar recrutá-los, ou pelo menos persuadi-los a voltarem a desertar para o Reino Unido. No dia 23 de janeiro de 1953, o coronel Robertson enviou um bilhete ao MI6 a sugerir que fosse oferecido um acordo a Ursula e Jürgen: um porto seguro na Grã-Bretanha e imunidade em troca da sua colaboração. «É provável que estas pessoas possuam informações valiosas sobre a espionagem russa e vale a pena tentar trazê-los, e com eles as suas informações (...) Reconhecemos que, por muito alarmadas que estas pessoas possam estar com a incerteza do seu futuro em regimes comunistas, é possível que tenham mais medo

ainda de ações legais ou outras ações punitivas das autoridades britânicas (...) façam o que for possível para que eles saibam que não têm nada a temer nesse aspeto.» Não se sabe se esta oferta foi feita, nem qual foi a resposta de Ursula e Jürgen, porque os dossiês do MI6 continuam selados.

No fim de 1953, Ursula recebeu uma censura oficial por deixar documentos confidenciais em cima da secretária em vez de os trancar num cofre. Para alguém que escondera segredos que mudaram o mundo durante décadas foi uma enorme ironia ouvir que cometera um «enorme abuso de confiança» ao deixar um inócuo comunicado à imprensa em cima da secretária. Ursula pediu a demissão, trabalhou durante algum tempo no Ministério dos Negócios Estrangeiros e depois deixou de trabalhar para o Estado.

Mas a sua vida teria mais um surpreendente capítulo. Em 1956, tornou-se escritora a tempo inteiro, adotando outro nome, uma nova vocação e uma identidade diferente. Doravante, seria Ruth Werner, romancista.

Ursula escrevia desde a infância, canalizando uma imaginação fértil para as suas histórias de romance e aventura. Os espiões e os romancistas não são muito diferentes: cada um evoca um mundo imaginado e tenta atrair outros para o seu interior. Alguns dos maiores escritores do século xx também foram espiões, incluindo Graham Greene, Somerset Maugham, Ian Fleming e John Le Carré. De muitas formas, a vida de Ursula tinha sido uma ficção, apresentando um tipo de pessoa ao mundo quando na realidade era outra. Enquanto Ruth Werner, tornou-se de novo outra pessoa.

Ursula escreveria 14 livros, sobretudo histórias para crianças e jovens adultos. Os seus livros foram considerados ficção, mas eram profundamente autobiográficos, descrevendo as suas experiências quando era uma jovem comunista em Berlim, os seus amores, a

sua vida na China e na Suíça. A escrita foi em parte um stratagem para enganar os censores da Alemanha de Leste e escrever sobre a sua vida secreta, mas também alimentava uma compulsão interior. Ursula vira-se sempre como a personagem central do seu drama em curso. Era uma escritora com um dom natural para o mistério, na vida e no papel impresso. Ursula teve o cuidado de disfarçar identidades, mas aquelas histórias eram verdadeiras na sua essência, descrições muito vívidas e extremamente bem escritas de uma vida recheada de aventuras e de incidentes. Os livros venderam-se muitíssimo bem e vários foram *best-sellers*. Werner foi descrita, apenas com um ligeiro exagero, como a Enid Blyton da Alemanha de Leste. Ursula tornou-se muito mais famosa como Ruth Werner, um pseudónimo escolhido ao acaso, do que alguma vez seria com o seu nome.

Em 1956, três anos depois de falecer, Estaline foi denunciado pelo seu sucessor, Nikita Khrushchev, e a verdade sobre o verdadeiro horror das purgas começou a emergir. Ursula ficou chocada, e furiosa, quando soube dos crimes de Estaline e da dimensão da criminosa carnificina. «Perdi muitos amigos», escreveria. Em 1937, em Moscovo, soubera que homens e mulheres inocentes estavam a ser assassinados, incluindo muitos dos que lhe eram mais próximos, mas não protestara. Fazê-lo teria sido suicida. Como milhões de outras pessoas, fechara os olhos e continuara a fazer o seu trabalho. Ela sofria de culpa de sobrevivente. «Porque é que não me aconteceu nada? Não sei, talvez por a escolha dos supostos culpados ser uma questão de sorte.»

No ano em que Ursula mudou de carreira e de nome, Rudolf Hamburger saiu por fim do *gulag*.

Durante dez anos, Rudi escreveu notas e fez desenhos, registando a fome, exaustão, frio, tédio e amor como um dos 1,5 milhões de prisioneiros no sistema soviético de

trabalhos forçados. No campo de Karaganda, nas estepes do Cazaquistão, conheceu Fatima, uma iraniana que fora presa depois de uma reunião não autorizada de muçulmanos na sua casa. Fatima trabalhava nas cozinhas e faziam amor na barraca onde eram armazenadas as provisões. «No apressado prazer do amor podemos esquecer a desumanidade do nosso longo exílio», escreveria. Fatima ficou grávida e abortou a criança. Pouco depois, Rudi foi levado de novo. «Ela chora, e os seus húmidos olhos pretos acompanham-me até o portão estar muito atrás de mim (...) Há alegria, paz e humanidade em algum lugar do mundo?», escreveria ele. Transferido para um campo florestal nos contrafortes dos montes Urais, mas demasiado fraco para trabalhos de silvicultura, o outrora prometedor arquiteto realizava manutenção rotineira dos edifícios. «Fico chocado», escreveria. «As tarefas insignificantes que me mandam fazer, as barracas e o arame farpado impedem-me de esquecer onde estou, e há a fome e os percevejos. O que posso esperar, se sobreviver até à liberdade, esfomeado, mordido por bestas, de cabelo grisalho, uma criatura alienada da vida e do trabalho? Mas a Fatima estava certa — não posso desistir. Desistir é morrer.» Um dos presos recebeu quatro quilos de açúcar de casa, sentou-se no seu catre, consumiu tudo de uma vez e morreu imediatamente: suicídio por açúcar. Em 1951, Rudi foi transferido para outro campo, cujos presos estavam a construir a maior central hidroelétrica do mundo, e mais tarde voltou para os «temidos Urais».

Em 1953, Rudolf Hamburger foi formalmente libertado para um cativeiro alternativo. Não podia sair da União Soviética. «Para onde quer ir?», perguntaram-lhe. Ele não tinha passaporte e a única identificação eram os documentos da libertação. «O que sei sobre este país após nove anos e meio de hermética reclusão? Sou como um

cego a quem perguntam se quer o quarto pintado de vermelho ou azul.» Acabou por ir para a pequena cidade ucraniana de Millerovo e arranhou trabalho como capataz de uma obra. Naquela altura, Ursula e outros já conheciam o seu paradeiro e estavam a fazer pressão para o seu regresso à Alemanha, mas Rudi não se encaixava nas categorias burocráticas definidas, pois não era um prisioneiro de guerra nem um refugiado da Alemanha nazi. Seria preciso esperar mais dois anos para que a papelada ficasse pronta.

Por fim, em julho de 1955, Rudi Hamburger regressou a Berlim. Ursula tinha dito aos filhos que ele ia «voltar depois de uma longa estada na União Soviética.» Michael vira o pai pela última vez 16 anos antes. Ursula também aproveitou esta oportunidade para explicar à filha que o seu pai não era Rudi, como ela sempre acreditara, mas um marinheiro lituano sobre quem ela nada sabia. A afetada resposta de Nina foi: «Não gosto nada que tenha tido tantos homens, mamã.»

Rudi deteriorara-se após uma década de cativeiro, mas não estava destruído. «Não foi um homem quebrado que encontrei, mas ele tinha mudado em relação à imagem que eu tinha dele», escreveria Ursula. «Com o cabelo grisalho, ligeiramente curvado, com uma voz frágil e confuso, como um homem que acaba de sair de uma cave para a luz, um homem meio desconhecido com um sorriso que escondia uma ponta de melancolia.» Com as ideias políticas inalteradas, Hamburger filiou-se no Partido de Unidade Socialista no poder, que era dominado pelos comunistas. «No futuro, talvez desenvolvamos um tipo de ser humano completamente novo e sem precedentes, um homem nascido do novo sistema económico», escreveu. Radicou-se em Dresden, onde conseguiu um emprego como arquiteto na câmara municipal da cidade. Rudi nunca falou sobre a sua experiência nos campos de trabalhos forçados, comentando apenas (e, de certa

forma, acertadamente) que tinha «trabalhado em obras soviéticas». Michael só descobriu que o pai esteve no *gulag* na década de 1970.

Em 1958, Rudi Hamburger foi recrutado como informador da Stasi, com o nome de código «Kark Winkler». A sua tarefa, como um dos 170 mil espões da Stasi, era denunciar os colegas. Ele recusou-se a recolher e passar material comprometedor, mas o seu trabalho para a Stasi foi classificado como «bom». Rudolf Hamburger tinha sido brutalmente maltratado pelo sistema de espionagem comunista e acabou a trabalhar para ele.

Michael Hamburger, o filho de Rudi e Ursula, tornou-se um dos especialistas em Shakespeare mais prestigiados da Alemanha. Durante 30 anos, foi dramaturgo e diretor do Deutsches Theater em Berlim. Nina Hamburger foi professora. Peter Beurton, o mais novo, seria um conceituado biólogo-filósofo da Academia das Ciências de Berlim Oriental. Os filhos de Ursula idolatravam-na, mas não confiavam inteiramente nela e questionavam-se sobre até que ponto a conheciam de verdade. «Não penso que a minha mãe nos teve como cobertura para o seu trabalho de espionagem», declarou Nina no fim da vida, mas foi mais uma pergunta que uma afirmação. Em retrospectiva, Peter refletiu sobre as motivações duplas e concorrentes na vida da mãe: «Havia duas coisas importantes para ela, os filhos e a causa comunista. Não sei o que teria feito se tivesse de escolher entre as duas.» O filho mais novo de Ursula não gostava da forma como a mãe parecia descobrir os segredos dos filhos. «Ela fazia sempre demasiadas perguntas. Queria saber sempre um pouco mais do que eu queria contar. Havia sempre tensão. A minha irmã contava-lhe tudo. O meu irmão não lhe contava nada e mantinha os seus segredos bem escondidos.»

Para Michael em especial, uma infância extraordinária deixou profundas cicatrizes. O pai que ele adorava desapareceu de forma inexplicável durante a maior parte da sua adolescência. A mãe não era a pessoa que aparentava ser. Saber que ela pusera os filhos em perigo pela causa atormentava-o. «Ela fez o que fez por convicção, pela libertação da humanidade, e sinto orgulho nela por isso. Mas se tivesse sido apanhada na Polónia, eu teria sido mandado para um orfanato, ou pior. Esse pensamento ainda me provoca calafrios.» Aos 10 anos, Michael já tinha vivido em seis países diferentes e em mais de uma dúzia de casas. A vida familiar de que Michael se lembrava com tanta nitidez tinha estado crivada de segredos. «Casei-me e divorciei-me três vezes», diria Michael Hamburger aos 88 anos. «Talvez nunca tenha aprendido a confiar nas pessoas.» Michael faleceu em janeiro de 2020, pouco depois de ler o manuscrito deste livro.

Em 1966, outro dos amores de Ursula voltou para a sua vida. Johann Patra estava a viver no Brasil com a mulher e o filho, a trabalhar como engenheiro eletrotécnico e a cultivar legumes numa pequena quinta. «Como sabes, nunca me importei com a riqueza material», escreveu-lhe. Falou em emigrar para a Alemanha de Leste. Ursula convidou-o para lhes fazer uma visita, mas avisou-o de que a adaptação poderia ser difícil. No mês de janeiro seguinte, uma figura magra e trémula que ela mal reconheceu bateu à sua porta. «Ele estava à beira de um colapso. Não conseguia falar. E eu também não.»

Quando recuperou a compostura, Johann descreveu a sua vida. O Centro nunca mais voltou a estabelecer contacto com ele na China, mas Johann, por sua vez, manteve o contacto com os comunistas e descobriu o destino da rede de espões de Mukden. «A Shushin foi assassinada e não entregou ninguém; o marido foi preso algum tempo depois e não sei o que lhe fizeram, mas ele

enlouqueceu e, supostamente, terá confessado.» Ninguém sabia o que acontecera aos seus filhos. Em 1949, com a derrota final dos nacionalistas de Chiang Kai-shek e a criação da República Popular, todos os estrangeiros tinham sido obrigados a sair da China. Ele sentia saudades da Europa. Conversaram durante horas, mas Ursula sentiu um fosso intransponível. «Éramos dois desconhecidos.» Patra continuava a ser um inflexível marxista. «Ele não estava preparado para considerar outras opiniões. Era como falar para uma parede. Mas todas as boas qualidades continuavam presentes: a força de vontade, a abnegação, a compaixão.» Pensou uma vez mais que a relação de ambos nunca teria resultado. Ele foi-se embora sem ver a filha, Nina. De São Paulo, escreveu-lhe uma carta a explicar que mudara de ideias sobre ir para a Alemanha depois de chegar à conclusão de que a revolução nunca aconteceria na Europa. «Também na RDA prevalecem os valores de classe média.»

Em 1977, onze anos mais tarde, Ursula recebeu um pacote do Brasil, um embrulho de tecido cosido com todo o cuidado. «Senti o peso do embrulho na mão. Era leve. Enquanto cortava os fios com uma tesoura, vi o Johann à minha frente, a cosê-lo devagar e com cuidado com uma grande agulha e fio grosso. A recordação trouxe-lhe tristeza e dor. Abri uma estreita caixa de cartão, cheia de aparas de madeira e jornal brasileiro. O que me mandara ele?» Ursula retirou a última camada de papel de seda e ficou com o disco circular de porcelana na palma da mão: o gongo do vendedor de porcelana.

Passado um mês, soube que Johann Patra tinha falecido.

Ursula sobreviveu a todos os seus amantes. Len Beurton nunca se sentiu completamente confortável a viver na Alemanha de Leste e tinha tendência para crises de depressão. Ursula recrutara-o para os serviços secretos, treinara-o e casara-se com ele. Len fora sempre o sócio minoritário, providenciando solidez e carinho, mas pouca

da excitação ou do romance dos seus amores anteriores. Por vezes, Len falava em regressar ao Reino Unido, mas nunca regressou. O órfão de Barking nunca deixou de amar a rapariga que conhecera à porta de um supermercado suíço com um saco de laranjas na mão. Faleceu em 1997, aos 83 anos. Rudolf Hamburger faleceu em Dresden em 1980. Dez anos mais tarde, seria reabilitado em Moscovo a título póstumo. O seu livro de memórias do *gulag*, *Ten Years in the Camps*, foi publicado em 2013 e seria descrito por um crítico como «inspirador na sua irreprimível esperança na natureza humana».

Ursula tinha amado Rudi pela sua bondade, Patra pela sua força revolucionária e Len pela longa e doce camaradagem. Mas encontrara o amor da sua vida em 1931, quando andava a alta velocidade pelas ruas de Xangai no banco de trás de uma veloz motorizada. A fotografia emoldurada de Richard Sorge esteve pendurada no seu escritório até ao fim da vida. «Ela estava apaixonada pelo Sorge», disse o seu filho Michael. «Esteve sempre apaixonada por ele.»

Os comunistas encheram Ursula de honras e elogios. Em 1969, uma segunda Ordem da Bandeira Vermelha seguiu-se à primeira, recebida no Kremlin em 1937. Recebeu o Prémio Nacional da Alemanha de Leste, a Ordem de Karl Marx, a Ordem Patriótica de Mérito e a Medalha do Jubileu.

Em 1977, publicou uma autobiografia, *Sonjas Rapport*, onde revelou que a famosa escritora fora uma prolífica espia. Os filhos ficaram estupefactos ao descobrirem o passado da mãe. O livro tornou-se um *best-seller* instantâneo. Foi escrito sob o controlo da Stasi, e os pudicos censores do Estado mandaram-na retirar as partes relacionadas com a sua pouco convencional vida amorosa. Ursula recusou: «Não tenho qualquer motivo para me sentir envergonhada a nível moral ou ético.

Deviam ter vergonha de exigir essa omissão.» No entanto, o livro final foi em parte uma obra de propaganda comunista. A versão original e não expurgada, incluindo o que o Estado não queria que ela revelasse, encontra-se nos arquivos da Stasi. Aos 84 anos, Ursula foi autorizada a viajar para a Grã-Bretanha para promover o seu livro de memórias. Alguns deputados pediram a sua prisão, mas o procurador-geral deliberou contra a acusação. A última coisa que o MI5 queria era um embaraçoso julgamento.

As convicções comunistas de Ursula tornaram-se mais brandas, ajustaram-se e dissiparam-se suavemente, mas nunca se evaporaram. A sua fé foi profundamente abalada com a descoberta da verdade a respeito da Grande Purga de Estaline, mas defendeu o seu passado: «Eu não tinha trabalhado aqueles vinte anos a pensar em Estaline.» Insistiu que o seu inimigo fora sempre o fascismo. «Por esse motivo, mantenho a cabeça bem erguida.» Contudo, era demasiado realista para fingir que o comunismo soviético refletia verdadeiramente os ideais que abraçara quando era adolescente. O esmagamento da revolta húngara contra Moscovo em 1956; a construção do Muro de Berlim em 1961, ostensivamente para manter os fascistas fora da Alemanha de Leste, mas na realidade para evitar que os seus cidadãos escapassem; o aniquilamento da Primavera de Praga em 1968, quando tanques soviéticos entraram na Checoslováquia para destruir o florescente movimento de reforma: Ursula testemunhou esses acontecimentos com uma ansiedade crescente. Na década de 1970, como ela própria diria, tinha chegado à conclusão «de que o que pensávamos que era socialismo tinha falhas fatais».

Ao refletir sobre a sua vida, reconheceu que tinha sido ingénua. Com o avançar da idade, condenou «o dogmatismo no interior do partido, que aumentou com o passar dos anos, o exagero das nossas realizações e o encobrimento dos nossos erros, o isolamento do Politburo

e o seu afastamento do povo». Sentia «amargura contra os líderes do partido que me manipularam e enganaram» e perguntava a si mesma se devia ter-se distanciado do decadente regime da Alemanha de Leste. Reconheceu que se tinha «submetido ao que sabia que estava errado» e aproveitado as oportunidades oferecidas pelo Estado. «Lutei contra os males que conhecia, mas apenas na medida em que me permitiam manter a filiação no partido e escrever mais livros.»

Porém, mesmo quando o comunismo se desmoronou no final da década de 1980, os seus valores fundamentais de esquerda permaneceram imutáveis. «Eu continuava a acreditar que poderia ser alcançado um socialismo melhor (...) com glasnost e perestroika, com mais democracia em vez de ditadura e poder absoluto, com medidas económicas realistas.»

A queda do Muro de Berlim em 1989 foi um choque e um alívio. «Não se pode dividir uma nação para sempre com um muro», escreveria.

No dia 18 de outubro de 1989, quando a velha liderança da RDA foi afastada, Ursula, então com 82 anos, falou num enorme comício no Lustgarten em Berlim e previu uma nova era de comunismo reformado. «O meu discurso é sobre a perda de confiança no Partido», disse, e as suas palavras foram interrompidas com muitos aplausos. «Tenho de vos dizer, depois das mudanças que estão a acontecer, ide e juntai-vos ao Partido, trabalhai nele, mudai o futuro, trabalhai como socialistas puros! Eu tenho coragem e estou otimista, porque sei que acontecerá.» Não aconteceu, o que a deixou desiludida pela primeira vez na vida. Numa última entrevista, perguntaram-lhe o que sentia a respeito da reunificação alemã e do colapso do comunismo. «Não muda a minha opinião de como devia ser o mundo», respondeu ela. «Mas cria em mim uma certa desesperança, que nunca tinha sentido.»

Ursula Kuczynski não era feminista. Não estava

interessada no papel nem nos direitos das mulheres no mundo mais vasto. Como outras mulheres independentes do seu tempo, tinha entrado numa profissão dominada por homens e fora superior, usando todas as vantagens possíveis que o seu género lhe conferia. Era impelida pela ideologia, certamente, mas o seu comunismo não era o tipo de comunismo professado por caprichosos estudantes universitários de classe média enquanto bebiam xerez em quentes salões de Cambridge na década de 1930. O seu comunismo nascera da dolorosa experiência pessoal: as brutais desigualdades de Weimar, os horrores do nazismo e um mundo que deixava bebés mortos caídos nas estradas. Ela era ambiciosa, romântica, viciada no risco, de vez em quando egoísta, tinha um enorme coração e era dura como só alguém que vivera o pior da história do século xx podia ser. Nunca foi traída. Dúzias de pessoas — na Alemanha, China, Polónia, Suíça e Reino Unido — tiveram a oportunidade de a expor e ditar à sua vida e aos seus atos de espionagem um rápido e desagradável fim. Ninguém o fez, a não ser Ollo. Para uma comunista reacionária, ela era exceccionalmente divertida, sofisticada e calorosa. Ursula tinha um dom para a amizade, uma capacidade de inspirar duradoura lealdade e uma disponibilidade para escutar e apoiar pessoas cujas opiniões eram radicalmente diferentes das suas. Como revolucionária, era surpreendentemente tolerante. Sabia amar e ser amada. Como todos os grandes sobreviventes, teve uma sorte extraordinária.

Ursula Kuczynski faleceu no dia 7 de julho de 2000, aos 93 anos.

Semanas mais tarde, numa cerimónia para assinalar o quinquagésimo-quinto aniversário da vitória na Segunda Guerra Mundial, o presidente da Rússia, Vladimir Putin, assinou um decreto a proclamá-la uma «superagente dos serviços secretos militares» e condecorou-a com a Ordem da Amizade.

Ursula Kuczynski viveu uma vida longa, como o remendão de porcelana previra. Tinha 10 anos quando aconteceu a Revolução Bolchevique e 82 quando o Muro de Berlim foi derrubado. A sua vida abarcou todo o comunismo, desde o seu tumultuoso início até à cataclísmica queda. Ursula abraçou aquela ideologia com o incondicional fervor da juventude e viu-a morrer da desapontada perspectiva da velhice extrema. Passou a vida adulta a lutar por um ideal que acreditava ser certo e morreu a saber que uma grande parte estava errada. Contudo, ainda olhava para trás com satisfação: tinha lutado contra o nazismo, amara e fora amada, criara uma família, escrevera um pequeno conjunto de bons livros e ajudara a União Soviética a acompanhar o ritmo nuclear da Europa, garantindo uma frágil paz. Viveu diversas existências inteiras numa vida muito longa, uma mulher de múltiplos nomes, inúmeros papéis e muitos disfarces.

Porém, mesmo na velhice, o seu inconsciente lembrou-a de que ainda era, e sempre fora, uma espia: «Um pesadelo atormenta-me o sono: o inimigo está mesmo atrás de mim e não tenho tempo de destruir as informações.»

Posfácio

As Vidas dos Outros

Klaus Fuchs foi libertado depois de nove anos na prisão e partiu de imediato para a Alemanha de Leste. Grete Keilson, uma funcionária do Partido Comunista e uma velha conhecida, foi buscá-lo ao aeroporto. Casaram-se três meses mais tarde. Fuchs foi celebrado pela RDA, recebeu a Ordem de Mérito Patriótico, a Ordem de Karl Marx e o Prémio Nacional. Fuchs sentia a falta de viver no Ocidente, mas nunca expressou qualquer arrependimento. Faleceu em 1988. O coordenador de espiões da Alemanha de Leste Markus Wolf escreveu que Fuchs «deu o maior contributo individual para a capacidade de Moscovo de construir uma bomba atómica [e] mudou o equilíbrio mundial de poder ao quebrar o monopólio nuclear da América.» **Harry Gold**, o controlador do KGB de Fuchs nos Estados Unidos, foi condenado a 30 anos de prisão. Seria libertado depois de cumprir metade da pena e passaria o resto da vida a trabalhar como químico clínico no departamento de patologia do Hospital John F. Kennedy em Filadélfia.

Jim Skardon continuou a não apanhar uma sucessão de espiões. Ficou perplexo por «nunca ter recebido qualquer tipo de promoção a um cargo superior antes da reforma, em 1961». Dois anos depois, **Kim Philby** fugiu para Moscovo e mais tarde escreveu um livro de memórias a troçar dos «escrupulosamente delicados» métodos de interrogatório de Skardon — no sentido de que eram completamente ineficazes. **Milicent Bagot** continuou a

ser um pilar do MI5, perturbando os colegas do sexo masculino com a força da sua personalidade e a profundidade do seu conhecimento acerca de subversão comunista. Escreveu um relatório pormenorizado sobre as maquinações internacionais do Komintern e foi uma das primeiras funcionárias a levantar dúvidas a respeito da lealdade de Philby. Muito depois de se reformar, em 1967, o MI5 continuou a pedir-lhe ajuda para desmascarar espiões comunistas. Nunca faltou a um ensaio do coro e faleceu em 2006. **Roger Hollis** tornou-se diretor-geral do MI5 em 1956 e manteve-se no cargo até se reformar em 1965. A investigação sobre se tinha sido uma toupeira do GRU ainda decorria aquando do seu falecimento, em 1973, e a teoria de que foi um traidor mantém-se e recusa-se a desaparecer. Um bom motivo para duvidar dessa teoria é fornecido por Vladimir Putin. O presidente da Rússia, antigo coronel do KGB, orgulha-se da história da espionagem do seu país. Se Hollis tivesse sido um espião soviético de alto nível entre 1932 e 1965, os dossiês do GRU conteriam uma enorme quantidade de provas. Nunca surgiu nenhuma, embora historiadores russos «autorizados» tenham tido acesso pontual a esses arquivos. A prova de que a Rússia teve um traidor britânico no interior do MI5 que nunca foi apanhado seria um golpe publicitário de extraordinário valor para Moscovo. Esta é, por conseguinte, a principal objeção à teoria de que Hollis protegeu Ursula: se o diretor do MI5 tivesse sido uma supertoupeira, Putin seria incapaz de resistir a gabar-se.

Três meses depois de Ursula abandonar a Grã-Bretanha, **Agnes Smedley** morreu em Oxford após uma cirurgia a uma úlcera. A escritora dinamarquesa Karin Michaëlis descreveu-a como «um pássaro solitário com enormes asas, um pássaro que nunca construirá um ninho [e que] renunciou a tudo, fama, felicidade pessoal,

conforto, segurança, por uma coisa: completa dedicação a uma grande causa». Em 1951, as suas cinzas foram enterradas no Cemitério Revolucionário Babaoshan em Pequim. A total dimensão dos atos de espionagem de Smedley só seria revelada em 2005.

O corpo de **Richard Sorge** foi exumado depois da guerra pela sua amante japonesa Hanako Ishii, cremado e enterrado de novo no Cemitério Tama em Tóquio. Seria por fim reconhecido por Moscovo em 1964, declarado um Herói da União Soviética e elevado ao estatuto de culto por propagandistas do KGB. Em 2016, uma estação ferroviária em Moscovo foi batizada com o seu nome. **Chen Hansheng**, o seu colaborador chinês mais próximo, é considerado um pioneiro da ciência social na China. A sua investigação sustenta as teorias maoístas sobre a forças das «massas camponesas», mas desentendeu-se com o regime comunista e foi acusado de ser um espião nacionalista. Durante a Revolução Cultural foi-lhe negado o tratamento a um glaucoma e perdeu a visão. Chen faleceu em 2004, com 107 anos. A romancista **Ding Ling**, a amiga de Ursula em Xangai, escreveu cerca de 300 livros e sofreu toda a espécie de perseguições do regime comunista chinês: a aprovação inicial de Mao, depois a condenação por criticar o chauvinismo masculino do partido, obrigação de fazer uma confissão pública, censura e cinco anos de prisão durante a Revolução Cultural, trabalhos forçados durante mais doze anos e, por fim, reabilitação em 1978. **Patrick T. Givens**, o alegre caçador de espões de Xangai, deixou a polícia municipal em 1936 e retirou-se para o castelo Bansha, um castelo com 300 anos, em Tipperary. **Hadshi Mamsurov**, o chefe de Ursula no GRU, sobreviveu às purgas, às letais lutas internas no seio dos serviços secretos soviéticos e à guerra; formou as forças especiais «Spetsnaz», libertou dois campos de concentração e retirou-se para a sua

Ossétia natal com a patente de general. A intrépida jornalista americana **Emily Hahn** continuou a escrever para a *New Yorker* até depois dos 80 anos.

Alexander Foote publicou o seu livro de memórias, *Handbook for Spies*, disfarçando Ursula como «Maria Schultz». O MI5 colaborou na publicação, considerando o livro «um bem-sucedido exercício de propaganda antissoviética». Desde então surgiu uma teoria infundada de que Foote foi um agente duplo que trabalhou sempre para o MI6. Foi-lhe oferecido um emprego no Ministério da Agricultura e Pescas e tornou-se amigo do escritor e personalidade da televisão Malcolm Muggeridge. Num raro momento de eufemismo, Foote descreveu o seu trabalho administrativo como «muito maçador» em comparação com a vida de espião. Faleceu em 1956.

Sandor Radó foi libertado de uma prisão soviética em novembro de 1954, após a morte de Estaline, e voltou para a Hungria. Dois anos mais tarde, foi oficialmente reabilitado e nomeado diretor do serviço cartográfico húngaro, e depois seria professor de Cartografia da Universidade de Ciências Económicas de Budapeste. Em 1958, **Melita Norwood** recebeu em segredo a Bandeira Vermelha Soviética do Trabalho, o equivalente civil à medalha militar de Ursula. Foi identificada pelo MI5 como um risco de segurança em 1965, mas só seria exposta publicamente em 1999, quando o arquivista do KGB Vasili Mitrokhin desertou com seis baús carregados de dossiês: neles, a agente Hola era descrita como «uma agente empenhada, de confiança e disciplinada [que] entregou um número muito grande de documentos de natureza científica e técnica». Quando a história se tornou pública, ela foi fotografada por jornalistas à porta da sua casa suburbana carregada com sacos de compras e foi memoravelmente apelidada de: «A Espia Que Veio da Cooperativa». Aos 87 anos, era demasiado idosa para ser

julgada. Pouco depois de ser desmascarada, Norwood recebeu um exemplar autografado da autobiografia de Ursula, com uma mensagem manuscrita da sua antiga controladora: «Para a Letty, com saudações da Sonya!»

Joe Gould retomou a carreira na indústria cinematográfica depois da guerra, tornando-se diretor de publicidade da United Artists Corporation e mais tarde da Paramount, onde organizou a publicidade para o filme *Psycho*, de Hitchcock. O seu último trabalho foi como diretor de relações-públicas do Centro de Informação de Defesa em Washington, D. C. Em 2009, foi condecorado a título póstumo com a Estrela de Bronze pelo trabalho durante a guerra.

Depois da guerra, os sobreviventes das missões Ferramentas radicaram-se na Alemanha de Leste. **Erich Henschke** tornou-se editor do *Berlin Zeitung*, depois foi vereador da cidade de Berlim e, por fim, correspondente da televisão estatal da Alemanha de Leste. **Paul Lindner** foi editor-chefe da Radio Berlin International. **Toni Ruh** foi nomeado diretor aduaneiro da RDA e mais tarde seria embaixador da Alemanha na Roménia, onde se suicidou, por motivos desconhecidos, em 1964. Lindner faleceria de causas naturais cinco anos depois. Os espões da missão Martelo receberam a Estrela de Prata numa cerimónia em 2006 e foram enaltecidos por «valentia ao manterem as mais elevadas tradições do serviço militar». Lindner e Ruh foram os primeiros alemães, e os únicos espões soviéticos, a receber medalhas americanas por coragem durante a guerra.

Em outubro de 1950, **Olga Muth** foi à embaixada britânica em Berlim Ocidental e ofereceu-se para revelar os segredos de Ursula Beurton. A antiga ama disse ao MI6 que tinha trabalhado para os Kuczynski desde 1911. «Ursula começou a usar a saudação “*Heil Moscovo!*” quando tinha cerca de 20 anos», disse Ollo, e lançou-se

numa ensaiada denúncia. Muth descreveu os atos de espionagem de Ursula na Polónia, em Danzig e na Suíça, o seu equipamento de rádio e as reuniões secretas na Toca da Toupeira. Contou que a patroa lhe tinha dito para «fazer vista grossa a essas atividades e para esquecer tudo o que acontecia». Triunfalmente, concluiu: «A Ursula era nada menos que uma espia russa.» Isto não era uma novidade para o MI6, e de qualquer maneira Ursula estava fora do alcance em Berlim Oriental. Os serviços secretos britânicos desconfiaram que o súbito aparecimento de Ollo era uma trama orquestrada pela própria Mrs. Beurton: «Não pode ser excluída a possibilidade de Ursula a ter mandado para descobrir os nossos interesses atuais na família.» Olga Muth foi delicadamente levada para fora do edifício. Uma vez mais, o oficialismo britânico tinha declinado ouvir a condenação de Ollo: a primeira vez, na Suíça, porque não se fez entender; e a segunda porque desconfiaram que podia ser uma espia de Ursula.

As quatro irmãs Kuczynski mais novas, **Brigitte, Barbara, Sabine e Renate**, ficaram na Grã-Bretanha, num primeiro momento atentamente monitorizadas pelo MI5, depois toleradas e, por fim, esquecidas pelo serviço de segurança. **Jürgen Kuczynski** renunciou à nacionalidade britânica e radicou-se permanentemente na Alemanha de Leste. Nomeado professor na Universidade de Humboldt, fundou o Instituto de História Económica, foi deputado no Parlamento da Alemanha de Leste e presidente da Sociedade de Estudo da Cultura Soviética, dizendo aos seus membros: «Quem odeia e despreza o progresso humano tal como é manifestado na União Soviética é odioso e desprezível.» Era um estalinista não convertido à atual teoria política que criticou o estalinismo nas suas memórias de 1973, o que mereceu a censura do partido. Descreveu-se como um «verdadeiro dissidente da linha orientadora do partido». Jürgen foi

considerado imprevisível pelos oficiais do partido, que durante algum tempo até desconfiaram que era um «agente imperialista», mas prosperou no novo Estado comunista. Em 1971, foi nomeado conselheiro de Erich Honecker, o líder da linha dura da RDA, para questões de economia externa. E continuou a escrever compulsivamente, mais de 4000 obras no total, incluindo a monumental *História das Condições de Trabalho* em 40 volumes. Calculou a sua produção própria em «cerca de 100 livros», provando que a sua competência matemática estava muito aquém da sua literacia. A vasta biblioteca dos Kuczynski, 70 mil volumes colecionados por três gerações, ocupa agora 100 metros de estantes na Biblioteca Central de Berlim.

Jürgen faleceu em 1977, aos 92 anos.

Jürgen e Ursula discutiram, competiram, ofenderam-se e adoraram-se até ao fim dos seus dias. Após uma discussão especialmente explosiva, cuja causa está perdida para a história, ele escreveu: «Achas mesmo que podes estragar a sério a nossa relação! Sugeres que eu te abandonaria num mundo onde há tanta vileza, ou que mudaria a minha relação contigo, um laço que forma uma firme base na minha vida (...) Em relação a este assunto não poderás mudar as coisas, porque o passado é demasiado forte.»

Nota Sobre as Fontes

Ursula Kuczynski escreveu muito sobre a sua vida, quer em obras de ficção quer de não-ficção. O seu livro de memórias, *Sonjas Rapport*, foi publicado na Alemanha em 1977, posteriormente em inglês, em 1991 (*Sonya's Report*), e numa edição alemã mais completa em 2006. O manuscrito original não expurgado, com os cortes e comentários feitos pelo censor da Stasi (e as cáusticas respostas manuscritas de Ursula), encontra-se nos arquivos da Stasi em Berlim. Além disso, sob o pseudónimo Ruth Werner, publicou 13 livros de ficção (ver a seleção na biografia), três dos quais são essencialmente autobiográficos: *Ein ungewöhnliches Mädchen* [*Uma Rapariga Fora do Comum*], *Der Gong des Porzellanhändlers* [*O Gongo do Remendão de Porcelana*] e *Muhme Mehle* (outro nome para Olga Muth). Também escreveu centenas de cartas (muito usadas em Panitz, *Geheimtreff Banbury*) e um diário durante a infância. Agradeço aos seus filhos, Peter Beurton e o falecido Michael Hamburger, por me terem autorizado a traduzi-las e a citar trechos. O livro de memórias de Rudolf Hamburger, *Zehn Jahre Lager* [*Dez Anos nos Campos*] foi publicado em 2013, mais de três décadas após o seu falecimento, com uma introdução de Michael Hamburger. Outro material é proveniente do livro de Nina Blankenfeld, *Die Tochter bin ich* [*Sou a Filha*], das memórias não publicadas de Peter Beurton, do livro de memórias não terminado de Michael Hamburger, de entrevistas feitas aos filhos de Ursula e a outros membros da família, e das várias entrevistas que ela deu na rádio e na televisão nos últimos anos de vida.

Os dossiês do MI5 sobre a família Kuczynski nos Arquivos Nacionais (TNA) são: Ursula e Len Beurton: KV 6/41-45; Jürgen e Marguerite: KV 2/1871-1880 e HO 405/30996; Robert: HO 396/50/28; Berta: HO 396/50/25; Renate: KV 2/2889-2893 e HO 396/50/27; Barbara: KV2/2936-2937; Bridget: KV 2/1569; Sabine: KV 2/2931-2933; Rudolf Hamburger: KV 2/1610.

Os dossiês de Ursula no Bundesarchiv (legado de Ruth Werner) estão arquivados sob o número NY 4502. Os dossiês Kuczynski/Werner dos arquivos da Stasi (Der Bundesbeauftragte für die Unterlagen des Staatssicherheitsdienstes der ehemaligen Deutschen Demokratischen Republik) têm o número Bfs HA IX/11 FV 98/66 (18 mil páginas no total, contidas em 90 dossiês individuais).

Uma seleção de citações importantes é referida abaixo, com um guia das principais fontes para cada capítulo.

1. Um Furação

«**Tudo brilhava em tons de castanho e dourado**»: ver Ruth Werner, *Ein ungewöhnliches Mädchen*. As outras fontes cruciais sobre o início da vida de Ursula são Werner, *Sonya's Report*, cartas e diários in Eberhard Panitz, *Geheimtreff Banbury*, e as recordações de Peter Beurton e do falecido Michael Hamburger.

«**Kuczynski forma sempre**»: citado in John Green, *A Political Family*.

«**Não tenho pátria**»: Agnes Smedley, *Daughter of Earth*.

«**a mãe do radicalismo literário feminino**»: citado in Ruth Price, *The Lives of Agnes Smedley*.

«**Transmitam ao Mike Gold**»: Carlos Baker, *Ernest Hemingway*.

2. A Puta do Oriente

«**Alguém começou a tocar acordeão**»: Werner, *Sonya's Report*.

«**tudo era possível**»: J. G. Ballard, *Miracles of Life*.

«**Ela passava as tardes**»: Emily Hahn, *China to Me*.

«**uma obra-prima art déco**»: Austin Williams, *The Architectural Review*, 22 de outubro de 2018.

O início da vida e os trabalhos de arquitetura de Hamburger são descritos in Eduard Kögel, «Zwei Poelzigschüler»; ver também Rudolf Hamburger, *Zehn Jahre Lager*.

As descrições da vida de Ursula em Xangai são de Werner, *Ein ungewöhnliches Mädchen* e *Sonya's Report*, e de cartas citadas in Panitz, *Geheimtreff Banbury*.

As principais fontes sobre a vida de Agnes Smedley são Price, *The Lives of Agnes Smedley*, e J. R. e S. R. MacKinnon, *Agnes Smedley: The Life and Times of an American Radical*. Os dossiês do MI5 sobre Smedley são TNA KV 2/2207-2208; o arquivo de Agnes Smedley, que contém 46 caixas de material, está na Universidade Estadual do Arizona: <http://www.azarchivesonline.org/xtf/view?docId=ead/asu/smedley.xml;query=agnes%20smedley;brand=default>.

3. O Agente Ramsay

Sobre a vida de Richard Sorge, ver Owen Matthews, *An Impeccable Spy*; Robert Whymant, *Stalin's Spy*; e Charles Willoughby, *Shanghai Conspiracy*.

«**expurgava o Partido de espiões**»: «The Man from Moscow», revista *Time*, 17 de fevereiro de 1947.

«**Eu percebo que o sistema capitalista está podre**»: Werner, *Ein ungewöhnliches Mädchen*.

«**infeliz, bebia muito**»: Tani E. Barlow, *I Myself am a Woman*.

«**banco do tigre**»: Frederic Wakeman, *Policing Shanghai*. Para Tom Givens, ver também Hergé, *O Lótus Azul*.

Sobre Xangai na década de 1920, ver Harriet Sergeant, *Shanghai*, e Edgar Snow, *Random Notes on Red China*.

4. Quando Sonya Dança

«**o Terror Branco é avassalador**»: citado in Price, *The Lives of Agnes Smedley*.

A descrição da rede de espiões de Sorge in Werner, *Sonya's Report*, Matthews, *An Impeccable Spy*, Whymant, *Stalin's Spy*.

«**um centro de recrutamento do Quarto Departamento**»: Willoughby, *Shanghai Conspiracy*.

«**cuja frase feita era “meu príncipe, porr favorr”**»: citado in Wakeman, *Policing Shanghai*.

«**Quando Sonya dança**»: ver dossiê da Stasi NY/4502/sig 14393.

«**Quando Agnes soube do caso**»: Matthews, *An Impeccable Spy*.

Sobre o caso Noulens ver: Wakeman, *Policing Shanghai*, e Frederick S. Litten, «The Noulens Affair»; ficheiros Noulens do MI5, in TNA KV 2/2562.

«**sem paralelo na história**»: Harold Isaacs, citado in Wakeman, *Policing Shanghai*.

5. Os Espiões Que a Amaram

«**fazia parte dos convidados**»: Matthews, *An Impeccable Spy*.

As fontes sobre o caso Hollis podem ser divididas em

dois grupos. Os seus acusadores mais importantes são Peter Wright, *Spycatcher*, Chapman Pincher, *Treachery, Betrayals, Blunders and Coverups*, e Paul Monk, ver <https://quadrant.org.au/magazine/2010/04/christopher-andrew-and-the-strange-case-of-roger-hollis/>. Entre os seus defensores contam-se Christopher Andrew, *Defence of the Realm*, e o MI5, <https://www.mi5.gov.uk/sir-roger-hollis>.

O assunto é extensivamente explorado por Antony Percy em www.coldspur.com. Ver também William A. Tyrer, «The Unresolved Mystery of ELLI».

«**Agora queremos**»: para esta e outras cartas, ver Panitz, *Geheimtreff Banbury*.

«**ninguém se atreveria a tocar**»: declaração da comissão diretiva da Organização Central de Judeus Alemães (Centralverein deutscher Staatsbürger jüdischen Glaubens).

«**uma lealdade quase cega**»: ver Green, *A Political Family*.

6. *Pardal*

«**a crueldade do Centro**»: ver Alexander Foote, *Handbook for Spies*.

Sobre as experiências de Ursula em Moscovo ver Werner, *Ein ungewöhnliches Mädchen* e *Sonya's Report*.

«**Os candidatos eram aprovados**»: citado in Price, *The Lives of Agnes Smedley*.

«**Em breve vais ser mandada para outro lado**»: o período em Mukden é descrito in Werner, *Der Gong des Porzellanhändlers*.

As carreiras dos agentes dos serviços secretos soviéticos, incluindo Tumanyan, Patra e Mamsurov, são pormenorizadamente descritas in Viktor Bochkarev e Aleksandr Kolpakidi, *Superfrau iz GRU*. Pouco fiável em

algumas partes, esta fonte beneficia, não obstante, de acesso aos ficheiros do GRU.

7. A Bordo do Conte Verde

A viagem no *Conte Verde* é descrita in Werner, *Der Gong des Porzellanhändlers* e em *Sonya's Report*, cartas citadas in Panitz, *Geheimtreff Banbury*, num livro de memórias não terminado de Michael Hamburger e em correspondência intercetada nos arquivos do MI5.

8. A Nossa Agente na Manchúria

As operações dos serviços secretos de Ursula em Mukden e a sua relação com Patra estão descritas in Werner, *Der Gong des Porzellanhändlers*.

9. Uma Vida de Vagabunda

«**No mês passado, grupos antijaponeses**»: estas cartas e as cartas subsequentes são citadas in Panitz, *Geheimtreff Banbury*; «Hans von Schlewitz», «Shushin», «Wang» e «Chu» (Werner, *Der Gong des Porzellanhändlers*) são provavelmente pseudónimos.

«**Ich kann nicht mehr**»: sobre a vida e morte de Elisabeth Naef ver Price, *The Lives of Agnes Smedley*, e Veronika Fuechtner, Douglas E. Haynes e Ryan M. Jones, *A Global History of Sexual Science*.

«**o último comunista vitoriano**»: ver Green, *A Political Family*.

10. De Pequim para a Polónia

Sobre a vida e carreira de Rudolf Hamburger ver:

dossiê do MI5 em TNA KV 2/1610; dossiê da Stasi sobre Hamburger MfS HA IX/II. FV 98/66. Ver também Kögel, «Zwei Poelzigsschüler» e Hamburger, *Zehn Jahre Lager*.

A carreira de Nikola Zidarov é descrita in Bochkarev e Kolpakidi, *Superfrau iz GRU*.

A rede de Hoffman é descrita in Werner, *Sonya's Report*.

11. Temos de Acabar o Que Começamos

«**Quem vai lembrar-se desta ralé**»: para as purgas de Estaline, ver Robert Conquest, *The Great Terror*, e Hiroaki Kuromiya, *The Voices of the Dead*.

«**a Quarta Direção**»: ver Matthews, *An Impeccable Spy*.

«**Eriki Noki**»: ficheiro do MI5 sobre Franz Obermanns, in TNA KV 6/48.

«**Compreendo que se ultrapassar**»: ver ficheiros do MI5 sobre Ursula, in TNA KV 6/41-45.

«**inquietao diretor de vendas**»: ver Foote, *Handbook for Spies*; ficheiros do MI5 sobre Foote, in TNA KV 2/1611-1616.

12. A Toca da Toupeira

«**À nossa frente, os prados**»: sobre a rede GRU na Suíça ver Werner, *Sonya's Report*, e Foote, *Handbook for Spies*.

«**O primeiro-ministro britânico**»: http://news.bbc.co.uk/onthisday/hi/dates/stories/september/30/newsid_3115000/3115476.stm.

«**Ele devia levar**»: A vida de Olga Muth é descrita in Werner, *Muhme Mehle*.

«**Nenhum propagandista estrangeiro**»: *The Times*,

11 de novembro de 1938.

«**É possível que F[ootel] tenha tido um caso**»: ficheiros do MI6 sobre Foote, *in* TNA KV 2/1611-1616.

«**Lillian Jakobi**» e «**Frau Füssli**» (Werner, *Muhme Mehle*) devem ser pseudónimos.

«**Ovos com maionese**»: sobre a Osteria Bavaria, ver TNA KV 2/1611-1616, notas no dossiê da Stasi Bfs HA IX/11 FV 98/66 Bd 19, Foote, *Handbook for Spies*, and the Mitford Society: <https://themitfordsociety.wordpress.com/tag/osteria-bavaria/>.

«**Eu tinha 25 anos**»: relato não publicado escrito por Len Beurton, com a autorização de Peter Beurton; ver também ficheiros do MI5 sobre Beurton *in* TNA KV 6/41-45. Sobre o serviço de Beurton em Espanha, ver Richard Baxell, *British Volunteers in the Spanish Civil War* e *Unlikely Warriors*.

13. Um Casamento de Conveniência

Sobre o pacto Molotov-Ribbentrop, ver Roger Moorhouse, *The Devils' Alliance*.

«**Estilo, elegância, contenção**»: Len Beurton, discurso não publicado, com o consentimento de Peter Beurton, arquivo privado.

«**espalhar derrotismo**»: dossiê do Ministério da Administração Interna TNA HO 396/50/28.

«**Todos sabem**»: a discussão sobre a detenção de Jürgen é descrita *in* Green, *A Political Family*, e dossiês do MI5 sobre Kuczynski, *in* TNA KV2/1871-1880.

«**em todos os momentos, aconteça o que acontecer**»: citado *in* Christian Leitz, *Nazi Germany and Neutral Europe*.

«**braço ilegítimo do nosso Volk**»: citado *in* Bormann, *Hitler's Table Talk*.

14. A Ladra de Bebés

«**Foi exatamente como nos filmes**»: Hahn, *China to Me*.

«**um dos poucos lugares**»: ver Kögel, «Zwei Poelzigschüler», e Hamburger, *Zehn Jahre Lager*.

Sobre a Rote Drei ver: https://www.cia.gov/library/center-for-the-study-of-intelligence/kent-csi/vol13no3/html/v13i3a05p_0001.htm. V. E. Tarrant, *The Red Orchestra*; Anthony Read e David Fisher, *Operation Lucy*; Anne Nelson, *Red Orchestra*. Ver também ficheiro do MI5 sobre Hamel, TNA KV 2/1615.

«**atarracado, a raia a obesidade**»: Werner, *Sonya's Report*; dossiês do MI5 sobre Sandor Radó in TNA KV 2/1647-1649.

«**uma mulher alta, magra, com uma aparência quase frágil**»: Sandor Radó, *Codename Dora*.

«**Se alguém dizia alguma coisa agradável**»: Werner, *Muhme Mehle*.

«**Os seus delírios em inglês entrecortado**»: Foote, *Handbook for Spies*.

15. Tempos Felizes

«**Wake Arms. Epping 1 & 15**»: ver TNA KV 6/43. Sobre a vigilância do MI5 aos Beurton, ver TNA KV 6/41-45.

«**H's Bruder als Späher**»: Hamburger, *Zehn Jahre Lager*.

«**O navio cambaleou como um cavalo a cair**»: Glyn Prysor, *Citizen Sailors*.

16. Barbarossa

«**Eles pegam no seu jantar**»: Werner, *Sonya's Report*.

«**Jürgen estava zangado com o regresso de Sonya**»: Foote, *Handbook for Spies*.

«**um homem com uma expressão dura**»: Jonathan W. Haslam, *Near and Distant Neighbours*.

«**Basta-nos dar um pontapé**»: citado in Von Hardesty e Ilya Grinberg, *Red Phoenix Rising*.

«**Recomendo Jürgen Kuczynski sem hesitar**»: para esta e outras mensagens do e para o Centro decodificadas por Venona, ver Alexander Vassiliev, *Yellow Notebooks*:

https://www.wilsoncenter.org/sites/default/files/Vassiliev-Notebooks-and-Venona-Index-Concordance_update-2014-11-01.pdf. Ver também John Earl Haynes *et al.*, *Spies*; Nigel West, *Venona*.

«**Inativo, com saudades da mulher**»: Paddy Ashdown, *Nein!*

17. A Estrada para o Inferno

A análise mais pormenorizada e recente do caso Fuchs pode ser lida in Frank Close, *Trinity*. Outras obras biográficas incluem: Robert Chadwell Williams, *Klaus Fuchs*; Mike Rossiter, *The Spy Who Changed the World*; Norman Moss, *Klaus Fuchs*; Alan Moorehead, *The Traitors*; H. Montgomery Hyde, *The Atom Bomb Spies*. Os dossiês do MI5 sobre Fuchs estão em TNA KV 2/1245-1270.

Memorando Frisch-Peierls:
<http://www.atomicarchive.com/Docs/Begin/FrischPeierls.shtml>.

«**Naturalmente, o Klaus veio ter comigo**»: Jürgen Kuczynski, *Memoiren*.

«**poria a humanidade na estrada para o inferno**»: citado in Close, *Trinity*. A vida e a carreira de Melita

Norwood são descritas in David Burke, *The Spy Who Came in from the Co-op*.

«**Ela retirava dossiês**»: <https://www.thetimes.co.uk/article/melita-norwood-x2lrfkj7vm5>.

«**a nossa chefe de estação ilegal**»: Vassiliev, *Yellow Notebooks*. Entrevista e investigação de Len Beurton in TNA KV 6/41-45.

18. Espiões Atômicos

«**Era agradável**»: Werner, *Sonya's Report*.

«**discutir os seus sentimentos**»: obituário de Ruth Werner, *The Economist*, 13 de julho de 2000.

«**foi por intermédio de Fuchs e de Sonya**»: Close, *Trinity*.

«**Acima de tudo, a principal obrigação dos judeus britânicos**»:

https://link.springer.com/chapter/10.10%2F9780230598416_2.

«**considerável quantidade de tráfego russo**»: Pincher, *Treachery*.

«**O meu passado como membro das Brigadas Internacionais**»: Len Beurton, discurso não publicado, com a permissão de Peter Beurton, arquivo privado.

Dossiês do MI5 sobre Hans Kahle, in TNA KV 2/1561-1566.

«**Com a ajuda dos duplicados das chaves**»: Bochkarev e Kolpakidi, *Superfrau iz GRU*.

«**A minha tarefa**»: Hamburger, *Zehn Jahre Lager*.

«**era russo**»: dossiê do MI5 sobre Hamburger, in TNA KV 2/1610.

19. Milicent do MI5

«**Ela era um bocado tresloucada**»: Wright, *Spycatcher*.

«**um vago papel de supervisão**»: citado in Michael Smith, *The Secret Agent's Bedside Reader*.

«**Temos muitas informações**»: ficheiro do MI5 sobre Jürgen Kuczynski, in TNA KV 2/1871-1880.

«**conseguia detetar um suspeito a uma légua de distância**»: Close, *Trinity*.

«**no dia que fosse mais conveniente**»: ficheiros do MI5 sobre os Beurton, in TNA KV 6/41-45.

«**Miss Bagot parece ter destacado**»: Close, *Trinity*.

«**Bagot já seguia a pista de SONIA [sic]**»: Paul Monk: [https://](https://quadrant.org.au/magazine/2010/04/christopher-andrew-and-the-strange-case-of-roger-hollis/)

quadrant.org.au/magazine/2010/04/christopher-andrew-and-the-strange-case-of-roger-hollis/.

«**No dia 4 de setembro, U. Kuczynski**»: sobre o debate do acordo do Quebeque ver Monk, *ibid.*; Pincher, *Treachery*; Vladimir Lota, *GRU i atomnaia bomba*; Antony Percy em www.coldspur.com.

«**Mais cedo ou mais tarde, haverá**»: Nikolai Tolstoy, *Victims of Yalta*.

«**Ele tem cerca de 1,75 metros**»: Allen M. Hornblum, *The Invisible Harry Gold*.

20. Operação Martelo

O melhor relato das missões Ferramentas é de Jonathan S. Gould, *German Anti-Nazi Espionage in the Second World War*. Ver também Joseph E. Persico, *Piercing the Reich*; e biblioteca da CIA: <https://www.cia.gov/library/center-for-the-study-of-intelligence/csi-publications/csi-studies/studies/vol46no1/article03.html>.

Os registos das missões pelos serviços secretos

americanos são conservados nos US National Archives (USNA): OSS Record Group 226. Ver também OSS War Diary, vol. 6, pp. 421-456.

As entrevistas feitas aos agentes da operação Martelo em 1953 pela comissão de investigação do GDR estão nos arquivos dos partidos políticos e das organizações de massas do GDR [SAPMO]: DY 30/IV 2/4/123, BL 123-282.

«**Desconfortáveis em fatos e gravatas baratos**»: Persico, *Piercing the Reich*.

«**indubitavelmente um comunista de longa data**»: dossiê do MI5 sobre Karl Kastro (Erich Henschke), in TNA KV 2/3908.

«**O entusiasmo fazia-o resfolegar**»: Richard Dunlop, *Donovan*.

«**os que recorrerem**»: dossiês do MI5 sobre Kuczynski, in TNA KV 2/1871-1880. Para os registos do United States Strategic Bombing Survey ver: <http://www.ibiblio.org/hyperwar/AAF/USSBS/>. «**Nunca conheci ninguém**»: Matthews, *Impeccable Spy*.

21. Sussurro de Primavera

«**deixar de cumprir**»: ver arquivos SAPMO, DY 30/IV 2/4/123, BL 123-282.

«**Só os mais corajosos**»: USNA, OSS Record Group 226.

«**Uma das coisas boas**»: Werner, *Ein ungewöhnliches Mädchen*.

«**o campus de uma enorme universidade**»: Close, *Trinity*.

«**uma nova arma**»: Catherine Putz, «What if the United States...»

22. Great Rollright

As descrições da vida em Great Rollright são de Werner, *Sonya's Report*; Janina Blankenfeld, *Die Tochter bin ich*; e entrevistas com Michael Hamburger e Peter Beurton.

«**Foi o que me tornei**»: Hamburger, *Zehn Jahre Lager*.

«**O FBI está a ser singularmente persistente**»: dossiês dos MI5 sobre os Beurton, in TNA KV 6/41-45.

«**estrondo de madeira a partir**»: Foote, *Handbook for Spies*.

«**total ausência de nervos**»: dossiês do MI5 sobre Foote in TNA KV 2/1611-1616.

«**à minha frente estava**»: Werner, *Sonya's Report*.

«**Com exceção de tricô**»: Sobre a vigilância do MI5 a Ursula e aos Kuczynski, ver Charmian Brinson e Richard Dove, *A Matter of Intelligence*.

23. Um Osso Duro de Roer

«**Oh, meu pequeno menino**»: Werner, *Sonya's Report*.

«**Tenho boas notícias**»: dossiês do MI5 sobre Hamburger, in TNA KV 2/1610.

«**saiu com uma graciosa vénia**»: o interrogatório de Skardon está nos dossiês do MI5 sobre os Beurton, in TNA KV 6/41-45.

«**Um antigo polícia ativo e fumador de cachimbo**»: Wright, *Spycatcher*.

«**jactância de classe alta**»: Close, *Trinity*.

«**a principal defensora da China comunista**»: Price, *The Lives of Agnes Smedley*.

«**Os estrangeiros estão a sair da China**»: carta interceptada nos dossiês do MI5 sobre os Beurton, in TNA KV 6/41-45.

«**Durante o dia inteiro**»: Blankenfeld, *Die Tochter bin ich*.

«**Se me sentia desanimada**»: Werner, *Sonya's Report*.

«**Temos provas**»: Raymond H. Geselbracht (ed.), «The Truman Administration during 1949: A Chronology», Harry S. Truman Library.

«**A cerveja preta não é boa**»: Close, *Trinity*; ver também dossiês do MI5 sobre Fuchs, in TNA KV 2/1245-1270.

«Nunca podíamos»: <http://www.greathead.org/greathead2-o/Sonia.htm>.

24. Ruth Werner

Os dossiês da Stasi sobre Ursula são Bfs HA IX/11 FV 98/66 Bd 19.

«**fugido para a Alemanha em 1947**»: Pincher, *Treachery*.

«**Eu queria viver como uma cidadã**»: Werner, *Sonya's Report*.

«**vingte anos no estrangeiro**»: Bfs HA IX/11 FV 98/66 Bd 19.

«**É provável que estas pessoas possuam**»: sobre as tentativas do MI6 de recrutar os Kuczynski, ver Matthew Stibbe, «Jürgen Kuczynski and the Search for a (Non-existent) Western Spy Ring...»

«**Perdi muitos amigos**»: Werner, *Sonya's Report*.

«**No apressado prazer do amor**»: Hamburger, *Zehn Jahre Lager*.

«**bom**»: dossiês da Stasi sobre Hamburger, MfS HA IX/II. FV 98/66.

«**Havia duas coisas importantes**»: As reflexões dos filhos de Ursula são provenientes de entrevistas com o autor; ver também «Codename Sonya», BBC Radio 4, 2002:

<https://genome.ch.bbc.co.uk/59623532dbb240c3aa1c2bd002b932f5>.

«**Senti o peso do embrulho na mão**»: Werner, *Der*

Gong des Porzellanhändlers.

«**Um pesadelo atormenta-me o sono**»: Werner, *Sonya's Report*.

Posfácio

«**deu o maior contributo individual**»: Close, *Trinity*.

«**escrupulosamente delicados**»: Kim Philby, *My Silent War*.

«**um pássaro solitário com enormes asas**»: Price, *Smedley*.

«**um bem-sucedido exercício de propaganda antissoviética**»: Pincher, *Treachery*.

«**uma agente empenhada, de confiança e disciplinada**»: Christopher Andrew e V. Mitrokhin, *The Mitrokhin Archive*.

«**A Espia Que Veio da Cooperativa**»: *The Times*, 11 de setembro de 1999.

«**Para a Letty, com saudações da Sonya!**»: Pincher, *Treachery*.

«**valentia ao manterem**»: ver Gould, *German Anti-Nazi Espionage in the Second World War*.

«**Ursula começou a usar a saudação**»: the Beurtons' MI5 files, TNA KV 6/41-45

«**Quem odeia e despreza**»: sobre os últimos anos de Jürgen Kuczynski, ver Green, *A Political Family*.

«**Achas mesmo**»: carta sem data, citada com autorização de Peter Beurton.

Bibliografia Seleccionada

- Aaronovitch, David, *Party Animals: My Family and Other Communists*, Londres, 2016.
- Andrew, Christopher, *The Defence of the Realm: The Authorized History of MI5*, Londres, 2009.
- Andrew, Christopher, e Vasili Mitrokhin, *The Mitrokhin Archive*, Londres, 1999.
- Ashdown, Paddy, *Nein! Standing up to Hitler 1935-1944*, Londres, 2018.
- Baker, Carlos, *Ernest Hemingway: A Life Story*, Nova Iorque, 1969.
- Ballard, J. G., *Miracles of Life: Shanghai to Shepperton, an Autobiography*, Nova Iorque, 2008.
- Barlow, Tani E. (ed.), *I Myself am a Woman: Selected Writings of Ding Ling*, Boston, 1989.
- Baxell, Richard, *British Volunteers in the Spanish Civil War*, Londres, 2004.
- , *Unlikely Warriors: The Extraordinary Story of the Britons Who Fought for Spain*, Londres, 2012.
- Blankenfeld, Janina, *Die Tochter bin ich*, Berlim, 1985.
- Bochkarev, Viktor, e Aleksandr Kolpakidi, *Superfrau iz GRU*, Moscovo, 2002.
- Bormann, Martin, ed., *Hitler's Table Talk, 1941-1944*, trad. Norman Cameron, Londres, 2000.
- Bower, Tom, *The Perfect English Spy: Sir Dick White and the Secret War 1935-1990*, Londres, 1995.
- Brinson, Charmian, «The Free German Movement in Britain, 1943-1945», *Anuário do Research Centre for German and Austrian Exile Studies*, vol. 15, 2014.
- , e Richard Dove, *A Matter of Intelligence: MI5 and the*

- Surveillance of Anti-Nazi Refugees 1933-1950*, Manchester, 2014.
- Burke, David, *The Lawn Road Flats: Spies, Writers and Artists*, Martlesham, 2014.
- , *The Spy Who Came in from the Co-op: Melita Norwood and the Ending of Cold War Espionage*, Martlesham, 2008.
- Casey, William, *The Secret War against Hitler*, Washington, D. C., 1988.
- Close, Frank, *Trinity: The Treachery and Pursuit of the Most Dangerous Spy in History*, Londres, 2019.
- Conquest, Robert, *The Great Terror: Stalin's Purge of the Thirties* (ed. revista), Londres, 1990.
- Dunlop, Richard, *Donovan: America's Master Spy*, Nova Iorque, 1982.
- Figes, Orlando, *The Whisperers: Private Life in Stalin's Russia*, Londres, 2007.
- Fischer, Benjamin B., «Farewell to Sonia, the Spy Who Haunted Britain», *International Journal of Intelligence and Counterintelligence*, vol. 15, número 1, 2002.
- Foote, Alexander, *Handbook for Spies*, Londres, 2011.
- Fuechtner, Veronika, Douglas E. Haynes e Ryan M. Jones (eds.), *A Global History of Sexual Science, 1880-1960*, Berkeley, Calif., 2017.
- Glees, Anthony, *The Secrets of the Service*, Londres, 1987.
- Gold, Michael, *Jews without Money*, Nova Iorque, 1930.
- Gould, Jonathan S., «Strange Bedfellows: The OSS and the London Free Germans», biblioteca da CIA, <https://www.cia.gov/library/center-for-the-study-of-intelligence/csi-publications/csi-studies/studies/vol46no1/article03.html>
- , *German Anti-Nazi Espionage in the Second World War: The OSS and the Men of the TOOL Missions*, Nova Iorque, 2018.
- Green, John, *A Political Family: The Kuczynskis, Fascism,*

Espionage and the Cold War, Abingdon, 2017.

Guha, Ramachandra, *India After Gandhi: The History of the World's Largest Democracy*, Londres, 2007.

Hahn, Emily, *China to Me: A Partial Autobiography*, Nova Iorque, 1944.

Hamburger, Rudolf, *Zehn Jahre Lager*, Munique, 2013.

Hardesty, Von, e Ilya Grinberg, *Red Phoenix Rising: The Soviet Air Force in World War II*, Lawrence, Kan., 2012.

Hartland, Michael, *The Third Betrayal*, Londres, 1986.

Haslam, Jonathan, *Near and Distant Neighbours: A New History of Soviet Intelligence*, Oxford, 2015.

Haynes, John Earl, Harvey Klehr e Alexander Vassiliev, *Spies: The Rise and Fall of the KGB in America*, New Haven, Conn., 2010.

Hennessy, Peter, *The Secret State: Whitehall and the Cold War*, Londres, 2002.

Holloway, David, *Stalin and the Bomb*, Londres, 1994.

Hornblum, Allen M., *The Invisible Harry Gold: The Man Who Gave the Soviets the Atom Bomb*, New Haven, Conn., 2010.

Kögel, Eduard, «Zwei Poelzigschüler in der Emigration», dissertação, Weimar, 2007.

Krivitsky, Walter, *I was Stalin's Agent*, Londres, 1940.

Kuczynski, Jürgen, *Memoiren*, 4 vols., Berlim, 1981-99.

Kuczynski, Rita, *Wall Flower: A Life on the German Border*, Toronto, 2015.

Kuromiya, Hiroaki, *The Voices of the Dead: Stalin's Great Terror in the 1930s*, New Haven, Conn., 2017.

Lamphere, Robert J., e Tom Shachtman, *The FBI-KGB War: A Special Agent's Story*, Nova Iorque, 1986.

Leitz, Christian, *Nazi Germany and Neutral Europe during the Second World War*, Manchester, 2001.

Litten, Frederick S., «The Noulens Affair», *The China Quarterly*, vol. 138, junho de 1994

Lota, Vladimir, *GRU i atomnaia bomba*, Moscovo, 2002.

MacKinnon, J. R., e S. R., *Agnes Smedley: The Life and Times of an American Radical*, Berkeley, Calif., 1988.

Matthews, Owen, *An Impeccable Spy: Richard Sorge, Stalin's Master Agent*, Londres, 2019.

Montgomery Hyde, H., *The Atom Bomb Spies*, Londres, 1980.

Moorehead, Alan, *The Traitors: The Double Life of Fuchs, Pontecorvo and Nunn May*, Londres, 1952.

Moorhouse, Roger, *The Devils' Alliance: Hitler's Pact with Stalin, 1939-41*, Londres, 2014.

Moss, Norman, *Klaus Fuchs: The Man Who Stole the Atom Bomb*, Londres, 1987.

Nelson, Anne, *Red Orchestra*, Nova Iorque, 2009.

Panitz, Eberhard, *Geheimtreff Banbury: Wie die Atombombe zu den Russen kam*, Berlim, 2003.

Persico, Joseph E., *Piercing the Reich*, Nova Iorque, 1979.

—, *Roosevelt's Secret War: FDR and World War II Espionage*, Nova Iorque, 2001.

Philby, Kim, *My Silent War*, Londres, 1968.

Pincher, Chapman, *Treachery: Betrayals, Blunders and Coverups. Six Decades of Espionage*, Londres, 2012.

Price, Ruth, *The Lives of Agnes Smedley*, Oxford, 2005.

Pryor, Glyn, *Citizen Sailors: The Royal Navy in the Second World War*, Londres, 2012.

Putz, Catherine, «What if the United States Had Told the Soviet Union about the Bomb?», *The Diplomat*, 18 de maio de 2016.

Radó, Sandor, *Codename Dora*, Nova Iorque, 1990.

Read, Anthony, e David Fisher, *Operation Lucy: Most Secret Spy Ring of the Second World War*, Londres, 1980.

Rossiter, Mike, *The Spy Who Changed the World*, Londres, 2003.

- Sebag Montefiore, Simon, *Stalin: The Court of the Red Tsar*, Londres, 2003.
- Sergeant, Harriet, *Shanghai: Collision Point of Cultures, 1918-1939*, Nova Iorque, 1990.
- Smedley, Agnes, *Daughter of Earth*, Nova Iorque, 1987.
- Smith, Michael (ed.), *The Secret Agent's Bedside Reader: A Compendium of Spy Writing*, Londres, 2014.
- Snow, Edgar, *Random Notes on Red China: 1936-1945*, Cambridge, Mass., 1957.
- Stibbe, Matthew, «Jürgen Kuczynski and the Search for a (Non-existent) Western Spy Ring in the East German Communist Party in 1953», *Contemporary European History*, vol. 20, número 1, 2011.
- Tarrant, V. E., *The Red Orchestra: The Soviet Spy Network inside Nazi Europe*, Londres, 1995.
- Tolstoy, Nikolai, *Victims of Yalta*, Londres, 1979.
- Tyrer, William A., «The Unresolved Mystery of ELLI», *International Journal of Intelligence and Counterintelligence*, vol. 29, n.º 4, 2016, pp. 785-808.
- Vassiliev, Alexander, *Yellow Notebooks*, 1995: <https://digitalarchive.wilsoncenter.org/collection/86/vassiliev-notebooks>.
- Wakeman Jr., Frederic, *Policing Shanghai 1927-1937*, Berkeley, Calif., 1995.
- Watson, Peter, *Fallout: Conspiracy, Cover-Up and the Deceitful Case for the Atom Bomb*, Londres, 2018.
- Werner, Ruth, *Ein ungewöhnliches Mädchen*, Berlim, 1959.
- , *Der Gong des Porzellanhändlers*, Berlim, 1976.
- , *Muhme Mehle*, Berlim, 2002.
- , *Olga Benario. Die Geschichte eines tapferen Lebens*, Berlim, 1961.
- , *Sonjas Rapport*, Berlim, 1977, s.n, 2006.
- , *Sonya's Report*, Londres, 1991.

- West, Nigel, *Venona: The Greatest Secret of the Cold War*, Londres, 1999.
- , *Mortal Crimes: The Greatest Theft in History. The Soviet Penetration of the Manhattan Project*, Nova Iorque, 2004.
- Whymant, Robert, *Stalin's Spy: Richard Sorge and the Tokyo Espionage Ring*, Nova Iorque, 1996.
- Williams, Robert Chadwell, *Klaus Fuchs, Atom Spy*, Harvard, Mass., 1987.
- Willoughby, Charles, *Shanghai Conspiracy: The Sorge Spy Ring*, Boston, Mass., 1952.
- Wolf, Markus, *In eigenem Auftrag*, Schneekluth, 1991.
- Wright, Peter, *Spycatcher: The Candid Autobiography of a Senior Intelligence Officer*, Londres, 1987.

Créditos das Ilustrações

Abreviaturas:

BArch: Arquivos federais alemães

BstU: Comissário Federal dos Registos dos Serviços para a Segurança do Estado da antiga República Democrática Alemã.

NACP: Arquivos Nacionais de College Park, College Park, MD

Primeira Parte

1. Robert René Kuczynski, o pai de Ursula. © Ullsteinbild/Getty Images.

2. Ursula Maria Kuczynski. © Sammlung Kuczynski, Zentral-und Landesbibliothek, Berlim.

3. Olga Muth, a ama da família, com alguns elementos da família Kuczynski. Com o consentimento de Peter Beurton.

4. A casa da família no lago Schlachtensee. Com o consentimento de Peter Beurton.

5. Ursula quando era adolescente. Com o consentimento de Peter Beurton.

6. Os seis irmãos Kuczynski. Com o consentimento de Peter Beurton.

7. Membros da Liga da Juventude Comunista Alemã. BArch, Bild 102-01355.

8. Ursula a vender literatura comunista. © BstU, MfS, HA IX/11, FV 98/66, Bd. 40, S. 125.

9. Rudolf Hamburger, aproximadamente na altura em que conheceu Ursula. Coleção da família Hamburger.

10. Comunistas chineses executados durante o «Terror Branco». © CPA Media/Alamy.

11. Fotografia tirada por Ursula quando atracou no porto de Xangai. Coleção da família Hamburger.

12. Agnes Smedley. Agnes Smedley Photographs, University Archives, Biblioteca da Universidade Estatal do Arizona.

13. «Retrato de uma pirata»: tirada pelo fotógrafo e espião polaco Hirsch Herzberg. Desconhece-se o paradeiro da fotografia original. De Ruth Werner, *Sonjas Rapport*, Berlim: Neues Leben, 1977.

14. Certificado da Ordem da Bandeira Vermelha, entregue a Ursula em 1937. BstU, MfS, SEM IX/11, FV 98/66, Bd. 20, S. 98.

15. A brincar de balancé com um colega espião comunista, provavelmente Richard Sorge. Coleção da família Hamburger.

16. Richard Sorge, recrutador e amante de Ursula. © Sputnik/TopFoto.

17. Ursula com Chen Hansheng e a sua mulher. Desconhece-se o paradeiro da fotografia original. De Ruth Werner, *Sonya's Report*, Londres: Chatto & Windus, 1991.

18. Rudi e Ursula, pouco antes da partida para Moscovo. Coleção da família Hamburger.

19. Michael Hamburger, em viagem para Vladivostok em maio de 1933. Coleção da família Hamburger.

20. Ursula a apanhar banhos de sol no convés do *Conte Verde*. Coleção da família Hamburger.

21. A casa em Mukden. BstU, MfS, SEM IX/11, FV 98/66, Bd. 39, S. 142.

22. Transmissor telegráfico de código Morse fabricado por Ursula. Coleção da família Hamburger.

23. Johann Patra, amante e colega espião de Ursula. Barch, Bild 10-2167-04.

24. Um remendão tradicional chinês de porcelana.

Wellcome Library, Londres, em CC-BY 4.0.

25. Mao Tsé-Tung, o general Zhu De e Agnes Smedley. Fotografia de Helen Foster Snow. Com o consentimento de L. Tom Perry Special Collections, Universidade Brigham Young.

Segunda Parte

26. O coronel Gaik Lazarevich Tumanyan. BstU, MfS, SEM IX/11, FV 98/66, Bd. 39, S. 139.

27. Ursula cerca de 1935. Com o consentimento de Peter Beurton.

28. O general Yan Karlovich Berzin. Origem desconhecida.

29. O coronel Khadzi-Umar Mamsurov, coordenador de Ursula nos serviços secretos soviéticos desde 1938. Origem desconhecida.

30. Len Beurton em 1939. Coleção da família Hamburger.

31. Adolf Hitler na Osteria Bavaria. NACP, RG 242.28: National Archives Collection of Foreign Records Seized.

32. Alexander Allan Foote. BstU, MfS, SEM IX/11, FV 98/66, Bd. 39, S. 145.

33. Alexander «Sandor» Radó, o cérebro da rede de espionagem Rote Drei na Suíça. Com o consentimento de András Trom.

34. A casa de Ursula nas montanhas suíças acima do lago Léman. BstU, MfS, SEM IX/11, FV 98/66, Bd. 40, S. 7.

35. Olga Muth com as irmãs de Ursula, Renate e Sabine. Com o consentimento de Ann Simpson.

36. Nina, a filha de Ursula e de Johann Patra, aos dois anos. Coleção da família Hamburger.

37. Rudi Hamburger em 1939, pouco depois de ser recrutado pelos serviços secretos soviéticos militares. Coleção da família Hamburger.

38. Emily «Mickey» Hahn, a intrépida correspondente da *New Yorker*. Fotografia de Sybill Clay e Stella Caffyn. Propriedade de Emily Hahn.

39. Klaus Fuchs: cartão de detenção. National Archives, Kew, KV2/1253.

40. Ursula vestida com o seu melhor fato para se encontrar com o seu controlador soviético, «Sergei». Com o consentimento de Peter Beurton.

41. Erich Henschke, também conhecido por «Karl Kastro». National Archives, Kew, KV2/3908.

42. O tenente Joe Gould, o agente dos serviços secretos que chefiou as missões Ferramentas. Coleção particular. De Jonathan S. Gould, *German Anti-Nazi Espionage in the Second World War: The OSS and the Men of the TOOL Missions*, Abingdon, Oxon; Nova Iorque, Routledge, 2019.

43. O «Sistema Joan-Eleanor»: uma revolução tecnológica. NACP, RG 226: Registos do Gabinete de Serviços Estratégicos.

44., 45. Os espiões Toni Ruh e Paul Lindner, que participaram na operação Martelo. NACP, RG 226: Registos do Gabinete de Serviços Estratégicos.

46. A ponte ferroviária sobre a estrada a oeste de Great Rollright. Com o consentimento de Peter Beurton.

47. The Firs, Great Rollright. Com o consentimento de Peter Beurton.

48. Ursula com os filhos no jardim de The Firs. Com o consentimento de Peter Beurton.

49. Milicent Bagot, veterana caçadora de comunistas do MI5. Reproduzida com autorização do reitor do Lady Margaret Hall, Universidade de Oxford.

50. William «Jim» Skardon, o lendário interrogador. AP/Shutterstock.

51. Roger Hollis, que ascendeu a diretor-geral do MI5 em 1956. Keystone/Alamy.

52. Melita Norwood, a espia soviética que serviu mais

tempo em solo britânico. © Martin Pope/Camera Press, Londres.

53. Ursula com funcionários do Ministério para a Segurança do Estado da Alemanha de Leste. Barch, Bild 10-2167-11.

54. Selos russos e chineses para homenagear Kim Philby, Agnes Smedley e Richard Sorge.

Agradecimentos

Não teria sido possível escrever este livro sem a ajuda da família de Ursula, e em particular dos seus filhos, Peter Beurton e o falecido Michael Hamburger. Ambos responderam às minhas perguntas e receberam-me inúmeras vezes com infinita paciência e hospitalidade. Após o falecimento de Michael em janeiro de 2020, os seus filhos, Max e Hannah, fizeram o favor de se encarregar da complexa e morosa tarefa de reunir, cotejar e copiar o grande arquivo fotográfico da família.

John Green, historiador e autor da biografia definitiva da família Kuczynski, foi extremamente generoso ao partilhar os seus conhecimentos e ao efetuar pesquisas adicionais nos arquivos alemães e seguir inúmeras pistas. Galina Green, da Trend Translations, fez um soberbo trabalho na tradução das obras de Ursula para inglês. Também estou agradecido aos funcionários dos arquivos nacionais em Kew, do Bundesarchiv e dos arquivos da Stasi em Berlim. Como aconteceu com os meus últimos seis livros, Robert Hands fez mais uma magistral edição do primeiro esboço e a pesquisa fotográfica de Cecilia Mackay foi perfeita. Tive a sorte de aceder às obras de uma série de investigadores e académicos de língua alemã, incluindo Thomas Kampen, Bernd-Rainer Barth e Matthew Stibbe. Mikhail Bogdanov e Tom Parfitt foram exceccionalmente úteis na Rússia. Andrew Marshal foi o primeiro a falar-me sobre as missões Ferramentas. Vários amigos e especialistas (alguns dos quais preferiram manter o anonimato) leram o manuscrito, melhorando-o muito e evitando inúmeros erros: entre eles contam-se Rosie Goldsmith, Jon Halliday, Natascha McElhone,

Sandra Pearce, Roland Philipps e Anne Robinson.

Em tempos difíceis de coronavírus, as equipas editoriais da Viking and Crown fizeram mais um trabalho superlativo, com grande profissionalismo e entusiasmo. Jonny Geller, o meu agente, tem sido um pilar de apoio e sabedoria.

Uma vez mais, os meus filhos acompanharam o pai noutra maratona livresca com infindável bom humor e tolerância. Passei a maior parte do confinamento na Berlim da década de 1920 e na Xangai da década de 1930. Um agradecimento aos meus queridos Barney, Finn e Molly pela excelente companhia durante esta viagem. E, por fim, a Juliet, o meu amor.

EXTRATEXTOS



1. (Em cima, à esquerda)
Robert René Kuczynski,
pai de Ursula: estatístico,
bibliófilo e refugiado.

2. (Em cima, à direita)
Ursula Maria Kuczynski
com três anos, em 1910.

3. Olga Muth, a ama da
família conhecida por
"Ollo" (à esquerda), com
Brigitte, Jürgen e Ursula
Kuczynski, e a mãe, Berta
(a segunda a contar da
direita).





4. A casa de família no lago Schlachtensee, no exclusivo subúrbio berlinense de Zehlendorf.

5. Ursula, enquanto adolescente, a ler um livro numa árvore da propriedade de Schlachtensee.



6. Os seis irmãos Kuczynski: (da direita para a esquerda) Jürgen, Ursula, Brigitte, Barbara, Sabine e Renate.





7. Membros da Liga da Juventude Comunista Alemã desfilam no cortejo do 1.º de Maio de 1925, em Berlim.



8. (À esquerda) Ursula com o seu carrinho de mão a vender literatura comunista.

9. (Em cima) Rudolf Hamburger, o jovem e ambicioso estudante de arquitetura, na altura em que conheceu Ursula.



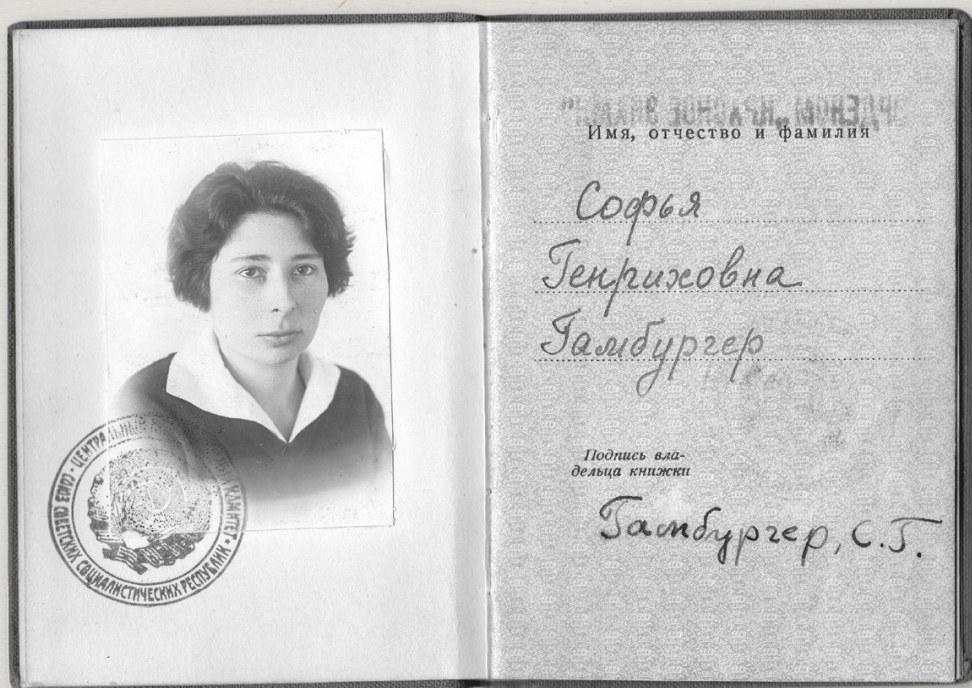
10. (Em cima) Comunistas chineses executados durante o «Terror Branco» em Xangai, 1927.

11. (Em baixo) Fotografia tirada por Ursula quando atracou no porto de Xangai: «O navio foi cercado por mendigos em tinas flutuantes...».



12. Agnes Smedley: americana radical, revolucionária, escritora e espia.

13. (Em baixo, à esquerda) «Retrato de uma pirata»: fotografia tirada pelo fotógrafo e espião polaco Hirsch Herzberg, mais conhecido por «Grisha».



14. (No topo, à direita) A jogar ao balancé com um colega espião comunista, provavelmente Richard Sorge, numa excursão ao campo, fora de Xangai.

15. (Em cima) Certificado da Ordem da Bandeira Vermelha, entregue a Ursula pelo Kremlin em 1937, com o nome de «Sophia Genrikovna Gamburger».

16. (Em baixo) Richard Sorge, recrutador e amante de Ursula, descrito por Ian Fleming como «O espião mais formidável da história».



17. (Em cima) Ursula com o académico e agente secreto comunista clandestino Chen Hansheng e sua mulher.



18. Rudi e Ursula, a fazer a sesta pouco depois de um piquenique no campo, imediatamente antes da partida de Ursula para Moscovo: os comoventes derradeiros momentos de um casamento.

19. (Em baixo, à esquerda) Michael Hamburger, a falar para um canário a bordo de um cargueiro norueguês a caminho de Vladivostok em maio de 1933.

20. (Em baixo, à direita) Ursula a apanhar banhos de sol no convés do navio a vapor *Conte Verde*.

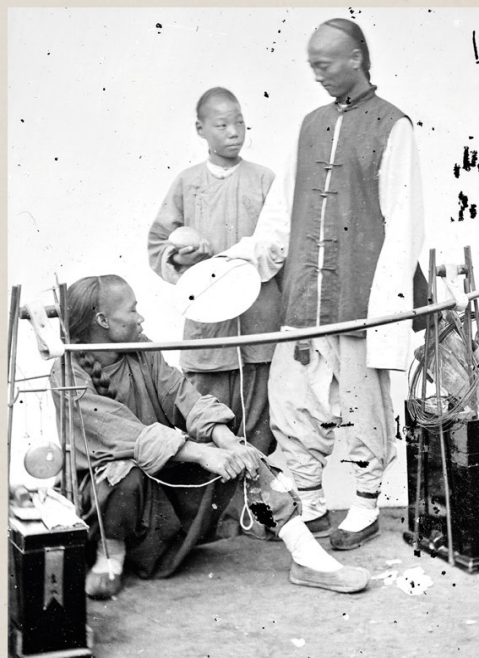


21. (Em cima) A casa em Mukden. Em cada extremo do telhado podem ver-se as canas de bambu que sustentam a antena para o transmissor de Ursula.

22. (À direita) Transmissor de código Morse fabricado por Ursula a partir de uma régua de metal, um carrinho de linhas, uma tira de madeira e um pedaço de fio de cobre.



23. Johann Patra, amante e colega espião de Ursula, na Manchúria ocupada pelos Japoneses.



24. Um tradicional consertador de porcelana chinês. Como prova do seu amor, Ursula ofereceu a Johann um gongo semelhante ao que podemos ver à esquerda na imagem, pendurado na cana de bambu.



25. Mao Tsé-Tung, o general Zhu De e Agnes Smedley, na Base do Exército Vermelho de Yunan, em 1937.



"Tum"

26. O coronel Gaik Lazarevich Tumanyan, chefe da secção asiática dos serviços secretos militares soviéticos e de Ursula de 1933 a 1938.



27. Ursula, cerca de 1935: a aparência improvável de uma oficial do Exército Vermelho.



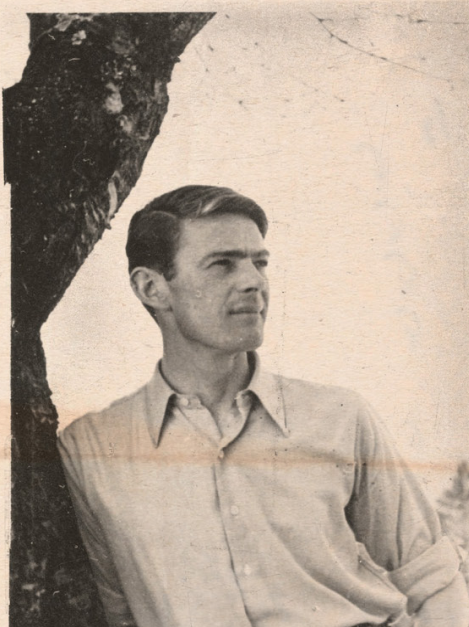
28. O general Yan Karlovich Berzin, o chefe do Quarto Departamento, executado durante as purgas de Estaline.



29. O coronel Khadzi-Umar Mamsurov, conhecido por «Camarada Hadshi», chefe de Ursula nos serviços secretos soviéticos a partir de 1938.

30. (Em baixo) Len Beuron em 1939.
Ursula escreveu: «Ele tinha 25 anos,
grosso cabelo castanho, sobrancelhas que
se tocavam e olhos claros, cor de avelã.»

31. (À direita) Adolf Hitler no Osteria
Bavaria, o seu restaurante favorito.



32. (À esquerda) Alexander Allan Foote,
veterano da Guerra Civil Espanhola e espião
oportunista.

33. (Em cima) Alexander "Sandor" Radó,
o judeu húngaro, cartógrafo e cérebro da rede
de espionagem *Rote Drei* na Suíça.



34. La Taupinière, a toca da toupeira, casa de Ursula nas montanhas suíças acima do lago Léman.



35. Ollo, aqui com as irmãs de Ursula, Renate e Sabine.



36. Nina, a filha de Ursula e de Johann Patra, aos dois anos. Ursula usava os brinquedos dos filhos para dissimular componentes de rádio.



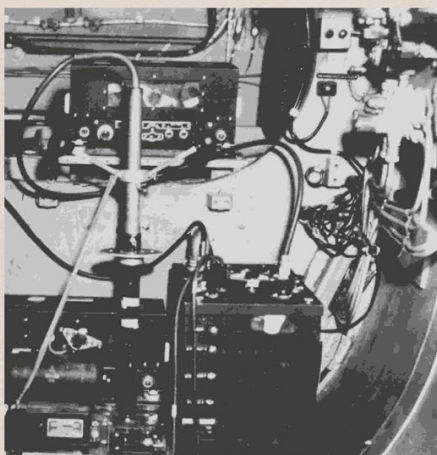
Internee's No. 417
 NAME: ... FUCHS
 Given Names: ... KLAUS, EMIL, JULIUS... Hut 16

DESCRIPTION

Age: ... 29... Years
 Height: ... 5... Ft. 10... inches
 Complexion: ... dark
 Colour of eyes: ... brown dark
 Colour of hair: ... brown dark
 Weight (approximate): ... 9 stone
 Clean shaven or not: ... clean shaven
 Chin: ... pointed... Nose: ... straight
 General build: ... tall
 Scars: etc.: ... none
 Remarks: ... wears glasses
 ... 3 false teeth in front.



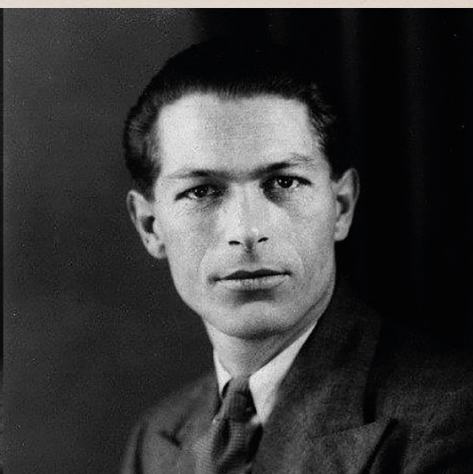
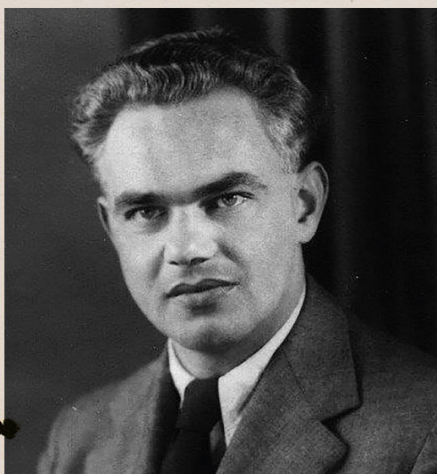
37. (Em cima, à esquerda) Rudi Hamburger em 1939, pouco depois de ter sido recrutado pelos serviços secretos militares soviéticos.
38. (Em cima, à direita) Emily «Mickey» Hahn, a intrépida correspondente da *New Yorker*, vestida com traje masculino para um jantar em Xangai.
39. (Em baixo, à esquerda) Klaus Fuchs: cartão de detenção para o físico alemão que se tornaria o espião de Ursula no programa de armas atómicas.
40. (Em baixo, à direita) Ursula com o seu melhor fato antes de partir para Londres para se encontrar com o seu controlador soviético Nikolai Vladimirovitch Aptekar, ou seja, «Sergei».



41. (Em cima, à esquerda) Erich Henschke, aliás «Karl Kastro», o intermediário entre Ursula e os seus espões recrutados pelo OSS, os serviços secretos militares dos Estados Unidos.

42. (Em cima, à direita) O tenente Joe Gould, o publicitário americano da indústria cinematográfica que se transformou num agente dos serviços secretos que chefiou as missões Ferramentas.

43. (À esquerda) O «Sistema Joan-Eleanor»: uma nova tecnologia revolucionária que permitia aos serviços secretos americanos estabelecer contacto direto com espões no interior da Alemanha nazi a partir do ar.



44. e 45. Os espões da missão Martelo, Toni Ruh (à esquerda) e Paul Lindner (à direita), que chegaram a Berlim depois de saltarem de paraquedas no dia 2 de março de 1945.

46. A ponte ferroviária sobre a estrada a ocidente de Great Rollright. O ponto de entrega encontrava-se na raiz oca da quarta árvore do lado esquerdo após o primeiro cruzamento depois de passar a ponte.

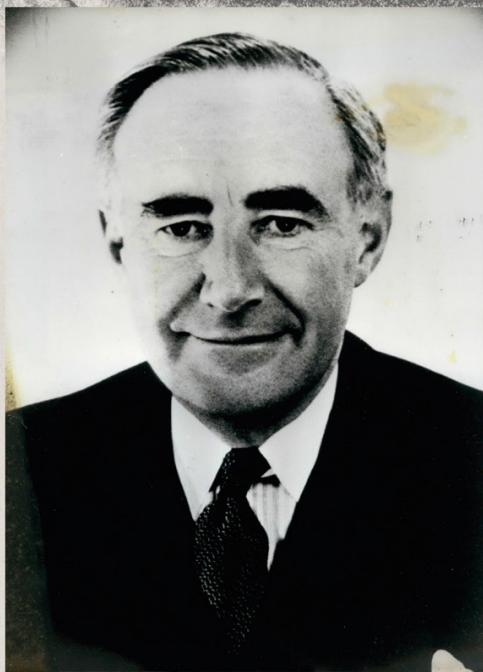
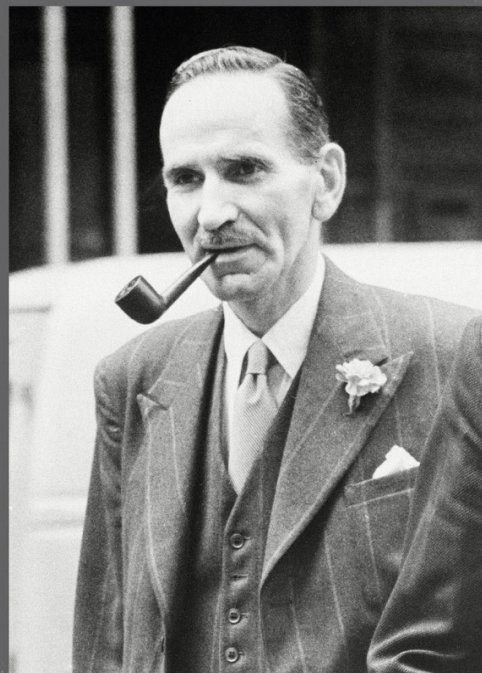


47. «The Firs», em Great Rollright. «O nosso primeiro verdadeiro lar», escreveu Ursula.



48. Ursula com os filhos no jardim de «The Firs».





49. (Em cima, à esquerda) Milicent Bagot, a veterana do MI5 caçadora de comunistas.

50. (Em cima, à direita) William "Jim" Skardon, o lendário interrogador do MI5.

51. (Em baixo, à esquerda) Roger Hollis, que se juntou ao MI5 em 1937 e que ascendeu a diretor-geral em 1956.

52. (Em baixo, à direita) Melita Norwood, «Agente Hola», a agente soviética que serviu mais tempo em solo britânico.



53. (Em cima, no topo) Ursula com funcionários do Ministério para a Segurança do Estado da Alemanha de Leste, por baixo de um retrato de Erich Honecker, o líder comunista da linha dura do país.

54. (Em baixo) Selos russos e chineses a homenagear três dos mais importantes espões comunistas: Kim Philby, Agnes Smedley e Richard Sorge.

